VIRIDARIO
EUANGELICO,

EM QUE AS FLORES DA VIRTUDE

ſe illuſtraõ com diſcurſos Moraes, e os fructos da Santidade ſe exornaõ com Panegyricos, em varios Sermoens.

PARTE III.

DEDICADA, E OFFERECIDA

A' GLORIOSA VIRGEM

SANTA GERTRUDES
A MAGNA,

Da Sereniſſima, e Antiquiſſima Caſa dos Condes de Mansfeld, em Alemanha: Abbadeſſa do Moſteiro de Rodardes, e Fundadora do de Heipede em Saxonia, da Ordem de S. Bento.

POR SEU AUTHOR

Fr. MATTHEUS DA INCARNAC,AM PINNA,

Monge de S Bento do Brazil, Jubilado em Theologia, Provincial que foy da meſma Provincia, e ſegunda vez D. Abbade do Moſteiro do Rio de Janeiro.

LISBOA:

Na Officina de FRANCISCO DA SILVA

MDCCXLVII.

Com todas as licenças neceſſarias.

LICENÇAS.

Do Santo Officio.

Approvaçaõ do M. R. P. Meſtre Fr. Thomaz de S. Jozé, da Ordem da Sãtiſſima Trindade, Qualificador do Santo Officio, &c.

EMINENTISSIMO SENHOR.

POr ordem de V. Eminencia vi a terceira parte de Sermoens, que prégou, e com titulo de *Viridario Evangelico* intenta imprimir o Reverendiſſimo P. Meſtre Doutor Fr. Mattheus da Incarnaçaõ Pinna, Jubilado em Theologia, Monge, e Ex-Provincial da Congregaçaõ Ultramarina do Grande Patriarca S. Bento, e me parecem merecedores da meſma luz publica, e geral acceitaçaõ, de que gozaõ os mais Sermoens do meſmo Author, que já correm impreſſos; porque todos, como eſtes, formaõ hum delicioſo, e ameno jardim, em que ſe vem flores, e fructos de ſingular erudiçaõ, e fecundidade: e ſendo as flores, e fructos do talento deſte Author taõ admiraveis, era juſto que naõ ſó na America lograſſem os nacionaes da ſua ſuavidade, e fragrancia, mas tambem que por meyo da eſtampa ſe trouxeſſem para Portugal, ou tambem

bem se admirassem, e apparecessem na nossa terra os fructos, e flores de taõ delicioso jardim: *Flores apparuerunt in terra nostra.* Cant. cap. 2.

Neste jardim florîdo, ou Viridario Evangelico achará o leitor advertido tal singularidade, que em cada flor, que vir, colherá remedios saudaveis para se livrar do contagio da culpa, e da enfermidade do peccado. Discreto Orador, que ás flores, e boninas de hum jardim, que recreaõ, e suavizaõ os sentidos do corpo, soube communicar virtude para despertar, e arguir os descuidos da alma, podendo-se accommodar aqui o que a outro intento disse Plinio l. 2. cap. 6. *Pinxit remedia in floribus, visuque ipso animos incitavit, etiam delitiis auxilia permiscens!* E sendo este livro de hum Author, ou de hum Mestre taõ versado na Theologia Escholastica, Expositiva, e Dogmatica, como testimunhaõ os seus escritos, cheyos todos das doutrinas mais solidas dos Santos Padres, de opinioens mais bem fũdadas dos Doutores, e de exposiçoens mais claras dos Sagrados Interpretes; sendo este livro, torno a dizer, de hum Author, que todo o seu intento he dissipar vicios, facilitar a virtude, e arrancar heresias, quem duvîda que nelle naõ póde haver cousa, que seja opposta á observancia dos bons costumes, e artigos da nossa Santa Fé; assim o julgo, e por muitos titulos dignissimo de se imprimir. Lisboa, Trindade 8. de Novembro de 1745.

Fr. Thomaz de S. Jozé.

Approva-

Approvaçaõ do M. R. P. Meſtre Fr. Manoel do Eſpirito Santo, Qualificador do Santo Officio, &c.

EMINENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

ESte triunfo da Primavera, ou ſingular hoſpicio de Flora, que pertende fazer publico aos olhos de todos, neſte terceiro tomo de ſuas Oraçoens Sagradas, o M. R. P. Meſtre Fr. Mattheus da Incarnaçaõ Pinna, Jubilado na Sagrada Theologia, Provincial que foy na ſua Provincia Beneditina no Eſtado da America Portugueza, e ſegunda vez D. Abbade no Moſteiro do Rio de Janeiro, exhala na variedade de ſuas flores a fragrancia para o recreyo do eſpirito, ſem que neſte Viridario Evangelico ſe deſcubra a menor imperfeiçaõ na boa repartiçaõ das primoroſas plantas, que o reveſtem, e na artificioſa compoſiçaõ com que ſe adorna. As verdades Catholicas, que eſtes Sermoens manifeſtaõ, eſtaõ cõvidando a huma particular liſonja para os ſentidos, e a huma eſpecial conſolaçaõ ás eſpirituaes potencias para ſe empregarem no deſprezo do mundo, e ſeguirem o verdadeiro deſengano na ley de Deos. A iſto excita hum perfeito Viridario; porque na fertil amenidade com que ſe acredita, bem moſtra o decoro da auſteridade Chriſtaã a que convida. Na firmeza de ſuas vegetantes eſtrellas collocadas na esféra de odoriferos Aſtros perſuade aos peccadores profigaõ no perenne ſentimento de ſuas culpas, para que ſe naõ affaſtem da perſeverança na emenda da vida. A melhor galla, e luſtroſo enfeite, que nelle ſe admira, he a purpura da roſa, Rainha das flores, defendida por penetrantes, e agudiſſimos eſpinhos: mas no meſmo tempo em que eſtes lhe ſervem de indefectivel guarda, tambem ſaõ ſeveros caſtigadores de ſua vaidoſa pompa demonſtrativa da pouca du-

raçaõ da vida humana. A isto persuade todo o Viridario terrestre com a multiplicidade das melhores flores de que se reveste, empenhando-se seu Author na cultura de varias, e exquisitas plantas. Mas com mayor excellencia se admira neste sagrado Viridario, quando o Evangelico cultor, que se empenhou na sua composiçaõ, o plantou no campo da Igreja Catholica, sem algum defeito, repartindo com singular erudiçaõ as plantas, de que brotaõ as mimosas flores da melhor eloquencia. Como saõ a magestade da Religiaõ Christaã exaltada; a santidade da Ley do verdadeiro Deos manifesta; a profundidade dos Divinos mysterios, aindaque altissimos, explicada; a gravidade da culpa reprehendida, e o rigor do castigo eterno ameaçado. E Viridario aonde se descobrem taõ espirituaes flores justamente he todo Evangelico, e dignissimo de se admirar plantado no mundo Christaõ, e naõ menos para isso da licença de V. Eminencia, por naõ se encontrar nelle cousa offensiva das regras da Fé Orthodoxa, e rectidaõ dos bons costumes. V. Eminencia mandará o que for servido. Real Convento de S. Francisco da Cidade de Lisboa, 10. de Janeiro de 1746.

Fr. Manoel do Espirito Santo.

VIstas as informaçoens, póde-se imprimir o terceiro tomo do *Viridario Evangelico*, Author o P.M.Fr. Mattheus da Incarnaçaõ Pinna, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual naõ correrá. Lisboa, 11. de Janeiro de 1746.

Fr. R. Alancastre. Silva. Soares. Abreu. Almeida. Trigoso.

Do

Do Ordinario.

Approvaçaõ do M. R. P. Mestre Fr. Francisco Augusto, Religioso de N. Senhora do Carmo, &c.

EXCELLENTIS. E REVEREND. SENHOR.

ESta terceira parte do *Viridario Evangelico*, que compôs, e quer communicar ao publico por beneficio da estampa, o M. R. P. Mestre Doutor Fr. Mattheus da Incarnaçaõ Pinna, Monge da sempre illustre Congregaçaõ do Grande Patriarca S. Bento do Brasil, contêm treze Sermoens, todos partos legitimos do talento fecundissimo do seu Author; porque a naturalidade dos discursos he taõ igual em todos, que só o seu grande engenho podia unir em hum volume treze Sermoens com idêas singulares: nelles se vê desempenhado inteiramẽte o titulo, que dá a este seu *Viridario*; porque nos discursos Moraes se achaõ as flores da virtude exhalando olorosas fragrancias, com que está attrahindo os animos dos Fieis para o exercicio de virtuosas obras, e nos Panegyricos se encontraõ os fructos da santidade taõ bem sazonados, que a mesma doçura, com que os exorna, excita as vontades para que gostem a suavidade, que nellas acháraõ aquelles santos exemplares, que melhor souberaõ tomar-lhe o gosto, quando as praticaraõ nas vidas; procurando assim por este meyo, que aos vicios se tome tédio de sorte que na emenda dos costu mes veja o Author deste livro bem logrado o fructo do seu trabalho literario.

He gloria naõ vulgar desta antiquissima Congrega-

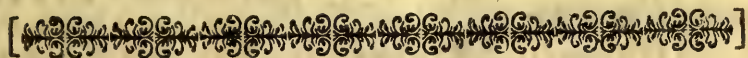
çaõ, e Religiosa Familia, que os seus filhos doutissimos trabalhem com zelo taõ incançavel para o bem espiritual dos proximos, conservando sempre aquelle recolhimento, e retiro do seculo, que tanto lhes recõmenda o seu Santo Patriarcha; porque sem sahirem dos seus Religiosos Mosteiros illustraõ a Igreja, ensinaõ a perfeiçaõ Religiosa, e fructificaõ tanto para o Ceo, que me naõ sey determinar se he mayor o fructo, que tiraõ da penitencia, e mortificaçaõ, que observaõ dentro dos claustros, adonde praticaõ as virtudes em silencio, ou se se excedem a si mesmos nas doutrinas, que nos seus escritos ensinaõ aos proximos, quando sahem á luz com as obras, em que santamente empregaraõ o tempo, que lhes restou dos seus Monasticos exercicios.

Seguindo pois o exemplo dos seus mayores, quiz o Author deste livro augmentar a gloria da sua Religiaõ Sagrada, procurando que, de terras taõ distantes, se fizesse publico neste Reyno o seu talento relevante na continuaçaõ da obra deste seu *Viridario*, no qual entendo que as duas partes antecedentes seraõ em tudo similhantes a esta terceira parte, a qual está taõ abundante de flores de virtudes, e eloquencia sagrada, quanto chea de fructos de santidade heroica, exornada de singulares conceitos, provas genuinas, e Escrituras bem applicadas sem offensa da nossa Santa Fé, nem opposiçaõ aos bons costumes: isto he o que entendo. Carmo de Lisboa, 16. de Abril de 1746.

Fr. Francisco Augusto.

Vista

VIsta a informaçaõ, podem-se imprimir os Sermoens de que trata a petiçaõ, e depois de impressos tornem, para se dar licença para correr. Lisboa, 17. de Abril de 1746.

D. Jozé Arcebispo de Lacedemonia.

Do Paço.

Approvaçaõ do M. R. P. Mestre Fr. Antonio de Nazareth, Religioso de Santo Antonio dos Capuchos, &c.

SENHOR.

ESte Florilegio delicioso, ou Viridario Evangelico, que o Muyto R. P. M. Doutor Fr. Mattheus da Incarnaçaõ Pinna, Monge, e filho do Inclito, e Preexcelso Patriarcha S. Bento, Jubilado na Sagrada Theologia, Provincial que foy no Estado Brasilico, e segunda vez D. Abbade do Convento do Rio de Janeiro, pertende com licença de Vossa Magestade dar ao prélo, he o terceiro tomo: e quem ler o segundo, e primeiro, sem duvida se verá naquelle aprazivel engano, e agradavel erro, que elevava o entendimento daquelles pays, de quem diz Virgilio naõ sabiaõ distinguir os filhos, huns com outros equivocados: *Indiscreta suis, gratusque parentibus error*; Æn. 10. 292. Os tres tomos, que este grande Oraculo tem escrito, todos saõ filhos do mesmo parto, e taõ parecidos, que só se podem distinguir pelo numero: assim os encheo de

de discursos elevados, assim os enriqueceo de pensamentos subidos, que o ornato de hum, parece composiçaõ de todos; em taes termos, que sendo todos tres irmãos, todos para a estimaçaõ se devem reputar como primos: mas quem fizer reflexaõ neste terceiro tomo, naõ poderá negar a razaõ que este tem para se dizer sem mysterio, ou trino e uno, ou primeiro sem segundo.

He proverbio Aristotelico, e axioma Pitagorico, que o numero ternario he taõ cabalmente perfeito, que he o compendio, e epilogo de todos: *Tria sunt omnia, ipsum omne, & omnia in tribus sunt determinata*; este terceiro tomo he taõ singular, e unico, que he o epilogo do segundo, e do primeiro: tanto se esmerou em este o Author, e apurou o seu engenho, que nos outros ideou o modello, e neste pôs o complemento; nos outros fez o ensayo, e neste mostrou o desempenho; porque em este se achaõ os assumptos mais curiosos, os conceitos mais agudos, os Textos mais ajustados, as provas mais genuinas, as palavras mais limadas, todas selectas, e em nada affectadas, antes compostas, e taõ bem dispostas, que nos mesmos periodos florecem primaveras na fragrancia do estilo, e fructificaõ outonos na substancia do discurso. Treze Sermoens contêm este Sermonario, o numero treze lá tem sua correlaçaõ com o numero ternario, e a singularidade deste terceiro tomo bem mostra que o Author deste Florilegio ainda está nos seus treze: na variedade de figuras com que os adorna, se inculcaõ as maximas da sua singularidade; nas engraçadas flores da Rhetorica com que os enfeita, se gostaõ os mesmos fructos da eloquencia: cada Panegyrico se equivoca com a arvore da Sabedoria, que a Providencia Divina plantou no Paraiso, naõ pintada com os rasgos

de

de penna, mas felizmente nafcida nefte Viridario, a impulfos da natureza; porque os affumptos naturalmente nafcem da raiz do Texto, e delle fe dilataõ em ramos, que fendo agradavelmente viftofos, lhes cortou todas as folhagens, deixando-lhe fó a delicia das flores para o recreyo, e a madureza dos fructos para o efpirito; porque fem perder o credito de Orador Optimo, logra o applaufo de Prégador Apoftolico: enfina, abranda, e deleita, que faõ as prendas, que em outro Viridario affirma o Doutiffimo Mendonça ha de ter a rhetorica do Prégador, e Orador, para preftar, e fe as naõ tem, naõ prefta a fua eloquencia: *Optimus Orator ille eft, qui docet, qui fletit, qui delectat: hæc tria nifi præftet, non præftat eloquentia:* Mendonc. in Virid. de floribus Rhetoricæ fchol. 4. n. 95. Todas eftas prerogativas foube conciliar o Author nefte Viridario em tudo Optimo, na affluencia com que enfina aos nefcios, na eloquencia com que deleita os entendidos, e na efficacia com que abranda os obftinados, merecendo juftamente o titulo de Evangelico, florido, ameno, e fructuofo; fazendo-fe affim naõ fó acredor da licença, que pede, mas de que V. Mageftade lhe ordene, para noffa utilidade, que efcreva, e continue, como lá mandou ao amado Evangelifta o Anjo do Apocalypfe: *Scribe, quia hæc verba fideliffima funt, & vera.* cap. 21. n. 5.; ou como lê Aretas: *Sermones ifti fideles funt, & veri*; em tudo faõ eftes Sermoens fieis, conformes, e uteis: uteis aos Fieis, conformes ás leys, e bons coftumes, e nada tem de infieis ao Real ferviço de V. Mageftade, que ordenará o que for fervido. Lisboa, em o Convento de Santo Antonio dos Capuchos, aos 9. de Mayo de 1746.

Fr. Antonio de Nazareth.

Que

QUe se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará a esta Mesa para se conferir, e taxar, e dar licença para correr, sem a qual naõ correrá. Lisboa, 16. de Mayo de 1746.

Vaz de Carvalho. *Almeida.* *Carvalho.*

DO

DO SANTO OFFICIO.

VIsto eſtar confórme com o original, póde correr. Lisboa, 16. de Mayo de 1747.

Fr.R.de Alencaſtr. Silva. Abreu. Amaral. Almeida.

DO ORDINARIO.

PO'de correr. Lisboa, 19. de Mayo de 1747.

D. Jozé Arcebiſpo de Lacedemonia.

DO PAÇO.

QUe poſſa correr, e taxaõ em quinhentos e cincoenta reis. Lisboa, 19. de Mayo de 1747.

Coſta. Almeida.

TABOA
DOS SERMOENS,

Que ſe contém neſta terceira parte.

CINCO

SERMAÕ I.

DA

CONCEIÇAÕ

PURISSIMA

DA MÃY DE DEOS.

Em dia do Apostolo S. Thomé, na Igreja da Candelaria do Rio de Janeiro, estando exposto o Santissimo Sacramento. Anno de 1711.

Liber generationis Jesu Christi. Matth. 1. 1.
Affer manum tuam, & mitte in latus meum. Joan. 20. 27.

§. I.

1

A INCREDULIDADE, e a Fé, a obstinaçaõ, e a piedade, vemos em competencia hoje, sahindo ao theatro da solemnidade presente. (Senhor, que nesse Throno ostentando o vosso amor, apurais a nossa Fé.) O dia, e a devoçaõ uniraõ na presente hora a incredulidade, e obstinaçaõ de Thomé com a

nossa Fé, e a nossa piedade. Thomé obstinado, sem se deliberar a crer o mysterio da Resurreiçaõ de Christo: *Non credam.* Nós crendo já, com Fé pia, o mysterio da Immaculada Conceiçaõ de Maria, ainda o desejamos confessar, como artigo definido, e augmentar com este os da nossa Fé, rogando a Deos nesta parte, como a Christo em outro tempo os Apostolos: *Adauge nobis fidem.* Taõ retardada esteve a Fé no Apostolo, para confessar; como em nós prevenida, e prompta a devoçaõ para crer. O Apostolo, depois de incredulo, se deo por convencido; porque confessou finalmente o mysterio da Resurreiçaõ, em que duvidava. Nós, que temos por indubitavel que a Mãy de Deos foy isenta da culpa original, escusamos já de ser convencidos neste ponto; mas para mayor credito de nossa devoçaõ, e piedade, o que foy argumento para se render a obstinaçaõ de Thomé, será meyo para se exaltar o mysterio da Conceiçaõ de Maria; porque o mesmo lado, que segunda vez se fez aberto, e patente para prova da Resurreiçaõ de Christo: *Affer manum, & mitte in latus meum, & noli esse incredulus*; hoje se abrirá tambem (ou veremos que já na primeira vez se abrio) para que a Mãy de Deos em sua Conceiçaõ fosse preservada da culpa original. Entremos pelos Evangelhos, da solemnidade, e do presente dia.

Joan. 20. 25.

Luc. 17. 5.

2 *Liber generationis Jesu Christi.* Livro da geraçaõ de Jesu Christo. E qual será a propriedade, com que, celebrando a Igreja a Conceiçaõ de Maria Santissima, nos traz á memoria a geraçaõ temporal de Christo? O meu Santo Anselmo a deo muy propria; porque diz que a Conceiçaõ da Mãy

Puriſſima foy talhada pela geraçaõ do Filho: *Conceptio Matris generatio eſt Filii*; de tal ſorte, que naõ chegaremos a penetrar o myſterio daquella Conceiçaõ, ſem que nos recordemos deſta geraçaõ: *Dominicæ Matris Conceptionem colere, Chriſti generationem eſt commemorare.* Atéqui o Santo Doutor. Mas em que conſiſtirá a proporçaõ, e conreſpondencia entre a Conceiçaõ de Maria, e a geraçaõ de Chriſto?

D. Anſelm. Epiſt. ad Epiſc.& Orthod. Angl. ſive tract. de Concept. B. Mar. in fine.

3 Para deſcobrirmos nós a razaõ, e propriedade deſta ſimilhança, já que a naõ declarou Santo Anſelmo, devemos notar que na Conceiçaõ da Senhora, e no myſterio della, naõ celebramos a obra da natureza, mas ſim o prodigio da graça. Naõ feſtejamos que Maria Santiſſima foſſe concebida em Santa Anna por geraçaõ natural: ſolemnizamos ſim, que pelos merecimentos de Chriſto, já previſtos, foſſe preſervada da culpa original, e della remida antes que a contrahiſſe. Com eſta clareza, e advertencia, comparemos agora o myſterio da Conceiçaõ da Mãy com o myſterio da geraçaõ do Filho. Para eſta, como enſina a Fé, naõ houve conſorcio de Varaõ. Maria Santiſſima encendida em amor de Deos diſtillou de ſeu coraçaõ humas gottas de ſangue puriſſimo, do qual ſe formou o corpo, em que o Divino Verbo incarnou. Aſſim o entende a Theologia Myſtica, e a Eſcholaſtica com S. Boaventura, Santo Alberto Magno, e muitos outros Doutores: *Guttæ ſanguinis puriſſimi ex corde defluxerunt in locum, ubi conceptio fit.... & corpus perfectiſſimum efformatum eſt ex illo ſanguine.* Paſſando agora da geraçaõ do Filho ao myſterio da Conceiçaõ da Mãy,

D. Bonav. B. Alb. M. Bonher. t.2. Conc. pro die Vener. S. n. 8. Aguil. orat. 12. n. 6. Myſtic. Ciudad. de Dios part. 2.

 iſto

iſto he, á ſua redempçaõ, e preſervaçaõ; qual vos parece foy o preço eſpecial da preſervaçaõ, e anticipada redempçaõ de Maria Santiſſima? Que merecimento vos parece offereceria Chriſto ao Eterno Padre, eſpecialmente applicado pela preſervaçaõ de ſua Mãy Santiſſima, a quem eſpecialmente remia, preſervando-a de toda a culpa?

4 Para reſolvermos eſta queſtaõ cabalmente, havemos abrir o Evangelho do preſente dia, e entrar pelo lado de Chriſto aberto: *Affer manum tuam, & mitte in latus meum.* A circunſtancia do dia, e concurrencia deſte Evangelho me faz deſcobrir agora, o que já d'antes me tinha perſuadido; e he: que o preço, com que Chriſto remio a ſua Mãy Santiſſima, e o merecimento eſpecial, que offereceo ao Eterno Padre, para a preſervar do contagio de Adaõ, foy o Sangue do coraçaõ, que lhe emanaría do lado, quando a lança cruel, que lho abrio, lhe traſpaſſaſſe tambem o coraçaõ, como foy revelado a Santa Brigida: e eis-aqui o como ſe deſcobre o myſterio da Conceiçaõ da Mãy, no myſterio da geraçaõ do Filho. Concorreo a Mãy com o ſangue mais puro de ſeu coraçaõ para gerar o Filho: e eſte, com o Sangue puriſſimo de ſeu coraçaõ, concorreo para remir, e preſervar a Mãy. Na geraçaõ de Chriſto ſe empenhou Maria: e pelos meſmos lances ſe tinha deſempenhado Chriſto na Conceiçaõ de Maria. Na geraçaõ de Chriſto deo a Mãy o ſangue do coraçaõ para o Filho: e na Conceiçaõ da Mãy offereceo o Filho o Sangue do coraçaõ pela Mãy. Naõ ſeja ſó penſamento meu, o que tambem foy conceito do meu Illuſtriſſimo Zerda: *Sanguis, qui miro fonte, ex cæſo enecti corporis*

Revelat. lib. 2. c. 21.

Zerd. de B. V. Acad. 1. ſect. 8. ſub-ſect. un.

ris latere fluxit, adsono concentu ad immaculatum sanguinem, ex quo compactum fuerat Domini corpus, alludit. Este he o fino, e admiravel primor, por onde a Conceiçaõ de Maria se mostra na geraçaõ de Christo naõ escuramente expressada: *Dominicæ Matris Conceptionem colere, Christi generationem est commemorare.* Esta he tambem a propriedade, que nos offerece a (talvez mysteriosa) occurrencia dos Evangelhos: dando-nos o segundo luz para se descobrir o assumpto no primeiro: *Liber generationis Jesu Christi. Affer manum tuam, & mitte in latus meum.* Maria Santissima remida, e preservada da culpa original por virtude do sangue do coraçaõ de Christo, que lhe emanou pela Chaga do lado, he toda a novidade do assumpto, mas naõ da materia. Entremos a desempenhar em taõ antiga materia taõ novo assumpto, e imploremos o auxilio da Divina graça.

AVE MARIA.

§. II.

Liber generationis Jesu Christi.
Affer manum tuam, & mitte in latus meum.

5 NA geraçaõ de Christo vemos hum empenho da Conceiçaõ de Maria: e no mysterio da Conceiçaõ desta Senhora hum desempenho da mysteriosa geraçaõ de Christo. De seu coraçaõ distillou a Mãy de Deos o mais puro sangue, para se formar o corpo, que na Incarnaçaõ unio a si o Divino Verbo. Este, para que sua Mãy Santissima

fosse preservada da culpa, quando se concebesse, offereceo o Sangue do coraçaõ, que previo lhe sahiria pela Chaga, e porta do lado, quando lho abrissem na Cruz. Naõ sou muy amigo de novidades. Mais quero sahir com o que disseraõ os antigos Padres, do que inventar assumptos, que lhes naõ passáraõ pelo entendimento; e o que agora me ouvís, muito antes o disseraõ elles, e primeiro que todos o Grande Tertulliano, que começou a florecer em doutrina, quando acabava o segundo seculo da Igreja.

6 Notou pois que Adaõ entregue áquelle taõ grave somno, como profundo, e extatico, em que esteve no Paraiso, figurava a Christo morto na Cruz; e elevando o conceito, disse, dilatando mais o discurso, que assim como do lado de Adaõ adormecido sahio a triste Eva, mãy dos viventes, assim do lado de Christo morto sahio aquella ditosa, e melhor Mãy dos viventes, que em Eva se figurou: *Si enim Adam de Christo figurabat, somnus Adæ mors erat Christi, dormituri in mortem, ut de injuria perinde lateris ejus, vera mater viventium figuraretur.* Ninguem ignora que em Eva se figurou Maria Santissima, assim como Christo em Adaõ. Eva foy concebida, ou formada em graça original: Maria Santissima tambem concebida em graça, porque preservada já da culpa original. Eva foy tirada do lado do primeiro Adaõ; porque delle sahio a materia para ser formada a que havia de ser mãy dos viventes. Maria Santissima foy preservada da culpa no lado do segundo Adaõ; porque do lado de Christo morto sahio o preço da redempçaõ, e preservaçaõ da que se concebia para segunda,

Tertull. libro de Anima. c. 48.

da, e melhor Mãy dos viventes. Esta he a propriedade, e profundissimo conceito, que o mesmo Tertulliano (sempre sentencioso) comprehendeo nas palavras do seu ultimo periodo, que ouvistes: *Ut de injuria perinde lateris ejus, vera mater viventium figuraretur.* Notavel sentença! O merecimento do Sangue, e Chaga do lado consistio na injuria, que com ella se fez a Christo, como dizem os Doutores com S. Joaõ Chrysostomo, e Euthymio; porque como se executou morto Christo, offendia só pelo que injuriava; mas dessa injuria resultava para Maria Santissima ser a segunda Eva, concebida em graça, para segunda Mãy dos viventes; porque no merecimento dessa injuria, ou no Sangue dessa injuriosa Chaga esteve o preço de sua redempçaõ, e preservaçaõ.

D. Chrysost. Euthym. & Sylv. tom. 5. in Evang. lib. 8. c. 20. q. 40. n. 18.

7 Quasi que disse o mesmo Moysés Barcepha, Bispo da Syria, e famoso entre os grandes Padres, e Escritores do decimo seculo da Igreja; porque disse que Christo fora ferido no lado para redempçaõ, e remedio da culpa daquella mulher, que nasceo do lado de Adaõ: *Lanceâ latus Christi percussum est, ut lueret, & expiaret fœminæ illius scelus, quæ ex latere viri per costam fuerat enata.* Ferio o ponto, mas naõ o mysterio; porque apontando bem a ferida, naõ applicou bem o mysterio della. Ferio-se o lado de Christo, sim, para remedio, e especial redempçaõ de huma mulher; mas naõ ha razaõ para que se diga que a mulher, especialmente remida com o Sangue, e Chaga do lado de Christo, fosse a primeira Eva. Assim como Christo, para remir a Adaõ, naõ applicou particularmente por elle algum especial merecimen-

Barcepha Orat. de Oper. sex dier.

to; assim o naõ fez na redempçaõ da primeira Eva; mas sim na redempçaõ, e preservaçaõ da segunda, que para a vida da graça foy gerada, ou formada no lado de Christo, segundo Adaõ, como nos insinúa o Texto dos Proverbios na Versaõ Chaldaica: *Eram in latere ejus.* Duas vezes foy a Mãy de Deos concebida: huma desde a eternidade, na mente Divina: *Nondum erant abyssi, & ego jam concepta eram:* outra em Santa Anna, ao tempo de existir, e apparecer neste mundo. E se a primeira Conceiçaõ, de que falla o Texto, foy no entendimento Divino, em cuja idéa se concebem todas as creaturas; como diz a Senhora que no lado estava concebida *ab æterno? Ego jam concepta; eram in latere ejus?* Porque na idéa, e mente Divina, o ser que tinha a Mãy de Deos só era representado; e lá se representava pura, e preservada da culpa, quando se concebia, por virtude do lado de Christo aberto, para sua especial redempçaõ, e preservaçaõ; assim como para Eva se abrio o lado de Adaõ.

Prov. 8. 30.

Ibid.

8 Parece que logo no principio do mundo, e entre as obras da creaçaõ delle, quiz Deos se visse em figura o que depois havia de obrar nos mysterios da redempçaõ; porèm Eusebio Emisseno, ainda sem olhar para taõ expressa figura, reconheceo o mysterio da especial redempçaõ de Maria Santissima, quando entendeo que do Sangue desta Purissima, e Immaculada Mãy recebêra Christo o Sangue, que offereceo por ella: *Sanguinem, quem etiam pro Matre obtulit, de sanguine Matris accepit.* E do Sangue de sua Mãy Santissima qual foy o Sangue, que recebeo Christo? Foy, como

Emissen. Homil. de Nativ. Dom.

mo eſtá dito, o Sangue do coraçaõ: *Guttæ ſanguinis puriſſimi ex corde defluxerunt, & corpus perfectiſſimum efformatum eſt ex illo ſanguine.* Pois eſſe meſmo Sangue do coraçaõ foy tambem o preço, e a redempçaõ, que offereceo por ella: *Sanguinem, quem etiam pro Matre obtulit.*

9 Agora ſe deſcobre o myſterioſo fim de aſſiſtir Maria Santiſſima junto á Cruz, em que eſtava crucificado Chriſto: *Stabat juxta Crucem Jeſu Mater ejus*; e foy, porque ſahindo-lhe com impeto o Sangue do coraçaõ pelo lado, ſe encaminhaſſe para ella, a quem buſcava como eſpecial preço de ſua redempçaõ. Os rios, em ſeu perenne curſo, buſcaõ continuamente o mar, donde ſahíraõ; para que diſpendendo com elle o cabedal de ſuas agoas, ſe poſſaõ deſempenhar da divida, que contrahíraõ, quando as recebêraõ. Aſſim aquelle rio de Sangue, que ſahio da fonte do coraçaõ de Chriſto, buſcava a Maria Santiſſima, como querendo recolher-ſe, e tornar para o principio, e virginal ventre, donde havia ſahido, ſegundo diſcorre S. Gregorio Nazianzeno: *Quaſi geſtiviſſet in virgineum uterum redire*; e bem; porque ſe dirigia eſſe Sangue, como preço, e deſempenho daquella Mây, que o diſpendeo para Chriſto.

Joan. 19. 25.

D. Gregor. Naz. apud Zerd. de B. M. Acad. 1. ſect. 8. ſubſect. un.

10 O Sangue, que Chriſto derramou no Horto a impulſo de ſuas agonias, diz o Texto que ſahia buſcando a terra apreſſadamente: *Guttæ ſanguinis decurrentis in terram.* Tambem ſobre a meſma terra ſe derramou o Sangue, que á violencia dos açoutes, eſpinhos, e cravos lhe ſahio das veas; porque como eſſe Sangue indiſtinctamente era offerecido por Adaõ, e toda a ſua poſterida-

Luc. 22. 44.

de,

de, buſcava na terra, como na propria origem, toda a natureza humana. Ou na terra buſcava a Adaõ ſepultado já, para que nas cinzas deſte toda a ſua deſcendencia ſe purificaſſe da culpa, que contrahio. Diſſe-o, depois de Tertulliano, Santo Agoſtinho: *Ut ſanguis ille pretioſus, etiam corporaliter, pulverem antiqui peccatoris, dum dignatur ſtillando contingere, redemiſſe credatur.* Mas como o Sangue do coraçaõ de Chriſto era eſpecial redempçaõ, e preſervaçaõ de Maria Santiſſima, em correſpondencia do Sangue, que a Chriſto déra na Incarnaçaõ; para ella eſpecialmente ſe encaminhava: *Sanguis, qui miro fonte, ex cæſo enecti corporis latere fluxit, adſono concentu ad immaculatum ſanguinem, ex quo compactum fuerat Domini corpus, alludit. Quaſi geſtiviſſet in virgineum uterum redire.*

Tertullian. lib. 2. contra Marcian. D. Auguſt. Serm. 71. de Temp.

11 E ſe bem attendermos para as myſterioſas circunſtancias da meſma Chaga do lado, diremos que eſtaõ efficazmente perſuadindo a ſua eſpecial applicaçaõ para remedio preſervativo da May de Deos. Notay. Já tinha Chriſto eſpirado, quando a lança cruel com violencia taõ grande lhe rompeo o lado, que tambem lhe traſpaſſou o coraçaõ. Já naõ podia ſervir, nem merecer, quando recebeo eſſa ferida. E por ventura haveria Chaga no Sacroſanto corpo de Chriſto, que para nós naõ foſſe meritoria? Certo he que naõ. Foy tambem eſſa Chaga meritoria; mas (como enſinaõ os Theologos, e dizem os Interpretes) naõ ao tempo, em que ſe executou. Teve o ſeu merecimento, quando ſe previo. Em vida previo Chriſto, que depois da morte com ſumma injuria lhe abririaõ o peito, e traſ-

Theol. cõmuniter cũ Lugo de Incarn. diſp. 27. ſect. 4. n. 60. Interp. cum A Lapid. in Joan. 19. v. 33. §. Dices.

e traſpaſſariaõ o coraçaõ: acceitou a Chaga, e a injuria, e a ſeu Eterno Padre a offereceo; e neſta previſaõ eſteve o merecimento da Chaga. Attendey agora para a Conceiçaõ de Maria Santiſſima, e achareis que a culpa nella ſó foy previſta. Prevío o Filho de Deos, que Maria Santiſſima, como filha de Adaõ, incorreria na culpa original; mas como a havia eſcolhido para Mãy, movido do amor de Filho, e tal Filho, decretou remí-la, e preſervá-la deſſa culpa, que prevío. Pois com que merecimento a havia de preſervar, e remir eſpecialmente, ſenaõ com o merecimento daquella Chaga, e daquelle Sangue, que ſó foy meritorio, quando foy previſto? As mais Chagas, que ao tempo de ſua execuçaõ foraõ meritorias, derramem o Sangue, com que propriamente ſe haõ de remir culpas contrahidas, e executadas; mas para eſpecial redempçaõ de huma culpa, que pela Mãy de Deos nem foy executada, nem contrahida, (porque foy previſta ſómente) haja tambem huma Chaga, que, naõ ſendo meritoria, quando ſe executou, ſó foy meritoria, quando foy previſta.

12 Todas as mais Chagas foraõ para Chriſto de ſentimento, e dor, quando as recebia; ſó a Chaga do lado naõ, como ſabemos: e a razaõ, ou o myſterio he; porque as mais Chagas geralmente ſe applicavaõ para remedio de culpas, que o aggravàraõ, e offendêraõ: a do lado eſpecialmente ſe offerecia para redempçaõ de huma culpa, em quem o naõ chegou a offender, porque a naõ commetteo, nem contrahio; qual foy a culpa original em ſua Mãy Santiſſima. Nas Chagas, que recebeo o Salvador do mundo, ſe repreſentaõ os

pecca-

peccados, que tomou ſobre ſi, para ſatisfazer pelos homens: *Vulneratus eſt propter iniquitates noſtras*; e, como enſina o Angelico Meſtre S. Thomaz, diſpôs o rigor da Juſtiça Divina, que na qualidade das chagas ſe viſſe a qualidade das culpas, conforme ao diſpoſto na antiga Ley, em que ſe mandava, que com os delictos ſe menſuraſſem, e proporcionaſſem as chagas: *Pro menſura delicti erit plagarum modus*. Seriaõ humas culpas mais enormes, e mais aggravantes, que outras: por iſſo tambem humas Chagas foraõ em Chriſto mais crueis, e mais penetrantes, que outras. Mas porque na Immaculada Virgem a culpa ſó havia de ſer previſta, e por iſſo naõ chegaria a cauſar dor, ou ſentimento a Chriſto; houve tambem huma Chaga em ſeu Sacratiſſimo corpo, recebida ſem dor, e ſem ſentimento, ſó meritoria, quando previſta, para que com o Sangue della foſſe a Mãy de Deos remida, e preſervada da culpa, que ſó foy previſta, e naõ chegou a ſe contrahir.

Iſai. 53. 5.

Deuter. 25. 2.

§. III.

13 DIſcorri atéqui, fundado na Doutrina dos Padres, e attendendo ás circunſtancias da Chaga, e Sangue do lado. Paſſemos agora ao Sagrado Texto, em que Deos ſe dignou de revelar os ſeus myſterios; porque entendo que entre os do Apocalypſe acharemos alguma figura do preſente. Diz S. Joaõ, que víra abrir-ſe o Templo de Deos no Ceo, e apparecêra logo a Arca do Teſtamento: *Apertum eſt templum Dei in Cœlo, & viſa eſt Arca teſtamenti*. Notavel viſaõ!

Apoc. 11. 9.

Diſſi

Difficultoſo Texto! Se o Evangeliſta Profeta no livro do Apocalypſe eſcreve que na Celeſtial Cidade da Jeruſalem Triunfante naõ víra Templo algum: *Templum non vidi in ea*; como nos diz, e perſuade agora que no Ceo ſe abríra o Templo de Deos, e que nelle fora viſta a Arca do Teſtamento: *Apertum eſt Templum Dei in Cœlo, & viſa eſt Arca Teſtamenti?* Que Templo he eſte, que ſe abrio no Ceo, onde naõ ha Templo?

Apoc. 21. 22.

14 Naõ he difficultoſa a repoſta, porque he patente o myſterio, naõ menos do que a difficuldade. O Templo, que S. Joaõ vio no Ceo, era o Sacroſanto Corpo de Chriſto na Militante Igreja. Para eſta interpretaçaõ tenho naõ menos authoridade, em que me funde, que huma expoſiçaõ do meſmo Chriſto, referida naõ por outro, mas pelo meſmo Evangeliſta; ainda que em outro lugar: *Ille autem dicebat de Templo corporis ſui.* Seguio S. Joaõ no Apocalypſe a doutrina, que deixou eſcrita no Evangelho. Neſte, conformandoſe com o entender de Chriſto, diſſe que o ſeu Corpo era Templo; e no Apocalypſe, vendo que ſe abria o Corpo de Chriſto, diſſe que ſe abria o Templo de Deos: *Apertum eſt Templum Dei.* Abrioſe eſte Templo, que he Chriſto, e a Chaga do lado foy a porta, que ſe abrio nelle. Ouçâmos a Ruperto Abbade: *Oſtium lateris Templi vulnus eſt in latere lanceato dominici pectoris.* Em proprios termos diz o meſmo Evangeliſta que hum Soldado com a lança abríra o lado de Chriſto: *Lanceâ latus ejus aperuit.* Naõ diz que lhe ferio, ou traſpaſſou o lado; mas ſim que lho abrio: *Aperuit*; porque como aquelle Corpo era Templo de

Joan. 2. 21.

Rupert. in lib. 3. Reg. c. 10.

Joan. 19. 34.

Deos,

Deos, e o lado a porta, ferí-lo, e traſpaſſá-lo era abrí-lo; e entaõ o abríraõ, quando lho raſgáraõ com a lança: *Apertum eſt Templum Dei. Lanceâ latus ejus aperuit.*

15 Agora novo reparo. Pois no lado de Chriſto aberto podia ſer viſta a Arca do Teſtamento? Sim; porque aſſim o affirma o Texto: *Viſa eſt Arca Teſtamenti.* Mas que Arca do Teſtamento ſeria eſta, que o Evangeliſta vio no lado de Chriſto aberto? Seguindo a Fabro Celeſtino, era Maria Santiſſima, no myſterio de ſua Conceiçaõ Immaculada: *Arca divini, humanique fœderis ab initio ſui eſſe, & immaculatæ Conceptionis.* Parece que previo o noſſo penſamento, para o authorizar. Abrio-ſe o lado de Chriſto, e o que particularmente ſe vio, foy Maria Santiſſima, Immaculada, e Puriſſima em ſua Conceiçaõ; porque o lado de Chriſto eſpecialmente ſe abrio para que Maria Santiſſima ſe viſſe pura, e limpa, quando ſe concebeo: *Apertum eſt Templum Dei in Cœlo. Lanceâ latus ejus aperuit. Viſa eſt Arca Teſtamenti. Maria eſt arca divini, humanique fœderis, ab initio ſui eſſe, & immaculatæ Conceptionis.* Hum Texto dos Canticos ſervirá de letra ao preſente Symbolo do Apocalypſe.

Fabr. Cœleſtin. tract. 1. de Concep- tion. B. V.

16 Nos Cantares expreſſamente declarou Chriſto, Eſpoſo Divino, que ſua Máy Santiſſima era immaculada, e livre de toda a culpa: *Tota pulchra es, & macula non eſt in te.* Tres vezes a chamou para a coroar com tres coroas, como triunfante da culpa original, mortal, e venial: *Veni de Libano Sponſa mea, veni de Libano, veni: coronaberis de capite Amana, de vertice Sanir, &*

Cant. 4. 7.

Verſ. 8.

Her-

Hermon. E he muito para ſe notar, que acabando Chriſto de fazer tanta expreſſaõ da immaculada pureza de ſua Māy Santiſſima, e das coroas, que merecêra pelos triunfos, que conſeguio da culpa, logo paſſou a lhe dizer aſſim: *Vulneraſti cor meum, ſoror mea ſponſa, vulneraſti cor meum.* Feriſte-me o coraçaõ; feriſte-me o coraçaõ, naõ ſó com a ſetta do voſſo amor, mas tambem com a lança cruel, que me traſpaſſou, e abrio o lado na Cruz: *Per carnale vulnus, quod Chriſtus in Cruce accepit in latere*; commentou admiravelmente S. Bernardo. E que dependencia tem a pureza ſempre immaculada da Māy de Deos deſta ferida do coraçaõ, e Chaga do lado de Chriſto, para della ſe fazer memoria, logo que ſe declarou ſer Maria Santiſſima izenta de toda a culpa, e immaculada? Muita, e naõ menos que a do effeito com a ſua cauſa; porque eſta Chaga foy a cauſa eſpecialmente meritoria daquella immaculada pureza. O Sangue do coraçaõ traſpaſſado, que emanou, e ſahio por ella, era o preço, com que a Māy de Deos foy preſervada da culpa: por eſſa razaõ, quando Chriſto declara a pureza immaculada de ſua Māy Santiſſima, faz logo expreſſaõ, e memoria da Chaga do lado, e ferida do coraçaõ, para que ſe entenda que com o Sangue delle foy eſta Senhora remida de toda a culpa: *Tota pulchra es, & macula non eſt in te. Vulneraſti cor meum, vulneraſti cor meum. Per carnale vulnus, quod Chriſtus in Cruce accepit in latere.*

Verſ. 9.

D. Bern. ſive Author lib. de Paſſ. Domin.

§. IV.

17 NOtay agora esta notavel ampliaçaõ do nosso assumpto, que dará tambem a divisaõ delle. O Sangue, que sahio pelo lado de Christo, especialmente era, ou figurava o Sangue do Sacramento Eucharistico, como dizem os Expositores, seguindo a S. Joaõ Chrysostomo, Santo Ambrosio, e a Santo Agostinho. Pois se Maria Santissima foy remida, e preservada da culpa original, pelo merecimento, e preço daquelle Sangue, que emanou do lado de Christo; tambem foy especialmente preservada, e remida com o Sangue do Sacramento Eucharistico. De sorte que, como este Sangue Eucharistico (além de sahir do coraçaõ de Christo, onde tinha a fonte) trazia sua origem do sangue do coraçaõ da Senhora; tambem se applicava especialmente por ella, *como en retorno*, (deixay-me usar das mesmas palavras, com que se explica a Veneravel Soror Maria de Jesus na sua Mystica Ciudad de Dios) *como en retorno de la Sangre, que dió en la Incarnacion del Verbo, para que de ella se formasse aquella Humanidad Santissima, con quien se unió hypostaticamente.* E esta he a razaõ de dizer Christo, que sua Immaculada Mãy lhe ferira o coraçaõ duas vezes: *Vulnerasti cor meum: Vulnerasti cor meum.* Naõ recebeo Christo mais de huma Chaga no coraçaõ; pois como duas vezes foy nelle ferido por esta Immaculada Senhora? Porque se bem a Chaga só era huma, no effeito eraõ duas Chagas, pois duas vezes se derramou o Sangue do

Mystic. Ciudad. part. 3. lib. 7. cap. 8. num. 124.

do coraçaõ de Chriſto. No Sacramento huma vez: *Vulneraſti cor meum*; e outra vez na Cruz: *Vulneraſti cor meum*; para que a preço de hum, e outro Sangue, eſpecialmente applicado, foſſe a Mãy de Deos preſervada de toda a culpa: *Tota pulchra es, & macula non eſt in te.*

18 E ſem duvida myſterioſamente convinha que o Sangue do Sacramento Euchariſtico, e Sacrificio incruento, foſſe eſpecialmente applicado para remedio deſta Immaculada Senhora, naõ menos que o do coraçaõ, e lado de Chriſto. Porque a preſervaçaõ da culpa em Maria Santiſſima foy huma redempçaõ anticipada, na qual Chriſto ſe anticipou a offerecer a ſeu Eterno Padre o preço da redempçaõ de ſua Mãy Santiſſima, para que ella naõ chegaſſe a contrahir a culpa. E qual foy o Sangue, que Chriſto offereceo anticipadamente? Certo he que foy o do Sacramento; porque antes que lho tiraſſem com violencia, elle ſe anticipou com divina, e amoroſa traça a derramá-lo, e a offerecê-lo no Sacrificio, que inſtituio na ultima Cea. Pois eſſe foy o que eſpecialmente ſe applicou para anticipada redempçaõ deſta Immaculada Senhora. De ſorte que o Sangue do lado, e o Sangue do Sacramento, aſſim como eraõ ambos o meſmo Sangue, aſſim eraõ duas partes do meſmo preço, com que a Mãy de Deos foy remida, e preſervada de toda a culpa. Concorreo a Chaga do lado, ſó meritoria quando foy previſta; porque na Senhora a culpa original naõ foy contrahida, foy ſó previſta. Concorreo anticipandoſe o Sangue do Sacramento; porque em Maria Santiſſima a redempçaõ ſe anticipou à culpa. Hum,

e outro Sangue emanava do coraçaõ de Christo: por isso huma, e outra vez lhe ferio esta Senhora o coraçaõ para ser Immaculada: *Tota pulchra es, & macula non est in te. Vulnerasti cor meum, vulnerasti cor meum.*

19 O livro dos Cantares de Salomaõ he todo mystico; mas neste ponto parece que historica, e literalmente se naõ explicaria com mais clareza a favor do nosso assumpto. E com tudo, bem advirto que me he preciso naõ passar adiante, sem satisfazer a hum reparo, que em vós estou percebendo. He este: O Sangue do Sacramento, e o que emanou do lado de Christo foy, e he a redempçaõ, e remedio de todos os homens: pois como podia hum, e outro ser applicado para especial preservaçaõ da Immaculada Senhora? Porque essa he a virtude infinita do amor de Christo, e do infinito valor de suas acçoens meritorias. Nem hum merecimento, e nem huma acçaõ ordenava Christo, ou dirigia especialmente por algum dos homens, que naõ fosse meritoria para todos; porque se offereciaõ por todos os homens, ainda quando se applicavaõ especialmente por alguns.

20 A jornada, em que Christo tanto se fatigou, sahindo de Judéa, e caminhando para Galiléa, se ordenava, e dirigia a converter em Samaria huma mulher, que da Cidade de Sicar havia de sahir à fonte, em que descançasse Christo. Em Capharnaúm, Emporio celebre de Judéa, fazia repetidos milagres; em Betzaida prégava, para com as suas prégações, e milagres converter os moradores de huma, e outra Cidade. Mas nesses milagres, e prégaçoens, como naquella jornada, mere-

merecia Christo para todo o mundo. No Cenaculo orou pelos Apostolos: na Cruz orou pelos que o crucificavaõ. Mas essa oraçaõ applicada no Cenaculo pelos Apostolos era meritoria para os homens todos; e essa oraçaõ, que na Cruz se applicava pelos inimigos, para todos os homens era meritoria. Assim tambem o Sangue do Sacramento, e do lado era de redempçaõ para todos os homens; porque o merecimento delle era por todos offerecido, mas era especialmente de preservaçaõ para Maria Santissima, porque para este fim especialmente applicou Christo o Sangue, que Sacramentou na Cea, e o que do lado derramou na Cruz. Satisfeito assim o reparo, que se nos propunha, entremos a ponderar agora com distinçaõ as duas partes deste preço da preservaçaõ de Maria Santissima, e vejamos em particular o que está insinuado em commum.

§. V.

21 RAsgou hum Soldado o peito de Christo com lança taõ violenta, que lhe traspassou o coraçaõ de parte a parte, como já ouvimos fora revelado a Santa Brigida, além de ser commum sentir dos Padres, e Expositores; e logo desta ferida manou Sangue: *Unus militum lanceâ latus ejus aperuit, & continuo exivit Sanguis.* E por quem mais especialmente que pela Mãy, applicaria o Filho o Sangue, que do coraçaõ lhe sahia? Bem sey eu que offerecendo Christo pelos homens, sem excepçaõ alguma, todo o Sangue, que derramou, naõ excluhio da partici-

Joan. 19.34.

paçaõ delle a ſua Mãy Santiſſima, nem fez diviſivel o preço de ſeu Sangue, com diſtinçaõ entre os que remia. Mas para conreſponder inteiramente ao intenſo amor, com que Maria Santiſſima para o conceber, e elle incarnar, havia diſtillado o ſangue do coraçaõ proprio; pedia a razaõ, e o primor, que tambem Chriſto déſſe, e offereceſſe por ella com muita eſpecialidade o Sangue do coraçaõ: para que naõ faltaſſe no perfeitiſſimo amor do Filho hum quilate, que ſingularmente acriſolou o amor da Mãy.

22 Quiz Deos provar o amor, que lhe tinha o Patriarca Abrahaõ, e lhe mandou que ſacrificaſſe o ſeu unigenito filho Iſaac. Obedeceo Abrahaõ, tirou de ſi o filho, que tinha, para o dar, e offerecer a Deos. Com tal fortaleza, e conſtancia armou o golpe para ao filho tirar a vida, que ſuppoſto o braço lhe ficou ſuſpenſo, o meſmo Deos julgou por executada a acçaõ, e por completo o ſacrificio. Neſte caſo entra Deos a premiar o merecimento de Abrahaõ, e a conreſponder a eſta ſem igual fineza de ſeu amor, e lhe faz duas grandioſas mercês. Promette-lhe a ſua bençaõ: e além deſta, que lhe dará tantos filhos, quantas ſaõ as Eſtrellas, que eſmaltaõ o Firmamento, e as arêas, em que bate o mar: *Benedicam tibi, & multiplicabo ſemen tuum ſicut Stellas Cœli, & velut arena, quæ eſt in littore maris.* E por ventura ficaria ſatisfeito Abrahaõ? Sim; e com muito menos pedia a razaõ, e a juſtiça, que ſe contentaſſe. Mas Deos ainda ſe naõ dava por ſatisfeito; porque ainda ſe naõ julgava deſempenhado. Ainda prometteo a Abrahaõ que lhe daria o ſeu proprio,

Geneſ. 22. 17.

prio, e Unigenito Filho para delle nafcer incarnando na fua defcendencia: *Et benedicentur in femine tuo omnes gentes terræ*; continuou o Texto: *Quod eft Chriftus*, commenta S. Jeronymo. Difficulto agora.

Ibid. 18.

D. Hier. in Matth. 1.

23 He certo que na fua bençaõ dava Deos a Abrahaõ muito mais do que elle lhe tinha offerecido em Ifaac. Além de que, fe Abrahaõ tirava de fi hum filho, Deos o premiava, e lhe conrefpondia com innumeraveis filhos. Pois como fe naõ dá por defempenhado, como fe naõ aquieta o amor de Deos, fe taõ grandemente eftá premiado o amor de Abrahaõ, e conrefpondida a fineza, que havia obrado? Porque julgava Deos que em quanto lhe naõ déffe tambem o feu Unigenito Filho, ainda podia requerer Abrahaõ que com outras mercês, pofto que grandiofas, fe naõ achavaõ bem conrefpondidos quantos quilates moftrou o feu amor naquelle facrificio, em que lhe offerecia o feu unigenito Ifaac. Podia allegar o Patriarcha nefta fórma. Sem duvida (Senhor) muito he o que me dais, quando me prometteis a voffa bençaõ; mas naõ tirais de vós para mim, como eu, que facrificando-vos o filho unico, que tinha, de mim o tirava para vós. Eu vos dava o meu filho unigenito; vós porém, fuppofto me prometteis tantos filhos como as Eftrellas, e arêas, ainda me naõ dais o Unigenito Filho, que tendes. Quando me mandaveis que facrificaffe Ifaac, me advertieis que era Ifaac o meu filho, a quem amo: *Tolle filium tuum unigenitum, quem diligis Ifaac*; pois como me quereis agora fatisfazer com innumeraveis filhos, fe nenhum delles

Genef. 22, 2.

he o vosso Filho, a quem amais? Todas estas razoens da parte de Abrahaõ estava Deos vendo, e pezando: e como queria premiá-lo, conrespondendo-lhe a todos os quilates, e circunstancias de seu amor, se deliberou a dar-lhe tambem o seu Unigenito Filho, para satisfaçaõ, e desempenho cabal de sua gratificaçaõ: *Benedicentur in semine tuo omnes gentes terræ; quod est Christus.*

24 Ajustadamente para o nosso caso. Tinha Christo derramado já o Sangue de todo o seu corpo para redempçaõ de sua Mãy Santissima, quando o derramou por todos os homens, sem desta generalidade exceptuar algum; mas parece que reflectindo em que sua Mãy Santissima, para lhe dar a humanidade, distillou o sangue, que tinha no coraçaõ: julgou que para conresponder cabalmente ao que recebêra da Mãy, devia por ella dar com especialidade o Sangue, que ainda lhe ficára no coraçaõ. Como se discorrêra que naõ especializando elle a sua Mãy Santissima na circunstancia desta dadiva, naõ ficaria o seu amor perfeitamente desempenhado daquella ardentissima charidade, na qual incendido o coraçaõ de Maria Santissima, deo o proprio Sangue para a Incarnaçaõ. Com este amoroso impulso abrio o peito, e dando entrada em seu coraçaõ á lança, derramou pelo lado copioso Sangue. E este seria o singular mysterio, com que ferido o lado, e coraçaõ de Christo emanou Sangue, e juntamente agoa: *Exivit Sanguis, & aqua.* O Sangue era o preço da redempçaõ: *Habemus redemptionem per Sanguinem ejus*; a agoa era symbolo da Mãy de Deos Purissima de toda a mancha, e de toda a culpa:

Joan. 19 34.

Ad Coloss. 1. 14.

Ma-

Maria est aqua purissima, diz Richardo de S. Lourenço: e só esta Chaga (notay) deo Sangue, e agoa; porque resolvendo-se o Redemptor do mundo a derramar o Sangue do coraçaõ, quiz que com elle sahisse na agoa hum expressivo de sua Mãy Santissima, para revelar assim que aquelle Sangue era o preço especial da redempçaõ della. Parece que sahio esta agoa milagrosa para fazer indubitavel o nosso assumpto, e lhe tirar toda a contradiçaõ: *Aqua egressa omnem controversiam miraculo tollit*, disse Theofilato, como se fallára para o nosso ponto. Era Sangue applicado á agoa o que sahio do lado; porque era Sangue, que especialmente se applicava para preservaçaõ de Maria Santissima, em desempenho do sangue do coraçaõ, com que ella concorreo na geraçaõ de Christo.

Richard. à S. Laur. de Laud. V. lib. 5.

Theophil in c. 19. Joan.

25 Perguntaõ os Expositores se do lado de Christo sahiraõ juntos o Sangue, e agoa? Resolvem muitos, e de grave nota, que successivamente: primeiro o Sangue, e depois a agoa; e assim parece mais conforme ao Texto: *Exivit Sanguis, & aqua*. Até nesta circunstancia achamos confirmaçaõ para o que dizemos. O prodigio da Conceiçaõ da Senhora consistio em que primeiro fosse ella preservada da culpa, e concebida depois. Antes que a Senhora sahisse da mente Divina a se conceber em Santa Anna, já estava remida por Christo; porque já o Filho de Deos tinha offerecido a seu Eterno Padre o previsto merecimento de seu Sangue para a preservar da contracçaõ da culpa. Pois eis-ahi o que nos insinúa a fonte, que se abrio no lado de Christo. Sahe a agoa, em que Maria

Joan. 19. 34.

Santiſſima eſtava ſignificada, e o Sangue como preço de ſua redempçaõ, e preſervaçaõ: *Sanguis in pretium, aqua in ſignum*, diz Pinciano; mas primeiro o Sangue, que era a preſervaçaõ, e depois a agoa, que he Maria, para que com eſta circunſtancia, à viſta de olhos ſe manifeſte que eſſe era o Sangue anticipadamente applicado á Mãy de Deos, em preço de ſua redempçaõ, ou preſervaçaõ. Segundo a ordem da natureza, a agoa havia de ſahir primeiro, e depois o Sangue, por ſer mais intimo ao coraçaõ; mas, ſegundo a ordem do myſterio, primeiro ſahio o Sangue, e depois a agoa; porque ſe na providencia commum primeiro he a conceiçaõ em peccado, e depois a redempçaõ delle: na providencia eſpecial a preſervaçaõ de Maria foy antes, e a ſua Conceiçaõ depois. Iſto ſó na Chaga do lado ſe figurou: *Exivit Sanguis, & aqua*; porque com o Sangue, e agoa, que por ella emanáraõ do coraçaõ, queria Chriſto revelar ao mundo, que eſſe Sangue era eſpecialmente o preço da redempçaõ de ſua Mãy Santiſſima, a quem por virtude della preſervou da culpa.

Villar. Pint. tom. 4. T. 5. Did. 1. n. 10.

26 Bem deſejey confirmar eſta intelligencia com a authoridade de algum dos Padres antigos, ou dos Expoſitores de mayor nota, até que a fuy deſcobrir, naõ menos que canonica, em num Padre mais antigo que todos os Padres da Igreja. Simeaõ, por muitos titulos venerando Padre da antiga Igreja, na Profecia, que fez a Maria Santiſſima, quando no Templo apreſentava o Filho, diſſe eſtas palavras cheyas de myſterio quaſi incomprehenſivel: *Tuam ipſius animam pertranſibit gla-*

Luc. 2. 35.

gladius. Ou como lê a versaõ Arabica: *Pertransibit lancea.* Huma lança diz que traspassaria a alma da Senhora. Já aqui fraquêa a nossa comprehensaõ para intelligencia deste vaticinio; porque he certo que a Mãy de Deos, em todo o tempo que viveo, naõ foy ferida de instrumento algum. Mas S. Bernardo, dando a verdadeira intelligencia ao Texto, disse que fallára Simeaõ da lança, que ferio o coraçaõ de Christo; porque a mesma lança, que a Christo abrio o lado, traspassou tambem, naõ o corpo, mas a alma da Senhora, que se naõ podia apartar do coraçaõ de Christo: *Ipsius planè non attigit animam crudelis lancea, quæ ipsius aperuit latus; sed tuam utique animam pertransivit. Ipsius nimirum anima jam ibi non erat, sed tua planè inde nequibat avelli.* Proseguindo mais Simeaõ com a sua profecia, accrescentou, que com esta lançada no coraçaõ de Christo, onde assistia a alma da Senhora, se revelariaõ as ponderaçoens, e discursos nascidos de muitos coraçoens: *Ut revelentur ex multis cordibus cogitationes.*

D.Bern.Ser. de 12. Stellis.

Luc.2. 35.

27 Esta segunda parte da profecia de Simeaõ naõ sey se algum dos Sagrados Expositores a entendeo até agora cabalmente: sey que, como elles confessaõ, he este hum dos mais imperceptiveis lugares do Sagrado Texto. Que discursos saõ estes, nascidos do coraçaõ, acerca da Mãy de Deos, que ainda estaõ por se revelar? Eisaqui o ponto da difficuldade toda. Neste dia facilmente direis que fallava o antigo Sacerdote do mysterio da Conceiçaõ de Maria Santissima. Eu digo o mesmo com muita ventura, e grande felicidade.

cidade. Os mais myſterios da Mãy de Deos na Eſcritura eſtaõ revelados á Igreja, e por eſta definidos para a noſſa Fé. O myſterio da Conceiçaõ Immaculada deixou a Eſcritura de o revelar expreſſamente, e a Igreja de o definir até o preſente; naõ obſtante que concorrendo as ſupplicas de muitos Principes, e de innumeraveis Prelados, ſe propôs o ponto, e a materia delle ao Concilio Lateranenſe em tempo do Papa Leaõ X. porém naõ pareceo conveniente additar, ſem neceſſidade, hum artigo mais aos da noſſa Fé: e mais que tudo he o certo que ſobre o ponto de ſua Conceiçaõ quer a Mãy de Deos mais o ſacrificio de noſſa piedade, que o da noſſa Fé. Mais quer dever aos noſſos corações, que aos noſſos entendimentos. E eſta he a razaõ, porque ás ponderaçoens do myſterio da Conceiçaõ chamou Simeaõ diſcurſos naſcidos, naõ do entendimento, onde ſaõ formados, mas ſim do coraçaõ, onde tem a origem: *Ut revelentur ex multis cordibus cogitationes.* Porque a confiſſaõ, que fazemos já do myſterio da Conceiçaõ Immaculada, os fundamentos, com que o provamos, as ſoluções, que damos aos argumentos contrarios, (ainda que ſe fundem nas Eſcrituras, e authoridades dos Santos Padres) tem a ſua origem no amor, e cordial devoçaõ, com que veneramos a Mãy de Deos. Agora mayor duvida, e mais principal reparo.

Vide Caietan. in Opuſc. tom. 2. tract. 1.

28 Pois eſte myſterio taõ occulto da Conceiçaõ de Maria Puriſſima, e Immaculada; eſtes diſcurſos, em que ſe funda a piedade, e devoçaõ Catholica para ſuſtentar, e confeſſar por todo o mundo, que a Mãy de Deos foy preſervada da cul-

culpa original, primeiro remida, e concebida depois, podem de alguma ſorte julgar-ſe revelados na Chaga, que a lança abrio no peito, e coraçaõ de Chriſto, onde aſſiſtia a alma da Senhora: *Tuam ipſius animam pertranſibit lancea, ut revelentur ex multis cordibus cogitationes?* Sim; porque no Sangue, que por aquella Chaga ſahio primeiro, ſe via huma ſingular, e anticipada redempçaõ: na agoa, que ſahio depois, ſe revelava a alma da Senhora, que até eſſe ponto aſſiſtia no coraçaõ de Chriſto: *Maria eſt aqua puriſſima. Anima tua inde nequibat avelli.* E com eſte ſymbolo parece queria Chriſto dizer-nos que ſua Mãy Santiſſima ſahio a ſe conceber pura, e limpa, como he a agoa mais cryſtalina, por virtude do Sangue de ſeu lado, eſpecialmente offerecido, e applicado d'antes para ſua eſpecial, e ſingular redempçaõ, e preſervaçaõ de toda a culpa. Naõ quero fiar ſó de mim eſte conceito, ainda que achado com tanta naturalidade no Texto; tambem o quero acreditar, e abonar com a graviſſima authoridade do famoſo Portuguez Macedo, credito da naçaõ propria, e admiraçaõ das eſtranhas: *Exivit Sanguis, & aqua, quo apparuit fuiſſe ſingularis redemptionis, nullo præſuppoſito peccato.* Parece que à viſta de ſinaes, e ſymbolos taõ notaveis, e evidentes eſcuſamos de diſcorrer mais; e podemos concluir que com elles ſe empenhava Chriſto a moſtrar-nos que na Conceiçaõ de ſua Mãy Santiſſima quiz ter hum deſempenho daquelle ſangue, que recebeo della na geraçaõ. E póde ſer que em confirmaçaõ deſte myſterio ſe nos offereça ainda hoje aberto o meſmo lado de Chriſto: *Liber genera-*

Franciſc. à S. Auguſtin. Macedo in Collat. doctr. Div. Thom. & Scoti, ubi de Concept. B. V.

tionis

tionis Jesu Christi. Dominicæ Matris Conceptionem colere, Christi generationem est commemorare. Affer manum tuam, & mitte in latus meum.

§. VI.

29 A Segunda parte do preço, com que a Mãy de Deos foy remida, e preservada da culpa original, foy o Sangue, que Christo, como prenda singular de seu amor, deixou á sua Igreja no Sacramento Eucharistico. Parece-me que foy pensamento de Santo Ambrosio, como ouvireis agora: *Dominus redempturus mundum, operationem suam inchoavit à Matre.* Diz que, havendo Christo de remir o mundo, principiára por sua Mãy Santissima a obra da redempçaõ. Ninguem duvida que Christo deo principio á obra de nossa redempçaõ, instituindo o Sacramento do Altar; porque este foy o termo, e a divisaõ entre os dous Testamentos, antigo, e novo. Com elle se acabáraõ as sombras, e as figuras do primeiro Testamento, como diz S. Thomaz: *Figurarum veterum impletivum*; porque desde sua instituiçaõ começou a apparecer a luz, e a realidade do segundo, que nas sombras do primeiro estava figurado. Nelle se terminou felizmente o Testamento velho; porque no Sangue de Christo Sacramentado teve seu principio o Testamento novo, como taõ expressamente disseraõ tres Evangelistas, e S. Paulo: *Hic Calix novum testamentum est in meo Sanguine.* E quando com este Sangue do novo Testamento dava Christo principio á redempçaõ do mundo, especialmente principiava

D. Ambros. in Luc. 2.

D. Thom. Opusc. 57. Vide Sylv. in Evang. tom. 5. lib. 7. c. 17. q. 12. num. 89.

1. ad Corinth, 11.

piava pela redempçaõ de sua Mãy Santissima; porque principalmente o offerecia ao Eterno Padre em preço da preservaçaõ della: *Dominus redempturus mundum, operationem suam inchoavit à Matre.*

Matth. 26. 28. Marc. 14. 24. Luc. 22. 20.

30 Nem deste conceito vaõ longe S. Cyrillo Alexandrino, Santo Agostinho, e com elles muitos Doutores, os quaes tem por certo que Christo levado do amor de sua Mãy Santissima instituíra este Sacramento. Discorrem profundamente; porque ao Sacramento do Altar chamaõ os Doutores, com Santo Agostinho, continua, e repetida Incarnaçaõ: *Incarnatio perpetua:* e assim como por amor de Maria Santissima se resolveo Deos a incarnar, e a remir os homens; assim por seu amor se dignou a perpetuar a mesma Incarnaçaõ no Sacramento. O amor da Mãy o tirou do Seyo do Padre para della receber a humanidade: *Propter hanc homo redemptus est, propter hanc Deus homo factus est,* diz S. Bernardo: e o amor da mesma fez que se deixasse no Sacramento. A Fé ensina que Christo incarnou, e morreo para redempçaõ de todos os homens, e isto mesmo dizem os Santos Padres; accrescentaõ porém, que especialmente o fizera para remir a sua Mãy Santissima: *Assumpsit carnem potius propter salvare virginem singularem, quam omnes alias creaturas;* disse Santo Ildefonso, primeiro que S. Bernardino de Sena, e o seguíraõ outros. Assim tambem: O Sangue, que Christo no Sacramento offereceo ao Eterno Padre, era para remissaõ das culpas de todos os homens, sem excepçaõ alguma de sua parte; mas principal, e especialmente applicava

Div. Cyrill. Div. Augustin. Salazar in c. 9. Prov v. 4. Sylv. in Evang. tom. 3. c. 35. q. 19.

D. Aug. in Psalm. 36. Serpens. 4. Ennarrat.

D. Bernard. Serm. 3. de Salve Reg.

Div. Ildeph. L. de V. M. c. 12. D. Bernard. t. 4. Serm. 8. & 61. Suar. in 3. part. t. 2. d. 18. s. 4.

cava o preço desse Sangue Eucharistico pela redempçaõ, e preservaçaõ de sua Immaculada Máy. Muitos o disseraõ, porém com mais clareza Castilho, Bispo de Truxilho: *Sanguinem Christi sub Eucharistia, relationem dicere ad Immaculatam Virginem Mariam, & præsertim ad miram ejus Conceptionem.*

Castilh. Alphab. V. Altare Holocaust. §. 67.

31 Taõ especialmente se ordenava, e dirigia esse Sangue Eucharistico á preservaçaõ da Senhora, e á sua Immaculada Conceiçaõ, que talvez foy essa a razaõ de advertir Christo, e expressar que o mesmo Sangue era offerecido tambem por nós todos: *Hic est Sanguis meus, novi Testamenti, qui pro multis effundetur*; prevenindo assim naõ se discorresse que só para preservaçaõ de Maria Santissima fora aquelle Sangue applicado, e naõ para remedio de todos os homens. Deixando porém o que talvez seria, vamos á prova do que dizemos que foy. Diz o Livro dos Proverbios que Christo, Incarnada Sabedoria do Eterno Padre, edificou huma casa para si: *Sapientia ædificavit sibi domum.* Já sabeis que a Máy de Deos he a casa, que o Verbo Divino edificou para si, e para morada sua. Assim o entendem Santo Ildefonso, S. Bernardo, e S. Pedro Damiaõ. E quando se edificou esta casa? Quando se concebeo; porque a conceiçaõ humana he a propria, e verdadeira edificaçaõ do homem. Tanto que se edificou essa admiravel casa da Sabedoria, se instituio huma meza com o Sangue de Christo Sacramentado: *Miscuit vinum, & proposuit mensam suam.* E com que mysterio, senaõ para que por virtude do mesmo Sangue fosse a Máy de Deos preservada da culpa,

Marc. 14. 24.

Prov. 9. 1.

Vers. 2.

pa, quando ſe concebia, ou edificava? Haverá quem nos exponha que eſſe foy o myſterio? Sim: o meſmo Texto, que he o interprete de ſi meſmo.

32 *Miſit ancillas ſuas, ut vocarent ad arcem, & ad mœnia civitatis.* Preparada a meza com o Sangue Euchariſtico, mandou Chriſto convocar, para que entraſſem naquella fortaleza, e ſuas muralhas. Pois ſe Chriſto edificava em Maria Santiſſima huma caſa: *Ædificavit ſibi domum*, como lhe ſahio no fim da obra huma fortaleza: *Ut vocarent ad arcem?* Se antes de ſe conſiderar o Sangue de Chriſto Sacramentado, Maria Santiſſima ſe concebia caſa: *Ædificavit ſibi domum*; como ſe concebe já fortaleza, tanto que ſe applicou o Sangue Euchariſtico: *Miſcuit vinum; miſit ancillas ſuas, ut vocarent ad arcem, & ad mœnia civitatis?* Porque a virtude deſſe meſmo Sangue fez que a caſa ficaſſe taõ reparada, e taõ defendida, como huma fortaleza inexpugnavel. Notay, e acabareis de entender-me. Póde huma caſa ſer facilmente invadida dos inimigos, por naõ ter defenſa. Naõ aſſim huma fortaleza, porque a defendem as muralhas, e as baterías. Tal foy a Mãy de Deos em ſua Conceiçaõ. Concebendo-ſe caſa para Chriſto, que nella havia de morar nove mezes: *Sapientia ædificavit ſibi domum*; para os inimigos (iſto he, para o demonio, e para a culpa) ſe concebia fortaleza inexpugnavel, ſem lhes permittir entrada: *Ad arcem, & ad mœnia*; iſſo porém por virtude do Sangue de Chriſto Sacramentado, que eſpecialmente ſe applicou á Conceiçaõ da Senhora, para que nella naõ entraſſe a culpa: *Sanguinem Chriſti ſub Euchariſtia, relationem dicere ad Imma-*

Verſ. 3.

Immaculatam Virginem Mariam, & præsertim ad miram ejus Conceptionem.

33 Ainda nos incita a mais reflexaõ o Texto. Falla no Sangue Euchariſtico, trazendo-nos á memoria o mixto de vinho, e agoa, de que uſou Chriſto na conſagraçaõ deſta eſpecie: *Miſcuit vinum, ideſt, dedit nobis Sanguinem ſuum, qui conficitur in vino aquâ mixto*, diz Lyra. Conſultay os Theologos mais inſignes, e vos diraõ que na inſtituiçaõ do Sacrificio do Altar ao vinho ajuntou Chriſto agoa, como a Igreja uſa, em memoria do Sangue, que juntamente com a agoa lhe ſahio do lado; e que a iſto alludem as palavras do noſſo Texto: *Miſcuit vinum, & propoſuit menſam.* E ſe perguntares aos meſmos Theologos: com que myſterio, aberto o lado de Chriſto, ſahio Sangue, e com elle agoa? Hum por todos vos reſpondeo já: que aquella agoa era demonſtrativo de ſer o Sangue do lado preço, e preſervaçaõ da culpa naõ contrahida pela Mãy de Deos: *Exivit Sanguis, & aqua, quo apparuit, fuiſſe ſingularis redemptionis, nullo præſuppoſito peccato.* Pois tambem aſſim; ao vinho do Sacrificio do Altar quiz Chriſto ajuntar a agoa, quando o inſtituía, para neſta circunſtancia moſtrar que o ſeu Sangue neſte Sacrificio era remedio ſingularmente applicado, e eſpecialmente offerecido para preſervaçaõ de ſua Immaculada Mãy: *Miſcuit vinum: quo apparuit fuiſſe ſingularis redemptionis, nullo præſuppoſito peccato.*

Lyra in c. 9. Prov. Scholaſtici apud Suar. tom. 1. de Sacr. diſput. 45. ſect. 2.

Maced. ſupr. rel.

34 E a que fim tanto ſe ha de eſpecializar a preſervaçaõ de Maria Santiſſima com o preço do Sangue do Sacramento, ſe para eſpecial redempçaõ

ção da mesma Senhora se havia de offerecer na Cruz o Sangue, que Christo reservava no coração? Se no Altar, e na Cruz hum, e outro Sacrificio he o mesmo; se hum, e outro he o mesmo Sangue, com que mysterio offerece Christo amorosamente no Altar por sua Mãy Santissima o mesmo preço, que depois havia de offerecer por ella no sacrificio da Cruz? Para que com o Sangue do Sacrificio do Altar mostrasse Christo no preço da preservação de Maria Santissima a sua immaculada pureza, melhor ainda do que se podia mostrar no preço de sua preservação na Cruz. Quero dizer (por me explicar melhor) que aquelle mesmo Sangue, que, aberto o lado de Christo, sahio para redempção especial da Mãy de Deos, ainda não representava tão propriamente ser a sua Conceição isenta de toda a culpa, quanto está inculcando offerecido no Sacrificio do Altar.

35 A razão he; porque o Sangue do lado manava de huma Chaga aberta com lança tão cruel, como sacrilega, precedendo a culpa, e a injuria, com que se abrio a Chaga, ao preço, e remedio, que manou della. Desorte que sendo a Chaga do lado, pelo merecimento de Christo, de infinito preço, e agrado para Deos; a acção, que a abrio, foy perniciosa, e abominavel: *Passio fuit grata, sed fuit actio odiosa*; dizem os Doutores com Santo Alberto Magno. No Sacramento porém, o amor de Christo foy o que, sem cooperar a culpa, deo o Sangue para remissão de todos os peccados do mundo. E como a redempção, e preservação de Maria Santissima não suppunha nella alguma sombra da culpa; quiz Chris-

B. Albert. M. apud Bonher. 2 part. Serm. in die Vener. in Mart. n. 11. Villarr. t. 3. Taut. 12 Didasc. 4. n. 13.

to que além do preço, que havia de offerecer na Cruz, ao qual precederia a offensa, e o sacrilegio, com que o odio lhe havia de traspassar o lado, houvesse tambem outro modo de redempçaõ, e preservaçaõ de sua Immaculada Mãy, no qual o odio naõ tivesse parte, nem cooperaçaõ a culpa; mas totalmente fosse purissimo dictame, e industria de seu amor: e o executou assim no Sangue, que offereceo Sacramentado.

36 Obrou no Sacramento o amor de Christo por sua Mãy Purissima, como no Horto obrou depois o mesmo amor pelos homens. Padeceo Christo no Horto os mesmos tormentos, que no discurso de sua Paixaõ havia de padecer, e por todos os poros de seu corpo derramou Sangue: *Factus est sudor ejus sicut guttæ Sanguinis*; porque já entaõ voluntariamente quiz padecer em sua apprehensaõ intensa o tormento cruelissimo dos açoutes, a violencia dos espinhos, a tyrannia dos cravos, e a impiedade da lança: *Voluntariè illum scaturiens, fundendum Sanguinem ex verberibus, clavis, lanceâ præfigurans*, diz Cassiano. E porque lhe naõ faltasse a morte, padeceo as agonias della no Horto: *Factus in agonia*. E a que fim se anciparia Christo a dar voluntariamente no Horto o Sangue, que no discurso de sua Paixaõ lhe haviaõ de tirar com violencia? Para que obrasse anticipadamente o amor, o que depois havia de executar o odio: *Vehementia amoris fecit, ut ex corpore Christi Sanguis stillaret*, diz o A' Lapide. O amor, e o odio foraõ dous executores da Paixaõ de Christo. O odio dos Judeos lhe tirou o Sangue com a violencia dos tor-

Luc. 22. 44.

Cassian.

Ibid. v. 43.

A' Lapid. in Luc. 22.

tormentos : e o amor de Christo voluntariamente dava o mesmo Sangue, antes que lho tirassem. E bem; porque se Christo só á força dos tormentos désse por nós o Sangue, parecêra que em sua Paixaõ só era executor o odio, naõ se manifestando o amor, que com mais forte impulso o incitava a padecer. Pois para que este se manifeste, dispôs Christo dar por nós duas vezes o proprio Sangue: Huma vez á força de seu amor; outra á violencia de seus tormentos. Na primeira obrou puramente o amor, sem cooperar a culpa : na segunda cooperou a culpa, porque obrou o odio. Em huma triunfou a tyrannia : em outra se ostentou victorioso o amor : *Vehementia amoris fecit, ut ex corpore Christi Sanguis stillaret.*

37 Assim tambem (e com motivo tanto mais urgente, quanto mais amoroso) para redempçaõ, e preservaçaõ de sua Immaculada Mãy, duas vezes offereceo Christo o preciosissimo Sangue de seu lado; huma no Sacrificio do Altar, outra no Sacrificio da Cruz. De huma vez concorreo a impiedade da lança, movida a impulso do odio : de outra vez obrou puramente o amor, sem que cooperasse a culpa. Corrigio o amor no Sacrificio do Altar o sacrilegio, com que a lança faria sahir o Sangue do lado de Christo Crucificado; para que o mesmo preço da redempçaõ de Maria Santissima, ao qual precedeo a culpa, com que se rasgou, e abrio o lado de Christo, fosse (quando offerecido no Sacramento) puramente obra de amor, sem concurrencia, e sem nota da menor culpa : pois assim se proporcionava com mais esta propriedade ao seu fim especial, e particular effeito da re-

dempçaõ prefervativa da Immaculada Mãy. Naõ fe podia efperar menos daquelle coraçaõ amorofo, e daquelle taõ generofo, como agradecido peito, que derramando pela fonte do lado o proprio Sangue, pertendia finamente conrefponder a quem lhe deo para incarnar o Sangue de feu amantiffimo coraçaõ. *Liber generationis Jefu Chrifti. Dominicæ Matris Conceptionem colere, Chrifti generationem eft commemorare. Affer manum tuam, & mitte in latus meum.*

§. VII.

38 DEftes difcurfos, e defta materia, que devemos dar por concluida, eftá efperando a attençaõ, com que me ouviftes, faber qual feja a conclufaõ, que tiramos, para gloria, e credito da Mãy de Deos, e do myfterio puriffimo de fua Conceiçaõ Immaculada. Que mais importa a efta Senhora (me direis) fer efpecialmente remida, e prefervada com o preciofo Sangue do coraçaõ, que com o de outra parte do Sacrofanto corpo de Chrifto? Se todo elle fe unio á Divindade, que mais tinha fahir do lado o preço defta redempçaõ, ou que menos fahir por alguma das outras Chagas?

39 Eftá bem notado; mas com outro reparo fatisfarey ao voffo. Diz S. Marcos, que fubindo Chrifto aos Ceos, fe affentou á maõ direita de Deos: *Sedet à dextris Dei.* He certo que em Deos naõ ha maõ direita, ou efquerda, nem differença de lado mais, ou menos eftimavel; porque além de fer incorporeo, he Immenfo, e Individual. Mas he fem duvida, que com efta expreffaõ

Marc. 16. 19.

pressaõ nos declarou o Evangelista o Throno excellentissimo, e a honra incomparavel a que a humanidade de Christo foy exaltada na Gloria. Tambem assim: qualquer porçaõ minima do Sangue de Christo he de estimaçaõ, e preço infinito; mas em escolher Christo especialmente o Sangue de seu coraçaõ, para com elle remir, e preservar da culpa a sua Mãy Santissima, mostrou a singular excellencia de sua preservaçaõ.

40 Na admiravel fabrica da organizaçaõ humana naõ obrou o Artifice da natureza peça mais nobre, e mais necessaria, que o coraçaõ. Por isso no meyo do corpo humano, como no centro do abbreviado Mundo, lhe destinou lugar taõ principal, como resguardado: *Cor est principale in animâ, & certo in corporis recessu consecratum*, disse Tertulliano. Para elle se distribue o sangue mais puro, e mais precioso: e este dispôs Christo, fosse o preço da redempçaõ, e preservaçaõ de sua Mãy Purissima. Pelo que mais se estima, se dispende o mais precioso; e dispendendo Christo por Maria Santissima o Sangue mais precioso, mostrou a incomparavel estimaçaõ, que faz della. He o coraçaõ a primeira parte, que no homem vive, e a ultima, que nelle morre, como dizem os Filosofos com Aristoteles: *Primum vivens, & ultimum moriens.* Do coraçaõ de Christo sahio o preço desta Immaculada Senhora, que era principio, e fim das operaçoens de Christo. Por ella principiou a remir, e dar vida ao mundo: *Dominus possedit me in initio viarum suarum*, se diz no Livro dos Proverbios. *Initium salutis nostræ, & secundæ formationis*, lhe chamou S. Germano Pa-

Tertull. lib. de Anima 15.

Prov. 8. 22.

D. German. Constant. Serm. in Nativ. B. V.

triarcha de Conftantinopla. E, como diz S. Bernardo, efta mefma Senhora foy tambem o fim de incarnar o Filho de Deos, e remir o homem : *Propter hanc homo redemptus eſt, propter hanc Deus homo factus eſt.* Queria Chrifto que a fua vida, do primeiro até o ultimo alento, fe empregaffe toda em preço da prefervaçaõ de fua Immaculada Mãy; e traçou dar por ella o Sangue, com que o coraçaõ era a primeira parte para viver, e a ultima para morrer. Traçou offerecer em redempçaõ della o Sangue, que depois de morto derramou do lado, e o que ainda eftá confervando vivo no Sacramento. Efta he a gloria, efta he a honra, que refultou a Maria Santiffima de fer remida, e prefervada da culpa, a preço do Sangue do coraçaõ de Chrifto. Gozem-fe os devotos defta Immaculada Senhora, e de fua Conceiçaõ Puriffima no reconhecimento de taõ apreciavel myfterio. Offereçaõ a Deos a gloria, que tem, por haver incarnado em huma Mãy taõ pura, e taõ limpa de toda a culpa. Rendaõ-lhe as graças por fe dignar de a remir á cufta de taõ preciofo, e incomparavel difpendio : por cujo merecimento, e pela interceffaõ da mefma Senhora, feremos participantes da eterna Gloria.

D. Bernard. fupra cit.

SER-

SERMAÕ II.

NAS EXEQUIAS

Do Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Bispo do Rio de Janeiro

D. Fr. ANTONIO DE GUADALUPE,

Da Ordem de S. Francisco da Provincia do Reino de Portugal, fallecido em Lisboa, no Convento de S. Francisco da Cidade, para onde voltou eleito Bispo de Vizeu.

Prégado na Sé do Rio de Janeiro, em 26. desse mez, no anno de 1741.

Pater eram pauperum, & causam, quam nesciebam, diligentissimè investigabam: conterebam molas iniqui.... dicebamque, in nidulo meo moriar, & sicut palma multiplicabo dies. Ex lib. Job c. 29.

§. I.

1 QUELLA noticia taõ triste, como insperada, que (quando menos) emmudeceo a todos os que a ouviraõ: aquella infausta nova, que tanto se apressou para nos certificar da morte, sempre lamentavel, do Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor D. Fr. Antonio de Guadalupe, Dignissimo

Bispo desta Diocese, eleito para a de Viseu, depois de hum profundo, e largo silencio, com que nos suspendeo, agora me obriga a trocar o silencio em vozes, e a suspensaõ em discursos: ou para assim expressar a nossa pena, ou para assim encarecer a nossa perda.

2 Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor. Naõ permittio a rara modestia de V. Excellencia Reverendissima, que em suas exequias houvesse Oraçaõ Funebre, e assim o recommendou; porque nem para depois da morte quiz dar permissaõ ao louvor proprio. Talvez que em cumprimento desta ultima vontade de V. Excellencia Reverendissima, duvidasse eu enxugar segunda vez as lagrimas, com que este Bispado, em menos de vinte annos, chora a perda de dous Prelados taõ insignes. Mas por dar algum desaffogo á grande pena, em que submergidos se opprimem os nossos coraçoens; sem faltar ás disposiçoens de V. Excellencia Reverendissima, que sempre observey com summa veneraçaõ, serey agora ouvido, naõ como Orador de suas raras virtudes, mas como relator do que V. Excellencia Reverendissima algumas vezes repetiria, antes que trocasse o serviço pelo premio, o desterro pela patria, e a terra pelo Ceo, onde todos o suppomos descançando já.

3 Quando a dor, ou o sentimento he grande, brota em diversos, e bem contrarios effeitos. Já emmudece, porque tira a falla: já a restitue, porque faz dar vozes. Esta he precisamente a razaõ, com que nesta hora se converte o silencio em vozes demonstrativas daquella grande magoa, que nos emmudeceo atégora. Muy pouco se rendeo á

pena,

pena, quem promptamente deo moſtras do ſentimento. Mas naõ deixará de ſe moſtrar alguma vez ſentido, quem ſe vê penetrado de alguma grave pena; porque o meſmo ſentimento, que emmudeceo a lingua, ſoltará as vozes para ſe manifeſtar, naõ podendo reprimir-ſe mais.

4 Morto infelizmente o General Abnér, bem deſejou David que antes de ſe lhe fazerem as Exequias, principiaſſem os clamores, e lagrimas de todo o Exercito: *Plangite ante exequias Abnér.* 2.Reg.3.31. Porém ſe advertidamente lermos o Sagrado Texto, acharemos que antes de o darem á ſepultura naõ ſe vio huma ſó lagrima em todo o Exercito, nem ſe ouvíraõ laſtimoſas queixas, em que para deſaffogo brotaſſem tantos coraçoens afflictos. Depois de ſepultado Abnér, David rompeo o ſilencio, e ſoltou as lagrimas, honrando-lhe o tumulo com as que derramou ſobre elle: e o mais povo á imitaçaõ do Rey fez o meſmo: *Cumque ſepeliſſent Abnér in Hebron, levavit Rex David vocem ſuam, & flevit ſuper tumultum Abnér, flevit autem & omnis populus.* Já eſtais notando, e admirando em huma meſma cauſa dous taõ contrarios effeitos. Que occulto impedimento foy o que antes deteve as lagrimas, e reprimio as vozes a todo o povo? Que ſecreto impulſo foy o que depois lhe expedio as vozes, e lhe ſoltou as lagrimas? Tudo era natural effeito de huma ſó cauſa. A noticia taõ ſenſivel de ſer morto Abnér, quando mais lhe deſejavaõ a vida, tanto penetrou os coraçoens a todos, que os deixou quaſi mortos para as expreſſoens, com que próvida a natureza ſe deſopprime em ſimilhantes caſos. Mas co-

brando

brando depois alentos em vozes, e lagrimas, deraõ mostras do sentimento, que a todos teve quasi desanimados. A' vista do tumulo de Abnér terminou David o silencio, principiando hum Funebre Panegyrico. Tambem á vista deste Mausoléo taõ triste, será justo fique sepultado o silencio, em que atégora estivemos, principiando o discurso, e a lingua a expressar na nossa perda os motivos da nossa pena. Mas para que o faça, observando a inviolavel disposiçaõ do nosso Dignissimo, e Veneravel Prelado, será elle mesmo o que mais viva, e efficazmente nos dê a conhecer quanto perdemos com a sua morte.

5 Se ouvistes com attençaõ as palavras, que me occorrêraõ, buscando as que para thema fossem proprias, talvez entenderieis que applicadas a si as proferio o Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Bispo, quando vivo. Ide reflectindo nellas: *Pater eram pauperum:* eu era o pay dos pobres: *Et causam, quam nesciebam, diligentissime investigabam:* com exactissimo cuidado examinava quantas causas pendiaõ de minha providencia, por naõ tomar nellas deliberaçaõ, sem pleno conhecimento da verdade: *Conterebam molas iniqui:* per eguia, e castigava severamente aos máos. E attendendo para o bom serviço, que nisto fazia a Deos, com muita confiança em sua Piedade, e na retribuiçaõ de sua Justiça, dizia: Hey de acabar no meu ninho, e morrendo nelle, multiplicarey os meus dias, como a Feniz, que morrendo multiplicava os seus: *Dicebamque, in nidulo meo moriar, & sicut Phenix* (segundo o Texto Grego, e algumas versoẽs) *multiplicabo dies.*

Sic in Textu Græc. & in Vers. Rab. Salomon. & Pagnin.

6 Se

6 Se eu encontrára este Texto fóra do Livro de Job, naõ dissera que estas palavras eraõ delle. Tivera para mim que o Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Bispo as escreveo, e accommodou a si. As lagrimas, com que tantos pobres choraõ o seu desamparo, na falta deste Prelado, bem o estaõ acclamando pay dos pobres: *Pater eram pauperum.* A total comprehensaõ, que Sua Excellencia Reverendissima tinha de todo o seu Bispado; o acerto, com que reparava qualquer accidente, que se lhe offerecia na administraçaõ delle; a rectidaõ, com que occorria ás desordens, que aconteciaõ; qualificaõ as diligencias, com que examinava quantas causas pertenciaõ ao seu Pastoral Officio: *Causam, quam nesciebam, diligentissime investigabam.* Os vicios, que este grande Prelado extirpou em todo o Bispado: os costumes, que nelle reformou: o castigo, que sempre teve prompto para os delinquentes; testimunhaõ agora o muito que elle abominava aos que eraõ máos: *Conterebam molas iniqui.* O premio de tantos serviços feitos a Deos, e a este Bispado, foy o recolher-se S. Excellencia Reverendissima ao seu ninho, isto he, á sua Religiaõ, para (como desejava) morrer nella: *Dicebamque, in nidulo meo moriar:* e depois da feliz morte, que teve, estar já na Gloria (assim o suppomos todos) multiplicando na Eternidade os seus dias: *Et sicut Phœnix multiplicabo dies.*

7 Permitta-me agora V. Excellencia Reverendissima que, pois me ha impossibilitado a offertar-lhe hum Funebre Panegyrico, entre ao menos a ponderar o que nos offerecem os periodos

do

do thema, como proferidos por V. Excellencia Reverendissima, e como taõ ajustados ás acçoens de sua vida, sempre digna de nossa memoria, e naõ menos de nossa saudade: e concederá por este meyo huma grande consolaçaõ á nossa pena, e hum grande alivio á nossa magoa, quando piamente concluirmos que tem renascido na Gloria hum Prelado, que acabou taõ cheyo de merecimentos para com Deos.

§. II.

Paper eram pauperum.

8 ERa S. Excellencia Reverendissima o pay dos pobres; e porque neste mundo mais saõ os pobres de bens espirituaes, que os de bens temporaes, de huns, e outros entende a Glossa o Texto do nosso thema. Aos pobres espirituaes acodia S. Excellencia Reverendissima, como pay, nos muitos Sermoens, que prégava: sendo nelles igualmente admiraveis a doutrina, e o espirito, com que a persuadia. O espirito era aquelle com que em Portugal, no exercicio de Missionario, converteo tantas almas para Deos, quantas tirou do caminho da perdiçaõ. Com esse fez no Bispado grande fructo; porque com elle animava a doutrina dos seus Sermoens, em tudo proprios do Officio, e Dignidade de Bispo. Meu grande Padre Santo Isidoro, Arcebispo de Sevilha, e luz clarissima naõ só de toda Hespanha, mas de toda a Igreja, escrevendo a seu irmaõ S. Fulgencio, Bispo de Carthagena, o como deve prégar hum Bis-

po, lhe dizia assim: *Hujus Sermo debet esse purus, simplex, apertus.* Os Sermoens do Bispo devem conter huma doutrina pura, simplez, e clara: *Unumquemque admonens diversâ exhortatione, juxta professionem, morumque qualitatem.* De tal sorte ha de prégar o Bispo, (dizia o Santo Doutor) que a sua doutrina, sendo para todos, sirva de exhortaçaõ particular a cada hum, segundo o particular estado, e costumes de qualquer delles. Difficultoso empenho, e por ventura impossivel! Mas naõ prégava de outra sorte S. Excellencia Reverendissima.

D. Isidor. ad Fulgent. lib. 2. Offic. c. 2.

9 A sua doutrina era pura; porque era ajustada aos preceitos, e conselhos de Christo: e era conforme aos dictames dos Santos Padres, e Varoens espirituaes. Era huma doutrina simplez; porque era sem ornato de discriçoens inuteis, despida de conceitos curiosos, que divertem o entendimento sem o convencer, e recreaõ a vontade, quando a deviaõ reprehender. Era clara; porque ainda contendo pensamentos muy altos, estes eraõ expostos com tanta luz, que se faziaõ comprehensiveis á intelligencia de todos os ouvintes. As razões, com que persuadia, e convencia, além de efficazes, eraõ taõ evidentes, que se ajustavaõ á capacidade de quantos o ouviaõ. Achavaõ-se na doutrina deste Prelado exhortações para todos; porque era regulada com muita propriedade, e conveniencia ás varias condiçoens, e empregos dos ouvintes: e sempre dirigida á correcçaõ dos vicios mais predominantes em cada huma das pessoas de taõ differentes estados.

10 Naõ podia S. Excellencia Reverendissima dou-

doutrinar, e inſtruir peſſoalmente a todos os ſeus ſubditos; porque naõ podia prégar em tantos povos, e taõ diſtantes, quantos ha neſta dilatadiſſima Dioceſe; mas como verdadeiro pay, que ſe naõ eſquece dos filhos, que tem auſentes, a toda a parte enviava Miſſionarios, nos quaes multiplicado, ou reproduzido, pudeſſe eſtar em todo o ſeu Biſpado prégando, e doutrinando, poſto que naõ eſtiveſſe preſente em todo o Biſpado: *Beati, qui ſeminatis ſuper omnes aquas immittentes pedem bovis*, diſſe Iſaías. Bemaventurados os que prégaõ a palavra de Deos em todos os povos, mandando a elles Miſſionarios. Ouvi a expoſiçaõ do A' Lapide, e commum dos Interpretes neſte lugar: *Super omnes populos, immittentes prædicatores, & operarios Evangelicæ, & ſalutiferæ meſſis.* Parece que ſe confunde, ou ſe contradiz o Profeta. Se falla dos que mandaõ Miſſionarios, que vaõ prégar aos povos: *Immittentes pedem bovis*; como diz, que em todos os povos eſtaõ prégando: *Seminatis ſuper omnes aquas?* Porque quem manda Prégadores, e Miſſionarios, quando naõ póde ir peſſoalmente prégar, neſſes meſmos Prégadores, neſſes meſmos Miſſionarios vay, como reproduzido, a prégar em todos os povos: e em tantas partes ſe acha preſente para a prégaçaõ, e doutrina, em quantas ſe achaõ os ſeus Miſſionarios prégando: *Seminatis ſuper omnes aquas, immittentes pedem bovis.*

Iſai. 32. 20.

A' Lap. hic.

11 Naõ menos acodia S. Excellencia Reverendiſſima, como pay, aos pobres de bens temporaes. Notoriamente o moſtrou aſſim na providencia, com que para os meninos orfaons fundou hum

hum Recolhimento, e para outros hum Seminario. Verdadeiramente era pay quem á porta do seu Palacio dispendia huma multidaõ de esmólas quotidianas, além das muitas que fazia distribuir pelo Bispado, as quaes sendo, além de muitas, grandiosas; sempre lhe pareciaõ limitadas, e diminutas: porque ainda quando excediaõ a necessidade dos que pediaõ, naõ igualavaõ ao desejo, que S. Excellencia Reverendissima tinha de os soccorrer mais copiosamente.

12 Certa pessoa, com quem a natureza, e a sorte se mostráraõ liberaes na honra, e avàras nos cabedaes, achando-se opprimida, e necessitada, recôrreo ao pay dos pobres para o remedio. Expôs-lhe a sua oppressaõ, e ouvindo-a S. Excellencia Reverendissima, entrou a affligir-se, mais que se fora propria: porque dizia naõ ter nessa occasiaõ com que a remediasse na fórma, que lhe dictava a sua commiseraçaõ. Recolhendo-se porém voltou logo com trinta dobras, que offereceo com huma encarecida satisfaçaõ de dar taõ pouco. Vio-se provído o necessitado, e o pobre remediado com mais do que podia pertender, e esperar; e cheyo de pasmo, expunha o caso, dizendo: Dá o Senhor Bispo esta esmóla taõ grandiosa, e se afflige porque dá taõ pouco! O certo he, que sendo para o necessitado muito o que recebeo; porque naquella occasiaõ lhe bastaria menos: para a commiseraçaõ de S. Excellencia Reverendissima o que dava era muy pouco; porque a qualquer pobre, por muito que désse, desejava dar muito mais.

13 Quando Elcana repartia dos sacrificios,

que

que tinha offerecido em Silo, com as ſuas duas mulheres, e filhos, diz a Sagrada Hiſtoria que cheyo de triſteza dava a ſua mulher Anna a parte, que lhe tocava: *Annæ autem dedit partem unam triſtis.* Se neſte lugar examinarmos a propriedade do Texto original Hebraico, a porçaõ de Anna era ſempre a melhor, e a mayor, porque valia por duas; e ſegundo eſta intelligencia, expuzeraõ huns: *Partem unam, ideſt præcipuam.* Outros interpretáraõ: *Partem duplicem.* Comeſtor, inſigne Meſtre da Hiſtoria Eſcholaſtica, explicou aſſim: *Unam æquipollentem duabus.* A razaõ o eſtá perſuadindo tambem; porque como Elcana amava com exceſſo a Anna, o amor o fazia mais liberal com ella: *Annæ autem dedit partem unam præcipuam, æquipollentem duabus; quia diligebat eam.* Pois como ſe entriſtece Elcana, quando taõ largamente diſpende com quem ama? Por ventura, taõ miſero ſeria Elcana, que choraſſe o que deo a quem tanto amava? Naõ, mas antes pelo contrario; porque lhe naõ naſcia a triſteza do que dava, ſim de que dava muy pouco: *Non quidem de donatione, ſed de exiguitate donationis*, diz Mendoça. Porém aqui mayor duvida, porque creſce agora a difficuldade. Dá Elcana em dobro mais do que Anna podia eſperar, e ainda ſe moſtra que ficava triſte, porque lhe dava muy pouco? Sim; porque Elcana ainda quizera dar muito mais a Anna: *Quia voluiſſet dare plures partes Annæ*; concluhe aqui o Grande Abulenſe: e quem deſeja dar mais, ſe afflige quando dá menos, poſto que chegue a dar muito: *Annæ vero dedit partem unam præcipuam, æquipollen-*
tem

1. Reg. 1. 5.

Ibid.

Mendoç. in hunc loc.

Abulenſ. hic.

tem duabus, triſtis; quia voluiſſet dare plures partes Annæ.

14 Deſta natureza era a afflicçaõ de S. Excellencia Reverendiſſima, quando taõ liberalmente ſe havia em ſoccorrer a pobreza. Dava trinta dobras a hum neceſſitado, que talvez era em dobro mais do que lhe baſtaria para remediar a neceſſidade, com que chegou a pedir, e ainda ſe affligia, como ſe déra muy pouco; porque dando tanto, ainda deſejáva dar aos pobres muito mais: *Triſtis non quidem de donatione, ſed de exiguitate donationis. Quia voluiſſet dare plures partes.*

15 Oh ſe eu pudéra tambem dizer com individuaçaõ, e clareza a multidaõ de eſmolas ſecretas, com que o Excellentiſſimo, e Reverendiſſimo Senhor Biſpo acodia a tantas neceſſidades occultas, e a tantas caſas pobres, e honradas, ſendo igualmente grandes a deſpeza, e o recato, com que eſta ſe encobria! Para certa caſa ſey eu (e naõ ſó eu) que foraõ de huma vez cem mil reis para luto das filhas, quando lhes morreo a mãy. E confeſſa o pay que recebeo eſta eſmola, ſem que alguma vez houveſſe tratado, ou fallado com o Excellentiſſimo, e Reverendiſſimo Senhor Biſpo. Tambem ſe ſabe de outro, que em repetidas eſmolas chegou a receber mil cruzados para alimentos de ſuas filhas, que pobremente vivem recolhidas. Nem ignoramos que muitas caſas neſta Cidade, e fóra della paſſavaõ com as mezadas, que recebiaõ de S. Excellencia Reverendiſſima, quando menos eſperavaõ eſta providencia.

16 Em fim: Sabe-ſe que o Excellentiſſimo, e Reverendiſſimo Senhor Biſpo diſpendio muito ca-

bedal em eſmolas ſecretas: e as meſmas razoens, a que elle attendia, para as naõ fazer publicamente a taes peſſoas, me obrigaõ a paſſar em ſilencio o mais que aqui ſe póde dizer, ou que ſe naõ póde dizer aqui. Nem he neceſſario que ſe diga, para confeſſarmos que S. Excellencia Reverendiſſima era o pay dos pobres; porque nem Job nos declarou as eſmolas, que dava, e com tudo dizia que era o pay dos pobres: *Pater eram pauperum.* Eu reflectindo nas circunſtancias, com que S. Excellencia Reverendiſſima fazia eſtas eſmolas ſecretas, acho que juſtamente merecia nomear-ſe pay dos pobres, pela razaõ eſpecial de acodir a muitas peſſoas com eſmolas, ſem que ellas tiveſſem o incommodo de lhe repreſentar a propria neceſſidade occulta; ou a difficuldade de vencer o pejo natural de pedir. O ponto era ſaber S. Excellencia Reverendiſſima a neceſſidade de peſſoas pobres, que com honeſtidade viviaõ recolhidas; porque iſſo baſtava para tomar o remedio dellas à conta de ſua providencia, pois era pay dos neceſſitados, e pobres.

17 Querendo Chriſto ſocegar o deſvélo, que tinhaõ ſeus Diſcipulos em ſolicitar o preciſo para paſſar a vida, lhes diſſe eſtas palavras: *Nolite ſoliciti eſſe dicentes, quid manducabimus, aut quid bibemus .... ſcit enim Pater veſter Cæleſtis, quia his omnibus indigetis.* Naõ vos dê cuidado (lhes dizia) a falta de ſuſtento, ou de veſtido; porque no Ceo tendes hum Pay, que bem ſabe as voſſas neceſſidades. Ainda lhes diſſe mais; porque tambem lhes diſſe que nem gaſtaſſem muitas palavras em pedir a Deos que os remediaſſe; por-

Matth. 6. 31. 32.

que

que este Pay Celestial, antes que elles pedissem, já sabia o de que elles careciaõ: *Orantes autem nolite multum loqui;.... scit enim Pater vester, quid opus sit vobis, antequam petatis eum.* Eu naõ sey se esta razaõ de Christo era sufficiente para tirar o cuidado aos seus Discipulos. Se lhes dissera que no Ceo tinhaõ a Deos, que lhes promettia soccorrer nas necessidades em que se viaõ, poderia aquietar-se o desvélo dos Discipulos; porque na promessa de Deos naõ tinhaõ que duvidar. Mas o dizer-lhes sómente que Deos sabia as suas indigencias, podia bastar para os consolar, ou para que elles deixassem de pedir, huma, e outra vez, o de que necessitavaõ? Se o remedio dos que padecem pendêra só de que Deos visse as suas necessidades, nem huma estivera já sem remedio; porque Deos está vendo todas. Mas se Deos vê o que todos os pobres padecem, e nem por isso saõ todos os pobres remediados; como queria Christo que os Discipulos ficassem socegados, só com lhes dizer, que Deos sabia no Ceo o de que elles na terra careciaõ: *Scit enim Pater vester, quid opus sit vobis, antequam petatis eum?*

Ibid. 7. 8.

18 Porque na mesma occasiaõ advertio Christo aos Discipulos, que Deos se mostrava especialmente para elles como Pay, e naõ menos que duas vezes, lhes fez esta advertencia: *Scit enim Pater vester. Scit enim Pater vester Cœlestis.* Estejaõ pois os Discipulos descançados, e sem cuidado: *Nolite soliciti esse*; nem gastem muitas deprecaçoens em pedir a Deos que os remedee: *Orantes autem, nolite multum loqui*; porque para hum pay acodir á pobreza, e necessidade dos

que tem por filhos, basta-lhe saber que os taes filhos estaõ necessitados: *Scit enim Pater vester Cœlestis, quia his omnibus indigetis.*

19 O fundamento desta razaõ, e com que se ella faz infallivel, he; porque a natureza ternamẽte unio as entranhas dos pays com vinculo taõ estreito aos filhos, que naõ podem estes padecer, sem que aquellas se compadeçaõ. Morto á fome, se falto de vestido, buscou o Prodigo a casa de seu pay, para lhe pedir por esmola o que a titulo de herança já naõ tinha. De longe o vio o pay, e apenas o vio, quando se lhe commoveraõ as entranhas, para buscar o filho: *Vidit illum pater ipsius, & misericordia motus est.* Ou como lemos no Texto Grego: *Intimis visceribus motus est.* Logo o mandou prover de vestidos: *Cito proferte stolam primam, & induitẽ illum*: Logo dispôs que se preparasse boa mesa para o filho, que vinha taõ faminto: *Adducite vitulum saginatum, & occidite, & manducemus, & epulemur.* Todos os Santos Padres, e Expositores reparaõ em que o pay usasse com o Prodigo taõ excessiva piedade. Até o irmaõ do Prodigo se queixou, vendo que o pay com aquelle filho se fazia tambem prodigo. Sem primeiro o reprehender, pelo estado vil em que veyo a parar: sem lhe ouvir a confissaõ de seus erros, com que o Prodigo se prevenia para fallar ao pay: e sobre tudo, sem que o Prodigo chegue a pedir o de que necessita, já o pay o remedêa de tudo? Sim. Daõ os Santos Padres a razaõ, e o Texto tambem a dá taõ propria, como natural, dizendo: *Vidit illum Pater ipsius.* Vio o pay aquelle seu filho taõ necessitado, e taõ miseravel. Bas-

Luc. 15. 20.

ta

ta que era pay: *Pater ipsius*? Pois bastará tambem que veja necessitado o filho: *Vidit illum.* Nem era necessario mais, para que a misericordia lhe commovesse as entranhas a remediá-lo com o vestido, e com o sustento: *Misericordia motus est; induite illum. Manducemus, & epulemur.*

20 Naõ sey se o caso do Prodigo foy só parábola para nossa doutrina, ou se tambem foy em parte literal historia, da qual se valeo Christo, para instrucçaõ nossa. Porém sey, que nelle se retratou a propensaõ mais forte, com que a natureza commove as entranhas de quem he pay á commiseraçaõ de seus filhos, para os soccorrer, tantoque os vé necessitados; porque o commover-se, e enternecer-se, para acodir á necessidade com o remedio, sómente porque se chegou a ver o necessitado, parece que he proprio só de paternaes entranhas.

21 O sagrado Texto chamou aos filhos de Jacob filhos tambem de Jozé: *Filios Jacob, & Joseph.* Se Jozé era filho de Jacob, como podiaõ ser filhos tambem de Jozé os que eraõ seus irmãos, por serem tambem filhos de Jacob? Na mesma historia de Jozé descobrimos a propriedade, que observou, e com que fallou o sagrado Texto neste caso. Subdito a seu imperio, e a seu mando tinha Jozé todo o Egypto, quando vio a seus irmãos taõ pobres, e taõ necessitados, que nessa regiaõ estranha buscavaõ remedio á sua necessidade, e meyos de conservar a vida. Esta vista foy o que bastou para commover as entranhas de Jozé a se compadecer da pobreza, e miseria de seus irmãos: *Commota fuerant viscera ejus.* Sem ser rogado acodio

Genes. 43. 30.

acodio á neceſſidade de todos elles com veſtidos, e com o ſuſtento; porque huma natural commiſeraçaõ entranhavelmente o enternecia para os ſoccorrer, tantoque os vio em neceſſidade. Lede o capitulo 45. do Geneſis, e achareis nelle o que digo. Bem; pois naõ buſquemos razaõ mais propria de ſer Jozé reputado pay de ſeus irmãos, e taõ pay como Jacob: *Filios Jacob, & Joſeph.* Diſſeramos todos, que para eſta natural commiſeraçaõ baſtaria em Jozé o ſer irmaõ; mas o Sagrado Texto o nomêa pay, porque julgou que quem aſſim ſe compadecia, para ſoccorrer a neceſſidade, tantoque a vio, naõ moſtrava ſó que era irmaõ, provava efficazmente que tambem era pay: *Filios Jacob, & Joſeph.*

Pſ. 76, 16

22 Applicay vós hum, e outro caſo para o noſſo intento, em quanto eu fallo ao noſſo memoravel pay da pobreza. Glorie-ſe V. Excellencia Reverendiſſima lá no Ceo; ou, para melhor dizer, glorifique lá no Ceo a Deos, que o fez neſte Biſpado o pay dos pobres: e allegue com tantas eſmolas ſecretas, feitas a peſſoas, que nem a pedir ſe deliberavaõ; porque já ellas eſtaõ publicando cá, que para V. Excellencia Reverendiſſima remediar ſuas neceſſidades, baſtava que tiveſſe noticia dellas: pois commovendo-ſe de miſericordia ſuas paternaes entranhas, ſoccorria logo eſſas meſmas neceſſidades, como pay que era dos pobres: *Pater eram pauperum.*

§ III.

§. III.

Causam, quam nesciebam, diligentissimè investigabam.

23 EXaminava S.Excellencia Reverendissima com summo cuidado as causas do seu Bispado, em quanto lhe faltava dellas a certeza da verdade. Se este artigo carecera de prova, qualquer de nós pudéra ser testimunha. Occasiaõ houve, em que S. Excellencia Reverendissima para averiguar certo caso, acontecido nas Minas, se naõ deo por satisfeito com as informaçoens de dous Ministros, a quem commetteo o exame delle. Expedio para a mesma diligencia dous Missionarios, que pudessem investigar inteiramẽte a verdade, sempre mais facil de se descobrir a quem mais disfarçadamente a busca. E para bem explicar o meu conceito acerca da incançavel diligencia, com que S. Excellencia Reverendissima examinava as materias pendentes do seu cuidado, direy que o empenho todo de S. Excellencia Reverendissima era que naõ chegasse a ignorar nas causas, e negocios, que lhe pertenciaõ em toda a sua Diocese. Inquirir os factos, que ignora, isso faz quem he bom Prelado: mas naõ ignorar cousa que depois seja necessario inquirir-se; isso foy excellencia deste raro Prelado, pela singular disposiçaõ com que ordenou as importancias todas de hum Bispado taõ vasto, e taõ dilatado. Aqui a ouvireis em parte, ou por mayor.

24 No que particularmente respeita aos subditos de sua Ecclesiastica jurisdiçaõ, quasi ocularmẽ-

te oeſtava S. Excellencia Reverendiſſima vendo ſempre, e obſervando todas as ſuas acçoens, empregos, e coſtumes; porque conhecia de viſta, e por ſeus nomes, quantos Clerigos havia no Biſpado: ſabia as Parochias em que viviaõ, e nellas tinha inſpectores, que de cada hum davaõ informaçaõ. E porque na vaſtidaõ, e communicaçaõ das Minas, naõ pudeſſe hum Clerigo evadir-ſe deſta comprehenſaõ, e noticia, mudando á manhaã o domicilio, que teve hoje; lhes precludio S. Excellencia Reverendiſſima eſta liberdade, e facilidade, naõ permittindo a algum, que tiveſſe uſo de ſuas Ordens fóra da Parochia deſtinada para ſua reſidencia. Eſta diſpoſiçaõ ſe fazia penoſa aos intereſſes, e dependencias de muitos; mas he certo foy muy util ao bom regimen do Biſpado; e naõ ſe duvída que para ella houveſſe algum fundamento nos Concilios Chalcedonenſe, e Tridentino, quando recõmendaõ aos Biſpos, conſignem a cada huma das Igrejas competente numero de Miniſtros. Deſta boa ordem naſcia, que apparecendo hum Clerigo do Biſpado a S. Excellencia Reverendiſſima, aindaque chegaſſe de partes muy remotas, já o achava taõ comprehenſivamente noticiado acerca de ſua vida, e acçoens, como ſe nem hum ſó dia paſſára auſente de ſua viſta. Nem menor vigilancia ſobre ſeus ſubditos ſe podia eſperar de hum Prelado, que ſabia o encargo, que tomou ſobre ſeus hombros.

Conc. Trid. ſeſſ. 23. de Refor. c. 16 & ibi citat. Cõc. Chalc.

25 Quando Deos no Teſtamento Velho diſpunha as riquiſſimas veſtimentas, para ornato do Summo Sacerdote, mandou que em ouro ſe engaſtaſſem duas pedras precioſas, e nellas foſſem gravados os nomes dos filhos de Iſrael: e que eſtas

joyas

joyas trouxesse o Sũmo Sacerdote sobre seus hombros: *Sumes duos lapides onychinos, & sculpes in eis nomina filiorum Israel.... Portabitque Aaron nomina eorum coram Domino, super utrumque humerum.* Tambem mandou, que em huma lamina de ouro se cravassem doze pedras, e nellas os mesmos nomes, cada nome em sua pedra, e com esta joya se ornava o peito do Sacerdote: *Portabitque Aaron nomina filiorum Israel in rationali judicii super pectus suum.* Porém se elle já trazia esses nomes sobre seus hombros, para que os ha de trazer tambem sobre seu peito? Por essa mesma razaõ. He Summo Sacerdote? He Pastor, com obrigaçaõ de trazer as ovelhas sobre seus hombros: *Super utrumque humerum*? Pois tambem as trará diante dos olhos, da sorte que lhe for possivel: no peito as trará, onde as possa continuamente ver: *Super pectus suum.* Reparay agora (porque muito faz para o nosso caso) que aquellas preciosas pedras, com os nomes dos filhos de Israel, por sua ordem estavaõ cravadas no ouro: desorte que huma pedra, ou hum filho de Israel, naõ podia sahir fóra do lugar que lhe coube: *Inclusi auro erunt per ordines suos*, diz o Texto; porque para aquelle Prelado trazer os seus subditos sempre á vista, e saber suas acçoens, devia consignar-lhes lugar fixo, e taõ certo, que naõ sahissem fóra delle: *Inclusi per ordines suos.*

Exod. 28. 9. 12.

Vers. 29.

V. 20.

36 Bem póde ser que aquelles nomes, que o Summo Sacerdote trazia sobre seus hombros, representassem os nomes dos Reverendos Ecclesiasticos das Mi[illegible]as deste Bispado, que estaõ postos, e tem seu domicilio sobre ouro, e entre pedras taõ

pre-

preciosas, como saõ os Diamantes, os Rubins, as Esmeraldas, os Topazios, as Safiras, e outras, que lá se achaõ em taõ grande copia, que só a experiencia lhe pode conciliar credito. Pois tenhaõ tambem esses Ecclesiasticos a sua habitaçaõ, segundo a ordem em que os puzer o Prelado: *Inclusi auro erunt per ordines suos*; porque só assim podem estar sempre na noticia, e quasi á vista do Prelado, que os traz sobre seus hombros: *Super pectus suum; super utrumque humerum*.

27 Desta vigilancia, e circunspecçaõ com que S. Excellencia Reverendissima tinha os subditos sempre á vista, naõ sómente se fazia escusado inquirir de suas acçoens, e procedimentos, mas tambem (que isto ainda he mais) procedia naõ haver nos subditos cousa digna de se inquirir; porque sabendo elles que os seus particulares todos eraõ levados á presença do Prelado, necessariamente se continhaõ com hum viver taõ conforme ao seu estado, que nem materia davaõ de inquiriçaõ.

28 O meyo admiravel, disposto pela Providencia Eterna, para a conversaõ do Principe dos Apostolos, foy que Christo olhasse para elle: *Conversus Dominus respexit Petrum, & recordatus est Petrus verbi Domini, sicut dixerat, quia priusquam gallus cantet, ter me negabis, & egressus foràs, flevit amarè.* Entrando Pedro a negar a Christo, segunda, e terceira vez o negou, sem que para deixar de o fazer, bastasse a advertencia, com que Christo o havia prevenido; nem o canto do gallo, para se lembrar da fidelidade, que promettera a seu Mestre, aindaque lhe custasse a vida. Bastou porém que Christo olhasse para Pedro; porque

Luc. 22. 61. 62.

que com esta vista se converteo, chorou a culpa, e emendou a vida. Naquelle fictar de olhos naõ diria Christo a Pedro mais do que lhe tinha dito, quando o prevenia para que o naõ chegasse a negar, nem lhe traria á memoria mais do que lhe podia lembrar o canto do gallo, que elle tinha ouvido muy bem. Pois se com as admoestaçoens precedentes ainda se obstína Pedro em negar a Christo; se ouvida a primeira voz do gallo, se naõ converte; como se arrepende, tanto que Christo põem nelle os olhos? Oh efficacia da vista de Christo para converter! E a esta imitaçaõ tambem: Oh efficacia da vista do Prelado, para que o subdito se contenha! Para ser perguntado Christo, o levaraõ á sála em que o esperava Caiphaz com os do seu Conselho; e Pedro, que seguia a Christo de longe, ficou no atrio da casa do Pontifice, onde teve a deliberaçaõ de negar a seu Mestre. Deo Caiphaz a causa de Christo por examinada, despedio os Ministros do Conselho, e a Christo levaraõ para o atrio: alli reparando com os olhos, pós a vista em Pedro: *Conversus Dominus, respexit Petrum*: e o mesmo foy considerar-se Pedro na presença de Christo, que arrepender-se. Logo advertio na voz do gallo, na qual d'antes naõ havia reparado: logo se lembrou do que Christo lhe havia dito, e do que elle se naõ lembrava já: *Cantavit gallus, conversus Dominus respexit Petrum, & recordatus est Petrus verbi Domini.* Logo se emendou, e se converteo: *Et egressus forâs flevit amarè.* Ainda naõ disse tudo. Naquelle fictar de olhos em Pedro, lhe fez Christo huma intimaçaõ, de q́ nem por estar ausente se lhe escondiaõ as suas negaçoens; porque na

Matth. 26. 57. 58.

Petrus ter Christũ negat, neque illud in domo, sed foris in atrio: & quanvis gallus cãtasset, casum suum nõ sẽsit, sed Magistri, admonitione induit, cujus inspectio, quasi vox Dñi corripientis auribus Petri insonuit.

D. Chrysost. in Caten. Græc.

na sála lhe foy presente o que elle obrara no atrio. Pois como se naõ correria Pedro! Como se naõ emendaria, e converteria: *Egressus foràs flevit amarè!* Mas naõ he isto já o que pergunto. Passo ao nosso intento, e perguntarey para o concluir: Se pela vigilancia de S. Excellencia Reverendissima lhe eraõ presentes as acçoens todas de seus subditos, qual destes se atreveria a viver livre, e licenciosamente? A reformaçaõ do Clero deste Bispado responde, que nenhum; e que delles naõ havia que inquirir; que louvar sim.

29 Atéqui, quanto aos subditos de sua Ecclesiastica jurisdiçaõ. Quanto aos subditos da jurisdiçaõ Real, como S. Excellencia Reverendissima lhes naõ podia dispor as acçoens, na forma necessaria, para a comprehensaõ de seus procedimentos; com summa diligencia inquiria nas visitas o como elles viviaõ: e destas inquiriçoens taõ exactas se colhia o fructo de muitos usurarios punidos; de muitas incontinencias habituaes corrigidas, ou com o remedio do Matrimonio, que contrahiaõ os delinquentes, ou com a total separaçaõ, e castigo dos culpados. Finalmente, á custa de suas exactissimas diligencias, pôs S. Excellencia Reverendissima este Bispado taõ limpo de todo o escandalo, que póde ser esta a melhor prova do summo cuidado, com que examinava o que naõ podia saber de outra sorte.

30 Tendo Saul a certeza de que Samuel Profeta assistia na Cidade de Ramatha, entra nella para o consultar; e perto de huma fonte, vendo certas moças, que hiaõ a encher seus cantaros, lhes fez esta pergunta, ou rompeo nesta admiraçaõ: *Num hîc*

hic eſt videns? Eſta he a Cidade onde reſide o Profeta, que vê as couſas? Boa pergunta! E porque foy Saul a Ramatha, ſenaõ porque ſabia que nella eſtava o Profeta? Naõ foy pergunta ocioſa, reſponde Rabbi Salomaõ, e com elle os Hebreos Interpretes do Teſtamento Velho: foy admiraçaõ. Vio Saul naquellas moças huma liviandade (porque certamente naõ paſſava de liviandade) e admirando-ſe do que via, arguîo ao Profeta de naõ pôr os olhos em taes deſmanchos: *Num hîc eſt videns?* Como dizendo: Se Samuel fizéra diligencia por ver, e por ſaber o que paſſa neſte ſeu povo, naõ ſeriaõ taõ livianas eſtas moças; porque o ſerem ſiſudas, ou deſconcertadas, he o mais claro teſtimunho de que o ſuperior vê, ou naõ vê o como ellas vivem.

1.Reg.9. 11.

Rabbi Sal. apud Abulenſ. in hũc loc.

31 Oh ſe Saul entrara neſta Cidade, e vira no aljube as comprehendidas: as denunciadas livrando-ſe; e tantas outras peſſoas corrigidas! Que diria? Certamente diria, mas por outro modo, o que lá diſſe em Ramatha: *Hîc eſt videns.* Aqui ſim, ha Prelado, que vê: Prelado, que pôem os olhos no que tem a ſeu cargo; porque naõ paſſa impunido, o que póde eſcandalizar. Mas diſſeſſe Saul o que diſſeſſe, digamos nós que o Excellentiſſimo, e Reverendiſſimo Senhor Biſpo punha todo o cuidado em examinar o que naõ via, ou naõ podia ſaber: *Cauſam, quam neſciebam, diligentiſſimè inveſtigabam.*

§. IV.

§. IV.

Conterebam molas iniqui.

32 PErſeguia, e caſtigava aos que eraõ máos. He o que vem a dizer eſta parte do noſſo thema; e antes que a appliquemos a S. Excellencia Reverendiſſima, conſideremos as palavras deſte periodo em ſeu proprio, e literal ſentido, proferidas pelo Santo Job. He poſſivel que aquelle Santo taõ grande, exemplo da paciencia, e varaõ que de ſua infancia começou logo a ſer compaſſivo, creſcendo igualmente na idade, e na compaixaõ: *Ab infantia mea crevit mecum miſeratio*: He poſſivel (digo) venha a gloriar-ſe huma vez, que, poſto no governo, era punitivo: *Conterebam molas iniqui*! Sim; porque iſſo meſmo era virtude: iſſo meſmo era compaixaõ. Caſtigar ao máo he virtude; porque he acto de juſtiça, que Deos tanto preza, eſtima, e tanto recõmenda. He acto de compaixaõ do proximo; porque caſtigado naõ reincidirá no delicto. Huma paciencia de Job he muy boa para ſoffrer as proprias calamidades; diſſimular porém crimes alheyos, naõ he paciencia; he froxidaõ: naõ he virtude de tolerancia; he vicio de poſilanimidade: e ſe naõ dizey-me:

Job. 31. 18.

33 Qual de dous Prelados mais agrada a Deos: hum, em quem os crimes achaõ diſſimulaçaõ, ou outro, em quem os delictos achaõ o caſtigo prõpto? Commetto a deciſaõ ao juizo dos que me ouvem. Parece-me, que a diſſimulaçaõ do caſtigo he permiſſaõ para a culpa: e ſey, que na morte fará grave

ve pezo á consciencia do Prelado, deixar impunido o delicto, e sem castigo o reo. Sirva-nos de exemplo David. Estando para morrer, chamou a seu filho Salomaõ, que lhe succedia no Reyno, e naquella hora, em que os Reys, por ultima prenda de seu amor, tiraõ do thesouro de sua experiencia, para deixar aos filhos, os conselhos mais pios, e mais prudentes para o governo; e lhes fazem as recõmendaçoens mais importantes para o acerto: lhe encarregou com encarecimento duas cousas. Huma foy, que tirasse a vida a Joab, por crimes, que nessa hora lhe relatou. Outra, que désse a morte a Semei. E accrescentou David, que isto lhe naõ fizera elle em vida; porque em certa occasiaõ lhe promettera com juramento, que o naõ havia de matar: *Juravi enim per Dominum dicens non te interficiam gladio.* Valha-me Deos, com taes recõmendaçoens de David, para a hora da morte! Se David passa toda a vida sem castigar a Joab, como na morte o condemna! Isso naõ era accusar-se a si mesmo, e fazer-se culpado por froxo, e omisso na sua obrigaçaõ? Lembra-se do juramento, que fez, de naõ matar a Semei, e ordena a seu sucessor que o mate! Que mais importava a Semei que o matasse David, ou que o mandasse matar? Tudo era o mesmo para Semei, porém David em hum, e outro caso hia a livrar-se do insoffrivel remorso, que sentia na consciencia, por haver faltado a estes delinquentes com a pena, que de justiça mereciaõ.

3. Reg. 2. 8.

34 Passemos agora do literal ao nosso caso, pois lhe vem mais accomodado. Tenho por certo, Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor, que

na

na morte nenhum gravame lhe fez a consciencia, haver dissimulado algum crime sem castigo; porque, naõ menos que Job, castigava, e perseguia V. Excellencia Reverendissima os delinquentes: *Conterebam molas iniqui.* Parece-me que está V. Excellencia Reverendissima repetindo lá no Ceo aquellas palavras que escreveo o Apostolo: *Reposita est mihi corona justitiæ*: porque já estará lográndo a coroa da justiça, que fazia.

2. Ad Tim. 4. 8.

35 Se no Ceo ha coroa especial para os Apostolos, para os Martyres, para os Doutores, e para as Virgens; porque a naõ haverá tambem para os que tiveraõ grande zelo da justiça, como resplendeceo em S. Excellencia Reverendissima? Cuidaõ muitos que no Prelado só assenta bem a piedade, e brandura: e se lhe naõ condemnaõ a justiça, reprovaõ ao menos a aspereza, em que brota o zelo de alguns grandes Prelados, quando reprehendem. Oh juizo dos homens! Oh prudencia humana, como procedes erradamente! A Escritura Sagrada muitas vezes compara o zelo com o fogo: e bem; porque nem o fogo póde arrebentar com moderaçaõ, nem o ardente zelo tem cordura quando brota. Quem reprehende sem aspereza, ordinariamente faz a reprehensaõ inutil, porque a faz insensivel a quem a ouve. Os Prelados naõ obraõ em causa propria: saõ de Deos as causas em que elles obraõ, e, por reverencia do mesmo Deos, devem reprehendê-las, e estranhá-las com tanta aspereza, quanta pede a honra de Deos injuriado, o qual tanto cargo fará no seu Juizo ao Prelado, que naõ reprehende, como ao que reprehende sem aspereza.

36 Até o presente anda, e sempre andará em opinioens o fim daquelle Veneravel Pontifice Heli; postoque, como diz S. Joaõ Chrysostomo, fosse de vida inculpavel: *Heli dico, cujus cùm vita esset irreprehensibilis.* S. Basilio Magno, S. Gregorio Nazianzeno, Santo Efrem, o mesmo S. Joaõ Chrysostomo, e S. Bento no segundo capitulo de sua Regra, e muitos outros Padres entendem que se perdeo; porque faltou com a reprehensaõ a seus filhos, sendo tal, que, por naõ molestar aos filhos com a reprehensaõ, faltou á honra que devia a Deos. *Magis honorasti filios tuos quam me*, lhe disse Deos quando o arguio. Porém no Texto he bem claro que Heli reprehendia a seus filhos, e os admoestava que naõ peccassem, propondo-lhes a enormidade de suas culpas, o escandalo, que causavaõ, e a reverencia que se deve a Deos: *Quare fecistis res hujuscemodi, quas ego audio, res pessimas ab omni populo?* dizia Heli a seus filhos: e ainda lhes dizia mais: *Nolite filii mei: non enim est bona fama, quam ego audio. Si peccaverit vir in virum, placari ei potest Deus: si autem in Deum peccaverit vir, quis orabit pro eo?* Isto naõ era reprehender, e estranhar Heli as acçoens de seus filhos? Sim era, respondem os Santos Padres: mas naõ era como devêra ser; porque os reprehendia sem se indignar contra elles: *Neque enim eo modo, quo æquum erat, adversus ipsos indignatus fuerat*, diz S. Basilio. Devia Heli reprehender os filhos com palavras asperas, e reprehendia-os com brandura: *Cum acriùs coercére debuisset, verbis tantùm lenibus monuit*, diz S. Joaõ Chrysostomo. Devia reprehendê-los com authoridade, e severidade de

D. Chrysost. Hom. 17.

1. Reg. 2. 29.

Ibid. v. 23. 24. 25.

D. Basil. in Reg. Brevior. interrog. 47.

D. Chrysost. Hom. 9. in 1. ad Timot. 3.

Bispo, e naõ com docilidade de pay, como fazia: *Redarguit, & corripuit; sed lenitate, & mansuetudine Patris: non severitate, & authoritate Pontificis*: disse, explicando-se melhor que todos, o meu S. Pedro Damiaõ.

D. Petr. Dam. Epist. 12. ad Nicol. Pont. in tom. 3. Biblioth. editionis secundæ.

37 Que exemplo deixáraõ nesta parte aquelles grandes Prelados, postos por Deos na sua Igreja, para exemplo dos que o forem? No antigo Testamento houve hum Sacerdote Phinees de taõ ardente zelo na observancia da ley, e taõ arrebatado contra os violadores della, que de huma punhalada tirou por suas mãos a vida a dous complices de hum delicto. Quantos diriaõ que se fazia indigno do Sacerdocio, e do Officio de Prelado, quem era taõ falto de brandura! Porém Deos tanto se agradou daquella acçaõ de Phinees, que em premio della lhe fez o Sacerdocio perpetuo, e hereditario em sua casa, e descendencia. S. Pedro, que em tudo foy o primeiro Prelado da Igreja, arguio com tanta severidade a Ananias, que o fez cahir morto: e sem desmayar o Santo Pontifice, á vista de taõ formidavel caso, chamou logo a Saphira, e arguindo-a da mesma sorte a deixou sem vida. O Papa Bonifacio VIII. apresentando-se-lhe hum Arcebispo de Genova, para de sua maõ receber a cinza, em huma quarta feira desta ceremonia, publicamente se lhe mostrou indignado, e aproveitando-se das palavras de que a Igreja usa em tal dia lhe fez a ameaça de o reduzir a cinzas. S. Joaõ Chrysostomo com taõ aspera liberdade reprehendia ao Imperador, á Imperatriz, e á nobreza de Constantinopla, que pareceo queria excitar contra si mesmo a furia, e conspiraçaõ, que delles experimentou.

Numer. 25.

Actor. 5.

Gautruche Hist. Eccles. in vita hujus Pontificis.

38 Com

38 Com taõ qualificados exemplos ninguem deve estranhar que S. Excellencia Reverendissima algumas vezes revestisse as suas reprehensoens de aspereza; porque indignando-se, reprehendia como Bispo, zeloso da emenda dos vicios: reprehendia como quem, no exemplo de Heli, temia a condemnaçaõ: finalmente, como quem até com a reprehensaõ castigava aos máos: *Conterebam molas iniqui.*

§. V.

Dicebamque, in nidulo meo moriar, & sicut Phœnix multiplicabo dies.

39 NO exercicio das virtudes que ponderámos, e de muitas outras, que (como sabemos) ornavaõ a S. Excellencia Reverendissima, suspirava elle pela sua Religiaõ, desejoso de acabar nella os seus dias. Lembra-me agora o Papa Benedicto XIII. de veneravel memoria, que entrando nos Conventos de sua Dominicana Religiaõ, costumava dizer: *In nidulo meo moriar.* Como se dissesse: Esta Religiaõ foy o meu ninho, em que nasci, quando no estado Religioso renasci para Deos: nella hey de morrer para eternizar a vida na Gloria. Naõ quiz Deos cumprir-lhe os seus desejos; quiz porém conresponder aos do Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Bispo. Sendo eleito para o Bispado de Viseo, com grave desprazer se transportou para Portugal, e chegando mortalmente enfermo a Lisboa, se recolheo ao seu Convento de S. Francisco da Cidade, onde vestira o

habito de Noviço da mesma Ordem, onde professou: finalmente ao seu ninho se recolheo para eternizar na Gloria os seus dias: *In nidulo meo moriar, & sicut Phœnix multiplicabo dies.*

40 E quem naõ dirá que a presente mudança de todos os Bispos da Asia, America, e Ilhas adjacentes de Portugal, para os Bispados do mesmo Reyno, seria talvez meyo disposto pela Providencia Eterna (bem que pareceo acaso) para que S. Excellencia Reverendissima tivesse a consolaçaõ de acabar na sua Ordem, e no mesmo Convento de sua profissaõ: *In nidulo meo moriar!* No anno em que Christo havia de nascer, sahio hum edicto do Imperador Romano, para que todos os seus vassallos, e subditos fossem pessoalmente matricularse ás terras de que eraõ, por seus ascendentes, oriundos. Naõ foy acaso este edicto, mas sim meyo disposto pela Providencia, para que Christo fóra de Nazareth, fóra da casa de sua Máy Santissima, no mayor desamparo, e desabrigo do inverno, fosse nascer em Belem. Talvez seria similhante a disposiçaõ, com que a mesma Providencia sempre incomprehensivel ordenou que S. Excellencia Reverendissima sahisse desta Diocese para morrer na sua Religiaõ. Parece que Deos se dava por bem servido, e muy pago daquella repugnancia, que teve S. Excellencia Reverendissima em deixar a sua Religiaõ por aceitar este Bispado; e por isso lhe dava meyos de sahir do Bispado, e tornar para a Religiaõ, que escolheo para morrer. Empregou-se a vida no serviço da Igreja, e do Bispado; porque assim o dispunha Deos: mas á conta da sua Providencia ficou dar os meyos, para que naõ fosse a morte fóra da Religiaõ.

41 Ser

41 Ser Bispo, e ir acabar na Religiaõ, em que professou! Grande felicidade! porque era deixar antes da morte os cuidados do Bispado, que na ultima hora tanto affligem. Em vida, socegadamente sem urgencias, e perturbações da morte, ordenou S. Excellencia Reverendissima todas as cousas do Bispado: entregou o governo delle, e sahio para morrer onde desejava. Saõ Pedro Celestino com resoluçaõ atégora naõ imitada, largou o Sũmo Pontificado da Igreja, e retirando-se para a sua, e minha Religiaõ, foy nella esperar a morte. Saõ Pedro Chrysologo sabendo que lhe restavaõ poucos dias de vida, deixou o seu Arcebispado de Ravena; e feitas as recommendaçoens, que devia, se retirou para a sua patria a morrer onde nasceo. Saõ Carlos Cardeal Borrhomeo, e Arcebispo de Milaõ, pouco antes de sua morte, se apartou para Monte Varalle a esperar a hora de se apartar deste mundo. Queriaõ todos estes Prelados achar-se na morte sem o cuidado de suas Dioceses. Assim aconteceo tambem a S. Excellencia Reverendissima, por Divina piedade, e altissima disposiçaõ de Deos. Oh que morte taõ feliz para quem tinha o governo de hum Bispado taõ extenso! Oh que morte taõ digna de que a desejem todos os que governaõ!

42 Escrevem os Rabbinos mais doutos, e mais versados nas Historias do Testamento Velho, que Moysés desejára ter tal morte como a de Aaram: *Moyses hoc videns desideravit talem modum mortis.* E Moysés, que tanto privava com Deos; Moysés, que era como outro Deos, por delegaçaõ delle, tinha que invejar a morte de alguem? Foy

Rab. Salom. apud Lyr. in c. 20. Num.

a morte defte grande fervo, e amigo de Deos, como hum fono muy quieto, entre os doces ofculos do mefmo Deos, que tomou á fua conta mettê-lo na fepultura por mãos dos Anjos: *Mortuusque eft ibi Moyfes fervus Domini in terra Moab, jubente Domino, & fepelivit eum.* No original Hebraico fe efcreve affim: *In terra Moab, ad os Domini.* Outros vertem: *In ofculo Domini.* E bem foube Moyfés, antes de fe partir defte mundo, a morte que Deos lhe preparava; porque no ultimo capitulo dos feus livros do Pentateuco a achamos efcrita com todas as circunftancias, e naõ por outro, fenaõ pelo mefmo Moyfés com efpirito profetico, e revelaçaõ que teve da fua morte, e fepultura, fegundo o entender de Jofepho, a quem fegue Philo. Pois que obfervaria Moyfés na morte de Aaram, para a appetecer fimilhante? O mefmo que nós iremos obfervando agora. Obfervou que, para morrer efte Summo Sacerdote, lhe ordenou Deos fe retiraffe do feu povo, e acompanhado fó de feu irmaõ Moyfés, e de feu filho Eleazaro, fubiffe ao monte Hor, e morreffe nelle: *Tolle Aaron, & filium ejus cum eo, & duces in montem Hor.... & morietur ibi.* Notou mais, difpôr Deos que no monte fe defpiffe Aaram das veftiduras Pontificaes, antes que morreffe. Havia caminhar aquelle Pontifice em habitos Pontificaes até o monte, e ahi fe havia defpir delles, e acabar a vida: *Cumque nudaveris Patrem vefte fua... Aaron colligetur, & morietur.* Oh quantos myfterios aqui fe encerraõ!

Deuter. 34. 5. 6.

Vieg. in Apoc. 14. Comment. 2. fect. 3.

Num. 20. 25, 26.

43 Naõ ha de ter aquelle Pontifice a confolaçaõ de morrer entre os feus? Antes da morte ha de

de ser privado da companhia delles? De mais. No Exodo só permittia Deos que o Summo Sacerdote usasse da tunica Pontifical dentro do Santuario, exercendo o seu ministerio: *Vestietur eâ Aaron in officio ministerii, ut audiatur sonitus quando ingreditur Sanctuarium.* Pois como agora ha de sahir com ella até o monte Hor? Se ahi a deve despir antes que morra; porque a naõ despe onde costumava? Já vedes que em tudo isto se continhaõ mysterios. Vamo-los declarando. Na tunica diz Hugo Cardeal que se representaõ os cuydados temporaes: *Tunica est temporalium cura*; e quiz Deos que alguma vez vestisse Aaram a tunica Pontifical fóra do Santuario, para assim mostrar que os cuidados do seu Officio em toda a parte o acompanhavaõ. Mas para significar tambem que antes da morte o pôs livre de todos esses cuidados, ordenou a Moysés que despisse ao Pontifice Aaram antes de morrer: *Cumque nudaveris patrem veste sua;.. Aaron colligetur, & morietur.* Esse (da mesma sorte) era o fim, de Aaram ser conduzido a morrer ausente do seu povo, como quem o naõ tinha já a seu cargo, e a seu cuidado: *Duces eum in montem Hor, & morietur ibi.* Moysés tinha tambem a seu cuidado o governo daquelle povo: e appeteceo ter a morte de Aaram; porque desejou morrer apartado, e retirado do mesmo povo, livre dos cuidados, que lhe causava o governo delle: *Moysés hoc videns desideravit talem modum mortis.*

Exod. 28. 35.

Hug. Card. in cant. 5. 3.

Num. 20. 26.

44 Morreo o Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Bispo, como desejava morrer Moysés; porque morreo como Aaram. Retirado da sua Dio-

cese, livre dos cuidados della, na companhia de seus irmãos (os Religiosos do seu Convento) e de alguns poucos da sua familia, que como filhos o acompanhavaõ: qual outro Aaram na companhia de seu irmaõ Moysés, e de seu filho Eleazaro. Deixay-me notar mais alguma circunstancia, em que a morte de S. Excellencia Reverendissima se assimilhou á de Aaram. Ordenou Deos a Moysés naõ só que no monte Hor fosse Aaram despido de suas vestimentas; mas tambem que com ellas fosse no mesmo lugar vestido Eleazaro, que lhe succedia no Sacerdocio, e Pontificado: *Cumque nudaveris patrem veste sua, indues eâ Eleazarum.* A Ley dada por Deos no Exodo, e no Levitico, dispunha que a creaçaõ, ou investidura do novo Pontifice se fizesse ás portas do Tabernaculo: mas entrou nesta parte a dispensaçaõ Divina, para que Aaram (dizem os Expositores) se consolasse na morte com a vista do successor que tinha. Nem esta consolaçaõ faltou ao Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Bispo. Depois que desembarcou em Lisboa, postoque mortalmente enfermo, ainda teve tempo sufficiente para saber o successor, que lhe estava destinado; e para se consolar, sabendo que deixava o Bispado, e o seu povo provído de hum Prelado, que terá todas as circunstancias de benemerito, segundo com experiencia provada confiamos no acerto de quem cuidadosamente o elegeo.

Ibid.

Exod. 29. Levit. 8.

45 No gozo de tantas consolaçoens mandou Deos ultimamente que Aaram, qual outro Jacob, se encolhesse para morrer: *Aaron colligetur, & morietur.* Parece que para morrer se encolhia,

Genes. 49 32. Num. 20

quem

quem estando para espirar, se despia de toda a pompa, e ornato Pontifical: *Cumque Aaron spoliasset vestibus suis.* Tambem o Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Bispo, para em todas as circunstancias ter huma morte qual outro Aaram, quiz, á imitaçaõ delle, encolher-se para morrer; porque dispôs que o enterrassem como a hum Frade da sua Ordem, sem aquelle ornato, e pompa, que se deve a hum Bispo. Qualquer pessoa encolhendo se parece menor do que he: S. Excellencia Reverendissima tanto se encolheo na morte, que ficasse parecendo hum Frade Menor. As aves encolhem as azas para que possaõ entrar em seus ninhos: e porque S. Excellencia Reverendissima queria morrer na sua Religiaõ, como a ave Feniz morre em seu ninho: *In nidulo meo moriar, & sicut Phœnix*: por este modo se encolheo para morrer: *Colligetur, & morietur.*

Ibid. v. 28.

46 Mas se morreo como Feniz, tambem renasceo já como Feniz; porque, como esperamos em Deos, já está multiplicando os seus dias lá no Ceo: *Sicut Phœnix multiplicabo dies*; para nossa consolaçaõ, e coroa de seus merecimentos. Por todos os dias da Eternidade goze V. Excellencia Reverendissima da vista de Deos na Gloria, em premio daquella doutrina admiravel, com que a tantos peccadores tirou do caminho da perdiçaõ, e a todos desejava metter no Ceo. Em premio das esmolas sem numero, com que alimentou a immensa pobreza deste seu Bispado. Em premio daquelle incomprehensivel cuidado, e pastoral vigilancia, com que o governou, castigando culpas, e extirpando vicios. Em premio de tantas, e taõ heroicas

roicas virtudes, com que Deos o quiz fazer dig-
no de ſua Gloria: e no gozo della, naõ ceſſe V.
Excellencia Reverendiſſima de rogar por nós,
para que alguma vez nos ajuntemos a louvar a
Deos, e a lograr de ſua viſta, e eterna Bemaven-
turança.

SER-

SERMAÕ III. DE N. SENHORA DO PILAR,

EM DIA DE REYS,

ESTANDO EXPOSTO O SS. SACRAMENTO, no Mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro, anno de 1741.

Ecce stella, quam viderant in Oriente, antecedebat eos, usque dum veniens staret suprà ubi erat puer. Matth. 2.

§. I.

NASCE Christo em Belem, e no Oriente apparece huma nova Estrella. (Divina, e Humana Magestade, a quem adoraõ os Reys na terra, os Thronos, as Potestades, as Dominaçoens, e os Principados no Ceo.) Nasce Christo em Belem, e no Oriente apparece huma nova Estrella, indicando o nas-

o naſcimento do novo Rey. Com illuſtraçaõ interior obſervaraõ os Magos a materia, o corpo, o tempo, o lugar, e curſo da Eſtrella: e ſeguindo-a, por Divina inſpiraçaõ, chegáraõ a Belem, acharaõ o Rey de Mageſtade Immenſa, e Eterna, naſcido menino, e recolhido em hum humilde Preſepio. Ahi o adoraraõ, e nas offertas, quelhe apreſentaraõ, o reconhecéraõ mortal, o acclamáraõ Rey, e o confeſſáraõ Deos. Eſta he a materia do Evangelho, taõ impropria (ao que parece) da preſente ſolemnidade, que ainda a faz mais difficultoſa para os Oradores. Mas a Eſtrella, que aos Magos ſervio de guia, tambem eſpero me ſervirá de norte; porque ſe aos Magos moſtrou o Rey naſcido, me moſtrará a mim o aſſumpto, que, na feſta de hoje, nunca ſe deſcobrio ajuſtado ſem Eſtrella.

2 Ouvida a Hiſtoria do Evangelho, entraõ a examinar, e diſputar os Sagrados Expoſitores, como poderiaõ os Magos, ou Reys do Oriente, á viſta da nova Eſtrella, vir em conhecimento de Chriſto, naſcido para reynar em Iſrael? Saõ Baſilio Magno, Saõ Jeronymo, Origines, Saõ Leaõ Papa, e com elles os mais dos Santos Padres, e Expoſitores, aſſentaõ que nos povos Orientaes era memoravel, e muy ſabido aquelle vaticinio de Balaam: *Orietur Stella ex Jacob, & conſurget virga de Iſrael.* Naſcerá (dizia) a Eſtrella de Jacob, e apparecerá o Rey, que ha de empunhar o Cetro de Iſrael. E como eſtes Reys do Oriente, ou felices Magos, viraõ apparecer a Eſtrella de Jacob, naõ podiaõ duvidar foſſe naſcido o deſejado Rey de Iſrael. Atéqui bem; mas ſuppoſto naõ po-

Num. 24. 17.

podiaõ os Magos duvidar do nascimento de Christo neste caso, quem os podia certificar no conhecimento da Estrella? Que informaçoens, que sinaes tinhaõ elles da Estrella de Jacob, para julgarem sem duvida ser essa a Estrella, que viraõ no Oriente?

3 Quando eu com mais cuidado solicitava sahirme desta duvida, entrey noutra mayor; porque entrey a inquirir a razaõ de se nomear Estrella de Jacob, essa que os Magos viraõ no Oriente. Em sentido historico naõ se decide facilmente esta difficuldade: só me occorre para soluçaõ o que ouvireis. Em huma noite descançando Jacob na jornada que fazia de Mesopotamia para Canaan, acorda, e se acha com hum desconhecido varaõ junto a si, que logo entrou a lutar com elle. Eis-que, já no fim da noite, apparece huma Estrella, (a que o Texto chamou Aurora, porque appareceo neste tempo, e Tertuliano lhe chama Estrella d'Alva) e o desconhecido lutador se dá logo por vencido, e trata de se retirar: *Dimitte me, jam enim ascendit Aurora.* Tertuliano verte: *Ascendit enim Lucifer.* Esta em todo o Texto Sagrado he a unica Estrella, com que se assignalou Jacob: e porque esta unicamente se podia chamar Estrella de Jacob; vem a concluir, que esta foy a vaticinada, e promettida para indicar aos Magos o nascimento de Christo Rey de Israel, quando segunda vez fosse vista: *Orietur Stella ex Jacob, & consurget virga de Israel.*

Genes. 32. v. 26.

4 O lutador desconhecido, dizem alguns Padres com Santo Hilario, e S. Justino, que era o Filho de Deos em figura humana, tentando as for-

ças, ou experimentando o esforço de Jacob, para lhe communicar os myſterios que obraria incarnando; e como o achou forte, e conſtante, lhos communicou: *Et quia inſuperabilis erat fides ejus, atque devotio, ſecreta ei myſteria revelabat*, diſſe Santo Ambroſio. O myſterio, que com mais clareza revelou Deos a Jacob na luta, direy que foy o do preſente dia de ſua manifeſtaçaõ aos Reys; porque eſta ſe vio propriamente ſymbolizada nas circunſtancias, que occorreraõ naquella luta. Ora notay. Falla Deos a Jacob depois de lutar com elle, e lhe muda o nome, dando-lhe d'alli em diante o de Israel: *Nequaquam Jacob appellabitur nomen tuum, ſed Iſrael.* E que mais tem eſte, que aquelle nome, para ſe chamar Iſrael, o que d'antes ſe nomeava Jacob? Os Santos Padres, fazendo o meſmo reparo, daõ varias interpretaçoens ao nome de Iſrael, deduzidas de ſua hebraica etymologia. Diz S. Jeronymo que Iſrael he o meſmo que Principe: *Iſrael idem eſt, quod Princeps.* Santo Agoſtinho o interpreta: *Videns Deum*; o que vê a Deos. Tudo era Jacob; porque era Principe, que vio a Deos em figura humana repreſentado. Tambem os Magos foraõ Principes, que viraõ a Deos temporalmente naſcido, e feito Homem; e já por eſta concordia, em Jacob ſe repreſentavaõ os Magos. Sahiraõ eſtes de Meſopotamia, dizem muitos Authores com o grande Abulenſe. Tambem Jacob tinha ſahido de lá. Sobre tudo, para que a taõ expreſſa figura do myſterio da Epiphania de Chriſto naõ faltaſſe a Eſtrella deſtinada para guiar os Magos, appareceo a Jacob aquella Eſtrella, que depois havia de apparecer aos Reys no Orien-

D. Ambroſ. lib 2. de Jacob. c. 6.

Geneſ. 32. 28.

D. Hier. in Tradit. Hebr. D. Aug. de Civit. lib. 16. c. 39.

Abul. in c. 24. Num. Barrad. in c. 2. Matth.

Oriente: *Afcendit enim Lucifer. Orietur Stella ex Jacob.*

5 E porque fe naõ entenda carecer de fundamento o juizo, que faço fobre a identidade da Eftrella de Jacob, e dos Magos; notay com admiraçaõ o que nella obfervaraõ os Interpretes do Sagrado Texto. A Paraphraze Chaldaica, ou Targum Jerofolymitano (que he a de mais authoridade entre os Doutores Hebreos, porque igualmente he Verfaõ, e Expofiçaõ dos feus mais famofos Rabbinos) dá o nome de Pilar á Eftrella de Jacob. Naõ lhe chama Aurora, como o noffo Texto; nem como Tertuliano Eftrella d'Alva; chama-lhe Pilar da Aurora; porque verte, e lê affim: *Jam enim afcendit columna Auroræ*; enfinuando-nos que a Jacob apparecera taõ myfteriofa Eftrella com figura de Pilar. Da Eftrella dos Magos tambem diz o mefmo, naõ menos que o Villarroel; (cuja vaftiffima erudiçaõ, e doutrina ferve de efpanto aos mais Doutos do prefente feculo) porque affirma que acabando a Eftrella o feu curfo, parára fobre o Prefepio, tornando-fe como hum refplendecente Pilar de luz, que com toda a clareza perfuadia eftar nelle o Omnipotente Rey, que folicitavaõ adorar: *Stella ducit inquirentes, perducit adoratores, & nè vagarentur inquifitione, confulentes orbis felicitati, ignea fplendens columna lucis (quæ erat ut fublimis defuper) perftitit, ufque dum veniens ftaret fuprà ubi erat puer.* Naõ me admira efta metamorphofe, ou variada figura; porque, como referem Santo Agoftinho, e outros, a Eftrella d'Alva, em tal dia como efte, muito d'antes tinha feito o mefmo. Mudou a cor, a grandeza,

Paraphr. à Judæis dicta Targum Jerofolymitanum.

Villar. Pintia, tom. 1. Taut. 5. Did. 2. n. 10.

D. Aug. 21. de Civit. c. 8. Torniell. ad ann. 2258. Perer. lib. 13 de Hist. Dilu. disp. 13. n. 19.

deza, o curſo, e a figura, quando naſceo Joze; por indicar ao mundo, que neſſe dia tivera ſeu aſſignalado naſcimento aquelle grande Vice-Rey do Egypto: *In Cælo mirabile extitit portentum, ut Stella Veneris nobiliſſima mutaret colorem, magnitudinem, figuram, curſum.* E porque ſe naõ veria, com o meſmo portento, variar de aſpecto a Eſtrella, que indicava a Jacob, e moſtrava aos Magos o naſcido Rey do Ceo, e de toda a terra? Se pois na Eſtrella de Jacob, e dos Magos vemos taõ uniformes aſpectos, ainda quando lhe obſervamos mais variada a figura, porque naõ diremos que huma, e outra era huma ſó Eſtrella?

6 Nem ha que deſcobrir congruencias, e propor razoens, quando a ſolemnidade preſente naquelle Altar, e naquelle Pilar nos propõem á viſta o que intentava perſuadir. Alli tendes a Eſtrella, que Jacob, e os Magos viraõ: *Ecce Stella, quam viderant.* A Eſtrella de Jacob, diz S. Joaõ Damaſceno, era Maria Santiſſima: *Stella fulgens ex Jacob*; e ella tambem era a Eſtrella dos Magos, no entender do Doutiſſimo Idiota: *Stella Magos ad Chriſtum adducens.* A Jacob, e aos Magos apparecia huma meſma Eſtrella, como Pilar; porque em huma, e outra occaſiaõ ſe repreſentava a meſma Senhora, e Mãy de Deos, dando-ſe já a conhecer em ſeu milagroſo Pilar. Ao Patriarca Jacob apparecia o Pilar da Eſtrella: *Columna Auroræ*; porque depois ao Apoſtolo S. Jacob havia de apparecer a Divina Aurora, e Mãy de Deos collocada ſobre hum Pilar. Tambem aos Magos apparecia a meſma Eſtrella, e o meſmo Pilar; para que a Eſtrella, que lhes deo a ver o Filho de Deos

Damaſc in Octoec: Græc.

Idiot. p. 14. cõtempl. 1.

naſ-

nascido, nos désse a conhecer o prodigio do Pilar da Mãy de Deos. Ao mysterio, que hoje celebra a Igreja, dá o nome de Epiphania, ou manifestaçaõ do Filho de Deos: e eu acho que a mesma Estrella, que manifestou o mysterio do dia, tambem nos declara o desta solemnidade. Dessa Estrella diz Santo Agostinho, que lá do Ceo dava a conhecer quanto Christo occultava no Presepio: *Abscondebatur in stabulo, & agnoscebatur in Cœlo.* O mesmo veyo a dizer S. Bernardo: *Absconditur in Præsepio, sed proditur radiante Stella de Cœlo.* Porém eu direy, que naõ menos está mostrando em Maria Santissima com titulo do Pilar (de quem a Estrella era symbolo) o mesmo que em Christo no Presepio estava occulto. Para mais declarar, e dividir o assumpto, imploremos a Divina Graça.

D. Aug. S. 2. de Epiph.

D. Ber. S. 1. de Circũcis.

AVE MARIA.

§. II.

Ecce Stella, quam viderant in Oriente antecedebat eos, usque dum veniens staret suprà ubi erat puer.

7 AQuella Estrella, que do Oriente guiou os Magos até Belem, parou sobre o Presepio, que servia de throno ao Rey nascido. Isto he o que se diz nas palavras do thema. E qual seria a confusaõ dos Magos, quando lhes fosse revelado que esse menino era o verdadeiro Deos, a quem adora a maquina deste Universo visivel, e a nobreza de todo o invisivel creado! Como a hum Deos

Eterno (diriaõ os Magos) vemos nós menino de taõ poucos dias? Hum Deos Immenſo, para cuja grandeza o mundo todo he limitado eſpaço, póde caber em taõ eſtreito lugar, como he o Preſepio? O Eterno, temporal; o Immenſo, limitado; he o que com myſterioſa advertencia notou S. Mattheus naquellas palavras: *Ubi erat puer.* Deos Eterno feito menino: *Puer*; Deos Immenſo recolhido a hum lugar: *Ubi erat*; vinhaõ a ſer os dous aſſombros, que aquella Eſtrella indicava: porque eſſa Eternidade disfarçada em Chriſto, e eſſa Immenſidade nelle occulta, eſtava aquella Eſtrella indicando, e manifeſtando aos Magos: *Abſcondebatur in ſtabulo, & agnoſcebatur in Cœlo.* O meſmo Santo Agoſtinho fez huma notavel comparaçaõ da Eſtrella dos Magos com os Apoſtolos. A' Eſtrella chamou lingua dos Ceos, e diſſe que aos Magos declarava a Eſtrella o meſmo que depois nos prégou a lingua dos Apoſtolos: *Nobis hoc nuntiavit lingua Apoſtolorum, Stella illis tanquam lingua Cœlorum.* A lingua dos Apoſtolos diſſe que o Eterno ſe encobrira com a puericia, e que ſe occultara o Immenſo quando appareceo em hum lugar: *Ubi erat puer.* A Eſtrella tambem indicava a Eternidade encuberta, e a Immenſidade occulta; mas o como podia a Eſtrella moſtrar eſſa Eternidade, e eſſa Immenſidade, eu o naõ percebera, ſe naõ houvera entendido neſte dia, que a Eſtrella dos Magos ſymboliſava a Maria Santiſſima com o titulo do Pilar; porque nella vejo reſplendecer a Eternidade, e a Immenſidade, que o Filho de Deos encobria temporalmente naſcido, e collocado no Preſepio.

D. Aug. ſup. citatus.

8 Foy

8 Foy penſamento de S. Pedro Chryſologo, que humanado o Divino Verbo deo os attributos da Divindade, e tomou para ſi os naturaes defeitos da humanidade: *Chriſtus venit ſuſcipere infirmitates noſtras, & ſuas nobis conferre virtutes: humana quærere, præſtare divina.* Tomou para ſi a puericia, e a reſtricçaõ a hum lugar, que ſaõ naturaes defeitos, ou imperfeiçoens da humanidade; mas deo a Eternidade, e a Immenſidade, que ſaõ attributos de Divindade. E a quem communicou o Filho de Deos eſtes attributos? A Maria Santiſſima; porque lhe participou quanto ſe comprehende, e encerra na Divindade: *Quidquid igitur unus trinuſque Deus poſſidet per naturam, Maria poſſidet per gratiam*: diſſe o agudiſſimo Bonherba; e para que na Mãy de Deos viſſemos de alguma ſórte reſplendecer a Eternidade, e a Immenſidade, a exaltou o Filho ſobre hum Pilar, como querendo gravar naquelle marmore eſtes dous attributos, que elle no Preſepio occultava.

D. Chryſolog. Serm. 5.

Bonher. tom. 1. Problem. in Sabb. Dom. 5. Quadr. n. 2.

9 Já diſſe a voz de Tertulliano, que no Sacramento Euchariſtico fizera Chriſto hum depoſito da Eternidade, e da Immenſidade. Naõ podendo, como verdadeiro Homem, reſidir naturalmente em muitos lugares; nem viver para ſempre, quem para morrer naſcera; inſtituìo hum Sacramento, por cuja virtude, em toda a parte pudeſſe eſtar, como ſe fora de alguma ſorte Immenſo: e pudeſſe ficar para ſempre na ſua Igreja, como ſe fora de algum modo Eterno: *Chriſtus quandam æternitatis, & immenſitatis ſpeciem largitus eſt in Sacramento: & ubique, & ſemper.* S. Gregorio Nyſſeno, e Santo Ambroſio chamaõ ao Sacramento Pilar;

Vivien tom. 2. V. Euchar. cõc. 1. p. 3.

porque

D. Greg. Nyſ. Hom 4
D. Ambroſ. in Exod. 13

porque nelle ſe firma, eſtabelece a Igreja: *Columna quæ ſtabilit.* E depois de gravar Chriſto, em memoria ſua, a Eternidade, e Immenſidade no Pilar do Sacramento; quiz que em honra de ſua Mãy Santiſſima ſe erigiſſe outro Pilar, em que tambem ſe eſcreveſſe a Eternidade, e a Immenſidade. Duas columnas muy celebres levantou o famoſo Hercules, querendo duplicar as memorias de ſuas acçoens heroicas; e porque naõ fora juſto que ſe contentaſſe Chriſto com menos padroens ás ſuas glorias; ſe para ſi erigio hum Pilar no Sacramento, para ſua Mãy Santiſſima levantou outro Pilar. Mas porque, ſendo Filho de tal Mãy, naõ deixava de ſer Deos; imprimio como Deos no Pilar de ſua Mãy a Eternidade, e a Immenſidade, que para gloria ſua eſculpio no Pilar do Sacramento: porque ambos eſtes attributos communicou a ſua Mãy Santiſſima, com o glorioſo titulo do Pilar. Vamos por partes, e procederemos com mais clareza.

§. III.

10 PRimeiramente, a ſua Mãy Santiſſima, com a invocaçaõ do Pilar, communicou o Filho de Deos aquella Eternidade, que elle em Belem occultava, moſtrando-ſe menino de poucos dias naſcido. Parece-vos incomprehenſivel, ou encarecimento; porque direis, que o Eterno nem principiou, nem acabará; mas iſſo meſmo digo eu, ou diz a Mãy de Deos, fallando do ſeu titulo do Pilar. Nem teve principio, nem chegará a ter fim. Ouçamos o que de ſi meſma diz eſta Senhora no

no capitulo vinte e quatro do Ecclesiastico, segundo o interpretaõ S. Pedro Damiaõ, e S. Boaventura. *Ab initio, & ante sæcula creata sum, & usque ad futurum sæculum non desinam.* Eu tive o meu principio (diz a Mãy de Deos) lá nesse principio, ou sem principio da Eternidade, antes que os seculos principiassem: e naõ hey de ter fim, por mais que os seculos se multipliquem. Quem ha de comprehender esta verdade taõ repugnante, e taõ fugitiva á razaõ? Vamos-lhe difficultando a primeira parte, e se a podermos vencer, entraremos a ventilar a segunda.

Eccl. 24. 14.

11 Maria Santissima he creatura: logo principiou em algum tempo; porque para existir *ab æterno*, ha impossibilidade nas creaturas. He esta Senhora descendente do primeiro homem: logo principiou a viver depois, quando de seus progenitores nasceo. Na sexta idade do mundo, veyo a elle esta perfeitissima creatura: logo antes dos secuculos naõ existia no mundo. Tudo confesso, e tudo concedo: porém neste dia temos luz para salvarmos o Texto, em que a nossa conclusaõ se funda, sem aggravo, e sem injuria de taõ fortes, como bem fundadas razoens em contrario. Se advertirmos na propriedada do Texto, diremos finalmente que fallou a Divina Sabedoria, celebrando já a Maria Santissima com o titulo do Pilar: *Ego in altissimis habitavi, & thronus meus in columna*: eis-ahi pois a razaõ de se considerar sem principio: *Ab initio, & ante sæcula creata sum*; porque Maria Santissima, como Senhora do Pilar, existio antes dos seculos, e antes de todo o principio principiou nella o titulo do Pilar. Houve já quem

Ibid. v. 7.

disse,

Villar. tom. 1. Taut. 3. Did. 12. n. 18.

disse, que a Mãy de Deos teve ser antes de ser: *Habet esse antequam sit*: e disse bem. Se nesta Senhora não houvera mais ser, que o participado de Adam; sem duvida havia principiar como creatura, quando nasceo, e principiou a viver: mas como tambem era Senhora do Pilar: *Thronus meus in columna*, podia debaixo deste titulo considerar-se *ab æterno*; e ser Senhora do Pilar, antes de ser, e antes de todos os seculos: *Habet esse antequam sit*: *Ab initio, & ante sæcula creata sum, & thronus meus in columna.*

12 Em Maria Santissima houve hum ser participado de Adam, qual foy o da natureza: e houve em Adam hum ser naõ participado por ella, e este foy o da culpa. Mas tambem houve na Senhora hum ser, que se naõ podia participar de Adam; porque nelle o naõ havia: e tal foy o de Senhora do Pilar. E como este ser, e titulo de Senhora do Pilar teve a Mãy de Deos sem dependencia do seu principio da natureza, bem podia nella ser eterno, e sem principio. Em quanto creatura, e descendente de Adam, he certo que principiou Maria Santissima nascendo; mas em quanto Senhora do Pilar, naõ se lhe descobre, nem se lhe acha principio; porque lograva este titulo antes que principiasse a viver: nem era ainda nascida, quando já era invocada por Senhora do Pilar.

13 Desde a Eternidade bradava o Divino Verbo por Maria Santissima, para que viesse ao mundo, e pelo desejo que tinha de nella incarnar, a despertava para nascer. He intelligencia de Ruperto Abbade com muitos Padres, expondo aquelle Texto dos Cantares: *Surge amica mea, speciosa mea, & ve-*

Cant. 2. 13. 14. Complut. Reg. Rup. Abb. apud Ghisl. in hūc loc.

& veni, columba mea in foraminibus petræ; ou como lê outra versaõ: *Petræ inhærens.* Ouvi a exposiçaõ de Ruperto: *Me jubebat ſurgere, & properare, id eſt, naſci.* Levanta-te, Eſpoſa minha, (dizia o Divino Verbo á Senhora, que eſcolheo para Mãy) apreſſa-te para naſcer, oh Pomba minha, tu que eſtás collocada em huma pedra. Tambem a duvida vem naſcendo. Se a Senhora ainda naõ era naſcida: *Me jubebat ſurgere, & properare, ideſt, naſci*; como em huma pedra já eſtava collocada: *Petræ inhærens?* Se ainda naõ tinha ſer, como tinha já a empreza, ou o diſtinctivo de pomba: *Columba mea?*

14 Antes de ſolver a difficuldade, notay que o Texto quaſi literalmente ſe eſtá entendendo da Senhora do Pilar. Temos no Texto a Senhora collocada ſobre huma pedra: *Petræ inhærens*; e na pedra daquelle Pilar aſſim vemos a imagem da Senhora, em cujos braços eſtá o Bendito Filho com huma pomba na maõ; talvez para que por eſte ſinal entendamos, que a pomba, por quem o Divino Verbo bradava, era a Mãy de Deos com o titulo, e invocaçaõ do Pilar. Temos já facil repoſta á noſſa duvida. Maria Santiſſima naõ tinha ainda ſer, quando o Filho de Deos por ella bradava, para incarnar, e naſcer della: *Surge amica mea, ſpecioſa mea, & veni*; e com tudo já eſtava collocada, ou exaltada em huma pedra: *Petræ inhærens*; já tinha por diviſa huma pomba: *Columba mea*; porque ſe iſto he o que hoje vemos na imagem da Senhora do Pilar, tambem antes de naſcer, antes dos ſeculos, e deſde a Eternidade, já a Mãy de Deos ſe exaltava com o prodigioſo, e admiravel titulo do Pilar: *Ab*

initio, & ante ſæcula creata ſum, & thronus meus in columna. Pois naõ ſerá de admirar que antes de naſcida foſſe já invocada como Senhora do Pilar, ou lograſſe eſte titulo antes que principiaſſe a viver: *Surge amica mea, ſpecioſa mea, & veni, columba mea in foraminibus petræ. Petræ inhærens.*

15 O paſſado melhor ſe prova com a memoria, do que ſe alcança com o diſcurſo. Eſtendamos pois a memoria por tantos ſeculos, que precederaõ á milagroſa appariçaõ do Pilar, e acharemos que ſahindo o povo de Deos do Egygto, mil quatrocentos noventa e ſeis annos antes que Maria Santiſſima vieſſe ao mundo, já era guiado por hum Pilar, que lhe moſtrava o caminho, e huma nuvem unida a eſſe Pilar o defendia do ardente Sol: *Nubes tua protegat illos, & in columna nubis præcedat eos.* A nuvem (diz o meu Damaſceno com outros Padres) era Maria Santiſſima: e já entaõ no Pilar moſtrava o titulo com que he feſtejada neſte dia. Recorrendo a factos mais antigos, lá vemos a Senhora do Pilar, naquelle, que appareceo a Jacob indo para Canaân: *Jam enim aſcendit columna Auroræ.* Retrocedendo mais pelos annos que a eſtas idades precederaõ, deſcobrimos hum Pilar ſobre o monte Moria, ou monte da viſaõ, quando para elle caminhava Abraham a ſacrificar o ſeu unigenito Iſaac. Aſſim o refere o Abulenſe: *Super montem illum, in quo futura erat immolatio, vidit quandam columnam.* O monte ſymbolizava a Maria, diz Richardo de S. Lourenço: *Maria mons viſionis, ubi Abraham voluit filium immolare*; e ſe bem pelo naſcimento deſta Senhora ainda tinha o mundo

Num. 14. v. 14.

Abul. in Gen. 22.

Richard. à S. Laur. de Laud. V. lib. 2.

do que esperar mais de dezoito seculos; já com tudo naquella figura, ou symbolo da Mãy de Deos, se lhe divisava taõ anticipadamente o titulo do Pilar. Nem temos necessidade de examinar tantos seculos, que passaraõ, se antes de todos os seculos já em Maria Santissima havia o titulo do Pilar: *Ab initio, & ante sæcula creata sum; & thronus meus in columna.*

§. IV.

16 SE quereis agora com fundamento, e propriedade comprehender a razaõ de se gravar naquelle Pilar o attributo de huma Eternidade sem principio, haveis de saber o mysterio, que a antiguidade observava na erecçaõ de seus pilares. Pierio Valeriano diz que se levantavaõ pilares aos Heróes, cuja gloria se exaltava sobre todos os mortaes: *Ut cujus nomini dicatæ essent, gloria super cæteros mortales attolleretur.* He pois o Pilar, em que a Mãy de Deos se exalta, hum symbolo daquella gloria em que se elevou superior a todos os mortaes; pois para que na terra vissem os homens hum testimunho perenne dessa gloria, ordenou Deos que do Ceo trouxessem os Anjos huma imagem da Senhora, collocada sobre o seu Pilar glorioso. E qual será a gloria, em que mais se exaltou Maria Santissima sobre todas as creaturas, naõ só mortaes, mas immortaes tambem? Diremos todos, com razaõ, e sem duvida, que he a gloria de ser Mãy de Deos: e daqui infiro, que no Pilar consagrado a tanta gloria se devia gravar huma Eternidade sem principio; porque naõ menos he sem prin-

Pier. de Col.

principio a gloria, que esse Pilar symboliza na Senhora.

17 Fallando Isaias da Maternidade sempre admiravel daquella Virgem fecunda, e Mãy do seu mesmo Creador, diz que antes do parto já era Mãy; porque teve Filho antes de o dar á luz: *Antequam parturiret peperit, antequam veniret partus ejus peperit masculum*. Notavel difficuldade! Quem tal ouvio, ou quem vio similhante maravilha, perguntava admirado o mesmo Profeta, que a vaticinava: *Quis audivit unquam tale, & quis vidit huic simile?* Como podia ser Mãy, e ter Filho antes do parto, se antes deste nem havia nascimento, nem Filho? Naõ ha para que mais suspendamos a razaõ, e o discurso neste ponto. Naõ vedes que esse Filho era Deos Eterno, e sem principio? Logo tambem a Mãy devia sem principio ser Eterna. He taõ repugnante á razaõ, que seja Mãy quem naõ teve Filho, como ser Filho quem naõ teve progenitores; pois se o Filho he Eterno, a Mãy como naõ seria Eterna, ou como principiaria em tempo? Bem advirto que esse Filho, em quanto Deos Eterno, naõ nasceo de Maria Santissima, nem teve Mãy; mas ninguem ignora que o Filho della gerado, e nascido, he Deos Eterno: pois quem negará que a Mãy de tal Filho he Mãy Eterna, postoque o naõ concebesse *ab æterno*? *Antequam parturiret peperit, antequam veniret partus ejus, peperit masculum.*

Isa. 66. v. 7.

Vers. 8.

Quãdo Maria non mater, quæ seculi generavit Authorem? D. Chrysolog. Serm. 246.

18 Commenta Ruperto Abbade o Texto, que ouvistes de Isaias, e diz assim: *Antequam tempus illud ei veniret, ut Filium visibilem ex ventre Virginis Sancta Sion ederet, peperit, & Mater*

Rup. in Isa. c. 31.

ejusdem

ejuſdem Verbi eff ••a eſt. Profundiſſimo dizer, e com rara propriedade. Maria Santiſſima (diz Ruperto) antes do tempo teve Filho; porque antes do tempo foy Mãy. Notay agora. Só a Eternidade precedeo ao tempo: e como a Senhora deſde a Eternidade he Mãy de Deos; diſſe o Profeta que antes do tempo tivera Filho, e fora Mãy antes do tempo, para aſſim declarar aquella Maternidade ſem principio Eterna: *Antequam parturiret peperit. Antequam tempus ei veniret, &c.* Concluamos aqui o noſſo empenho, e o noſſo ponto. Para monumento da mayor gloria de Maria Santiſſima, diſpôs o meſmo Deos ſe lhe erigiſſe pelos Anjos aquelle prodigioſo Pilar; e porque a gloria mayor deſta Senhora he ſer antes de todo o principio Mãy de Deos Eterno, bem era ſe gravaſſe no meſmo Pilar a Eternidade, para que nelle ſe viſſe, que Maria Santiſſima aſſim como deſde a Eternidade foy elevada, e eſcolhida pela Providencia Eterna á dignidade de Mãy de Deos, aſſim deſde a Eternidade era exaltada, e invocada como Senhora do Pilar: *Ab initio, & ante ſæcula creata ſum; & thronus meus in columna.*

§. V.

19 NAõ baſta á Eternidade eſta antiquiſſima origem: tambem he preciſo que para ſempre exiſta o que for eterno. Iſſo meſmo admiramos no prodigioſo titulo do Pilar; porque ha de durar para ſempre: *Et uſque ad futurum ſæculum non deſinam.* Os mais titulos da Senhora, cu

de

de todo acabáraõ com o tempo; ou tendo acabado, com o tempo ſe renováraõ. Na invaſaõ dos Mouros em Heſpanha, acabáraõ nella todos os titulos, com que a Mãy de Deos era invocada; aindaque os mais delles pela devoçaõ, e piedade Catholica ſe renováraõ. Só o do Pilar ſe conſervou entre a barbaridade taõ permanente como d'antes. Tambem no meſmo tempo ſe conſerváraõ algumas outras imagens da Mãy de Deos, nas quaes era adorada com diverſas invocaçoens, e titulos; porém occultas, ſervindo-lhes talvez huma gruta mais de aſilo, que de Templo. Só as imagens da Senhora do Pilar, e os Templos, que lhe eraõ dedicados, permanecêraõ, e ſe conſerváraõ entre os Mouros ſem mudança; porque o eterno he iſento da juriſdiçaõ do tempo. Se fallaramos ſó daquelle Templo, que por ordem da Mãy de Deos lhe edificou Santiago Mayor em Çaragoça, e da imagem da Senhora do Pilar feita pelos Anjos, para nelle ſe collocar, e ſer adorada; fôra menos de ſe admirar: mas que a furia de tantos barbaros guardaſſe inviolavel reſpeito, e immunidade, em quinhentos annos, aos mais Templos, e imagens, que com eſte titulo havia por toda a Heſpanha! Aſſim como he mais digno de admiraçaõ, aſſim fora difficil de ſe acreditar, ſe o naõ confirmára o milagre com que o Santo Rey Fernando Terceiro, quaſi no fim da expulſaõ dos Mouros, tendo a Sevilha em cerco, entrava nella inviſivel, e no Templo (que ainda ſe conſervava) de N. Senhora do Pilar, implorava o ſeu favor, e auxilio, para render a Cidade. Nem de outra ſorte era bem que foſſe o que participava da Eternidade.

V. Arbiol. Heſpanha feliz refl. 25. p. 324. Urquiola Sagrada coluna, l. 1. c. 18.

20 Da-

20 Daquelle Pilar de nuvem, que guiava os Iſraelitas, diz o Texto que nunca lhes faltára: *Nunquam defuit columna nubis.* Figura foy de Maria Santiſſima do Pilar, como já diſſemos, e nunca falta a duraçaõ do Pilar; porque eſte titulo da Mãy de Deos ſerá eterno na duraçaõ. Foraõ tambem figuras da Mãy de Deos o Arco Celeſte, a Eſcada de Jacob, a Carça de Horeb, a Vara de Aaram, a Arca do Teſtamento, a Torre de David, o Throno de Salomaõ, o Relogio de Achaz, a Porta fechada de Ezequiel, a Cidade Santa, a Mulher do Apocalypſe, e outros muitos ſymbolos achados nas Eſcrituras, em que Deos nos quiz revelar huma creatura taõ myſterioſa, como cheya da Divina Graça; mas todas eſſas figuras acabáraõ. Só do Pilar de nuvem diz o Texto que nunca faltou, acompanhando os Iſraelitas até o fim da peregrinaçaõ: *Nunquam defuit columna nubis*; porque neſte era ſymbolizada a Mãy de Deos, como Senhora do Pilar: e ſendo eſte titulo em ſua duraçaõ eterno, nem por toda a Eternidade poderá faltar: *Nunquam defuit columna nubis.*

Exod. 13. 22.

21 Acabáraõ os mais ſymbolos, e figuras de Maria Santiſſima; porque repreſentavaõ invocaçoens, e titulos da Mãy de Deos, fundados em acçoens, e myſterios, que ſe conſummáraõ, e paſſáraõ com brevidade. O myſterio da Conceiçaõ perſiſtio ſó no inſtante, em que a Senhora ſe concebia immaculada, por anticipaçaõ da graça. O do Naſcimento ſó durou, em quanto ſahia á luz da vida a que naſcia para Mãy de todos os viventes. O da Aſſumpçaõ ſó ſe entendia permanecer, em quanto a Senhora ſubia glorioſa aos Ceos. Mas

o do

o do Pilar se instituio permanente por toda a vida, e até na morte se conservou; porque depois que a Mãy de Deos nelle se exaltou em Çaragoça, por toda a vida ficou constante no seu Pilar, e até na morte conservou para si este titulo singular.

Genes. 35. 20. Broc. apud Alap. in hũc loc. Abulēs. hic.

22 Morta Raquel, mogoado, e saudoso Jacob lhe erigio hum titulo sobre a sepultura: *Erexit Jacob titulum super sepulchrum ejus.* Brocardo, e Abulense dizem que este titulo fora hum bem vistoso Pilar: *Titulum, id est, pyramidem perelegantem.* E para que este Pilar sobre aquella sepultura? Aquelle galhardo Principe Absalaõ, postoque desgraçado, tambem levantou para si hum titulo: *Erexit sibi titulum*; e, como disse o mesmo Abulense, e antes delle Josepho Hebreo, era este titulo huma estatua de marmore, effigie taõ propria de Absalaõ, como se a beneficio da arte pertendera a natureza reproduzir-se: *Tanquam si natura parens eum effigiaret.* Em todo o Reyno de Israel era celebrada a gentileza de Absalaõ: e parece a quiz elle defender da horrorosa deformidade, que a esperava na sepultura, quando intentou eternizá-la no marmore em que a esculpio. Naõ foy menos admirada a formosura de Raquel, cuja vista foy bastante para cativar a Jacob. Pois como para despertador de suá memoria, e para admiraçaõ da nossa, naõ levanta Jacob huma estatua á formosura de Raquel, quando nem a de Absalaõ seria mais digna de merecer estatua? Se lhe ha de erigir hum titulo, porque escolhe mais hum Pilar que a propria effigie de Raquel? S. Jeronymo, no Epitaphio, que compôs a Santa Paula, me deo luz para intelligencia deste titulo da sepultura de Raquel.

2. Reg. 18. 18.

Abul. hic.

quel. Diz que Maria Santiſſima ſe repreſentava em Raquel. Bem: pois tenha hum Pilar por titulo na ſepultura: *Erexit titulum, id eſt, pyramidem perelegantem, ſuper ſepulchrum ejus*; para que myſterioſamente ſe veja, que nem com a morte acabava para a Mãy de Deos o titulo do Pilar. Eſtava o titulo ſobre a ſepultura; porque o Pilar de Maria Santiſſima he ſuperior á morte na duraçaõ. No eterno naõ tem juriſdiçaõ a morte, e a Eternidade que Deos quiz communicar á Senhora, quando no ſeu Pilar a exaltou, fez que ſe lhe erigiſſe o titulo do Pilar eminente ſobre huma ſepultura, para ſe moſtrar a ſua permanencia depois da morte: *Erexit titulum, id eſt, pyramidem perelegantem, ſuper ſepulchrum ejus.*

23 Nem podia acabar com a morte o titulo do Pilar para a Mãy de Deos, que ainda depois da morte tanto o quiz conſervar, que com eſſa diviſa, ou com eſſe titulo, foy viſta ſubir ao Ceo, para o immortalizar na Gloria. Tomo aos Anjos por teſtimunhas. Viraõ eſtes a Maria Santiſſima na hora em que da Igreja Militante ſe paſſou para a Triunfante, e lá deſcobriraõ, que no mayor appararo de ſua feſtival entrada tinha hum Pilar por diviſa: *Quæ eſt iſta, quæ aſcendit per deſertum, ſicut virgula fumi ex aromatibus?* Eſta he a letra do noſſo Texto; porém as verſoens de Rabbi Abraham, e Pagnino, leraõ aſſim: *Aſcendit ſicut columna fumi ex aromatibus.* As virtudes de Maria Santiſſima parece que exhalavaõ de ſi huns perfumes, de que ſe formava hum aromatico Pilar, em que a Mãy de Deos ſe exaltava, com tanta admiraçaõ dos Anjos, que os precizara a perguntar, que eſpirito ſeria

Cant. 3. 6.

aquel-

aquelle que com a empreza de hum Pilar fazia a sua entrada na Gloria: *Quæ est ista, quæ ascendit sicut columna fumi ex aromatibus?* Que espirito havia, ou podia ser esse, que admirava aos Anjos, senaõ o de Maria Santissima no throno do seu Pilar? *Maria Cœlum petens, cujus thronus in columna*, responde Martinho Burgense, e bem; porque até subindo aos Ceos quiz a Máy de Deos conservar o titulo do Pilar, que para seu throno escolheo. Acabará para o mundo quanto ha na terra: e para que naõ acabe o titulo do Pilar, com elle obrou a Senhora o que obrará Christo com o Sacramento.

Mart. Burg. in Jahel. p. 2. illustr. 18.

24 No fim do mundo, antes que o entre Christo a julgar, faltará o Sacrificio admiravel da Ley da Graça, com que a Igreja se ampara, e o mundo se defende; porque só até o fim delle prometteõ Christo aos homens a sua assistencia no Sacramento: *Ecce ego vobiscum sum, omnibus diebus, usque ad consummationem sæculi*; nem se deve já nelle conservar, quando já o naõ ha de amparar, e defender. Mas porque Christo, Eterno Sacerdote, instituio este Sacrificio para eternamente durar: *Novi, & æterni Testamenti*; douta, e piamente se entende, que os Anjos, recolhendo-o de todas as partes do mundo, o trasladaráõ para o Ceo, onde seja adorado eternamente. Isto he o que se refere (postoque por enigmas, e figuras) no Livro do Apocalypse, segundo expõem o Veneravel Fr. Jozé de S. Bento, a quem o Espirito da Sabedoria infundio taõ grande luz, para intelligencia das Escrituras. *Adveniit ira Dei, & tempus mortuorum judicari.* (Diz o Texto.) *Et apertum est templum Dei*

Matth. 28. 20.

Joseph. à S. Bened. p. 2. in tract. super illa verba Danielis 12. Et a tempore cum ablatũ fuerit juge sacrificium.

Apoc. 11. v. 18. 19.

Dei in Cœlo, & visa est Arca Testamenti ejus in templo ejus, & facta sunt fulgura, & voces, & terræmotus. Chegou (diz) o tempo de se mostrar Deos irado, e fazer o universal Juizo, e logo se abrio hum Templo de Deos no Ceo, em o qual foy vista a Arca do Testamento de Deos; porque chegado o dia ultimo da duraçaõ do mundo, em que Deos mostrará contra os reprobos desatada a torrente de sua ira, se consignará no Ceo hum lugar, como Templo, ou Altar, para nelle ser collocado o Sacramento Eucharistico, que he a Arca do Testamento de Deos. Seguirâõ-se logo os trovoens, os rayos, e os terremotos, que saõ os sinaes mais proximos, e os preludios mais immediatos da consummaçaõ do mundo, e do universal Juizo: ao qual precederá a trasladaçaõ do Sacramento Eucharistico para o Ceo; porque naõ seria bem que acabasse a obra mais excellente da Omnipotencia, e hum mysterio taõ digno de admiraçaõ eterna. A Mãy de Deos tambem para eternizar o titulo do seu Pilar, em que recebeo dos Anjos, e dos homens tanta adoraçaõ, e gloria, comsigo o trasladou para o Ceo. Voltará finalmente para o Ceo, o Paõ que delle desceo: *Panis, qui de Cœlo descendit.* O Pilar que do Ceo veyo, para nelle ser exaltada a Mãy de Deos, naõ devia ficar na terra, subindo ella a se exaltar na Gloria: devia acompanhá-la no seu triunfo: *Quæ est ista, quæ ascendit sicut columna fumi ex aromatibus? Maria Cœlum petens, cujus thronus in columna.*

Joan. 6. 59.

25 Naõ he admiraçaõ que com este symbolo do seu Pilar subisse a Mãy de Deos aos Ceos, quan-

do lá no Empyreo eſcolheo por toda a Eternidade hum Pilar para ſeu throno: *Ego in altiſſimis habitavi, & thronus meus in columna.* A Imagem, que os Anjos trouxeraõ do Ceo á terra, para ſe collocar no Templo, que Santiago havia de levantar em Heſpanha, já vinha ſobre hum Pilar; porque lhe deraõ o throno, que no Ceo ha para a Mãy de Deos. Lá tem o ſeu throno ſobre hum Pilar; e lá fizeraõ hum Pilar, em que enthronizáraõ a Imagem, que traziaõ do Ceo a ſer adorada na terra. Conſagraõ-ſe Pilares á Eternidade, quando para eterna, ou futura memoria ſe levantaõ: nós porém admiramos hoje, que a Eternidade ſe conſagraſſe ao Pilar da Mãy de Deos; porque quando o Pilar lhe ſerve de throno, naõ ſó na terra, mas tambem no Ceo, ſe eterniza glorioſamente, e ſe vê nelle gravada aquella Eternidade, que o Divino Verbo occultava em ſi, apparecendo menino: *Puer*; como ſe pertendera que para gloria da Mãy ſe viſſe o que ſe encobria no Filho, que naſcera della.

§. VI.

26 NAõ he razaõ que o diſcurſo ſeja tambem eterno. Paſſemos a ver na Senhora do Pilar o attributo da Immenſidade, que o Filho de Deos occultava, recolhendo-ſe á eſtreiteza de hum lugar, e de hum pequeno Preſepio. Mas apenas chego a reflectir ſobre o que intento moſtrar, quando ſe me oppõem logo huma grande difficuldade, e he eſta. O immenſo eſtá em toda a parte, e enche todo o lugar; porém a Senhora, que feſtejamos, eſtá collocada em hum Pilar, e fóra da ſua colum-

columna já naõ ha Senhora do Pilar: pois contra o que ſe eſtá vendo, como poderey eu perſuadir que eſta Senhora participa do attributo da Immenſidade? Ouvida eſta objecçaõ, pudéra eu (como em outro tempo Santo Agoſtinho) queixarme de que os homens repugnem acreditar as maravilhas, tantoque as naõ chegaõ a ver: *In homine carnali tota regula intelligendi eſt conſuetudo cernendi*: e o certo he que, como ſentencioſamente diſſe o Seneca, os prodigios de Deos excedem muito a esféra do viſivel: *Non enim Deus omnia humanis oculis nota fecit.* Eſte attributo, ou eſta Immenſidade taõ repugnante ao que vemos, he o prodigio, que mais ſe dá a conhecer na appariçaõ milagroſa da Senhora do Pilar aos que da hiſtoria della tem noticia; porque ſabem que ao meſmo tempo ſe achava a Senhora no Ceo, em Ç,aragoça, e em Jeruſalem. No Ceo, porque lá formaraõ os Anjos a Imagem da Senhora do Pilar, que Santiago havia de collocar no Templo, que dedicaſſe á Mãy de Deos. Em Ç,aragoça, e em Jeruſalem; porque vivendo a Senhora em Jeruſalem (ſem que lá faltaſſe) foy pelos Anjos levada a Ç,aragoça no Reyno de Aragaõ, onde appareceo, e fallou ao Santo Apoſtolo. E porque naõ poderia a Senhora eſtar em outro qualquer lugar, da meſma ſorte que entaõ eſtava no Ceo, em Heſpanha, e na Paleſtina? Naõ he iſto eſcuſarme de reſponder á objecçaõ; porque, ſe bem he graviſſima, acho no Sagrado Texto hum, que a deſvanece, e prova o meu penſamento.

D. Aug. S. 147. de Tẽpore.

Sen. in Natur. qq. l. 7. c. 3.

27 *Thronus meus in columna.* Eu eſcolhi (diz a Mãy de Deos) hum Pilar para meu throno. E

tantoque ſe deo a conhecer por Senhora do Pilar, entrou immediatamente a dizer aſſim: *Gyrum Cœli circuivi ſola, & profundum abyſſi penetravi: in fluctibus maris ambulavi, & in omni terra ſteti.* Eu ſou a unica creatura, que rodeey todo o Ceo, andey em todo o mar, eſtive em toda a terra, e penetrey todo o abyſmo. Eſtar no Ceo, e no abyſmo, no mar, e na terra, he encher, e occupar todo o lugar: mas ſe a Senhora diz que eſtava enthronizada em hum Pilar: *Thronus meus in columna*; como podia eſtar em todo o lugar? Como enchia com ſua preſença o abyſmo, e o Ceo, a terra, e o mar? Por iſſo meſmo; porque eſtando em hum Pilar enthronizada, participa o attributo da Immenſidade, e o que he immenſo occupa, e enche todo o lugar: *Thronus meus in columna: Gyrum Cœli circuivi ſola, & profundum abyſſi penetravi, in fluctibus maris ambulavi, & in omni terra ſteti.*

Eccl. 24. 8. 9.

28 Eſtá provado, mas ainda naõ póde eſtar percebido; porque confeſſo que naõ he facil de ſe comprehender o como eſtará em todo o mundo a meſma Senhora, que em hum Pilar vemos collocada. O Templo deſta Senhora edificado por Santiago cabe em pouco terreno da Cidade de Ç,aragoça, e naõ occupa mais mundo. O Pilar cabe em hum Altar deſſe Templo, e a Imagem da Senhora cabe na eminencia do Pilar: pois ſe em taõ breve eſpaço cabe a Senhora do Pilar, como he immenſa? Como pode encher todo o mundo? Iſto he o que naõ cabe em noſſos olhos; mas póde caber em noſſo entendimento, ſe devotamente o quizermos cativar em obſequio da Máy de Deos.

Se

Se attendermos para aquelle Sacramento, confessaremos que Christo cabe em circunferencia taõ breve como a de huma Hostia, e ao mesmo tempo se acha em tantos lugares pelo mundo, que naõ duvidou S. Cyrillo Alexandrino dizer, que Christo Sacramentado está em toda a parte, e em todo o lugar: *Cum unus ubique sit.* He hum, e o mesmo em todas as Hostias: *Unus*; e sem ser por immensa extensaõ do proprio Corpo, porque esse foy o erro dos Ubiquistas, podemos dizer, que Christo no Sacramento está em todo o lugar, e em toda a parte: *Ubique*; porque em toda a parte se poderá Christo pôr Sacramentado, como se fora de alguma sorte immenso. Com este exemplo discorrey na Immensidade participada pela Senhora do Pilar. E se naõ assentis á comparaçaõ, porque nesta Senhora naõ consideramos a reproduçaõ, que suppomos em Christo Sacramentado: eu recorro á doutrina de S. Paulo, que falla de Christo, independente de que o consideremos no Sacramento.

D. Cyrill. lib. 12. in Joan. c. 32.

29 Diz o Apostolo que Christo desceo, e subio para encher todas as cousas: *Qui descendit, ipse est & qui ascendit supra omnes Cœlos, ut impleret omnia.* Desceo Christo do Ceo á terra: *Descendit de Cœlis:* da terra subio depois sobre todos os Ceos: *Ascendit supra omnes Cœlos.* Desceo tambem a Senhora do Pilar do Ceo á terra; porque do Ceo trouxeraõ os Anjos a Imagem da Senhora do Pilar, que por Santiago foy collocada no seu Templo de C,aragoça: e da terra subio ao Ceo a mesma Senhora; porque com a empreza de hum Pilar subio a se collocar na celeste Gloria, superior a todos os coros dos Anjos: *Ascendit sicut colum-*

Ad Ephes. 4. 10.

na. E a que fim? Com que myſterio deſceria a Mãy de Deos do Ceo á terra ſobre hum Pilar, e ſubiria da meſma ſorte ao Ceo, ſenaõ para moſtrar em ſi o attributo da Immenſidade, enchendo todo o eſpaço creado: *Ut impleret omnia?*

30 Ainda temos que notar, e que examinar no Texto do Apoſtolo, para cabal intelligencia delle. He ſem duvida que Chriſto com a ſua corporal preſença naõ podia encher todo o mundo, em cuja dilatadiſſima vaſtidaõ cabem innumeraveis homens. Pois como diz o Apoſtolo que com aquella ſubida, e deſcida enchera Chriſto todo eſſe eſpaço creado: *Ut impleret omnia?* Muito ao noſſo intento reſponderá Caietano, pela Purpura, e pela penna igualmente Eminentiſſimo: *Ut impleret omnia effectibus ſuis.* Por meyo de ſeus effeitos, e operaçoens ſobrenaturaes, eſtá Chriſto em todo o mundo, aindaque em todo elle naõ eſteja ſubſtancialmente; porque naõ ha parte do mundo, em que a ſua virtude, e a ſua graça naõ eſteja obrando prodigioſos effeitos: *Nec eſt qui ſe abſondat à calore ejus.* Tambem da meſma ſorte, naõ he a Senhora do Pilar immenſa em ſua propria ſubſtancia; porque naõ póde encher peſſoalmente o mundo: mas como ſe fora na virtude immenſa, do Pilar, em que a vemos, eſtá enchendo o mundo todo com milagroſos effeitos, como ſe para nos favorecer com prodigios eſtivera em toda a parte preſente. Teſtificaõ eſta verdade os continuos milagres da Senhora do Pilar no Ceo, no mar, e na terra. Qual foy o verdadeiro devoto da Senhora do Pilar, a quem ella naõ abriſſe as portas do Ceo, para o introduzir, e recolher na Gloria? Qual foy o nave-

Caiet. in Epiſt. ad Epheſ. c. 4.

Pſ. 18, 6.

gante,

gante, que na mais horrivel tormenta naõ experimentasse tranquilidade, se para conseguir a bonança implorou o patrocinio da Senhora do Pilar? Nesta, ou naquella regiaõ do mundo, qual foy o enfermo, que recorrendo a esta Senhora com viva fé, naõ recuperasse a saude? Qual em todo o Universo foy o attribulado, que naõ achasse refugio na pedra daquelle milagroso Pilar?

31 Falla David em seu nome, e dos que habitaõ as partes mais remotas de todo o mundo, e diz que, clamando em suas tribulaçoens, achara alivio, e consolaçaõ em huma pedra: *A' finibus terræ ad te clamavi, dum anxiaretur cor meum, in petra exaltasti me.* Ou como verte o Syriaco: *In petra consolatus es me.* A pedra, em que se achou a consolaçaõ, he Maria Santissima, como dizem Richardo de S. Lourenço, e o Beato Alberto Magno: *Maria petra dura contra tribulationem.* Ninguem duvidará que Maria Santissima, exaltada sobre huma pedra, seja a Mãy de Deos enthronizada no seu Pilar; porque sobre a pedra do seu Pilar a enthronizaraõ os Anjos, quando nelle collocaraõ a sua Imagem. Nesse throno pois do seu Pilar, ou nessa milagrosa pedra, he Maria Santissima a consolaçaõ para todo o mundo: *A' finibus terræ ad te clamavi: in petra consolatus es me;* porque a Senhora, que em hum Pilar desceo do Ceo á terra, e depois subio da terra ao Ceo em hum Pilar, enche com milagrosos effeitos o mundo todo, e em qualquer parte acode com remedio prompto aos que a ella recorrem attribulados: *Quæ descendit ipsa est & quæ ascendit supra omnes Cælos, ut impleret omnia effectibus suis.*

Ps. 60. 3.

Richar. de Laud. V. l. 2. Albert. M. super Missus est, c. 197.

32 Esta he a singular differença, que eu noto entre a Máy de Deos invocada com o titulo do Pilar, ou invocada com outros titulos. Se a considerarmos com outros titulos, e com outras invocaçoens, he milagrosa em certos lugares, e em certos Reynos: com a invocaçaõ do Pilar he igualmente milagrosa em toda a parte, e em todo o mundo. Com o titulo do Portico he milagrosa em Roma. Com o do Loreto he milagrosa na Italia: com o da Penha he milagrosa em França: com o de Atocha (ou de Antiochia) he milagrosa em Castella: com o de Monserrate he milagrosa em Catalunha: com o de Nazareth he milagrosa em Portugal; porém com o titulo do Pilar he todo o mundo a esféra de seus milagres. Esta he a razaõ, porque até a entrada dos Mouros naõ se edificava Templo em Hespanha, no qual se naõ esculpisse a Imagem, e appariçaõ da Senhora do Pilar; pois era bem fosse em toda a parte venerada, a que he milagrosa em todo o mundo: e se bem examinares, naõ achareis parte alguma da Christandade, onde a Senhora do Pilar naõ seja invocada, e festejada; porque tambem do mesmo Pilar se estende o patrocinio, e favor da Máy de Deos a todos os habitadores do mundo, se a ella clamaõ, e recorrem: *A' finibus terræ ad te clamavi dum anxiaretur cor meum: in petra consolatus es me.*

O Doutis. P. D. Manoel Caetano de Sousa, Expedit. Hisp. tom. 2. sect. 1. Assert. 1. fol. 936. n. 2214.

33 Bem disse, que do Pilar estende Maria Santissima o seu patrocinio a todos os que a invocaõ: e parece que o temos expresso em huma figura do Antigo Testamento. Peregrinando o povo de Israel, hum Pilar lhe mostrava o caminho, e huma nuvem

nuvem interposta ao Sol, o defendia dos rayos delle: *Nubes tua protegat illos, & in columna nubis præcedas eos.* Quasi incrivel era o numero das pessoas, de que constava aquelle grande corpo de gente, posta em marcha do Egypto para Palestina; e muito se desvelaõ os Expositores para conciliar o como poderia essa nuvem cobrir, e defender taõ numerosa, e dilatada multidaõ. O Pilar era pequeno, como notaõ Caietano, e Abulense; e naõ podia ser grande a nuvem, que (como adverte Alapide) nascia delle. Pois como de huma nuvem pequena se podia cobrir tanto povo? Esse Pilar, e essa nuvem hiaõ adiante do povo, para o guiar: *Præcedebat eos ad ostendendam viam*; e parece que aos caminhantes naõ podia chegar a sombra com que a nuvem do Pilar os defendesse dos rayos do Sol taõ ardente naquella regiaõ. Porém o certo neste caso he, que, como diz Santo Ambrosio, nenhum prodigio aconteceo a esse povo, em que se naõ figurassem outros mayores, reservados pela Providencia Eterna para o tempo da Ley da Graça: *Vides omnem Legis veteris seriem, fuisse typum futuri.* Naquella nuvem, e naquelle Pilar (dissemos já) era symbolizada a Mãy de Deos com o titulo do Pilar. Cesse pois a admiraçaõ de que huma nuvem taõ pequena pudesse cobrir, e defender hum povo taõ dilatado, e taõ extenso. A nuvem, aindaque pequena, aindaque unida ao Pilar, se estendia, e se dilatava, como diz o Texto, para servir de reparo, e defender todo aquelle povo: *Expandit nubem in protectionem eorum*; porque lá viria tempo, em que outra melhor nuvem Maria Santissima exaltada no seu

Num. 14. v. 14. Alap. in Exod. c. 14. v. 21. & aliis in locis.

Caietan. Abulens. Alap. in Exod. 13. 21.

D. Ambros. lib 2. in c. 2. Luc.

Ps. 104. 39.

ſeu Pilar, eſtenderia a ſua protecçaõ, e os ſeus prodigios ás regioens mais remotas, e diſtantes de todo o mundo, como ſe em qualquer dellas eſtivera preſente, para as encher todas com ſeus maravilhoſos, e milagroſos effeitos: verificando-ſe deſta Senhora o que ſe eſcreve daquella nuvem, que a outro Pilar eſtava unida: *Expandit nubem in protectionem.* Pois quem naõ dirá, que na Senhora do Pilar oſtenta Deos de alguma ſorte aquella Immenſidade, que o Divino Verbo encobria, quando ſe manifeſtou aos Magos, recolhido em taõ eſtreito lugar, como o de hum Preſepio: *Ubi erat puer.*

§. VII.

34 VImos manifeſto na Senhora do Pilar, o que ſe encobria, e occultava em Chriſto no Preſepio. A Eſtrella, que aos Magos moſtrava a Chriſto naſcido, tambem lhes dava luz para conhecerem a Eternidade na puericia, e no lugar a Immenſidade: *Stella, quam viderant in Oriente antecedebat eos, uſque dum veniens ſtaret ſupra ubi erat puer.* Eſſa Eternidade, e eſſa Immenſidade vimos communicada á Máy de Deos com o titulo do Pilar. A Eſtrella era lingua, que do Ceo fallava aos Magos: *Stella illis tanquam lingua Cœlorum.* O Pilar tambem he lingua (diz o famoſo Portuguez Macedo) que em alta voz forma elogios da Senhora, a quem dá o titulo, e a invocaçaõ: *Illa celeberrima Cæſaraugustæ columna, quam linguam vocalem dixero.* O meſmo que a lingua da Eſtrella diz de Chriſto, a lingua do Pilar

Maced. in Diatriba de Advent. S. Jacobi in Hiſp.

Pilar diz de ſua Mãy Santiſſima; porque o Pilar moſtra em Maria Santiſſima participada a Eternidade, e Immenſidade, que a Eſtrella indicava eſtarem occultas em Chriſto. Naõ ſegui tanto a ordem das palavras do thema, quanto obſervey a ordem da operaçaõ, e do myſterio. Primeiro foy em Deos naſcer menino, que eſtar no Preſepio reclinado; por eſſa razaõ tratey antes da Eternidade occulta, indicada na palavra *Puer*: e tratey depois da Immenſidade encuberta, ſignificada naquelle termo: *Ubi erat.* Cuido que, por occaſiaõ do myſterio deſte dia, vim a deſcobrir o egnima taõ ſecreto, com que Deos quiz naõ ſó collocar, mas tambem exaltar a ſua Mãy Santiſſima em hum Pilar; porque me parece que enthronizando Deos a eſta Senhora naquelle Pilar de marmore, nos expreſſou que a protecçaõ de Maria Santiſſima ſerá para nós, em todo o tempo, infallivel, como ſe fora eterna: e prompta em todo o lugar, como ſe fora immenſa. Nem duvido ſeja eſta a interpretaçaõ mais propria daquelle emblema do Pilar, ou da Mãy de Deos exaltada nelle.

35 No Pilar, que por ſua eminente, e alta figura de longa diſtancia pode ſer viſto, enſinou Deos que a Senhora exaltada no Pilar, como ſe fora immenſa, em toda a parte ſe acha prompta para nos ſoccorrer: e na duraçaõ do marmore ſignificou, que a Senhora do Pilar, como ſe fora eterna, em todo o tempo nos favorece. Fernando Terceiro, Piiſſimo Imperador de Alemanha, reconhecendo que a Mãy de Deos em todo o lugar, e tempo o ajudára, lhe erigio em o anno de 1647, na praça mais celebre de Viena de Auſtria,

huma

huma Imagem da mesma Senhora, collocada sobre hum Pilar de bronze, cuja altura immensa fazia ser a Imagem vista de qualquer parte daquella famosa Corte. Presumia esse Pilar competir com a Eternidade, e com a Immensidade, pela eminencia da figura, e pela duraçaõ do bronze. O que foy gratificaçaõ no Cesar, em Deos era Providencia; porque para entendermos que a protecçaõ de sua Māy Santissima será para nós eterna, quiz que em marmore se gravasse: e a exaltou em hum Pilar, que podendo ser visto de toda a parte, nos persuadisse que em todo o lugar, como se fora immensa, estará prompta, sendo invocada.

36 Bem me occorre instareis que o patrocinio, e protecçaõ da Māy de Deos, nella está, e naõ no Pilar. Ella he a Misericordiosa, que em toda a parte nos favorece, aindaque fóra do seu Pilar; porque tambem fóra delle he Māy de Deos, que he o que basta para ser milagrosa, muy pia, e liberal de suas graças, e beneficios comnosco. Assim he; mas tambem he assim, que collocada no seu Pilar com mais razaõ, e quasi por obrigaçaõ (se pode assim dizer-se) he milagrosa, e cheya de piedade comnosco; porque esse Pilar he para a Senhora hum padraõ, ou despertador, que se a naõ obriga, a excita a se empenhar com Deos em patrocinar o mundo, e favorecer aos homens.

37 Quando esta Senhora appareceo ao Apostolo Santiago, e lhe prometteo a sua protecçaõ para os Catholicos, que a invocassem, tambem deixou a sua imagem collocada sobre o Pilar, como se na rica, e preciosa pedra do mesmo Pilar deixára

deixára hum penhor de sua palavra, e hum desempenho de sua irrefragavel promessa. Se pois recorrermos á Senhora com o titulo, e invocaçaõ do Pilar, a obrigaremos como empenhada. *Jacobe fili, aspice pilare hoc*, dizia a Senhora ao Santo Apostolo: Olha para este Pilar, pôem nelle os olhos. No Pilar! Em vós, Senhora, porey eu os olhos; porque vós sois a saude dos enfermos, vós a consolaçaõ dos afflictos, vós o descanço dos perseguidos, vós o refugio dos peccadores, vós o remedio universal de toda a necessidade. Mas de huma pedra sem operaçaõ, de hum Pilar sem vitalidade, que podemos nós esperar? Muito; porque com esse Pilar, e com essa pedra, poderemos obrigar a Māy de Deos a que desempenhe o final, que nos deo, e o penhor que nos deixou de nos amparar em todo o tempo, e de nos defender em toda a parte.

38 Vendo o povo de Israel que sem remedio acabava no deserto a morde duras de venenosas serpentes, por intercessaõ de Moysés recorreo a Deos, o qual ordenou se fizesse, e exaltasse huma serpente de metal; porque sarariaõ todos os que empregassem a vista nella: *Fac serpentem æneum, & pone eum pro signo, qui percussus aspexerit eum vivet.* Notavel serpente, e muy milagrosa! Podia por ventura aquelle metal, ou aquella figura ter virtude, para que só com a vista dos que em taõ novo objecto empregavaõ os olhos, os curasse, e sarassem logo? Respondo que virtude natural naõ podia ter; mas tinha moral virtude, para taõ milagroso effeito. Era aquella serpente final, e instrumento milagroso da saude: *Fuit hic serpens signum simul, & instrumentum morale curationis*, diz Alapide:

Num. 21. 9.

Alap. in hunc. loc.

pide: porque empenhou Deos aquella ſerpente em ſinal de que daria ſaude aos que puzeſſem os olhos nella; e já naõ podia faltar Deos em taõ milagroſo effeito aos que olhando para a ſerpente o obrigavaõ pela palavra, e pela promeſſa, com que ſe quiz Deos obrigar; pois ſó da ſua promeſſa, e da ſua palavra ſe poderá Deos obrigar.

39 Aſſim a ſerpente do deſerto, e aſſim o Pilar de C,aragoça; porque nelle tambem inſtituîo, ou empenhou Maria Santiſſima hum ſinal, e hum inſtrumento de todo o noſſo remedio, ſe recorrermos a elle. He o Pilar inſtrumento efficaz para remedio noſſo; porque daquelle Pilar eſtá a Senhora diſpendendo milagres, e beneficios a quantos afflictos empregaõ os olhos nelle com piedade. He tambem ſinal; porque a Mãy de Deos com elle ſe deſperta, e faz lembrada da promeſſa, que fez ao Apoſtolo, de amparar, e ſoccorrer daquelle Pilar a todos os que devotamente a ella recorrerem. Como na ſerpente do deſerto empenhou Deos a ſua palavra para o remedio na enfermidade do povo Iſraelitico, baſtava que nella ſe empregaſſe a viſta, para ſe conſeguir logo a ſaude. Como no Pilar empenhou a Mãy de Deos a ſua promeſſa, para nos valer, baſtará que empreguemos os olhos no Pilar, em que ſe exalta a fonte da piedade, para conſeguirmos a ſua protecçaõ: *Aſpice pilare hoc.*

40 Recorramos pois a taõ milagroſo Pilar, levantemos a elle os olhos, e o affecto á Mãy de Deos enthronizada nelle, todos os que imploramos o ſeu patrocinio, e a acharemos prompta para nos ſoccorrer. O enfermo recorra áquelle Pilar, e conſeguirá a ſaude: recorra o afflicto, e experimentará conſolaçaõ:

laçaõ: recorra primeiro que todos o peccador, e alcançará a graça de Deos, por intercessaõ de sua Mãy Santissima, que assim quer exaltar o Pilar, em que pelos Anjos foy exaltada. Já a vós recorremos todos, oh Piissima, e Gloriosissima Senhora, representando-vos com humilde affecto a vossa mesma palavra, e lembrando-vos a mesma vossa promessa, para que a desempenheis, já que a firmastes com o testimunho desse veneravel Pilar. Nelle vos collocastes para em todo o tempo, e em todo o lugar nos soccorreres, como se fora eterno, e immenso o vosso patrocinio. Aqui, e agora, que o imploramos, o mostray, e desempenhay. Consigaõ, os que vos buscaõ afflictos, consolaçaõ: saude, os que a vós recorrem enfermos: e os peccadores, que a vós clamamos, pondo os olhos nesse Pilar, impetremos o perdaõ das culpas, com a graça de vosso Filho, e por meyo della a eterna Gloria.

SER-

SERMAÕ IV.

DO

GLORIOSO PRINCIPE DOS PATRIARCAS

S. BENTO,

NO SEU MOSTEIRO DO RIO DE JANEIRO.

Anno de 1742.

Vitam æternam possidebit. Matth. 19.

§. I.

1 ROMESSAS de vida, entre execuçoens, e estragos da morte! Ou nas promessas haverá duvida, ou na morte engano. Aos que por seu amor deixaõ os bens temporaes promette Christo q́ eternamente haõ de viver; e quando eu, fiado na promessa infallivel de Christo, esperava que meu Santissi-

Santissimo Patriarca vivesse eternamente, em premio das honras, e opulencias temporaes, que por seu amor deixou, vejo que neste dia celébra a Igreja a feliz morte, com que S. Bento consolou a seus filhos, admirou a terra, e alegrou o Ceo. E o mais he, que se lhe renova a promessa de eterna vida, no mesmo dia em que acabou de viver: *Vitam æternam possidebit.*

2 Sobre o dia da morte de S. Bento moveraõ os Historiadores grandes duvidas. Sabe-se que morreo em Sabbado, vinte e hum de Março, aos sessenta e tres annos de sua idade, no de quinhentos quarenta e tres do Nascimento de Christo. Mas porque S. Fausto, hum dos primeiros discipulos de S. Bento, declarou tambem que no Sabbado assignalado com taõ ditosa morte concorrera a Vigilia da Paschoa nesse anno; querendo os Historiadores conciliar, e ajustar todas estas circunstancias em hum só dia, e no mesmo anno, acharaõ nellas huma quasi invencivel repugnancia, e contradiçaõ, até que o incançavel estudo dos Doutissimos Mabillon, e Bollando, nas noticias da antiguidade acharaõ, e nos descobriraõ a propriedade com que nesses tempos se nomeava tambem Vigilia da Paschoa esse Sabbado, em que S. Bento acabou a vida, sem que fosse o immediato ao Domingo, e festa da Resurreiçaõ de Christo. Eu porém, se me fora licito, outra questaõ excitára neste ponto, e perguntára se em verdade morreo S. Bento? Attendo para o seu glorioso transito, e descubro nelle circunstancias taõ prodigiosas, como incompativeis com a morte. Deixadas porém estas para o discurso, e fundado só no Evangelho;

Quia pro illius tẽporis more, etiam Dominicæ in Passione inditũ erat nomẽ Paschatis; etiã Sabbatũ antecedẽs, vigilia Paschæ dicebatur. Hinc Sabbatum primi Paschatis, quod scilicet antegreditur Dominicã Passionis, fuit S. Benedicto vitæ supremũ. Ex Mabil. in Præf. ad sec. 1. Bened. Boll. 21. Mart. in com. ad vit. S. B. Erhard. in vita S. Bened. num. 1161.

como poderia (dizey-me) acabar a vida hu
Santo, que para viver eternamente podia alleg
a Christo a sua mesma promessa; e, se pode assi
dizer-se, obrigá-lo pela palavra: *Qui reliqueri*
vitam æternam possidebit?

3 Naõ nego que morreo S. Bento. He assi
em verdade; mas em verdade tambem, e sem e
carecimento, morreo como se naõ morrera. Já qu
naõ podia eximir-se deste indispensavel tribut
privilegio foy, e muy grande, parecer ao men
que o naõ pagava. Por Sol do Occidente he conhe
cido S. Bento; porque allumiou o Occidente c
mo Sol: e no seu occaso foy com propriedade So
Sicut Sol occumbens,...sic Beatus Benedictus oc
cumbens, diz Voragine. O Sol consumma o se
curso neste dia; porque teve a sua formaçaõ n
Equinocio Verno, ao quarto dia da creaçaõ d
mundo, que conresponde ao presente, em que
acha no mais eminente Zenith do quarto Ceo:
começando logo a gyrar desse ponto a sua Ecl
ptica, completa hoje o seu curso, quando cheg
ao mesmo sitio donde sahio, quando o principiou
A summo Cœlo egressio ejus, & occursus ejus u
que ad summum ejus, disse (melhor que todos o
Authores desta sentença) o Real Profeta. Tam
bem hoje consummou S. Bento o curso da sua vi
da, e contra a opiniaõ de todos direy eu que a na
acabou como Sol. Vay a razaõ. Diz o Texto Sa
grado que o Sol nasce, e morre: *Oritur Sol*
& occidit; mas assim como o Sol naõ mais qu
na apparencia nasce, assim em verdade naõ mor
re: só na apparencia morre. S. Bento pelo con
trario. Em verdade morreo, e sempre parecer
que

Vorag. Ser. 1. de B. Bened.

Juxta Bed. de rat. temp. c. 40. Perer. in Gen. Villar. tom. 3. taut. 8. n. 40. & 41. & in Ephemer. par. Hyem. ad diem 21. Mart. n. 10.

Psl. 18. 7.

Eccl. 1. 5.

ıe naõ morreo. S. Bruno disse que S. Bento nas-
o para portento do mundo: *In portentum orbis
tùs est*; e eu dissera que para portento do mun-
› morreo S. Bento. Teve huma morte taõ por-
ntosa, e taõ nunca vista; taõ feliz, e taõ admi-
vel; que póde servir de pasmo, e admiraçaõ a
dos. Ouçamos a hum dos mais eminentes filhos
S. Bento, S. Pedro Damiaõ, como se fallara pa-
o nosso intento: *Illa beata migrationis ejus no-
tas mirabilis, quem non moveat? Quis fellicis-
næ consummationis gloriam, non obstupescat?*
xaminay bem qual foy a morte de S. Bento, e
hareis que morreo como se naõ morrera. A sua
orte parece que naõ foy morte. Parece que foy
ma commutaçaõ de vida mortal por vida im-
ortal. A vida perseverou sempre a mesma; e só-
ente se variaraõ as circunstancias della. Deixou
ser vida mortal, e principiou a ser immortal:
mo se em hum, e outro caso perseverara a mes-
a vida, sem mudança. He certo que naõ póde
orrer o que naõ vive: e por ventura viveo S.
ento neste mundo? Sim; mas viveo como se naõ
vera; porque na flor de seus annos logo morreo
ra o mundo: *Flore qui mundo moriens juven-
:* em sinal do que, sendo menino, sahio de Ro-
a, e foy sepultar-se na sua cova de Sublaco. Pois
mbem havia morrer, como se naõ morrera: e
esta sorte havia eternizar a vida, postoque se naõ
entasse da morte.

4 O mais commum, e ordinario he, que a
orte conresponda, e se assimilhe á vida: e quem
z huma vida taõ solitaria, taõ penitente, e taõ
tatica, que se representava ser morte, havia

D. Brun. sive qui Carthusiensiũ Ordinis extitit Fundator, sive qui fuit Episcopus Signinus.

D. Pet. Dam. S. 2. de S. Joan. Apost.

Ex offic. in festo Trãsl. S. P. Bened.

ter huma morte taõ admiravel, que se julgasse po
vida : nem havia morrer como os mais homens
quem viveo como naõ vivem os mais. Parece-m
que assim o estou ouvindo dizer a S. Pedro Da
miaõ : *Quia mirabiliter vixit, mirabiliter obiit*
Supra citat. *& quia non communem cum hominibus vitam du*
xit, non communi hominum morte transivit. Con
S. Bento se vio a promessa de Christo anticipada
mente desempenhada ; porque a pezar da morte
já neste mundo começou a sua vida a ser eterna
Vitam æternam possidebit : morrendo como s
naõ morrera, depois de viver como se naõ vivera
Esta em summa he a materia, que tenho para o
elogios de meu grande Patriarca, neste dia de su
preciosa morte. Para discorrer sobre ella, saude
mos a Mãy de Deos, e por intercessaõ da que h
Benta entre as mulheres, imploremos auxilios d
Divina Graça.

AVE MARIA.

§. II.

Vitam æternam possidebit.

5 A Hum Santo que taõ cedo, e taõ antici
padamente buscou a Christo, pois já no
ventre materno se dedicou a Deos, e o louvou
antes de nascer, como se naõ anciparia tambem
Christo para lhe dar o premio da vida eterna an-
tes de morrer ? Quando os Historiadores deste
grande Principe dos Patriarcas chegaõ a escreve
a sua morte, lhe daõ o nome de transito, talvez
duvidando que fosse morte. O certo he que quan-
do

lo esta se lhe avisinhava, a esperou com tanto animo, e a abraçou taõ cheyo de alegria, como se ara elle naõ fora morte. Huma ardente febre depois saberemos a causa della] o foy debilitano por alguns dias: mas ao ponto de entregar o spirito nas mãos de seu Creador, cobrou tanto sforço, e tanto espirito, como se milagrosamene se achara livre da enfermidade mortal. E haemos dizer, que dessa enfermidade morreo S. 3ento!

6 Ainda assim hey de confessar que o mesno Patriarca Santissimo fortemente se oppõem ao neu assumpto; porque o acho empenhado em nos ersuadir, que em verdade, e notoriamente morreo. A S. Bento muito antes de morrer foy reveada a hora de sua morte, com noticia clara de todas as circunstancias della. Na vida era S. Bento ium Sol, com que mais se illustrava o mundo, do que com outro se clarifica o dia. Assim o disse o Papa S. Zacarias: *In toto mundo Sole clarius evi-ravit.* Bem era pois que como Sol chegasse a onhecer o seu occaso, por meyo da revelaçaõ da ua morte: *Sol cognovit occasum suum.* E quando leviamos suppor da rara humildade, e insigne rudencia de S. Bento, que conservasse em prounndissimo segredo este, que Deos lhe havia reveado; elle o communicou naõ só aos Monges com quem vivia, mas a outros tambem, que tinha auentes por Italia, e França, dando-lhes certos siaes, para que soubessem de sua morte, no mesno ponto, em que sua alma santissima se apartasse do corpo, e da terra para o Ceo.

Ex Bul. Zachar. apud Leon. Host. in Apend.

Ps. 103. 19.

D. Greg. M. lib. 2. Dia: cap. 41.

7 Tambem Deos quiz certificar-nos tanto da

morte de S. Bento, que, para a fazer indiſputavel ordenou que Santo Amaro, e dous Monges mais viſſem ir ſua alma por huma nova eſtrada, que da cella do Santiſſimo Patriarca chegava até o Ceo, clara, e brilhante com innumeraveis luzes, e toda alcatifada de precioſiſſimas colchas. Ficáraõ abſortos neſta viſaõ os que a lográraõ: atéque do Ceo lhes foy dito, que Bento, o amado eſpecialmente de Deos, era quem na Gloria foy recebido com huma entrada de tanto luzimento, e mageſtade. E á viſta de verdades taõ authenticas, ainda havemos queſtionar ſobre a morte de S. Bento? Sim; porque ainda ha fundamento para iſſo, e ainda ha lugar para a duvida, attendidas as prodigioſas circunſtancias de ſua morte.

D. Greg. citat. Fauſtus in vit. S. Mauri.

8 Morreo Moyſés: o Sagrado Texto expreſſamente o affirma, e refere com clareza a cauſa, o lugar, e mais circunſtancias de ſua morte: *Mortuusque eſt ibi Moyſes, ſervus Domini, in terrá Moab, jubente Domino.* E que duvidas ſe naõ excitaraõ depois, acerca da morte de Moyſés! Deixadas as mais antigas, ainda Santo Hilario, S. Jeronymo, Santo Ambroſio, o Abbade Joaquim, com outros Authores graves, ſe perſuadiraõ, e diſſeraõ que naõ morreo Moyſés, e que eſtá vivo, e eſtará até o fim do mundo. Notavel ſentença! Notavel opiniaõ! Os Doutores commummente a reputaõ por indigna de Padres taõ Santos, e taõ Doutos. Naõ declara o Sagrado Texto bem expreſſamente que morreo Moyſés? Sim: *Mortuusque eſt ibi Moyſes.* Naõ conſta do meſmo Texto, que a Moyſés revelára Deos que havia de morrer na peregrinaçaõ do deſerto, antes de

Deut. 4. 5.

D. Hilar. can. 20. in Matthæ. D. Hier. in Amos 9. 6. D. Ambr. lib. 1. de Cain, & Abel, c. 2. Joach. Abb. in c. 11. Apoc. & alii apud Vieg. in Apoc. 11. com. 5. ſect. 7.

e se passar o Jordaõ? Tambem sim; e duas ve-
es fez Moysés ao seu povo participante desta re-
elaçaõ. A primeira consta do capitulo terceiro
o Deuteronomio: a segunda do capitulo trinta
hum do mesmo Livro. E que ainda assim andas-
em duvidas, se morreo, ou naõ morreo Moy-
és! Que ainda o negassem os Padres mais expe-
aveis da Igreja! Sim; porque attendidas as ad-
niraveis circunstancias da morte de Moysés, di-
emos que morreo, como se naõ morrera. E isto
e o que unicamente querem dizer aquelles Pa-
res, quando parecem negar que Moysés morres-
e, como bem advirtio o Alapide: *Quodque mors
Moysis ita in Scriptura narretur, ut ipse non tam
mortuus, quàm translatus, & immortalis fuisse
videatur.* Chamaõ á morte de Moysés hum tran-
to desta para a outra vida, por modo taõ prodi-
ioso, e com circunstancias taõ admiraveis, que
aõ parecia ser morte: *Ut ipse non tam mortuus,
quàm translatus, & immortalis fuisse videatur.*

Deut. c. 3. v. 27 & c. 31. v. 2.

Alap. in cap. 34. Deut. v. 5

9 Outro Moysés foy S. Bento. Assim o disse
Christo a Santa Hildegarda: *Ipse Benedictus est
quasi alter Moyses*; e naõ só na vida, mas tam-
bem na morte foy S. Bento outro Moysés. Na vi-
da foy outro Moysés, que guiou hum povo im-
menso para a melhor terra da Promissaõ: foy ou-
tro Moysés no zelo da observancia da Ley, e pre-
ceitos Divinos: foy outro Moysés em destruir
idolos, e desterrar a idolatria: foy outro Moysés,
a cujo imperio de huma penha brotaraõ christali-
nas agoas: foy outro Moysés nos prodigios, e nos
milagres, que obrou: foy outro Moysés, que teve
o privilegio de ver claramente a Deos nesta vida:

D. Hildeg. lib. 2. v. 5. n. 21.

foy outro Moysés, que se cobria de tantos resplendores, como se na terra gozara já o seu corpo o dote da claridade. Na morte havia tambem ser (e em verdade foy) como outro Moysés, a quem Deos revelou o tempo, e lugar, em que havia de morrer. Qual outro Moysés, duas vezes deo a saber a seus Monges a hora, e circunstancias de sua morte. Huma vez deo esta noticia aos Monges que viviaõ em sua companhia: outra vez aos q se achavaõ ausentes. De Moysés nos quiz certificar o Espirito Santo, que morrera; porque assim o fez escrever no Sagrado Texto. De S. Bento disse lá do Ceo o Eterno Padre, que era morto; porque (segundo a representaçaõ do que viraõ Santo Amaro, e dous Monges mais) o Eterno Padre foy o que declarou ser S. Bento aquelle, cuja alma ditosa subia aos Ceos por huma nova, e triunfal estrada: *Venerando habitu vir, desuper clarus assistens....ait, hæc est via, quâ dilectus Domini, Cœlum Benedictus ascendit.* As circunstancias da morte de Moysés foraõ taõ prodigiosas, que a fizeraõ naõ parecer que era morte. Indicavaõ só que era hum transito desta para outra vida, sem se experimentar o transe da morte: *Ut ipse non tam mortuus, quàm translatus, & immortalis fuisse videatur.* Tambem a morte preciosissima de S. Bento foy com circunstancias taõ admiraveis, e taõ prodigiosas, que naõ parecia ser morte. Parecia que, sem ella, era hum transito de vida mortal, para immortal vida. S. Gregorio Magno a escreve com admiraçaõ, e diz que chegada a hora da morte de seu, e meu Patriarca S. Bento, este se puzera em pé, e que estando assim,

D. Greg. & Faustus supra relati

assim, levantou as mãos ao Ceo, começou a orar, e entre as palavras, que orando proferia, exhalou o espirito: *Erectis in Cœlum manibus stetit, & ultimum spiritum inter verba orationis efflavit.* Vamos notando em todas estas circunstancias, que observou, e admirou o Santo Pontifice, e iremos desempenhando o assumpto.

D. Greg. citat. c. 41.

§. III.

10 DE pé está S. Bento quando morre. Eu me persuadi seria a razaõ, porque naõ podia a morte prostrar a hum Santo, que passou toda a vida sem cahir em huma só culpa. Ou talvez porque até na morte se mostrasse invencivel aquelle espirito, que pela Providencia foy dado á Igreja para a defender, quando mais combatida estava das heresias: e ainda hoje a está sustentando na Religiaõ, que fundou para columna, em que descança todo o edificio da Igreja; como disse Christo a Santa Mectildes: *Medium Ecclesiæ est Ordo D. Benedicti sustentans eam veluti columna, cui tota domus innititur.* Naõ só de pé, mas cobrando novos alentos, morre S. Bento. Desfallecendo todos quando a morte chega, cobrou S. Bento forças, com que se pôs de pé, estando para espirar. O mesmo Christo, a quem a Divindade esforçava, se encheo de temor esperando a morte: *Cœpit pavere, & tædere.* Pois como recebe meu Patriarca alentos, quando está para espirar? Como se põem de pé a esperar, ou a desafiar a morte? Ora dêmos já de huma vez a razaõ de tudo. Digo ser esta: Porque Christo em prova de que

D. Mectild. lib. 1. de B. Bened.

Mar. 14. 33.

verda-

verdadeiramente era mortal; queria ſe viſſe que verdadeiramente morria, advertindo-ſe que temia a morte. Em S. Bento porém, queria Deos moſtrar que morria, como ſe naõ morrera; por iſſo naõ desfallece quando morre. Morrendo, ſe vio que era homem ſujeito á ſentença proferida contra o primeiro homem: *Morte morieris.* Morrendo porém de pé, moſtrava que morria, como ſe fora immortal, ou como ſe naõ morrera.

Genef. 2. 17.

11 No Apocalypſe vio S. Joaõ que o Divino Cordeiro eſtava em pé, e como ſe fora morto: *Agnum ſtantem tanquam occiſum.* Eſta viſaõ, ſem controverſia alguma, foy depois da Aſcenſaõ de Chriſto; porém ſe antes diſſo foy Chriſto em verdade morto, como naõ diz S. Joaõ que o vira morto, mas ſómente como ſe fora morto: *Tanquam occiſum?* Porque o vio em pé: *Agnum ſtantem.* Quem ſe ſuſtêm em pé eſtá vivo; o Cordeiro eſtava de pé: logo ainda eſtava eſſe Cordeiro vivo. Verdade he que o meſmo Cordeiro fora morto; mas eſtando em pé, ſó parecia eſtar morto, ou que era morto ſó na apparencia, como ſe na realidade naõ morrera: *Stantem tanquam occiſum.* S. Bento tambem eſtava na realidade morto; mas como ſe naõ morrera, porque morrer eſtando em pé, he morrer mais na apparencia, que na realidade: *Tanquam occiſum.*

Apoc. 5. 6.

12 Naõ baſtaõ, para maravilha taõ rara, as forças da natureza; porque á viſta da morte perde a natureza todo o ſeu esforço. He ſem duvida, que ſó as forças da ſantidade podiaõ ſuſter em pé a S. Bento, quando morria: porém naõ ſey que ſe poſſa deſcobrir ſinal de mayor, e mais admira-

vel

vel santidade, da que mostrou S. Bento, espirando em pé. Julgay se me fundo bem. Diz S. Joaõ que vira no Ceo hum sinal grande, e admiravel: *Vidi aliud signum in Cœlo, magnum, & admirabile.* Era este sinal hum mar de vidro, sobre o qual estavaõ de pé os que venceraõ: *Mare vitreum, & qui vicerunt stantes super mare.* O mar de vidro he o mundo (dizem os Expositores) sempre fluctuante, sempre perigoso, e nunca firme. E que grande sinal, ou que maravilha he estar de pé sobre o mundo quem o vence, se só vence o mundo quem o piza, e traz debaixo dos pés? Direy. O mundo naõ se vence antes da morte; porque em toda a vida com elle pelejamos, sendo a victoria indecisa até a morte. No instante della se declara o triunfo por parte do vencedor. Isto posto: vencer o mundo estando de pé sobre elle, he morrer, e espirar em pé: *Vicerunt stantes super mare*; e isso para S. Joaõ foy sinal grande, e admiravel, porque foy sinal de admiravel, e grande santidade: *Signum magnum, & admirabile.* A razaõ he; porque vencer o mundo espirando em pé, naõ he só triunfar do mundo: he tambem triunfar da morte; e justamente se admirava S. Joaõ, vendo a quem a morte naõ prostrou, nem venceo: antes sim quem vencia a morte, e triunfava della. Para hum homem vencer o mundo basta-lhe que seja Santo; mas para vencer tambem a morte, naõ basta que seja homem, nem basta que seja Santo; porque a morte tem dispotica jurisdiçaõ em todos os homens, aindaque sejaõ muy Santos. He necessario que seja mais que homem, e mais que Santo, o que houver de vencer a morte, e triunfar della.

Apoc. 15. 1.

Vers. 2.

13 Com-

13 Comparay o Cordeiro Divino, visto no Apocalypse, a si mesmo visto na Cruz. Morrendo na Cruz he acclamado por verdadeiro Homem, postoque Santo: *Verè hic homo justus erat.* No Apocalypse porém, onde estava em pé, e só na representaçaõ morto, he adorado por verdadeiro Deos: *Dignus est agnus, qui occisus est, accipere virtutem, & Divinitatem.* E a razaõ desta differença he, porque na Cruz naõ vencia a morte, pois esta lhe tirou a vida; só vencia o mundo: *Nunc Princeps hujus mundi ejicietur foras.* No Apocalypse, além de vencer o mundo, vencia tambem a morte, como triunfante della: *Fui mortuus, & ecce sum vivens in sæcula sæculorum, & habeo claves mortis.* Para vencer o mundo, basta que hum homem seja Santo: *Verè hic homo justus erat.* Para vencer a morte, que a todos vence, naõ basta ser homem Santo; he necessario ser homem Deos: *Dignus est agnus, qui occisus est, accipere virtutem, & Divinitatem.* E que esperais agora que concluamos daqui? Como prégo a ouvintes Catholicos, o mais acertado será naõ concluir, nem applicar este pensamento. Lá deixo a conclusaõ delle aos vossos entendimentos; recommendada porém á vossa Fé.

Luc. 23. 47.
Apoc. 5. 12.
Joan. 12. 31.
Apoc. 1. 18.

14 Oh Santissimo Patriarca meu! Triunfador da morte, e do mundo, vos applaudimos neste dia, em que morrendo pizais o mundo, e a terra. Bem he que pizeis o mundo, pois desprezastes o mais precioso, e o mais estimavel delle, que, ou como herança, ou como tributo, offertava Roma á Augustissima Casa, de que a Providencia vos fez hereditario Senhor. Mas que tambem pizeis

eis a terra, quando triunfais da morte! Para
em exprimir S. Gregorio Magno quam arreba-
do no Ceo vivia S. Bento, disse que as suas plan-
s nunca se lhe pegaraõ na terra; porque dando
s primeiros passos para entrar no mundo, retirou
pé, por naõ tocar na terra, quem era todo do
eo: *Eum, quem quasi in ingressu mundi posue-
at, retraxit pedem.* Pois como piza com ambos
pés a terra, quando della se aparta para o Ceo?
ara triunfar da morte, e parecer immortal na
da. Naõ pizou na terra vivendo, porque vivia
omo se naõ vivera na terra. Porém pizava sobre
terra morrendo em pé; porque morrendo as-
m, bem mostrava que a terra nem com o seu
ontacto lhe pode communicar a mortalidade.
uando Deos publicou contra o primeiro homem
sentença de morte, na qual pela culpa estava in-
urso, os termos com que a proferio foraõ estes:
*onec revertaris in terram, de quâ sumptus es:
uia pulvis es, & in pulverem reverteris.* Tor-
arás para a terra de que es formado. S. Bento
orém morria em pé, com as mãos levantadas pa-
o Ceo: *Erectis in Cœlum manibus stetit*; co-
o querendo já abarcar o Ceo com as mãos, e
aminhar, naõ para a terra, mas para o Ceo; por-
ue naõ devia fazer o seu caminho para a terra
um Santo, que morria, como se naõ morrera. Se
morrer he tornar para a terra: *Donec revertaris
terram: & in pulverem revertaris*; naõ pa-
ça que torna para a terra hum Santo, que pare-
que naõ morre.

D. Greg. Dialog. l. 2. in initio.

Genes. 3, 19.

§. III.

§. IV.

15 PAssemos a outra circunstancia, que, como impaciente, aqui se introduzio já para o discurso. Com as mãos levantadas ao Ceo morre S. Bento. Agora o acabamos de dizer: *Erectis in Cœlum manibus*. Mysteriosa acçaõ! Assim o julgaõ todos. Seis dias antes ao de sua morte, esteve S. Bento com a sepultura aberta para o seu corpo, só para que a morte naõ temesse tirar-lhe a vida, vendo-o taõ desejoso de sepultar-se: *Nè mors vereatur ad ipsum accedere*, disse Erhardo. Mas porque temerosa a morte naõ se atreveria a chegar-lhe, com aquella acçaõ (sigamos a intelligencia do mesmo Author) abraçava meu Santissimo Patriarca a morte, e lhe fazia aceno, para que sem temor chegasse: *Mortem amplexus .... non expectavit, sed vocavit.* Em ternissimos colloquios estava S. Bento com Christo muitas vezes, e entre as expressoens, que lhe fazia de seu amor, costumava dizer-lhe, que por elle desejava dar cem, e mil vidas; e accrescentava: Se isto para vós he pouco, meu Jesus, tambem para mim naõ basta, porque tudo he nada, para o grande amor que vos tenho: *Centies, & millies, pro te mori vellim, Domine Jesu: si hoc non sufficit tibi, nec mihi sufficit, quia nihil sufficit animæ meæ.* Assim o refere S. Vicente Ferreira. Chegou pois a hora de sua morte, e entrou S. Bento a desempenhar os seus fortes desejos de morrer por Christo; porque sem temor começou a abraçar, e a chamar a morte: *Mortem amplexus non expectavit, sed vocavit.*

Erhard. in vit. S. Ben. lib. 1. p. 3. c. 36.

D. Vincent. Ferr. Serm. de S. Bened.

16 Os

16 Os mais Santos abraçaõ a morte quando chega; porque desejaõ abraçar-se com Christo na Gloria eternamente; mas naõ chamaõ a morte, para que chegue: ou porque a temem, ou porque a morte os naõ teme a elles, e por isso naõ necessita de ser chamada. Santo Hilariaõ abraçando a morte, depois de servir a Deos settenta annos, ainda assim a temia, e reprehendia a sua alma, vendo-a receosa de sahir do corpo: *Quid times? Egredere anima mea.* Era homem, e, posto que Santo, naõ podia despir-se do temor natural da morte. Pelo contrario a morte a nenhum homem teme, aindaque seja muy Santo; porque nenhum póde resistir á sua fouce. Em S. Bento se vio, e admirou trocada a condiçaõ deste partido. Tanto naõ temeo a morte, que antes a morte o temeo a elle; porque ao imperio de S. Bento esteve sujeita a morte. Digaõ-no tantos mortos, que S. Bento resuscitou: e muito mais, melhor o diga o modo com que os resuscitava. Outros muitos Santos tambem resuscitaraõ mortos; mas rogando a Deos que lhes desse vida: S. Bento resuscitava-os, mandando com imperio, e potestade de filho de Deos, como bem notou, e muito admirou S. Gregorio Magno. E porque S. Bento tinha sobre a morte potestade de filho de Deos, por isso a morte o temia, nem se lhe atrevia a chegar: por isso foy preciso a S. Bento chamá-la, para que ella pudesse tirar-lhe a vida.

D. Greg. l. 2. Dialo. c. 30.

17 He muito de admirar, que naõ espirasse Christo no tormento dos açoutes, nem acabasse a vida no tormento dos espinhos, com que impie-

mente o coroaraõ. O dos açoutes foy taõ cruel que lhe rasgou todo o corpo, e abrio até se lhe verem as entranhas, segundo foy revelado a Santa Brigida. O dos espinhos naõ era menos mortal; porque, como diz S. Lourenço Justiniano, a grandeza delles penetrando a cabeça do Redemptor, chegava a offender-lhe o cerebro. Os mesmos ministros, que conduziaõ a Christo para o patibulo, vendo que naõ se lhe dilataria a vida até a execuçaõ da sentença, buscaraõ quem o ajudasse a levar a Cruz, e já no Calvario lhe deraõ huma bebida, que o confortasse, Porém Christo com hum esforço admiravel sopportou que o crucificassem e esteve por espaço de tres horas pendente na Cruz sem espirar. Aqui pasma toda a ponderaçaõ. Se Christo taõ ancioso estava de morrer pelos homens, como naõ espirava quando tantas causas juntas conspiravaõ a lhe tirar a vida? Porque temerosa a morte naõ se lhe atrevia a chegar; responde Santo Athanasio: *Quia mors, Christum metuens, ad ipsum non audebat accedere.* Por isso tantoque Christo inclinou a cabeça, espirou logo: *Inclinato capite tradidit spiritum*; porque com aquella acçaõ chamava a morte para que lhe tirasse a vida: *Christus autem, inclinato capite eam vocavit*, diz o mesmo Santo Doutor, a quem seguio a Veneravel Abbadessa de Agreda. Antes de ser chamada, temia a morte chegar-se a Christo; porque como era verdadeiro Filho de Deos tinha sobre a morte o natural dominio, e potestade, com que a tantos resuscitou: por isso naõ podia a morte sem permissaõ de Christo offendê-lo.

D. Athanas. q. 6. ad Antioc.

Joan. 19. 30.

Vener. Maria de Jesus, Myst. Ciud. de Dios 2 p. l. 6. c. 23. n. 1422.

18 O que

18 O que na morte, a respeito de Christo, oy temor, para com S. Bento ou foy temor, ou espeito. Por muitas vezes experimentou a mor- e a jurisdiçaõ, e dominio, que sobre ella tinha . Bento; porque muitas vezes lhe fez repor os nortos á sua antiga vida. Reconhecia em S. Ben- o potestade de Filho de Deos, e o respeitava qual utro Christo (que assim lhe chamou o sempre 'eneravel S. Beda) *Velut Christus*. Daqui dis- orro, que se a Christo naõ se atreveo a morte, em ser chamada: *Mors Christum metuens, ad psum non audebat accedere. Christus autem, in- linato capite, eam vocavit*; tambem tîmida, e eceosa naõ se atreveria a S. Bento: e para se che- ar elle, esperava que o mesmo Santo lhe desse ermissaõ, ou algum sinal, como lhe deo, quan- o com as mãos erguidas a chamou, para que lhe rasse a vida: *Erectis in Cœlum manibus, mor- em amplexus vocavit.* Assim como Christo, ue inclinando a cabeça, chamou a morte para e render a vida: *Inclinato capite, eam vocavit. Tradidit spiritum*,

D. Beda apud Sæcul. 1. Bened. fol. 36.

§. V.

9 Está entendido o mysterio, com que S. Ben- to para morrer estendia as mãos, e as le- antava ao Ceo. Ponderemos agora, se em tal rcunstancia expirando meu glorioso Patriarca, de- emos dizer, ou entender que morreo? Parece- e que naõ; porque naõ se faz acreditavel, sem rande admiraçaõ, que chegasse a morrer quem nha tanto dominio sobre a morte. Naõ se per-

ſuade a razaõ ſem difficuldade, que morreſſe quem tinha a fouce da morte ſubmettida a ſeu arbitrio, e rendida a ſeu imperio. Daõ a Pilatos a noticia de que Chriſto tinha já expirado, e elle ſe admira de que taõ cedo, e taõ apreſſadamente morreſ-

Marc. 15. 44.

ſe: *Pilatus autem mirabitur, ſi jam obiiſſet.* Os dous ladroens, que com Chriſto foraõ crucificados, eſtavaõ ainda vivos, e Chriſto tinha já expirado: e de que expiraſſe Chriſto antesque os ladrões, ſe admirou Pilatos. Ouvi ao Angelico Doutor

D. Thom. 3. p. q. 47. a. 1. ad 2.

Santo Thomaz: *Fuit etiam mirabile in Chriſti morte, quòd velocius mortuus fuit aliis, qui ſimili paſſione afficiebantur, unde dicitur, quòd Pilatus mirabatur, ſi jam obiiſſet.* Valha-me Deos com juizos taõ encontrados, e taõ oppoſtos! Os miniſtros da execuçaõ attendendo para o eſtado em que viaõ a Chriſto, receyaõ que expire antes que chegue ao Calvario: confortaõ-no para que naõ morra antesque o crucifiquem; e Pilatos ſe admira de que Chriſto depois de cravado com tanta violencia, e tyrannia na Cruz, naõ viveſſe mais de tres horas? Sim, e com diſcurſo bem ajuſtado, e bem prudente. Notay. Sabia Pilatos que Chriſto naõ podia naturalmente viver, depois do tormento dos açoutes, e da inſopportavel impiedade dos eſpinhos; vio porém que Chriſto conſervou a vida até ſer crucificado, e que pendente eſteve na Cruz vivo por eſpaço de tres horas: e daqui inferio que a morte eſtava ſujeita ao imperio, e diſpoſiçaõ de Chriſto; porque entendeo facilmente que Chriſto viveo em quanto quiz, e que morreo quando quiz dar para iſſo permiſ-

D. Th. ibid.

ſaõ á morte: *Dicitur quòd Pilatus mirabatur, ſi jam*

jam obiisset; sicut enim ejus voluntate natura orporalis conservata est in suo vigore, usque ad xtremum; sic etiam, quando voluit, subito cesst. Conclue o mesmo Doutor Angelico. Com azaõ pois se admira Pilatos, quando ouvio dizer ue Christo tinha expirado: *Mirabatur si jam biisset*; porque naõ se pode facilmente persuadir razaõ, que morresse quem tinha imperio, e juldiçaõ sobre a morte.

Oh como em proprios termos vejo retratado caso de S. Bento! Sabia por Divina revelaçaõ hora em que havia de expirar, e mandou abrir sepultura para seu corpo. Seis dias esteve com la aberta esperando a morte; esta porém sem hegar. Que he isto? Morte taõ desejada, e taõ borrecida, que estorvo achas? Que te demora? Que ha de ser, senaõ que a morte reverenciou, u temeo a S. Bento, pelo dominio, que sobre ella tinha? Reconhecendo a subordinaçaõ, que a S. ento devia, se detinha irresoluta, como espeando que o mesmo Santo a chamasse, para lhe rar a vida: *Mortem vocavit.* Pois quem se ha e persuadir que a morte levantou o braço, e escarregou o golpe em S. Bento? Parece incriel. Ao menos, naõ se póde ouvir sem admiraçaõ: *Mirabatur si jam obiisset.*

21 Ora por sahirmos destas perplexidades, e estas oppostas, e encontradas circunstancias, que zem taõ duvidosa a morte de meu Santissimo atriarca, confesso que em verdade morreo, pois a homem; e sempre nego fosse a morte a que e tirou a vida; porque, a meu entender, acabou vida, sem que padecesse a morte. Parece que

agora me implico mais. Morreo, e teve iſençaõ
da morte? Sim. Examinemos-lhe a enfermidade
mortal. Expirou S. Bento a doces violencias do
amor de Deos. Em deſejos fortiſſimos de ſe ver
com Deos na Gloria, ardia S. Bento, e repetia
actos muy intenſos de amor de Deos, até que rompeo em hum taõ abrazado, e taõ forte, que naõ
podendo as forças da natureza conſervar, e ſoſter a vida em taõ ardente, e heroico acto de
amor, com elle juntamente exhalou o eſpirito, e
acabou a vida. Refere-o aſſim Erhardo. Eſcreve
Santa Hildegarda que ſeu, e meu Patriarca S.
Bento ſe abrazava em tanto incendio de amor de
Deos, como o ferro nas chammas da ardente
fragoa: *Ardore ignis flagravit Deo, eoque tam
vehementi, ut ignito ferro ſimilis in amore Deo
rutilaret.* Tambem a Mãy de Deos, declarando
a Santa Brigida quanto ardia S. Bento em amor
Divino, lhe chamou Anjo; porque ſe os Anjos
ſaõ vivo fogo do Divino amor, que arde, e reſplendece nelles: *Facis Angelos tuos ſpiritus,
miniſtros tuos ignem urentem*; S. Bento como
Anjo, e como fogo, deſpedia de ſi calor, e chãmas de amor Divino: *Anima Divi Benedicti*
(ſaõ palavras da Mãy de Deos) *erat quaſi Angelus, qui dedit ex ſe calorem magnum, & inflammationem.* Pois que muito, ſe neſtas chammas, Mariposa do amor Divino, S. Bento ardeſſe! Que muito, ſe expiraſſe Fenix abrazado neſte
incendio!

Erhard. in vit. S. Bened. lib. 1. p. 3. c. 35.

D. Hildeg. in Expoſit. Reg.

Pſal. 103. 4.

D Brigit. lib 3. Revel. c. 21.

21 Tornando agora ao penſamento, em que
eſtava; reparo, e pergunto aſſim. Se o amor Divino, em que conſiſte a vitalidade dos Juſtos, ti-

ou a vida a S. Bento, quem dirá que lhe deo a orte? O fogo, crescendo as chammas, se incen- mais: e se S. Bento era fogo, todo abrazado n amor de Deos, como podia extinguir-se, quan- o em amor de Deos mais ardia! A vontade, uanto mais se apura em amar, tanto mais apura- a tem a sua vitalidade: logo o amor de Deos, n que S. Bento se apurava tanto, mais havia onservar-lhe a vida, que dar-lhe a morte. Pare- que precizamente havemos duvidar da sua mor- , já que naõ será bem duvidemos que o amor e Deos fosse a ardente febre, que lhe tirou a da. Parece que conhecida a causa, que lhe tirou vida, se descobre a mais forte razaõ de du- dar da sua morte.

23 Naõ consentio Christo que em vida lhe eriissem o coraçaõ: *Ut viderunt eum jam mor- tuum,... unus militum lanceâ latus ejus aperuit.* qual seria o mysterio, de reservar Christo pa- depois da morte a Chaga mais principal de u corpo, que em si havia de encerrar tantos, taõ grandes Sacramentos? Huma Chaga de nto preço para Redempçaõ do mundo, dilata hristo para o tempo, em que, por estar já mor- , naõ podia merecer? Sim, com razaõ, e com ysterio. Toda a chaga no coraçaõ he mortal: esta do coraçaõ de Christo, além de ser mortal, a especialmente a Chaga do seu amor: *Vulnus rdis vehementiam designat amoris*, diz S. Ber- rdo. Naõ quiz pois Christo antes da morte re- ber em seu coraçaõ a mortal ferida do amor; orque naõ queria deixar em duvidas, e opi- oens a sua morte. Se morrera ferido no cora-

Joan. 19. 33. & 34.

D. Bern. sup. cant. S. 30.

çaõ, diriaõ alguns que Christo naõ morreo; por
que ferida de amor naõ mata: augmenta a vida
quem ama. Se Christo expirasse recebendo hum
Chaga do amor, a vida, e o amor viriaõ a ser er
Christo dous contrarios muy oppostos: e quar
to mais quizessemos acreditar o seu amor, tar
to mais duvidariamos da sua morte. Pois par
que nem se duvide da sua morte, nem do se
amor, quiz Christo que se lhe abrisse a Chaga d
amor depois da morte. Ordenou que primeiro
lhe verificasse a morte: *Viderunt eum jam mor
tuum*: e depois a Chaga do amor, quando d
morte se naõ podia já duvidar: *Unus militu
lanceâ latus ejus aperuit.* Naõ foy preciza em S
Bento esta precauçaõ; porque confessamos to
dos que morreo; e só dizemos que a enfermi
dade do amor, aindaque lhe tirou a vida, naõ lh
deo a morte. Morrer de morte, he pena, ou at
tributo a que nos obrigou a culpa, que todos cor
trahimos: *Morte morieris*: e se o amor de Deo
tirou a vida a S. Bento, como lhe imporia o tri
buto da morte, introduzido pela culpa? Como
naõ aliviaria desta pena, para morrer sem morte
isto he, para morrer como se naõ morrera? As
sim devemos entender sem duvida, morria hur
Santo, que por se abraçar com Deos, em cuj
amor se abrazava, estendendo as mãos chamava
ou desaffiava a morte, para lhe fazer entrega d
propria vida.

Genes. 2. 17

§. VI

§. VI.

4 E Muito mais diremos que S. Bento morreo como ſe naõ morrera, ſe bem notar-
ıos na ultima, e mais admiravel circunſtancia
e ſua morte. Orando eſtava S. Bento quando ex-
rou: e taõ prodigioſamente, que primeiro aca-
ɔu de viver, do que acabaſſe de orar; porque
nda depois de morto eſtava orando. Refere o
ıſo S. Gregorio Papa; ouvi-o novamente com
flexaõ, que diz aſſim: *Vltimum ſpiritum in-
r verba orationis efflavit.* Exhalou S. Bento o
timo eſpirito entre as palavras da oraçaõ, em que
tava. Muito veyo a dizer-nos aqui o grande Pon-
fice. Entre as palavras da oraçaõ: *Inter ver-
ı orationis*; porque orava antes de expirar, e
ndo já expirado, ainda continuava orando. O
pirito, que exhalou, era o ultimo: *Vltimum ſpi-
tum*, e as palavras da oraçaõ naõ eraõ as ulti-
as; porque exhalado o eſpirito, que o anima-
, ainda foy S. Bento proferindo mais palavras,
continuando a ſua oraçaõ: *Inter verba ora-
nis.*

25 Que S. Bento oraſſe até a morte, eu o
ppunha; porque naõ podia o ſeu eſpirito ceſſar
oraçaõ, em quanto naõ ceſſaſſe de viver. Mas
ie acabando a vida, naõ acabaſſe de orar! Que
Bento oraſſe em toda a vida, iſſo era proprio
hum eſpirito taõ extatico, como o de S. Ben-
era. Mas que exhalado o eſpirito, ainda oraſ-
! He ſinal de que no corpo já morto ainda lhe
ava a faculdade vital, como ſe naõ fora mor-

 to.

to. Theophylacto me deo luz para ver esta vero-

Theoph. in cap. 19. Joan.

similidade: *Verosimile est, vitalem quandam vir-tutem adhuc fuisse in corpore.* Fallava o muy dou-to Padre reflectindo naquelle sangue, e agoa, q sahiraõ do lado de Christo depois de morto: naõ duvidou de que nelle ainda pudesse haver a guma virtude vital depois da morte, sem a qu naõ emanariaõ delle sangue, e agoa. Do mesm pensamento foy Santo Hypolito Martyr: *Cùm s*

D. Hypolit. Mart. Epist. ad Regin. citatus à Theodoret. Dialog. 3.

corpus mortuum humano more, magnam vitæ i se habet facultatem: quæ enim ex mortuis cor-poribus non profluunt, ea ex ipso profluxerun E porque naõ diremos nós com o mesmo funda-mento, que tambem parecia haver em meu Pa-triarca Santissimo alguma vitalidade depois d morto, se ainda orava como antes de exhalar o e pirito? Todos vos admirais, e eu naõ; porqu se S. Bento antes de nascer já louvava a Deos n materno ventre; depois de morrer porque na continuaria em orar ao mesmo Deos? Louva a Deos, e orar saõ acçoens vitaes, que necessa riamente procedem do espirito da vida: e dire que no ventre podia S. Bento louvar a Deo porque no ventre já tinha vida, já tinha espirit já estava animado; naõ podia porém depois o morte orar, por lhe faltar já o espirito, que o an mava.

26 Boa reposta, e naõ menos forte duvid Mas o certo he que S. Bento exhalou taõ prod giosa, e admiravelmente o espirito, que pare ainda lhe ficava em seu corpo o mesmo espirit como se naõ houvera delle sahido. Notay. Pe Elizeu a seu Pay, e Mestre, o grande Elias qu

po

pois se ausentava, lhe deixasse o seu portentoso espirito: *Obsecro, ut fiat in me duplex spiritus tuus.* Elias lho prometteo para o tempo em que visse que se apartava delle: *Si videris me quando tollar à te, erit tibi quod petisti.* E de facto se teve por cousa certa, e provada com experiencia, que em Elizeu ficou o espirito de Elias: *Requievit spiritus Eliæ super Eliseum.* Naõ posso entender esta certeza taõ recebida de todos, sendo taõ difficil de se perceber. Elias foy arrebatado vivo: logo comsigo levou o seu espirito. He sem duvida. Pois como ficou em Eliseu o espirito de Elias? No Sagrado Texto achamos a razaõ desta incompativel maravilha. A ultima acçaõ de Elias foy tocar com a sua capa as agoas do Jordaõ, e dividi-las, desorte que a pé enxuto o passáraõ Elias, e Elizeu: *Tulitque Elias pallium suum, & involvit illud, & percussit aquas, quæ divisæ sunt in utramque partem, & transierunt ambo per siccum.* Volta logo Elizeu para Jericó, depois do rapto de Elias, chega ao Jordaõ, e faz o mesmo que Elias fez; porque tocando as agoas com a mesma capa (singular prenda, que lhe ficou de seu Mestre) ellas se tornáraõ a abrir, dando estrada, pela qual segunda vez passou Eliseu o Jordaõ a pé enxuto: *Percussitque aquas, & divisæ sunt, huc atque illuc, & transiit Eliseus.* Vista a repetiçaõ deste prodigio, clamaõ, e dizem todos: O certo he, que o espirito de Elias ficou, e se acha ainda em Eliseu: *Videntes autem filii Prophetarum, qui erant in Jericho è contra, dixerunt; requievit spiritus Eliæ super Eliseum.* E bem. Eliseu faz o mesmo,

4.Reg c.2.9

Vers. 10.

Vers. 15.

Ibid. v. 8.

Vers. 14.

Vers. 15.

que obrava Elias, pouco antes de ſe auſentar da terra! Pois quem naõ dirá que em Eliſeu ainda eſtava aquelle meſmo eſpirito, que ſe auſentou em Elias? Parece que mais proprio naõ pudéra vir para o noſſo intento. O eſpirito de S. Bento já ſe havia auſentado da terra para o Ceo: já havia deixado o corpo; mas eſſe corpo ainda ſe via continuar na meſma oraçaõ, em que eſtava, antes que o deixaſſe o eſpirito. Orava antes, e depois ainda eſtava na meſma operaçaõ, ſem que pelo apartamento do eſpirito ſe finalizaſſe a oraçaõ. Pois quem naõ diria que o eſpirito de S. Bento ainda deſcançava em ſeu corpo, aſſim como em Eliſeu deſcançava o eſpirito de Elias auſente, e arrebatado: *Requievit ſpiritus Eliæ ſuper Eliſeum.*

27 Acerca do eſpirito de S. Bento devemos ſentir, e entender muito mais altamente, do que podemos conceituar ordinariamente acerca do eſpirito dos mais Santos; porque S. Bento, como diz S. Gregorio Magno, teve em ſi o eſpirito de todos os outros Santos: *Vir iſte ſpiritu juſtorum omnium plenus fuit.* Pois que muito, ſe o eſpirito de S. Bento, quando já triunfante ſubia ao Ceo, ainda na terra eſtiveſſe orando, ſe tinha S. Bento o eſpirito tambem de Elias, que arrebatado á regiaõ aerea, ainda ficava em Eliſeu? Taõ altamente ha de ſubir o conceito, que fizermos do eſpirito de S. Bento, que com o eſpirito do meſmo Deos o equivoquemos, como ſe S. Bento em ſi tivera o eſpirito do meſmo Deos. Diſſe-o o meſmo grande Pontifice, e grande Gregorio: *Vir Dei Benedictus unius Dei ſpiritum habuit.*

D. Greg. Dialog. lib. 2 c. 9.

Ibidem.

Ten-

'endo pois S. Bento o eſpirito do meſmo Deos, uem duvidará que ſubindo já o eſpirito de S. ento ao Ceo, ainda lhe pudeſſe ficar no corpo ovendo a lingua, para continuar a oraçaõ em ue eſtava quando eſpirou?

28 Vio Ezequiel huma carroça notavel, myſ-eriofa, muy celebre para os Prégadores, e fal-ndo do movimento de ſuas rodas, diſſe que ara onde hia o eſpirito, para ahi tambem as ro-as hiaõ em ſeguimento delle; porque eſſe eſ-rito eſtava nas rodas: *Quocumque ibat ſpiri-us, illuc, eunte ſpiritu, & rotæ pariter eleva-ntur, ſequentes eum; ſpiritus enim vitæ erat rotis.* Neſta viſaõ acho que ſe contradiz o rofeta, pelo modo com que a refere. Se o eſpi-to hia adiante: *Quocumque ibat ſpiritus*: ſe as odas lhe ficavaõ atraz, pois hiaõ ſeguindo eſſe pirito: *Sequentes eum*; como ficava nas rodas o eſmo eſpirito, para as mover: *Spiritus enim tæ erat in rotis*? Porque era eſpirito de Deos, ie podia ao meſmo tempo ir, e ficar nas rodas. omptamente o Alapide: *Erat enim unus idem-e Dei ſpiritus.* Remontava-ſe o eſpirito de eos para o Ceo, e para a Gloria: *Ibat ſpiritus*: tambem ficava nas rodas: *Erat in rotis*: naõ a as animar; ſim para as mover ſomente: *Non imans, ſed impellens*, diz o meſmo Doutiſſi-Expoſitor. Aſſim o eſpirito de Deos; e por conſequencia tambem aſſim o eſpirito daquel-grande Patriarca, que em ſi tinha o eſpirito de os. Subia já para o Ceo, e para a Gloria o eſ-ito de S. Bento: *Ibat ſpiritus*: e ao meſmo npo lhe ficava no corpo cá na terra; naõ para o animar,

Ezech. 1.20.

Alap. hic.

o animar, pois em verdade eſtava já morto: mas para lhe mover a lingua na oraçaõ, que ainda continuava: *Non animans, ſed impellens.* O eſpirito hia para os gozos da eterna, e celeſte Bemaventurança: *Ibat ſpiritus*; e o corpo o ſeguia, poſtoque ficaſſe na terra: *Sequentes eum*; porque ficava o corpo orando na terra, quando o eſpirito já eſtava louvando a Deos no Ceo; e podia o corpo continuar na oraçaõ cá na terra, pois nelle ainda eſtava o eſpirito de S. Bento, que já aſſiſtia no Ceo: porque para iſſo tinha S. Bento o eſpirito do meſmo Deos: *Unius Dei ſpiritum habuit.*

29 Das rodas deſſa carroça diz o Proféta que ſubiaõ ao Ceo, e ſe apartavaõ da terra, em companhia dos que ſe apartavaõ deſta, e ſubiaõ para aquelle. E tambem diz que as meſmas rodas ficavaõ em pé com os que aſſim ficavaõ: *Cum euntibus ibant, & cum ſtantibus ſtabant; & cum elevatis à terra, pariter elevabantur & rotæ.* Parece confuſaõ, ou enigma; era porém hum ſymbolo muy proprio de S. Bento. Na morte admiravel deſte ſempre portentoſo Santo deſceraõ os Anjos a buſcar, e acompanhar ſua alma ditoſa, e ſantiſſima: e lá hia S. Bento com os que hiaõ para o Ceo, e ſe apartavaõ da terra: *Cum euntibus ibat, & cum elevatis à terra, pariter elevabatur.* E ao meſmo tempo ainda ficava em pé na terra, com os que cá ficavaõ: *Cum ſtantibus ſtabat.* Para o Ceo hia com os Anjos, para com elles louvar a Deos eternamente na Gloria: na terra ficava em pé com os homens, para rogar por elles a Deos. O que nas rodas era virtude do eſpi-

Ibid. 21.

ſpirito de Deos: *Erat enim unus, idemque Dei Spiritus*; em S. Bento era virtude do ſeu eſpirito; porque nelle tambem eſtava o eſpirito de Deos: *Unius Dei ſpiritum habuit.* Eſte eſpirito era o que a S. Bento dava esforço para eſperar a morte de pé: eſte o que o fez levantar as mãos ao Ceo, quando, por ſe abraçar com Deos, chamava, e abraçava a morte: eſte o que tambem o conſervava orando depois de haver expirado: eſte finalmente o que com taes prodigios fazia a S. Bento parecer vivo, quando morto, ou que morrera, como ſe naõ morrera; parecendo na morte, que ſe eternizára na vida: *Vitam æternam poſſidebit.*

§. VII.

ASſim devia morrer quem como S. Bento viveo. Morreo como ſe naõ morrera; porque tambem viveo como ſe naõ vivera. A ſua morte foy huma vida continuada; porque a ſua vida foy huma continuada morte. Que grande prova deſta verdade temos naquella viſaõ, em que Deos ſe manifeſtou a S. Bento, antes de ſua morte! Pedio Moyſés a Deos lhe deſſe a ver a ſua Divina face, em que conſiſtia a Gloria, e Bemventurança dos Juſtos: *Oſtende mihi gloriam tuam.* E que reſponderia Deos á petiçaõ do ſeu grande, e muy familiar amigo Moyſés? *Faciem meam videre non poteris.* Naõ he poſſivel, Moyſés, que me vejas manifeſta, e claramente; porque he incompativel com a vida mortal huma viſaõ taõ ſobrenatural, e taõ nobre. Como ſe poderá

Exod. 33. 18.

Verſ. 23.

derá ajuntar o estado beatifico ao de viador?
morte ha de mostrar aos homens o caminho,
abrir as portas, para que possaõ chegar, e en-
trar naquella Cidade da Gloria, em que me dei-
xo ver, e gozar dos meus escolhidos: *Non pote-
ris videre faciem meam; non enim videbit me ho-
mo, & vivet.* Com tudo, S. Gregorio Magno de-
põem que S. Bento vira a essencia Divina cla-
ramente nesta vida mortal. Seguem a S. Grego-
rio nesta parte S. Bernardo, S. Boaventura, Dio-
nysio Carthusiano, Ruperto Abbade, além d
muitos dos mais insignes Theologos. Cousa ra-
ra, e que aos Ecclesiasticos dá occasiaõ, e mate-
ria para huma disputa gravissima.

Ibid. 20.

Vide Heffet. c. 35 vitæ D. Bened. Reding. tom. 1. q. 4. a. 1.

31 O caso aconteceo nesta forma, segund
explorou, e examinou o grande Pontifice, ouvi
dos quatro Abbades discipulos de S. Bento. Em
certa noite posto S. Bento á janella de huma tor-
re, que para seu aposento escolheo (talvez por
ficar mais chegado ao Ceo, e mais apartado da
terra) ao tempo em que melhor se via a formosu-
ra do Ceo, e a terra toda estava em silencio, en-
trou em oraçaõ, esperando neste exercicio a ho-
ra de ir com seus Monges louvar a Deos no co-
ro. Eis-que occularmente vê huma luz, com a
qual a noite se pôs mais clara, que o dia: e ao
mesmo tempo, outra luz mayor, e superior, a que
os Theologos chamaõ lume da Gloria, interior-
mente lhe elevou, e clarificou o entendimento
para ver a Deos, e todas as creaturas em sua Di-
vina essencia. Este foy o prodigio: assim o refe-
rio S. Bento, e assim o escreveo S. Gregorio
Magno. Pois se S. Bento antes de morrer vio cla-
ramente

Mezg. tom. 1. tr. 1. disp. 6. a 3.

D. Greg. M. Dialog. lib. 2. c 39.

ramente a Divina face, como dizia Deos a Moysés que o naõ poderá ver quem eſtá vivo? Como lhe dizia que primeiro deve a morte fechar os olhos a quem empregar a viſta na Divina Eſſencia: *Non enim videbit me homo, & vivet?*

32 Santo Agoſtinho (e depois delle S. Gregorio Magno, Santo Thomaz, e outros) explicou o Texto, e ſolveo com clareza taõ grande difficuldade, dizendo aſſim: Quem vive tendo livre o uſo dos ſentidos, naõ póde ver a Deos neſta vida; mas quem taõ mortificado vive, que eſtá morto para o uſo dos ſentidos, bem póde ver a Deos neſta vida; porque vive como ſe naõ vivera, e de alguma ſorte eſtá morto. Notay bem nas palavras de Santo Agoſtinho, taõ dignas de ſeu Author, como da noſſa attençaõ: *Neminem videntem Deum vivere vitâ iſtâ, quâ mortaliter vivitur ipſis ſenſibus corporis: ſed niſi ab hac vita quiſque quodam modo moriatur, ſive omninò exiens de corpore, ſive ita averſus, & alienatus à carnalibus ſenſibus, ut meritò neſciat, an in corpore, vel extra corpus ſit.* Agora já me naõ admiro de que S. Bento viſſe claramente a Deos neſta vida mortal; porque vivia taõ mortificado, taõ abſtrahido, e alienado de ſi, que de alguma ſorte já eſtava morto em vida. Era no aſpecto hum cadaver, veſtia-ſe de huma mortalha, e habitava em huma ſepultura: pois taõ eſtreita, e horroroſa era a cova, em que S. Bento por eſpaço de dezaſeis annos eſteve como ſepultado no deſerto de Sublaco, que mais parecia tumulo de hum cadaver, que habitaçaõ de hum vivo. Oh ſe em confirmaçaõ do que digo vos pudera repetir

D. Greg. apud Moli: citãdum.
D. Thom. 2. 2. q. 180. a 5.
Molin. de Orac. tract. 2. c. 6. de la contempl. §. 4.

D. Auguſt. lib. 12. de Geneſ. ad lit. c. 27.

Juxta computũ Erhardi, tam in Chronotaxi § v., quàm in vita S. Bened. lib. 1. n. 206.

tir aqui a defcripçaõ, que Santa Hildegarda fe[z] deffa veneravel, e fagrada cova de Sublaco! Nel- la eftava S. Bento morto ao frio, morto á fo[m]- me, morto para o mundo, morto para o ufo do[s] fentidos, morto para a vontade propria: e ta[õ] morto affim em toda a vida, que paffou os an- nos da puericia, e adolefcencia, chegou a con- tar fettenta e tres de fua idade, fem que em tod[a] ella deffe huma hora, ou hum momento de re- creaçaõ aos fentidos, ou de divertimento á vi- da: *Ab ipfo pueritiæ fuæ tempore, cor geren[s] fenile, ætatem quippe moribus tranfiens null[um] animum voluptati dedit.* Saõ palavras daquell[e] grande Pontifice, a quem o filial amor induzio [a] fer Chronifta do Principe dos Patriarcas. Em t[ã]o vida como efta vendo S. Bento a Deos, naõ [fe] contradiz o Texto; pois era vida taõ mortifica- da, que melhor lhe chamaremos morte que vida. Diffe pouco; porque vida taõ mortificada, h[e] morte mais infoffrivel que a morte.

D.Greg. cit. lib. 2. Dialog. in initio

33 S. Paulo, aquelle Apoftolo de taõ grand[e] efpirito, que da vida naõ fazia mais apreço qu[e] da morte, defejando em varias occafioens tro- car aquella por efta, alguma vez fe laftimou, d[i]- zendo: Miferavel homem fou eu; e quem me pu- zera livre do corpo defta morte: *Infelix ego ho- mo; quis me liberabit de corpore mortis hujus*? Difficultofo Texto! Em quanto o Apoftolo fe con- fervava em feu corpo, naõ padecia morte; poi[s] que morte feria aquella, de que S. Paulo, para [fe] ver livre, defejava livrar-fe de feu mefmo corpo? Elle o acabava de dizer immediatamente: *Vide[o] aliam legem in membris meis, repugnantem leg[i] men-*

Ad Roman. 7. 24.

Verf. 23.

entis meæ. Vivo [dizia o Apoſtolo] em huma
ontinua guerra, que em mim ſempre eſtaõ fa-
endo a alma, e o corpo. Eſte appetece o goſto,
deleite, o prazer : a alma porém a tudo iſſo
epugna ; porque acha delicias no que padece:
audeo in paſſionibus ; e ſente nos trabalhos ali-
io : *Superabundo gaudio in omni tribulatione.*
uma vida pois, que aſſim reſiſte ás appetencias
o corpo, he morte taõ inſoſtrivel para quem vive,
ue em morrer ſentiria alivio: *Quis me liberabit*
e corpore mortis hujus?

Ad Colloſ. 1. 24. 2. Ad Corint. 7. 4.

34 Naõ rogava S. Paulo livrar-ſe da morte
o corpo; deſejava ver-ſe livre do corpo daquel-
morte: *De corpore mortis hujus.* Iſto he, do
orpo, que lhe cauſava aquella peleja entre o
ſpirito com as mortificaçoens, e a carne com os
eleites : á qual peleja o Apoſtolo chamava mor-
e. Livrar-ſe da morte do corpo, ſeria naõ mor-
er ; e naõ era iſſo o porque o Apoſtolo ſuſpira-
a, pois naõ temia a morte, aſſim como naõ eſ-
imava a propria vida. Livrar-ſe porém do cor-
o daquella morte, era morrer; porque era ver-
livre das prizoens do corpo, que com ſeus
ppetites pelejava contra as leys, e dictames do
ſpirito : e eſta peleja era morte mais inſopporta-
el que a morte; por iſſo quizera o Apoſtolo
orrer, e deixar o corpo, ſó por ſe ver livre da
nſoffrivel morte em que vivia, pela continua
uerra em que ſeu eſpirito andava com ſeu meſ-
o corpo: *Video aliam legem in membris meis,*
epugnantem legi mentis meæ. Infelix ego ho-
o, quis me liberabit de corpore mortis hu-
us?

35 Agora se vê, e se conclue de todo, qu
S. Bento vivia como se naõ vivera; porque a su
vida foy sempre huma insopportavel morte, po
ser sempre huma continua guerra entre a alma
e o corpo; entre o espirito, e a carne: negand
o espirito ao corpo em toda a vida, quanto lh
serviria de alivio: *Nulli animum voluptati de*
dit. Quantas vezes naquella estreita cova d
Sublaco, exposto ao rigor do inverno mais des
abrido, e ao ardor do Sol na Canicula mais fo
gosa, appeteceria o corpo as cõmodidades d
grande, e magnifico palacio de Nurcia, em qu
teve os annos da infancia, e os primeiros da pue
ricia, aquelle Principe mais illustre da Famili
Anicia! Quantas vezes na horrorosa solidaõ da
quelle deserto, cujo primeiro povoador foy S
Bento, desejaria seu corpo ver-se na populos
Corte de Roma, onde taõ assistido, e obsequia
do de Principes, e pessoas illustres, residio S. Ben
to dos sette até os doze annos de sua florent
idade! Quantas vezes aquelle Anacoreta, e pe
nitente menino, que só com duas refeiçoens n
semana se alimentava; ou da providencia com
que por algum tempo lhe acodia Romano Mon-
ge; (que vivia debaixo da obediencia, e Regr
do Santo Abbade Theodato) ou das agreste
hervas, que a natureza lhe deparava, obrigari
a seu mesmo corpo a rogar, que das abundancia
desprezadas, e deixadas no mundo, lhe dessem
quanto naturalmente preciso fosse para alimenta
a vida! Mas o espirito sempre constante na to-
lerancia de todas as mortificaçoens, só queri
padecer as inclemencias do tempo, as asperezas
do

Romanus non longè in Monasterio sub Theodati Patris regulâ degebat. D. Greg. Dialog. lib. 2. c. 1.

o deserto, e as austeridades de huma prolixa, e
ısoffrivel morte, em que vivia.

36 Assentava ultimamente o Apostolo, que
ó a graça de Deos, que se nos dá pelos mereci-
ıentos de Christo, o podia livrar daquella mor-
e, ou daquella guerra, em que seu espirito sem-
re andava contra seu corpo: *Quis me libera-
it de corpore mortis hujus? Gratia Dei per
Jesum Christum.* He assim; porque a graça o
odia por outra parte encher de tantas consola-
oens espirituaes, e de tantas celestiaes doçuras,
ue com ellas ficassem bem contrapezadas todas
s mortificaçoens corporaes. Assim o experimen-
ıva S. Bento; porque, no meyo de taõ asperas
enitencias, abundava em celestiaes delicias. A
ıa cova no deserto era hum Ceo na terra. A el-
ı vinhaõ os Anjos, e o consolavaõ: nella foy vi-
tado algumas vezes da Mãy de Deos, que o en-
heo de espiritual doçura. O corpo, como sepul-
ıdo em vida, e o espirito sempre arrebata-
o aos Ceos, parecia estar já gozando as delicias
ternas, antes de acabar as mortificaçoens tem-
oraes: de tal sorte, que ainda posto na terra,
nha já a sua habitaçaõ no Ceo: *In terris po-
tus, in cœlestibus habitaret.* Até nisto pare-
ia S. Bento viver como se naõ vivera.

Ad Rom. 7. 24. 25.

Ex vitâ & officio in fest. S. P. Bened.

37 A nossa vida consiste na uniaõ entre o
orpo, e alma; porque na separaçaõ destas duas
artes consiste a morte: e a alma de S. Bento
empre arrebatada aos Ceos, e habitando lá, pa-
ece que na terra deixava o corpo sem vida. Os
Theologos, naõ só Mysticos, mas tambem Ec-
lesiasticos, excitaõ a celebre questaõ, se nos

Scholast. cũ D. Th. 2. 2. q. 175. a. 5.

Mystici cum Philip. à SS. Tri. 3. p. tr. 1.

raptos, ou arrobamentos a alma está verdadeiramente unida ao corpo, ou se delle está separada? S. Paulo, Theologo do terceiro Ceo, até onde foy arrebatado, com a doutrina do que lá, vendo, e ouvindo, aprendeo; e com a noticia do que passou, e experimenton em si, era o Mestre, que neste ponto nos podia solver a questaõ, e tirar totalmente a duvida: mas tambem elle nos deixou a materia indecisa, e com fundamento para ser por huma, e outra parte provavel; porque naõ entendeo se a alma lhe estava unida ao corpo, ou se delle estava a alma separada, e o corpo morto: *Sive in corpore, sive extra corpus nescio, Deus scit*, disse o Apostolo; e Santo Agostinho, a quem segue Santo Thomaz, o explicou assim: *Eum ignorasse intelligamus, utrum quando in tertium Cœlum raptus est, in corpore fuerit anima, quo modo est anima in corpore, cum corpus vivere dicitur,... an omnino de corpore exierit, ut mortuum corpus jacéret.* O que sabemos de certo he, que nos raptos estaõ as pessoas, que os tem, como se naõ viveraõ; ou como se ficaraõ mortas. S. Bento taõ continuamente arrebatado, que já habitava nos Ceos quando ainda vivo na terra; ao menos parecia naõ estar vivo. Arrebatado sempre, parecia viver como se naõ vivera. Pois tambem (concluamos) havia morrer, como se naõ morrera: ou como se a morte para elle fora (sem morte) hum transito de vida mortal, para vida immortal, e eternizada: *Vitam æternam possidebit*

Thom. à Jes. de cõtempl. l. 6. Esquerra Lucer. Myst. tr. 2. c. 2.

2. Ad Corint. 12. 2. 3. D. Aug. lib. 12. de Gen. ad lit. c. 5. D. Thom. cit. a. 6.

§. VI.

§. VIII.

Esta foy a prodigiosa morte de S. Bento, na qual todo me elevey, quando talvez
vera ponderar as acçoens de sua vida, para ter-
s o melhor exemplar das nossas. Porém que
mulo pode haver mais forte para bem se orde-
a vida, que a consideraçaõ da morte! Te-
is a morte dos peccadores? Sim, porque he
ssima: *Mors peccatorum pessima.* Desejais a
rte dos justos? Sim, porque nos olhos de Deos
preciosa: *Pretiosa in conspectu Domini mors
ctorum ejus.* Pois vivey como justos, e naõ vi-
s como peccadores. Oh se eu vivera como S.
nto! Morrera sem duvida, como S. Bento.
ra se conseguir huma morte como a sua, o acor-
, e disposiçaõ infallivel, he fazer huma vida
mo a sua: porém quando menos, para se al-
nçar de Deos huma boa morte, e na hora del-
o patrocinio de S. Bento, sabey que he me-
muy efficaz rogar ao mesmo Santo, que pela
riosa morte com que Deos o honrou, nos quei-
defender na hora da morte dos assaltos, e
ucias, com que o demonio a esse tempo mais so-
ita a nossa perdiçaõ. Assim o revelou o mes-
S. Bento á sua prezada, e querida filha de
espirito, Santa Gertrudes, e assim o experi-
ntaraõ os que souberaõ solicitar a protec-
õ de S. Bento para a hora da morte.

Psal. 33. 22.

115. Vers. 15.

Ex vit. & Revelat. S. Gertr lib. 4. c. 20. juxta editionẽ Paris. ãno 1662

39 Meu glorioso Patriarca, neste dia de vos-
admiravel morte, em que com taõ magesto-
apparato, e pompa triunfal, deste mundo su-

biſtes, e entraſtes a gozar da eterna vida, vos
go nos ampareis a todos na hora da mo
Em pé morreſtes, como deſtemido, e valoro
com as mãos levantadas, chamando, ou deſafi
do a morte; porque a naõ temieis. Com o m
mo valor nos defendey naquelle conflicto,
que a alma tem o ultimo riſco da ſalvaçaõ, e
que pende a conquiſta, e a poſſe de hum Re
eterno. Eſtendey, e mettey o voſſo poderoſo
invencivel braço entre nós, e noſſos infern
inimigos, para que temoroſos fujaõ, e deſap
reçaõ. Morreſtes orando: pois oray por
morrendo. Como os voſſos Monges eſtavaõ
ticiados da hora, em que havieis de partir de
mundo, toda a voſſa Religiaõ eſteve com f
voroſas preces, rogando a Deos vos aſſiſtiſſe
quella hora, que para todos he arriſcada. Co
para nós ha de ſer de mayor perigo, neceſſi
mos nós muito mais de voſſas oraçoens, para
perecermos nella. Uzay com noſco a piedade,
ſe uſou comvoſco. Tambem vós diſſeſtes,
Ibidem. por haveres expirado entre as palavras da ora
em que eſtaveis, ainda lá no Ceo reſpirais h
halito taõ ſuave, que com elle ſe deleitaõ
mais Santos. Ouvi as voſſas meſmas palavras,
bellamente haõ de ſoar em voſſos ouvidos; p
que a impureza da minha lingua lhes naõ
de tirar a doçura, que participaraõ da vo
Ex eo quod ultimum ſpiritum inter verba o
tionis efflavi, tam ſuaviter præ aliis ſan
ſpiro, quòd omnes in afflatu meo mirificè d
ctantur. Se tambem a noſſa morte for no me
de huma voſſa oraçaõ muy fervoroſa, ainda
cher

ereis de mais ſuavidade eſſa Corte Celeſtial.
ogay a Deos, que nella vamos dar-lhe eternas
aças pela morte admiravel, que vos deo, e
la que por voſſa interceſſaõ eſperamos ter, pa-
conſeguirmos a eterna Gloria.

SERMAM

SERMAÕ V.
DA
SOLEDADE
DE MARIA SANTISSIMA
NOSSA SENHORA.

Na Igreja do Hoſpital, e ſanta Caſa da Miſeric
dia do Rio de Janeiro, no anno de 1739.

Magna eſt enim velut mare contritio tua; q
medebitur tui? Threnor. 2. 13.

§. I.

1 MORTO já, e ſepultado o Fil
e a Mãy ainda viva! Expiro
Filho de Deos em hum mar
penas: *Veni in altitudinem*
ris, & tempeſtas demerſit
e a May de Deos ainda fluctu
do eſtá em hum mar de ſentimento: *Velut m*
contritio tua! Os tormentos, que em ſua Payx
pade

Pſal. 68. 3.

padecia Christo, igualmente os padecia tambem sua Mãy Santissima: *Dolor ejus erat dolor meus,* disse a mesma Senhora a Santa Brigida; porque na alma da angustiada Mãy se imprimiaõ quantos tormentos se executavaõ no corpo do innocente Filho. Neste se levantavaõ as ondas do tempestuoso mar de sua dolorosissima Payxaõ; e na alma da compassiva Mãy hiaõ quebrar estas ondas com furioso impeto: *Omnia excelsa tua, & fluctus tui super me transierunt.* Daqui inferio S. Boaventura, que nos mesmos tormẽtos executados em Christo, mais padecêra a Mãy do que o Filho: *Virgo maiorem dolorem habuit, quàm Christus:* e S. Jeronymo tinha já dado a razaõ deste excesso, e he; porque Christo padecia em seu passivel corpo, e a Mãy de Deos em sua alma impassivel padecia: *Quia eâ parte passa est, quæ impassibilis habetur.* Mas por esta mesma razaõ os tormentos deraõ a morte a Christo; porque em seu mortal corpo se executavaõ: e naõ tiraraõ a vida á Mãy de Deos; porque a martyrizavaõ na alma, que he immortal.

D. Brig. Rev. l. 1. c. 35.

Psal. 41. 8. Carthag. lib. 12. Hom. 5.

D. Bonav. lect. 1. de Pass. Virg.

D. Hier. Epist. 10. in noviss. tom. 4.

2 A morte para Christo servio de alivio: *Dormiam, & requiescam*: de alivio tambem seria para a Mãy de Deos a morte; porque acabaria de padecer, e consolaria a propria vida, se com o Filho expirasse juntamente: *Gravius erat illi vivere vitâ tali, quàm diro gladio sævè necari,* diz S. Bernardo. Mas como nella o immortal padecia; morto já, e sepultado o Filho, ainda a Mãy padece, porque ainda vive. Sem vida, e nem por isso morta: *Moriebatur, & non poterat mori, quia vivens mortua erat.* Disse Arnoldo.

Psal. 4. 9.

D. Bern. de Lament. V.

Arnold. Carn. de septem verb. in Cruc.

Sem

Sem vida, porque ſem Filho; mas nem por iſſo morta para ſentir a ſua auſencia, e a ſua ſoledade, mais tyranna em tudo que a morte. Sem vida, porque a afflição, em que ſua alma eſtava agonizando, era mais que efficaz para lhe tirar a vida. E nem por iſſo morta; porque para na ſoledade do Filho eſtar penando, milagroſamente vivia: *Non crediderim, te potuiſſe tot cruciatus ſuſtinére, quin vitam amitteres, niſi ipſe ſpiritus vitæ te confortaret*: diſſe Santo Anſelmo.

D. Anſ. ſive A. lib. de Exc. V. c. 5. Molina de Ora. Medit. 1. de Reſurr. punct. 3.

3 Aſſim era conveniente: aſſim o pedia a razaõ, e a piedade; porque a piedade, e a razaõ pediaõ, que todas as creaturas ſentiſſem a ſoledade, e auſencia de ſeu Creador: pediaõ, que com mais obrigaçaõ entre todas ſentiſſem os homens a ſoledade, e auſencia de ſeu Redemptor: pediaõ, que a Mãy de Deos ſentiſſe com mais exceſſo, e eſpecial ternura, a ſoledade, e auſencia de ſeu Filho, ſeu Redemptor, e ſeu Deos: e porque as creaturas quaſi todas (pois muy poucas menos) faltaraõ em conreſponder com o devido ſentimento a taõ juſta cauſa; providencia foy, e piedade, que as agonias da morte naõ tiraſſem a vida á Mãy de Deos, para que nella houveſſe quem por todas as creaturas ſentiſſe a auſencia, e ſoledade do Creador: quem por todos os homens ſentiſſe a auſencia, e ſoledade do Redemptor, e quem, por ſer Mãy de Deos, ſentiſſe a auſencia, e ſoledade de ſeu Filho Deos, com pena taõ aguda, e taõ intenſa, como pedia a cauſa do ſentimento.

4 De huma ſorte ſe houveraõ as creaturas na morte de Chriſto, e de outra ſorte ſe moſtraraõ na

na ſua auſencia, e ſoledade, depois que o deraõ á ſepultura. Na morte até o inſenſivel ſe moſtrou ſentido. Aſſim era juſto, quando o Creador morria. Na auſencia, depois de ſepultado, ficou o mundo todo em ſoledade de Creador: ficaraõ os homens em ſoledade de Redemptor; e ficou a Mãy de Deos em ſoledade de Filho. Naõ ſentio o mundo inſenſivel a ſoledade de ſeu Creador: e muy poucos foraõ os homens, que ſentiraõ a ſoledade do ſeu Redemptor. Diſpôs neſte caſo a piedade, e providencia do Altiſſimo, que em Maria Santiſſima ſe uniſſem, e concorreſſem quantas anguſtias devia cauſar por todas as creaturas a auſencia do Creador: quantas agonias deviaõ padecer todos os homens, pela auſencia do ſeu Redemptor; e quantas penas deviaõ eſpecialmente anguſtiar o coraçaõ, e alma da ſolitaria Mãy, pela auſencia de ſeu Filho, ſeu Redemptor, e ſeu Deos.

5 Pela auſencia, e ſepultura de Chriſto, por ſer Creador, e Deos, devia eclipſar-ſe o Sol, como fez quando o vio affrontoſamente crucificado, para em hum abiſmo de ſombras deſcobrir o ſentimento de ſua ſoledade; e porque faltou o Sol a eſta divida, em Maria Santiſſima ſe eclipſaraõ dous ſoes: *Lumen oculorum meorum, & ipſum non eſt mecum.* O ſentimento era bem que á Lua fizeſſe perder toda a formoſura, com que alegra o Ceo no retiro do Sol; e porque na Lua naõ houve eſta demonſtraçaõ de pena, ſupprio a Mãy de Deos eſte ſentimento, perdendo toda a formoſura na ſoledade do Sol Divino: *Egreſſus eſt à filia Sion omnis decor ejus.* As Eſtrellas, que ſempre

Pſ. 37. 11.

Thren. 1. 6.

pre eſtaõ cintilando tremulas, deviaõ desfmavar totalmente neſta occaſiaõ: e como as Eſtrellas naõ pagaraõ eſte tributo, a que eſtavaõ obrigadas pela natureza, ſatisfez por ellas a anguſtiada Senhora, padecendo em ſeu coraçaõ continuos, e muy repetidos deſmayos: *Dereliquit me virtus mea. Cor meum dereliquit me.* Naõ ſoube a Aurora desfazer-ſe em lagrimas, com que choraſſe eſta ſoledade: e a Divina Aurora naõ pode enxugar as ſuas: *Plorans ploravit in nocte, & lacrymæ ejus in maxillis ejus.* O mar, que ſempre he inconſtante, ſe moſtrou agora taõ endurecido, como inſenſivel, e Maria anguſtiadiſſima, ſe rendeo a huma afflicçaõ, que igualava ao mar na grandeza: *Magna eſt enim velut mare contritio tua.* O ſentimento fez eſtremecer a terra, quando crucificado Chriſto expirava; mas quando no ſepulchro o encerraraõ, naõ ſe abalou a terra; porque teve a ſorte de o recolher em ſi. Toda a natureza padecia univerſal ſoledade do Creador; ſó a terra gozava de ſua companhia; porque em ſi o tinha ſepultado. A Mãy de Deos, ficando em ſoledade, ſentia neſte caſo o que naõ lamentava a terra; porque ſentia que em ſeu doroloſo coraçaõ naõ foſſe ſepultado Chriſto, quando havia eſcolhido para ſepultura o coraçaõ da terra: *Erit Filius hominis in corde terræ, tribus diebus, & tribus noctibus.*

Pſ. 37. 11.
Pſ. 39. 13.
Thren. 1. 2.
Matth. 12. 40.

6 Do inſenſivel paſſemos ao racional. Muy poucos foraõ os homens, que ſentiraõ a ſoledade do ſeu Deos, e ſeu Redemptor. Os mais com inhumana brutalidade, como ſe naõ foraõ racionaes, nem conhecer quizeraõ (e muito menos

ſentir)

sentir) a soledade de seu Deos, e de seu Redemptor. Porém Maria Santissima, satisfazendo, e sentindo por todos elles, chorava aquella ausencia, e aquella soledade, como se o Deos, e Redemptor de todos os homens, della só estivera retirado: *Idcirco ego plorans, & oculus meus deducens aquas, quia longe factus est à me consolator.*

Thren.1.16

7 Sobre todos estes incentivos da pena para a angustiadissima Senhora, sentia, como verdadeira, e amorosa Mãy, a ausencia, e soledade de Christo, como seu verdadeiro, e amado Filho. Este motivo assim como era especialissimo para a Mãy de Deos, era tambem o estimulo mais forte para a sua pena. O amor he a medida do sentimento: *Dolor est sicut amor*, diz Santo Agostinho; e assim como Maria Santissima, por ser Mãy de Deos, o amava mais do que todas as creaturas juntas chegaõ a amar a Deos; assim, porque era Mãy de Deos, sentio o apartamento, e soledade de seu Filho Deos, com mais excesso do que o puderaõ sentir todas as creaturas juntas. Disse S. Bernardino de Sena (tendo o dito já Ruperto Abbade) que Maria Santissima amava a Christo, seu Filho, e seu Deos, com hum amor infinito: e porque o sentimento na soledade do Filho naõ podia ser menor que o amor, concluio que fora infinita a pena da Mãy de Deos, na ausencia de seu amado Filho: *Quantò plus amabat, tantò plus dolebat: amor quem portabat Christo erat infinitus: ergo & dolor erat infinitus.* Entendo agora dizer S. Bernardo que se a pena, com que a Mãy de Deos se angustiava nesta soledade, pudera repartir-se por todas as creaturas, que saõ capazes de sentimento, subitamente morreriaõ todas: *Tantus*

D. Bernard. tom.4.S.45. Item Rupert.in Cãt. c.3.v.6.

tus fuit dolor Virginis, quòd si in omnes creatu-
D. Bern. de lament. V.
ras, quæ dolorem pati possunt, divideretur, omne
subitò interirent: porque nem todas as creatura
juntas podem resistir a huma angustia infinita.

8 Este foy talvez o conceito de Jeremias nas pa-
lavras do nosso thema: *Magna est enim velut mar*
contritio tua. Outros léraõ: *Afflictio tua.* Diss
que a pena, e afflicçaõ da Mãy de Deos, na soleda
de do Filho, se comparava com o mar. Ideay agor
lá em vossos entendimentos, que na vastissima pro
fundidade, e extensaõ do mar, se lançavaõ quan
tas creaturas saõ proporcionadas para o sentimen
to, e direis sem duvida, que todas ellas ficaria
submergidas; porque o abysmo de tantas agonia
muito excede ao espaço, que poderiaõ occupar tan
tas creaturas juntas. Pois assim a pena da Mãy d
Deos na soledade do Filho: era hum mar de angus
tias, que excede a capacidade de todas as creatura
porque era huma angustia infinita, a que affligia
coraçaõ da solitaria Mãy, na ausencia do amado Fi
lho: *Dolor erat infinitus.*

9 E preciso era que naõ fosse menor a afflic
çaõ da Mãy de Deos, nesta soledade; porque alé
de supprir com ella o sentimẽto devido em todas a
creaturas, tambem pelo Eterno Padre satisfazi
a pena, que nelle naõ podia haver pela morte de se
Unigenito, e amado Filho: *Ad Matrem specta-*
bat supplere mœrorem, & tristitiam, quæ in Æter-
Carthag. lib. 12. Hom. 2.
num ejus Patrem cadere non poterat, diz o Car
thagena. Se em Deos pudera haver sentimento,
soledade, que angustia naõ padeceria o Eterno Pa
dre na morte do proprio Filho, a quem desde
Eternidade ama, como a si mesmo, com infinit
mor

amor! Teria ſem duvida huma infinita pena; porque nem poderia ſer menor a pena, que nelle houveſſe. Pois tal devia tambem ſer a anguſtia, com que a Mãy de Deos ſupprio a que no Eterno Padre naõ houve, nem podia haver.

10 Taõ afflicta, e anguſtiada temos a Maria Santiſſima; porque ſoube com o ſentimento corresponder por todas as creaturas (e pelo meſmo Deos) a perda, e auſencia, que ellas naõ ſouberaõ sentir: e quando neſta Caſa, em que a Miſericordia faz prompto o remedio para a afflicçaõ de todos os queixoſos, conſidero a Mãy de Deos feita hum mar de ſentimento: *Velut mare contritio tua*; me parece que na piedade deſta ſanta Caſa buſca o alivio á ſua queixa, e o remedio á ſua afflicçaõ. Mas, Anguſtiadiſſima Senhora, ſe neſta voſſa ſoledade eſtais ſubmergida em hum infinito mar de afflicçaõ, quem lhe deſcobrirá remedio: *Magna eſt enim velut mare contritio tua, quis medebitur tui?* A grandeza deſta afflicçaõ a faz irremediavel; porém já que com as noſſas culpas tanta cauſa damos para a falta, e perda do Filho, como para a ſoledade, e afflicçaõ da Mãy: além de ſer piedade, ſerá juſtiça, ſe examinarmos quãtos remedios podem miniſtrar a induſtria, e a natureza, por vermos ſe he remediavel a afflicçaõ de Maria Santiſſima neſta ſua ſoledade. Bem ſey que tanta afflicçaõ muito excede a efficacia toda dos remedios; porém o exame deſtes ſempre ſerá util, ao menos para excitar a noſſa compaixaõ, quando entre os mais experimentados, e approvados remedios da afflicçaõ, virmos ſer eſta afflicçaõ ſem remedio.

§ II.

§. II.

Magna est enim velut mare contritio tua, qui medebitur tui?

11 OS remedios de huma afflicçaõ entra a exa minar a nossa devota piedade. Hum afflicçaõ sem remedio he o que se ha de con cluir da nossa ponderaçaõ; porque se verá qu sem remedio he a afflicçaõ de Maria Santissim nesta sua soledade. A efficacia de qualquer reme dio depende precisamente de ser applicado on de a queixa tem a sua origem: e se bem nest soledade toda a alma de Maria Santissima está pe netrada de afflicçaõ: *Tuam ipsius animam gla dius pertransibit*; ainda será conveniente exa minar os principios della, para que naõ erremo na applicaçaõ dos remedios. Na alma obra a me moria, o entendimento, e a vontade, que sa as potencias receptivas, e operativas della; mas s a vontade se afflige, porque só a vontade pa dece. A memoria representa o passado: o enten dimento até pelo futuro discorre; e com tud nem no entendimento ha afflicçaõ, pelo que al cança com o seu discurso; nem a memoria rece be angustia, pelo que lhe representaõ as especie que em si conserva do passado. Unicamente a von tade he a que padece, discorrendo o entendimen to, ou empregando-se a memoria em tristes; lastimosos objectos. Assim como a alegria, e con tentamento saõ operaçoens da vontade, assim pena, e o sentimento saõ actos só da vontad

Luc. 2. 35.

Ma

Mas aſſim como naõ ha contentamento, e ale-
gria na vontade, ſe o entendimento, e a memo-
ria lhe faltaõ com a repreſentaçaõ do que alegra;
aſſim naõ haverá afflicçaõ, ou pena para a von-
tade, ſe a memoria, e o entendimento ceſſarem
de lhe propor motivos de ſe anguſtiar, e affligir.
Eſta he a razaõ, porque nas anguſtias, e afflic-
çoens do animo, o lenitivo mais approvado he
divertir da memoria, e do entendimento o que
póde affligir, e anguſtiar a vontade.

12 Porém, ſe a aprehenſaõ he taõ viva, que
nem o entendimento ceſſa de ponderar, nem a
memoria de ſe lembrar, próvida a natureza inſ-
tituio as lagrimas, para deſaffogo da pena. Pelos
olhos parece que ſe diſtilla em lagrimas hum co-
raçaõ afflicto; mas neſſas lagrimas ſahe pelos olhos
o mais diſtillado da pena, e o mais apurado do ſen-
timento. Eſta he a razaõ, porque depois das la-
grimas o coraçaõ fica aliviado, e diminuida a
afflicçaõ. Por iſſo Job, o mais afflicto entre os
homens, como experimentado, pedia que lhe per-
mittiſſem chorar hum pouco a ſua afflicçaõ, e a
ſua pena: *Dimitte ergo me, ut plangam paulu-
lum dolorem meum*; porque com as lagrimas, que
derramaſſe, algum alivio daria ás penas, que o af-
fligiaõ.

Job. 10. 20.

13 Divertir pois as repreſentaçoens da me-
moria, ſuſpender os diſcurſos do entendimento,
e deſatar do coraçaõ as lagrimas; ſaõ os tres re-
medios mais approvados, que para alivio de pe-
nas inventou compaſſiva a natureza, e deſcobrio
a induſtria: ſe o permittira o aſſumpto, recorre-
riamos aos Aphoriſmos, que deraõ os Hippocra-

15 Appareceo o Anjo, olhou Chriſto, reco-
heceo ſer hum Enviado do Eterno Padre, e co-
no a tal o attendeo: entretanto que ſe empre-
ava naquella viſta, naquelle reconhecimento, e
aquella attençaõ, ceſſou de ſe empregar naquel-
 taõ viva repreſentaçaõ de noſſas culpas: e por
ntaõ lançou da memoria os ſeus horriveis phan-
ıſmas. Principiou o Anjo a propor a Chriſto, que
or meyo de ſua Payxaõ ſantiſſima reſultaria pa-
 Deos infinita honra, e infinita gloria; porque
 juſtiça Divina ficava inteiramente deſaggravada
om a ſatisfaçaõ da culpa: e a Miſericordia in-
omparavelmente exaltada pela remiſſaõ do de-
ᶜto, e reparaçaõ dos homens. A eſtas razoens
tendendo Chriſto, jâ naõ applicava taõ viva-
ente o entendimento, e o diſcurſo aos tormen-
s, que tinha para padecer. Nem huma couſa pro-
unha o Anjo, que á noticia de Chriſto foſſe de no-
dade, pois tudo iſſo comprehendia com mayor
z, e com mais clareza, do que lhe podia ſer pelo
njo repreſentado: mas como Chriſto em attender
 que expunha o Anjo dava alguma diverſaõ á me-
oria, e ao entendimento; tirava tambem as forças
m que huma, e outra potencia avivavaõ as afflic-
ẽs da vontade, e a conſolava por eſte modo.

16 A eſta conſolaçaõ do Anjo acodio tambem a
tureza próvida, e compaſſiva, a derramar tantas
grimas, que naõ baſtando para ellas duas fontes, ſe
riraõ em Chriſto tantos olhos para chorar ſangue
or elles, quãtos eraõ os poros de ſeu corpo: *Et fa-
us eſt ſudor ejus ſicut guttæ ſanguinis*, diz o Tex-
. *Non ſolum oculis, ſed quaſi membris omnibus
viſſe videtur*, expôs S.Bernardo. Como o cora-

Luc.22. 24.

D.Bern.Ser. 3. de Dom. in Ram.

çaõ derramando tanta copia de lagrimas se aliviou
como o entendimento, e a memoria mitigaraõ a v
veza de suas representaçoens; teve lugar a consola
çaõ: *Vt consolaretur eum*: porque cheyo de gost
abraçou Christo os tormenros, que tanta afflicça
lhe causavaõ d'antes: *Proposito sibi gaudio sust*
nuit Crucem.

17 Oh Angustiadissima Senhora: cheya de af
flicçaõ estais, porque a grandeza desta com a d
mar se compara: *Magna est enim velut mare contri*
tio tua. Quem a poderá remediar? *Quis medebitu*
tui? Na afflicçaõ de vosso delicioso Filho, cuja so
edade sentis, tres remedios vemos approvados par
a vossa. Apartay de vossa memoria as lembrança
delle: esquecey-vos daquelles tormentos, que che
ya de fortaleza o ajudastes a padecer; nem se veja em
vós menos constancia do que já mostrastes. Cessa
dos lastimosos discursos, que formados no entendi
mento passaõ a vos affligir a vontade. Soltay em la
grimas toda a tristeza, com que se angustîa o voss
coraçaõ: que se estando tenebrosa a noite, e escon
dida a Lua, se desfazem as nuvens em chuveiros
razaõ será que as nuvens de vossos olhos se desfa
çaõ em rios taõ copiosos de lagrimas, que ao mar
de vossa afflicçaõ causem alivio. Ou, quãdo menos
permitti á nossa piedade q̃ para vosso alivio, e nos-
sa consolaçaõ, entre a examinar a efficacia destes
tres remedios, por ver se nesta soledade a vossa af-
flicçaõ tem remedio.

§. III.

§. III.

18 O Primeiro remedio para huma alma afflicta na soledade, he perder a memoria do que perdeo. Se a memoria naõ repete lembranças, naõ póde atormentar a ausencia. Vulgarmente dizemos, e he proverbio da experiencia, que quando os olhos naõ vem, o coraçaõ naõ sente. Tambem se a memoria se esquece, já a vontade se naõ afflige; porque neste ponto he a memoria para a vontade, o mesmo que os olhos para o coraçaõ. S. Bernardo cheyo de ternura o disse: *Quod non videt oculus, cor non dolet: oculus meus, memoria mea.* Na morte de Sára excessivo foy o sentimento de seu filho Isaac; nem o tempo, que tudo cura, mitigou a afflicçaõ do filho a soledade da mãy; porque para lhe moderar a pena naõ bastaraõ tres annos de sentimento. No fim delles se desposou Isaac, e o sentimento acabou: *Ut dolorem, qui ex morte matris ejus acciderat, temperaret.* Já se vê a causa deste repentino alivio. O amor da esposa o fez esquecer da mãy: e tantoque a memoria cessou de representar a Isaac as caricias de Sára sua mãy, cessou a vontade de se affligir com o sentimento da sua morte: nem mais sentio a soledade da mãy, tantoque della se naõ lembrou. Assim como nos olhos naõ cabem juntamente duas vistas de dous diversos objectos, nem cabem no entendimento dous diversos conhecimentos ao mesmo tempo; assim tambem na memoria naõ cabem duas diversas lembranças: porque empregando-se a memoria

D.Bern.Ser. 5. in fest. Omn.Sanct.

Genes. 24. 67.

na repreſentaçaõ da ſegunda, ſe entregará ao e
quecimento da primeira. Muito amava Iſaac a ſu
eſpoſa; e como o que ſe ama ſempre lembra,
trazia ſempre na memoria: naõ cabendo porér
duas lembranças na memoria, pode a lembranç
da eſpoſa expellir da memoria a lembrança da mã
e porque feneceo a lembrança da mãy na me
moria de Iſaac, acabou tambem para elle o ſent
mento, em que o pôs a ſoledade da mãy.

19 Eſte remedio do eſquecimento para al
vio de Maria Santiſſima, afflicta em ſua ſoledad
intentou applicar-lhe quem unicamente lhe co
nheceo a afflicçaõ, e com ancia lhe deſejou o al
vio. Foy o meſmo Chriſto. Pendia na Cruz;
vendo a afflicçaõ da Mãy, lhe fallou aſſim: *Mu*
lier, ecce filius tuus. Mulher, o teu filho he eſ
Diſcipulo, que ahi ves. Oh Senhor: a huma Mã
por voſſo amor taõ afflicta aſſim tratais, com
ſe nem lhe foreis vós Filho, nem ella vos fora Mã
Mulier, ecce filius tuus! Sim; com amor, e pie
dade rara. Concordes dizem os Expoſitores d
Texto, que neſtas palavras pertendia Chriſt
aliviar a afflicçaõ, com que Maria Santiſſima
anguſtiava: *Vt tale mulieris nomen, in tot ac tan*
tis laboribus eſſet ei ſolamen. E como ſe pode
ria a Mãy de Deos conſolar com palavras taõ che
yas de deſamor, e taõ deſpidas de ternura? Por
que com ellas intentava Chriſto que Maria San
tiſſima por entaõ ſe eſqueceſſe de que era ſua Mãy
Mulier, quando o via padecer. Oh piedade, ver
dadeiramente digna de hum Filho Deos! Ma
para eſte eſquecimento, que meyo inventaria
amor de Chriſto? O meyo foy introduzir-lhe ou

Joan. 19. 26.

Hug. Card. Philip. Abb. Silv. in hunc locum.

ro filho, que naõ fosse elle: *Ecce filius tuus*; para que a Senhora, variando a attençaõ de hum para outro filho, a mesma alternaçaõ dos sentidos lhe variasse no animo, de alguma sorte, a viva lembrança do primeiro. Ouvi ao Bispo Pacense: *Ecce filius tuus; ut saltem parumper ambigeret animus inter utrumque, & reciproco assensu, ex altero traheretur ad alterum.* Maria Santissima tinha hum só Filho, em tudo Unigenito, e reconhecer por filho ao Discipulo, fora naõ se lembrar do outro Filho, ou naõ se lembrar de Christo: esse esquecimento porém era o que solicitava Christo, como efficaz remedio, para consolar a afflicçaõ de sua Máy Santissima: *Mulier, ecce filius tuus: ut tale mulieris nomen in tot ac tantis laboribus esset ei solamen.*

Zerd. de B. V. Acad. 34. sect. 1. n. 19.

20 Oh Senhora summamente afflicta: consolese a vossa soledade, pois se vê que a afflicçaõ della naõ he irremediavel. Pelo amor que tendes ao Filho, que perdestes, vos pedimos percais tambem a memoria delle. Se naõ tendes mais q̃ hum Filho, entendey que esse he o que ainda vos acompanha: *Mulier, ecce filius tuus.* As deliciosas caricias de Christo vos naõ lembrem: esqueçaõ-vos as suavissimas doçuras, de que se enchia o vosso espirito na sua communicaçaõ. Diverti da memoria os tormentos, que constante o vistes padecer, as agonias da Cruz, e finalmente a morte; porque para vos naõ affligirem estas lembranças, deseja elle que nesta afflicçaõ só vos lembreis do Discipulo, que vos adoptou por filho: *Mulier ecce filius tuus.*

§. IV.

21 MAs como poderá nesta soledade diverti[r] Maria Santissima as lembranças de Chri[sto] sto ausente, se o amor de Mãy lhe naõ permitt[e] esquecimento de taõ amavel Filho! Quem mui- to ama naõ se esquece; porque o amor (diz San- to Thomaz, e a experiencia o mostra) he hum[a] propensaõ, e impulso, que está sempre arreba- tando a vontade para o seu amado. Com este pen- samento disse Santo Agostinho: *Pondus meum amor meus, amore feror, quocumque feror.* E co- mo se ha de perder da memoria o que está at- trahindo a si a vontade? Passa entre a vontade, e a memoria, o mesmo que passa entre o entendi- mento, e a vontade. O entendimento impera, e move a vontade para que ame; (como bem ensi- na o Doutor Angelico) nem a vontade ama o que o entendimento lhe naõ propõem. Naõ de outra sorte a vontade: move a memoria para que se lembre; porque sempre está excitando na me- moria especies do que ama, para o naõ perder da lembrança.

D. Thom. 1.p.q.27.a.4

D. Aug. cõ- fes. lib. 13. c.9.

D.Thom.1. 2. q.17.a.1.

22 Quando o pastor Jacob servia por merecer a Raquel, dos olhos lhe fugia o somno: *Fugie- batque somnus ab oculis meis.* E diz o Texto que sette annos lhe pareciaõ poucos dias: *Videbantur illi pauci dies.* Tudo procedia do grande amor, que Jacob tinha a Raquel: *Præ amoris magnitu- dine.* Desta causa deviamos esperar outro effeito muy diverso. Que as horas pareçaõ annos a quem ama, em quanto espera, e pertende, sim; por- que

Genes.31.40

29. vers.20.

Ibidem.

que a esperança dilatada afflige: *Spes, quæ differ-ur, affligit animum.* Pois se o amor, e a esperan-ça trazem a Jacob taõ afflicto, que até o privaõ do somno; como tantos annos lhe parecem pou-cos dias? A reposta nesta difficuldade he taõ pa-tente, como natural. Jacob amava extremosamen-te a Raquel: logo naõ podia esquecer-se della. Indo para o exercicio do campo, lá lhe lembra-va a sua Raquel, por quem servia: e absorto na lembrança della, passava o dia, como se naõ pas-sara mais de huma hora: e continuando elevado na mesma lembrança, passava os annos, como se passara só poucos dias: *Videbantur illi pauci dies.* Recolhia-se do seu trabalho no fim da tarde, e querendo com o somno dar descanço ao corpo, entrava a lembrar-se de Raquel, e lá lhe fugia o somno dos olhos: *Fugiebatque somnus ab oculis meis.* O Texto attribue ao amor de Jacob o que immediatamente se deve attribuir á continua lem-brança, que elle tinha de Raquel. Mas naõ foy necessario expressar a lembrança; porque bastou que se expressasse o amor. Naõ declarou os me-os, apontou a causa; porque para se entender que Jacob sempre trazia na lembrança a Raquel, sem que da memoria a perdesse de dia, nem de noite, bastou dizer que Jacob amava muito a Ra-quel: porque a vontade, e o amor sempre haviaõ estar excitando na memoria de Jacob as especies de Raquel, com cuja lembrança perdia o somno, e passava hum anno, como se passara hum dia: *Fugiebatque somnus ab oculis meis: Videbantur illi pauci dies, præ amoris magnitudine.*

Prov. 13. 12.

23 Levemos nós o pensamento agora a outro melhor

melhor Jacob, e a outra melhor Raquel. E quan-
to mais intenso, mais puro, e mais excessivo se-
ria o amor com que Maria Santissima, melhor
Raquel, amava a Christo, melhor Jacob! Pois nel-
la, como cessaria a memoria de se lembrar d
Christo! Como deixaria o amor desta Mãy d
lhe excitar na memoria as especies mais vivas d
Filho ausente! A mesma soledade, em que s
achava a Mãy, seria o mais forte estimulo para s
lembrar do Filho; porque sempre na soledade s
apura mais a memoria do que se ama ausente
Por boca de seu Profeta Oseas, disse Christo qu
quando sua Mãy Santissima estivesse nesta soleda-
de, ahi lhe fallaria ao coraçaõ: *Ducam eam in
solitudinem, & loquar ad cor ejus.* Mas se a so-
ledade de Maria Santissima he a ausencia de Chri-
sto morto; como lhe pode Christo fallar na sole-
dade? Como? Fallando-lhe ao coraçaõ: *Loquar
ad cor ejus.* Ao coraçaõ naõ fallaõ as vozes; fal-
laõ as memorias, fallaõ as lembranças, que saõ
as vozes internas: e quando morto Christo, s
apurava mais a soledade na Mãy de Deos: *Ducam
eam in solitudinem*; eraõ entaõ nella as lembran-
ças mais vivas, e a memoria mais apurada. Entaõ
estava Christo taõ vivamente representado na me-
moria de sua Mãy Santissima, como se lhe esti-
vera fallando vivo: *Et loquar ad cor ejus.* En-
tre o coraçaõ, e a memoria ha sempre huma re-
ciproca agitaçaõ; porque a memoria, sem cessar,
desperta o coraçaõ para se empregar no que
ama: e o coraçaõ, sem descanço, excita na memo-
ria representaçoens do que ama, para se naõ es
quecer. Por isso ao coraçaõ chamou Christo fon-
te

Osee 2. 14.

e de lembranças : *De corde enim exeunt cogi-ationes*; porque ſempre ſahe para a memoria o
que temos no coraçaõ; mas na ſoledade ainda com
fficacia mais viva : *Ducam eam in ſolitudinem,
ô loquar ad cor ejus.*

Matth. 15. 19

24 Façamos agora huma anatomia ao coraçaõ
a Mãy de Deos. E que acharemos nelle? As Cha-
as, e os tormentos, que padeceo Chriſto em ſeu
orpo; porque Maria Santiſſima em ſeu coraçaõ
ecebia eſſes tormentos, e eſſas Chagas: *Quot læ-ones in corpore Filii, tot vulnera in corde Ma-ris*, diz S. Jeronymo. Pois como ſe eſqueceria
afflicta Mãy do que vira padecer ao Filho, ſe
nha no proprio coraçaõ as Chagas, e os tormen-
os do Filho, para do coraçaõ lhe eſtarem con-
nuamente ſubindo eſpecies á memoria, que lhe
xcitaſſem lembranças de quanto o vio padecer!
inda naõ diſſe bem. A razaõ taõ admiravel, co-
o exquiſita, de receber Maria Santiſſima em ſeu
oraçaõ quantos tormentos ſe executavaõ em
hriſto, he porque o meſmo Chriſto era o co-
çaõ de Maria. Por iſſo diz David que o cora-
õ deixou a eſta Senhora em ſoledade: *Cor meum
reliquit me*; porque apartando-ſe della Chriſ-
, que era o coraçaõ da Senhora, o ſeu coraçaõ
apartava della. Pois ſe o que eſtá no coraçaõ
npre deſperta a lembrança; quanto mais exci-
ia ſempre a memoria da Mãy de Deos hum
lho, que era o meſmo coraçaõ deſſa Mãy!

D. Hier. apud Pontoli de Christo dolorato. Serm. 32.

Pſal. 29. 13.

25 S. Boaventura, com mais profunda pon-
raçaõ, ſe extendeo a mais; porque diſſe que
õ ſó o coraçaõ, mas que a meſma Mãy de Deos
da eſtava convertida nas Chagas, e mais tormen-

tos

emias esta dolorosa transmutaçaõ de Maria San-
issima, descobriremos no mesmo Texto hum oc-
ulto, e raro mysterio, com que ainda mais se
onfirme o nosso discurso.

26 Diz o Profeta que esta transmutaçaõ se
zera na alma da Senhora: *Longè factus est à me
onsolator, convertens animam meam.* Havia nel-
 alma, e tambem havia corpo; mas a alma só,
 naõ o corpo, se transmutou em Christo, e nos
eus tormentos. E por ventura entre a alma, e a
emoria ha alguma real distinçaõ? Resolve-se em
oa Filosofia que naõ. A alma he a sua memoria
esma: a memoria he a mesma alma, sem distin-
aõ. Logo a memoria de Maria Santissima esta-
a convertida, e transmutada em Christo, e nos
eus tormẽtos. He assim: *Convertens animam meam:
uia tota conversa est in ista. Tota transmigra-
erat in dilectum.* Estava a memoria da afflicta
lãy convertida nos espinhos, nos cravos, Cruz, e
nça: nas Chagas, nas dores, lagrimas, suspiros,
flicçoens, e mais tormentos, e angustias do Fi-
o: *Conversa est in ista.* Estava em fim a memo-
a da dolorosa Mãy transmutada no mesmo Filho:
ransmigraverat in dilectum. Nem podia a me-
oria despir-se deste lastimoso objecto; porque
memoria era o mesmo objecto, e a mesma es-
cie. Era especie deste objecto, para sempre o
ar vivamente representando: era memoria pa-
 sempre se estar lembrando. Deos tudo vê, e
do conhece em sua mesma natureza; porque a
 natureza he a especie, que tudo lhe represen-
 E poderá por ventura cessar Deos de conhe-
r o que vê? Naõ; porque a sua natureza he o
seu

ſeu meſmo entendimento. Huma meſma couſ
em Deos he o entendimento, com que tudo vê
e conhece, e a eſpecie, que tudo lhe repreſent
E como o entendimento Divino naõ póde ſepa
rar-ſe da eſpecie repreſentativa de tudo, tamber
naõ póde ceſſar do conhecimento de tudo. E
Maria Santiſſima a memoria, e o Filho auſent
vieraõ a ſer huma meſma couſa. Os tormentos d
Filho, e a memoria da Mãy ſe fizeraõ nella hu
ma ſó couſa ſem diſtinçaõ: logo era impoſſive
que a memoria da Mãy ceſſaſſe de ſe lembrar d
Filho, e de ſeus tormentos.

27 Acabo já de entender, Anguſtiadiſſim
Senhora, que a voſſa afflicçaõ neſta ſoledade h
irremediavel; porque de voſſa memoria inſepara
vel he a lembrança de voſſo Filho, de ſeus tor
mentos, e da morte crueliſſima, que o viſtes pa
decer pelos homens. Nem ignoro ſeria affront
de voſſo amor, ſe por hum inſtante ceſſára en
vós a aprehenſaõ mais viva daquella innocenci
Divina tyrannamente punida; porque o amor,
o eſquecimento ſaõ incompativeis por natureza
As eſpecies, que conſervais do que viſtes no Cal
vario, ſaõ as que neſta hora com mais força vo
deſpertaõ a memoria de quem naõ vedes: e ſe
ella naõ admitte o remedio mais efficaz da afflic-
çaõ em que eſtais, como poderá a noſſa compay-
xaõ dar alivio á voſſa pena: *Quis medebitur tui*
Com tudo, porque o eſquecimento naõ ſerá del
la unico remedio; permitti que entre a exami
nar ſe com outro a poderemos remediar.

§. V.

§. V.

8 O Segundo remedio para huma alma, anguſtiada na ſoledade, he ſuſpender os iſcurſos do entendimento. Naõ ha mayor tyrã-o para huma alma, que eſtá afflicta, do que he entendimento proprio. Quanto mais agudo pa- diſcorrer; tanto mais aguda ſe faz a pena pa- penetrar. Quanto mais apurado para ponde-ar; tanto mais apurado eſtá o ſentimento para fligir. E que diſcurſos naõ formaria neſta ſole-ade, pelo deſamparo do Filho, aquelle mais que blime entendimento da May de Deos! Diſcor- ſobre as ineffaveis doçuras de ſeu amor, com e hum Filho Deos lhe deliciava o eſpirito, em anto gozou de ſua companhia: e a falta dellas nto lhe augmentava a pena, quanto o paſſado, erdido gozo lhe enchia o eſpirito de enexpli-veis delicias. Lá lhe occorria que com a mor- do Filho acabava tambem ella de ſer Mãy, pois que por taõ incomprehenſivel maternida- ſubio á mayor exaltaçaõ, a que pode ſer ele-da huma creatura. Ponderava que naõ via já ſeus braços aquelle meſmo Filho, que o Eter- Padre com infinita gloria, e amor tem em s braços no Ceo; e ella, para o alimentar a ſeus tos, taõ amoroſamente lhe dera o reclinato-, e deſcanço de ſeus braços. Em fim, propu-a-lhe o entendimento que em Chriſto perdera n Filho, que era o ſeu Pay, o ſeu Eſpoſo, o Redemptor, o ſeu Deos, e todo o ſeu Bem, r ſer hum Bem infinito: e daqui preciſamente lhe

Prout cum cõmuni docent Vega in Theol. Marian. Paleſt. 24. cert. 11. n. 1579. Ludov à Põte tom. 2. Medit. part. 5. medit. 37.

lhe havia inſurgir huma pena, e huma afflic-
çaõ infinita: *Ergo & dolor erat infinitus*, po-
demos concluir com S. Bernardino de Sena.

D. Bernard. Sen. ſup. relat.

29 Mas, ſolitaria, e muy anguſtiada Se-
nhora, ſebem conheço, e confeſſo o indubi-
tavel acerto, com que diſcorre o voſſo enten-
dimento neſta ſoledade, e neſta perda em que
reflectis, pela auſencia de hum Filho Deos; a
voſſo meſmo entendimento buſco, para appro-
var o melhor remedio de voſſa afflicçaõ ta
grande. Credes com viva Fé, e tendes Eſpe-
rança firmiſſima de que dentro em tres dia
reſuſcitará vivo o Filho, que chorais morto
e reveſtido em gloria vos encherá de alegria
convertendo em gozo o voſſo pranto, conver-
tendo em prazer a voſſa pena. Pois ſe o reme-
dio da voſſa perda, ſe o alivio da voſſa afflic-
çaõ he taõ certo, como indubitavel; quem na
dirá que a certeza, e conſideraçaõ delle fa-
cilmente faz remediavel a afflicçaõ de voſſa ſole-
dade? Suſpendey o diſcurſo, que vos afflige:
porque vos podeis conſolar com outro. Ali-
viay a ponderaçaõ da perda, com a certeza de
ſer brevemente recuperada. Mas em quanto eſ-
perais a hora feliz, em que a voſſos braços ha
de tornar o Filho amoroſo, que ſe auſentou de
vós, naõ ſerá razaõ que tanto vos entregueis
ao ſentimento por ſua perda.

30 Na auſencia de Tobias ficaraõ ſeus pays
taõ ſaudoſos, como ſolitarios; e Anna ſua mãy
nas lagrimas, que chorava, e nas queixas, que
proferia, bem moſtrava as anguſtias de ſeu co-
raçaõ afflicto em tal ſoledade. Deſejando porém

o pay

pay de Tobias aliviar a afflicçaõ da mãy, lhe
izia assim: *Noli flere, salvus perveniet filius*
oster, & salvus revertetur ad nos. Reprimi
lagrimas, que derramais pela ausencia de nos-
filho; porque ainda o vereis restituido á nos-
companhia. Foy esta razaõ poderosa para que
nna enxugasse as lagrimas, e se consolasse: *Ad*
nc vocem cessavit mater ejus flere, & tacuit; por-
ue a esperança de ver o filho, bastou para ali-
ar na mãy a pena de sua ausencia: nem era
em que tanto se affligisse por huma soledade,
ue se fazia remediavel com o regresso do filho.
ardando porém este, e excedendo o dia em
ue o esperavaõ, e o tempo em que elle promet-
ra chegar de volta; entaõ os pays igualmente
eyos de cuidado, e de saudade, se desfaziaõ
nbos em lagrimas, sem que hum pudesse con-
lar a outro: *Cœperunt ambo flere, eò quòd die*
tuto minimè reverteretur filius eorum ad eos.
nguem haverá, que naõ julgue estas lagrimas
r indiscretas; ou por menos acertada a con-
açaõ, que admittio Anna, quando na mesma
edade derramava as primeiras lagrimas: e dou
azaõ. Todas as disposiçoens humanas saõ con-
gentes; porque naõ podem prever os acciden-
, que estorvaõ as execuçoens de futuro. To-
s, que naõ chegava no dia promettido, al-
m impedimento acharia, que o detivesse: e
dia sem perigo chegar mais tarde, como che-
u. Pois se a mãy, chorando a sua soledade nos
meiros dias, se consolava com a esperança de
e tornaria a ver o seu filho; como se naõ con-
a pouco depois, dilatando a sua esperança por

Tob. 5, 26.

Ibid. 28.

Cap. 10, 3.

algum tempo? Ou, se agora naõ admitte alivi
na sua pena, como taõ facilmente se consolav
d'antes, sendo entaõ a causa de sua afflicçaõ
mesma? Porque o filho antes de se ausentar havi
consignado o tempo do seu regresso para a com-
panhia dos pays: e o natural amor destes naõ po
dia soffrer mais dilaçaõ, tantoque a ausencia ex
cedeo o termo, que parecia sufficiente: *Cœpe-
runt ambo flere, eò quòd die statuto minimè re-
verteretur filius eorum ad eos.* E pelo contra
rio: naõ havia razaõ, para que antes de se con
sumar o tempo, em que se esperava, e podia che
gar o filho, deixasse a soledade dos pays de s
consolar com a esperança de o verem, como ell
lhes promettera: *Noli flere, salvus pervenie
filius noster, & salvus revertetur ad nos, & ocu-
li nostri videbunt illum. Ad hanc vocem cessavi
mater ejus flere, & tacuit.*

31 Passando já da soledade de Anna, pela au
sencia de Tobias, á presente soledade de Mari
Santissima, pela ausencia de Christo: bem sabei
vós (angustiadissima Senhora) estar promettid
por vosso mesmo Filho, e Redemptor nosso, qu
a mais de tres dias, e tres noites se naõ estender
a sua ausencia, porque esse tempo designou elle
para verificar a sua mortalidade entre os horro-
res de hum sepulchro: *Erit filius hominis in cor-
de terræ tribus diebus, & tribus noctibus.* Se
possivel fora que, além deste espaço, o naõ vi-
reis resuscitado logo, inconsolavel fora a vossa so-
ledade; porque irremediavel fora a vossa perda
mas se estais nos termos da Esperança mais infal-
livel, que vos assegura o vereis brevemente glo-
rioso,

Matth. 12. 40.

ioso, razaõ será que com a mesma esperança, nxugueis tantas lagrimas, que derramais, e alijeis tanta pena com que vosso coraçaõ se afflie: *Noli flere, salvus perveneit filius tuus, & culi tui videbunt illum.*

32 Qual foy a perda, que occasionou sentinento, se deixou a certeza de ser remediada? Qual foy a pena, que se naõ consolasse com a esperança do alivio certo? Lamentavaõ os antigos Patriarcas a ruina de toda a natureza humana em Adam; mas a esperança infallivel do Messias futuro, para Redemptor do mundo, consolava seus nternecidos suspiros: *Donec veniat qui mittenus est, & ipse erit expectatio gentium: donec eniret desiderium collium æternorum.* Querenо Jeremias prevenir consolaçaõ para Raquel, horosa na perda de seus innocentes filhos, lhe ssegurou a restituiçaõ delles; porque esta proessa bastaria para lhe diminuir a pena de se ver ela falta dos filhos solitaria: *Quiescat vox tua ploratu, & oculi tui à lacrymis....revertenur filii ad terminos suos.* A razaõ bem clara este efficaz lenitivo, em todo o genero de afflicaõ, he, porque em hum mesmo coraçaõ dous fectos contrarios, ou duas paixoens oppostas, repugnantes, naturalmente naõ podem ser muy tensas: precisamente haõ de pugnar entre si, omo contrarias, e rebatendo-se de parte a parе, haõ de perder a actividade propria; porque este combate cada huma diminue a sua intenõ. Isto experimentamos, quando no mayor prazer da vida nos sobrevem huma pena grande; orque logo se diminue o gosto, com que esta-

Genes. 49. 10. 26.

Jerem. 31. 16. 17.

vamos taõ alegres: e ordinariamente o sobresal-
to, com que receamos qualquer desgraça, he ba-
stante para rebater em nós qualquer alegria na oc-
casiaõ della. Logo tambem a certeza, com qu
esperamos hum prazer grande, bastará para no
aliviar de huma grande pena.

33 Se passarmos do coraçaõ aos olhos, po-
deremos ocularmente ver o que se provou com
o discurso. Nos primeiros crepusculos da Auro-
ra se encontraõ a noite, e o dia juntamente:
noite que acaba, e o dia que vem nascendo. E n
concurrencia destes dous contrarios taõ oppos-
tos, vemos reciprocamente atenuadas as força
de cada hum. Nem o dia he taõ claro, porqu
ainda se lhe oppõem a noite: nem esta he taõ te-
nebrosa, porque já se lhe oppõem o dia. Assim
no presente caso. A' noite escurissima da soleda-
de de Maria Santissima, em quanto sepultado est
o Sol Divino no inferior emisferio, se ha de se-
guir infallivelmente o claro dia, com a Resurrei-
çaõ do mesmo Sol, que na luz da Fé da Mãy d
Deos está arrayando já, como nos braços da Au-
rora o Sol, que vem nascendo. Pois que razaõ pó-
de haver para que a Fé, e Esperança de gozar
a Christo, Sol resuscitado, naõ ponhaõ claro, e
sereno o escurecido Ceo de Maria Santissima
nesta noite de sua soledade? Como naõ bastará a
certeza do esperado gozo, para de todo aliviar na
Mãy de Deos a afflicçaõ presente?

§. VI.

§. VI.

4 PArecia-me que na Fé, e Esperança de Maria Santissima estava já descuberto o emedio de sua afflicçaõ; mas a experiencia bem nostra o erro do meu discurso. O certo he, que uando a enfermidade he de amor, ou de cariade, tanto mais se augmenta, quanto a Fé, e a Esperança mais se avivaõ. Está a Mãy de Deos a viva Fé, e na Esperança firmissima da Resurreiçaõ de Christo, e ainda assim a vemos inconolavelmente afflicta: logo aquella Fé, e aquella Esperança naõ saõ os remedios, que bastem paa lhe diminuir a afflicçaõ de sua soledade. He o e que se admirou S. Bernardo: *Numquid non perabat continuò resurrecturum? Et fideliter. uper hæc doluit crucifixum? Et vehementer.* Quando os remedios mais infalliveis naõ obraõ, nal he que a enfermidade se naõ conhece: e daui infiro que naõ chegaõ a penetrar a causa a afflicçaõ da Mãy de Deos, os que a julgaõ aõ anguitiada, por se achar solitaria na perda, ausencia de seu amado Filho. Porque se esta ora propriamente a causa da afflicçaõ da Mãy, iviada estivera, e quando menos diminuida com Fé, e Esperança da Resurreiçaõ do Filho: ois nem as settas do maternal amor, despontaas pelo esperado gozo, haviaõ de penetrar taõ gudamente o coraçaõ da angustiada Mãy.

D.Bern.Ser. de 12.Stellis

35 O que eu neste ponto discorro, he que afflicçaõ de Maria Santissima naõ se originava ropriamente da sua soledade. Com mais acerto

diremos que procedia immediatamente da so-
ledade de Christo; porque a soledade, que mai
affligia a Mãy de Deos, naõ era a soledade em
que ella estava: era a soledade em que estava
Christo. Desorte que naõ se affligia tanto a Se-
nhora, porque solitaria ficou sem Christo, mor-
to, e sepultado já; quanto (e muito mais) se
affligia, porque só Christo era o morto, e o se-
pultado, naõ sendo ella morta, e juntamente
com Christo sepultada. E porque esta era toda a
origem da afflicçaõ de Maria Santissima, diz S.
Bernardo que nesta soledade, mais do Filho
que da Mãy, suspirando ella, exclamava assim.
Solus moreris! Moriatur tecum Genitrix tua.
Que só morresse o Filho, e que com elle naõ mor-
resse de sentimento a Mãy! Que a morte pu-
zesse ao Filho em soledade de Mãy: *Solus more-
ris!* E que ficasse a Mãy viva, sem acompanhar
ao Filho nesta sua soledade! *Moriatur tecum
Genitrix tua.* Sendo esta soledade de Christo a
mayor afflicçaõ para sua angustiada Mãy (tam-
bem posta em soledade) bem se vê quam irre-
mediavel era a afflicçaõ, que Maria Santissima
padecia nesta sua soledade; porque esta afflicçaõ
naõ se remediava resuscitando Christo para a
companhia da Mãy: só se pudéra remediar, se a
morte levara a Mãy para a companhia do Filho:
Moriatur tecum Genitrix tua.

D. Bern. de Lament. V.

36 Bem nos deo Christo a entender que a
sua soledade no sepulchro foy origem de tanta
afflicçaõ para sua Mãy Santissima, igualmente so-
litaria, quando entre as agonias da Cruz apre-
sentou a seu Eterno Padre aquella taõ lastimosa
queixa:

ueixas: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereli-uisti me!* Deos meu, Deos meu (vinha a dizer) orque me deixaſtes neſta ſoledade! Ouvi a Santo Hilario: *Suam conqueritur ſolitudinem.* E mais rofundamente, na ponderaçaõ do meſmo Texto, ccreſcentou Euthymio que lamentava Chriſto a ua ſoledade, vendo que lhe faltava a companhia de ua Mãy Santiſſima: *Neque enim, niſi dolens abſen-iæ Matris, ita clamaſſet.* Porém he ſem duvida ue a Chriſto naõ faltou a companhia deſta Senho-a; porque ao pé da Cruz lhe aſſiſtia: *Stabat juxta Crucem Jeſu Mater ejus.* Só no ſepulchro deixou e o acompanhar. Mas ſe no ſepulchro naõ podia Chriſto ſentir a ſoledade propria depois de morto; omo ſe queixa de que o Eterno Padre lhe negaſſe o ſepulchro a companhia da Mãy: *Ut quid dereli-uiſti me?* Porque ſe bem a ſoledade já naõ podia ormentar a Chriſto, ainda affligia á ſolitaria Mãy. quella ſoledade era correlativa entre o Filho, e Mãy. O Filho ſem a companhia da Mãy; e a Mãy m fazer companhia ao Filho. A Chriſto já no ſe-ulchro naõ podia cauſar ſentimento o faltar lhe companhia da Mãy; neſta porém taõ grande era a ena de naõ acompanhar a Chriſto na ſepultura, que revendo elle taõ inconſolavel afflicçaõ da May, ſe ueixava ao Eterno Padre, naõ por ſi, mas por ella. or ſi naõ; porque ſepultado ſe impoſſibilitava para ſentimento. Sim pela Mãy, que tanto ſe affligiria, aõ ſendo com o Filho morta, e ſepultada com elle: *olus moreris! Moriatur tecum Genitrix tua. Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquiſti me! Neque enim, niſi dolens abſentiæ Matris, ita cla-aſſet.*

Matth. 27. 46.

D. Hilar.

Euthym. in Expoſ. ad citatum loc. Matth.

Joan. 19. 25.

Matth. 27. 46.

37 De huma mesma sorte se houve Christo na previsaõ da Chaga de seu lado, e na previsaõ de sua soledade, faltando-lhe a companhia de sua Santissima, e angustiada Māy. Lá pedia ao Eterno Padre que o livrasse da lança cruel, que lhe havia de traspassar o peito: *Erue à framea Deus animam meam.* Mas se Christo havia de receber a Chaga em seu peito depois de morto, quando a naõ podia sentir; como em vida se mostrava della taõ receoso, e sentido? Porque depois de morto Christo, a dor daquella Chaga seria toda para sua Māy Santissima, a quem a lança havia de traspassar a alma, quando traspassasse o lado de Christo, como diz S. Bernardo: *Postea quam emisit spiritum tuus ille Jesus, ipsius planè non attigit animam crudelis lancea, quae ipsius aperuit latus, sed tuam utique animam pertransivit.* Attendendo pois Christo ao sentimento da Māy, mais por ella, que por si, rogava ao Eterno Padre o defendesse da lança, cuja violencia, e ferida, depois de morto já naõ podia sentir: *Erue à framea Deus animam meam.* Similhante foy a razaõ, e o fim, com que se queixava Christo, prevendo a soledade, em que havia de estar no sepulchro. A afflicçaõ desta soledade naõ podia ser para Christo; porque estava morto: toda se dispunha para sua Māy Santissima, que depois extremosamente se angustiava, naõ podendo fazer companhia a Christo, morrendo, e sepultando-se com elle. E quanto mais se affligiria a Senhora, vendo a Christo solitario, sem a sua companhia no sepulchro; tanto mais dava occasiaõ a Christo, para que, compadecido de sua angustiada Māy, se queixasse da propria soledade, por ser causa da mayor angustia de sua solitaria Māy:

Psal. 21. 21.

D. Bern. Ser. de 12. Stel.

Deus,

Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me! Neque enim, nisi dolens absentiæ Matris, ita clamasset.

38 Daqui se entende a razaõ dos differentes effectos, que a Mãy de Deos mostrou, vendo constante padecer a Christo, e lamentando-se afflicta, depois que a morte lhe consumou os tormentos, e lhe deo fim ás penas. Padece Christo na Cruz tormentos, e penas taõ insopportaveis, como incomprehensiveis a toda a intelligencia humana: e a Senhora com admiravel fortaleza o acompanha, sem que se lhe ouça huma queixa, nem se lhe veja huma lagrima, como bem advertio, e admirou Santo Ambrosio: *Stantem lego, flentem non lego.* Morre finalmente Christo, he seu corpo dado com summa veneraçaõ ao descanço da sepultura; entaõ se destaõ na Senhora rios de lagrimas, e submergindo-se-lhe o coraçaõ em hum mar de penas, brotaõ delle as mais sentidas queixas, e os mais enternecidos suspiros: *Idirco ego plorans, & oculus meus deducens aquas, quia longè factus est à me consolator.* E porque naõ antes de espirar Christo, e antes de ser dado o seu corpo á sepultura? Porque d'antes naõ era só Christo o que padecia. A Senhora taõ igualmente com elle padecia, que a dor de Christo era a mesma dor da Senhora, como já ouvimos a Santa Brigida: *Dolor ejus erat dolor meus.* A morte porém, e a sepultura foraõ para Christo só, e naõ para a Senhora, que nem morreo com o Filho, nem com elle foy sepultada. Eis-ahi pois o de que a Mãy de Deos se affligia: de que só Christo morresse, sem que ella lhe fizesse companhia na morte, e na sepultura: *Solus moreris!* Em quanto a Mãy de Deos padecia com Christo juntamente, o mesmo padecer lhe

D. Ambr. in c. 23. Luc.

Thren. 1. 16.

D. Brig. supra relatã num. 1.

lhe servia de remedio ao que estava padecendo porque o acompanhar ao Filho nas penas, era doce, e amoroso alivio das penas, que padecia a Mãy vendo padecer o Filho. Mas porque morrendo, e sepultando-se Christo, com elle naõ morria, nem se sepultava a Senhora; sem remedio ficava na afflicçaõ, pois esta consistia em naõ expirar com Christo, nem ser com elle sepultada.

39 Concluido pois que esta foy para a Mãy de Deos a mayor angustia na soledade, em que a consideramos: oh quantas vezes se ouviria suspirar pela morte, como unico remedio de sua afflicçaõ, por ser o unico meyo de fazer companhia ao Filho na soledade em que se achava no sepulchro: *Fili mi dulcissime, da mori tecum, & ne derelinquas me. Nil mihi dulcius, quàm mori tecum: & nil amariùs certè, quàm vivere sine te!* Oh dulcissimo Filho meu, para que taõ angustiada me deixais com vida, quando só a morte me serviria de alivio! Se morrendo vós, expiráraeu, me tivéra por ditosa. Vós porém morto, e eu com vida! Oh que insoffrivel angustia para taõ afflicta Mãy! Estes eraõ, diz Santo Anselmo, os suspiros, e exclamaçoens de Maria Santissima, na soledade de seu amado Filho. Mas para que buscamos interpretaçaõ alheya sobre o que a mesma Senhora com tanta clareza expôs.

D. Ansel. sive Author libri de Excell. V.

40 Entre amorosos colloquios pedia a Christo sua angustiada Mãy que a imprimisse em seu coraçaõ, como na impressaõ de hum signete: *Pone me ut signaculum super cor tuum.* E a razaõ de o pedir assim, era, por ser seu amor taõ valente como he a morte: *Quia fortis est ut mors dilectio.* Para intelligencia desta razaõ, notay no que fez a morte,

Cant. 8. 6. Esse autem hanc vocem Sponsæ, tenent Chaldæus, Arabicus, Rabbini, & multi ex Catholicis apud Alapide.

e no

no que desejava a Senhora que fizesse o amor. A
morte foy taõ poderosa, que a Christo tirou a vida,
pôs em huma sepultura: e isso mesmo desejava a af-
ictissima Senhora que nella executasse o amor:
Da mori tecum, & *ne derelinquas me.* Pois para
ste fim deseja ser como hum sello impresso no co-
raçaõ de Christo? Sim; para que accommettendo a
morte ao coração do Filho, do mesmo golpe com que
e tirasse a vida, tambem levasse a da Mãy. Quiz
hristo ensinuar-nos quam docemente morria por
osso amor, e disse que na morte se lhe derreteria o
oraçaõ como a cera: *Factum est cor meum tan-* Ps. 21. 15.
uam cera liquescens: e desejava a angustiada Se-
hora ser como a impressaõ do signete nesta cera do
oração de Christo, para que o mesmo fogo de
mor, que derretesse a cera, desfizesse juntamente
sello, e se vissem o amor, e a morte igualados am-
os na valentia: a morte tirando a vida ao Filho, e o
mor tirando a vida á Mãy. Porém se na Mãy de
eos o amor era tão forte como prudente: *Ordina-* Cant. 2. 4.
t in me charitatem: he possivel que desatinado
ora solicite a morte! Sim: e não foy desatino,
y cordura; porque morto Christo, só morrendo
m elle a afflicta Mãy podia moderar a pena de
o expirar juntamente, para o acompanhar na so-
dade do sepulchro: *Factum est cor meum tan-*
am cera liquescens. Pone me ut signaculum su-
r cor tuum, quia fortis est ut mors dilectio. Nil
hi dulcius, quàm mori tecum.

41 Depois de conhecermos a que certamente
y causa de tanta angustia, com que Maria Santis-
ma se vê tão afflicta nesta soledade, e sendo já fa-
do o remedio, que lhe pudéra servir de alivio; en-
taõ

taõ totalmente desmaya a nossa compaixaõ; por-
que vê que he irremediavel por este meyo a pe-
na de taõ angustiada, como solitaria Máy. Quando
se impossibilita o remedio, que importa que se co-
nheça! Sabemos, oh angustiada Senhora, que a so-
ledade em que no sepulchro está o vosso taõ amado
Filho, he a origem desse mar de penas, em que flu-
ctuando se acha o vosso coraçaõ; mas se a mort
unicamente vos póde assegurar a tranquilidade n
terra da mesma sepultura, quem vos applicará ta
remedio: *Quis medebitur tui?*

§. VII.

42 O Terceiro, e ultimo remedio para a afflic-
çaõ, he desaffogar o coraçaõ angustiado
porque opprimido naõ chegue a submergir-se d
pena. Vistes sangrar-se hum rio, para que a sua en-
chente naõ inunde os campos, e affogue as plan-
tas? Pois nas afflicçoens do animo isso mesmo in-
tenta a providencia da natureza com as suas lagri-
mas. Como se déra huma sangria no coraçaõ, fa
que rompaõ as lagrimas, e saya nestas a amargu-
ra, em que o coraçaõ se opprime. Diz o sagrad
Texto que S. Pedro na precedente noite chorár
com amargura: *Flevit amarè.* E como pódem ha-
ver lagrimas com amargura? De que fonte nascem
ellas, para que possaõ trazer comsigo amargura
Direy. As lagrimas tem virtude de extrahir, e tra-
zer em si a qualidade, que achaõ no coraçaõ; e co-
mo o coraçaõ de S. Pedro estava cheyo de amargu-
ras pela contrição de sua culpa, sahiaõ delle as la-
grimas, trazendo em si a amargura do coraçáo

Luc. 22. 62.

Fle-

Flevit amarè. As agoas, que, á imitaçaõ das lagrimas, artificiosamente se distillaraõ das flores, extrahem dellas as qualidades, que comsigo trazem. Tambem as lagrimas trazem em si as qualidades, que extrahiraõ do coraçaõ, de que foraõ distilladas. Se o coraçaõ está afflicto, sahem as lagrimas com amargura: *Flevit amarè*; porque trazem em si a amargura, que havia no coraçaõ: mas por isso mesmo fica o coraçaõ aliviado; porque se lhe extrahio a amargura, que o affligia. Disse-o naõ menos que S. Gregorio Nazianzeno: *O felices lacrymæ, quæ animum dolentem levant!*

D. Greg. Naz. Orat. 5

43 Bem sey que naõ podiaõ as lagrimas de Maria Santissima restituir-lhe o Filho, nem levá-la para a companhia delle; mas podiaõ diminuir-lhe a pena; porque sempre levariaõ em si parte da angustia, em que seu coraçaõ se affligia. Lemos na Sagrada Historia que na ausencia de Tobias chorava Anna sua mãy com lagrimas irremediaveis: *Flebat igitur mater ejus irremediabilibus lacrymis*. Naõ buscava Anna remedio para suas lagrimas; buscava remedio para sua pena: desta se devia cuidar, se era, ou naõ era remediavel; pois como naõ da pena, mas das lagrimas, se diz que eraõ irremediaveis: *Irremediabilibus lachrymis*? Porque só as lagrimas podiaõ ser irremediaveis: mas a pena, havendo lagrimas, era infallivelmente remediavel. As lagrimas eraõ irremediaveis; porque, como se derramavaõ por Tobias, que se suppunha morto, naõ havia remedio para as reprimir, assim como naõ haveria para se restituir a vida a Tobias. Mas a pena, que originava essas lagrimas, naõ podia ficar sem remedio; porque com tantas lagrimas derramadas, infallivelmente

Tob. 10. 4.

aõ as mesmas agoas, que em rios sahiraõ delle: *Om-*
nia flumina intrant in mare. Assim as lagrimas de
Maria Santissima. Sahiaõ do coraçaõ aos olhos, cor-
iaõ até as faces, e dahi naõ passavaõ: *Lacrymæ ejus*
n maxillis ejus; porque o mar de afflicçaõ, em que
Senhora estava fluctuando, chamava, e recolhia a
outra vez as lagrimas, que derramava: *Pectus*
maternum immanitate doloris arctatur, suspirat
ntrinsecùs, & erumpentes revocat lacrymas, disse
Arnoldo Carnotense. Assim como no mar ha fluxo,
refluxo das agoas, assim o mar desta afflicçaõ de
Maria angustiadissima teve fluxo, e tambem reflu-
o nas lagrimas que chorava; porque o mar de suas
marguras despedia de si rios de lagrimas, e as reco-
hia outra vez em si: *Erumpentes revocat lacrymas*:
or isso com tantas lagrimas se naõ diminuia a
margura daquelle coraçaõ afflicto.

Eccle. 1, 7.
Thren. 1. 2.
Arnold. Ser. de B. Virg.

46 Cheyo de amarguras na Cruz chorou Chri-
o, e derramou muitas lagrimas, como escreve S.
aulo: *Cum clamore valido, & lacrymis*; mas naõ
ve em sua afflicçaõ alivio; porque lhe faltou na
ruz toda a consolaçaõ. Sobre o que, reparo, e per-
unto. As lagrimas, que chorou Christo, naõ lhe le-
vaõ comsigo as amarguras do coraçaõ? Precisa-
ente. Pois como dessa amargura naõ sentio alivio?
orque essas lagrimas, que lhe sahiaõ do coraçaõ
eyas de amargura, para o mesmo coraçaõ torna-
õ. Notay. Morto Christo, com mysteriosa tyran-
a lhe abrem o peito, traspassando-lhe tambem o
raçaõ; e promptamente sahiraõ delle sangue, e
oa: *Vnus militum lanceâ latus ejus aperuit, &*
ntinuò exivit sanguis, & aqua. Agoa em hum
raçaõ humano, algumas horas depois de morto?

AdHebr. 5. 7.
Joan. 19. 34.

Sangue

Sangue em hum corpo desanimado, e depois de lhe esgotarem as veyas? Que agoa seria aquella, que sangue seria este? A agudeza profundissima d Zerda descobrio serem lagrimas, que chorou o c raçaõ traspassado: *Ploravit cor.* Lagrimas naõ imitadoras da agoa, mas tambem do sangue, choro Christo em sua Payxaõ, e havendo de chorar tan bem o coraçaõ de Christo, como parte a mais del cada, de agoa, e de sangue derramou lagrimas: *Ex vit sanguis, & aqua. Ploravit cor.* Bem. Derra ma Christo tantas lagrimas crucificado, e ainda e tas, depois de morto, se lhe achaõ no coração? Po eis-ahi a razão, porque o não aliviaraõ as lagrima que derramou na Cruz. No Horto, onde Christ derramou lagrimas de sangue, chorando por todo os poros de seu corpo (como diz S. Bernardo) re cebeo alivio: *Ut consolaretur eum.* Na Cruz, on de o coraçaõ lhe chorava sangue, naõ experimento alivio; porque no Horto as lagrimas de sangue sa hiaõ, e não tornavaõ a recolher-se no coração d Christo. Buscavão a terra, e nella se recolhião: *Gu tæ sanguinis decurrentis in terram.* Na Cruz po rém, sahindo de Christo as lagrimas, tornavão se cretamente a recolher-se-lhe no coração, onde lhe acharão depois da morte: *Exivit sanguis,* & *aqua. Ploravit cor.* Tambem as lagrimas da Mã de Deos tão angustiada, aindaque em si levassem amarguras do coração, com essas amarguras se re colhião outra vez ao mesmo coraçaõ: *Erumpent revocat lacrymas*: por isso com tantas lagrima que chorou, naõ podia remediar a angustia profu dissima, em que se afflige.

Zerd. tom. de B. V.

D. Bern. citatus supra n. 16.
Luc. 22. 43.

Luc. ibid. v. 44.

§. VI

§. VIII.

7 EXaminada já a inefficacia dos remedios mais ſingulares da afflicçaõ, me parece bem odemos concluir, que em ſua ſoledade padeceo Mãy de Deos huma afflicçaõ ſem remedio. Por- ue ſe a ſua afflicçaõ foy hum mar taõ grande, que e ſubmergio a memoria, para naõ admittir eſ- uecimento; e lhe abſorbeo naõ menos o enten- mento, para a affligir com o diſcurſo; ſe com os de copioſas lagrimas naõ houve diminuiçaõ mar de ſuas amarguras; quem excogitará reme- o, que poſſa aliviar tanta afflicçaõ: *Magna eſt im velut mare contritio tua, quis medebitur tui?* qui ſó tinha lugar a noſſa pena; para que compa- cendo-ſe de tanta afflicçaõ, acompanhaſſe di- amente a anguſtiada Senhora em ſua ſoledade, e m eſte obſequio ſuppriſſe o que naõ póde reme- ar. Mas ſinto arrebatar-ſe-me o entendimento ra confuſaõ propria, pelo que em mim vejo, e m vós tambem.

48 Que vemos, e que experimentamos em s, ſenaõ huns coraçoens taõ ſeccos, e huns olhos enxutos! Huns entendimentos ſem apreço da- elle Deos, que tantas vezes perdemos, tantas zes deixamos, e deſprezamos! Humas memo- s taõ eſquecidas de ſeu amor, de ſeus benefi- s, dos tormentos, e da morte, que padeceo r nós! Maria Santiſſima, aindaque ſolitaria, ſem- conſervou a companhia de Chriſto. Tinha o ſeu coraçaõ, por amoroſo affecto, e em ſua a por divina graça; e ainda aſſim ſe affligia tan-

to com a ſua auſencia, que era a ſua afflicçaõ hu
mar. Com as noſſas culpas perdemos nós a Chi
ſto, até de noſſas almas, e de noſſos coraçoen
e nem por iſſo ſe afflige a noſſa obſtinaçaõ. C
que deſgraça! Eſta he a unica deſgraça digna c
noſſa afflicçaõ, e de noſſas lagrimas. A deſgra
da noſſa obſtinaçaõ tem o ſeu remedio nas noſſ
lagrimas, ſe a ſoubermos chorar: e eu, por mey
naõ imaginado, pertendo ver ſe nas lagrimas c
Mãy de Deos poſſo deſcobrir para a ſua a affli
çaõ hum exquiſito remedio.

49 As lagrimas de Maria Santiſſima (com
diſſemos) naõ aliviavaõ a ſua amargura; porqu
com a meſma ſe lhe recolhiaõ no coraçaõ: po
ſerá talvez para a voſſa afflicçaõ unico remedi
(oh Mãy anguſtiadiſſima) ſe chorando enxuga
res as voſſas lagrimas, antes que façaõ o ſeu re
fluxo para o coraçaõ. Para tudo ſerá muy util
que neſte quadro vos offereço. Tendes huma pi
tura, que ſerá incentivo para voſſas lagrimas:
tendes hum Sudario para as recolheres, ante
que retrocedaõ para o coraçaõ. Revelaſtes vós
que lembrando-vos dos pés, e das mãos do voſſ
Filho traſpaſſadas com duros cravos; já naõ po
dieis reprimir as lagrimas: *Quando conſideraban
clavos, manus, & pedes, tunc oculi mei lacrymi
replebantur.* Pois desfaçaõ-ſe agora os voſſos olho
em lagrimas, repetindo a meſma lembrança com
eſta doloroſa viſta.

D. Brig. Revel. l. 1. c. 10.

50 A huma Mãy taõ amoroſa, e taõ afflicta,
oh quanto ha de entriſtecer a viſta de hum Filho
taõ innocente, e taõ impiamente juſtiçado! Eis-
aqui, oh Mãy anguſtiada, os pés, e as mãos de
voſſo

ſſo delicioſo, e amado Filho: naõ já cravadas
r noſſo amor na Cruz; mas ainda com as Cha-
s, que a deshumana fereza lhes abrio com taõ
lentos cravos. Eſte lado aberto ainda vos traz
nemoria aquella eſpada, ou aquella dor, com
e voſſa alma foy traſpaſſada. Eſtes ſaõ os rios
incipaes, em que ſe desfaz eſte mar de ſangue,
ra que o mar de voſſa afflicçaõ ſe desfaça em
s de lagrimas. Eſtas ainda ſe provocaõ mais;
rque não ha olhos, que ſem lagrimas poſſão ver
mudecida eſta boca, pela qual fallava a Sabe-
ria do Eterno Padre. Eſtas lagrimas, ou eſtes
iveiros de ſangue, com que no Ceo deſte roſto
nos ecclipſados dous ſoes; eſtas ſettenta e duas
ites de ſangue, que a violencia de outros tan-
eſpinhos abrio neſta ſacroſanta cabeça, forte
mulo ſão para as voſſas lagrimas. Finalmente
o eſte aſpecto, aſſim como he para o voſſo
or o incentivo mayor da pena, aſſim he para a
ſa anguſtia o motivo mais efficaz de inundan-
lagrimas.

ri E ſe para eſtas tambem vos podem excitar
oſſas; para quando, Catholicos, haõ de ſer
oſſas lagrimas, ſenaõ para eſta hora, em que
em ſervir de conſolaçaõ á Mãy, e de tributo
Filho? Se as noſſas culpas cuſtaraõ a Chriſto
eço de tanto ſangue; como nos naõ cuſtaõ a
tantas culpas huma ſó lagrima! Como naõ
reſpondemos, quando menos com lagrimas,
ito ſangue! Naõ vos pareça, que eſte ſó (ain-
ue infinito) foy o preço de noſſa Redempçaõ.
da por eſtoutra parte ſe vê mais ſangue,
noſſo amor derramado; porque a tyrannia

das noſſas culpas, e o amor do noſſo Redempt
empenhando-ſe (por diverſos modos) no eſt
go deſta Humanidade Santiſſima, abriraõ to
eſte corpo em chagas, para ſe derramar por
las, e ſe offerecer por nós tanto ſangue. Oh D
vina face affrontada! Oh formoſura Divina
feada! Voltay para nós Sol Divino, ſepultado
mar de tanto ſangue. Oh Redemptor amoroſ
Quem me dera, na meditaçaõ do que por mi
padeceſtes, derramar tantas lagrimas, que co
ellas lavara eſte ſangue, com o qual ſe lavár
as minhas culpas. Por voſſa miſericordia (S
nhor, e Deos meu) excitay em nós a contriç
para as lagrimas, e ide a receber neſte Sudario
de voſſa anguſtiada, e ſolitaria Mãy, antesq
ſe lhe recolhaõ no coraçaõ. Remediareis aſſim ſ
taõ grande afflicçaõ; que he juſto naõ fique ſe
remedio: e diſpendereis com noſco voſſa miſ
ricordia, &c.

SERMAM

SERMAÕ VI. DO ROSARIO.

NA CATHEDRAL DO RIO DE JANEIRO: Anno de 1739.

Extollens vocem quædam mulier de turba dixit illi: Beatus venter, qui te portavit. Luc. 11.

§. I.

LOUVORES de Chriſto, e de ſua Mãy Santiſſima he o que ouvimos no Evangelho preſente: elogios do Roſario da Mãy de Deos he o que eſperais ouvir-me; ou porque do Roſario he a feſta, ou por ſer o Roſario o modo mais excellente de louvar a Chriſto, e a ſua Mãy Santiſſima, meditando nos myſterios de que conſta, e que contém. Se lerais, ou vos pudera eu repetir

todo o capitulo, em que S. Lucas deo para a
lemnidade presente hum Evangelho taõ breve
taõ ajustado, já nelle viramos instituido o Ro
rio da Senhora; mas porque do Evangelho ha
sahir a materia para os elogîos do Rosario, naõ
poderá omittir deste capitulo a noticia, que
for precisa.

2 O Rosario consta de duas oraçoens admi
veis: o Padre Nosso he huma, a Ave Maria he
tra. Principia pela do Padre Nosso; e S. Lu
principiou o presente capitulo do seu Evangel
dizendo que Christo para ensinar aos seus D
cipulos o mais perfeito modo de orar, comp
e lhes repetio a oraçaõ do Padre Nosso: *Ait*
lis; cum oratis dicite: Pater, sanctificetur
men tuum, adveniat regnum tuum, &c. Passan

Luc. 11. 2.

á oraçaõ da Ave Maria; o que se contém n
saõ louvores da Senhora, por haver conceb
o Filho de Deos em seu ventre: e isso he o q
como diz o Evangelho, proferio Marcella, pa
cendo confundir-se mysteriosamente, nos t
mos com que o fazia. Vio os prodigios de Chri
e querendo louvá-lo, entrou a louvar juntamen
a Mãy, que o concebeo em seu ventre: *Bea*
venter, qui te portavit. Em huma só oraçaõ un
e alternou louvores da Mãy, e do Filho,
ambos comprehendeo em hum elogîo, como
Ave Maria fazemos nós quando dizemos: *Gra*
plena, Dominus tecum, benedicta tu in mulie
bus, & benedictus fructus ventris tui.

3 Parece que a coros se rezava já daque
vez o Rosario neste Evangelho. Christo em h
coro, Marcella em outro. Principiou Christo c
o

Padre Nosso: *Pater, sanctificetur nomen tuum,* *dveniat regnum tuum, &c.* Respondeo, ou con-espondeo Marcella com o que se contém na Ave Maria; porque se naõ disse: *Dominus tecum benedicta tu in mulieribus, & benedictus fru-tus ventris tui*; disse, que vale o mesmo: *Bea-us venter, qui te portavit.* Isto talvez nos insi-uou o nosso Evangelista, notando que a mulher Evangelica para a sua oraçaõ levantára a voz, té chegar com ella aos ouvidos do Filho de Deos, para delle ser percebida no meyo daquella tur-a: *Extollens vocem quædam mulier de turba*; porque o Rosario (segundo Henrique Velonen-e) pela parte vocal se define, voz do homem pa-a Deos: *Est Rosarium vox hominis ad Deum.* A voz do Rosario por sua natureza he taõ alta, que penetra os Ceos, e chega a Deos: *Sua natu-a est in sublime, id est, in Cœlum ferri, & nos-ra ibi vox apud Deum esse.* Christo com a sua voz, na oração do Padre Nosso, penetrou os Ceos, chegou até os ouvidos do Eterno Padre: *Pa-er noster, qui es in Cœlis*, diz o Texto de S. Mattheus. Marcella levantou a voz na saudação, louvor de Maria Santissima, e chegou até os ouvidos do Filho de Deos: *Extollens vocem di-it illi: Beatus venter, qui te portavit.* Como Christo, e Marcella davão principio á devoção do Rosario, não podião proferî-lo, ou rezá lo, em voz muy alta, e muy levantada: *Extollens vocem.*

Velonens. Aur. cor. 1. p. Dom. 3. Advent.

Idem. ibid.

Matth. 6. 9.

4 Temos o Evangelho ajustado á festa, e pa-ece que já agora não ha para o assumpto difficul-dade: mas eu ainda encontro a que todos os Pré-

gadores experimentaõ ao defcobrir o affump
nefta folemnidade. E o que mais me embara
he, naõ entender ainda o que nefte dia folem
nizamos. Todos direis que o Rofario, com
Santo, ou Santiffimo, que com efta reverencia
nomêa a Igreja. E fe recorrermos ao Breviari
ao Miffal, e aos decretos expedidos para o Of
cio, e Miffa defte dia, acharemos que dizeis be
Mas fe o Rofario confta de humas oraçoens, q
nós rezamos, diremos por ventura, que folem
nizamos as noffas mefmas oraçoens? Que re
mais fanta, ou mais agradavel a Deos, que a c
Officio Divino, celebrado em tantos coros na te
ra! O Papa Urbano VIII. em huma fua Bulla d
que a reza do Officio Divino he filha daquel
canto admiravel, com que Deos he no Ceo louv
do pelos Anjos. De lá nos veyo efte canto, pa
que a Igreja Militante fizeffe confonancia com
Triunfante. A reza porém do Rofario naõ pri
cipiou no Ceo, cá fe inventou na terra, e teve
fua mais antiga origem no Evangelho prefente, c
mo ouviftes. Bem he verdade que a Mãy de Deo
dignando-fe de apparecer ao Patriarca S. Domi
gos, lhe deo o Rofario para o publicar pelo mu
do, com a diftribuiçaõ dos myfterios, que fe m
ditaõ nelle; mas he fem duvida que, muito ant
diffo, já no mundo fe rezava o Rofario em ho
ra de Maria Santiffima, nomeado entaõ Pfalteri
Mariano. Ainda naõ era nafcido S. Domingo
quando Pedro Eremita, Monge Cifterciense, i
troduzio efta devoçaõ pelos annos de 1093. Mu
to antes a eftendeo por Inglaterra o meu Vener
vel Beda pelos annos de 700. E primeiro que to
do

Urban. in Bul. Divinã Pfalmodiã.

Vid. Pined. lib. 20. Monarch. c. 2. §. 4. Arnol. Wion lib. 5. lig. vit. c. 104

Bed. apud Carthag. tom. 3. Hom. de Rof.

dos rezou, e instituio o Rosario, ou Psalterio Mariano, por inspiraçaõ Divina, meu Patriarca S. Bento, pelos annos de 538., como, com Erhardo, e outros, affirma o Beato Alano da Religiaõ Dominicana, e singular devoto do Rosario. Pois se para o canto celebre do Officio Divino, que principiou no Ceo entre os coros dos Anjos, naõ ha huma solemnidade na Igreja; como se instituiria a presente, para se festejar o Rosario, que entre os homens teve o seu principio na terra, postoque por inspiraçaõ celeste?

B. Alan. p. 3. Apoc. c. 8. n. 7. Erhard. in vita D. Bened. lib. 1. c. 15.

5 Ora eu entendo que nós naõ festejamos com titulo do Rosario as oraçoens, que rezamos: e me parece que debaixo deste titulo celebramos hum especial mysterio da Mãy de Deos, que a Militante Igreja naõ solemnizou atégora com particular Officio, nem ha fundamento para esperarmos que o faça. E que mysterio será esse? He o ultimo do Rosario, no qual meditamos que a Santissima Trindade coroou no Ceo a Maria Santissima por Imperatriz do Universo, como Rainha, que he dos Anjos; como Senhora, que he de todas as creaturas; por ser Filha de Deos Padre, e Mãy de Deos Filho, e Esposa do Espirito Santo.

6 Tereis notado que a Igreja solemniza todos os mysterios da Mãy de Deos, naõ deixando passar algum sem culto particular, ou universal. Festeja lhe a Conceiçaõ immaculada, o Nascimento, a Apresentaçaõ no Templo, os Desposorios com S. Jozé, a Incarnaçaõ, ou Conceiçaõ do Filho, a Visitaçaõ, e tambem o Parto; naõ em seu proprio dia, porque nesse toda se

empe

empenha em festejar o Nascimento de Christo
mas no oitavo dia divide o Officio, e Missa en
tre o Filho, e a Mãy; porque igualmente festej
a Circuncisaõ do Filho, e o Parto da Mãy, co
mo se adverte no Kalendario Mariano. Festeja
lhe a Purificaçaõ, o Desterro, as Angustias, o
Prazeres, e o transito desta para a eterna vida, ou
Assumpçaõ da terra para o Ceo. E como lhe naõ
festeja a Coroaçaõ na Gloria? Porque como este
acto da Coroaçaõ foy celebrado no Ceo, e naõ na
terra, he mysterio que pertence ás festas da Igre
ja Triunfante, e naõ ás da Igreja Militante.

7 Carlos II. Rey Catholico no anno de 1694
supplicou á Sé Apostolica faculdade para que
nos seus Reynos se festejasse com solemne Officio,
e Missa, o Padre Eterno, pela incomprehensivel
fecundidade com que gera eternamente hum só
Filho, distincto delle em Pessoa, sendo em natu-
reza indistincto. Representava o Pio Monarca,
que pois fazia a Igreja huma solemnidade ao Es-
pirito Santo, e muitas ao Filho, seria justo se con-
sagrasse tambem alguma ao Padre, em quanto
Pay, em memoria da eterna geraçaõ do Verbo.
Naõ foy a supplica despachada como nella se per-
tendia: mas com razaõ muy justa, e muy pru-
dente; porque o acto da geraçaõ do Divino Ver
bo naõ he mysterio celebrado na Igreja Militan-
te na terra: he mysterio celebrado na Celestial, e
Triunfante Igreja, onde os Bemaventurados es-
taõ vendo ao Padre gerar o Filho. Lá pois na Igre-
ja Triunfante se festeje esse mysterio: naõ na
Militante Igreja. Tambem assim o mysterio da Co-
roaçaõ da Senhora. He funçaõ, que se fez no
Ceo

Vide Torrecil. in Propugna: Fid. tract. 4.

Ceo, e naõ na terra: lá se festeje pela Triunfante Igreja, naõ cá pela Militante, que lhe naõ pertence.

8 Mas o que naõ celebramos com o titulo de Coroaçaõ da Mãy de Deos, celebramos com titulo do seu Rosario; porque o Rosario he Coroa para Maria Santissima, e o rezar-lhe o Rosario na terra, he coroá-la no Ceo. Para que o possamos assim dizer, bastavaõ tantos exemplos, recebidos por verdadeiros, de ter Maria Santissima apparecido a seus devotos coroada de rosas, em que se convertem as Ave Marias do seu Rosario; mas a taõ milagrosa evidencia ajuntaremos razaõ, e authoridade. Naõ reparais que o Rosario consta de tres partes, ou Terços? E com que mysterio se faz esta divisaõ no Rosario? Se a Coroa he hum circulo sem principio, nem fim; como se divide em tres partes o Rosario, que he Coroa da Mãy de Deos? Porque á soberana dignidade de Imperatriz do Universo eraõ devidas tres Coroas, e com tres Coroas foy coroada no Ceo. O Eterno Padre a coroou como Filha: o Filho a coroou como Mãy: o Espirito Santo a coroou como Esposa. E porque a Igreja na festividade do Rosario tacitamente celebra a Coroaçaõ da Senhora, dividio o Rosario em tres Terços, para a coroar tambem com tres Coroas, quando lhe celebra a Coroaçaõ no Ceo. Authorize-nos esta razaõ Marcellino Pizense nas suas doutissimas Homilias: *Triplici corona Virginem hanc excelsam in Rosarii institutione Ecclesia insignivit, etenim Rosarium tribus constat coronis.* Naõ podia o Author dizer com mais propriedade para o nosso

Prout referunt Marcãtius opusc. 11. de var. celebr. B. M. V. Carthag. Hom. 4. Lopes in fest. Rosar. Brãd. in Fascic. p. 1. Ros. 3. fol. 5.

Pise tom. 1. Hom. de Rosar.

noſſo intento; e com a meſma continua ainda: *Typicè inſinuamus his tribus coronis, Mariam eſſe Filiam, Sponſam, & Matrem Regis; ſiquidem eſt Filia Dei Patris, Mater Dei Filii, Sponſa Spiritus Sancti.*

9 Agora ſe percebe o myſterio, com que Marcella cantando figurativamente o Roſario da Mãy de Deos, ao ſeu ventre dirigia os louvores, que lhe dava: *Beatus venter, qui te portavit.* Bemaventurado he o ventre [quiz dizer Marcella] que coroou a Chriſto, quando o concebeo, e gerou: *Beatus Mariæ uterus, qui tantum Dominum coronavit, quando formavit, coronavit eum quando generavit.* Aſſim expôs Santo Ambroſio. Se Maria Santiſſima em ſeu ventre coroou a Deos cá na terra, de juſtiça havia Deos coroar a Maria Santiſſima lá no Ceo. Eſta Coroa antevia Marcella: por iſſo elogiou ao ventre da Senhora, naõ ſanto, nem feliz, mas ſim Bemaventurado: *Beatus venter*; pela Coroa da Bemaventurança, que a eſperava na Gloria. E que fez Marcella antevendo a Maria Santiſſima coroada no Ceo? Para lhe celebrar, e applaudir a Coroaçaõ, levantou a voz a Deos, dando principio ao Roſario: *Extollens vocem: Eſt Roſarium vox hominis ad Deum.* Offertou-lhe a Coroa do Roſario, em applauſo de ſua Coroaçaõ no Ceo. Tambem a Igreja Militante, de quem Marcella era ſymbolo, como diz S. Beda Veneravel, tacitamente applaude a Coroaçaõ da Senhora, coroando-a com o Roſario neſta ſolemnidade: *Triplici corona Virginem hanc excelſam, in Roſarii inſtitutione, Eccleſia inſignivit.* No meyo deſtes applauſos, bem vejo

D. Ambr. de inſtit. Virg. c. 16.]

vejo a differença, que ha entre a Coroa da Gloria, que a Mãy de Deos tem no Ceo, e a Coroa do Rosario, com que he por nós coroada; mas ainda assim hey de mostrar quanto a Coroa do Rosario he bem acceita desta Soberana Rainha do Universo.

§. II.

io TArde cheguey á estrada, por onde com mais facilidade caminharey agora; mas bem sabeis, que quem vay abrindo novo caminho naõ se adianta muito. Coroou a Santissima Trindade a Maria Santissima com tres Coroas; e nós, em memoria dellas, a coroamos tambem com tres Coroas, que saõ as tres partes do seu Rosario. Nos cinco Mysterios Gozosos lhe offertamos a primeira Coroa: nos cinco Mysterios Dolorosos lhe offertamos a segunda Coroa: nos cinco Mysterios Gloriosos lhe tributamos a terceira, e ultima Coroa. Huma, e outra Coroaçaõ comprehendeo Marcella nas palavras do nosso thema. Levantando a voz a Deos, para louvar a Maria Santissima, decifrou o Rosario, com que he coroada pelos seus devotos: *Extollens vocem*: *Est Rosarium vox hominis ad Deum.* E naquelle termo *Beatus*, bem denotou a Coroa, que a Mãy de Deos tem na Gloria. E quando chegou a imaginar alguem, que possamos nós tecer Coroas cá na terra, que sejaõ de estimaçaõ para aquella Imperatriz Soberana, que no Ceo he coroada pela Santissima Trindade! Aqui se vê como em Deos a propria soberania naõ he mayor que a bondade.

Elle

Elle approva, elle quer que sua Máy Santissima estime ser por nós coroada na terra com o Rosario quando no Ceo pela Santissima Trindade he coroada gloriosamente. A mesma Senhora com muita estimaçaõ, e agrado recebe de nós a Coroa do Rosario: *Rosaceâ coronâ, è salutationibus angelicis contextâ, frequenter coronari vehementer gaudet Deipara Virgo*, diz o Carthagena: e outros naõ menos doutos accrescentaõ, que supposto he Maria Santissima, com tanta gloria para si, coroada no Ceo pela Santissima Trindade, foy vista muitas vezes descer á terra, para nella ser coroada pelos seus devotos com as Coroas do Rosario: *Cum Cœlum per mortem fuerat ingressa, coronata fuit, sed ad terram rursum venire visa est, ut orationibus Rosarii, quibus maximè delectatur, coronetur, & doceat quantum eas magni faciat.*

Carthag. Hom. de Rosar.

Lopes in festo Rosar. Brandan. in Fascic p. 1. Ros. 3. fol. 5.

11 Este sem duvida he o mysterio daquelle celebre enigma das tres Coroas nos Canticos de Salomaõ, muy difficultoso de se entender, do que entre os Egypcios foy outro enigma da mulher coroada com tres coroas: *Veni de Libano Sponsa mea, veni de Libano, veni coronaberis, de capite Amaná, de vertice Sanir, & Hermon.* Vinde do Libano, Esposa minha, vinde do Libano, vinde: sereis coroada. Com estas vozes chamava a Santissima Trindade a Maria Santissima do Libano para o Ceo, a se coroar nelle. E porque com tres Coroas havia ser coroada, tres vezes a chamava para a coroar. O Padre a chamava, para a coroar como Filha: *Veni coronaberis.* O Filho a chamava, para a coroar como Máy: *Veni coronaberis.*

Cant. 4. 8.

ronaberis. O Espirito Santo a chamava para a coroar como Esposa : *Veni coronaberis.* Mas noto em que promettendo-se-lhe tres Coroas, huma se havia tecer no monte Amaná; outra se havia formar no monte Sanir; e outra se havia compor no monte Hermon : *De capite Amaná, de vertice Sanir, & Hermon.* Quem se naõ ha de admirar, de que subindo a Máy de Deos do Libano ao Ceo, para ser nelle coroada, lhe prometteo Coroas cá da terra? Estes tres montes, e tambem o Libano, ficaõ todos na Palestina fazendo frente ás quatro Partes do mundo. E se Maria Santissima havia ser dos tres montes coroada, naõ era escusado subir ao Ceo, e sahir do Libano? Parece que sim. Pois se a Santissima Trindade bradava pela Máy de Deos, para a coroar com tres Coroas na Gloria, como lhe offerece tres Coroas destes tres montes da Palestina : *Veni coronaberis de capite Amaná, de vertice Sanir, & Hermon?*

12 E como dizia eu bem, que neste Texto de Salomaõ tinhamos o difficultoso enigma da tres Coroas! Temos expressamente o Rosario nas tres Coroas destes tres montes. Hortolano, e Alapide observaraõ, que o monte Hermon está para o Oriente da Palestina, o Amaná para o Occidente, o Sanir para o Meyo dia: e nestas tres regioens (diz Henrique Velonense) estaõ representadas as tres partes do Rosario: *Tres regiones facimus in Rosario, id est, tria illa minora Rosaria: quorum in primo intelligimus Ortum, in altero Occasum, in tertio Meridiem.* O primeiro Terço Gozoso he symbolizado no Oriente; porque nelle meditamos sobre o Nascimento de Christo, e mais

Hortol. Alap. super hunc locũ, in sẽsu adæquato de Chris. & Eccles.

Henriq. Velo. in Aur. coro. Serm. in Dom. Trinitat.

mais Myſterios de ſua infancia : *Primum igitu* *eſt in Ortu, id eſt, in Gaudioſo, ubi tunc mund* *oritur, cùm naſcitur.* O ſegundo Terço, que h o Doloroſo, ſe repreſenta no Occidente; porqu nelle conſideramos nos Myſterios da Paixaõ, Morte de Chriſto: *Ad Occaſum, id eſt, ad Dolo* *roſum, ubi occidit cùm in Cruce moritur.* O ter ceiro, e ultimo Terço, que he o Glorioſo, eſt ſignificado no Meyo dia; porque nelle contem plamos em Chriſto reſuſcitado Sol, ſubindo a mais alto do Ceo Empyreo, como Sol no mey dia: *Meridiem vero, id eſt, Cœli patriam, in* *telligimus in Glorioſo;... quòd ſicut Sol altiſſim* *aſcendit in Meridie; ita Jeſus in glorioſo Roſa* *rio, in Aſcenſionis in Cœlum myſterio.* Teciaõ ſe aquellas tres Coroas de myſticas flores, colhi das naquelles tres montes. As do monte Hermon que olha para o Oriente, ſaõ as roſas em que ſ convertem as Ave Marias dos Myſterios Gozoſo As do monte Amaná, que fica para o Occidente ſaõ as roſas em que ſe convertem as Ave Maria dos Myſterios Doloroſos. As do monte Sanir, ſi tuado para o Meyo dia, ſaõ as roſas em que ſe con vertem as Ave Marias dos Myſterios Glorioſo Em fim, ſaõ eſtas tres Coroas os tres Myſterioſo Terços do Roſario. Eis-ahi pois, o porque a San tiſſima Trindade, além de coroar a Mãy de Deo com tres Coroas na Gloria, lhe promettia ſer no vamente coroada com outras tantas Coroas, qu lhe haviaõ ſubir cá da terra: inſinuando aſſim, qu a Imperatriz do Univerſo, poſtoque coroada pe la Santiſſima Trindade com tres Coroas, eſtima ria ſer por nós coroada com o Roſario: *Veni co*

ronaberi

onaberis de capite Amaná, de vertice Sanir, & lermon. Rosaceâ coronâ è salutationibus conextâ frequenter coronari, vehementer gaudet Deipara Virgo.

§. III.

3 QUiz a Santissima Trindade seguir a propensaõ de Maria Santissima. Vio o muito que ella estima a Coroa do seu Rosaio, por isso quando a convida para a coroar no eo, as Coroas que lhe offerece saõ as do Rosario. orém aqui temos huma grande duvida, porque nos propõem hum reparo grave. O Padre co-ou a esta sua Filha com a Coroa do Poder, dan-o-lhe pleno dominio sobre todas as creaturas. O lho coroou a sua Mãy com a Coroa da Sabedo-a, querendo que excedesse aos Cherubins na in-lligencia de todo o creado, e na penetraçaõ dos lysterios Divinos. O Espirito Santo coroou a sua lposa com a Coroa do Amor Divino, fazendo-a perior a todos os Serafins no amor de Deos, n que eternamente se abraza. E na posse destas oroas taõ preciosas, ainda póde a Mãy de Deos timar a Coroa do Rosario? Sim, e muito. Naõ y se ainda em mais do que estima aquellas tres oroas do Poder, da Sabedoria, e do Amor. E a zaõ he; porque no Rosario a Coroa de Maria ntissima he naõ menos que o mesmo Christo: *orona capitis ejus Christus est*, diz Santo Amaeo. A Coroa do Eterno Padre he o Filho: e esse esmo Filho he a Coroa mais preciosa de Maria a Mãy Santissima. Para o Eterno Padre, e para

D. Amad. Hom. 6. de Laud. B. V.

a Mãy de Deos ha no Ceo huma só Coroa; p
que de ambos he hum só o Filho, e com este
coroa o Pay, e se coroa a Mãy. Foy estimav
e muy applaudido conceito de S. Bernardino
Sena: *Coronatur Cœlestis Pater, coronatur q
que Virgo, quæ Mater est: idem Filius, qui
rona est Patris, est etiam corona Virginita
Mariæ.*

D Bern. apud Novarin. in Umbra Virg. l. 4. excurs.

14 E como poderá Christo servir de Coro
sua Mãy Santissima? Como? No Rosario. N
saudaçoens, que damos á Mãy de Deos, lhe te
mos huma Coroa de flores: e de que flores?
huma só, que nasceo della. O Filho Christo, f
de Jessé, he a flor, que em cada Ave Maria
juntamos, até se fechar toda a Coroa do Rosar
Ouvi-o naõ menos que a S. Basilio de Seleuc
*Quo laudum flore, debitam illi plectemus co
nam? Ex ipsa flos Jesse germinavit.* Tantas f
res, quantas saõ as Ave Marias do Rosario,
com propriedades taõ diversas, quam diver
entre si saõ os Mysterios, que nelle meditamo
todas saõ huma só flor de Jessé, e todas o me
mo Christo.

D. Basil. Sel. orat. 29.

15 No primeiro Mysterio dos Gozosos, e
cada Ave Maria he Christo huma flor, planta
no ventre da Virgem Mãy. No segundo Mysteri
em cada Ave Maria he Christo huma flor, tra
plantada nas montanhas de Judea, santificando
Bautista na Visitaçaõ. No terceiro Mysterio,
Christo huma flor, que nasceo entre o feno, e
que foy reclinado no Presepio. No quarto M
sterio, he o mesmo Christo huma flor, que p
bella a apresentaraõ no Templo, e a offerecera
a Deos

Deos. No quinto, he finalmente huma flor, da
ual brotou o fructo da Sciencia entre os Douto-
es, onde foy achado no Templo. Passando aos
Iysterios Dolorosos: no primeiro, he Christo
uma flor Jacinto; porque, á força de suas ago-
ias, já sintia no Horto anticipadamente os tor-
nentos, que havia de padecer. No segundo, he
um encarnado cravo, tinto na purpura de seu
ngue, tirado á violencia de inhumanos açoutes.
lo terceiro, he propriamente huma rosa cerca-
a dos espinhos, que o coroavaõ. No quarto, he
um Gyrasol; (ou flor gigante, como outros
izem) porque com forças agigantadas carrega
uma Cruz ao hombro, e como Sol vay dando
yro para o seu ocaso. No quinto, he huma flor
a Myrrha, mostrando-nos evidencias de sua mor-
alidade, quando expirou no Calvario crucifica-
o. Chegando já aos Mysterios Gloriosos: no pri-
neiro, he Christo hum Amarantho, flor sempre
iva; porque resuscitou immortal. No segundo,
e propriamente a flor de Jessé, que deixando a
erra, onde teve, segundo a humanidade, a raiz;
ubio triunfante ao Ceo: *Flos de radice ejus as-
endet.* E porque nestes doze Mysterios naõ ha
or, que naõ seja o mesmo Christo; por isso estima
Senhora ser coroada no Ceo com os Mysterios
o Rosario, pois tem nelles a Christo por Co-
oa: *Corona capitis ejus Christus est.*

§. IV.

16 CUido me arguis de naõ eſtarem bem aju-
ſtadas as contas; porque para ſe acaba
o Roſario, ainda faltaõ tres Myſterios dos Glo-
rioſos, nos quaes ſe naõ acha a Chriſto, send
Coroa de ſua Mãy Santiſſima. No Myſterio d
vinda do Eſpirito Santo ſobre a Senhora, no d
ſua Aſſumpçaõ ao Ceo, e no de ſua Coroaçaõ n
Gloria, naõ meditamos em algum Myſterio d
Chriſto; pois como eſtimará a Mãy de Deos co-
roar-ſe com o Roſario, por ſe coroar nelle com
o Filho, ſe dos Myſterios de Chriſto naõ conſt
todo o Roſario? Porque ſe bem na parte deſte
tres Myſterios naõ he Chriſto a Coroa de ſua Mã
Santiſſima, lá no Ceo deſeja ella (ou eſtima
coroarſe com o Roſario; porque para incentiv
de ſua eſtimaçaõ baſtaõ os doze Myſterios, em qu
Chriſto he repreſentado no Roſario.

17 No Apocalypſe vio S. Joaõ a Mãy de Deo
coroada com doze Eſtrellas: *In capite ejus coro-
na Stellarum duodecim*; e, como dizem Alapide
e Carthagena, era aquella Coroa o Roſario: *Ro-
ſarium duodecim Stellarum.* Mas ſe o Roſario
com que a Mãy de Deos ſe coroa, conſta de quin-
ze Myſterios, como apparecia coroada ſó de do-
ze Eſtrellas, e naõ de quinze? Porque nas doze
ſe repreſentavaõ os Myſterios do Filho, que no
Roſario ſaõ ſó doze: e quiz a Senhora moſtrar
que dos quinze Myſterios do Roſario, ſaõ os per-
tencentes ao Filho os de que ella mais deſeja co-
roar-ſe. Tantoque a Senhora tem hum Roſario
com

Apoc. 12. 1. Alap. in hũc locum. Carthag. Hom. 4. de Roſar.

om os doze Mysterios de Christo, já tem o que
eseja no Rosario, para com elle se coroar. Diz
)avid que toda a gloria de Maria Santissima lhe
rovêm do Filho, que concebeo em seu ventre:
)mnis gloria ejus filiæ Regis ab intus. Cassio-
oro, commentando o Psalmo, diz *à prole*, e ou-
ros, *ab intus quasi in utero ejus.* Pela Gloria se
ntende a Coroa: *Gloria æterna corona nuncu-
atur*, diz Marcellino Pisense: e se pela disposi-
aõ, e arbitrio da Senhora lhe fabricaramos a
Coroa, constára só dos doze Mysterios de Chri-
to; porque nelles tem Maria Santissima toda
sua gloria: *Omnis gloria ejus filiæ Regis ab in-
us. In capite ejus corona Stellarum duodecim.
Rosarium duodecim Stellarum*,

Psal. 44.
Cassiod.
B. Alber. M.
Valent.
Pisẽs. tom. 1
Homil. de
Rosa.

§. V.

8 E Que faria Christo, para corresponder ex-
tremoso Filho a tanto extremo da Mãy?
Eu digo. Aos doze Mysterios, de que a Mãy se
uiz coroar, ajuntou mais tres, a saber: o My-
erio da vinda do Espirito Santo sobre a Senho-
a, o Mysterio de sua Assumpçaõ, e o Mysterio
e sua Coroaçaõ na Gloria: e com quinze Myste-
ios completou, e ajustou primoroso a Coroa do
Rosario; para que a Mãy, que só com os Myste-
ios do Filho queria coroar-se, por industria do
mesmo Filho fosse tambem de seus proprios My-
terios coroada no Rosario.

19 Appareceo no Apocalypse hum Cavallei-
o, trazendo por divisa hum arco: *Ecce equus
lbus, & qui sedebat super illum habebat arcum.*

Apoc. 6. 2.

O Cavalleiro era Christo, diz Ferrario, e o
co os principaes Mysterios da sua Vida, Paixa
Morte, e Resurreiçaõ: *Arcus præcipua myster*
Vitæ Christi, Incarnatio, Passio, Mors, & R
surrectio. Estes saõ os Mysterios Gozosos, D
lorosos, e Gloriosos, de que a Senhora formou
Coroa, com que no mesmo Apocalypse appar
ceo coroada. Pois como agora fórma Christo de
ses Mysterios hum arco? Se os Mysterios da V
da, Paixaõ, Morte, e Resurreiçaõ de Christ
fechavaõ huma Coroa de doze Estrellas na cabe
da Senhora: *In capite ejus corona Stellaru*
duodecim; como na maõ de Christo abrem á m
neira de arco: *Habebat arcum?* Para haver lug
onde entrassem mais tres Mysterios; porque co
elles, fechando-se este arco, queria Christo fo
mar para sua Máy Santissima huma Coroa mayo
quero dizer, huma Coroa de quinze Mysterio
que he hum Rosario perfeito. Tanto se obr
gou Christo, vendo que só com os seus doze My
sterios queria sua Máy Santissima coroar-se, qu
abrindo essa Coroa, como se della fizera hun
arco, lhe ajuntou mais tres Mysterios de sua glo
riosa Máy, para que a Coroa da Máy constass
tambem dos Mysterios della.

Ferrar. in eund. loc.

20 Ora notay. Continua o Apostolo a rela
çaõ do Apocalypse, dizendo que a este Cavallei
rõ fora dada huma Coroa: *Data est ei corona:*
o insigne Carthagena, taõ douto, como devoto
diz com fundamento, e propriedade, que essa Co-
roa era o Rosario da Senhora: *Potest intelligi in*
sensu mystico, promissam coronam illam esse ro-
saceam, ex salutationibus angelicis contextam.

Apoc. ibid.

Carthag. Hom. 4. de Rosar.

Naquel-

Naquella Coroa se achavaõ os Mysterios, que no rco se representavaõ; porque na Coroa, e no rco estavaõ gravados os principaes Mysterios de Christo: por isso Arco, e Coroa eraõ symbolos o Rosario. Pois se destes Mysterios tinha Christo erigido hum arco, em que eternizou seus riunfos: *Habebat arcum*; a que fim, desses mesmos Mysterios formaria depois huma Coroa: *Data est ei corona*? Porque em quanto os Mysterios raõ só os principaes de Christo, que no Rosario aõ doze, naõ dava Christo por fechada, e totalmente perfeita a Coroa, que ideava, e dispunha ara sua Mãy Santissima; por isso tambem naõ passavaõ esses doze Mysterios de formar hum arco a maõ de Christo: *Habebat arcum*: *præcipua ysteria vitæ Christi.* Porém tantoque Christo os seus Mysterios ajuntou mais tres, que pertenem a sua Mãy Santissima, enchendo com elles a istancia, que havia entre as extremidades do aro, estendeo a quinze Mysterios o Rosario, e assou o que era arco a ser Coroa: *Data est ei orona. Potest intelligi in sensu mystico, promissam coronam illam esse rosaceam, ex salutationibus angelicis contextam.*

21 Ainda naõ disse tudo. A Mãy se contenava com huma Coroa dos doze Mysterios de Christo: *In capite ejus corona Stellarum duodecim*; orque só queria coroar-se com os Mysterios do Filho. Porém Christo queria que dos Mysterios a Senhora tambem constasse a Coroa. E a que m? Para se coroar a si com os Mysterios da Mãy, í que a Mãy com os Mysterios delle se coroava. ia no Rosario Mysterios do Filho, para se co-

roar a Mãy? Pois haja tambem Myſterios da Mã
(diz Chriſto) para com elles ſer coroado o F
lho. De huns, e outros Myſterios conſte a Coro
do Roſario inteiro, para que o meſmo Roſario
que he Coroa da Mãy, ſeja tambem Coroa d
Filho.

22 Diz o Texto do Evangeliſta Profeta, qu
a celebre Coroa do Roſario em que fallamos, fo
ra dada a Chriſto: *Data eſt ei corona*; mas aqu
a duvida. O Roſario he a Coroa, que a Santiſſi
ma Trindade promettia á Mãy de Deos, quan
do a chamava, para a coroar no Ceo: *Veni coro
naberis de capite Amaná, de vertice Sanir, &
Hermon*; pois ſe a Coroa, que vio S. Joaõ era
Roſario, como diz que eſſa Coroa fora dada
Chriſto: *Data eſt ei corona*? Porque neſſa Co
roa do Roſario, além dos doze Myſterios de Chri
ſto, ſe achaõ tres Myſterios de ſua Mãy Santiſſi
ma: e ſe bem o Roſario, pelos Myſterios de Chri
ſto, he Coroa para a Mãy de Deos; pelos Myſte
rios deſta vem a ſer juntamente Coroa para Chri
ſto. As glorias dos pays ſaõ coroas para os filhos
e as glorias dos filhos ſaõ coroas para os pays
*Gloria namque patri natorum eſt fama, decuſque
& rurſus natis eſt gloria fama parentum*; diſſe
S. Gregorio Nazianzeno. Approvando Chriſto eſ
ta doutrina, ou maxima da natureza, em huma
ſó Coroa do Roſario ajuntou os ſeus Myſterios
e os de ſua Mãy Santiſſima, para que hum meſ-
mo Roſario foſſe Coroa da Mãy, e do Filho. Da
Mãy, pelos Myſterios do Filho; e deſte, pelos
Myſterios da Mãy. E porque de huns, e outros
Myſterios conſta a Coroa do Roſario; ſe dá por

D. Gregor. Naz. ad Nicobol.

Coroa

Coroa a Christo o mesmo Rosario, com que Maria Santissima se coroa: *Data est ei corona: potest intelligi in sensu mystico, promissam coronam illam esse rosaceam, ex salutationibus angelicis contextam.*

§. VI.

13 PArece que bem temos mostrado quanto a Mãy de Deos estima a Coroa do Rosario. Marcella em seu elogîo de duas Coroas teceo para a Senhora huma Coroa, ajuntando nelle discretamente a Coroa da Bemaventurança com a Coroa do Rosario; porque levantando a voz, deo principio ao Rosario: *Extollens vocem: Est Rosarium vox hominis ad Deum*: e celebrou juntamente a Coroa, com que a Mãy de Deos se exalta na Bemaventurança: *Dixit illi, Beatus venter, qui te portavit.* A Christo, e a sua Mãy Santissima comprehendeo em hum só elogîo; porque a ambos coroava com a mesma Coroa do Rosario. Deixo agora ao vosso conceito, e ao arbitrio de vossa razaõ, e juizo, avaliar esse quanto a Mãy de Deos estima a Coroa do Rosario, se com este quer ser na Gloria coroada. Quanto estimará a Senhora coroar-se com o Rosario, se tambem Christo quiz ter o Rosario por Coroa! Naõ podereis cabalmente comprehender tanta estimaçaõ, que a Senhora faz do seu Rosario; mas se pelo effeito quereis investigar a causa, vede o premio, e a gratificaçaõ da Mãy de Deos para com os devotos, que rezando na terra o seu Rosario, com elle a coroaõ na Gloria; e tirando for-

tes

tes eſtimulos para a devoçaõ do Roſario, obſer
vareis a eſtimaçaõ em que a Rainha dos Anjo
tem eſta Coroa.

24 Duas ſaõ as couſas, que a toda a luz ſe fa
zem para a eſtimaçaõ mais dignas de preferen
cia, ſegundo a ordem reſpectiva de cada huma
De corpo, e alma, quiz Deos que conſtaſſe a fa
brica admiravel do compoſto humano. Para o
corpo, que couſa mais eſtimavel, que a ſaude?
Quanta riqueza lhe deparou a fortuna, e a dili
gencia, diſpenderá hum enfermo, para conſeguir
a ſaude. Subindo a penſamento mais alto, que
couſa mais precioſa para a noſſa alma, que a Divi-
na graça? O ſangue, e a vida de hum Homem
Deos foy o juſto preço, com que ſe comprou pa-
ra nós taõ grande, e eſtimavel bem. Sabey ago-
ra, que com huma, e outra precioſidade conreſ-
ponde agradecida a Mãy de Deos aos ſeus de-
votos, que a coroaõ com o Roſario; porque o
meyo mais efficaz de impetrarmos, por interceſ-
ſaõ de Maria Santiſſima, a ſaude para o corpo,
e a graça para vida da alma, he o Roſario.

25 Eſta concluſaõ taõ recebida, como aſ-
ſentada em frequentes experiencias, naõ ſe póde
achar muy clara nas Eſcrituras; aſſim porque o
Roſario nellas ſó ſe dá a ver em ſymbolos, e fi-
guras: como porque a prova della pôs Deos nos
milagres do Roſario. Mas porque eſtes aſſim co-
mo ſaõ innumeraveis, ſaõ tambem notorios; por
naõ dilatarmos o diſcurſo com huma relaçaõ
neceſſariamente prolixa, recorreremos ao Sagra-
do Texto, que naõ deixará de nos abonar huma
verdade de tanta gloria para Deos, e de tanta
honra

honra para sua Mãy Santissima. Vamos com a primeira parte, pelo que toca ao desempenho da Senhora, remunerando com a saude corporal a Coroa, que recebe dos que lhe rezaõ o Rosario.

26 *Vidi Civitatem Sanctam Jerusalem novam, descendentem de Cælo.* Vi (diz S. Joaõ no mysterioso Livro do Apocalypse) Vi huma nova Jerusalem; porque vi descer do Ceo huma Cidade Santa. Admiray-vos agora do que della escreve, para admiraçaõ nossa: *Absterget Deus omnem lacrymam ab oculis eorum; non erit neque luctus, neque clamor, neque dolor erit ultra.* Enxugará Deos as lagrimas aos moradores da Cidade Santa; porque nella naõ haverá luto, nem clamor, nem alguma dor. Notavel Cidade! Oh se nella puderamos ir todos viver! Isso fora o mesmo que morar na Gloria. Mas duvido, que descendo essa Cidade do Ceo á terra, valle de lagrimas, e miserias, sejaõ os seus moradores isentos de padecer. O Filho de Deos impassivel por natureza, descendo do Ceo á terra, padeceo; e naõ ha de haver quem padeça em todo o povo de huma Cidade, que desceo do Ceo á terra: *Non erit, neque luctus, neque clamor, neque dolor!* Naõ sahiremos da duvida, sem sabermos que Cidade Santa seria esta, que desceo do Ceo. Romano em seus Commentarios diz que he a Congregaçaõ toda dos devotos do Rosario: *Civitas Sancta est Rosarii societas.* He Cidade Santa, porque todo o seu povo se emprega em louvar a Deos, e a sua Mãy Santissima. Do Ceo diz que descera esta Cidade, porque a distribuiçaõ, que fazemos

Apoc. 21. 2.

Vers. 4.

Roman. in Ros. Comment. lib. 1. c. 2. sect. 3. n. 2.

fazemos do Rosario, nos quinze Mysterios qu
meditamos nelle, do Ceo nos foy inspirada pel
Mãy de Deos. Bem; pois já me naõ admiro d
que nessa Cidade Santa naõ haja luto lamentavel
nem clamores de queixosos, nem dor, por algun
genero de enfermidade: porque a virtude d
Rosario, e a acceitaçaõ com que da Senhora h
recebido, ou sára, ou preserva aos seus devoto
de queixas, e enfermidades. Faltára a Mãy d
Deos ás leys de agradecida, se assim naõ conres
pondera aos seus devotos, de quem recebe
Rosario. Como estes lhe offerecem huma Coroa
que a Mãy de Deos tanto estima, tambem lhe
conresponde com o que elles mais pódem cor
poralmente estimar: *Non erit neque luctus, ne-
que clamor, neque dolor.*

27 Eu naõ posso persuadir contra a experien-
cia, que fortemente convence todo o discurso
em contrario: e entendo me estareis oppondo,
que nos devotos do Rosario tambem se achaõ cla-
mores contra as iniquidades do mundo: dores
nas enfermidades da vida: e ultimamente lutos
da morte, da qual naõ ha isençaõ. Assim he; e
com tudo, naõ he assim; porque vós julgais
que nos devotos do Rosario he padecer, o que,
segundo a ordem da Providencia, he meyo para
que elles naõ padeçaõ, ou males mayores nesta
vida, ou na outra males eternos. Cercada de es-
pinhos está a rosa, e a naõ offendem; antes a de-
fendem. Cercados estaõ os devotos do Rosa-
rio das penalidades do mundo, e os naõ mo-
lestaõ; antes os preservaõ de mayores dam-
nos.

28 O mes-

28 O mesmo Evangelista, que diz naõ ha lu-
o, nem clamor, nem dor alguma naquella Ci-
lade Santa, que desceo do Ceo, diz tambem
que Deos enxugará as lagrimas aos moradores
lella: *Absterget Deus omnem lacrymam ab ocu-
is eorum.* Logo nessa Cidade haverá lagrimas.
E como naõ haverá causa para ellas? Porque
quando Deos he o mesmo que enxuga as lagri-
nas, naõ ha causa, nem motivo para luto, nem
para clamores, ou sentimento, de que essas la-
grimas se originem. Ha lagrimas na Cidade San-
a, porque tem os devotos do Rosario que cho-
ar; aliàs naõ tiveraõ a felicidade de lhes enxu-
gar Deos suas lagrimas: e com tudo, ainda quan-
do entra a morte a dar occasiaõ para lagrimas
ndispensaveis, naõ dá motivos para lutos de sen-
imentos: *Non erit luctus*; porque essa morte
m tal era, talvez foy mais effeito da Predes-
inaçaõ, que tributo da propria mortalidade:
Raptus est, nè malitia mutaret intellectum ejus. Sap. 4. 11.
Ha lagrimas sem clamores: *Nec clamor*; porque Joan. 16. 20.
Deos sabe converter em gostos as tribulaçoens
os devotos do Rosario: *Tristitia vestra verte-
ur in gaudium.* Ha lagrimas finalmente, que
parece brotáraõ a impulso de alguma dor; mas
em essa dor ha nos devotos do Rosario: *Ne-
ue dolor*, porque com dores, e enfermidades
urifica Deos muitas vezes os seus escolhidos,
omo se vio em Tobias: *Quia acceptus eras Deo,* Tob. 12. 13.
necesse fuit, ut tentatio probaret te; e já em
erdade naõ ha dor, nem luto, nem clamores
para os que saõ verdadeiros devotos do Rosario,
postoque tudo pareça haver; porque Deos, que
lhes

lhes enxuga as lagrimas, de tal sórte os defen
de nas molestias da presente vida, que apena
lhes deixa huma apparencia dellas: *Absterge*
Deus omnem lacrymam ab oculis eorum: & mor
ultra non erit, neque luctus, neque clamor, ne
que dolor erit ultra.

29 Naõ menos se desempenha a Máy d
Deos impetrando, e conseguindo a Divina graç
para os seus devotos, que a coroáraõ com o Ro
sario. Esta verdade quiz a Mãy de Deos autho
rizar com seu Divino Oraculo, apparecendo,
fallando ao Patriarca S. Domingos, muy preza
do Filho de seu especial amor, a quem diss
que a Santissima Trindade, para extinguir to
dos os peccados do mundo, naõ escolhera ou
tras armas, senaõ o Rosario: *Beatissima Trini*
tas, ut peccata omnia deleret, arma non ele
git alia, quàm Psalterium Marianum. O pec
cado naõ se extingue sem infusaõ da graça;
para esta se impetrar por meyo, e depecraçaõ
da Dispensadora della, o expediente mais effi
caz, e infallivel he obrigarmo-la com a devoçaõ
do Rosario: *Arma non elegit alia, quàm Psal-*
terium Marianum.

Jansen. in vit. B. Domi.

30 Parece-me que esta efficacia do Rosa-
rio, para se impetrar a Divina graça, declarou
Deos com bastante expressaõ pelo Proféta Ba-
ruch: *Exue te Jerusalem stola luctus, & ve-*
xationis tuæ, & indue te decore, & honore ejus,
quæ à Deo tibi est sempiternæ gloriæ. Despe
já, oh Cidade Santa de Jerusalem [diz o Profe-
ta] o vestido de tristeza, e vexaçaõ, e veste-te
com

Bar. 5. 1.

com a formosura, e honra da eterna gloria. Já
abemos que o vestido da vexaçaõ, e tristeza,
he aquelle habito, que o peccado deixa na alma,
o qual consiste na privaçaõ da graça, que se per-
deo pela culpa, ou acto peccaminoso. Tambem
sabemos que o vestido da formosura, e honra
de eterna gloria, he a Divina graça, pela qual
nos fazemos credores, e condignos da Bemaven-
urança, e Gloria eterna. Porém qual será a Ci-
dade taõ feliz, que possa totalmente despir-se
dos lutos do peccado, vestindo a todos os seus
habitadores com a galla preciosissima da Divina
graça? Que Cidade haverá neste mundo, que
naõ tenha alguns moradores vestidos do luto, e
vexaçaõ da culpa, aindaque tenha muitos re-
vestidos com a formosura, e honra da graça?

31 He a Cidade Santa, he a nova Jerusa-
em, diz o Profeta: *Exue te Jerusalem*: e esta
e a Congregaçaõ de todos os devotos do Ro-
rio. Assim o ouvimos já na interpretaçaõ de
Romanio: e sem ella o dissera eu desta vez; por-
ue o Profeta o declarou muy bem. Notay no
omo prosegue: *Exurge Jerusalem, stá in ex-
elso, circumspice ad Orientem, & vide collectos
lios tuos ab Oriente Sole, usque ad Occiden-
em, in verbo Sancti, gaudentes in Dei memo-
ia.* Sobe, oh Cidade Santa, a hum lugar excel-
o, e eminente, donde alcances quanto o Sol em
eu gyro comprehende, e dahi verás juntos os
eus moradores, alegrando-se com a palavra do
anto, e com a memoria de Deos. Confesso que
ne confunde a energia do Texto, se me em-
penho

Ibid. v. 5.

penho em defcobrir-lhe a intelligencia mais pr
pria. Se o povo da Cidade Santa eítá difpe
fo por todo o mundo, do Oriente até o Occ
dente: *Ab Oriente Sole, ufque ad Occidente*
como diz o Profeta que o meímo povo ef
congregado, e junto: *Vide collectos filios tuo*
Porque todo elle, aindaque difperfo, eítá ur
do, e compõem hum corpo myftico, ou hur
Congregaçaõ do Rofario: *In Rofario enin*
omnes colligimur, & recolligimur, diz Velone
fe. Todo elle, aindaque em partes taõ difta
tes, tem huma fó operaçaõ vocal, pronuncia
do a Oraçaõ do Santo, que he o Padre Noſſ
compofta por Chriito, Santo dos Santos, ou Sa
to por antonomafia; e proferindo a Oraçaõ
Ave Maria, á qual deo principio o Santo A
jo, que faudou a Senhora: *Collectos in ver*
Sancti. Todo elle, aindaque difperfo em regioe
taõ apartadas, tem huma fó operaçaõ menta
fazendo memoria, ou meditando com mui
jubilo nos Myfterios de Deos humanado, e
fua Mày Santiffima: *Gaudentes in Dei mem*
ria. Ceffe pois a admiraçaõ, de que todo
povo deffa Cidade Santa fe revifta preciofamen
te da Divina graça; porque fe todo elle he d
voto do Rofario, naõ ha de faltar a Mãy de De
em lhe impetrar a Divina graça, para fer liv
de culpas: *Exue te Jerufalem ftola luctus,*
vexationis tuæ, & indue te decore, & hon
re ejus, quæ à Deo tibi eft fempiternæ gl
riæ.

Velon. Ser. in Dom. 1. poſtEpipha.

32 Ao habito da graça chamou o Profeta for
mofura, e honra da eterna Gloria, porque ao e
tad

ado da graça santificante he devida a honra, e
ormosura da Gloria Celestial; e tambem esta
e infallivel premio dos que com verdade saõ de-
otos do Rosario. Tenho razaõ, e authoridade
ravissima para o affirmar sem receyo. Antes da
zaõ, vamos á authoridade. E de quem será
lla? He naõ de hum, mas de muitos authores,
ue naõ valendo todos por hum em outros ca-
os, neste ponto bastará hum só, para lhe dar-
ios inteiro credito, e indubitavel acceitaçaõ.
llegarey pois desta vez com o testimunho de
aõ poucos demonios. Obrigados estes pelo Pa-
iarca S. Domingos, quando prégava em Car-
assona, disseraõ: *De illius Rosario fatemur in-
iti, nullum in eo perseverantem, æternos su-
re cruciatus.* Confessamos com muita repug-
ncia, que nenhum Catholico se condemna, per-
verando na devoçaõ do Rosario. A razaõ [que
gora tem o seu lugar] he; porque a Mãy de
eos naõ ha de consentir que eternamente ha-
õ de padecer no inferno condemnados aquel-
s seus devotos, que com os Mysterios, e Ora-
ens do Rosario teceraõ Coroas, de que ella
e coroada no Ceo. Lá disse o pay de Samsaõ,
om muita confiança em Deos, que se este o hou-
era de condemnar á morte, naõ recebera o sa-
ificio, que pouco antes lhe tinha offerecido:
*Dominus nos vellet occidere, de manibus no-
ris holocaustum, & libamenta non suscepisset.*
ois como consentirá a Mãy de Deos, que se con-
emne ao inferno hum devoto do Rosario, de
uja maõ recebeo ella tantas Coroas no Ceo! Co-
o naõ empenhará todo o apreço de seus mere-

Apud Velon. Ser. in Dom. 14. post Trinit.

Judit. 13. 23

 cimentos

cimentos, para o ver coroado tambem na G
ria! Disse o Beato Alberto Magno, que por mã
de Maria Santissima dispende Deos quantas g
ças, e premios dispende com as creaturas: *M
ria est distributrix universalis omnium boni
tum.* Já S. Bernardo o tinha dito: *Nihil nos De
habere voluit, quod per manus Mariæ non tra
iret.* E deixará por ventura esta Senhora
reservar huma das Coroas da Gloria para que
tantas vezes a coroou no Ceo, quantas lhe rez
o seu Rosario no terra!

Albert. M. in Bibl Mar. sup. lib. Eccles. D. Bern. Ser. 4. in Vig. Nat.

33 E que ouvinte haverá taõ desprezad
da salvaçaõ propria, ou taõ pouco devoto
Mãy de Deos, que efficazmente se naõ resolva
offertar-lhe em cada dia huma Coroa de ro
no seu Rosario, para coroar no Ceo a Impe
triz do Universo, e esperar della ser coroado
Gloria? Eu discorro, que só deixará de obsequi
a Mãy de Deos com a devoçaõ do Rosario, que
ou naõ alcança quanto este obsequio lhe agr
da, ou ignora o muito, que della se consegue e
premio desta devoçaõ. Mas sempre se deve su
por, que para as Oraçoens do Rosario sere
fructuosas de tantos bens, e para ser a Coroa d
le agradavel á Rainha do Ceo, e da terra, he
pureza da alma a condiçaõ mais precisa nos q
rezaõ o Rosario. Quem a Christo, e a sua M
Santissima louva com o soberano, e gratissim
canto do Rosario, e naõ vive purificado de cu
pas, desmente com o coraçaõ o que profere co
a lingua; porque com obras offende a quem lo
va com palavras.

34 Nem só basta que ás Oraçoens do Ros

io se ajunte a pureza da vida, para que sejaõ gra-
as á Mãy de Deos. Tambem he precizo, que
reza delle seja animada com a meditaçaõ dos
Mysterios, que em si contém. A Coroa da Mãy de
Deos naõ deve compor-se de murchas, e desma-
adas flores: e taes saõ as Oraçoens do Rosario,
da meditaçaõ dos Mysterios delle naõ recebem
ento, e vitalidade. Repetir cento e cincoenta
ezes a Ave Maria, distinguindo-as com o Pa-
re Nosso quinze vezes repetido, sem reflexaõ
os Mysterios, será rezar huma Oraçaõ, e outra
uitas vezes; mas naõ he rezar o Rosario, que
gualmente consta de Oraçoens, e Mysterios, e
em huma parte vocal, outra mental. Faltando
ualquer dellas, he Rosario com defeito, de que
Mãy de Deos pouco se agrada. Naquella cele-
e Escada de Jacob, dizem muitos, com o Car-
agena, que se representava o Rosario: *Rosa-
um est mystica Scala Jacob.* Quinze eraõ os seus
egráos, a cuja imitaçaõ, como diz S. Beda,
mpôs David os seus quinze Psalmos Graduaes:
nelles se representavaõ os Mysterios de Christo,
mo entendeo S. Bernardino de Sena. Quinze
õ tambem os Mysterios do Rosario, que com
da esta propriedade foy representado nesta es-
da. Subiaõ, e desciaõ Anjos por ella, como
scorrendo pelos seus quinze Mysterios, e dan-
já principio ao Rosario. Mas naõ ouvio Jacob
zes dos Anjos, como se ouviraõ em Belem,
scido Christo. As vozes proprias dos Anjos saõ
seus conceitos: com estes celebravaõ os Myf-
rios do Rosario; como se já de entaõ recom-
endaraõ aos que o rezaõ, a meditaçaõ dos My-

Carthag. Homil. de Rosar.

 sterios

ſterios de que conſta. Hum Roſario rezado co
devoçaõ pura, e meditado com a ternura, e pi
dade, que merecem os ſeus Myſterios, he hu
precioſa Coroa para a Mãy de Deos, he hu
forte empenho para com ſeu patrocinio conſ
guirmos os bens corporaes, e eſpirituaes, e p
meyo deſtes huma Coroa na eterna Gloria.

SERMAM

SERMAÕ VII.

DO SANTISSIMO SACRAMENTO.

NA IGREJA DA CANDELARIA do Rio de Janeiro. Anno de 1739.

Caro mea verè est cibus, & sanguis meus verè est potus. Qui manducat meam carnem, & bibit meum sanguinem, in me manet, & ego in illo. Joan. 6.

§. I.

QUE festivo, e que magestosamente ornado vemos este Templo! (Senhor.) Que alegre, e que gloriosa considero eu, e devemos todos considerar a Igreja Catholica á vista de taõ grande, e taõ publica solemnidade! Estas paredes taõ ricamente vestidas; estes Altares taõ preciosamente orna-

nados; a multidaõ das luzes, que ardendo n
quelle throno daõ novo refplendor a tanto o
ro, de que eftá cuberto; a affiftencia de tant
Miniftros do Altar, de tantos Confrades defta I
mandade, empenhados em folemnizar o Sacr
mento admiravel do Corpo, e Sangue de Chr
fto; e finalmente efte grande concurfo, que co
devoçaõ, e reverencia faz companhia aos Anj
na adoraçaõ defte Myfterio, que outra coufa
para a Santa Igreja noffa Mãy, fenaõ hum ene
plicavel jubilo, e huma incomprehenfivel glori
em que fe eftá banhando, por ver em feus filh
efta publica oftentaçaõ da grande Fé, com q
crêm, e confeffaõ que naquella Hoftia Sacr
mentada eftá Chrifto taõ verdadeiramente, con
no Throno da Gloria eftá no Ceo, e como eft
ve na terra, antesque fe aufentaffe della!

2 A Igreja de Deos começou em Adan
porque fe a Igreja he huma Congregaçaõ de Fie
com Adam defde o principio do mundo c
meçaraõ a haver nelle efcolhidos, que adorava
ao verdadeiro Deos; e pela Fé, que nelle tinha
o invocavaõ, e lhe offereciaõ feus facrificios e
todo o tempo da Ley Natural, que principic
no primeiro homem, e muito mais no tempo c
Ley Efcrita, em que Moyfés teve feu princ
pio. Mas perguntára eu, fe nos annos, que co
reraõ de Adam até Moyfés, e de Moyfés at
Chrifto, houve na Igreja daquelles tempos Fé, o
noticia do Myfterio, que feftejamos? Refolve
remos todos, que geralmente naõ, e o Evange
lho o prova; porque quando os Judeos, qu
eraõ os profeffores da Ley Efcrita, e quando o
Efcri

ſcribas, que eraõ os Doutores, e Interpretes das
ſcrituras, ouviraõ a Christo, que o ſeu corpo
ra verdadeira comida, que o ſeu ſangue era ver-
adeira bebida: e que eſſa comida, e bebida era
eceſſario alimento para a vida celeſtial, e eter-
a; nem creraõ, nem entenderaõ o Myſterio do
ue lhes dizia Chriſto; antes o impugnáraõ, por-
ue o tiveraõ por impoſſivel: *Litigabant ergo
udæi adinvicem dicentes, quomodo poteſt hic
obis carnem ſuam dare ad manducandum?* diz
Texto. *Litigabant, quia non intelligebant*,
ommenta S. Beda Veneravel. *Quia dicebant hoc
ſe impoſſibile*, expõem S. Joaõ Chryſoſtomo. E
mais he, que dos Diſcipulos de Chriſto, a mui-
s cauſou tanta novidade eſta doutrina, e no-
cia do Myſterio Euchariſtico, e tanta difficul-
ade tiveraõ em acreditá-la, que como eſcanda-
zados de a ouvir, deixáraõ a Eſcóla, e compa-
nia do Divino Meſtre: *Ex hoc, multi Diſcipu-
rum ejus abierunt retro, & jam non ambula-
ant cum illo*; refere S. Joaõ.

Joan. 6. 53.

Bed. chryſoſt. in caten. D. Thom.

Joan. 6. 67.

3 Sobre iſto duvidarey agora. A Adam foy
evelado o Myſterio da Incarnaçaõ naquelle ſom-
o, ou extaſis, que teve no Paraiſo, ao tempo
a formaçaõ de Eva. Aſſim o entendem os Ex-
oſitores com S. Jeronymo, Santo Agoſtinho, S.
ernardo, e outros Santos Padres. O meſmo
Myſterio ſe revelou depois a Abraham, a Iſaac,
Jacob, e a David; porque lhes foy prometti-
o que na deſcendencia delles incarnaria Deos:
aſſim de pays a filhos, deſtes a netos, paſſava
aõ ſó a Fé, mas tambem a Eſperança do Meſſias,
Deos, e Homem: *Donec veniat, qui mittendus
eſt*,

D. Hier. apud Fern. in 2. Gene. D. Aug. lib. 9 de Gene. ad lit. c. 19. D. Bern. S. in Vig. Nativ.

Geneſ. 49. 11.

est, & ipse erit expectatio gentium. Pois se Deo
já do principio do mundo, fiou da sua Igreja
segredo, ou Mysterio da Incarnaçaõ; como lh
occultava o do Sacramento Eucharistico? Po
que na Fé da Igreja, em tempos da Ley Natura
e Escrita, geralmente naõ cabia Mysterio ta
profundo, e taõ alto, como o deste Sacrament
Durante o extasis de Adam, tambem lhe foy re
velado o Mysterio altissimo da Trindade, quand
se lhe revelou o da Incarnaçaõ, como assenta
os Theologos, e Expositores com Santo Epiph
nio, e outros. Moysés o incluîo nas primeir
palavras, com que escreveo a Sagrada Historia;
em todo o primeiro capitulo do Genesis vay in
trometrendo huma subtil, e mysteriosa noticia d
Deos Trino, como bem advertiraõ, e notara
Origines, Santo Agostinho, Ruperto Abbade,
o Doutor Angelico. Igualmente he sem contro
versia, que David, Isaias, Jeremias, e alguns ou
tros Profetas, no que escreveraõ nos deixaraõ lu
para a Fé do Mysterio da Trindade; aindaqu
naõ taõ clara, que se fizesse notoria aos Catholi
cos da Igreja antiga, porque naõ havia nelles di
posiçaõ para receberem geralmente a Fé explici
ta de Deos em natureza Uno, e em Pessoas Tri
no. Naõ de outra sorte, mas sim pela mesma ra
zaõ, lhes era occulta a noticia do Mysterio, en
que Christo sacramentaria seu Corpo, e Sangue
porque se naõ dispunhaõ para taõ grande Fé, co
mo para a confissaõ deste Mysterio se requer.

D. Epiph. initio lib. 1. con. hær. & alii SS. PP. apud. Suar. l.3 de ope.6. dier. c. 18. Valent. 1.p. d.7.q.2.p.1. Alap in c.2. Gen.v.21.

Orig. & alii apud Gonet. t.2. tract.6. disp. prooem. a. 2. Ps.66.v.7.8. Isai 6. v.3. Jerem. 1.v.6 Sic Vieg. in Apoc 9.sect. 5. n.4.

4 A Arvore da Vida plantada no Paraiso,
paõ, e vinho, que offerecia o Sacerdote Melchi
sedech, o sacrificio de Isaac, o Manná, ou Pa

do

loCeo, os Paens de propoſiçaõ, o Cordeiro Paſ-
chal eraõ figuras do ſacrificio do Altar, e Sacra-
nento Euchariſtico, ſignificado já em tempo das
Leys, Natural, e Eſcrita; mas nem por iſſo era
ulgar a intelligencia deſſas figuras. Andava co-
no em ſegredo eſte Myſterio entre os grandes
Patriarcas, e Profetas daquelles tempos. Jacob
alvez teve delle revelaçaõ, quando de Chriſto
iſſe: *Lavabit in vino ſtolam ſuam, & in ſan-
uine uvæ pallium ſuum.* Zacarias o profetizou:
*Quid enim bonum ejus, & quid pulchrum ejus,
iſi frumentum electorum, & vinum germinans
irgines.* David bem ſe vê que com o lume pro-
etico alcançou noticia deſte Sacramento; ſem a
qual naõ diria: *Sacerdos in æternum ſecundum
rdinem Melchiſedech. Memoriam fecit mirabi-
ium ſuorum, miſericors, & miſerator Dominus
ſcam dedit timentibus ſe.* Salomaõ, que nos ſeus
Canticos deixou eſcritos os Myſterios da Igreja,
aõ paſſou eſte em ſilencio. Fallou delle com do-
ura digna da interpretaçaõ do Melifluo Doutor
. Bernardo: *Sub umbra illius, quem deſidera-
eram ſedi, & fructus ejus dulcis gutturi meo.*
Mas nem Salomaõ, nem David, nem Zacarias,
em Jacob ſe explicaraõ tanto, que já entaõ foſ-
e claro, e percebido o Myſterio de que fallavaõ;
orque naõ fluctuaſſe a Fé dos que o ouviaõ.
Chegou porém o tempo da Ley da Graça, em que
Chriſto fundou a ſua Igreja, e nella he taõ firme
Fé do Myſterio, e Sacramento Euchariſtico, que
ublica, e ſolemnemente o adoramos, e feſteja-
nos, aſſim como publicamente o confeſſamos. Sa-
omaõ diſſe, que a Igreja era ſimilhante á Aurora,
á Lua,

Geneſ. 49. 11.

Zacha. 9. 11

Pſ. 109. 4.

Pſ. 110. 5.

Cant. 2. 3. D. Bern. Ser. 48.

á Lua, e ao Sol: *Quasi Aurora consurgens, pul-chra ut Luna, electa ut Sol.* Nos tempos da Ley Natural, e Escrita, foy como Aurora, e como Lua, porque resplendecia entre sombras, que supposto representavaõ, tambem encobriaõ os Mysterios da Ley da Graça. Veyo depois Christo ao mundo, fundou nova Igreja, na qual resplendecendo claramente a luz do verdadeiro Sol, desappareceraõ as sombras, appareceraõ os Mysterios, que se representavaõ nellas; e o do Corpo, e Sangue de Christo Sacramentado, que excedia a Fé dos filhos da Igreja antiga, he confessado, reconhecido, adorado, e solemnizado por todos os filhos da Igreja. Pois como se naõ encherá esta de prazer á vista de tanta Fé, quanta expressamos nesta solemnidade.

Cant. 6. 9.

5 A grandeza, e profundidade deste Mysterio, que taõ recatado o fez, e teve em tanto segredo nos antigos seculos do mundo, toda consiste em que debaixo das especies de paõ, e vinho está Christo verdadeiramente; mas de sórte, que o seu Corpo se nos dá em comida, e o seu Sangue em bebida: e por virtude desta comida, e bebida, quem cõmunga a Christo Sacramentado, fica nelle; e fica tambem Christo em quem o cõmunga Sacramentado. Isto, q bem cabe na nossa Fé, tanto excede a nossa, e a toda a intelligencia creada, que só com admiraçoens exprime a Igreja quanto crê, e confessa deste Sacramento: *O Sacrum convivium, in quo Christus sumitur!* Quiz S. Paulo que formassemos algum conceito do vastissimo, e incomprehensivel abysmo da Sabedoria, e Sciencia de Deos, e naõ achando termos com que o désse a entender, rompeo nesta admiraçaõ: *O altitudo divitiarum Sapien-tiæ,*

Ex Offic. in Festo Corp. Christi.

Ad Rom. 11 33.

iæ, & Scientiæ Dei, quàm incomprehensibilia sunt judicia ejus! Em admirar o que naõ comprehendia, exprimio a grandeza do que naõ pode alcançar. Com os mesmos termos se explicou a Igreja absorta no Mysterio, que festejamos: *O Sacrum convivium, in quo Christus sumitur!* Nesta admiraçaõ quiz incluir a Igreja quanto neste Sacramento se encerra, sem que o penetrem os entendimentos creados. Huma admiraçaõ he termo mais que infinito; porque comprehende em si o mesmo incomprehensivel. O termo com que a natureza, ainda entre as naçoens barbaras, exprime a sua admiraçaõ, he hum O! Nesta letra, e em sua circular figura se encerra a infinidade; porque nenhuma grandeza he taõ incomprehensivel, que naõ fique bem indicada com huma admiraçaõ. Mas ó Mysterio do Sacramento Eucharistico! Huma, e muitas vezes, mais que incomprehensivel; porque muitas vezes mais que admiravel: *Omni admiratione major*, lhe chama o Cardeal Torquemada. Naõ basta huma, nem muitas admiraçoens bastaõ para expressar a excellencia, e grandeza do mais que admiravel, e por isso mais que incomprehensivel, Mysterio do Sacramento: *Omni admiratione maior.*

Turrecrem. Opusc. de Divinissi. Sacr.

6 S. Leaõ Papa disse com a sua rara elegancia, que quanto a materia he mais incomprehensivel, tanto he mais vasta para os Oradores; porque naõ podem faltar razoens, e palavras para elogîos, quando sobra o assumpto para se discorrer: *Cùm ipsa materia, ex eò quod est ineffabilis, fandi tribuat facultatem.* Com esta doutrina, quando cheio de admiraçaõ, mais absorto me achava para discorrer, me persuadi que teria larga materia para

D. Leo Ser. 11 de Passio.

os louvores daquelle Sacramento, que excede a t
do o louvor: *Maior omni laude*; e nas palavras
thema a descobri muy propria. Nelle achamos, q
neste Mysterio ha razaõ de Sacrificio, e de Sac
mento. De Sacrificio; porque o Sangue de Ch
sto, segundo a força das palavras, e fórma da Co
sagraçaõ, está effundido, e separado de seu Cor
Eucharistico: *Caro mea*: *Sanguis meus*; e ne
mysteriosa effusaõ, e separaçaõ do Sangue consi
a verdade, e substancia do Sacrificio. De Sac
mento; porque o Corpo, e Sangue de Christo
commungado, e recebido por nós: *Qui manduc*
meam carnem, & bibit meum sanguinem; e na co
munhaõ se nos communicaõ os effeitos, que e
nós causa o Corpo, e Sangue de Christo em quan
Sacramento. O Sacrificio diz ordem a Deos; po
que a elle he offerecido: o Sacramento diz orde
a nós; porque o recebemos, e para nós foy inst
tuido. E para que neste Mysterio admiremos a ex
cellencia do Sacrificio, e os effeitos do Sacrame
to; hey de ponderar a honra, que a Deos resul
deste Sacrificio; e a utilidade, que para os home
se acha neste Sacramento. Como todo o Sacramen
to causa graça, por meyo de Maria Santissima
imploramos do mesmo Sacramento, em que est
sacrificado o Author da graça.

AVE MARIA.

§. II

§. II.

Caro mea verè est cibus, & Sanguis meus verè est potus.

TUdo creou Deos para gloria sua; porque só Deos póde ser o ultimo fim de suas obras; e sendo todas ellas taõ perfeitas, naõ podia deixar de gloriar-se muito o seu Author. No primeiro dia de suas producçoens visiveis, creando o Ceo, a terra, e os elementos, creou tambem luz, e louvou a formosura della: *Vidit Deus lucem, quod esset bona.* No segundo dia fez no meyo das agoas o Firmamento, e o exaltou á celestial eminencia, de que era digna taõ nobre esféra, e louvou Deos a perfeiçaõ do que tinha obrado: *Et vidit Deus quod esset bonum.* No terceiro dia ajuntou a huma parte as agoas, appareceo terra, e a vestio de arvores, e plantas: e louvou Deos quanto neste dia obrara: *Et vidit Deus quod esset bonum.* No quarto dia ornou o Firmamento de luzidos astros, que dividissem os dias, e as noites; indicassem, e distinguissem os annos, e os tempos: e louvou Deos o primor, com que vio brilhar o celeste globo: *Et vidit Deus, quod esset bonum.* No quinto dia povoou de viventes irracionaes o ar, e o mar; e vendo Deos aquella innumeravel variedade, com que o sensitivo se dilatava por duas regioens taõ vastas, louvou a bondade do que tinha feito: *Et vidit Deus quod esset bonum.* No sexto dia, depois de crear os brutos, que sobre a terra se movem, formou o homem,

Genes. 1. 4.

Genes. 1. & multoties ibidem.

mem, para cuja habitaçaõ, e imperio, tanto hav
produzido neste, e nos precedentes dias: e par
raõ aqui as obras de Deos; porque era o homem
o fim proximo, e immediato dellas. Estendend
entaõ Deos os olhos por tantas creaturas, que
sua Omnipotencia extrahio do nada, louvou quan
to tinha feito, naõ só por bom, mas por muito bom
*Vidit Deus cuncta quæ fecerat, & erant vald
bona.* Desorte que a cada operaçaõ sua se estav
Deos louvando a si mesmo, e como gloriando-se n
que obrava; porque tudo obrava ultimamente pa
ra gloria sua.

Genes. 1. 31.

8 Porém he certo, que se Deos creára quan
tos mais mundos póde a sua Omnipotencia crea
nem de todos elles resultára para Deos tanta glori
quanta se lhe deve; porque Deos sempre he dign
de mayor honra, e de gloria mayor da que lhe pó
dem dar juntas todas as creaturas possiveis. E qu
disporia Deos, para haver quem lhe désse toda
honra, e toda a gloria, de que elle he taõ merece
dor, e taõ digno? Decretou, que incarnasse o seu
Unigenito Filho; porque só huma Pessoa Divina
lhe poderia offerecer, e dar a infinita honra, e a
infinita gloria, que lhe he devida.

9 Agora me ocorre huma questaõ bem cele-
bre entre os Theologos. Perguntaõ; se Deos de-
cretou a Incarnaçaõ do Divino Verbo pela excel-
lencia de taõ admiravel Mysterio, ou se pela Re-
dempçaõ dos homens? Mais claro. Perguntaõ;
se Deos, attendendo só para a excellente obra do
Verbo Divino feito Homem, incarnaria aindaque
naõ peccasse Adam? A opiniaõ, que diz incarnaria
o Filho de Deos, postoque Adam naõ peccasse,
he

ne de Authores gravissimos, e de Santos Padres,
: a razaõ mais propria, e quasi conducente por
sta parte, he; porque Deos em todas as suas ope-
açoens sempre teve por ultimo fim, e motivo a
ua honra, e a sua gloria: e só incarnando huma
Pessoa Divina, haveria quem honrasse, e glorifi-
asse a Deos taõ perfeita, e justamente, como el-
e merece, e deve ser honrado, e glorificado.
Logo aindaque a Incarnaçaõ do Divino Verbo naõ
ora necessaria para perfeita satisfaçaõ da culpa,
Redempçaõ do mundo, sempre a disporia Deos,
ara que no mundo houvesse quem perfeita, e
dequadamente o honrasse, e glorificasse. Nasci-
o Christo, cantavaõ os Anjos este Hymno:
Gloria in altissimis Deo: glorificado está Deos no
Ceo. Como se disseraõ os Anjos: Agora sim ha no
undo quem possa glorificar a Deos, quanto elle
eve ser glorificado; porque antes deste nasci-
ento feliz, nem toda a multidaõ dos Anjos bas-
va para glorificar a Deos: *Ante Salvatoris or-
um, nec Cœlestia reverentiam deferebant*, diz
anto Ambrosio. E porque o fim primario do Di-
no Verbo Humanado era a gloria plenissima,
ue Christo havia dar, e offerecer a Deos; por
so quando os Anjos o viraõ nascido, cantaraõ
oria a Deos, como primeira resultancia, e pro-
io fim de vir Christo ao mundo: *Gloria in al-
issimis Deo.*

Barthol. Durand. tom. 4. Scot. Theol. disp. 4. q. 1. & cõmuniter Scotistæ.

Luc. 2. 14.

10 Supposta esta doutrina, e assentada esta re-
luçaõ, excitára eu novamente outra questaõ
ais propria da occasiaõ presente, e para entrar
or ella ao proposto assumpto; e perguntára: Se
staria a Incarnaçaõ do Verbo, e existencia de
Christo,

Christo, para que delle recebesse Deos toda a ho
ra, e toda a gloria de que he digno? Direis t
dos que sim: e direis bem, se vos explicares m
lhor. E eu direy que naõ; mas para que ente
dais que digo bem, e que nos conformamos t
dos no que dizemos, esperay que me decla
mais.

11 Digo pois que, ainda supposta a Incarn
çaõ do Divino Verbo, se Christo naõ instituira
Sacrificio de seu Corpo, e Sangue, em que p
nós se offerece ao Eterno Padre, naõ receber
Deos toda a honra, e toda a gloria, que lhe
devida. A razaõ he; porque huma das acçoer
(e a mais principal) com que honramos, e glor
ficamos a Deos, he a offerta dos Sacrificios: p
isso desde o principio do mundo começaraõ
primeiros homens a offerecer seus sacrificios
Deos. Sacrificavaõ-lhe os fructos da terra, em
nal de ser Deos o liberal Senhor, de cuja maõ
recebiaõ. Sacrificavaõ lhe animaes, que matava
em reconhecimento de ser Deos o Author, e S
nhor da vida: e em sinal de que por elle daria c
da hum a propria vida, se fora de seu Divino agr
do. Mas nenhum destes sacrificios era o que ba
tava para se offerecer a Deos, porque todos e
les eraõ improporcionada offerta para taõ alto S
nhor. Fez-se Homem o Divino Verbo, inca
nou o Filho de Deos, e instituio o Sacrificio do A
tar, em que Christo derrama o seu Sangue, e o s
para de seu mesmo Corpo, segundo a significaça
e força das palavras, de que usou neste Sacrifici
mas por modo taõ admiravel, que no Corpo a
sim separado lhe fica o Sangue, Alma, e Divindad
N

No Sangue assim derramado, lhe vay o Corpo, a Alma, e a Divindade. Em fim, instituio hum Sacrificio taõ nobre, e taõ precioso, como he o mesmo Deos, a quem se offerece o tal Sacrificio; porque nelle se offerece a Deos o seu proprio Filho. Desorte que nem Deos póde esperar mayor honra da que se lhe dá no Sacrificio do Altar; nem, com ser Deos, he digno de mayor honra, da que recebe neste Sacrificio: porque se bem he digno de infinita honra; infinita sem duvida he a honra, que se lhe dá, quando no Sacrificio do Altar se lhe offerece o seu mesmo Filho. Nem he possivel que em final do supremo dominio, e reconhecimento de sua Divindade, se offereça a Deos mayór cousa, ou mais estimavel.

12 Reflecti agora melhor na razaõ de dizer ..., que da Incarnaçaõ do Divino Verbo, precizamente, naõ resultou para Deos tanta honra, e tanta gloria, quanta lhe resulta do Sacrificio do Altar: aindaque substancialmente lhe naõ podia resultar menor gloria de hum Mysterio, que de outro. Incarnado o Verbo (vay a razaõ) daria Christo a Deos quanta adoraçaõ elle merece, e lhe daria todos os louvores, que lhe saõ devidos: mas sem que Christo se offerecesse em Sacrificio a Deos, he certo que naõ se lhe offerecia o Sacrificio mais puro, mais santo, mais digno, e mais excellente, que se póde offerecer a Deos, sendo este culto o final mais expressivo da nossa adoraçaõ, e de sua soberania. E para que naõ faltasse a Deos a honra, e a gloria de se lhe offerecer o Sacrificio mais digno de sua infinita, e tremenda Magestade, naõ bastava só que Incarnasse o Divino Verbo, era precizo que instituisse

tuisse tambem o Sacrificio do Altar, para nelle
offerecer a Deos seu proprio Filho, e por este m
yo haver hum acto taõ principal de Culto, Religia
e Latria, plenamente digno do mesmo Deos.

13. Naõ deixo de advertir, que tambem na Cru
foy Christo sacrificado, e offerecido ao Eterno P
dre. Hum mesmo Cordeiro Divino, que se off
receo no Sacrificio da Cruz, he o que se offere
no Sacrificio do Altar. E quando este naõ fora in
tituido, no Sacrificio da Cruz recebera Deos a me
ma honra, e a mesma gloria, que recebe quand
no Altar lhe he sacrificado o seu Unigenito Filh
Tudo he assim; mas bem sabeis, que sendo a Vict
ma na Cruz a mesma que no Altar: e sendo Chris
o que internamente se offerecia a si mesmo, tant
no Altar, como na Cruz, houve muita differenç
entre os ministros de hum, e outro Sacrificio; po
que na Cruz os Judeos, e os Gentios foraõ os ex
ecutores do Sacrificio, quando com a mayor ma
dade tiráraõ a Christo a vida: no Altar porém,
Ministro do Sacrificio foy Christo, quando com
mayor caridade para com os homens, e com a ma
yor reverencia para com Deos, se lhe offereceo. Po
esta parte, segundo a differença, e execuçaõ dos mi
nistros, foy o Sacrificio do Altar o mais puro,
mais santo, o mais excellente, e o mais digno, qu
se podia offerecer a Deos: sem que para a honra,
gloria, que lhe resulta das circunstancias deste Sa-
crificio, bastasse precizamente haver incarnado
Verbo, ou ser Christo crucificado na Cruz; mas
antes a Incarnaçaõ do Verbo, e Morte de Chri-
sto diremos foy ordenada, para que se désse a
Deos no Sacrificio do Altar tanta honra como lhe
he devida, e lhe resulta delle. §. III.

§. III.

AGora me parece estar de todo bem entendido o meu conceito: nem me será difficultosa a mim a persuasaõ; nem a vós a approvaçaõ delle. Attendey-me. Assentaõ graves Theologos, que a Incarnaçaõ do Divino Verbo fora o motivo, ou o fim, que teve Deos para crear o mundo, e quantas creaturas ha nelle: e que o fim, ou motivo de incarnar o Divino Verbo fora a gloria immensa, que deste grande Mysterio havia de resultar para Deos. Santo Thomaz descobrio esta doutrina naquellas palavras do Apostolo: *Omnia vestra sunt, vos autem Christi, Christus autem Dei.* Eu porém, sem que me aparte do que ensinaõ taõ grandes Mestres, exporey com mais distinçaõ o que elles naõ chegaraõ a declarar, vendo que para os seus Tratados Escolasticos se naõ requeria mais especulaçaõ. Digo pois que a Incarnaçaõ do Divino Verbo foy sim o motivo de crear Deos o mundo; mas o fim immediato, que teve Deos, para decretar, e querer a Incarnaçaõ de seu Unigenito Filho, e existencia de Christo, foy a instituiçaõ do Sacrificio do Altar; porque delle ultimamente resultaria para Deos a mayor, ou summa glorificaçaõ; que era o fim ultimo da Incarnaçaõ do Verbo, e do mesmo Sacrificio do Altar.

D.Thom. apud Gonet. t.4.tract. de Incar.disp.5 §. 6. n. 55. Alex. Alens. Albert. Claud. Taur. Cathar. & alii quos seq. Suar. in 3.p. q.1.a.1.disp. 5.sect.2. 1 AdCorint. 3.22. & 23.

15 Parecer-vos-ha, que digo huma novidade até esta hora inaudita; mas o certo he que muito antes o disse Santo Agostinho: *Ut panem Angelorum manducaret homo, Dominus Angelorum fa-*

D.Aug. Ser. 13. de Têp.

ctus est homo. A fim de que Christo se offerecess ao Eterno Padre em Sacrificio, debaixo das espe cies de paõ, e vinho, em que nos deixou o se Corpo, e Sangue Sacramentado, se fez Homem Senhor, e Creador dos Anjos. Ao nosso intent parece que o naõ poderia dizer com mais expre saõ a grande Aguia entre os Doutores da Igreja a quem seguem no mesmo sentir naõ poucos do Expositores. O Famoso Alapide assenta, e reso ve que este Sacrificio fora naõ só o fim, mas complemento de todos os Sacramentos: *Omniu Sacramentorum complementum, & finis.* Fallo com esta generalidade; porque sendo a Incarnaça do Divino Verbo (como diz repetidas vezes S Paulo) aquelle Sacramento ineffavel, por tanto seculos occulto, e conservado entre os segredo Divinos; até desse Mysterio foy motivo, e fim Sacrificio do Altar. O nosso Doutissimo Portu guez Serpa, que do Mysterio Eucharistico escre veo taõ larga, como profundamente, disse que es te Sacrificio era o fim de todos os Mysterios d Ley da Graça: *Finis mysteriorum Legis novæ.* O primeiro dos Mysterios da Ley da Graça foy o d Incarnaçaõ, e assim este, como os mais, todo foraõ dispostos pela sobrenatural Providencia, a fim de que na Igreja se offerecesse a Deos o Sacri ficio Eucharistico. Naõ reparais que podendo o Filho de Deos unir a si a natureza Angelica, dividi da por nove Coros, em especies quasi innumera veis, só a humana quiz unir a si incarnando? Sim. Pois se em tomar o Divino Verbo alguma nature za creada, punha Deos a ostentaçaõ mayor de sua gloria; como para este fim naõ escolheo alguma de

Alap. in Epist. ad Ephes. c. 5. v. 30.

Ad Ephes. c. 1. v. 9. & c. 3. v. 9.

Ant. Serp. in Euchar. Chronol. Ennarat. 7. Fig. arch. n. 28.

e tantas naturezas Angelicas, taõ nobres, e taõ
ıblimes? Admiraveis saõ as repostas, que daõ os
Theologos nesta duvida; mas como os juizos de
Deos saõ incomprehensiveis, nem cabem no que
umanos juizos pódem descobrir, ainda nos dei-
áraõ lugar para assignarmos a nossa, que naõ se-
i a menos principal, porque será talvez a mais
ara. He pois a razaõ; porque se o Divino Ver-
o se fizera Anjo, haveria sim nesse Deos, e An-
,o mesmo Mysterio excellente, que ha em Deos
ito Homem; mas Deos feito Anjo naõ poderia
fferecer-se em Sacrificio; porque a natureza An-
elica he immortal, e naõ se póde sacrificar. Es-
olheo pois o Verbo unir a si a natureza humana;
orque nesta podia offerecer-se em Sacrificio a
eos: que era o fim mais immediato de tomar
ıma natureza creada, como o fez quando in-
rnou.

16 Parece que he tempo de ouvirmos ao Sa-
ado Texto, como Oraculo de Mysterios Divi-
os. Depois que Christo instituio o Sacrificio de
u Corpo, e Sangue, fallando a seu Eterno Pa-
e, disse: *Opus consummavi, quod dedisti mihi,* Joan.17.
faciam. Eterno Padre, está já consummada, e
rfeita a obra, para a qual me mandastes ao mun-
. Notavel he a difficuldade, que encontraõ os
xpositores na interpretaçaõ deste Texto. Por-
ıe se o Filho de Deos veyo ao mundo, a fim do
ysterio de sua Incarnaçaõ, muito antes estaria
consummada esta obra; porque consummada es-
vera desde que Christo foy concebido. Se porém
yo a fim de remir os homens, estaria ainda por
consummar esta obra; porque a Redempçaõ ain-

da ſe havia de conſummar na Cruz. Pois como di
Chriſto que conſummara a obra, a que veyo a
mundo, tantoque inſtituio o Sacrificio do Altar
A meſma duvida eſtá deſcobrindo a repoſta, e in
dicando que o Sacrificio do Altar foy o imme
diato fim da Incarnaçaõ do Verbo, e vinda d
Chriſto ao mundo. Incarnou, e morreo, mas tu
do a fim de ſe offerecer em Sacrificio ao Etern
Padre, porque ſe naõ incarnára, e morrera, na
ſe pudera offerecer no Sacrificio do Altar, qu
he memoria, e repreſentaçaõ do Sacrificio,
morte da Cruz. Por iſſo, muito depois de incar
nar, e ainda antes de ſer crucificado, dava já
Filho de Deos por conſummada a obra, que o trou
xe ao mundo, tantoque inſtituio o Sacrificio d
ſeu Corpo, e Sangue Euchariſtico: *Opus conſũ-
mavi, quod dediſti mihi ut faciam.*

17 A razaõ de tudo incluio Chriſto no meſ-
mo Texto, que acabamos de ponderar, e he
porque o empenho particular da Incarnaçaõ do Di-
vino Verbo, depois da culpa de Adam, foy o ze-
lo de reſtituir a Deos a honra, e gloria, que ſe lhe
tirou, quando com a ſua culpa o injuriou o pri-
meiro homem: e tantoque Chriſto ſe offereceo em
Sacrificio a Deos na Cea Euchariſtica, lhe reſti-
tuio, e deo toda a honra, e toda a gloria de que
Deos he digno. No meſmo Texto de S. Joaõ te-
mos tudo: *Ego te clarificavi ſuper terram*, (diſ-
ſe Chriſto) *opus conſummavi, quod dediſti mihi,
ut faciam.* O Texto Syriaco verteo: *Ego jam te
glorificavi.* Eu já vos glorifiquey (Eterno Padre)
porque conſummey já a obra, que me encommen-
daſtes. Aſſentamos que eſta obra era o Sacrificio

Ibid.

do Altar; porque entaõ o acabava Christo de ins-
tituir: e o mesmo Christo disse, e tornou a dizer,
que nesse Sacrificio entaõ instituido por elle, fo-
ra Deos inteirado, e reinvidicado da sua honra,
e da sua gloria: *Nunc glorificatus est Filius ho-
minis, & Deus glorificatus est in eo.* Reparo na-
quelle *nunc.* Nasceo Christo, foy apresentado
no Templo, e offerecido ao Eterno Padre: orou,
prégou, ensinou; e naõ disse que em alguma des-
tas acçoens fora Deos glorificado. Discorreo os
Mysterios de sua Payxaõ, e Morte, resuscitou, e
subio aos Ceos, e naõ disse que Deos fora em al-
gum delles glorificado; sendo que de cada hum
destes Mysterios, e de qualquer destas acçoens
resultava para Deos infinita gloria. Pois com que
razaõ, só quando Christo he sacrificado debai-
xo dos accidentes de paõ, e vinho, diz que en-
taõ he Deos glorificado: *Nunc glorificatus est?*
Porque só recebe Deos toda a gloria, que lhe he
devida, quando lhe he offerecido o Sacrificio do
Corpo, e Sangue de Christo. Em quanto se naõ
offerecia a Deos em Sacrificio o seu mesmo Filho,
ainda podia Deos esperar glorificaçaõ mayor; por-
que sendo os Sacrificios instituidos para demon-
straçaõ, e final da suprema honra, e gloria, que
se deve a Deos, ainda Christo naõ tinha offereci-
do ao Eterno Padre o Sacrificio, sobre todos di-
gno do mesmo Deos. Tanto porém que Christo
se offereceo em Sacrificio por nós a Deos, vendo
que se lhe naõ podia offerecer mais digno Sacri-
ficio, declarou que entaõ estava Deos plenamen-
te glorificado já: *Nunc glorificatus est Filius ho-
minis, & Deus glorificatus est in eo.*

Joan. 13. 31. juxta Syri. vers.

18 Diſcorro que eſte foy o conceito daquel-les celebres Serafins da myſterioſa viſaõ de Iſaias. Vio eſte Profeta ao Senhor aſſiſtido de huns Se-rafins, que o louvavaõ com eſte devotiſſimo triſſagio: *Sanctus, Sanctus, Sanctus, Dominus Deus.* Se bem formos notando as circunſtancias declaradas no Texto, diremos com S. Juſtino Martyr, e outros, que vio Iſaias a Chriſto ſacrifi-cado no Altar; porque ſe lhe repreſentou o Se-nhor cá na terra: *Plena eſt omnis terra gloria ejus*: deo-ſe-lhe a ver em hum Templo: *Quæ ſub ipſo erant replebant Templum*: e o lugar, que ti-nha neſſe Templo, era hum throno muy alto, e elevado; *Super ſolium excelſum, & elevatum.* Parece que revelou Deos ao Profeta o meſmo que eſtamos vendo neſte Templo, e adorando naquel-le excelſo throno. O que principalmente me faz reparo, para o noſſo intento, he que os Serafins, vendo neſta repreſentaçaõ a gloria, que reſulta-va a Deos do Sacrificio do Altar, diziaõ como admirados: *Plena eſt omnis terra gloriâ ejus*: cheya eſtá toda a terra de gloria de Deos. Parece que eſta expreſſaõ naõ vem ajuſtada á veneraçaõ, com que os Serafins admiravaõ o Santiſſimo, ou tres vezes Santo, Sacrificio do Altar. Se naſcido Chriſto os Anjos celebravaõ em ſeus canticos a gloria, que Deos recebia nos Ceos, que muito, ou que mais vinhaõ a dizer depois, quando pu-blicavaõ que a terra eſtava cheya de gloria, pe-lo Sacrificio do Altar: *Plena eſt omnis terra glo-riâ ejus?*

Iſa. 6. 3.

D. Juſtin. Zulet. in Jac. Epiſt. c. 1. §. 8.

Iſai. ibid. v. 1. & v. 3.

19 Reſpondo. Qualquer dos Myſterios de Chriſto era no Ceo de muita gloria para Deos; e por-

porque esta gloria, assim como era infinita, tam-
em era immensa, toda a terra se enchia precio-
mente de gloria em cada hum dos Mysterios
e Christo. Mas parece que só do Sacrificio do
ltar foy tanta para Deos a gloria, que encheo
terra. Porque depois da Incarnaçaõ do Divino
erbo, em que Deos teve incomparavel gloria,
inda havia lugar para mais gloria, quanta admi-
raõ os Anjos no Nascimento de Christo. De-
ois deste Nascimento, ainda se achava lugar pa-
a nova gloria, que adquiria Deos, quando lhe
oy apresentado, e offerecido o seu Unigenito
ilho no Templo. Da mesma sórte, depois do My-
erio da Apresentaçaõ, ficava ainda lugar para
ais, e mais gloria, que receberia Deos de ca-
a hum dos Mysterios de Christo. Porém, insti-
ido o Sacrificio, em que o mesmo Christo, Sa-
erdote, e Victima, se offereceo ao Eterno Pa-
re; a tanto subîo, e taõ intensa foy a gloria,
ue resultou para Deos, que como se naõ hou-
era na terra lugar para Mysterio de mayor glo-
a para Deos, exclamavaõ extaticos, e admira-
os os Serafins, que toda a terra estava cheya da
ia gloria. Como se intentaraõ dizer, que este Sa-
rificio fora o termo, o fim, e o total comple-
ento de toda a gloria, que em seus Mysterios da-
a Christo a Deos: *Plena est omnis terra gloriâ*
ius.

§. IV.

o A Gora vim eu a descobrir o mysterio, e a en-
tender o acerto, com que diz a Igreja que
oy necessario houvesse no mundo o peccado de
Adam:

Adam: *O certè necessarium Adæ peccatum!* Parece que reflectindo a Igreja no que tinha dito, declarou que naõ por encarecimento, mas com certeza foy esse peccado necessario: *Certè necessarium.* Quem, se a Igreja o naõ dissera, chegaria a proferì-lo sem temeridade! No peccado se commette contra Deos taõ greve injuria, que nem todas as creaturas juntas, aindaque todas foras muy santas, poderiaõ dar a Deos condigna, e igual satisfaçaõ a essa injuria; e no peccado de Adam ainda houve razaõ; ou condiçaõ mais aggravante, porque foy a perdiçaõ do mundo, e raiz da condemnaçaõ de tantas almas, que sem numero estaõ enchendo o inferno. E tal peccado como este podia ser necessario? Haveria quem delle tivesse necessidade? Sim, e naõ menos que o mesmo Deos, responde o Angelico Bonherba: *O quam necessarii sunt Deo peccatores!* A razaõ, a meu ver, taõ propria, como verdadeira, he; porque daquelle peccado (e naõ sem elle) havia Deos tirar occasiaõ para muita gloria sua. Esta he doutrina dos Santos Padres com S. Joaõ Chrysostomo, Santo Agostinho, e Santo Anselmo: *Prævidit per omnia Deus quanta habuit facere bona de transgressione hominis, & ideo illam permisit.* Reparo agora, e difficulto.

In Sabbat. S.

Suar. Lorca. Godoy. & cõmun. Thomis. apud Parra tract. 1. de Incar. disp. 1 q. 5.

Bonh. 1. p. Sacr. Probl. de Thesaur. Pœnit. n. 12.

D. Chrysost sive Author Hom de Adam, & Eva. D. Aug. Encheri. c. 37. in tom. 3. D. Ansel. lib. 1. Cur Deus Hom. 15.

21 He sem duvida, que só de Christo podia resultar a mayor glorificaçaõ para Deos; porque só huma Pessoa Divina poderia dar a Deos toda a gloria, que lhe he proporcionada, e devîda. Mas tambem he certo, e entre os Theologos indubitavel, que podia o Divino Verbo incarnar, ainda que naõ peccasse Adam: e tanta gloria resultaria

para

ara Deos da Incarnaçaõ de seu Filho em carne
assivel, para remir o homem; como impassivel,
naõ sendo a Redempçaõ necessaria. Pois que ne-
cessidade foy a que houve do peccado de Adam,
quando, sem elle, seria Deos igualmente glorifi-
cado por Christo, como he depois de se commet-
ter essa culpa? A necessidade foy, e só podia ser,
que do mesmo peccado havia, para que tivesse
Deos a gloria de se lhe offerecer o seu mesmo Fi-
lho no Sacrificio do Altar. Eu me declaro. Se
Adam naõ peccara, e os seus descendentes com el-
le, e depois delle; podia, sem duvida, incarnar o
Divino Verbo: mas perguntay aos Theologos,
se nesse caso instituiria Christo alguns Sacramen-
tos para a Igreja que fundasse? Respondem com
Santo Thomaz, que naõ: e alguns, com o Doutis-
simo Soto, dizem que nem Sacrificios haveria na
Igreja. Ao menos he certo que naõ haveria nel-
la o Sacrificio do Altar, por ser memoria, e re-
presentaçaõ da morte, que Christo padeceo na
Cruz pelos peccados dos homens. Pois já que sem
preceder o peccado (diz Deos) naõ ha de haver
este Sacrificio; permitta-se o peccado, incarne o
meu Unigenito Filho, e haverá o Sacrificio do Al-
tar, de que hey de receber tanta gloria, que, a
fim della, he justa a permissaõ do peccado, e con-
veniente a Incarnaçaõ do Verbo em carne mortal
e passivel. Nenhuma cousa ha mais escusada que o
peccado, pelo que em si he; e nenhuma cousa mais
necessaria houve que o peccado, pelo que teve
de occasiaõ; porque sem elle naõ haveria o Sacri-
ficio do Altar: e, faltando este, naõ receberia Deos
toda a honra de que he digno. Eternamente seja
Deos

D. Thom. 3. p. q. 61. a. 2. & in 4. d. 1. a. 2. q. 2. D. Bonav. ibid. a. 1. q. 1. Hug. Victor. lib. 1 de Sacr. p. 9. c. 3. & 5. Domini Soto in 4 Sent. tom. 1. q. 2. a. 2. negat in statu innocentiæ futura fuisse Sacrificia.

Deos glorificado, que da permissaõ do peccad
tanta gloria tirou para si, quanta lhe está dand
Christo em sua Igreja perennemente no Sacrifi
cio de seu Corpo, e Sangue: *Caro mea: Sangui
meus.*

§. V.

*Qui manducat meam carnem, & bibit meum san
guinem, in me manet, & ego in illo.*

22 PAssemos já a ponderar a utilidade, qu
nos resulta deste Sacrameuto admiravel do
Corpo, e Sangue de Christo. E quem poderá di-
zer os admiraveis effeitos, que em nossas alma
causa este Sacramento dignamente recebido? Chri-
sto os recopilou todos, dizendo que quem o com-
munga Sacramentado, fica nelle: e que tambem
elle fica em quem o communga. Mas se o homem
recebe, e recolhe dentro em si a Christo, quando
neste Sacramento o communga: *Et ego in illo;*
como póde ser que nesse caso Christo recolha,
e receba em si ao mesmo homem: *In me manet!*
Bem sey que dentro em nós está Deos, estando
tambem nós dentro nelle. Dentro em nós está
Deos; porque, como Immenso, tudo penetra, e
tudo enche. Estamos nós dentro em Deos; por-
que Deos Immenso tudo comprehende, tudo cer-
ca, e tudo excede. Porém o Corpo de Christo
Sacramentado naõ he Immenso, como erradamen-
te cuidáraõ os Ubiquistas: cabe no circulo de hu-
ma Hostia, e por isso cabe dentro em nós. Logo
nós, que o commungamos, e temos dentro em
nós

ós, naõ podemos estar, e ficar nelle. Os Myste-
os da nossa Fé trazem comsigo razoens, e evi-
encias, que os fazem acreditaveis, como diz a
elhor Theologia, fundada no Texto de David:
estimonia tua credibilia facta sunt nimis. Mas
estar em Christo quem o communga Sacramen-
ado, ao mesmo passo que Christo Sacramentado
tá em quem o communga: *In me manet, & ego
 illo*; inculca tal evidencia em contrario, ou in-
ica tal contradiçaõ, que naõ parece Mysterio
 nossa Fé, postoque em verdade seja o mayor
Iysterio della: *Mysterium Fidei.*

Psal. 92. 5. Theol. cum D. Thom. 2. 2. q. 1. a. 4. ad 2. & 1. cont. gent. c. 6.

23 Com tudo: por isso mesmo devemos crer,
ue nós estamos em Christo Sacramentado: *In me
anet*; porque cremos que Christo Sacramenta-
 está em nós: *Et ego in illo.* Aquella particu-
 et no Original Hebraico, em que a proferio
hristo, he particula causal: *Quia*; e quem com-
unga a Christo Sacramentado, por nenhuma ou-
a razaõ está, ou póde estar nelle, senaõ porque
hristo está em quem o communga Sacramentado:
 me manet, quia ego in illo. Farey que me per-
bais, quanto permittir a grandeza do Mysterio;
orque naõ pareça que por me sahir de huma
fficuldade, entrey noutra.

Silv. in E-van. tom. 5. lib. 8. c. 2. Exp. 6. n. 140.

24 Neste Sacramento taõ intimamente se une
hristo comnosco, que se dignamente o recebe-
os, Christo, e quem o recebe ficaõ huma mes-
a cousa: *Unum corpus mecum efficitur*, diz Eu-
ymio. *Per corpus suum se nobiscum commis-
it, & in unum nobiscum redigit*, diz S. Joaõ
hrysostomo. Logo taõ preciso he que Christo
teja no homem, que o communga; como he pre-
ciso

Euthy. Expos. in c. 6. Joan. D. Chrysost. Hom. 45. in Joan.

ciſo que o homem eſteja tambem em Chriſto. Pa rece-me que deixaria de eſtar em ſi meſmo, quem commungando a Chriſto dignamente, naõ eſti veſſe em Chriſto; porque eſtando Chriſto em nós faz que nós, e elle ſejamos huma ſó couſa. Duas ceras, que ſe derreteraõ juntas, taõ unidas ficaõ que qualquer dellas eſtá na outra; porque o meſ mo fogo, que derretendo ambas, fez eſta ficar naquella, tambem fez que aquella ficaſſe neſta porque de ambas fez huma ſó. Tambem Chriſto Sacramentado de tal ſorte ſe une a quem o rece be, que ambos ficaõ huma ſó couſa: logo quem recebe a Chriſto ha de ficar em Chriſto, e ha de ficar Chriſto em quem o recebe. S. Cyrillo Ale xandrino deſcobrio a ſimilhança, e nos tirou a concluſaõ: *Si quis liquefactæ ceræ aliam ceram infuderit, alteram cum alterâ per totum commiſ ceat, neceſſe eſt. Ita ſi quis Carnem, & Sanguinem Domini recipit, cum ipſo ita conjungitur, ut Chriſtus in ipſo, & ipſe in Chriſto inveniatur.*

D. Cyr. Alex. lib. 4. in Joan. c. 34.

25 Fingio Plataõ que dous amantes, queixoſos de ſerem dous, quando deſejavaõ ambos ſer hum, rogaraõ a Vulcano, que accendendo ſua forja quanto mais pudeſſe, nas chammas della os derreteſſe ambos, e formaſſe hum ſó, ſem diſtincçaõ de algum. Dizem que ſe conſeguira eſte raro, e deſejado effeito; porque aquelles dous coraçoẽs, ſendo mais ardentes que o meſmo fogo, naõ chegaraõ a perigar no incendio: poſtoque derretidos á violencia delle, ſe tornaraõ hum ſó os que eraõ dous, vivendo por huma meſma vida duas almas. Foy eſta diſcreta idea de Plataõ applaudida dos Filoſofos, e dos Poetas muy decantada.

Plato in Sympoſ. Ariſt. Ethic. lib. 9. c. 4. 8. Oroſius lib. 3. Embl. 43.

Vota

Vota suos habuere Deos; nam mixta duorum
Corpora junguntur, faciesque induitur illis
Una.....
Sic ubi complexu coierunt membra tenaci,
Nec duo sunt, & forma duplex .....

Ovid. Metamor. lib.4. v.373.

26 Quem naõ dirá que naquella ficçaõ dis-
reta se retratou a verdade mais pura, e mais cla-
a do amor de Christo para com os homens? Ve-
o o Filho de Deos ao mundo, desejoso de unir
si a nossa natureza: e o executou com vinculo
aõ estreito, que sendo Deos se fez Homem, e o
Iomem se fez Deos, e ambos huma só cousa;
orque ambos huma só Pessoa: *Qui licet Deus sit,*
Homo, non duo tamen, sed unus est Christus.
inda mais quizera o amor de Christo; porque
eseja que qualquer dos homens chegue a ser hu-
a só cousa com elle. E que inventaria para o
onseguir? Na ardente fragoa do Sacramento Eu-
aristico accendeo as chammas de seu amor com
te taõ milagrosa, e taõ Divina, que chegando
s a elle, tanto nos unimos com Christo, tanto
m elle nos incorporamos, como duas ceras,
e juntas se derreteraõ; ficando qualquer de nós,
elle, como duas almas com hum só corpo, e
ma só vida. *Per corpus suum se nobiscum com-*
iscuit, & in unum nobiscum redegit. Unum cor-
s mecum efficitur. In me manet, & ego in illo.

Ex Symbolo D. Athan.

§. VI.

BEm; mas como se persuadirá o entendi-
mento, que Christo Sacramentado tanto
ega a unir-se com quem o recebe, que ambos
ficaõ

ficaõ a mesma cousa? Perguntais bem; mas res
ponderaõ melhor o mesmo S. Cyrillo, e Santo Hi
lario, que esta razaõ he mais para ser recebid
pela nossa Fé, que para ser percebida pelo noss
entendimento: *Res ardua est, & quæ Fide magis*
quàm alio modo recipitur. Recorramos porém á
Escrituras, em que Christo nos deixou luz par
o que a razaõ naõ alcança. Dizendo Christo n
Evangelho presente que fica em quem o receb
Sacramentado, e que quem o recebe fica nelle
para declarar mais esta doutrina taõ mysteriosa,
taõ sublime, se valeo deste exemplo, e desta simi
lhança: *Sicut misit me vivens Pater, & ego vi*
vo propter Patrem, & qui manducat me & ip
se vivet propter me. Assim como eu vivo pel
mesma vida de meu Eterno Padre, que me man
dou ao mundo, assim quem me communga Sacra
mentado, viverá pela minha mesma vida. Muit
nos disse Christo nestas palavras; e ainda nos qui
dizer muito mais, quando nellas com o Mysteri
altissimo da Trindade nos declarou o do Sacra
mento. O Filho vive pela mesma vida do Padre
e este pela mesma vida do Filho; porque o Filho
está no Padre, e o Padre está no Filho: *Ego in*
Patre, & Pater in me est. Pois se Christo, e quem
o communga Sacramentado, ambos vivem pela
mesma vida, ha de estar Christo em quem o com-
munga; e quem communga a Christo ha de estar
em Christo: *In me manet, & ego in illo.*

D. Cyril. cit. D. Hilar. Hom. 5. de Pasch.

Joan. 6. 58.

Joan. 10. 11.

28 Atéqui o que nos disse Christo. Quanto ao
mais, que nos quiz tambem dizer, reparo que,
nos termos desta comparaçaõ, naõ fez Christo
mais clara a doutrina do Sacramento; porque naõ
fez

fez mais perceptivel a difficuldade presente, e já
entaõ prevista. Que o Padre esteja no Filho: que
Filho esteja no Padre: e que vivaõ ambos por
huma só vida: bem se percebe; porque o Padre,
o Filho saõ ambos a mesma cousa por natureza:
Ego, & Pater unum sumus; mas se Christo, e
quem o communga Sacramentado saõ extremos
taõ disparados, taõ distinctos, e taõ distantes; co-
mo póde cada hum estar no outro, e viver ambos
pela mesma vida? Porque se bem Christo, e o
homem, que o communga Sacramentado, sejaõ
extremos taõ diversos; a efficacia, e virtude de-
ste Sacramento de tal sorte os faz unidos, que
chegaõ a ser ambos a mesma cousa. Theophila-
cto: *Qui manducat me, vivet propter me, dum
quodammodo miscetur mihi, & translementatur
in me.* Naõ podia o Douto Padre explicar com
mais clareza o que Christo nos quiz dizer.

Ibid, 30.

Theoph. Expofit. in c. 6. Joan.

29 Quanto mais sublime he o Mysterio, tan-
to he mais difficultoso de se perceber: e cuido
que vos estou ouvindo instar-me, que a comparaçaõ,
e a prova estaõ muy longe de confirmar o que
tenho persuadido. Que Christo em quanto Deos, e seu
Eterno Padre sejaõ ambos huma só cousa, a Fé o
ensina, e o percebe a razaõ; porque no Padre, e
no Filho ha huma só natureza, e huma só Divin-
dade, assim como no Espirito Santo tambem: por
isso sendo em Pessoas tres, naõ saõ mais de hum
Deos. Mas se entre Christo, e quem o commun-
ga Sacramentado, ha distinçaõ em pessoas, e em
naturezas tambem, como podem ser huma só cou-
sa entre si? Esta he a summa difficuldade, a que
nos levou o presente assumpto, para cuja soluçaõ,

e reposta, confesso que mais serve a luz da Fé que a da razaõ: *Res ardua est, & quæ fide magi[s] quàm alio modo recipitur.* Vamos porém á reso[-]luçaõ della, quanto permittir a sublimidade d[a] materia.

30 Neste Sacramento, dizey-me, naõ he cer[-]to que além de nos dar Christo o seu Corpo, seu Sangue, e a sua Alma, nos dá tambem a su[a] Divindade? Sim, porque se nos dá Christo a mesmo neste Sacramento. Pois se o Filho, po[r]que do Padre recebe a Divindade, he huma me[s]ma cousa com o Padre; nós, por virtude deste Sa[-]cramento, porque naõ seremos, de alguma so[r]te, huma mesma cousa com o Padre, e com o Fi[-]lho, se de alguma sorte recebemos nelle a Divin[-]dade de ambos? Expressamente o concluio assim Ruperto Abbade, seguindo a S. Dionysio: *Is er[-]go, in quo ego maneo, divinitatem in se transfusa[m] habens Deus factus est.*

In Eucharistia Deitas, & humanitas Christi nobis datur. Leõtius Riber. Alap. in Joan. c. 17 v. 22.

Rupert. Ab. in Joan. 6.

31 Depois que Christo na ultima Cea instituí[o] esteSacramẽto admiravel, como justamente lhe cha[-]ma a Igreja; fez ao Eterno Padre huma mysterios[a] oraçaõ, rogando-lhe, que assim como o mesm[o] Padre, e Christo saõ huma só cousa por natureza assim os filhos todos da Igreja sejaõ huma só cou[-]sa com Christo, e com o Eterno Padre: *Sicut tu Pater in me, & ego in te, ut & ipsi in nobis unum sint.* Quem naõ dissera, que rogava Christo hum impossivel? Se em Christo naõ houvera a mesma Divindade, que ha no Padre, naõ puderaõ ser ambos a mesma cousa: pois poderáõ os homens ser huma mesma cousa com o Padre, e com Christo, naõ tendo elles a Divindade de Christo, e do Eter-

Joan. 17. 21.

o Padre? Sim podem, e direy como. Acabava
Christo de dar aos Discipulos, e de instituir para
ós o Sacramento de seu Corpo, e Sangue; e
orque neste Sacramento a todos faz participantes
a sua Divindade, pódem todos de alguma sórte
er com o Padre, e com Christo huma só cousa,
omo o Padre he por natureza huma mesma cou-
com Christo: *Sicut tu Pater in me, & ego in*
, ut & ipsi in nobis unum sint.

32 O mesmo Christo nos deixou exposiçaõ,
ara com ella abonarmos a intelligencia, que dey
o Texto. Proseguio Christo a sua oraçaõ, dizen-
o assim: *Et ego claritatem, quam dedisti mihi,*
edi eis, ut sint unum sicut et nos unum sumus. Ibid. 22.
claridade (dizia Christo ao Eterno Padre) a
aridade, que eu recebi de vós, dey aos homens;
ara que nós, e elles sejamos a mesma cousa. Que
aridade he esta, que o Filho recebe do Eterno
adre? Sem controversia he a Divindade; por-
ue o Filho nenhuma outra cousa recebe do Pa-
e, nem o Padre tem outra cousa, além da Divin-
ade, que possa communicar ao seu Unigenito
ilho. E por ventura, podia Christo dar esta Di-
ndade aos homens: *Claritatem, quam dedisti mi-*
dedi eis? Sim, e de facto lha tinha dado na Cea
ucharistica; porque como nella tinha dado seu
orpo, e Sangue aos Discipulos, e o mesmo Sa-
amento deixava para os homens todos: nelle
ava tambem a todos a sua Divindade. Admira-
elmente S. Cyrillo Alexandrino, seguindo a S.
ilario, e a S. Cypriano: *Claritatem Divinita-*
s, quam dedisti mihi ab æterno, dedi in hoc Sa-
ramento. Pois se Christo por meyo deste Sacra-

D. Cyril. lib. 11 in Joan. c.26. & 27. D Hil. lib. 8 de Trinit. D Cypr. lib. 12. c.26.

mento nos communica a Divindade, que recebe
do Padre, que muito sejamos nós, por especi
virtude do mesmo Sacramento, huma mesma cou
sa com Christo, e seu Eterno Padre; assim co
mo elle, e o Eterno Padre saõ huma mesm
cousa por natureza, pois em ambos he a Divind
de a mesma: *Sicut tu Pater in me, & ego in t*
ut & ipsi in nobis unum sint!

33 Dizem commummente os Theologos, qu
o Sacramento Eucharistico he huma extensaõ d
Mysterio da Incarnaçaõ; porque na Incarnaçaõ d
Verbo a Divindade ficou em hum só homem,
naõ se communicou a muitos: neste Sacrament
porém, a Divindade se communica a todos os qu
dignamente o recebem; aindaque em hum, e ou
tro Mysterio a communicaçaõ he por modo ta
differente, como sabemos. Mas eu dissera, que o
Mysterio da Eucharistia he naõ menos que hum
extensaõ do Mysterio da Trindade. Neste se cõ
munica a Divindade a tres Pessoas, nem póde cõ
municar-se a mais; porque se lhes communica po
natureza: porém no Sacramento, que solemniza
mos, a Divindade se communica a quantos o re
cebem, e se póde communicar a infinitos; por
que se communica por ineffavel participaçaõ: *I*
ergo, in quo ego maneo, Divinitatem in se transfu
sam habens, Deus factus est. No Mysterio da Trin
dade, qualquer das Divinas Pessoas está na outra
está o Padre no Filho, e nem por isso deixa o Fi
lho de estar no Padre: *Ego in Patre, & Pate*
in me est. Antes sim a propria razaõ de estar o
Padre no Filho, he tambem razaõ necessaria de
estar o Filho no Padre; porque esta circuminsessaõ
lhes

ies provém igualmente da identidade da nature-
a. Por meyo do Sacramento Eucharistico está
hristo em quem o recebe, e com uniaõ taõ inti-
a, que necessariamente fica em Christo esse mes-
o que em si o recebeo Sacramentado: *In me
anet, & ego in illo*; porque recebendo Sacra-
entalmente em si a Divindade de Christo, de al-
uma sorte ha de ser huma mesma cousa com el-
; assim como Christo he huma mesma cousa com
Eterno Padre por razaõ da Divindade, que na-
ralmente recebe delle: *Sicut tu Pater in me,
ego in te, ut & ipsi in nobis unum sint.*

§. VII.

QUando bem noto em que Christo, por virtude deste Sacramento, nos unio tanto a si, que para estar em nós, e nós nel-
quiz no mesmo Sacramento dar-nos a sua Di-
ndade, para com elle ficarmos huma só cousa;
parece que instituio Christo taõ admiravel My-
rio, porque entrando a olhar por si, quiz re-
rar (seja-me licito explicar-me assim) o que
rára no Mysterio da Incarnaçaõ. Eu me expli-
Vio Christo que era Deos, e que na Incar-
çaõ se unio, naõ á natureza do supremo Anjo,
a outra toda espiritual, e muy nobre; mas sim
atureza humana, taõ inferior, e humilde. Vio
nuito, que na Incarnaçaõ se desfez, e se abateo,
rque sendo Senhor se fez servo, e sendo Deos se
Homem: *Semetipsum exinanivit, formam ser-
accipiens, in similitudinem hominum factus.*
como se quizera acodir pela excellencia da pro-

Ad Philip. 2. 7.

pria Divindade, instituio hum tal Sacramento que de algum modo transformasse os homens em Deos; quando nelle lhes dá a propria Divindade (como diz Ruperto) para que o mesmo que se havia abatido em se unir á natureza dos servos ficasse exaltado por se haver unido á natureza dos que, por serem com elle huma só cousa, estavaõ transformados em Deos.

35 Escreve S. Joaõ as mysteriosas acçoens de Christo, que precederaõ á instituiçaõ deste Sacramento, e com muita advertencia nota, que Christo antes de entrar a ellas, reflectio em que sahira de Deos, e para Deos voltava: *Sciens quia à Deo exivit, & ad Deum vadit.* Seguio-se a esta reflexaõ, que Christo se levantou da mesa, lavou os pés aos Discipulos, e assentando-se outra vez á mesa com elles, Sacramentou o seu Corpo, e Sangue. Já o lavatorio dos pés era dirigido á instituiçaõ do Sacramento; porque nessa purificaçaõ corporal (dizem os Padres, e Expositores) ensinava o Divino Mestre a pureza da alma, com que nos havemos dispor, para receber o seu Corpo, e Sangue Sacramentado. O meu reparo neste caso he, que entrasse Christo a instituir este Sacramento, e a dispor os Discipulos para o receberem, quando mais vivamente se estava lembrando, de que sahira ou procedera do Eterno Padre, e deque para elle tornava: *Sciens quia à Deo exivit, & ad Deum vadit.* Desejára eu agora examinar a razaõ, porque daquella advertencia lhe nasceo esta resoluçaõ? Parece-me, que seria esta: Entrou Christo, como a olhar para si, e a discorrer assim: He possivel, que sendo eu F

Joan. 13. 3.

no Unigenito de Deos: *Sciens, quia à Deo exivit*, me fizesse Homem, e tomasse a natureza dos servos: *Formam servi accipiens*! Taõ humilhado, e taõ abatido: *Semetipsum exinanivit*, hey de tornar para meu Eterno Padre: *Sciens, quia ad Deum vadit*! Eis-que no meyo destas reflexoens, e ponderaçoens, se levanta Christo da Cea legal: *Surgit à cœna*, e dispõem a instituiçaõ deste Diviniſſimo Sacramento. Oh acordo verdadeiramente digno de sua infinita Sabedoria, e de seu infinito Amor! Como se dissera Christo: Já agora, instituido este Sacramento, naõ póde estar queixosa a Magestade Immensa, que participo de meu Eterno Padre, por me haver eu unido á natureza dos servos; pois o Sacramento de meu Corpo, e Sangue, que dou aos homens, fazendo-os participantes de minha Divindade, tanto os sublimará, que chegue cada hum a fazer-se Deos por graça Sacramental: *Is ergo in quo ego maneo, Divinitatem in se transfusam habens, Deus factus est.* Desorte que se o Filho de Deos ficou taõ humilhado, unindo a si huma natureza taõ humilde, como he a nossa; tambem instituio hum Sacramento, que tanto exaltou essa natureza, que o mesmo Deos, por se haver unido a ella, pode ser exaltado.

Rupert. Ab. suprà cit.

36 Cuido que este foy o pensamento do Real Profeta em hum Texto do Psalmo sessenta e tres, que aliás tem cançado aos Expositores, em lhe descobrir intelligencia natural, e propria: *Accedet homo ad cor altum, & exaltabitur Deus.* Subirá, ou chegará o homem a hum coraçaõ alto, ficará Deos exaltado. Toda a difficuldade neste

Ps. 63. 7.

poto, está em se entender que coraçaõ alto sej
este. S. Cesario Bispo Arelatense applica este Tex
to ao Sacramento Eucharistico, ao qual os Dou
tores com o antigo Eucherio chamaõ Coraça
de Deos: *Deus bibendum per singulos dies, &*
manducandum cor suum dedit. Eu porém na
quero para interpretaçaõ delle mais intelligencia
que a dos Mysterios da nossa Fé. Que coraça
mais alto que o de Christo? Emanou delle o Sa
cramento Eucharistico, quando depois de mor
to foy traspassado com a lança: *Exivit Sangui*
Sacram Eucharistiam repræsentans. Pois quan
do os homens commungaõ o Corpo, e Sangu
de Christo Sacramentado, quem duvida que che
gaõ com a boca a tocar no muy alto, e mu
veneravel Coraçaõ de Christo: *Accedet homo a*
cor altum?

D. Cæsar. apud Lorin. in hunc Ps.

Eucher. & cum eo Fidel. de Eucharis. Theor. 1. ex v. 3. n. 9.

Idem.

37 Daqui parece devia inferir David o mui
to a que se exaltaõ os homens por meyo dest
Sacramento, quando o commungaõ; mas, ben
pelo contrario, diz que Deos he o que fica ex
altado: *Et exaltabitur Deus.* Pois se o homen
recebendo a Christo Sacramentado, vem a subi
taõ alto, que se transforma em Deos: *Accede*
homo ad cor altum: Divinitatem in se trans
fusam habens, Deus factus est; como se julga es
ta exaltaçaõ ser, naõ do homem, mas de Deos
Et exaltabitur Deus! Porque se pelo Sacramen
to o homem sobe a taõ alto: *Accedet homo a*
cor altum; naõ poderá deixar de ficar Deos ex
altado: *Et exaltabitur Deus.* Deos unido ao ho
mem, creatura vil, e humilde, fica humilhado
e desfaz em si, segundo a frasi, e o modo com
que

ue neste ponto se explicou S. Paulo: *Semetip-um exinanivit, formam servi accipiens, in si-ilitudinem hominum factus.* Logo Deos unido o homem sublimado, e exaltado pelo Sacra-ento, fica tambem exaltado: *Et exaltabitur Deus.* He certo que Deos nem póde ser humi-ado, nem exaltado em si; porque álêm de ser ssencialmente immudavel, he essencialmente in-nito na Grandeza na Gloria, e na Magestade. Só n ordem ás creaturas, póde abater-se pare-endo menos; ou exaltar-se parecendo mais: e orque unindo-se á vileza dos homens, pareceo ue em si, ou de si fazia menos: *Semetipsum xinanivit*; instituio hum Sacramento, por cuja rtude os homens subissem a tanto, que tambem or elles ficasse Deos exaltado: *Accedet homo d cor altum, & exaltabitur Deus.* He assim; orque este Sacramento faz que os homens su-aõ, e cheguem a tanto, que sejaõ huma cousa om Deos: *Ut & ipsi in nobis unum sint.* Ou z que participantes da Divindade, fiquem trans-rmados em Deos: *Is ergo in quo ego maneo, Divinitatem in se transfusam habens, Deus fa-us es*: por isso mutuamente podem estar, o ho-em em Christo, quando o communga Sacra-entado, e Christo nelle: *Qui manducat meam arnem, & bibit meum sanguinem, in me manet, ego in illo.*

§. VIII.

8 TEnho ponderado a gloria, que a Deos re-sulta do Sacrificio do Altar; e os bens ineffa-

ineffaveis, que em nós causa o Sacramento admi
ravel do Corpo, e Sangue de Christo. Em hum
e outro ponto pouco disse; porque neste incom
prehensivel Mysterio se encerra muito mais do que
podem alcançar os entendimentos creados. Re
flectindo agora sobre os discursos, que conclui
pelo que toca ao primeiro, desejára que eu, e o
mais Sacerdotes, que em cada dia offerecemos
Deos este taõ nobre, e tremendo Sacrificio, exa-
minassemos, se nos preparamos com a pureza ne
cessaria aos Sacerdotes do Altissimo, que lhe haõ
de sacrificar o seu Unigenito Filho! Para se vestir,
e ornar o grande Sacerdote do antigo Testa-
mento, escolheo Deos de todo o bom o melhor,
e do precioso o mais estimavel. Buscava-se o li-
nho mais puro, e mais fino, e a seda de mais con
ta. Escolhiaõ-se as cores, e tintas de mais estima-
çaõ. Examinava-se o ouro de quilates mais subi-
dos; e se admittiaõ só as pedras de muito preço.
Naquelle Sacerdote se mostrava qual seria a digni-
dade Sacerdotal no Testamento novo: e no seu or-
nato se declaravaõ as virtudes, com que interior-
mente devem ser ornados os Sacerdotes da pre-
sente Igreja: *Ut tales ministri esse debeant, qua-
les per vestes significantur*, diz o grande Abu-
lense. Mas segundo eu alcanço, pelo que sey de
mim, (e naõ sey se tambem de outros) naõ ha ho-
je nos Sacerdotes cousa preciosa, ou cousa, que
naõ seja vil. Aquelle sacrificio, de que tanta glo-
ria deve resultar para Deos, quantas vezes será oc-
casiaõ de offensa, e injuria sua, pela indignidade
dos Ministros, que lho offerecem! Por muy offen-
dido se dava Deos, de que huns indignos Minis-
tros

Abul. in cap 28. Exod.

ros lhe offerecessem os Sacrificios da Ley antiga: *Nè offeratis ultra sacrificium frustra: incensum abominatio est mihi.* E como se naõ dará por mui-o mais injuriado, de que o preciosissimo Sacrifi-io da Ley da Graça lhe seja offerecido por Sa-erdotes indignos!

Isa. 1. 13.

39 A' vista do Sacrificio da Cruz (ou porque naõ chegasse a ver) se escondeo o Sol: *Obscu-atus est Sol*; e o mundo todo se cobrio de luto: *Tenebræ factæ sunt in universam terram:* esta-áraõ as pedras de sentimento: *Petræ scissæ sunt*: os montes se esconderaõ: *Viderunt te, & dolue-unt montes*; e choraraõ tambem os Anjos: *An-eli pacis amarè flebunt.* Se daquelle Sacrificio esultava para Deos infinita gloria, que sentimen-o universal he este para as creaturas? Se o mun-lo, por meyo daquelle Sacrificio, ficava reconci-iado com o seu Creador, em cuja indignaçaõ in-correra pelo peccado; porque motivo se intriste-e o Universo no mesmo tempo de sua reparaçaõ? Porque esse Sacrificio taõ santo, e taõ precioso, ia envolto nos sacrilegios dos Ministros execu-ores delle. Tambem na quotidiana celebraçaõ do Sacrificio do Altar, se fora visivel a consciencia dos Ministros, e o sacrilegio com que por elles he muitas vezes offerecido, o Sol se ecclipsára, o mundo se cobrira de luto, e o insensivel choràra cheyo de sentimento. S. Paulo diz que quem pec-ca torna a crucificar o Filho de Deos: *Rursus crucifigentes sibimetipsis Filium Dei.* Dos Sa-cerdotes, que celebrarem no estado da culpa, te-nho por certo que o crucificaráõ de novo; por-que se na Cruz foy sacrilegamente sacrificado; no

Luc. 23. 45.
Ibid. 44.
Matth. 27. 52
Habac. 3. 10
Isa. 33. 7.
Ad Hebr. 6. 6.

no Altar tambem o facrificariaõ facrilegamẽte. S
na Cruz lhe deraõ a morte os miniſtros do facri
ficio; no Altar (viſta a offenſa, que commettem
tambem, quanto he de ſi, lhe tirariaõ a vida os que
em peccado chegaſſem a celebrar. Bem certo h
que a indignidade do celebrante naõ diminue
intrinſeco valor, e eſtimaçaõ, que eſte Sacrifici
ſempre acha diante dos Divinos olhos; mas a
meſmo tempo que com hum ſacrilegio o offere-
ce, tira o Miniſtro, como pode, e quanto he de ſu
parte, a honra, e gloria, que a Deos reſulta deſt
Sacrificio.

40 Paſſando tambem com a reflexaõ á ſegun-
da parte da materia, que tratamos, na qual vimo
que, por virtude deſte Sacramento, nós ficamo
em Chriſto, e Chriſto em nós, porque ficamo
huma meſma couſa com Chriſto: perguntára quan-
tas foraõ as peſſoas, que receberaõ a Chriſto Sa-
cramentado neſte dia de ſua ſolemnidade? E per-
guntára tambem aos meſmos, que o receberaõ,
qual foy a preparaçaõ com que ſe diſpuzeraõ para
em ſi receber a Chriſto, e ficar nelle? Eu acho
que bem examinados eſtes dous pontos, ſervem
de illuſaõ para a noſſa Fé, e de confirmaçaõ pa-
ra o erro dos que a contradizem. E ſe naõ, dizey-
me os que deixaſteis hoje de commungar. Credes
que por meyo deſte Sacramento eſtá Chriſto em
nós, e que juntamente com o ſeu Corpo, e San-
gue, nos dá a ſua Alma, e a ſua Divindade? Cre-
des que ficamos nós em Chriſto, como diz o
Texto do Evangelho; e ſabeis que (como dizem
os Padres da Igreja) de alguma ſorte nos trans-
formamos em Chriſto? Reſpondereis que ſim. Pois
como

omo deixais de commungar a Christo Sacramen-
ido, as mais vezes que se vos permitte? Como
erdeis taõ grande bem, sem que por essa per-
a vos fique sentimento algum? Por falta de Fé,
por falta de conhecimento de tanto bem, e de
nta perda. Oh se quem deixa de commungar co-
hecéra o que perde, e o de que se priva!

41 Em huma parabola se propôs Christo con-
dando aos homens, para a grandiosa Cea do Sa-
ramento: *Homo quidam fecit cœnam magnam,* Luc 14.16.
vocavit multos. Escusaraõ-se os convidados:
t cœperunt simul omnes excusare. Indignou-se V. 18.
ntaõ Christo, e contra elles proferio esta amea-
: *Nemo virorum illorum, qui vocati sunt, gu-* V. 24.
abit cœnam meam. Já que os convidey, e se es-
usaraõ, nenhum provará da minha Cea. E que
stigo he esse para a obstinaçaõ, e rebeldia dos
onvidados? Se elles se escusaraõ da Cea, e a re-
eitaraõ; que castigo he privá los da mesma Cea?
ue castigo? Muy grande; porque nenhuma per-
haverá neste mundo para os homens, que se
uale ao que perdem, quando deixaõ de cõmun-
ar a Christo Sacramentado.

42 Deos naõ póde dar mayor cousa do que
os dá neste Sacramento: *Plus dare non potuit,*
z Santo Agostinho; porque nos dá a sua Divin-
ide, e nos dá o seu mesmo Filho: e isso perdem
que deixaõ de o commungar. O que se nos dá
este Sacramento he o mesmo que se dá aos Bem-
venturados na Gloria. Lá por modo mais feliz,
proprio do seu estado beatifico, e glorioso: cá
or modo mais admiravel, e proporcionado ao es-
do de viadores. Lá manifesto, cá encuberto.
Lá

Lá para ſer viſto: cá para ſer comido. Pergu-
tay agora ſe haverá no Ceo algum Bemaventurad
que poſſa eſtar ſem ver a Deos por huma hora,
por menos tempo? De nenhuma ſorte. Antes
algum delles entendeſſe que por breviſſimo tem-
po eſtaria ſem ver a Deos, ſe enchera de taõ gra
de pena por eſſa perda, que naõ ſeria já Bemaven-
turado. Pois cá na terra, como vivem os filhos
Igreja taõ deſcuidados de receber a Chriſto Sacr
mentado, ſem que por iſſo tenhaõ pena, ou ſent
mento algum? Sem duvida, porque ou lhes falta
Fé do que ſe nos dá neſte Sacramento; ou lh
falta a ponderaçaõ do que perdem, quando de
xaõ de o receber.

43 Porém mayor mal incomparavelmente,
mayor deſgraça he receber a Chriſto Sacrame
tado, ſem a ponderaçaõ devida a huma Mageſt
de Immenſa, Infinita, Tremenda, e Omnipote
te. Oh que temeridade! Oh que ſacrilegio ta
grande, receber, e commungar a Chriſto em pe
cado! Quem aſſim recebe a Chriſto Sacrament
do, communga a ſua propria condemnaçaõ, di
S. Paulo: *Judicium ſibi manducat, & bibit.* Se
rá condemnado como reo de huma conſpiraça
contra a vida do meſmo Chriſto: *Reus erit Cor-
poris, & Sanguinis Domini*, diz o meſmo Apo-
ſtolo: *Reus eſt talis cædis dominicæ, ac ſi Domi-
num occidiſſet, & Chriſti ſanguinem effudiſſet*
expuzeraõ S. Joaõ Chryſoſtomo, e Theophilacto
Eu, conformando-me com os meſmos Padres
diſſera que por eſte ſacrilegio ſe faz quem o cõ-
mette em tudo ſimilhante, e em nada inferior
Judas; porque ſendo inimigo de Chriſto pelo pec-
cado

Ad Corint. 1 c. 11. v. 29.

Ibid. 27.

Chryſoſt. Theophyl. in hũc loc.

ido; se mostra amigo seu, para lho entregarem
acramentado.

44 E por ventura os que se julgarem na consciencia livres de culpa mortal, e purificados pelo Sacramento da Penitencia, poderáõ entender que tem a disposiçaõ necessaria, para receber a Christo Sacramentado? Naõ vos sey responder a esta pergunta. Quem se acha purificado na consciencia, he certo que bem póde receber este Sacramento: *Probet autem seipsum homo, & sic de pane illo edat.* Mas tambem he certo, que nenhuma pureza em nós será condignamente a que basta, nenhuma será ajustadamente igual á que deveramos todos desejar, e solicitar, para com ella recebermos a Christo Sacramentado. Houve de encarnar o Filho de Deos: e que pureza naõ foy necessaria em Maria Santissima para o conceber! Pois para o recebermos taõ dignamente como elle merece, e deve ser recebido, bastará menos pureza de espirito? Que vou eu buscar exemplos para vos argumentar ao entendimento, se aqui acho em que vos convencer á vista? Vedes muy bem o custoso apparato deste Templo, nunca taõ vistosa, e ricamente ornado como agora: e nesta tarde vereis muy preciosas armaçoens pelas ruas, cheyas ellas do grande concurso de todo o povo. E para que tanto dispendio, e tanta pompa? Já sabemos, que para se ornar, e preparar a casa, em que Christo Sacramentado havia ser exposto á nossa adoraçaõ, e as ruas por onde ha de passar o Rey dos Reys, e o Senhor de todos os Senhores do mundo. Pois naõ ha de entrar tambem nos que o cõmungaõ? Certamente. E com que ornato preparamos

Ad Corint. ibid. v 28.

ramos

ramos nós a casa interior, e a camera, em que vemos receber esta Magestade Tremenda? A com tanto fasto: a salla taõ rica: e a camera pobre? Lembro-vos (e assim acabo) lembro-v e tambem vos rogo, que para receberes este cramento, considereis que nelle entra Christo vós, e a ficar em vós, e passais vós a ficar em Christo: *Qui manducat meam carnem, & bibit me sanguinem, in me manet, & ego in illo.* Dispon vos taõ puramente para receber a Christo em v e estar nelle, que mereçais unir-vos com elle n ta, e na eterna vida.

A alma de cada hũ he a camera, ou retrete, em que se recolhe Christo. Mol. de la Ora. Tract. 1, c. 16.

SERMAM

SERMAÕ VIII.
DE
N. S.^RA DA GRAÇA,
EM DIA DA EXPECTAÇAM.

Rio de Janeiro, na Igreja de Santa Rita.
Anno de 1737.

Maria, invenisti gratiam apud Deum: ecce concipies in utero, & paries Filium. Luc. 1. v. 30. 31

§. I.

O DIA nos offerece hum empenho, e a devoçaõ nos empenha para outro; porque o dia se consagra á Expectaçaõ do Parto da Mãy de Deos, e a devoçaõ solemniza a Senhora da Graça. O Evangelho presente em huma só clausula ajuntou esta mysteriosa ocurrencia: *Invenisti gratiam apud*

 Deum:

Deum: ecce concipies in utero, & paries Filiu
Da Senhora da Graça fez memoria nas primeir
palavras: *Inveniſti Gratiam*; a Expectaçaõ de ſe
Parto recopilou nas ultimas: *Concipies in uter*
& paries Filium. E ſe bem o dia ſe dedica ma
principalmente á Expectaçaõ, que á Graça, o C
leſtial Enviado primeiro ſe empregou em louvar
Senhora da Graça, que em celebrar a Expectaça
de ſeu Parto. Principiou o Archanjo a ſua oraça
Evangelica por eſtas palavras: *Ave gratiâ plen*
e já nellas [diz S. Beda] elogiava a Maria Santi
ſima, como Senhora da Graça: *Soli Dominæ gr*
tiæ hæc ſalutatio ſervabatur. Talvez querend
inſtruir-nos, de que neſta ocurrencia, o titulo d
Graça deve ſer o noſſo primeiro, e principal a
ſumpto, ſem que por iſſo faltemos á circunſtanci
da Expectaçaõ do Parto, taõ deſejado da meſm
Senhora, quam importante, e neceſſario para no
ſa Redempçaõ.

Bed. apud D. Thom. in Catena.

2 Senhora da Graça intitulou o Archanjo
Maria Santiſſima, quando lhe annunciava a Con
ceiçaõ, e Parto do Filho de Deos: e ſe lhe per
guntaramos pela propriedade deſte titulo, ou por
que titulo foy Maria Santiſſima inſtituida Senho
ra da Graça; nos reſpondêra, que por ſer a inven
tora della: *Inveniſti gratiam apud Deum.* A jo
ya perdida, e ſem dono, por direito da nature
za he de quem teve a ſorte de achá-la; e porque
a Mãy de Deos achou a Graça, que perdêra Eva
com juſto titulo ſe inſtituio Senhora della. Maria
ſe interpreta Senhora da Graça: *Maria Domina*
gratiæ interpretatur, diz S. Pedro Chryſologo;
e quando o Archanjo lhe annunciou, que havia
achado

L. Nũquam ff. de acquirend. rer. dom.

Chryſol. Ser. 142.

chado a graça, primeiro lhe proferio o nome: *Maria invenisti gratiam*: pois quem naõ dirá quiz expressar o Archanjo, que a Mãy de Deos he Senhora da Graça, por ser inventora della: *Maria Domina gratiæ: Invenisti gratiam.*

3 O dominio, e senhorio naõ he em todas as cousas o mesmo; porque em humas, só permitte o uso dellas em utilidade propria; em outras, tambem para utilidade alheya: e este, como dizem os Doutores, he o dominio, e senhorio perfeito: *Jus in re, extendens se ad omnem ejus usum, seu dispositionem*: e para ser pleno o dominio, e perfeito o senhorio, que a Mãy de Deos adquirio na Graça, que achou, lhe concedeo o mesmo Author da Graça, naõ só para si a enchente della; mas tambem a jurisdiçaõ, e direito de a dispender comnosco. Admiraveis saõ as palavras, com que o diz S. Bernardino de Sena: *A' tempore, quo Virgo Mater concepit in utero Verbum Dei, quandam (ut sic dicam) jurisdictionem, seu auctoritatem obtinuit in omni Spiritus Sancti processione temporali; ita quòd nulla creatura aliquam à Deo obtinuit gratiam, vel virtutem, nisi secundùm ipsius piæ Matris dispensationem.* Achou Maria Santissima a Graça, da mesma sorte que a perdêra Eva. Perdeo esta a Graça, e foy a perda para si, e para nós: Maria Santissima, como reparadora de Eva, achou para si a Graça, e para nós tambem; porque a achou com authoridade de a dispender comnosco, como perfeita, e plenamente Senhora da Graça.

D. Bernard. tom. 1. Ser. 16.

4 Notavel he o mysterio comprehendido nas palavras, com que o Embaixador Celeste fallou á a Excelsa Rainha: *Maria, invenisti gratiam apud*

Deum: ecce concipies in utero, & paries Filiu
Vós sois (disse o Archanjo) vós sois a Senhora d
Graça; porque assim o está inculcando o nome d
Maria, e a sorte de inventora della: *Maria, inv*
nisti gratiam. Mas tendes esta sorte, e aquelle no
me, porque haveis de conceber, e parir o Autho
da Graça: *Ecce concipies in utero, & paries.* N
tem agora. O Filho concebido era só para a Senho
ra, porque em quanto concebido, o tinha em s
Concipies in utero. O Filho nascido era tambem pa
ra nós: *Puer natus est nobis, & Filius datus e*
nobis. Da mesma sórte: a Graça, que Maria Santi
sima achou na Conceiçaõ do Verbo, só era para s
porque nella empregou toda a sua enchente: *Qui*
conceperat eum, in quo omnis plenitudo Divinita
tis habitat corporaliter, plena gratiâ salutatur
diz S. Jeronymo. A Graça, que achou no Parto, er
para nos communicar tambem: *Eum, qui est ple*
nus omni gratiâ pariendo, quodammodo gratia
ad omnes derivavit: diz o Doutor Angelico. Ma
essa Graça achada pela Mãy de Deos, para si na con
ceiçaõ do Verbo, e para nós no Parto, concorre
raõ ambas para a constituirem perfeita, e plena
mente Senhora da Graça: *Maria, Domina gra*
tiæ: Invenisti gratiam, concipies, & paries.

Isa. 9. 6.

D. Hier. Epist. 140.

D. Thom. 3. p. q. 27. a. 5. ad prim.

5 Eu, seguindo a advertencia do Archanjo
quando reconheço a Mãy de Deos por Senhora d
Graça, naquelle *concipies*, e naquelle *paries*, fun
darey os dous pólos deste Sermaõ, em que mostre
a Maria Santissima Senhora da Graça, pela que
achou para si na Conceiçaõ do Filho, e para nós no
Parto. No primeiro, tratarey propriamente da Gra-
ça da Senhora; e no segundo, tratarey propria-
mente

mente da Senhora da Graça: porque no primeiro, moſtrarey qual foy a Graça, que a Senhora achou eſpecialmente para ſi, quando concebeo o Divino Verbo. No ſegundo, moſtrarey a Graça, que achou, para nos communicar por meyo de ſeu ditoſo Parto. Roguemos á Senhora, e Mãy da Graça, queira neſta hora diſpender comnoſco mais copioſamente as affluencias da Divina Graça.

AVE MARIA.

Maria, inveniſti gratiam apud Deum, ecce concipies in utero, & paries Filium.

§. II.

QUe Maria Santiſſima achou para ſi a Graça, iſſo he o que mais expreſſamente diſſe o Embaixador Celeſte: *Inveniſti gratiam*; para lhe declarar a grandeza, e intenſaõ deſta raça, lhe propôs logo, que conceberia em ſeu entre o Divino Verbo: *Ecce concipies in utero*: or ſer a Maternidade o calculo mais ajuſtado, e a lança mais fiel da Graça, que achou para ſi a Mãy e Deos, como bem entendeo André Jeroſolymino, Arcebiſpo Cretenſe, que com ſantidade, e outrina illuſtrou o ſeculo ſexto da Igreja: *Si quid, uod nos ſuperat, in eâ Divina operata eſt gratia, mo miretur, intuens ad novum, & ineffabile, uod in ea peractum eſt myſterium.* Examinemos ois quam ſublime, e elevada he a dignidade da ãy de Deos, e poderemos ſeguramente aſſentar uam eminente he a Graça, com que Maria Santiſ-

Andr. Cretenſ. Serm. de Dormit. Virg.

sima se dignificou para conceber o Filho de Deo
em seu ventre. O commum sentir dos Padres,
Doutores com Santo Anselmo, S.Boaventura,San
to Thomaz, e Santo Alberto Magno, assenta ser ta
alta, e superior a dignidade de Mãy de Deos, qu
chega a ser de algum modo immensa, infinita, e in
comprehensivel. Desta concluem necessariament
inferem, que a Graça precisa para tanta dignida
de tambem era de alguma sorte immensa, infinita
e incomprehensivel: *Sicut dignitas dignitatum maternitatis Dei, ad quam electa est Maria, fui immensa, infinita, illimitata, & incomprehensibilis: ita & gratia, quâ disposita fuit, & praventa ad talem dignitatem.* Ajustadamente disco rem; porque Deos (como ensina Santo Thomaz a cada hum infunde a sua graça proporcionada mente ao fim a que o pertende exaltar: *Dicendum, quod unicuique à Deo datur gratia, secundùm hoc ad quod eligitur*; e porque Maria Santissima era escolhida, e destinada para huma qua infinita, e immensa dignidade, devia para ella se disposta, e elevada com graça quasi infinita, e quasi immensa. Parece que fallaraõ os Doutores, deduzindo a sua doutrina da letra do nosso Evangelho.

SS. PP. & DD. apud Hier. de Ormachea in cant. c. 1. v. 1 n. 366.

D. Thom. 3 p. q. 27. a. 1 ad prim.

7 Naõ huma só vez tenho reparado em dize o Archanjo a Maria Santissima, quando lhe expunha o ineffavel ponto, e mysterio da Incarnaçaõ do Verbo, que achára a Graça: *Invenisti gratiam* Se a Mãy de Deos achou a Graça, em si a tinha e por ventura, aquella Senhora, que com os Anjos tratava taõ familiarmente, e por elles era tantas vezes levada aos Ceos a cõmunicar com Deos

podia

podia ignorar o eſtado da Graça, em que ſe acha-
va, e tinha em ſi? Bem ſe vê que naõ. Logo indiſ-
cretamente ſe empenhava o Archanjo em noticiar
a Maria Santiſſima a Graça, que tinha em ſi: *In-
veniſti gratiam.* De nenhuma ſorte. Naõ foy indiſ-
criçaõ ſuperflua; foy reconhecer o Archanjo, e
inſinuar tambem á Senhora, que era de alguma ſor-
te immenſa, infinita, e incomprehenſivel a Graça
por ella achada. Sabem os Filoſofos, que o infini-
to, o immenſo, e o incomprehenſivel, por muito
que ſe conheça, ſempre contêm em ſi muito mais,
que excede ao noſſo conhecimento: *Infinitum eſt
id, cujus aliqua pars ſemper eſt extra.* E porque
a Graça, que Maria Santiſſima achou, e em ſi ti-
nha, para dignamente conceber o Divino Verbo,
era quaſi immenſa, infinita, e incomprehenſivel;
nem a meſma Senhora a podia conhecer taõ per-
feita, e comprehenſivamente, que della lhe naõ
reſtaſſe muito mais ainda, para ſe conhecer: *Eò
quod Maria Omnipotentis Mater effecta eſt, tan-
tam gratiæ plenitudinem continet, quantam &
ipſa Virgo in ſeipſâ percipere non poteſt*: diſſe-
raõ muitos com Santo Thomaz de Villanova. De-
clara pois o Archanjo, e dá a conhecer a Maria San-
tiſſima a Graça, que ella tem em ſi, por lhe inſi-
nuar com rara diſcriçaõ, que era quaſi immenſa,
infinita, e incomprehenſivel eſſa Graça, porque
nem a meſma Senhora a comprehenderia; pois
por mais que a conheceſſe, muito mais era o que
eſſa Graça lhe reſtava ainda para conhecer: *In-
veniſti gratiam: Quantam & ipſa Virgo in ſeip-
ſa percipere non poteſt.* Fallava o Archanjo na
Graça de Maria Santiſſima, equiparando-a, ou me-

Riquel de dignit. Mar. c. 18.
Villan. Ser. 3. de Nativ. Virg.

dindo-a com a Maternidade: *Inveniſti gratian ecce concipies in utero*: e de huma dignidade i finita, immenſa, e incomprehenſivel, a que a M de Deos fora exaltada, inferia nella huma incor prehenſivel, immenſa, e infinita Graça, e eſſa i tentava perſuadir: *Inveniſti gratiam. Ecce co cipies in utero. Sicut dignitas... ita & gratia.*

§. III.

8 ISto he o mais que ſe póde dizer da Gr ça da Senhora; porque a grandeza deſ Graça naõ permitte ao entendimento creado, qu de outra ſorte a perceba, ou melhor a expliqu por outros termos. Os Santos Padres naõ nos diſſe raõ mais, tantoque na Mãy de Deos igualaraõ Graça com a Maternidade; porque ſó poderia ne la a Graça ſubir a mais intenſaõ, e augmento, ſ fora poſſivel que Maria Santiſſima paſſaſſe de Mã de Deos a ſer Deos: *Maiorem gratiam Maria ha bere non potuit, niſi ipſa Divinitati uniretur* diſſe profundamente Ricardo de S. Lourenço. Ma ſe aqui parar o conceito, que formarmos da Graç da Senhora, ainda nos reſtará por expreſſar muit do que ſe involve neſta Graça, e muito do que ſ póde deſcobrir ainda neſte ponto, e com mais ra zaõ neſte dia; o qual me dá occaſiaõ, e luz, para deſcobrir, e entender a eſpecialidade mais rara, e mais admiravel da Graça da Mãy de Deos.

Richard. à S. Laur lib. 1. de Laud. V. c. 4.

9 Examinay a origem da preſente feſta da Ex pectaçaõ do Parto da Senhora, e achareis foy inſ tituida em Eſpanha por meus Padres Santo Ilde fonſo Arcebiſpo de Toledo, e S. Fulgencio Biſ po

Vid. Carthagen. tom. 2. l. 7. Homil. 1

o de Carthagena, para gloria, e desaggravo de Ma-
a Santissima, contra a temeridade dos que, seguin-
o o erro de Elvidio, negavaõ a perpetua Virgin-
ade da Mãy de Deos. Ainda confessando nella to-
a a Graça necessaria para conceber o Divino Ver-
o, lhe negavaõ a Graça conservativa da Virgin-
ade com a Maternidade. Só vinhaõ a confessar
arte da Graça, que houve na Mãy de Deos; por-
ue nella a Graça naõ foy regulada só pela razaõ
ecisa da Maternidade, senaõ tambem pela pro-
giosa circunstancia de ser Mãy de Deos sendo
irgem, que ainda fez mais admiravel a Graça da
laternidade. O ser Mãy de Deos he certo que
queria na Senhora huma Graça quasi immensa,
he notavel a asseveraçaõ com que S. Boaventura
affirma: *Immensa certè fuit gratia, quâ ipsa
it plena*; mas o ser Mãy de Deos, sendo Virgem,
nda foy Graça sobre tanta Graça. Ouvi ao mesmo
icardo, taõ douto, como devoto de Maria San-
ſsima: *Maius, & per omnem modum mirabilius,
virginitate fuisse fœcundam, & hæc est gratia
per gratiam.* Explico-me.

D. Bonav. in Specul. c. 5.

Richard. citatus l. 3.

10 He certo, que pudéra Deos escolher para
huma Mãy, na qual naõ florecesse o lirio da Vir-
ndade; e esta possibilidade conheceo muy bem
Senhora, quando disse: *Quomodo fiet istud, quo-
am virum non cognosco?* O que supposto, pergun-
. E concebendo-se o Verbo Divino em tal Mãy,
e naõ fora Virgem, haveria nella toda a Graça
ecisa para ser santificada a Mãy de Deos? Cer-
he que sim; porque sem ella naõ seria digna
e tal Filho. Mas tambem he certo, que em tal sup-
osiçaõ, na que fosse Mãy de Deos se naõ acharia
a Graça

Luc. 1. 34.

a Graça especial, que unisse a Maternidade con
Virgindade, e a pureza inviolada com a fecun
dade. Logo o ser Mãy de Deos, sendo Virgem, c
mandava especial Graça, além da Graça, que
Senhora foy precisa, para ser Mãy de Deos. Se
duvida. Naõ he porêm menos certo, que este f
o mayor auge, e a mayor admiraçaõ da Graça, q
a Senhora achou para si, quando concebeo: *I
venisti gratiam apud Deum. Ecce concipies
utero. Maius, & per omnem modum mirabiliu
in virginitate fuisse fœcundam, & hæc est grat
super gratiam.*

11 O Archanjo S. Gabriel, e o Profeta Isaia
ambos expuzeraõ quasi pelas mesmas palavras, q
Maria Santissima conceberia em seu ventre o Fill
de Deos: *Ecce Virgo concipiet, & pariet Filiun*
disse Isaias: *Ecce concipies in utero, & pari
Filium*, disse o Archanjo. Mas he notoria esta di
ferença, que Isaias nenhum encarecimento fez c
Graça da Senhora, quando o Archanjo tanto
empenhou em encarecê la: *Ave gratia plena: i
venisti gratiam.* Pois como se descuida o Profe
ta do mesmo em que taõ advertido se mostrou
Archanjo? Por ventura podia tanta Graça admira
ao Profeta menos, e ao Archanjo mais? Naõ; po
rêm o certo he, que em ambos foy a admiraçaõ
mesma, e a advertencia igual; porque tambem
Profeta encareceo a Graça da Senhora, e nell
admirou o summo auge, que a fazia mais admiravel
Disse que havia de conceber sendo Virgem: *Ecc
Virgo concipiet*; e naõ fez outra expressaõ mais d
taõ eminente Graça; porque na Senhora, o con
servar-se a Virgindade com a fecundidade, foy

Isa. 7. 14.

o re-

remate, e ſummo encarecimento da Graça, ſo-
e a Graça de ſer Máy de Deos. Nem o Archan-
faltou em nos expor com toda a clareza, o meſ-
o que ſuccinta, e compendioſamente inſinuou.

12 Saudádo á Senhora o Embaixador do Empy-
o, naõ ſó diſſe: *Ave gratia plena Dominus tecum.* Luc. 1. 28.
is cheya de Graça, e Deos eſtá em vós; mas
ida lhe accreſcentou, que achára diante de Deos
pecial Graça: *Inveniſti gratiam apud Deum.* Ibid. 30.
uita difficuldade reconhece Santo Thomaz neſ-
eſpecial, e nova Graça, em quem della eſtava
ó cheya: *Ei quod eſt plenum, & perfectum,*
n reſtat aliquid addendum. Se a Senhora eſtava D. Thom. 3. p. q. 27. a. 1.
eya de Graça: ſe nella eſtava Deos, que he a
nte, e abiſmo de toda a Graça; poderia haver
ida para a Senhora nova Graça ſobre tanta Gra-
: *An ſuper plenitudine* (pergunta o Zerda)
eri gratiæ adhuc locus remanſit? Sim; mas qual Zer. Acad. 16. ſect. 4. n. 48.
ia? Nenhuma outra, ſe naõ a Graça eſpecial-
nte neceſſaria, para ſer Máy de Deos ſendo
rgem. Era a Graça conſervativa da Virgindade
m a fecundidade, diz Alberto Magno: *Singu-*
rem virginalis uteri fœcunditatem inveniſti B. Albert. M. in Mar. c. 237.
ud Deum. Reparay no como ſe explicou o Ar-
njo: *Inveniſti gratiam apud Deum*; achaſtes
ecial Graça diante de Deos. He certo que fó-
de Deos Immenſo naõ ha Graça: logo era eſ-
ſado que o Archanjo declaraſſe, ou advertiſſe,
e eſſa Graça era achada diante de Deos. Aſſim
rece; mas foy myſterioſa energîa, com que o
chanjo quiz entendeſſe a Senhora, fallava da
pecial Graça, que houve nella para conceber ſen-
Virgem; porque eſta he a Graça, que a nenhu-

ma

ma outra creatura se communicou, e só ha no Ete
no Padre, o qual sendo Virgem, em seu ente
dimento concebe, e gera o Eterno Filho.

13 Temos no Texto a melhor confirmaça
desta intelligencia. Entendendo a Senhora, pe
que ouvíra ao Archanjo, que ella era a escolhi
entre todas as mulheres para ser Mãy de Deos,
perturbou: *Quæ cùm audisset turbata est in se*
mone ejus; porque temeo, ou receou, que a s
exaltaçaõ á Maternidade lhe fosse jactura da Vi
gindade propria: *Quomodo fiet istud, quoniam v*
rum non cognosco? Perguntava a Senhora. *Cœp*
erubescere, & timere virginitati suæ: explica
os Doutores, e Interpretes. O Archanjo pois, qu
neste caso só poderia socegar a perturbaçaõ da Se
nhora, assegurando-lhe que seria Mãy, sem qu
por isso deixasse de ser Virgem, o que lhe dis
foy: *Nè timeas Maria, invenisti enim gratia*
apud Deum: ecce concipies in utero, & pari
filium. Naõ temais, Senhora, que achastes pa
vós aquella Graça, que só em Deos se acha; po
que vos foy conferida huma Graça, que com inau
dito, e raro milagre, porá em vós a fecundidad
de Mãy, sem prejuizo de vossa virginal pureza.

Luc. 1. 29.

Ibid. v. 34.

AA. apud Sylv. in Evang. tom. 1 lib. 1. c. 5. q. 29. n. 77.

Luc. 1. 30. 31

14 A perturbaçaõ (assim lhe chama o Texto)
em que a Senhora esteve, quando ouvia o que lhe
annunciava o Archanjo, ainda pede mais reflexaõ;
porque ainda nos dará mais luz ao discurso, e mais
intelligencia ao mysterio: *Quomodo fiet istud,*
quoniam virum non cognosco? Como serey eu Mãy,
sendo Virgem? Perguntava a escolhida para Mãy
de Deos. O Archanjo, por socegar na Senhora es-
te cuidado, e nos deixar mais instruidos na Fé des-

mysterio, lhe respondeo assim: *Spiritus Sanus superveniet in te, & virtus Altissimi obumrabit tibi.* Virá sobre vós o Espirito Santo, e o ltissimo vos communicará sua virtude. O Altisno he o Eterno Padre, na frasi em que fallava o rchanjo; porque com a mesma intelligencia disse, ie nasceria o Filho do Altissimo: *Et Filius Alssimi vocabitur.* A propria, e nocional virtude Eterno Padre, he a de gerar, e conceber, sen Virgem, outra Pessoa Divina, que he o Eterno erbo; e esta he a virtude, que viria sobre a Senho Ouvi a Santo Agostinho: *Filium habebis, & men Virginis non amittes; tanta enim est illa tentia, ut & Matrem reddat fœcundam, & viritatem servet illæsam.* Mas nisto mesmo acho ndamento, para a duvida que já excitey. Se Ma Santissima estava cheya de Graça: *Gratia plena;* nella assistia Deos, por huma especial Graça, que s mais Santos naõ houve: *Dominus tecum*; ainse fazia preciso, que para conceber, sendo Virm, sobre ella viesse o Espirito Santo com nova usaõ da Graça: *Spiritus Sanctus superveniet te?* Sim; porque aquella particular virtude, que no Eterno Padre, para, sendo Virgem, conce, e gerar o Divino Verbo, só se podia communi á Senhora (postoque cheya de Graça) por meyo nova, e mais admiravel Graça, conservativa da rgindade com a Maternidade; para, á similhança Eterno Padre, conceber, e gerar, sendo Virgem: *atiâ plena. Spiritus Sanctus superveniet in te, virtus Altissimi obumbrabit tibi. Filium habis, & nomen Virginis non amittes.*

V. 35.

D. Aug. Ser. 10. de Natal. Dom.

§. IV.

§. IV.

15 ESta he a Graça, que, sobre taõ grand
enchente de Graça, achou Maria San
tissima para si na Conceiçaõ do Filho de Deos: *Si
gularem Virginalis uteri fœcunditatem inveni
apud Deum; & hæc est gratia super gratian*
porque sobre a Graça da Maternidade, teve a Gr
ça da Virgindade fecunda. E qual destas duas Gr
ças (para melhor reconhecimento de ambas) se
mayor? Se entre si precisamente as compararmo
da sórte que se pódem distinguir, qual dellas se
superior? Parece que a Graça condigna, e resp
ctiva á Maternidade he superior a toda a Graça: a
sim como a dignidade de Mãy de Deos só he inferio
á uniaõ substancial, e hypostatica da Divindad
com a Humanidade Christo. Mas o certo he, qu
a Graça unitiva da Virgindade com a Maternidad
em Maria Santissima, he naõ só mayor, senaõ tam
bem mais admiravel, que a Graça da Maternidad
Bem claramente o resolveo Ricardo de S. Louren
ço: *Maius & per omnem modum mirabilius,
virginitate fuisse fœcundam.*

16 He mayor; porque na Graça precisament
necessaria para ser Mãy de Deos, naõ se compre
hende a Graça unitiva da Virgindade com a Mate
nidade, pois naõ era impossivel (absolutament
fallando) que deixasse de haver esta segunda Gra
ça na que fosse Mãy de Deos. He porém certo
que na Graça unitiva da Virgindade com a fecun
didade se inclue necessariamente a Graça da Di
vina Maternidade; porque será impossivel qu
deix

eixe de ser Mãy de Deos, a que for Mãy, sendo
'irgem: *Conceptionis modus ostendit esse etiam*
Deum; (diz o Alapide, fallando da Conceiçaõ de
hristo) *concipi enim de Virgine sine viro, in-*
icabat, qui concipiebatur plus esse quam homi-
em. He mais admiravel tambem; porque a qua-
infinita Graça da Maternidade, pela confedera-
io com a Virgindade, se faz ainda mais admira-
el.

Alap. in Luc. c. 1. v. 35.

17 De todos os Profetas, foy Isaias singular-
ente empenhado em descrever a Graça, com
ue Maria Santissima se disporia para ser Mãy de
eos: e logo no capitulo segundo de sua profecia
encareceo assim: *Erit in novissimis diebus præ-*
ratus mons, domus Domini, in vertice mon-
um, & elevabitur super colles. Haverá hum
onte preparado por Deos, para casa, e morada
a, e será mais alto, e mais sublime que os mais le-
ntados montes. Este monte, e casa de Deos, já
vê que he Maria Santissima; a qual sendo por
eos escolhida para Mãy sua, tambem por elle foy
nada, e preparada com taõ eminente Graça,
ie excedeo á dos mayores Santos, e ainda á dos
njos todos; porque á de todos elles excede a
raça, que he devída, e precisa para a dignidade
Mãy de Deos. Ouçamos a exposiçaõ de S. Gre-
rio Magno ao Texto de Isaias: *Mons quippe*
it Maria, quæ omnem electæ creaturæ altitu-
nem, electionis suæ dignitate transcendit. En-
ando porém o mesmo Profeta a escrever o capi-
lo 53. do seu livro tão cheyo de mysterios, se
rebata em admiraçoens, e principia com esta
efaçaõ: *Quis credidit auditui nostro? Et bra-*
chium

Isa. 2. v. 2.

Isai. 53. v. 1.

chium Domini cui revelatum eſt? Quem acredi-
tará o que me me ouvir? Ha por ventura quem
comprehenda o quanto póde o braço Omnipotent
de Deos? Notavel aparato para ſuſpender os ani-
mos, e conciliar attençoens! Declara finalment
Iſaias o ſeu conceito, dizendo aſſim: *Aſcendet ſi-*
Ibid. v. 2.
cut virgultum coram eo, & ſicut radix de terr
ſitienti. O Texto Hebraico, e a Verſaõ dos Se
tenta leraõ: *Aſcendet ſicut infans ſugens uber.*
Naſcerá Chriſto tenro Infante, alimentando-ſe ao
peitos de ſua Mãy. E eſta he a materia para a ad
miraçaõ do Profeta? Naõ eſtava por elle vaticina
do já, que o Filho de Deos entre todas as mulhe
res eſcolheria huma, para nella incarnar, e naſce
della? Sim: *Erit præparatus mons domus Do-*
mini. Pois ſe agora com tanta admiraçaõ conſide
ra eſſa Mãy, e eſſe Filho: *Aſcendet ſicut infan*
ſugens ubera; como ſe naõ admirou á viſta do meſ
mo, na ſua primeira viſaõ, e revelaçaõ?

18 Porque na primeira profecia deſte myſte
rio, ſó contemplava em Maria Santiſſima a digni
dade de Mãy de Deos: *Præparatus mons domus*
Domini. Na ſegunda, naõ ſó conſiderava a Senho-
ra como Mãy de Deos, vendo-a alimentar ao Fi-
lho: *Sugens ubera*; mas tambem advertia na Vir-
gindade, que ſendo Mãy conſervava: *Et ſicut ra-*
dix de terra ſitienti. De utero Virginis, expõem
a Interlineal. *Virginitatis privilegium demonſtra-*
tur, commenta a Gloſſa, ſeguindo a Verſaõ do
Aquila. Que Deos haja de ter Mãy; grande cou-
ſa he, dizia o Profeta: mas ſey, que tem infinita
Graça, para dignificar, e preparar a Mãy que eſ-
colher: *Erit præparatus mons domus Domini.*
Que

)ue haja porém de se conceber, e nascer de hu-
a Virgem: *Sicut radix de terra sitienti! De
tero Virginis!* Isso he ainda mais admiravel: e
nto mais, que duvido se me acredite: *Quis cre-
idit auditui nostro?*

19 A mesma Senhora quando ao Archanjo
ivio, que em seu ventre conceberia o Filho de
eos, lhe propôs esta duvida: *Quomodo fiet istud,
uoniam virum non cognosco?* E como poderá con-
ber quem he, e sempre será Virgem? Em ser es-
lhida para Mãy de Deos naõ duvidou a Senhora.
creditou ao Archanjo, reconhecendo-o por ver-
deiro no mysterio, que lhe annunciava; mas naõ
cançou o como poderia conservar a Virgindade,
ndo Mãy. Já tinha noticia da Graça, que a digni-
ava para ser Mãy de Deos: *Gratiâ plena Domi-
s tecum*; e parece que naõ comprehendia aquel-
excellente, e admiravel Graça, que, conservan-
lhe a Virgindade, a disporia para a Maternida-
: *Quomodo fiet istud, quoniam virum non cog-
sco?* Quanto he o objecto mais admiravel, e su-
rior, tanto se faz menos perceptivel ao entendi-
nto; e porque a Graça da Virgindade fecunda
superior, e mais admiravel, que a da Materni-
de, por isso no mesmo ponto, em que a Senho-
acreditava ser escolhida para a Maternidade, ain-
se punha a examinar o como seria Mãy, sendo
rgem: *Quomodo fiet istud, quoniam virum non
gnosco?*

Juxta doctrinã Recẽtiorũ cum D. Ambros. apud Sylv. in Evang. tom. 1. lib. 1. cap. 5. q. 45. n. 136. & n. 133.

20 Discorro que estava Isaias profeticamen-
ouvindo esta conferencia entre a Senhora, e o
chanjo, ao tempo em que escrevia estes Myste-
s; e reflectindo no que se lhe representava, di-

ria assim: Se a Mãy de Deos naõ comprehendé
como conceberá, sendo Virgem; quem me ha
acreditar ouvindo-me, que na Senhora haverá Gr
ça unitiva da Virgindade com a Maternidad
Quis credidit auditui nostro? Ascendet sicut
fans sugens ubera, & sicut radix de utero Vir
nis? Julgou Isaias que para intelligencia de
Graça conservativa da Virgindade, era preci
comprehender-se a virtude da Omnipotencia: *Br*
chium Domini cui revelatum est? Tambem á O
nipotencia recorreo o Archanjo, para persuadi
Senhora, que naõ seria impossivel ser Mãy, se
jactura da Virgindade: *Non erit impossibile ap*
Deum omne verbum. Para se entender quanta
a Graça necessaria para a Maternidade Divina p
cisamente considerada, bastará recorrer-se á cap
cidade, que para ella tem a creatura raciona
porque cabalmente explicará a Graça da Mater
dade, quem com S. Bernardino disser, que he t
da a de que huma creatura racional he capaz, e
toda a esfera da possibilidade: *Tanta gratia vi*
gini à Domino data est, quantum uni puræ cre
turæ dari possibile esset. Esta foy a mente, co
que o Archanjo disse á Senhora, que estava che
de Graça: *Gratià plena*; porque quanta capa
dade se podia achar na Senhora, para em si receb
a Divina Graça, toda se encheo, e occupou del
Mas para se entender quanta he a Graça da Divi
Maternidade com a Virgindade, he preciso apa
tar a consideraçaõ, e o pensamento de todo o cre
do, e recorrer só a quanto se estende o braço
Omnipotencia Divina: *Brachium Domini cui r*
velatum est? Non erit impossibile apud Deum o

Luc. 1. 37.

D. Bernard. Senes. tom. 1. Serm. 6.

ne verbum. A razaõ he; porque a Graça unitiva da Virgindade com a Maternidade, ainda ſe moſtra ſer mais alta, e mais admiravel, que a preciſa Graça da Maternidade: *Maius, & per omnem modum mirabilius, in virginitate fuiſſe fœcundam.*

§. V.

21 BAſtantemente ſe tem moſtrado qual ſeja a Graça, que a Senhora achou para ſi, e a excellencia da meſma Graça. Bem pudeamos dar por concluido o ponto deſta primeira arte, ſe prégaramos a auditorio menos douto: mas como na occaſiaõ preſente os conceitos dos uvintes pedem mais attenção, que os do Prégaor, devo ſatisfazer a huma objecção, que me pa- ece lhes eſtou ouvindo. Direis que a immenſa Graça, com que Maria Santiſſima ſe dignificou para ſer Mãy de Deos, foy a meſma que lhe conſervou a Virgindade, unida com a Maternidade; porue tudo era effeito daquella Graça ſantificante, e que a Mãy de Deos eſtava cheya. Logo na Conceiçaõ do Filho não achou Maria Santiſſima eſpeial Graça para ſi, além da Graça, que preciſamente correſpondia á Maternidade. Aſſim parece; mas em por iſſo deixou de haver differença de huma Graça a outra. A razão o moſtra; porque a Graça, ue dignificou a Senhora em grão tão alto, como a conveniente para conceber o Filho de Deos, e Graça, que lhe conſervou a flor com o fructo, a irgindade com a Maternidade, tinhão diverſos ffeitos, dos quaes bem podia o primeiro exiſtir m o ſegundo: logo erão diverſas Graças. Te-

mos exemplo para prova, e para mais clareza.

Reding. tom.5. q.4. a.1.contr.1. Gonet. tom. 5 ad 3 a.4. Babenſt.tr.8 p. 1. diſp. 4. a.1.

22 Todos os Sacramentos produzem Graça que nos ſantifica; mas a Graça de hum Sacramen to he diverſa da Graça de outro Sacramento: nem póde hum produzir a Graça do outro; porque ca da hum delles he inſtituido para diverſo effeito Tambem aſſim a Graça conſervativa da Virginda de com a Maternidade, era Graça com diverſo ef feito: logo era diverſa Graça. Demais. A Graç Sacramental alguma propriedade inclue em ſi, qu ſe naõ acha na Graça naõ Sacramental, pelo eſpe cial effeito, que aquella Graça tem, e eſta naõ *Gratia Sacramentalis addit ſuper gratiam com muniter dictam*; enſina Santo Thomaz. Da meſ ma ſórte: a Graça, que na Senhora conſervou Virgindade unida com a Maternidade, teve algum effeito eſpecial, que não era proprio, e preciſo d Graça ſantificante da Máy de Deos: logo era diver ſa Graça. Vede como o effeito deſta ſegunda Gra ça he claramente diſtincto, e bem diverſo do ef feito, que geralmente ſe acha na Graça ſantificante

D.Thom. 3. p.q.62.a.2.

23 He ſem duvida, que o effeito daquella Gra ça ſantificante, com que Maria Santiſſima ſe ſan tificou, e diſpôs para ſer Máy de Deos, foy pura mente eſpiritual; porque era effeito da Graça eſ piritual, que lhe ſantificava a alma. Porém a Gra ça, que lhe conſervou a Virgindade unida á Ma ternidade, era Graça tambem corporal, porque produzio hum effeito corporal; fazendo que foſſe corporalmente Virgem, a que era corporalmente Máy. Naõ me aparto da doutrina dos Padres mais veneraveis da Igreja: elles me deraõ a conhecer na Virgem Máy eſta Graça corporal. Ouvi ao con-

templativo

mplativo Idiota: *Invenisti gratiam apud Deum, dulcissima Virgo: gratiam inquam corporalem; quia fuisti vas innocentiæ purissimæ, virginitatis primipila, sine corruptione fœcunda.* Em menos palavras disse o mesmo S. Bernardino de Sena: *Ave gratiâ plena, gratiâ inquam spirituali, & corporali.* Com mais distinçaõ o tinha dito já S. Bernardo: *Prior quidem gratia ejus tantùm repleverat mentem, secunda vero etiam ventrem.* Duas Graças houve na Senhora (diz o Doutor Mariano, e Melifluo) a primeira foy só espiritual; porque se empregou toda em lhe santificar a alma: a segunda foy corporal tambem; porque sendo em si espiritual, no effeito era corporal, pois tambem lhe santificou o ventre, dignificando-o para a Conceiçaõ do Filho: e esta Graça corporal foy a conservativa da Virgindade com a Maternidade: *Invenisti gratiam apud Deum, ó dulcissima Virgo: gratiam inquam corporalem, quia fuisti.... sine corruptione fœcunda.*

Idiot. c. 6. de V. Mar.

D. Bernard. tom. I. Ser. 52.

D. Bern. Hom. 4. sup. Missus est.

24 Allumiada Marcella pelo Espirito Santo, á vista dos milagres que obrava Christo, disse: *Beatus venter qui te portavit*: ou como expõem Alapide: *Sanctus debuit esse hic venter.* Santo he sem duvida o ventre, que vos concebeo. Parece que impropriamente fallou esta mulher Evangelica. Da Graça nao se póde prégar, nem tratar com propriedade, sem se recorrer á Theologia: e se perguntais aos professores della, que cousa seja a Graça santificante? Respondem: Que he huma qualidade espiritual, e sobrenatural, que se infunde na alma, para a santificar. Pois como se poderia no ventre corporal de Maria Santissima infundir a Graça, que

Luc. 11. 27.

Alap. hic.

o ſantificaſſe? Porque na Mãy de Deos houve n
ſó Graça eſpiritual, ſenaõ tambem corporal. Ho
ve na Senhora Graça eſpiritual, como nos mais Sa
tos, para lhe ſantificar a alma: e houve Graça co
effeito corporal (como em nenhum dos mais Sa
tos) para lhe ſantificar o corpo. A razão he, diz
Bernardo, porque como Maria Santiſſima hav
conceber em ſi a Deos corporal, e eſpiritualme
te, devia ter Graça eſpiritual, e corporal tamben
D. Bern. cit. que lhe ſantificaſſe a alma, e o corpo: *Quatent*
ſcilicet plenitudo Divinitatis, quæ antè in ill
ſicut in multis Sanctorum, ſpiritualiter habit
bat, etiam, ſicut in nullo Sanctorum, corporal
ter in ipſa habitare incipiat. A ſantidade da a
ma era effeito da Graça eſpiritual: a ſantidade d
ventre era effeito da Graça corporal; e porqu
erão dous os effeitos, duas erão tambem as Graça
huma para ſantificar a alma, outra para ſantifica
o corpo: *Beatus venter: Sanctus debuit eſſe h*
venter.

25 Agora ſe entende a propriedade, com que
mulher Evangelica querendo louvar a ſantidade
e Graça do ventre da Senhora, lhe chamou Bem
aventurado: *Beatus venter.* Se aquelle ventre nã
via, nem podia ver a Deos, em cuja viſta conſiſte
Bemaventurança das creaturas; como explica Mar
cella a Graça, e ſantidade do ventre da Senhora
por hum termo propriamente expreſſivo da Bem
aventurança: *Beatus venter*? Sem duvida par
moſtrar aſſim, que a Graça, e ſantidade na Mãy
de Deos, era não ſó eſpiritual, ſenão tambem cor-
poral. Notay. No Ceo para a alma, e para o cor-
po ha Bemaventurança; porque tambem os cor
po

os feráõ gloriofos no Ceo. Da mefma forte a Gra-
em Maria Santiffima. Houve nefta Senhora Gra-
efpiritual para a alma, e corporal para o corpo.
ttendendo pois a efta proporçaõ, e fimilhança,
xplicou Marcella a Graça da Senhora pelos ter-
os proprios da Bemaventurança: *Beatus venter.*
26 Os Theologos Efcolafticos naõ tratáraõ da
raça corporal; porque fe empregaõ fó na efpe-
lação della, em quanto he em fi mefma efpiri-
al; mas ainda com as fuas doutrinas nos daõ luz,
ra conhecimento da Graça corporal no feu effei-
. Dizem elles, fem controverfia, que a Graça he
ma participaçaõ da natureza Divina: e com ra-
o; porque como os juftos por virtude da Graça
m algumas operaçoens das que faõ proprias á na-
reza Divina, precifamente devem fer pela mef-
a Graça participantes deffa natureza, que he
incipio, e raiz de taes operaçoens. Difcorrey
ora commigo, fuppofta a doutrina que ouviftes.
aria Santiffima fe fez participante da natureza Di-
na, quando corporalmente gerou, e concebeo,
ndo Virgem; porque a Virgindade fecunda fó
propria da natureza Divina: logo teve Graça,
e corporalmente a difpôs para conceber, e ge-
r, fem detrimento da Virgindade propria.
27 Sirva o Sagrado Texto de confirmar a ra-
õ: *Rorate Cœli defuper, & nubes pluant juf-
um, aperiatur terra, & germinet Salvatorem.* Ifa. 45. 8.
Verfaõ Arabica lê affim: *Gratiam præfta Cœ-
um defuper.* Aprefentava Ifaias efta deprecaçaõ
Deos: Infundi já, Senhor, a voffa Graça, para
ue com ella floreça a terra, e produza o Salvador
o mundo. Fallava o Profeta daquella Graça, com

que Maria Santiſſima ſe diſporia para ſer Mã
de Deos: mas havendo na Senhora huma parte eſ
piritual, que he a alma, outra terrena, que he o cor
po; rogava o Profeta Graça para o corpo terreno
e naõ Graça para a alma eſpiritual. Ou ſe pedia hu
ma, e outra, ſó da Graça corporal fazia clara expreſ
ſaõ: *Gratiam præſta Cœlum deſuper. Aperiatu*
terra, & germinet. Sem duvida quiz o Profet
dar-nos conhecimento, e noticia deſta corpora
Graça, com que neceſſariamente ſe devia diſpor
Senhora, para corporalmente conceber, e gerar
Filho de Deos: *Aperiatur terra, & germinet*
Mas quizera eu ouvir tambem do Profeta, que ope
raçaõ teria eſſa Graça corporal, que taõ empenha
damente rogava? Elle a declarou muy bem. Devi
ſer huma operaçaõ, em que a natureza corporal moſ
traſſe alguma ſimilhança, ou imitaçaõ da Divina
e tal foy a de gerar, ſendo Virgem. Notay.

28 *Aperiatur terra, & germinet Salvatorem*
Abra-ſe a terra (orava o Profeta aſſim) e produ
za o fructo da vida, que he o Salvador do mundo
Abrir-ſe a tera, como dizem os Expoſitores deſte
lugar, he florecer. Daqui veyo o nome ao delicioſo
Abril, mez em que ſe abre a terra, porque flore-
cem as arvores: e neſte ſentido diſſe o livro dos
Proverbios: *Aperta ſunt prata.* Mas ſe a terra
ha de florecer: *Aperiatur*; como ha de fructificar
juntamente: *Et germinet*? Ha de produzir o fru-
cto, e conſervar a flor: *Aperiatur, & germinet*?
Sim; que para eſſe milagre concorria a virtude da
Graça corporal: *Gratiam præſta Cœlum deſuper.*
A terra he Maria Santiſſima, como expõem todos
os Commentadores: a flor, a Virgindade, como al-
legoriza

Sanchez Alap. in hũc loc.

Prov. 27. 25.

goriza Laureto: o fructo he Christo Salvador do
undo, que assim o diz o Texto; e para a Mãy de
eos gerar, e conceber, sendo Virgem, rogava o
rofeta a Deos huma Graça, cuja operação, e ef-
eito fosse corporal, unindo a Virgindade com a
laternidade: *Aperiatur terra, & germinet
alvatorem.* Tinha profetizado Isaias, que huma
irgem havia de ser Mãy de Deos: *Ecce Virgo con-
piet, & pariet Filium*; e ancioso pela execução
esta profecia, rogava a Deos que mandasse já o
u Unigenito Filho ao mundo: *Nubes pluant ju-
um*; mas para isso lhe deprecava aquella Graça,
ue corporalmente unisse na Mãy de Deos a Vir-
ndade com a fecundidade, á similhança da fecun-
idade Divina; porque entendia, que desta Gra-
corporal seria a Mãy de Deos precisamente or-
ada, para conceber, sendo Virgem: *Gratiam
ræsta Cœlum desuper, & nubes pluant justum:
periatur terra, & germinet Salvatorem.* Não
dissera immensa a Graça da Senhora, se toda
oubera em sua Alma Santissima, sem se lhe com-
unicar tambem ao corpo: antes por essa razão
specialmente chêa de Graça, porque a teve não
ó na Alma, senão tambem no corpo, em que unio
Maternidade com a Virgindade: e esta he a Gra-
a admiravel, que achou para si a Mãy de Deos na
onceiçaõ do Divino Verbo: *Invenisti gratiam
pud Deum: ecce concipies in utero. Singularem
irginalis uteri fœcunditatem invenisti apud
Deum.*

§. V.

§. VI.

29 Vista já a Graça da Senhora, na que achou para si quando concebeo; vejamos a que para nós achou, dando-nos em seu Parto o Author da Graça: *Invenisti gratiam: paries Filium.* Não sey se neste Parto acho contra mim a razão. Os filhos nascem para seus pays. Para Abraham nasceo Isaac: *Sara uxor tua pariet tibi filium.* Esau, e Jacob nascerão para sua mãy: *Dedit conceptum Rebeccæ.* Rachel pedia filhos para si: *Da mihi liberos.* Dos filhos que tinha, dizia Jacob que Deos lhos dera: *Parvuli sunt, quos dedit mihi Deus.* A Zacharias annunciou hum Anjo, que para elle havia de parir Isabel hum filho: *Elizabeth uxor tua pariet tibi filium.* Logo para a May de Deos era o Filho, que nasceria della; e no Parto, mais para si, que para nós, o achava. Assim devêra ser, se em Christo, além da razão de Filho, não houvera a de Author da Graça. Nas produçoens da natureza, o dominio se julga pela posse: nas produçoens da Graça, julga-se o dominio pela communicaçaõ. Se Christo não fora Author da Graça, só para sua Mãy nascera; mas sendo Author da Graça, e a mesma Graça, devia nascer para todos: *Pariendo Beatissima Virgo gratiæ authorem, quodammodo gratiam ad omnes derivavit.*

Genes. 17. 19.
Genes. 25. 21.
Genes. 30. 1.
Genes. 33. 5.
Luc. 2. 13.

30 Diz S. Paulo, que a Graça do Salvador do mundo apparecera para todos os homens: *Apparuit enim gratia Dei Salvatoris nostri omnibus hominibus.* Que Graça he esta? Perguntaõ os Santos Padres, e Expositores. Alapide, seguindo a S. Ber-

Ad Tit. 2. 11

Bernardo, e conformando-se mais com o literal o Texto, resolve que esta Graça he o mesmo Christo: *Gratia Christi, idest, Christus ipse.* Em eu nascimento appareceo Christo; porque antes e nascer estava occulto no materno ventre. Mas e appareceo nascendo, como apparece para todos, que como Filho só devia nascer para sua Mãy? mesmo Apostolo nos declarou a razão, e o mysrio. Deo a Christo o nome de Graça, por ser del-Author: *Apparuit gratia*; e para todos appacia, porque nascia nelle a Graça para todos: *Apparuit gratia Dei Salvatoris nostri omnibus ominibus: idest, Christus ipse.* Duas vezes nasceo hristo: a primeira na Incarnaçaõ, e a segunda no arto. Na Incarnaçaõ só nascia para sua Mãy Sanssima: *In ea natum est*; porque para ella encainhava entaõ, e nella infundia toda a enchente e sua Graça: *Gratiâ plena.* No Parto a mesma nhora dirigia essa Graça para nós: *Pariendo eatissima Virgo gratiæ authorem, quodammodo atiam ad omnes derivavit*: por isso nascia en- para nós todos o Author della: *Apparuit gratia Dei Salvatoris nostri omnibus hominibus, id , Christus ipse.*

Alap. hic.

Matth. 1. 20.

31 Bem; mas naõ sey se deo occasião a infe--se, que totalmente negamos á Mãy de Deos a zão, e o titulo de Senhora da Graça. O Author lla nascia para nós; porque nos foy dado pelo erno Padre: *Parvulus enim natus est nobis, & lius datus est nobis*; pois que dominio, ou que thoridade póde ter Maria Santissima na Graça, em seu Author, se este nos foy dado a nós: *Das est nobis*; e para nós nasceo: *Natus est nobis*?

Isa. 9. 6.

Have-

Havemos attribuir á Máy de Deos o que lhe naõ devemos? Não; mas devemos attribuir a Maria Santissima essa Graça, e o Author della; porque so por meyo do Parto da Senhora, e nascimento do Filho, nos foy dado taõ grande bem. Aindaque o Author da Graça nos foy dado a nós pelo Eterno Padre, como dadiva; foy dado a Maria Santissima como Filho: *Concipies in utero, & paries Filium*: e se o Author da Graça era Filho, como não será a Máy Senhora da Graça delle?

D.Bern.S.1. sup. Missus est. Maldon. in c.2. Luc. VegaTheol. Mar. Palest. 27.cert.4.

32 He celebre questão assim entre os Theologos, como entre os Expositores, se a excellencia da uniao hypostatica fez que Christo, quanto á humanidade, fosse isento da patria potestade, com que os mais filhos saõ sugeitos, e subditos a seus pays? A opinião, a meu entender, mais provavel responde que não. Assim o resolveo Santo Ildefonso, enchendo-se de admiração neste ponto: *Ut haberet ancilla in subdito Dominum, ancillam Dominus in Prælato: essetque Dominator nascendo, subditus ancillæ, quam ipse condiderat; sicque haberet ancilla potestatem in subditum Dominum.* Do mesmo entender foy o insigne Cancellario Gerson: *Habet veluti authoritatem, & naturale dominium, ad totius mundi Dominum.* Logo, e com mais razão, estavão como sugeitos á disposição de Maria Santissima, em quanto Máy, a Graça, e mais bens sobrenaturaes de Christo, em quanto seu Filho. Sim; infere o mesmo Gerson, e continua dizendo: *Et à fortiori, ad id quod huic subjectum est Domino.* Confirme-o Santo Athanasio: *Decet Matrem & quæ Filii sunt possidere.* Nascia pois para nós o Author da Graça; mas como nascendo,

D.Ildef. lib. 6 de Virg. Mar. c 8.

Gers. Serm. de Annũtiat.

D. Athan. Ser. de Deipar.

D.Joan Damasc orat. 2 de Assũpti.

quiz

uiz sujeitar-se á jurisdição, e potestade de Mãy: mbem quiz que a Graça ficasse ao arbitrio della, ra a dispender comnosco, como Senhora, ou ispensadora da Graça de seu Filho. Não posso cusar-me de repetir as palavras, com que o dis- S. Bernardino de Sena: *A tempore, quo Virgo Mater concepit in utero Verbum Dei, quandam ut sic dicam) jurisdictionem, seu auctoritatem tinuit in omni Spiritus Sancti processione tem- rali; ita quòd nulla creatura aliquam à Deo tinuit gratiam, vel virtutem, nisi secundùm ip- s piæ Matris dispensationem.*

D. Bern. Senens. relatus supr. n. 3.

33 Naquellas bodas de Caná em Galilêa, que hristo, e sua Mãy Santissima authorizaraõ assistin- a ellas, como faltasse o vinho, ensinuou a Se- ora a Christo, que milagrosamente remediasse alta; e Christo lhe respondeo assim: *Quid mihi, tibi est mulier? Nondum venit hora mea.* Já beis quam grave difficuldade reconhecem os ntos Padres na exposição destas palavras. Santo gostinho tem para si, que nellas dizia Christo, o ser ainda chegada a hora de se manifestar o ysterio, e razão occulta, que nelle havia para m a Senhora; porque ainda não era tempo de se clarar ao mundo, que elle era Deos, e que Maria ntissima era Mãy de Deos: *Nondum venit ho- mea, qua ostendam, quid tibi, & mihi sit ó Ma- r, scilicet, me ex te assumpsisse naturam huma- m.* Que Christo era Filho da Senhora, sabião dos; mas, que Christo era Deos, e que Maria San- ssima era Mãy de Deos, muy poucos erão os que sabião, nem era ainda tempo de se fazer notorio m aquelle milagre. Bem: mas se Moysés con- verteo

Joan. 2. 4.

D. Aug. apud Alap. in hũc locum Joan.

verteo a vara em ſerpente, e as agoas do Nilo em ſa
gue, ſem ſer Deos; como ſe faria patente, q
Maria Santiſſima era Māy de Deos, ao paſſo em q
o Filho converteſſe a agoa em vinho? Porque ne
ſe caſo ſe daria a ver, que a Senhora tinha auth
ridade, e poder nas acçoens ſobrenaturaes, e m
lagroſas do Filho; o que ſó he proprio da Māy
Deos. Os mais filhos ſaõ ſujeitos aos pays nas a
çoens naturaes unicamente; porque ſó eſtas ſ
proprias dos mais filhos. Porêm a Māy de Deo
até nas acçoens ſobrenaturaes de Chriſto tem a
thoridade; porque tambem eſtas ſaõ proprias
Filho, que ella concebeo, e gerou, como verdade
ra Māy. Fazendo pois Chriſto aquelle milagr
por mandado de Maria Santiſſima, vinha a ſer p
tente o myſterio entre a Māy, e o Filho de Deo
O Filho ſe moſtrava ſer Deos, obrando milagr
por obedecer á Māy, que ſó o podia mandar
que elle por natureza pudeſſe obrar: e ſó a Deo
compete obrar milagres por natureza. A Māy tam
bem ſe moſtrava ſer Māy de Deos, naõ lhe ſend
iſentas as acçoens do Filho, que era Deos; por
que nellas, e no meſmo Filho moſtrava ter autho
ridade, e hum quaſi natural dominio: *Habet velu
ti authoritatem, & naturale dominium ad totiu
mundi Dominum, & à fortiori ad id, quod hui
ſubjectum eſt Domino.*

34 Eſta authoridade, que a Māy de Deos te-
ve ſobre as acçoens theandricas de Chriſto, eſ-
pecialmente exerce na diſtribuição da Graça, co-
mo Māy que he do Author da Graça: o qual ne-
nhuma nos quer communicar, ſem que por me-
yo de ſua Māy Santiſſima nos ſeja paticipada: *Ne*
mo

*o est, cujus misereatur gratia, nisi per te, ó ho-
estissima*; disse S. Germano Patriarca de Cons-
ntinopla: *Plenitudinem totius boni posuit in
Maria, ut perinde siquid gratiæ in nobis est, ab
noverimus redundare*, disse S. Bernardo; e o
rchanjo talvez lhes inspirou esta doutrina. Sau-
ndo a Senhora disse: *Ave gratiâ plena*. Taõ
ofundos Mysterios se comprehendem nestas pa-
vras, que sempre daráõ materia a novas pondera-
ens. Cheya de Graça! Parece impossivel; por-
ue quanto a Graça he mayor, e mais intensa,
usa mais capacidade, e mayor disposição para
ova, e mayor Graça. Logo ao mesmo passo, em
ue a Maria Santissima considerar-mos cheya de
raça, não estará cheya della; porque estará en-
o mais disposta, para em si receber dobrada, e
ayor Graça. Parece que sim; mas tambem he cer-
, que a Graça de dous modos se communicou á
áy de Deos: de hum modo, para a santificar; de
tro modo, para nos ser por ella communicada,
gundo acabamos de ouvir aos Santos Padres. A
raça, que santificava a Máy de Deos, podia aug-
entar-se, por mais que estivesse cheya de Graça:
as a que por ella, como Senhora da Graça, nos ha-
a ser communicada, foy huma taõ grande en-
ente de Graça, que jamais se não podia augmen-
r, porque foy toda a Graça de seu Filho. Ouça-
os a S. Jeronymo: *In Maria totius gratiæ ple-
tudo, quæ in Christo est, venit*; quanvis aliter;
eve Maria Santissima (diz o Doutor Maximo)
mesma enchente de Graça, que em Christo hou-
e; mas de outra sorte. Profundissima he a mente
o Santo, e ainda se não percebe. He certo que
a san-

D. Germ. in Mariali.
D. Bern Ser. de Aquæ-ductu.
D. Hier. Ser. de Assupt. B. V.

a ſantidade em Chriſto foy incomparavelment
mayor, que em ſua Mãy Santiſſima: logo não te
ve a Senhora tanta Graça, como em Chriſto hou
ve. E ſe a Graça na Mãy era toda a que no Filh
houve, como a não teve da meſma ſorte? Po
que ſe bem houve em Maria Santiſſima a Graç
toda de Chriſto, não era toda para a ſantifica
como propria: era para a diſtribuir tambem, co
mo Senhora da Graça de ſeu Filho. Em Chriſt
houve infinita Graça para o ſantificar a elle, e po
ſeus merecimentos ſe nos communicar a nós. E
Maria Santiſſima houve a meſma Graça, porqu
teve a Graça toda de Chriſto, não para ſer co
toda ella ſantificada, mas para a diſtribuir com
noſco, conforme pede a authoridade de Mãy d
Author da Graça: *Gratiâ plena. Plenitudinem to
tius boni poſuit in Maria, ut perinde ſiquid gra
tiæ in nobis eſt, ab ea noverimus redundare.*

Juxta Maior in 3. d. 13. q. 1. Almai. ibid. §. His ſuppoſitis. D. Thom. 3. p. q. 7. a. 11. ubi inquit *Gratia Chriſti poteſt dici infinita, eò quod non limitatur.*

35 Obſerva Chriſto entre ſi, e ſua Mãy San
tiſſima a meſma ordem inſtituida entre elle, e ſe
Eterno Padre, para ſe nos communicar a Graç
He Chriſto o depoſito de todas as Graças do Pa
dre; e nenhuma ſe nos concede, ſem que por el
le nos ſeja communicada: *Benedixit nos in omn
benedictione ſpirituali in cæleſtibus in Chriſto*
Tambem Maria Santiſſima he depoſito fideliſſimo
de toda a Graça de Chriſto: *In Maria totius gra-
tiæ plenitudo, quæ in Chriſto eſt, venit*: e nenhu-
ma Graça quer Chriſto que haja em nós, ſem que
de Maria Santiſſima a recebamos: *Nihil nos Deus
habere voluit, quod per manus Mariæ non tran-
ſiret*, diz S. Bernardo; porque como Filho quer
deſempenhar aſſim o reſpeito, que para com ſua
Mãy

Ad Epheſ. 1. 3.

D. Bern. Ser. 4. in Vig. Nativit.

Máy Santissima contrahio pelo nascimento. Mas
em porque a Graça do Filho se nos communica
or meyo da Máy, nos fica mais difficultosa, ou
nenos segura a impetraçaõ della; porque da hora
o Parto, em que nos deo o Filho, sempre nos está
fferecendo a sua Graça: *Paries Filium. Pa-
iendo, quodammodo gratiam ad omnes derivavit.*

§. VII.

36 EU dissera, que havendo na Senhora au-
thoridade de nos communicar a Gra-
de seu Filho, muito se deve alentar em nós a
perança de a conseguirmos; porque a Máy de
eos he para nós taõ pia, que parece mais esti-
ou achar a Graça para nós communicada no Par-
, que achar para si a Graça na Incarnação. Bem
que a Graça do Parto era dependente da Graça
Incarnação: e se a Máy de Deos naõ achára a
raça de seu Filho para si, a naõ pudêra achar pa-
nós; porque a Graça, que tem, a fez distribui-
ra da que por ella se nos communica. Mas he
n duvida que a Senhora, cuja humildade exce-
o á de todas as creaturas, nunca rogou a Deos
ra si a Graça da Maternidade: e nunca cessou de
pedir o Author da Graça para os homens to-
s, senaõ depois que em si o teve para no-lo dar
Parto; como se mais o desejára para nós to-
s nascido, que só para si concebido.
37 Quando a Senhora deo seu consentimento
a nella incarnar o Divino Verbo, fallou ao Ar-
njo nesta forma: *Fiat mihi secundum verbum
um*: execute-se a vossa segunda palavra. Assim Luc. 1. 38.
 expli-

B. Albert. M. in hũc locũ, ait: Poteſt etiam ly *ſecundũ*, nomen eſſe ordinale, ut ſenſus ſit (ſecũdum verbũ tuũ) quod in ſalutatione poſitũ eſt.

explica o B. Alberto Magno eſte profundo, e myſterioſo Texto. Duas palavras diſſe o Archanjo á Senhora: *Concipies, & paries*, haveis de conceber, e parir. A primeira palavra era da Incarnaçaõ, e a ſegunda do Parto. O Myſterio da primeira, era o meſmo que o da ſegunda; mas na acceitaçaõ da Mãy de Deos, a ſegunda palavra foy a eſcolhida, e a preferida: *Fiat mihi ſecundum verbum*; porque a primeira ſe referia á Incarnaçaõ: *Concipies*; e a ſegunda ao Parto: *Paries*; e a Mãy de Deos eſtimava em mais dar a todos os homens o Author da Graça no Parto, que o concebê-lo ſó para ſi na Incarnaçaõ.

38 Nem lhe foy inutil o dictame deſta preferencia; porque a meſma Senhora, e Mãy da Graça entendeo, que dando-nos o Author da Graça no Parto, o tinha mais para ſi. Entaõ mais ſeu, quando he tambem para nós: *Fiat mihi ſecundum verbum tuum*: faça-ſe para mim a voſſa ſegunda palavra, diſſe a Senhora, e parece naõ eſtár bem dito; porque na primeira palavra do Archanjo ſe promettia o Filho concebido nella: *Concipies*; e na ſegunda palavra, *Paries*, ſe promettia naſcido para nós: *Natus eſt nobis.* Pois ſe a Senhora pede o Verbo para nós naſcido, conforme a ſegunda palavra: como entaõ o reputa para ſi: *Fiat mihi ſecundum verbum*? Porque quando a Senhora nos dá o Author da Graça, entaõ o conſidera mais ſeu: *Paries*: *Fiat mihi ſecundum verbum.* Eſcolhia Maria Santiſſima como para ſi: *Fiat mihi*; e o que mais deſejava era para nós; porque ſuſpirava por nos dar o Author da Graça no Parto: *Paries*: *Fiat mihi ſecundum verbum.*

Os

s ſette OO de Maria Santiſſima neſtes ſette dias,
ue ſaõ, ſenaõ huns intimos deſejos de nos dar o
lho, que concebeo? O' ſe chegára já para mim
hora ditoſa do Parto mais feliz para o mundo
do! O' ſe a natureza admirada porque conce-
eo huma Virgem, agora já ſe admirára com o
rto da meſma Virgem! O' ſe quizeſſe já o Di-
no Sol, deixando a nuvem que o encerra, moſ-
ar ſeus reſplendores ao mundo! O' ſe vira eu para
homens todos naſcido já o meu Filho! O' ſe
déra eu dar já aos homens o Filho de Deos, que
ncebi, e tenho em meu ventre! O' ſe moſtrára
já aos filhos da culpa o Author da Graça! O'
por meyo delle naſcido, pudéra eu neſta hora
caminhar para as almas todas a ſua Graça!

39 Cada O deſtes levava a Maria Santiſſima
m dia inteiro, porque no eſpaço de todo elle
lhe não interrompia o deſejo de que ſe apreſſaſ-
, e chegaſſe a hora do Parto: e á força deſtes
ſejos chegou a hora de ſeu Parto, e do Naſci-
ento do Filho. Diz Guerrico Abbade, que o
ntre de Maria Santiſſima era hum Ceo fecha-
, e rodeado com ſette circulos, que ſaõ ſet-
OO: *O' uterum, qui cœlum eſt, ſeptem circu-* Guer. Abbas
conſtans. Mas ſe ſette circulos fechavaõ o Filho
Deos naquelle ventre celeſtial, ſette OO o abri-
õ (ſem o violar) para que naſceſſe. Hum O he
ma aſpiraçaõ, e ſabemos que a aſpiraçaõ ſe des-
quando ſe forma. Em cada hum deſtes dias
rmava a Senhora huma aſpiraçaõ, e em cada
piraçaõ hum O; mas com a meſma aſpiraçaõ ſe
sfazia hum O, e hum dos circulos do ſeu ven-
, atéque á violencia, e ternura de ſeus OO, e
V ii de

de ſuas aſpiraçoens, chegou a hora de ſeu ſuſpira
do Parto, em que nos deo o Filho naſcido. Para
conceber em ſi [notay bem] tudo foraõ na Se
nhora reparos, e difficuldades: *Quomodo fiet iſ
tud, quoniam virum non cognoſco?* Para o da
naſcido, tudo na Senhora foraõ deſejos: e eraõ ta
fervoroſos, que a affligiaõ em quanto ſe lhe dilata
va o Parto: *In utero habens clamabat parturien*
& cruciabatur ut pariat, diz o Apocalypſe. *De*
ſiderio, quo tenebatur, ut pareret Filium; ex
põem o Carthagena: porque na Incarnaçaõ, o
Conceiçaõ do Filho, recebia em ſi, e para ſi
Author da Graça; porém no Parto a todos com
municava o Author Graça, e com elle tambem
meſma Graça: *Eum, qui eſt plenus gratiâ, pa*
riendo, quodammodo gratiam ad omnes derivavit
e iſſo he o que a Mãy de Deos mais deſejava: *Fia*
mihi ſecundum verbum tuum. Paries Filium.

Apoc. 12. 2.

Carthagen. t 2. lib. 7. Hom. 2.

§. VIII.

40 TEmos ponderado a Graça, que a Se-
nhora achou para ſi, e para nós: na
Incarnaçaõ para ſi, e para nós no Parto. Nas clau-
ſulas do Evangelho preſente deſcobrio Hugo Vi-
ctorino, que de tres differentes modos foy Maria
Santiſſima honrada, e enriquecida com a Divina
Graça; porque houve nella a Graça, de que foy pre-
parada, e cheya, para receber dignamente o Fi-
lho de Deos: *Gratiâ plena Dominus tecum.* Hou-
ve ſobre ella a Graça, que a fez ſombra do Eter-
no Padre, para, á ſimilhança delle, conceber, e ſer
Mãy, ſendo Virgem: *Spiritus Sanctus ſuperve-*
niet

et in te, & virtus Altissimi obumbrabit tibi. ouve Graça, que sahio della, em Christo, e por le se nos communicou para nos salvar: *Paries ilium.* Ouvi a exposiçaõ, e nota de Hugo: *Su- r eam ad umbrationem; in eâ ad fœcunditatem; eâ ad salvationem.* Tudo vimos, e tudo com- ehendemos nos discursos deste Sermaõ. Vimos Graça, que houve na Senhora: *Gratiâ plena;* achámos que era infinita, immensa, e incom- ehensivel. Vimos a Graça, que veyo sobre Ma- Santissima: *Spiritus Sanctus superveniet in* ; e achámos que teve especialmente huma Graça rporal, por cuja virtude, assimilhando-se ao erno Padre, concebeo, e gerou, sendo Virgem. timamente vimos a Graça, que sahio da Senho- para nós, e foy esta o Filho, que nos deo: *Pa- es Filium.* Resta-nos agora pedir, e rogar-lhe e pois he Senhora, e Mãy da Graça, queira, ou mo Senhora dispender comnosco liberalmente s thesouros da Graça, que tem a seu arbitrio: ou mo Mãy interceder por nós a seu Filho, e Author Graça, para nos communicar os auxilios mais portunos della; com os quaes resistamos aos ini- gos de nossas almas, vençamos suas tentaçoens, e ereçamos ser coroados na Gloria, onde eterna- ente louvemos a Deos por tanta Graça, e por nta Gloria.

Hug. Vict. in Allegor. de Verb. incarn. collat. 3.

CINCO SERMOENS
nas Tardes das cinco Domingas da Quaresma, prégados no Mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro. Anno de 1738.

SERMAÕ IX.
NA TARDE DA PRIMEIRA DOMINGA DA QUARESMA.

Lava à malitiâ cor tuum Jerusalem, ut salva fias. Jerem. 4. 14.

§. I.

ENDO taõ maravilhosa a fabrica do composto humano, que com ella se acredita de admiravel a sabedoria de seu Author: *Mirabilis facta est scientia tua ex me*; he o coraçaõ a parte mais [no]bre de todo o corpo. He a fonte de que emanaõ [os] alentos vitaes para todo elle: he taõ puro, que [na]õ admitte em si a minima corrupçaõ: he o pri[m]eiro movel do nosso abbreviado mundo; por[q]ue do seu movimento pende o das mais partes [or]ganicas. Mas nesse mesmo coraçaõ, onde o Au-

Psal. 138. 6.

thor da natureza pô; o principio da vida, pôs
homem a origem de sua morte: e o que em si na
admitte corrupçaõ propria, em si fabrîca a corru
pçaõ da alma; porque assim como as operaçoen
do corpo lhe saõ todas subordinadas, assim em to
das o primeiro delinquente he o coraçaõ, que a
move: *De corde exeunt cogitationes malæ, ho*
micidia, adulteria, fornicationes, furta, falsa te
stimonia, blasphemiæ.

Matth. 15. 19.

2 Agora fica bem clara a razaõ de dizer Chri
sto, que verá a Deos na outra vida, quem nest
conservar pureza de coraçaõ: *Beati mundo corde*
quoniam ipsi Deum videbunt. E naõ será preciso
que tambem as potencias, e os sentidos se conser-
vem puros? Sim; mas para que haja pureza nos
sentidos, e nas potentias, bastará havê-la no co-
raçaõ: assim como basta que a fonte seja clara,
para que as agoas sejaõ crystallinas. Este foy o di-
ctame com que Jeremias, querendo reparar a con-
demnaçaõ, a que Jerusalem se precipitava com suas
culpas, lhe prégava entaõ, e a nós agora, nas pala-
vras do nosso thema, que purificasse o seu coraçaõ,
se pertendia salvar-se: *Lava à malitiâ cor tuum*
Jerusalem, ut salva fias; porque se todos os vi-
cios nascem do coraçaõ: *De corde exeunt*, o co-
raçaõ deve purificar, por meyo de huma geral ex-
tirpaçaõ de todos os vicios, quem solicita salvar-se,
e gozar da clara vista de Deos no Ceo. Oh se qui-
zesse Deos, que nos deliberassemos todos a puri-
ficar desta sorte os nossos coraçoens! Quam segu-
ra teriamos a salvaçaõ: *Lava à malitiâ cor tuum*
Jerusalem, ut salva fias!

Matth. 5. 8.

3 O meu desejo he, e tambem será o meu
empe-

mpenho, mover-vos (com o favor de Deos) a que
urifiqueis voſſos coraçoens dos vicios, que em ſi
dmittiraõ, ou por inclinaçaõ da natureza depra-
ada, ou pelo trato da humana converſaçaõ. Baſta-
a para eſte fim, que cada hum reflectiſſe no peri-
o de ſua ſalvaçaõ taõ arriſcada, em quanto naõ ex-
rpa os vicios, que traz radicados no coraçaõ;
as porque nos homens ſaõ os genios taõ diverſos,
omo he a natureza diverſa em cada hum; naõ po-
endo talvez hum ſó motivo ſer de tanta efficacia,
ue chegue a convencer, e a converter a muitos,
e preciſo buſcar varios meyos para o meſmo fim;
orque na falta de huns aproveitem outros.

4 Aquelle Doutor Extatico, Dionyſio Carthu-
ano, cinco ponderaçoens deſcobrio, e nos apon-
ou, muy poderoſas para nos moverem a purificar
oſſos coraçoens, fundadas no conhecimento de
inco damnos, que do peccado reſultaõ, e ſaõ eſ-
s: *Anima deturpatur, Deus inhonoratur, tem-
us amittitur, æterna pœna acquiritur, Diabo-
s exhilaratur.* Com qualquer peccado, que ſe
ommette (diz o Carthuſiano) a alma ſe affea, ti-
-ſe a Deos a honra, perde ſe o tempo, adquire-ſe
condemnaçaõ eterna, e o demonio ſe alegra.
h ſe ſoubera o deſgraçado peccador a quanta mi-
eria ſe reduz, em commettendo huma culpa gra-
e! Oh ſe conhecera os males, e os damnos, que
eſtá ſe originaõ! Queira Deos, que o ſaiba eu
onderar. Elle queira dar-me o ſeu eſpirito, pa-
a o perſuadir neſtas cinco tardes. Em cada huma
ellas vos proporey hum dos graviſſimos damnos,
ue traz comſigo o peccado. Na primeira, vos moſ-
rarey a fealdade, que cauſa na alma: *Anima de-
turpatur.*

Dionyſ. Cart. in Jerem. 4. v. 14. Expoſ. Spirit. & tropol. a. 1.

turpatur. Na ſegunda, a injuria, que pelo peccado ſe faz a Deos: *Deus inhonoratur*. Na terceira, quam grave ſeja a perda do tempo, que ſe naõ empregou em ſervir a Deos, e o meyo de ſe recuperar: *Tempus amittitur*. Na quarta, a eterna pena, que ſe merece pelo peccado: *Æterna pœna acquiritur*. Na quinta, e ultima, o prazer que moſtra o demonio quando nos vê caidos na culpa: *Diabolus exhilaratur*. Eſtá propoſta, e diſtribuida a materia. De meus ouvintes huma ſó couſa eſpero, e unicamente lhes peço: *Nolite obdurare corda veſtra*: naõ obſtineis voſſos coraçoens ás vozes de meus diſcurſos; porque ſe dirigem a purificá-los, como neceſſario meyo para a ſalvaçaõ: *Lava à malitiâ cor tuum Jeruſalem, ut ſalva fias*. Para o fructo, e felicidade deſte empenho ſanto, roguemos a Deos nos ſeja propicio, e imploremos o auxilio da Divina Graça, por meyo daquella Virgem puriſſima, que he Mây da Graça.

Pſal. 94. 8.

AVE MARIA.

§. II.

Lava à malitiâ cor tuum Jeruſalem, ut ſalva fias.

5 A Primeira conſideraçaõ, que nos devé mover efficazmente a purificar noſſos coraçoens he a da enormidade da culpa; que commettida, aſſim como ſe imprime, e recebe na alma, aſſim nella cauſa huma fealdade horrenda: *Anima deturpatur*. Gentio era Seneca, e allumiado

o só da razaõ, dizia, que ainda com a certeza de
ue nenhum homem teria noticia do seu peccado, e
e que Deos lho perdoaria, só pela enormidade da
esma culpa, sempre se absteria della: *Etsi scirem,*
mines ignoraturos, & Deum ignoscitururm, ta-
en adhuc peccare nollem ob ipsius peccati tur-
tudinem. Taõ horrendo aspecto he o de huma
lpa mortal, que se Deos quizera empenhar to-
o seu poder, e sabedoria na composiçaõ de hum
jecto summamente horrivel, sempre o faria in-
itamente excedido pela deformidade de hum
peccado mortal. A unica medida, com que se
uala a fealdade da culpa, he a formosura Divi-
: e a razaõ bem patente he; porque o peccado
cessariamente se oppõem á perfeiçaõ de Deos: e
r força desta opposiçaõ, quanto cresce a formo-
ra em Deos, tanto no peccado cresce a defor-
dade, que se lhe oppõem. Daqui se vê, que as-
n como Deos, por mais que se empenhára em
rmar hum aggregado de toda a formosura possi-
l, naõ chegaria a produzir huma formosura igual
sua; assim, por mais que intentasse formar hum
jecto summamente horrivel, nunca sahiria com
ra de taõ horrendo aspecto como o peccado.
õ dous extremos oppostos, que se estaõ medin-
, e entre si competindo: a formosura em Deos,
ra naõ ter outra que a iguale; a fealdade no pec-
do, para naõ achar outra similhante. Se quereis
razaõ desta equiparancia, ouvi-a. Deos naõ pó-
fazer outra formosura igual á sua; porque co-
o a formosura em Deos he infinita, nenhuma
tra haverá fóra della, que na formosura Divina
naõ ache comprehendida. Tambem o peccado,
por

Senec. relatus à Tertul. Apolog. 20.

por ser huma infinita injuria, que se faz a Deos, contêm tal fealdade, que precisamente ha de comprehender em si toda a enormidade possivel.

6 A cousa mais horrivel que póde considerar o entendimento humano, e Angelico, he o inferno, centro de todo o horror: *Ubi sempiternus horror inhabitat.* E de todo o inferno qual será o mayor horror? David faz distinçaõ de dous infernos: hum ainda mais profundo, e inferior que o outro: *Ex inferno inferiori*; naõ pela distinçaõ dos lugares, mas pela intensaõ, e comparaçaõ dos tormentos. Inferno, he lugar o mais inferior da terra; e supposto que nesta consideração não póde haver inferno mais, ou menos inferior; comtudo, na razaõ de tormento ha inferno mais, e menos profundo; porque onde os tormentos não saõ iguaes, póde haver hum, que entre todos seja o mayor, e por isso inferno mais inferior, e mais profundo. Dizey-me agora, qual será esse inferno inferior, ou esse mais horrivel tormento, que padecem os condemnados no inferno? Se aos Theologos fizeres esta pergunta, responderáõ todos, que a privação da vista de Deos he a mayor pena dos condemnados, assim como a mayor gloria dos Bemaventurados he ver a Deos. Dizem admiravelmente, mas será bem que os expliquemos melhor.

Job 10. 22.

Psal. 85. 13.

7 Privação, conforme ensinão os Filosofos, he o mesmo que falta, ou perda de alguma forma, por introducção da outra que lhe he opposta, e contraria, as quaes ambas se não podem conservar juntamente. Assim o calor he privação do frio, a enfermidade he privação da saude, e a pena he privação do gosto, Da mesma sorte; no inferno a vista das

culpas

ılpas commettidas he privaçaõ da vista de Deos; orque a vista do peccado, formidavelmente proosto, he incompativel com a vista de Deos; sem ue possa aquella vista de tanto horror concorrer ntamente com a clara vista de Deos. Vem pois a r a mayor pena de hum condemnado o estar eteramente vendo, naõ a Deos, mas sim os peccados, ue commetteo; porque a vista horrenda dos seus eccados o priva de ver a Deos. Dous objectos tolmente diversos, e distinctos, nem se pódem ver, em conhecer juntamente; porque hum ha de ser e impedimento a outro. Quem vê, ou conhece hum, se priva de ver, ou conhecer a outro no esmo tempo. Que objectos mais oppostos, e ene si mais repugnantes, do que saõ Deos, e o pecado? Pois necessariamente haõ de sentir a priaçaõ de ver a Deos os condemnados, que, em ena de suas culpas, se empregaõ eternamente na sta dellas. Esta pois infeliz troca, e commutaõ, que se lhes faz de hum objecto infinitamen- glorioso, qual he Deos, por outro infinitamen- horrendo, qual he o peccado, vem a ser o torento mayor para os condemnados. Vendo os emaventurados a Deos, naõ ha cousa que nelle õ possaõ ver; porque em Deos tudo se comprende, e tudo se representa. Só naõ pódem ver elle immediata, e propriamente o peccado; porue esta enormidade se naõ acha na Divina idéa: *eccatum non habet in Deo ideam*, diz Santo Thoaz. Os condemnados, pelo contrario, vem os eccados, que commetteraõ, e só a Deos naõ ódem ver. Essa vista taõ horrivel do peccado, ela qual trocaraõ elles a gloriosa vista de Deos, he

D. Thom. 1. p. q. 15. a. 3.

he o inferno inferior; porque assim como he o mayor tormento do inferno, assim he o seu mayor horror.

8 Vamos ao Texto de David: *Eruisti animam meam ex inferno inferiori.* Vós, Senhor, (dizia o Real Profeta) tirastes a minha alma do inferno inferior. Qual seja o inferno inferior está dito, e agora o entendereis melhor, sabendo quando delle sahio a alma de David. Peccando este grande Rey primeira vez no adulterio com Bethsabé, e segunda vez no homicidio de Urias, chegou Nathan a reprehendê-lo, e o fez com tanto espirito e efficacia, que lhe pôs diante dos olhos (quanto pode ser) huma viva imagem dos peccados, que commettêra. Ouvi ao mesmo David: *Iniquitatem meam ego cognosco, & peccatum meum contra me est.* Ou como expuzeraõ S. Jeronymo, e Santo Agostinho: *Peccatum meum ante me est. Coram me est.* Inclinada porém a piedade Divina à contriçaõ de David, lhe retirou da vista, e lhe apartou dos olhos essa horrenda imagem de seus peccados: *Dominus quoque transtulit peccatum tuum.* Em quanto David olhava para o formidavel aspecto de seus peccados, experimentava na vista delles o mayor tormento do inferno: por isso, quando de seus olhos se removeo taõ horrendo objecto, julgou tambem que Deos o havia tirado do inferior, ou mais profundo do inferno: *Peccatum meum contra me est: ante me est. Dominus quoque transtulit peccatum tuum. Eruisti animam meam ex inferno inferiori.* Ouvi o commento de Rabbi Salomaõ, taõ intelligente nas Escrituras do antigo Testamento: *Nathan Propheta dixit*

Psal. 50. 5.

D. Hieron.
D. August.

2. Reg. 12. 13

xit ei: transtulit Dominus peccatum tuum; & ...undum hoc dixit David: eruisti animam meam ... inferno inferiori.

...9 Tanta como isto foy a tribulaçaõ do Peni...nte Rey, vendo o mayor horror do inferno na ...ldade de suas culpas, segundo a representaçaõ, ...e dellas lhe fez Nathan. Se bem he certo, que as ...lpas de David lhe naõ foraõ representadas com ...ecto taõ horrivel, como em si tinhaõ, porque ...egára a ser taõ medonho, que a qualquer ho...em, ainda mais animoso que David, o fizéra mor...r de pasmo, e assombramento. A fabulosa Gen...dade inventou, que Medusa fora mulher de ...ó pernicioso aspecto, que naõ deixou com vida ...uem nella empregou a vista; e, sem ficçaõ, quem ...n melhor luz alcançou quam horrivel seja o as...ecto de hum peccado, entendeo que ficaria sem ...la qualquer que o chegasse a ver: *Siquem Deus ...rmitteret videre peccata sua, sicut ipse videt, ...x corrumperetur, ac sensibus destrueretur*: dis...o douto, e pio Taulero, chamado vulgarmen...o Doutor Illuminado. A Moysés disse Deos, que ...nhum homem poderia naturalmente viver, se ...le a formosura de sua Divina face: *Non enim ...debit me homo, & vivet*; porque naturalmen... nenhum homem terá vigor, e forças para sus...ntar, ou sopportar o gozo, e alegria, que causará ...vista da infinita formosura de Deos. E podere...os dizer (talvez com mais urgente razaõ) que ...orreria logo quem perfeitamente chegasse a ver ...enormidade de hum peccado mortal. Elle seria ...ortal para a alma, e para o corpo tambem, se fo... visto. A enormidade, como por sua condiçaõ horri-

Tauler. de Passion. D. c. 2.

Exod. 33.20

horrivel assusta, e atemoriza o animo, he oppos-ta á conservaçaõ da vida, mais do que a formosura porque esta recreando a vitalidade, lhe dá mais alento. Pois se a formosura de Deos, por ser infi-nita, causaria tanto prazer, que tirasse a vida quem a visse: a fealdade horrenda da culpa, que compete com a formosura Divina, como naõ ma-taria, sendo vista?

10 Christo, em quem a humanidade recebi[a] esforços da Divindade, a que estava unida, teme[o] no Horto, chegou ás agonias da morte, (aindaque milagrosamente se lhe dilatou a vida) e suou san-gue: *Cœpit pavere*, diz S. Marcos. *Et factus in agonia.... factus est sudor ejus, sicut guttæ san-guinis*, diz S. Lucas. E de que teme Christo, a quem a Divindade suggeria alentos para o fortale-cer? De que se agonia? De que lhe foge o sangue? He muita a variedade, com que respondem os Ex-positores Sagrados. O mais conforme á doutrina dos Theologos, com o Doutor Angelico, he: que no Horto se atemorizou, e agoniou Christo, pon-do-se-lhe huma representaçaõ, e imagem dos pec-cados, a cuja satisfaçaõ se obrigava: *Peccatorum numerus, & fœditas cùm objiceretur menti illius.* Representou-se ao entendimento de Christo hu-ma expressa, e distincta imagem de todas as nossas culpas; e o aspecto dellas foy taõ horrendo, que, naõ obstante ser fortalecido com a Divindade, se encheo de temor taõ vehemente, que em agonias mortaes logo acabaria a vida, se a naõ conservá-ra milagrosamente, para a dar na Cruz: *Pecca-torum numerus, & fœditas cùm objiceretur men-ti illius: Cœpit pavere: Factus in agonia.*

Marc. 14. 33
Luc. 22. 43. & 44.

Scribanus de Pass. D. cap. 3.
D. Thom. 3. p. q. 46. a. 6.

11 He

11 He certo que no Horto naõ só se represen-
raõ a Christo as culpas, que por nós havia de sa-
fazer, mas tambem os tormentos, que em sa-
façaõ dellas havia de padecer; porque como
risto voluntariamente padecia por nossas culpas:
latus est quia ipse voluit, devia ter conheci- Isai. 53. 7.
ento da pena, a que se queria obrigar. Alli vio
opprobrios, e injurias, que lhe fariaõ: os crueis
outes, que receberia dos inhumanos ministros da
is sacrilega impiedade: a coroa de espinhos, que
traspassariaõ a cabeça: a Cruz, e os cravos
n que seria nella cravado: a lança, que lhe ras-
ia o lado: e ultimamente a morte: e naõ des-
eceo Christo á vista de taõ insopportaveis tor-
ntos, nem a morte o desanimou. Sem agonia,
tes com gosto, em toda a sua vida esperava a
orte, e suspirava pelos tormentos: *Proposito si-*
gaudio, sustinuit Crucem. Temeo porém, e se Ad Hebr. 12. 2.
oniou á vista das nossas culpas; porque o aspe-
dellas era para Christo mayor tormento que
os os tormentos, por lhe ser ainda mais horri-
que a morte.

2 Agora se entende a razaõ taõ exquisita, co-
discutida pelos Santos Padres, de correr com
peto para a terra o sangue, que temeroso, e
niado Christo suou no Horto: *Factus est sudor*
s sicut guttæ sanguinis decurrentis in terram. Luc. 22. 44.
steriofo caso! Para a terra lhe foge o sangue!
s casos de repentina afflicçaõ, perturbado o
mo, ficaõ os homens pálidos, e descorados;
que o sangue deixando as partes exteriores,
essadamente concorre para o coraçaõ, acodin-
lhe por natural providencia, como á parte mais

nobre, para que naõ desmaye, ou como á font
da vida, para a conservar. Como pois na agon
de Christo o sangue, contra a ordem da naturez
lhe desampara o interior, e sahindo pelos póro
do corpo, foge apressadamente para a terra? Po
esta difficuldade, huns dos Expositores, com San
to Hilario, tem para si que fora milagroso es
suar de Christo. Outros (e he o mais seguido do
Escholasticos) dizem, que fora natural. Mas qu
seria a causa natural desta effusaõ, ou egressaõ d
sangue, contra a providencia da natureza? Ou
a que para o nosso intento me occorre, que, álé
de ser propria, he em tudo conforme ao Texto.

V. Suár. tom. 2. in 3. p. disp. 34. sect. 2.

13 Nas vistas horrendas, principalmente d
alguns phantasmas nocturnos, o unico, e mais ace
tado acordo da natureza, he o fugir. Naquella no
te pois, mais que todas triste, e escura, orand
Christo no Horto, se representavaõ em seu enten
dimento, e se figuravaõ com muita distincçaõ e
sua phantasia todas as culpas dos homens, com cu
ja vista a mesma fortaleza invencivel de Deos
encheo de temor: *Peccatorum numerus, & fo
ditas, cùm objiceretur menti illius, cœpit pave
re*; e o sangue agitado do temor sahia das vêas
e desamparava a regiaõ interior, como fugindo d
taõ horrenda vista: *Et factus est sudor ejus sicu
guttæ sanguinis decurrentis in terram.* Quand
o temor se origina da vista de algum aspecto ex-
terno, foge o sangue para o interior, acolhendo-
se ao coraçaõ; mas como no Horto fugia o sangu
dos horriveis phantasmas dos peccados, que n
imaginaçaõ, e entendimento de Christo se figura
vaõ interiormente, buscava as extremidades exte-
riores,

ores, até sahir pelos póros, a se recolher, ou esconder timido na terra: *Guttæ sanguinis decurrentis in terram.*

14 Oh peccado, que horrenda he a tua fealdade, e que horrivel o teu aspecto! A vista de nossas culpas fez desmayar em Christo o Divino esforço. Fez que no Horto fugisse, como temeroso de tanta fealdade, aquelle sangue, que aos Martyres deo fortaleza, para vencerem a morte. Fez que o Filho de Deos posto em agonias, só por milagre conservasse a vida: e precisamente morrêra o mais alentado homem, que em tua abominavel deformidade empregasse a vista.

15 E com toda esta enormidade na alma vivemos nós: e (o que mais he) muy socegados, e muy satisfeitos com as nossas culpas: *Peccavi, & quid mihi accidit triste!* Que he isto, senaõ huma cegueira voluntaria, com que naõ queremos por alguma sórte ver as culpas, que commettemos? Se as conheceramos, o seu aspecto nos perturbára, e nos tirára todo o socego. Dizia David, que depois de haver peccado naõ tinha em si paz, nem quietaçaõ: *Non est pax ossibus meis, à facie peccatorum meorum.* Quem a David acreditará nesse caso? Tantos peccadores submergidos em hum mar de culpas, sem que lhes possa constar do perdaõ dellas, vivem sem remorso, que os inquiete; e David, que só tres vezes peccou, e sabia que estava perdoado, e admittido á graça de Deos, naõ pode ter paz comsigo? Sim; porque David, ainda depois de justificado, e ainda depois que Deos apartara de sua presença aquella imagem, em que Nathan lhe deo a ver as suas culpas: *Dominus*

Eccli. 5. 4.

Psal. 37. 3.

 quo-

2.Reg. 12. 13.

quoque transtulit peccatum tuum; cuidava mui to em trazer diante dos olhos os ſeus peccados *Peccatum meum coram me eſt ſemper*: e á viſta d taõ grande, e taõ grave mal, naõ podia Davi ter ſocego, nem paz comſigo. Elle ſe interpreto a ſi meſmo: *Non eſt pax oſſibus meis à facie pec catorum meorum.*

16 Miſeravel de quem vive deſcançado, ſen que o inquietem, e atemorizem as culpas, qu commetteo; porque eſſe anda cego, pois na chega a ver quam horrendas ſejaõ as ſuas culpa O meſmo David depois do adulterio, e depoi do homicidio, vivia muy deſcançado, ſem qu eſtas culpas, ſendo taõ enormes, e eſcandaloſa o inquietaſſem, até ſer reprehendido por Natha pois ſe as culpas, já perdoadas, inquietaõ, perturbaõ a Divid ſanto, como lhe naõ tirava o deſcanço quando peccador? Porque David quando peccador, naõ olhava para as ſuas cul pas, como bem advertio Santo Agoſtinho: *Pe catum ejus nondum erat coram eo: poſt dorſu erat quod fecerat*: mas quando arrependido, ſanto, naõ apartava os olhos das culpas, que ti nha commettido: *Peccatum meum coram me e ſemper*; e vendo nellas taõ abominavel aſpecto ſe inquietava, e ſe perturbava: *Non eſt pax oſſi bus meis à facie peccatorum meorum.*

D. Aug. in Pſal. 50.

§. III.

17 JA' que o mais tempo da vida paſſais ſem memoria, e ſem reflexaõ no eſtado in terior de voſſa alma, neſta hora, quand menos

enos empregay os olhos do entendimento nas cul-
as, que commettestes, e por hum pouco discor-
y, e ponderay commigo, que fêa, que horren-
, e que abominavel estará a alma de hum pecca-
or, na qual se acha impresso o medonho, e for-
idavel aspecto de hum peccado mortal! A feal-
de, ou procede pela falta do que por natureza
proprio, ou pela introducçaõ do que he por
tureza estranho. Para conhecimento pois da
aldade da alma, que está em peccado, reparay
que lhe falta, e no que se lhe introduz. Falta-
a graça, que a fazia sobrenaturalmente parti-
pante da natureza Divina; e se lhe introduz o
ccado, que a faz participante da rebelliaõ do
monio. Falta-lhe a graça, pela qual se consti-
a filha de Deos; e se lhe introduz o peccado,
lo qual se entrega á escravidaõ do demonio. Fal-
lhe a graça, com a qual era templo da Divin-
de; e se lhe introduz o peccado, com o qual
a sendo habitaçaõ, e casa do demonio. Falta-
a graça, que lhe dava direito á herança, e
yno do Ceo; e se lhe introduz o peccado, que
condemna á eterna prizaõ do inferno. Final-
nte (porque este he o ponto mais proprio do
so assumpto) sendo a nossa alma pela graça hu-
similhança de Deos, e por isso taõ formosa,
a lhe falta; e pelo peccado, que se lhe introduz,
a huma similhança do demonio, e por isso taõ
, e taõ horrenda.

18 Creou Deos o homem para nelle ter huma
imagem, e similhança: *Faciamus hominem ad
aginem, & similitudinem nostram.* E que dis-
nçaõ he esta, que faz o Texto entre a imagem,
e a si-

Genes. 1. 26.

e a ſimilhança? Se o Texto diz, que creára Deo
o homem para ſua imagem, naõ ſe eſcuſava accre
centar, que o creava tambem para ſua ſimilhanç
Não; porque tambem ha imagens faltando-lhes
ſimilhança. Olhais para hum altar, e vedes nell
a imagem de hum Santo, ſem que o artifice lhe pu
deſſe dar alguma ſimilhança com elle. Porêm co
tanto amor, e com tal primor ſe houve Deos na for
maçaõ do homem, que àlêm de o fazer image
ſua, tambem o fez á ſua ſimilhança: *Ad imag
nem, & ſimitudinem.* Mas em que razaõ imagem
e em que razaõ ſimilhança? S. Baſilio, S. Jerony
mo, Santo Agoſtinho, S. Bernardo, e outros ex
põem, que o homem pela natureza intellectiva h
imagem de Deos: e ſimilhança, pela Divina graça

D. Baſil. D. Hieron. D. Augu t. D. Bernard. Alap. hic.

*Imago per principantem rationem: ſimilitudo pe
gratiam ſanctificantem.* Porêm, como o peccad
he deſtruiçaõ da graça, com elle ſe deſtroe, e aca
ba a ſimilhança, que o homem tem com Deos. Fic
ſim o homem ſendo imagem de Deos; mas já na
he ſua ſimilhança, tanto que pecca: *Per peccatu
in homine perit ſimilitudo Dei, non imago*; diz
Alapide.

19 Perdida a ſimilhança de Deos, com que ſ
milhança ficará o homem? Com a do demonio
porque o peccado he hum ſignete, com que o de

Guil. Pariſ. Tract. de Mort. cap. 1.

monio imprime nas almas a ſua ſimilhança: *Omni
vitia, & peccata ſunt veluti impreſſiones, & ſi
gnacula diabolicæ turpitudinis*, diz Guilherm
Pariziense. Deſorte que, aſſim como Deos impri
me em noſſas almas a ſua ſimilhança, quando lhe
infunde a Divina graça; aſſim o demonio imprim
nellas a ſua ſimilhança, quando peccaõ. O caracter

com

com que os servos de Deos se distinguem, e se conhecem, he a similhança com Deos: e o caracter, com que os escravos do demonio saõ conhecidos, he a similhança, que nelles ha com o demonio, a quem se entregaõ pela culpa. Vede agora, que horrendo, e medonho monstro será huma alma em peccado! He certamente hum monstro mais horrendo que o demonio; porque he huma chimera com tres fórmas, entre si repugnantes, e incompativeis. Ha no peccador a fórma natural de homem: ha juntamente a similhança com o demonio: *Signacula diabolicæ turpitudinis*; e finalmente ha nelle a imagem de Deos: *Creavit Deus hominem ad imaginem suam: ad imaginem Dei creavit illum.* E que cousa mais horrorosa para o entendimento, e para a luz da razaõ, do que ver huma alma, sendo ao mesmo tempo fórma de homem, imagem de Deos, e figura do demonio?

Genes. 1. 28.

20 Como assombrado disse o Profeta Oseas, que no povo de Israel vira huma cousa horrenda: *In domo Israel vidi horrendum.* Naõ chegou porêm a dizer o que vio, talvez por ser de aspecto taõ formidavel, que sem horror se naõ poderia proferir. Entendem os Expositores Sagrados, que fallara Oseas daquelles dous idolos, ou dous bezerros de ouro, que Jeroboaõ, e as suas Tribus adoravaõ: *Idola, & vitulos aureos, quos induxit Jeroboam.* E onde podia estar nesta vista aquelle horror taõ grande, com que se assombrava Oseas: *Vidi horrendum?* Nem pela materia, nem pela figura eraõ horrendos aquelles idolos. Pela materia, naõ; porque eraõ de ouro, metal, que alegra o coraçaõ humano: tambem naõ pela figura, que era de bezer-

Ose. 6. 10.

Alap. in hũc loc.

 ro,

ro, animal que facilmente perde a braveza, e
faz domavel. Aſſim he: mas deſcobrio o Profe
naquelles idolos tres imagens, ou tres figuras, qu
armavaõ hum aſpecto neceſſariamente horrivel,
formidavel. Era huma figura de animal, outra d
demonio; outra de Deos. A de animal, porque era
figuras de bezerro: *Vitulos aureos*: a de demo
nio, porque eraõ idolos: *Omnes Dii gentium dæ
monia*: a de Deos, porque lhes davaõ a adoraçaõ
que ſó a Deos he devida: *Deum tuum adorabis*
O lume da profecia naõ eſtá nos olhos, recebe-ſ
no entendimento. Os olhos ſó viaõ huns bezerro
de ouro, e naõ alcançavaõ mais: o entendiment
deſcobria nelles, alêm da figura deſſe animal,
imagem do demonio, e a imagem de Deos, porqu
huma, e outra confundiaõ com a ſua idolatria. E
que mayor horror para o entendimento, do qu
ver como de huma meſma fundiçaõ ſahiaõ em fi-
gura, e repreſentaçaõ, animal, demonio, e Deos
*In domo Iſrael vidi horrendum. Idola, & vitu-
los aureos, quos induxit Jeroboam?*

Pſal. 95. 5.

Matth. 4. 10.

21 Abri (Senhores) os olhos do entendimento,
e com a luz da razaõ vereis em voſſas almas, no eſta-
do da culpa, huma couſa horrenda. Homem, de-
monio, e Deos. Homem por natureza: demonio
por ſimilhança: Deos por imagem, pois á ſua ima-
gem creou o homem. Naõ pondero aqui o ſacrile-
gio abominavel, que commette contra Deos,
quem em ſi confunde, em huma meſma ſubſtancia,
em huma ſó peſſoa, a ſua imagem com a do demo-
nio. Attendo ſó para o horrivel deſta figura. He
certo, que quanto mais repugnantes, e oppoſtas
ſaõ entre ſi as partes, tanto mais horrivel vem a
ſahir

ahir o todo, que se compõem dellas: e que partes
nais repugnantes saõ entre si, que o demonio, e
Deos? He Deos infinita luz: o demonio he a som-
ra mais negra, e mais escura do inferno. Deos he
summa alegria das creaturas, que o podem ver;
orque na vista de Deos consiste a gloria, e essencial
emaventurança dellas: o demonio he taõ abomi-
avel, que o aspecto de hum só demonio he bastan-
e para atormentar as almas de todos os condem-
ados. Deos he infinitamente amavel, por sua in-
omprehensivel formosura, perfeiçaõ, e bonda-
e: o demonio he summamente aborrecivel, por
ua depravaçaõ, e maldade incomparavel. Pois
ue aspecto haverá mais horrivel, que o de hu-
na alma em peccado, na qual se ajuntaõ a ima-
em de hum Deos taõ claro, taõ glorioso, e taõ
mavel, com a imagem do demonio taõ denegri-
a, taõ abominavel, e taõ aborrecivel! He sem
uvida, que pelo peccado fica huma alma (quan-
o menos) taõ horrenda, e fêa como o demonio;
orque se hum só peccado de pensamento bastou
ara fazer horriveis os espiritos Angelicos, sendo
s creaturas mais nobres, e mais perfeitas, que pro-
uzio a Divina Omnipotencia, como naõ seráõ
gualmente horriveis as almas, que se affearaõ, e es-
aõ affeando com tantas, e taõ enormes culpas! Eu
orêm naõ duvido que huma alma em peccado
eja mais fêa, e mais horrenda, que o demonio; por-
ue alêm da enormidade, que a culpa imprime nel-
a, accresce mais a conjunçaõ, ou composiçaõ sacri-
ega, e execravel de dous extremos taõ oppostos, co-
no saõ entre si a imagem de Deos profanada com a
lo demonio, que ainda fazem a alma mais horren-
a: *Vidi horrendum.*

§. IV.

§. IV.

22 ESta he a fealdade, em que fica hum alma pelo peccado; ſe bem que, com a formoſura, e a fealdade ſaõ objecto dos olhos, naõ dos ouvidos, nunca ſe poderá eſta explicar e deſcrever, como neceſſario fora, para haver mos della perfeito conhecimento: mas Deos, qu tanto ama, e eſtima as almas, que creou á ſu imagem, e fez á ſua ſimilhança, e as remio tam bem com o preço do Sangue, e Vida de ſeu Uni genito Filho, algumas vezes ſe dignou de moſtra viſivelmente a fealdade inexplicavel da que eſt em peccado (ſegundo aos homens ſe póde repre ſentar) para que com a enormidade do que ſe che gou a ver, temaõ, e fujaõ os homens de ſe redu zir a tanta fealdade, peccando. Pelbarto refere de hum ſoldado, que ſe recolhia para ſua caſa, de pois de commetter hum peccado em materia de incontinencia, e ao paſſar de hum campo, em que paſtavaõ muitos, e varios gados, todos botaraõ a fugir com furioſo impeto, dando terriveis bramidos, nunca d'antes ouvidos. Os paſtores attonitos, e confuſos pela novidade, examinando a cauſa della, viraõ no ſoldado taõ horrendo aſpecto, que cheyos de pavor, e com eſpantoſos gritos, a toda preſſa buſcavaõ huma Igreja, que eſtava perto, diſcorrendo que ſó o ſagrado lhes poderia ſervir de aſylo. Acodio o Parocho, mais morto que vivo, e ſó tratava de fechar as portas da Igreja, porque nem ſe atrevia a empregar a viſta naquelle aſpecto, que julgava ſer de alguma furia infernal.

Pelbart. Serm. 3. in Dom. 6. poſt Pentecoſt.

23 Oc

23 Occorre-me neste caso o de Samuel com
aul. Quando este, depois de conseguir huma insi-
ne victoria, em que destruio todo o Reyno de
malech, e prisionou ao seu Rey Agag, voltava
om huma importante preza, Samuel lhe sahe ao
ncontro, e o reprehende por naõ haver executa-
o contra Amalech, e seu Rey, quanto lhe foy or-
enado por Deos. E diz o Texto, que Samuel
epois disto nunca mais vira a Saul: *Non vidit*
amuel ultra Saul, usque in diem mortis suæ.
orêm se com advertencia lermos a sagrada Histo-
a, acharemos que muito depois, estando Samuel
n Naioth de Ramatha, esteve tambem Saul, e no
oro dos Profetantes cantava em presença de Sa-
uel: *Prophetavitque cum cæteris coram Sa-*
uele. Pois se ainda houve occasiaõ de Saul estar
a presença de Samuel, como podia Samuel dei-
ar de ver a Saul? Porque se retirava, e escon-
ia delle, diz a Glossa: *Quia abscondit se.* Samuel,
bendo que Saul estava em peccado, chorava a
a desgraça, e rogava por elle a Deos: *Verum-*
amen lugebat Samuel Saul; e nem por isso tinha
nimo para o ver: porque o peccado o represen-
ava taõ horrivel, que se naõ atrevia a pôr nelle os
lhos, aindaque o tivesse presente: *Non vidit Sa-*
uel ultra Saul, usque in diem mortis suæ.

1.Reg. c.15. V.35.

C.19.24.

Glos. ordin. hic.

C.15.35.

24 Quando no corpo do peccador o aspecto he
aõ medonho, que tal será na alma, onde o pecca-
o proprriamente faz a sua impressaõ! Santa The-
esa vio huma alma no estado da culpa, e o que para
Santa foy de mayor confusaõ, e para nós se póde
azer mais perceptivel, he, que sendo a alma por
ua nobreza hum espirito mais puro, mais claro, e
mais

S Ther. lib. 1 das Morad. c.2.

mais luzido que o cryſtal, em que o Sol emprega
força, e luz de ſeus rayos, ſe tornou taõ negra,
taõ eſcura, como a noite mais tenebroſa. Naõ m
admira; porque tambem aquelle Anjo ſupremo d
toda a multidaõ Angelica, Principe dos que ſe re
bellaraõ, entre todos era como a Eſtrella d'Alv
entre as mais Eſtrellas, levando a todos exceſſo n
luz, que reſplendecia nelle: *Lucifer, qui man*
oriebaris: e huma culpa baſtou para ó denegrir,
fazer o Principe das trevas.

25 E que diraõ em hum caſo deſtes os Filoſofos
e os Criticos, que avaliaõ por encarecimento a
doutrinas dos Prégadores, ſe naõ concordaõ com
as ſuas Fiſicas, e com os ſeus diſcurſos? Diraõ, qu
o peccado he huma entidade moral, que naõ póde
produzir effeito fiſico em noſſos corpos, e meno
póde nas noſſas almas manchar a natural pureza
ou eſcurecer a claridade, que tem pela nobreza de
ſeu eſpirito. Mas guardem elles as ſuas doutrinas
taõ cheyas de preſumpçaõ, como vazias de verdade
que o conhecimento do peccado, e dos ſeus effei-
tos naõ pertence ás Filoſofias naturaes, ſó ſe acha nas
Eſcrituras Divinas: e o que nos enſinaõ eſtas he
que a fealdade de hum peccado baſta para affear
naõ ſó o corpo, e alma de quem o contrahio, mas
tambem o mundo todo; porque nelle ſe cômetteo.

26 Vede eſte Sol taõ brilhante, deſpedindo de
ſi taõ dilatada copia de luzes, que baſta para allumiar
hum emisferio. Vede a Lua taõ clara, que faz deſ-
apparecer as Eſtrellas, e taõ formoſa, que com el-
la ſe alegra a meſma noite. E ſerá eſta (dizey-me)
a luz, e a formoſnra, com que o Sol, e a Lua foraõ
creados por Deos lá no principio do mundo? En-

tendereis

ndereis que sim; mas S. Jeronymo, Aymo, e Anelmo Laudulense, a quem segue Santo Thomaz, ssentaõ que antes de Adam peccar, o Sol, e a Lua esplendeciaõ sette vezes em dobro mais do que s vemos hoje luzir: porém que a culpa do prineiro homem, com as mais que della se originaaõ, affeando todo o Universo, desluziraõ tamem os astros: *Lapsu hominis Sol, & Luna suo umine minorata.* Fundaõ-se no Sagrado Texto.

D.Thom.in Suppl. 3.p. q.91. a.3.ad 3.

Interlin. in Isai. 30. 26. Alap.in Genel 6. 7.

27 Diz Isaias que no fim do mundo, depois ue hum diluvio de fogo reduzir a cinzas quanto abricaraõ os homens, e quanto produzio a natueza, resplendecerá tanto a Lua como agora o Sol: este sette vezes mais do que se mostra luzir; porue a sua luz será tanta, como foy nos sette primeios dias do mundo: *Erit lux Lunæ sicut lux Solis, & lux Solis erit septempliciter, sicut lux septem ierum.* Ouvi ao Laudulense, Author da Glossa nterlinial: *Scilicet, quando creatus est mundus.* Logo a Lua nos primeiros dias do mundo reslendecia muito mais do que hoje; porque naõ reslendece hoje o Sol mais do que ella resplendecia ntaõ. E o Sol tambem, como se infere, resplenlece hoje muito menos do que entaõ luzia. Sim; porque entaõ luzia sette vezes mais do que reslendece hoje. E que causa haveria depois do settino dia do mundo, que desfez na formosura dos nayores astros, e lhes diminuio a luz? O peccalo, que depois do settimo dia commetteo o primeiro homem. Foy este creado no sexto dia do mundo, e naõ diz a Escritura, que nesse dia peccasse. Do settimo dia diz o Texto, que o abençoára Deos, e que descançára nelle; e nesse dia naõ falla em que

Isai. 30 26. Interl. ibid. & Magis. in 4.dist. 48. cap. de qualit. luminar.

que Adam peccasse: e já se vê que se Adam pec-
cára no dia settimo, nem Deos abençoára tal di-
nem nelle tivéra o seu descanço. Passado esse dia
refere logo o Texto que peccára Adam, e pel-
ordem da historia, ou se prova, ou bem se colhe
que peccáraõ os nossos primeiros pays no oitavo di-
da creaçaõ do mundo. Tanta pois foy a deformi-
dade do seu peccado, e dos nossos comprehendido
nelle, que tiráraõ á terra a amenidade; ás agoas
pureza; aos ares a temperança; e por meyo delle
communicáraõ sua fealdade ao Sol, e á Lua, at-
diminuirem as suas luzes, naõ lhes deixando mai-
da settima parte dos resplendores que tinhaõ d'an-
tes: *Erit lux Lunæ sicut lux Solis, & lux Solis*
septempliciter sicut lux septem dierum. Scilicet
quando creatus est mundus. Nem os elementos
nem os astros saõ sujeitos capazes de peccado, ou
do seu effeito; mas naõ se eximiraõ da fealdade del-
le; porque tambem della participaraõ. Nem a dis-
tancia isentou a Lua, nem os rayos defenderaõ o
Sol, para que se naõ affeassem. Pois a alma, au-
thora immediata da culpa, e materia de taõ abo-
minavel fórma, porque a recebe em si, como naõ
perderá toda a sua formosura? Como naõ ficará
horrenda pelo peccado: *Anima deturpatur?*

§. V.

28 COm a consideraçaõ de tanta fealdade pertende o nosso Interprete, e Doutor Extatico, excitar-nos a purificar nossas almas, da enormidade em que se achaõ, pelos peccados que commetteraõ: e me parece que o viremos a fa-

zer

er sem duvida, se confrontarmos esta fealdade
om a formosura da alma, antes de se affear com a
ulpa. Chorava Jeremias o estrago de Jerusalem,
otando o que diriaõ della destruida, os que d'an-
es celebravaõ com admiraçaõ sua formosura: *Hæc-*
ine est urbs, dicentes, perfecti decóris, gaudium
niversæ terræ? Basta que em tal estado (diriaõ)
eyo a parar huma Cidade taõ formosa, que ser-
ia de admiraçaõ, e prazer aos que de todo o mun-
o concorriaõ a ella, pelo desejo de a ver! Desor-
e que a ruina de Jerusalem destruida naõ fora
ō sensivel para Jeremias, se lhe faltára o conhe-
imento da formosura della. Tambem nós, se qui-
ermos sentir, e chorar o enorme estado a que pe-
culpa se reduzem as nossas almas, devemos refle-
ir primeiro sobre a formosura de huma alma, an-
es de se affear com a culpa.

Thren. 2. 15.

29 Aindaque toda a formosura visivel he in-
omparavelmente inferior á de huma alma racio-
al; com tudo, esta lá se decifra na formosura de
erusalem, com bastante propriedade; pois della
valeo tambem Salomaõ para dar huma similhan-
á formosura de sua Esposa: *Pulchra es amica mea,*
uavis, & decora, sicut Hierusalem. Formosura
m o menor defeito (mais que a de Jerusalem)
a da nossa alma. *Urbs perfecti decoris*; porque
ara sahir perfeitissima na formosura esta obra das
ãos de Deos, se empenháraõ as Tres Divinas
essoas, como cuidadosamente applicadas na bel-
za, e formosura della: *Faciamus hominem.* Ale-
ria de toda a terra he huma alma racional: *Gau-*
ium universæ terræ, e aos mesmos Ceos póde
ervir de alegria; porque tanto excede na formo-
sura

Cant. 6. 3.

Genes. 1. 26.

ſura a todo o viſivel, que huma ſó alma baſtaria pa
ra elevar, e encher de admiraçaõ, e gozo todo
mundo, ſe a pudeſſe ver. Empenhaõ-ſe os Santo
Padres em nos dar alguma intelligencia, ou algum
conceito da natural formoſura de huma alma ra
cional (preſcindindo de toda a graça, e dote ſobre
natural, attendendo ſó á nobreza, e excellencia d
ſua ſubſtancia eſpiritual) e nenhum chegou aind
a deſcrevê-la ajuſtadamente; porque lhes faltaõ ex
preſſoens, e termos proprios, com que ſe expliquem

30 O Author Imperfeito diſſe que, na eſtima
çaõ de Deos, nenhuma couſa viſivel ſe póde com
parar com a formoſura de noſſa alma, por ſer ella
fim immediato, e proximo de crear Deos o Ceo,
Terra, o Mar, e as creaturas que enchem tanta ma
china: e porque o meſmo tinhaõ dito já Philo He
breo, Lactancio Firmiano, e Santo Ambroſio, ac
creſcentou que mais ſe deleita Deos pela creaçaõ
de huma alma, que pela formaçaõ do Ceo, em que
tem a ſua Corte: *Apud Deum viſibilium nihil ho
mini par; nam & Cœlum, & Terra, & Mare pro
pter eum fecit. & in eo magis quam in Cœlo dele
ctatur inhabitans.* Diſſe muito; mas he certo que
ainda ſe explicou pouco. S. Bernardino de Sena, em
penhando-ſe a dizer mais, entrou com miudeza a
ponderar a formoſura natural de noſſa alma, fazen
do huma calculaçaõ admiravel, para a qual deſ
prezou todas as couſas terrenas, (que todas ſaõ
deſpreziveis para a noſſa alma, pois ſaõ terrenas)
e pondo o penſamento nos Ceos, diſcorreo aſſim:
O Ceo Cryſtallino he mais formoſo dez vezes que
o Ceo Eſtrellado. O Ceo Empyreo dez vezes ex
cede ao Cryſtallino na formoſura. A noſſa alma
porêm

Phil. lib. 1. de Monarchia Lactãt. lib. de ira Dei. c. 14. D. Ambr. Epiſt. 38. ad Horent. Imperfect. Homil. 89.

rêm, ainda he dez vezes mais formosa que o eo Empyreo: *Cœlum Crystallinum est decies pul rius quàm sit Cœlum Stellatum. Cœlum Em reum est decies pulchrius quàm Cœlum Crystal um: & anima est decies pulchrior, quàm Cœ n Empyreum.* De todo o visivel a cousa mais mosa he o Ceo Empyreo, mais puro, mais claro, mais luminoso que o mesmo Sol, como está in cando o proprio vocabulo de Empyreo; nem ha ra que mais encareçamos a formosura daquelle eo, que Deos escolheo para nelle assentar a sua rte bemaventurada, onde aos Santos se mani ta glorioso. Pois entendey, diz o Santo, que a ssa alma ainda he dez vezes mais formosa que o o Empyreo: *Anima est decies pulchrior, quàm lum Empyreum.*

D. Bern. tom. 2. Serm 40.

31 Parecerá que fallou o Santo encarecida nte; e com tudo he certo que ainda disse pouco, nuy pouco: porque o Ceo Empyreo, por mais mosο que se considere, sempre he inanimado, orporeo, e naõ póde comparar-se na formosura n huma alma espiritual, vivente, e racional. O smo Santo Doutor reflectindo no pouco, que dera, e como se em taõ diminuta comparaçaõ fi a affronta á formosura de nossa alma, entra a plicar-se melhor na materia, e diz assim: *Si Deus aret plures mundos, quot sunt Stellæ in Cœlo, tinentes singulos omnia contenta in isto mundo, essent ita pulchri, sicut est anima.* Se Deos creá itos mais mundos, e tantos fossem quantas saõ Estrellas todas do Ceo, e em cada hum delles zera toda a formosura, que ha neste mundo, naõ egaria todo esse cumulo de formosura a igua-

Conimbr. de Cœlo. lib 2. c. 5. q. 1. a. 2. Hurt. d. 2. de Cœlor. propriet. S. 5. Ovied. de Cœl. punct. 4. n. 1.

D. Bern. citatus.

lar a de huma só alma. Agora sim acho eu que
explicou bem o Santo; porque nos veyo a dizer, q
a nossa alma, vezes sem conto, e sem numero, he ma
formosa que o Ceo Empyreo, e que o mundo tod
Persistindo S. Bernardino nesta verdade, em cons
quencia della accrescenta, que se algum home
chegára a ver huma alma com toda a sua formosur
e gloria, discorrêra que nem o mesmo Deos a exc
dia na formosura: *Audeo dicere, quod si esset poss
bile quòd homo incarnatus posset videre anima
in abstracto glorificatam, ipse non crederet Deu
fore pulchriorem.*

32 A razaõ de tudo he; porque Deos creou
homem á sua imagem, e similhança: *Creavit De
hominem ad imaginem, & similitudinem suam*; lo
no homem ha de haver huma formosura, que se
similhe á do mesmo Deos. Hum excellente arti
ce empenhado em tirar algum retrato, poem nel
a formosura do original, como se a reproduzir
competindo com a natureza. Assim Deos: quiz r
tratar se, e creou a alma racional, vivente, espiritu
e intellectiva, com tres potencias distinctas em hũ
mesma substancia: e bastando a nobreza deste se
para na formosura imitar a Deos, assim como o in
ta na similhança, ainda quiz mais que houvesse
alma huma luz, ou hum resplendor similhante
resplendor immenso, e á infinita luz, que sahe da
Divina face, para mais se assimilhar a ella. Naõ se
se assim o disse David: *Signatum est super nos l
men vultus tui Domine*; mas sey, que assim o inte
preta o grande Tertulliano. Pois se tanta he a fo
mosura de nossa alma, e taõ parecida com a do me
mo Deos, naõ será encarecimento, que tanto exc

Genes. 1. 27.

Psal. 4. 7.

Tertul. apud Lorin. in hunc. Psal.

á formofura de todo o mundo; nem ferá de ad-
rar, que, vifta a formofura da alma, fe enganaffe o
curfo, entendendo que nem a formofura Divina
de fer mayor: *Non crederet Deum esse pulchrio-*
m.

§. VI.

33 SUbamos agora de ponto, e ponhamos o
penfamento na fobrenatural formofura
huma alma, reveftida com o habito riquiffimo
Divina graça ornada preciofamente com as jo-
ineftimaveis da Fé, Efperança, e Caridade! E
e formofa eftará! Se a natureza fez a noffa alma
formofa, quanto mais formofa a fará a graça,
e a eleva a hum eftado fuperior a toda a natureza?
nayor formofura natural de noffa alma fe reduz
er imagem de Deos; e quanto ferá mayor a for-
fura della, fendo pela graça naõ fó imagem, mas
nbem fimilhança do mefmo Deos! Huma alma,
e, alêm da fua natural formofura, conferva a for-
fura fobrenatural, que lhe dá a graça, fó com a
mofura Divina fe compara. Só com ella (co-
feu exemplar, e original) fe explica bem: af-
como a formofura Divina naõ fe nos dá me-
r a conhecer nefta vida, que pela formofura de
na alma, que eftá em graça.

4 Reparando o Divino Efpofo na formofura
ua Efpofa, diffe como admirado: *Ecce tu pul-*
a es amica mea: ecce tu pulchra es. Efpofa mi-
, fois por admiraçaõ formofa: *Ecce tu pul-*
a es: fois abfolutamente, e fobre todo o encа-
imento formofa: *Ecce tu pulcra es.* Duas vezes
dmirou formofa; porque como a Efpofa era hu-

Cant. 1, 15.

ma alma no eſtado da graça: *Amica mea*; duas ve-
zes era por admiraçaõ formoſa. Huma vez for-
moſa, pela natural formoſura da alma: outra ve
formoſa, pela graça ſobrenatural, que ainda a faz
mais formoſa. E que reſponderia, ou de que for
conreſponderia a ſeu Divino Eſpoſo aquella taõ for-
moſa, como diſcreta Eſpoſa? Reſpondeo, e con-
reſpondeo aſſim: *Ecce tu pulcher es, dilecte m*
Ibid. 16.
& decorus. Eſpoſo meu, tambem a voſſa formoſu-
ra duas vezes he admiravel. Muy curtamẽte ſe hou-
ve a Eſpoſa (ao que parece) quando mais ſe dev
moſtrar encarecida. He certo que a formoſura Div
na excede infinitamente a formoſura das mais pe
feitas, e mais ſantas almas: pois ſe a Eſpoſa ſanta qu
fazer elogios á formoſura Divina, como a encare
naõ mais do que a ſua propria formoſura foy encar
cida pelo Divino Eſpoſo? Porque a formoſura Div
na ſe dá bem a entender, e a conhecer pela formoſ
ra de huma alma, que eſtá em graça; nem ha mey
mais proporcionado para o conhecimento della: a
ſim como a formoſura de huma alma juſtificada,
ſanta, ſó pela formoſura Divina ſe explica bem. P
iſſo o encarecimento da formoſura de huma alm
juſta foy o expreſſivo da formoſura Divina: e o el
gio da formoſura Divina foy o melhor dictame, p
ra ſe conhecer a formoſura de huma alma ſantific
da com a graça: *Ecce tu pulchra es, amica mea, e*
ce tu pulchra es. Ecce tu pulcher es, dilecte m
& decorus. Talvez quiz dizer a diſcretiſſima Eſp
ſa: Que tendes, Senhor, que encarecer a minh
formoſura? Que achais nella digno de voſſa ad
miraçaõ? Olhay para vós, e vereis melhor o que ad
mirais, ou encareceis em mim: *Ecce tu pulcher es*
porqu

orque eu naõ sou mais do que huma imagem, e si-
nilhança vossa. Em vós está o original de que eu sou
opia; mas taõ fiel, e taõ propria, que assim como
í vós expressais bem a formosura de minha alma:
Ecce tu pulchra es amica mea; assim esta he a que
nelhor dá a conhecer a vossa formosura: *Ecce tu
ulcher es dilecte mi*; porque della me faz a vossa
raça participante.

35 A graça, como dizem as Escrituras, e ensi-
aõ os Theologos, he huma participaçaõ da natu-
eza Divina: *Pretiosa nobis promissa donavit, ut
er hæc efficiamini divinæ consortes naturæ.* Es-
huma alma em graça, e participa realmente da
atureza de Deos, por modo, cuja intelligencia, e
xplicaçaõ naõ he deste lugar: pois como naõ par-
icipará tambem de sua formosura? Desposa-se
eos com as nossas almas, quando lhes infunde
sua graça: e qual seria o esposo, que tendo em
u arbitrio, naõ escolhesse para a sua esposa a for-
osura mais rara, e mais excellente, até onde pu-
esse chegar o pincel da sua idêa, e a execuçaõ do
u desejo? Se Deos naõ fizera as almas, com que se
sposa, quanto póde ser, taõ formosas como elle
, naõ lhes daria formosura digna de seu emprego,
le seu amor. Para as fazer dignas de se desposarem
m elle, as ha de fazer similhantes a si mesmo na
rmosura. Naõ pódem as almas ser essencial, e
bstancialmente taõ formosas como Deos; mas
la graça pódem accidentalmente participar de
a mesma formosura, assim como participaõ de sua
esma natureza; para que supposto o naõ igualem,
assimilhem a elle, e o imitem na formosura: e
õ só o imitem, mas (se póde ser) o admirem tam-

2.Petr.c.1

bem; porque até o mesmo Deos se mostra como ad-
mirado, vendo tanta formosura em huma alma qu
está em graça: *Ecce tu pulchra es amica mea. Ec-
ce, significat admirationem,* diz Ghislerio na ex-
posição deste lugar.

Ghisl. in cant. c. 1. v. 16.

§. VII.

36. AGora que temos já ponderado quan
rara, e admiravel seja a formosura d
huma alma por sua natural nobreza, e perfeição,
muito mais pela graça que a santifica, se manifest
melhor quam lastimosa, e sensivel he a fealdade
a que se reduz pelo peccado; por que tanto s
deve abominar, e sentir esta fealdade, quanto s
deve estimar aquella formosura. Em continuo pran
to se desfazia aquelle triste Profeta Jeremias, ven
do os naturaes de Jerusalem taõ affeádos no cat
veiro de Babylonia, que nem de si mesmos tinhaõ s
milhança: *Denigrata est super carbones facie
eorum, & non sunt cogniti in plateis.* Eu con
demnára por indiscreto o sentimento de Jeremia
Que elle chorasse a sorte infeliz de seus naturaes, er
muy justo; porque vendo-os arrastar cadêas n
cativeiro, perdida a liberdade, e estimação, co
que os vira na patria, tinha urgente motivo de s
lastimar; porém que fundasse a sua pena em o
ver desconhecidamente affeados, quando naõ er
este o seu mayor, e principal infortunio? Sim
porque o Profeta comparava essa fealdade com
antiga gentileza, e rara formosura, que nelles vi
ra, quando com bizarria, e fasto passeavaõ d'an
tes em Jerusalem: *Candidiores Nazaræi ejus ni
ve, nitidiores lacte, rubicundiores ebore anti
quo, saphiro pulchriores;* e naõ podia sem grave
pena

Threnor. 4. 8.

Ibid. v. 7.

ena considerar tanta formosura ignominiosamen-
e affeada.

37 Choremos nós tambem, e com mais razaõ,
fealdade a que reduzimos nossas almas, pelos pec-
ados que commettemos; sabendo que com elles
tornaraõ mais horriveis que o demonio, sendo
or si mais formosas que todo o visivel, e pela
raça imitadoras da formosura Divina. Choremos
ta desgraça, a que nos precipitaraõ os nossos er-
s, e com as lagrimas que derramarmos, lavare-
os as nossas almas, e as purificaremos de toda a
aldade de nossas culpas: nem he razaõ, que quem
egou a conhecer a fealdade propria, viva no des-
ido de se purificar della.

38 Entre as formosas peças do antigo Taber-
culo, era muy principal, e muy celebre aquel-
grande pia de bronze, em que por Divina dispo-
aõ se purificavaõ os Ministros do Santuario: *Fa-
es & labrum æneum cum basi sua ad lavandum.
avabunt in ea Aaron, & filii ejus manus suas ac
des.* Moysés a mandou fazer (ou ornar) de es-
lhos: *Fecit & labrum æneum cum basi sua de
eculis mulierum.* A todos serve de admiraçaõ o
gar, que o Architecto do Tabernanulo escolheo
ra assentar os espelhos; mas o certo he que no
ysterio esteve a propriedade, e acerto. Queria
eos que os seus Ministros se lavassem, e purifi-
ssem naquella pia: *Lavabunt in ea Aaron, &
ii ejus manus suas & pedes*; pois nella se po-
aõ espelhos, em que se vejaõ: *De speculis mu-
rum*; porque discorreo acertadamente Moysés,
e desejariaõ purificar-se todos os que, chegan-
-se aos espelhos, nelles vissem as suas manchas.

Exod. 30. 18. & v. 19.

Cap. 38, 8.

Faziaõ os eſpelhos que naõ foſſem inuteis, e eſ-
cuſadas aquellas agoas purificativas, porque a ca-
da hum moſtravaõ a neceſſidade de ſe purificar
quando lhe davaõ a conhecer as proprias manchas
Eſte antigo rito ainda hoje he doutrina para nós
Antigamente ſe purificavaõ os corpos naquell
agoa: hoje ſe devem as almas purificar com lagri-
mas, tantoque ſe conhecerem affeadas pela culpa

D. Gregor Hom. 17. in Evang.

*Internæ noſtræ imaginis maculas videmus: vi-
dentes autem maculas in pœnitentiæ dolore com-
pungimur: compuncti vero quaſi in labro de ſpe-
culis mulierum lavamur*: diz S. Gregorio Magno
Seguio Moyſés o dictame da natureza, que no
olhos pôs a viſta, e pôs tambem as lagrimas; par
com eſtas purificarmos as noſſas manchas tantoqu
as virmos. Já que conhecemos quam enorme fic
huma alma pelo peccado: *Anima deturpatur*
lavemos as manchas della: *Lava cor tuum.*

39 Dos aſtros tomemos algum exemplo, e re-
cebamos neſte ponto algum influxo, anticipand
em nós o que elles aguardaõ para o fim do mun-
do. Como entaõ ha de ter fim o peccado, entaõ eſ-
peraõ elles recuperar toda a formoſura de ſua luz
porque eſperaõ purificar-ſe das manchas, que lhe
imprimiraõ tantas culpas commettidas pelos ho-
mens. Para o fim do mundo eſtá profetizad
hum diluvio de fogo: *Ignis ante ipſum præcedet*
diz David: *Ante faciem ejus ignis vorans*, diz
Joel. E a que fim ſe diſpõem eſte univerſal incen-
dio, quando por outra ſórte ſe pódem acabar as
producçoens da natureza, e ter fim as ſumptuoſas
fabricas em que taõ deſvelada ſe emprega a vai-
dade humana? Os Padres, e os Doutores dizem,

Pſal, 96. 3. Joel. 2. 3.

que

ue este fogo, alêm de ser preciso para reduzir a inzas quanto ha na terra, he necessario tambem ara por meyo delle se purificar, e innovar o mesno mundo abrazado: *Vt mundus quoque lustreur, purgatusque innovetur*, diz o grande Mere das sentenças, e com elle todos os Theologos. Que os elementos se purifiquem, póde ser; porque talvez admittiraõ alguma qualidade estranha: nas o mundo todo, os Ceos principalmente, e os astros, que em si naõ admittem corrupçaõ, nem qualidades contrarias, de que se haõ de purificar? Do mesmo de que os elementos haõ de ser purificados. Das manchas digo, que com as suas fealdaes lhes introduzîraõ as nossas culpas. Ouvi ao Douissimo Theologo Soto: *Ab impuritate, & infectione nostrorum delictorum.* E porque esta vos naõ pareça singular doutrina, ouvi a todos os Theologos, fallando por boca do Eximio Suares: *Omnes Theologi dicunt, mundum esse purgandum, quia est veluti fœdatus peccatis hominum.*

Magist. in 4. dest. 48. de Purgatione, & innovatione mũdi.

Domin. Sot. in citat. loc. Sent.

Suar. in 3. p. tom. 2. sive de vit. Christi disp. 57. sect. 1.

40 Aprendamos alguma cousa desta Astrologîa. Se os astros esperaõ purificar-se das manchas, que nelles imprimiraõ as nossas culpas, que esperamos nós para nos purificarmos das enormidades, que contrahiraõ as nossas almas? Elles para se purificarem esperaõ aquelle tempo, em que se haõ de acabar as culpas. Será justo que para nós as culpas acabem já, e naõ esperemos mais tempo, para purificar nossas almas. Os astros purificados se haõ de innovar; porque haõ de recuperar a formosura, que lhes tiraraõ as nossas culpas. Purifiquemos as nossas almas, renovando nellas a formosura, que perderaõ pelo peccado. Com fogo se haõ

haõ de purificar os aſtros; porque para os innovar nenhum outro elemento baſta. Purifiquemos nós e innovemos com agoa as noſſas almas, lavando com lagrimas a fealdade, que temos viſto cauſarem as noſſas culpas. Do coraçaõ emanaõ os vicios, que affeaõ a formoſura da alma. Naſçaõ tambem do coraçaõ dous olhos de agoa, ou duas fontes de lagrimas, que lavem tanta fealdade: *Lava à malitiâ cor tuum Jeruſalem, ut ſalva fias.*

SER-

SERMAÕ X.
NA TARDE DA SEGUNDA
DOMINGA
DA QUARESMA.

Lava à malitiâ cor tuum Jerusalem, ut salva fias. Jerem. 4.

§. I.

PRIMEIRO dictame da razaõ, e o primeiro preceito da Ley Divina, he o que nos obriga a honrar a Deos sobre tudo: mas he tambem este preceito, e este dictame o que primeiro violamos m qualquer peccado; porque em todos elles tiamos a Deos a honra: *Omne peccatum per praevaricationem Deum exhonorat*; diz Santo Anselno, a quem segue o nosso Interprete no segundo notivo com que nos incita a purificarmos nossos coraçoens: *Deus inhonoratur.* Assim como he naural, tambem he notoria a razaõ, com que as crea-

Ex doctrina D. Ansel. maxime lib. 1. Cur Deus Homo cap. 15.

creaturas se obrigaõ a pagar a Deos o tributo da devida honra, porque se o filho honra a seu pay e o servo a seu senhor: *Filius honorat patrem & servus dominum suum*: nós, que pela creaçaõ somos servos, e filhos de Deos, e pela redempçaõ filhos, e servos de Christo, a Deos, e a Christo devemos honrar como a Pay, e como a Senhor. Mas porque a cegueira he a primeira resultancia da culpa, nem todos conhecem que tiraõ a Deos a honra quando peccaõ.

Malach. 1. 6.

2 Parece que a honra tira o peccador a si mesmo, e naõ a Deos; porque peccando perde a honra de ser filho, e servo de Deos, e se faz escravo, e filho do peccado. Commuta a honra de ser filho, e servo de Christo pela deshonra, e vileza de ser escravo, e filho do demonio. Assim parece, mas he certo que naõ fora taõ abominavel a malicia de hum peccado, se a honra de Deos ficára illeza, por mais que se ultrajasse a da creatura. Descobrir o ponto mais alto, e mais sensivel da injuria, e deshonra, que se faz a Deos em qualquer peccado, será o empenho de meu assumpto, a raiz de meus discursos, e o fundamento para a doutrina desta hora. Examinarey a gravidade desta injuria, e deshonra, que contra Deos se commette, segundo o que ensinaõ os Padres, e Doutores; mas como elles tambem confessaõ que esta deshonra, e esta injuria he infinita, ainda naõ estará por elles taõ comprehendida, que se naõ possa dar a conhecer mais, e muito mais, por varios modos. Queira Deos dirigir os meus discursos para honra sua.

Alens. 3. p. q. 1. memb. 6. Bañez 1. p. q. 21. a. 4. Godoy tom. 1. in 3. p. tr. 1. disp. 1. §. 1 & com. Thomistæ.

§. II.

§. II.

3 O Cõmum sentir dos Padres, com S. Joaõ Chrysostomo, assenta que na tentaçaõ e faz o homem arbitro entre Deos, e o demonio. De huma parte lhe offerece Deos a sua graça, a sua gloria, e a si mesmo, se naõ peccar. De outra parte lhe offerece o demonio huma temporal vileza, o inferno, e tambem a si, para que peque. E comparando o homem o demonio, e suas offertas, com Deos, e suas promessas, prefere o demonio a Deos; porq a este falta, e ao demonio escolhe, quãdo se delibera a peccar. Esta he a deshonra, e talvez será tambem o ponto mais encarecido da injuria, que se faz a Deos, commetendo-se qualquer peccado. Propostos equiparadamente, para escolha, Deos, e o demonio, e preferido este a Deos! Quem naõ vê ja a grande injuria, que se faz a Deos nesta comparaçaõ; quanto mais na preferencia?

4 Queixa-se Christo ao Eterno Padre de hum Concelho, que contra elle fez a canalha dos Judeos, pouco antes que o condenassem á morte: *circumdederunt me canes multi, concilium malignantium obsedit me*, e diz que sahira delle reputado pela deshonra dos homens, e desprezo do povo; porque o avaliaraõ por ainda menos que homem: *Ego autem sum vermis, & non homo, opprobrium hominum, & abjectio plebis*. Christo por menos que o homem avaliado, quando de seus inimigos por homem foy declarado, e reconhecido: *Ecce Homo*! Christo reputado a mesma deshonra, quando, a pezar da inveja, Pilatos o acclamou Rey: *Rex Judæorum*! Christo desprezo do povo, quando o mesmo Presidente dos Romanos o venerou, e confessou por justo: *Innocẽs ego*

Psal. 21. 17.

Ibid. 7.

Joan. 19. 5.

Matth. 27. 37.

Ibid. 24.

ego sum, à sanguine justi hujus? Sim; que naquelle Cõcelho, de que se queixava a paciencia divina propôs Pilatos a Christo, e a Barrabbaz, para que de ambos escolhesse o povo o que em sua estimaçaõ, e agrado fosse mais digno: *Quem vultis dimittam vobis, Barabbam, aut Jesum?* Christo, que era o melhor de todos os homens, em concurso de preferencias com Barabbaz, que se reputava o pessimo dos homẽs todos! Pois que mayor deshonra para Christo? Mas certamente deshonra mayor ainda, quando Barabbaz com effeito foy preferido a Christo: *Opprobrium hominum, & abjectio plebis.* Aqui o meu Anselmo Laudulense na sua admiravel Glossa interlineal: *Dum pro eo Barabbam elegerunt.*

Ibid. 17.

5 Avaliou aquelle Concelho a Christo por menos que homem: *Vermis, & non homo*; porque ficou sendo ainda menos que homem, quem com tanta deshonra foy preferido pelo que era o mais vil entre os homens. No Commento de S. Jeronymo, Barabbaz figurava ao demonio, e o que neste infame Concelho passou entre Christo, e Barabbaz, se repete entre Deos, e o demonio no juizo dos homens, em cada vez que peccaõ. Entraõ a fazer comparaçaõ de dous extremos, naõ menos incomparaveis q̃ Deos, e o demonio; e saõ taõ ingratos, taõ barbaros, e temerarios, que desprezaõ a Deos Eterno, Immenso, Omnipotente, Formoso, Liberal, Pio, Justo, e Santo: e escolhem o demonio, horrendo, desgraçado, invejoso, falso, infiel, impio, e tyranno. Agradaõ-se do demonio, por melhor que Deos, quanto he na preferencia de sua escolha: e fica Deos a deshonra dos homens, e desprezo das creaturas, pelo summo desprezo, e deshonra, que lhe fazem estas, quando

D. Hieron. in cap. 27. Evang. Matth.

do assim o deixaõ pelo demonio: *Opprobrium hominum, & abjectio plebis.*

§. III.

6 PArecendo ser esta a mayor deshonra, que a creatura póde fazer a Deos, S. Bernardo ainda descobrio outra mayor; porque saltando alêm dos limites da reputaçaõ, e estimaçaõ humana, (em que a primeira se funda) chega a penetrar o intimo da Divindade, cortando pela vida, e ser do mesmo Deos Immortal, Eterno, e Immudavel. Por isso mais atroz ainda, e mais attendida nas Escólas, para por ella se medir a malicia do peccado em razaõ de injuria feita á Deos. Ouvi-a com attençaõ, para que a possais perceber. Sabemos todos que pelo peccado mortal provocamos a Justiça Divina, para justamente nos condenar por elle á pena do inferno por toda a eternidade, logo que peccarmos. Expressamente S. Joaõ Chrysostomo: *Peccatũ enim ità se habet, ut mox atque patratum fuerit, sententiam ferat judex.* Responda-me agora quem pecca, Queres tu, peccador, que no mesmo ponto em que commettes hum peccado mortal, sejas por Deos condenado ao inferno? Certo he, que naõ; porque nenhum homem he taõ desalmado, que queira, e se delibere a peccar, sendo por essa culpa a sua condenaçaõ executada sem demora. Pois huma de duas cousas vens a desejar, e quizeras, quanto he de tua parte. Ou que Deos ignorasse, e naõ visse o teu peccado; ou, quando menos, que em Deos faltasse o castigo para ti. He sem duvida. Assim o mostra a razaõ, e assim o inferio S. Bernardo: *Omnino enim vellet Deum peccata sua, aut vindicare non posse, aut nolle, aut nescire.* Logo quizeras que Deos, ou naõ

D. Joan. Chr. Hom. 23. in 2. ad Corint. 10. in Mor.

D. Bern. Ser. 3. de Resurr. Dom.

naõ fora Immenſo, para eſtar onde viſſe o teu peccado: ou naõ fóra juſto, para o poder, e querer caſtigar? Sim. Eu o provo.

7 Deos tudo ſabe, e tudo quanto as creaturas obraõ eſtá vendo, porque em todo o lugar eſtá preſente. Aſſim como conhece os futuros, porque em ſua Eternidade eſtaõ preſentes: aſſim tem todo o preſente à viſta; porque tudo ſe comprehende em ſua immenſidade, que enche, e inclue em ſi o lugar mais recondito da natureza. Porêm o peccador bem quizera, quando pecca, que Deos naõ fora Immenſo, e que naõ eſtiveſſe onde elle pecca, para que o naõ viſſe peccar. Temos prova, e exemplo no primeiro peccado, que ſe cõmetteo neſte mundo, e nos primeiros peccadores que exiſtiraõ nelle, para nos deixarem taõ máo exemplo. Peccáraõ os noſſos primeiros pays, e tanto que conheceraõ o ſeu peccado, puzeraõ toda a diligencia em fugir, e ſe retirar da preſença de Deos: *Abſcondit ſe Adam, & uxor ejus à facie Domini Dei.* Notavel fatuidade! Naõ ſabiaõ que Deos he Immenſo, e eſtá em todo o lugar? Sim. Pois onde pertendem eſconder-ſe delle, ſe neſſe meſmo lugar ſe achará Deos taõ preſente, para os ver, como no outro de que elles ſe retiravaõ? O certo he, que debalde ſe eſcondiaõ, e ſe retiravaõ de Deos; màs tambem he certo, que encaminhavaõ ſeus paſſos para onde cegamente os levava o intento de occultar o ſeu delicto; e com eſte fim, bem quizeraõ elles que Deos naõ fora Immenſo, e que naõ eſtivera em todo o lugar, para que em algũ pudeſſem eſtar fóra de ſua preſença, e de ſua viſta. Ouçamos a Ruperto Abbade, aguda, e profundamente. *Nec enim Deo aderat, aut obedienter adeſſe*

Genes. 3. 8.

Rupert. in Genes. lib. 3. c. 14.

desse volebat, qui post inobedientiam se absconderat.

8 Oh quanto estimaria Adam peccador achar
um lugar, onde naõ estivesse Deos, quando de sua
esença fugia! *Abscondit se Adam & uxor ejus à
cie Domini Dei.* Mas para desengano de que em
do o lugar acharia a quem por natureza he Immen-
, lá onde estava, e se suppunha occulto, se achou em
esença de Deos, que o chamou a juizo; e sendo
erguntado pela causa que o enfatuou a fugir, e a es-
nder-se de sua vista, respondeo assim: *Timui eò-
òd nudus essem, & abscondi me:* Senhor, vi a nu-
z em que estou, e temi de vos apparecer assim. No-
vel reposta, e bem indigna da razaõ! Porventura
tava Adam vestido, quando antes de peccar fal-
va a Deos, e lhe apparecia? Naõ. Pois se naõ temia
taõ, que teme agora? O castigo; porque a culpa
mettida estava de justiça clamando o seu castigo;
Adam todo cuidadozo por se eximir delle. Discor-
o, que se confessasse a culpa, provocaria em Deos a
stiça para o castigo; pois q̃ remedio? Entra a respõ-
r de sorte, q̃ da sua confissaõ naõ tenha Deos lugar
ra a Justiça, nem materia para o castigo q̃ temia.
: Logo queria Adam q̃ Deos por algũ modo, ou por
gũ caminho, o naõ pudesse castigar. Queria q̃ em
os pudesse faltar a Justiça: *Vellet Deũ peccata sua
t vindicare nõ posse, aut nolle.* Vinha pois Adã a de-
ar, q̃ Deos, ou naõ fora Immẽso, ou naõ fora Justo;
a q̃ ou o naõ visse peccar, ou o naõ pudesse castigar.

Genes. 3. 10.

9 Isto que lá passou em Adam, como por heran-
, veyo, e vem passando a todos os herdeiros da
culpa; porque tambem todos elles quando pec-
õ (mais, ou menos expressamente) bem quizeraõ
e Deos, ou naõ fora Immenso, para naõ estar em to-

do o lugar prefente: ou aliás quizeraõ q́ Deos naõ
rade infinita Juftiça para os caftigar: e confequen
mente, quanto he da vontade dos peccadores, b
quizeraõ que Deos naõ foffe Deos: *Vult ergo De*
non effe: conclue S. Bernardo, com razaõ; porq
deixaria Deos de fer Deos, ou fe naõ fora Immen
ou fe fora fó de Mifericordia para perdoar, e naõ
Juftiça para caftigar. Efte difcurfo he taõ verdad
ro, e taõ folido, que delle deduzem os Theologo
fer o peccado mortal, na razaõ de injuria cont
Deos, hum mal infinito; porque de fua nature
fe ordena a privar a Deos da Divindade propria.

D Bern. fup. citat.

10 Lemos no livro de Job, que o peccador
tende o braço, e levanta a maõ contra Deos, co
empenhando as fuas forças para o acômetter, e talv
para lhe tirar a vida: *Tetendit adverfus Deum m*
num fuam. Hugo Cardeal expõem: *Contra De*
pugnat. Melhor ainda S. Joaõ Chryfoftomo: *Omn*
homo malus, quantùm ad voluntatem fuam, mit
manum fuam in Deum, & occidit eum. Quem tal
rá, ou poderá crer! O homem, que he hum na
póde ter mãos para Deos? Póde prezumir, que te
forças para pelejar contra aquelle Deos, que co
Omnipotente o creou de nada? Naõ, nem póde
ber no entendimento humano tal abfurdo; e co
tudo na vontade dos homens pode caber (expref
ou implicitamente) huma confpiraçaõ contra De
em cada vez que peccaõ; porque, quanto he de f
parte, quizera, quem pecca, tirar a Deos a Divind
de, pois bem quizera tirar-lhe a Immenfidade, ou
Juftiça. A Divindade naõ fe diftingue da Juftiça, ne
da Immenfidade; porque os attributos em Deos fa
o mefmo Deos: e como o peccador bem quize

Job. 15. 25.

Hug hic. D Chryfoft Hom. 40. in Matth.

qu

e Deos, ou naõ fora Immenso, ou naõ fora Justo: tã quizera, q Deos naõ fora Deos: *Tetendit adversus eum manum suam. Quantum ad voluntatem suam, nnum mittit in Deum, & occidit eum.*

11 Da bocca do mesmo Deos temos a melhor nfirmaçaõ deste discurso; porque só elle sabe avar a injuria, que se lhe faz em qualquer peccado. Lá pôs Deos hũa vez a repetir os agravos que tinha do povo, e disse, que este o irritava, e provocava co- se o naõ conhecera por Deos: *Ipsi me provocaverunt in eo quod non erat Deus.* Ou como lê o gran- Abulense: *Facientes de me, vel contra me, tanquã essem Deus.* Porêm se Deos naõ era conhecido alguma outra naçaõ, e só neste povo era adorado: *tus in Judæa Deus*; como se queixa ainda, que delle tratado como se naõ fora Deos: *Tanquam essem Deus*? Porque se bem no entendimento nhaõ por Deos: *Notus in Judæa Deus*; na vontaquizeraõ que naõ fora Deos. A vontade irritava eos: *Ipsi me provocaverunt*; porque se movia a ar contra elle: *Facientes contra me*: e vontade, se delibera a offender a Deos, e a provocar a sua quizéra, qnanto he da sua parte, fazê-lo como aõ fora Deos: *Facientes de me, tanquam non essem us.* Como se naõ fora Deos Immenso, para naõ r presente, nem os ver quando peccavaõ. Como aõ fora Deos Justo, para o offenderem sem casti- Mas de huma, ou de outra sorte, sempre da sua te tirando o ser a Deos, quãdo o offendiaõ cõ suas pas: *Ipsi me procaverũt in eo quod non erat Deus.*

Exod. 32. 21. Abul. hic. Psal. 75. 2.

2 Tereis alguma vez reparado ja, que por nos- culpas se naõ contentou Deos com satisfaçaõ me- , que a morte de seu Unigenito Filho, e Reden-

tor nosso: e quizêra eu, que tornareis a fazer o me
mo reparo agora. Para Deos se desaggravar, e a cu
pa ser satisfeita com toda a exacçaõ da Justiça, e
superabundante qualquer acto meritorio de Chri
to; porque qualquer delles era de infinito preço. H
ma so lagryma no prezepio derramada, podia a p
gar quanto incendio ha no inferno para as nossas cu
pas. Pois derramando Christo tantas lagrymas e
sua vida, e tanto sangue em sua Payxaõ, ainda qu
o Eterno Padre que morra seu proprio Filho, e q
só com a morte do Redemptor se consumme a sat
Joan.19.30. çaõ da culpa: *Consumatum est?* Sim, e razaõ he; po
que Christo, segundo observaõ os santos Padres,
tal sorte vinha a satisfazer por nossas culpas, que n
nhuma deformidade se achasse nellas para a qual n
houvesse especial conrespondencia na mesma sat
façaõ, que por ellas offerecia: *Ut homo, iisdem cu
sibus, quibus dilapsus fuerat ad mortem, rediret*
Chrysolog. Serm de Annuntiat. *vitam*: diz S. Pedro Chrysologo, e com elle pod
mos nós ir notando. He o peccado huma desobe
encia contra Deos; e Christo, para a satisfazer
Joan.14.31. guio a obediencia: *Sicut mandatum dedit mihi P
ter, sic facio.* Peccando o homem faz a sua vont
de, e naõ a de Deos: e Christo no Horto rogava
Eterno Padre, que se executasse a divina vontad
Matth.26. 39. e naõ a sua humana vontade: *Verumtamen non sic
ego volo, sed sicut tu.* Pelo peccado se cõmette co
tra Deos a mayor injuria: e Christo para satisfaça
Mar.15.28. Isai.53.12. della, escolheo o mais injurioso supplicio: *Cum in
quis reputatus est.* Pois tambẽ porque o peccado d
sua natureza conspira contra a vida, e contra o ser d
D.Bernsup. sit. Deos, como, depois de S. Joaõ Chrysostomo, disse tã
S. Bernardo: *Quantum in ipsa est, Deum perim
volu*

voluntas propria; foy preciso que havendo de a
atisfazer, perdesse o Redemptor a vida. Por isso
xpirando Christo, fez ao Eterno Padre especial
ntrega do seu espirito: *Tradidit spiritum.* Espiri- Joan. 19. 30.
o he a alma, e he tambem a vida; e tudo offerecia a
Deos quem vinha a satisfazer a culpa, que de si cons-
ira contra a vida, e ser do mesmo Deos.

13 Naõ duvido pertendereis dizer, que nenhũ
eccador quer conspirar contra Deos: e que o deli-
erar-se a peccar, he pela confiança que lhe fica na
a Misericordia. Esta he a reposta commum, e sa-
da; e eu estimo a occasiaõ de a confutar, e con-
encer aos que a ella recorrem. Vamos com a expe-
encia, e com a razaõ. Achando se o homem com-
atido da tentaçaõ, experimenta que quando de hu-
a parte o arrebata a propria vontade, e a força
o apetite: de outra parte a consciencia (ainda
turalmente) o perturba com o temor de Deos a
uem offende, e do inferno, a que se condena. Athe
ui o que a experiencia mostra. A razaõ facilmente
cança, que cada hum para conseguir o que intenta,
mpre dezeja tirar, e remover os incõvenientes, que
contra. Logo quando temerosa a vontade ainda
arroja a peccar, bem quizera fazer que, ou naõ
uvesse Deos que lho prohibisse; ou naõ houvesse
ferno, em que fosse punido o seu delicto. Por
ntura se da vontade do peccador pendera haver,
naõ haver inferno, para castigo da sua culpa,
izéra elle que houvesse inferno? Certo he que
õ; porque o teme. Pois tambem naõ quizera
e houvesse Deos; porque ainda quando pecca,
tem a consciencia timida, que o argûe da Mages-
de a quem offende, e do Juiz que o castigará. Co-

 nhe-

nheça pois o peccador, e confesse convencido ja
que na sua culpa sempre se involve huma (quand
menos) inefficaz conspiraçaõ contra a vida, e exis
tencia de Deos.

14 Mas supponhamos que naõ olha para o cas
tigo, e só attende para a Misericordia. Supponha
mos que naõ teme a pena, porque vay fiado e
que Deos lhe perdoará, como fez a David, a Za
queo, á Magdalena, e como ainda faz a outros in
finitos. He bom discurso, confiar na Misericordi
e offender ao Misericordioso! Athe isto he reputa
a Deos como se naõ fora Deos: *Facientes de me
tanquam non essem Deus*; porque he querer hu
Deos, que naõ fora justo. Que espere de Deos
perdaõ quem está contrito, e arrependido, isto h
conhecer a Deos por Misericordioso. Mas que quan
do hum actualmente se resolve a offendê-lo, va n
confidencia de sua Misericordia, isto he querer h
Deos só com o attributo da Misericordia, e sem
attributo da Justiça, e hum Deos que naõ seja Deo
Christo absolveo a Magdalena: assim he; mas quan
do contrita. Perdoou a Zaqueo; mas quando arre
pendido. David conseguio Misericordia; mas quan
do penitente. Em quanto perseveravaõ na resoluça
de peccar, naõ podiaõ esperar de Deos Misericor
dia, sem o considerarem injusto, e como se naõ fo
ra Deos.

15 Eis-aqui naõ só a grandeza, senaõ tam
bem o mayor excesso da injuria, e deshonra, qu
contra Deos se faz em hũ peccado. Reputa-se a Deo
por menos que o demonio; porq́ a este se estima, e s
despreza a Deos. Grande deshonra! Mayor ainda
porque com o peccado intenta o author delle tira

Deos a vida, e o ser, quando o quizera privado
a Immensidade, para que o naõ visse peccar; ou
a Justiça, para ser izento do seu castigo. Esta he
gratificaçaõ, que temos com quem nos deo o ser:
ta he a conrespondencia, que uzamos com quem
preço da sua vida comprou a nossa, com taõ ar-
nte caridade, que ainda se mostrava sequioso de
brar mais finezas, mais padecer por nosso amor.

§. IV.

16 E Com tudo ainda me parece subir a mais a deshonra, que peccando commette-
os contra Deos. Achaõ os Theologos, que a in-
ria feita a Deos em hum peccado, he summa, e
infinita, por se encaminhar contra a sua Justiça,
contra a sua Immensidade; em fim, contra o ser,
ontra a vida do mesmo Deos: porém eu entendo
e esta especulaçaõ representa o peccado como
neridade, e naõ como deshonra. Que temera-
naõ he quem, por alguma sorte, vem a dezejar
Deos, ou naõ fora Justo, ou naõ fora Immenso, e por
zermos tudo, que Deos naõ fora Deos! Eu discorro
ito pelo contrario. Attendo para a reposta cõ que
desculpa quem pecca: e quando os ouço dizer que
n quizeraõ privar a Deos de sua Justiça, nem de
Immensidade, nisso mesmo descubro a mayor
ria, que lhe fazem; porque acho, que a mayor
honra feita a Deos pelos peccadores, consiste
dous pontos, bem oppostos aos que ouvisteis. O
meiro he, que peque o homem, e naõ queira
var a Deos da sua Justiça. O segundo he; que pe-
e, e naõ queira privar a Deos da sua Immensida-
. Attendei-me.

Theol supra relati num. 1

17 A primeira razaõ, que faz mais atroz a in-
juria, que contra Deos se commette no peccado, h
por naõ querer, quem pecca, privar a Deos de su
Justiça; mas antes incitá-lo para o acto della. H
cousa notavel, que sendo o attributo da Justiça en
Deos indistincto da sua natureza, nenhuma cous
pareça menos natural em Deos, do que o acto dess
attributo; porque em Deos nenhuma cousa parec
menos de sua natureza, que o castigar. Explico-me
Para nos perdoar, e beneficiar, he promptissimo: pa
ra nos castigar sempre he tardo, e procedendo sem
pre como compellido de nossas culpas. A razaõ ta
propria, como recebida entre os Theologos, he
porque Deos para o acto da Misericordia, em si ten
a propria natureza, que o move por sua innáta bon
dade a se compadecer de nós: e para nos castiga
naõ se move de si, sem ser movido por nós, que
provocamos com as culpas, que em Deos naõ ha
e só em nós se achaõ. Ouvi a S. Bernardo, a quen
seguem os Doutores. *Quod miseretur, illi propri
est, ex se enim naturam habet, velut quodam semi
narium miserendi. Quod judicat & condemnat, no
eum quodammodo cogimus; ut longè aliter de cord
ipsius miseratio, quàm animadversio procedere vi
deatur.* Mas por isso mesmo que o perdoar he en
Deos propensaõ da natureza propria; o castiga
parece que se lhe faz taõ violento, como se fora im-
proprio de sua natureza o acto da Justiça punitiva.

D.Bern.Ser. 5.in Nativit. Domini.

18 Disse Isaias, que sahiria Deos com huma
obra, verdadeiramente sua; mas ainda assim total-
mente alheya de sua natureza; porque obraria hu-
ma acçaõ, estranha da Divindade. *Vt faciat opus
suum, alienum opus ejus: ut operetur opus suum,
pere-*

Isai. 28. 31.

eregrinum est opus ejus ab eo. Nenhuma acçaõ
ióde haver em Deos, que lhe naõ seja muy natural;
orque em Deos, o ser, e o obrar naõ se distinguẽ.
acçaõ, com que obra, he a sua mesma natureza.
ois que acçaõ, ou que obra seria aquella, taõ es-
ranha para Deos, e taõ admirada pelo Propheta?
laõ busquemos exposiçaõ fóra do Texto; porque
emos nelle a reposta para a duvida. Era hum casti-
o, que a indignaçaõ divina ameaçava aos Israelitas:
*Dominus sicut in valle, quæ est in Gabaon irasce-
ur*; e taõ repugnante se mostra Deos para o casti- Ibid.
o dos homens, como se o acto delle fora estranho
le sua natureza, e alheyo da Divindade. *Domi-
ius sicut in valle, quæ est in Gabaon. Ut faciat
pus suum, alienum opus ejus.*

19 Nesta repugnancia, achando-se Deos como
recizado, e como obrigado, por parte de sua in-
inita Justiça, a castigar aos que o provocaõ peccan-
lo, antes que execute, ou decrete a pena, parece
que entra a lutar comsigo, athe vencer em si mes-
no a propria resistencia para castigar. De huma par-
e a natureza toda propensa para a piedade: de ou-
ra parte a Justiça provocada das culpas para o casti-
go: e he precizo que Deos se vença a si mesmo, pa-
a que a Justiça prevaleça á Piedade; porque he ne-
cessario (a nosso modo de entender) que vença pri-
neiro em si o impulso, com que a sua propria na-
ureza se move para perdoar.

20 Queixando-se Deos do seu povo taõ mimo-
o, e reprehendendo-o tambem, dizia assim: *Præ-
buisti mihi laborem in iniquitatibus tuis. Ego sum,* Isai. 43.24.
*ego sum ipse, qui deleo iniquitates tuas propter
me.* Deo-me trabalho este povo com as suas culpas,
porque

porque eu sou o que, por amor de mim, lhe perdôo os seus delictos, Conclue logo a reprehensaõ, e a queixa, lembrando-lhes o castigo, que deo a Moysés, e Aaram, privando-os da vida, e naõ lhes permittindo que entrassem na terra de promissaõ: trazendo-lhes tambem á memoria os dous cativeiros taõ dilatados, com que o mesmo povo foy castigado, huma vez no Egypto, em Babylonia outra vez.

Ibid. 28.

Contaminavi Principes sanctos, dedi ad internecionem Jacob, & Israel in blasphemiam. Confesso que naõ sey compôr, e ajustar entre si as partes, e periodos deste Texto. Se Deos foy taõ executivo em castigar o seu povo, e os dous Principes delle, posto que ambos eraõ Santos: como allega que elle era o que por amor de si mesmo perdoava a esse povo: *Ego sum, qui deleo iniquitates tuas propter me?* E se o castigava taõ exactamente, qual era o trabalho que tinha com as culpas delle? *Præbuisti mihi laborem in iniquitatibus tuis?* Se o naõ castigara, podia allegar trabalho na paciencia de o soffrer: mas executando Deos naquelle povo castigos taõ asperos, e dilatados, como o do cativeiro por largos annos, diz ainda que lhe dava trabalho este povo? Sim; e o trabalho, que Deos achava, era o mesmo castigo, e naõ outro: *Contaminavi Principes sanctos, dedi ad internecionem Jacob, & Israel in blasphemiam.* Porque como Deos por si mesmo, e por sua propria natureza se move a perdoar: *Deleo iniquitates tuas propter me*; naõ podia deliberar-se a castigar, sem parecer que tinha hum grande trabalho, em se vencer primeiro a si mesmo: *Præbuisti mihi laborem.* Parece que antes de castigar, entrava Deos a contender con-

tra

ra si mesmo, e contra a sua Justiça, diz Alapide eguindo a S. Jeronymo: *Perinde ac si Deus clemens, & parcens pugnet contra se suamque justitiam, flagitantem, ut justâ vindictâ peccata, & peccatores plectat.* Contra si, querendo vencer a propria bondade, e clemencia, para castigar. Contra a sua Justiça, querendo-a vencer, para perdoar. Mas havendo de prevalecer a Justiça, por se naõ augmentarem as culpas impunidas, ficava Deos como pezaroso, e sentido, vendo-se precizado a castigar, quando de si, e por amor de si, todo estava nclinado a perdoar: *Præbuisti mihi laborem in iniquitatibus tuis. Ego sum, ego sum ipse, qui deleo iniquitates tuas propter me.*

D. Hieron. Alap. in cap 43. Isai.

31 Se os homens saõ humas imagens, e similhanças de Deos: *Faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram*; se os homens saõ as delicias de Deos: *Deliciæ meæ esse cum filiis hominum*; se para os remir da culpa, e livrar da pena, e fez homem o mesmo Deos, e padeceo a morte, em mais impulso, que o de sua propria, e natural bondade, como haverá nelle (quanto he de si) deliberaçaõ para os castigar? Mas que ha de fazer, e o provocaõ as nossas culpas: *Quare ergo me ad iracundiam provocaverunt?* Castiga como provocado, e como se fora, ou pudera ser obrigado: *Nos eum quodammodo cogimus.* E porque só provocado, e como obrigado castiga, elle he o que que primeiro mostra sentir o nosso castigo. Houve Deos de castigar o mundo todo com o diluvio, e quem primeiro deo mostras de que sentia esse castigo, foy Deos; porque diz a Escritura, que quando Deos tomou a resoluçaõ de submergir os ho-

Genes. 1. 26.
Prov. 8. 31.
Jerem. 8, 19.

homens, e o mundo todo (submergido já d'antes em tantos vicios) huma dor lhe cortára intrinsecamente o coraçaõ: *Tactus dolore cordis intrinsecùs, delebo, inquit, hominem, quem creavi.* Dizey-me agora para concluzaõ do nosso ponto. A dor, e o sentimento naõ saõ improprios da Divindade? A pena naõ he totalmente alhea da essencial Bemaventurança de Deos? Sim. Pois porque o castigo dos peccadores he o motivo desta pena, e desse sentimento, se faz o castigar trabalhoso para o mesmo Deos, estranho, e alheyo da Divindade. *Dominus irascetur. Ut faciat opus suum, alienum opus ejus. Præbuisti mihi laborem in iniquitatibus tuis.*

Genes. 6. v. 6. 7.

§. V.

22 VEdes o como Deos se mostra quasi involuntario, e cheyo de sentimento, havendo de punir as nossas culpas? Deduzi pois desta benevolencia, e piedade divina, quam grave injuria, e deshonra commette contra Deos, quem com peccados irrita a sua bondade, e provoca a sua Justiça, para castigar. Notay com advertencia, e o percebereis. Deos, como supremo Senhor, he livre no seu obrar; só no castigo da culpa, procede como se fora, ou pudera ser obrigado: *Quod judicat, & condemnat, nos eum quodammodo cogimus.* Logo priva o homem a Deos da honra de Senhor, fazendo-o proceder na execuçaõ do castigo, como se fora servo; porque o incita a obrar, naõ como Senhor, segundo a propensaõ de sua vontade livre; mas como servo, segundo a urgencia, com que o obrigaõ as nossas culpas. *Servire me fecisti in peccatis tuis,*

Isai. 43. 24.

diz a

dizia Deos por Isaias: Com os vossos peccados fazeis que eu sirva, postoque sou independente Senhor de todas as creaturas. Pois Deos, Senhor taõ livre, e taõ effectivo, que o seu querer he o seu obrar, poderá dizer-se que obrando serve? Sim, quando obra incitado de nossas culpas. Que acçaõ tem Deos, quando com nossas culpas o irritamos? O castigo dellas. Pois nesse castigo parece que naõ obra Deos como supremo, e livre Senhor; porque naõ obra segundo pede a innata propensaõ de sua vontade piissima: obra como se fora, ou pudera ser constrangido, para o fazer; e quem assim obra, como servo obra: *Servire me fecisti in peccatis tuis.*

Isai. 43. 24.

23 Ninguem duvîda que Deos, assim como he o primeiro principio de todas as cousas, assim he o ultimo fim de todas as creaturas; porque todas creou por amor de si mesmo: e por isso devem as que saõ racionaes dirigir suas acçoens para honra do mesmo Deos, como seu ultimo fim. He porêm infallivel, que esta ordem da razaõ se perverte pelo peccado, cujo ultimo fim naõ he Deos, mas sim a mesma creatura que o commette; porque peccando obra por amor de si mesma, e vem a fazer-se ultimo fim de si mesma: como Angelicamente discorre Santo Thomaz: *Finis ultimus in amore commutabilium est ipse homo, propter quem alia quærit.* E nesta hora accrescentara eu, que a creatura, alêm de pôr em si, e tirar de Deos a suprema honra de ser o seu ultimo fim, tambem lhe tira a de ser o seu primeiro principio. Assentaõ insignes Theologos, que o primeiro principio, ou primeira causa, he a que primeiro move todas as causas segũdas, ou inferiores; peccando porêm o homem, el-

D. Thom. in 2. dist. 42. q. 2 a 1.

elle he o que move, e determina a Deos para o castigo, como se o homem fora a primeira causa, e o primeiro movente, e naõ Deos. A primeira causa move as mais todas, porque todas lhe saõ sujeitas, e subordinadas; e porque o homem pelo peccado nega a sujeiçaõ a Deos, se faz a si mesmo primeira causa, e como tal move a Deos para que o castigue. A Adam persuadio o demonio, que seria similhante a Deos, se lhe violasse o preceito: *Eritis sicut Dii*: e fallou o demonio em tal sentido, que tirasse depois a salvo o cumprimento de sua enganosa persuasaõ, e falsa promessa; porque com admiraçaõ disse Deos, que Adam depois de peccar, em verdade lhe ficara similhante: *Ecce Adam quasi unus ex nobis factus est.* Mas se Adam peccando perdeo a graça, e a similhança, que por ella tinha com D os: se a culpa o fez similhante aos brutos: *Comparatus est jumentis insipientibus, & similis factus est illis*; em que se faria similhante a Deos, tendo peccado? Achaõ os Expositores nesta duvida grave difficuldade; e eu entendo que no mesmo effeito da culpa se descobre soluçaõ muy propria. Notay. Deos, como primeira causa, movia a Adam para obrar; e Adam, com a sua culpa, movia a Deos para o castigar. Logo, depois de peccar, se fez Adam similhante á primeira causa, e similhante a Deos: *Ecce Adam quasi unus ex nobis factus est.*

Genes. 3. 5.

Genes. 3. 22.

24 Este he o primeiro ponto da mayor deshonra, que peccando o homem commette contra Deos. Tira-lhe a honra de Senhor supremo, e primeira causa, quando, como se naõ fora Senhor, de alguma sorte o obriga; e como se naõ fora primeira causa, o move para castigar, taõ contra o impulso de

de sua natureza piissima, e infinita bondade. Eu aconselhara a quem se delibera a peccar, que primeiro privasse a Deos do attributo da Justiça, para que como Justo naõ ficasse obrigado a castigar o delicto da creatura. Deixay-lhe só o attributo da Misericordia: tiray lhe (se podeis) o da Justiça, porque perdoará como bom, como pio, e benigno, sem que, por Justo, o movaõ as offensas, que se lhe fazem, a castigá-las, tanto á custa de sua pena, e de sua dor: *Tactus dolore cordis intrinsecus*. Conhecer porêm que Deos incomparavelmente se move de sua bondade innata, para perdoar; e ainda assim provocar a sua Justiça, para castigar! Conhecer que só o castigo dos homens poderia (se possivel fora) causar pena, e sentimento a Deos, e provocá-lo (e se póde ser) obrigá lo com offensas a que os castigue, taõ contra a natural propensaõ de sua Misericordia infinita! Isto he o que a Deos mais aggrava, porque nisto mais desprezamos, e mais injuriamos a sua bondade.

25 Duas cousas muy notaveis, e naõ menos difficultosas, diz S. Paulo, escrevendo aos Hebreos: *Rursus crucifigentes sibimetipsis Filium Dei, & ostentui habentes* Caietano verte: *Ad publicam ignominiam Filii Dei.* Diz, que os homens, em cada vez que peccaõ, novamente crucificaõ o Filho de Deos, com deshonra, e com desprezo. Tudo he assim. Crucificaõ os homens novamente a Christo quando peccaõ: *Rursus crucifigentes sibimetipsis Filium Dei*; porque, quanto he de sua parte, daõ causa para que Christo novamente fosse por elles crucificado, se a morte que huma vez padeceo naõ bastara para satisfaçaõ de todas as culpas

Ad Hebr. 6.

Ex doctrina, & revelatione Christi ad S. Gertrud. lib. 3. cap. 42.

pas do mundo: e Christo, pelo ardentissimo amor, com que deseja a salvaçaõ de todos os homens, quizera (se necessario fora) para lhes conseguir o perdaõ, tornar a morrer por elles, quando novamente o offendem. Neste Texto do Apostolo duas cousas notoriamente se descobrem. A malicia, e ingratidaõ dos homens he huma: outra he o amor, e a bondade de Christo. Saõ os homens taõ máos, e taõ ingratos, que naõ duvidaõ ser occasiaõ, para que Christo quizesse repetidas vezes ser crucificado, depois de dar a vida por elles huma vez na Cruz: e de tanta bondade, e misericordia he Christo, que naõ duvidára padecer repetidas mortes pelos peccados dos homens, se para lhes impetrar o perdaõ, naõ fora sufficiente, e superabundante a morte, que padeceo por elles huma vez. Porêm o Apostolo, sem expressar aqui, ou encarecer o amor de Christo, nem a ingratidaõ dos homẽs, mas sim passando huma, e outra cousa em silencio, concluio só, que nisto fazem os homens huma publica deshonra, e huma publica injuria ao Filho de Deos: *Ad publicam ignominiam Filii Dei.* E he bem certo, que discorreo mais profundamente do que parece. Vio a piedade com que o Filho de Deos está prompto para perdoar aos homens, ainda que o perdaõ lhe custára novamente a vida, se naõ bastara a morte, que huma vez padeceo: e tambem vio, que os homens, desestimando tanta piedade em Deos, provocaõ o seu castigo com novas culpas: *Rursus crucifigentes sibimetipsis Filium Dei*; e advertidamente abominou sobre tudo a injuria, e deshonra, que nisto se faz a Deos; porque excitar a sua Justiça, quando elle tanto se mostra benigno, e

piedo-

edoso, mais que tudo he manifesta injuria, e pu-
ica deshonra, que se faz a Deos: *Rursus cruci-
gentes sibimetipsis Filium Dei, ad publicam ig-
nominiam Filii Dei.*

26 Como naõ reputará Deos por injuria, o mui-
que desprezaõ as creaturas a sua piedade, e o
u amor! Como naõ terá por affronta, ver que o
esaffiaõ as creaturas para o castigo, taõ contra a in-
nita propensaõ daquella bondade, que o moveo
ser homem, e a padecer pelos homens, para que
les naõ experimentassem a indignaçaõ, e rigor de
a Justiça! Privem pois os homens a Deos do attri-
to da Justiça, se pódem; e assim o offenderáõ sem
eixa daquella Misericordia, que taõ sentida se
ostra no castigo delles, e cessará nesta parte a in-
ria, que contra Deos commettem peccando: *Deus
honoratur.*

§. VI.

27 A Segunda razaõ, (e mais urgente ainda) com que se dá a conhecer a deshonra
mma, feita a Deos em qualquer peccado, he; por
commettido sem se privar a Deos de sua Immen-
ade. Parece-vos taõ paradoxa razaõ esta, como
rimeira; mas tambem esta he taõ verdadeira, co-
evidente: porque sendo Deos por natureza Im-
enso, ha de estar presente nesse lugar, onde se cõ-
ette o peccado; e que mayor deshonra para Deos,
e offendê-lo, vil, torpe, e talvez sacrilegamente,
õ em sua ausencia, mas em sua presença, diante de
us Divinos olhos, sendo o mesmo Deos testimu-
a da injuria, que se lhe faz, sem acatamento, e sem
verencia á sua Omnipotente, Immensa, Eterna,
Tremenda Magestade! Aquella Virgem taõ mi-

mosa de Christo, e por elle em frequentes appari
çoens visitada (Santa Gertrudes) nas doutrinas
que ouvio a taõ Divino Mestre, deixou luz para este
meu conceito. Em certa occasiaõ lhe appareceo
Christo na mesma representaçaõ, e fórma, em que
por nossas culpas fora atado a huma columna, e
açoutado, com lastima inexplicavel para a Santa:
porque, como ella refere, nunca lhe pareceo pudes
se haver na terra aspecto humano, taõ digno de cō
paixaõ, como era o de Christo naquelle doloroso
passo. E reparou Santa Gertrudes com admiraçaõ
e ternura, que os executores desse tormento só no
rosto de Christo descarregavaõ os seus golpes, taõ
sem piedade, que tambem nas meninas dos olhos o
feriaõ. Expondo-lhe entaõ Christo esta particular
circunstancia, lhe disse que o ser ferido só no rosto
denotava a summa injuria, e affronta, que os ho-
mens fazem a Deos, quando em sua presença, e á vis
ta de seus Divinos olhos o offendem: *Dominum
cædunt in faciem; quia quantum in se est, regnan-
tis in Cœlo intuitum non verentur dehonestare.* No
Sacrosanto Corpo de Christo naõ houve parte a
que naõ chegassem os açoutes; porque a todas com-
prehendeo aquelle diluvio de golpes, que fazia
romper outro diluvio de sangue: e só no rosto pa-
recia receber Christo as feridas, como se no mais
corpo o naõ offenderaõ: porque o ser offendido á
sua vista, e em sua presença, he o que mais sente, por
ser o que mais o aggrava. As feridas no rosto saõ as
mais affrontosas: e a mayor affronta para Deos he,
que em sua presença, e á sua vista se atrevaõ os ho-
mens a offendê-lo: e por esta circunstancia mostra-
va Christo que em seu rosto recebe as Chagas com

S. Gertr. Revelat. lib. 4. cap. 12.

que

que taõ affrontosamente offendemos a Deos no lugar em que esta presente.

28 Posso dizer agora que descobri já a razaõ mais propria, e mais intrinseca da injuria, e deshonra, que a Deos fazem as creaturas peccando. Devemos distinguir no peccado duas razoens, (ou duas semrazoens) huma de offensa, outra de injuria. Offender a Deos he temeridade; offendê-lo em sua presença he injuriá-lo: porque ainda que o peccado naõ fora contra Deos, nem commettido em sua offensa, sempre seria contra a sua honra, e contra o seu respeito commettê-lo em sua presença. A soltura mais livre, e mais desenvolta se peja, o vicio mais depravado refrea seus appetites, em quanto presume que poderá ser visto de alguem, e primeiro se encobre, antes que se resolva a peccar. Assim o pede a razaõ, assim o mostra a experiencia, e o diz assim o Ecclesiastico, quando descreve a hum homem, que na tentaçaõ se delibera a peccar: *Quis me videt? Tenebræ circundant me, & parietes cooperiunt me, & nemo circumspicit me.* Pois como se naõ encobre, como se naõ esconde aos Divinos olhos quem pecca? Ensinava Deos a huma alma devota, celebrada nos Canticos de Salomaõ, desejosa de o agradar, e ser perfeita, que no coraçaõ, e no braço o trouxesse perpetua, e inseparavelmente impresso: *Pone me ut signaculum super cor tuum, ut signaculum super brachium tuum.* Hum sinal, e representaçaõ de Deos, posto no braço, outro no coraçaõ, seria meyo muy proporcionado, para que a Esposa sempre o tivesse muy presente na lembrança; mas para ser perfeita, e agradar Deos? Sim; porque considerando-se na sua presença, o naõ offenderia

Ecclef. 23. 25.

Cant. 8. 6.

 fenderia

fenderia por obra, nem por penſamento: *Si Do-minum præſentem, & omnia videntem cogitaremus aut vix, aut nunquam peccaremus*: diz o meu Stra-bo Fuldenſe na ſua Gloſſa ordinaria. Quem ſab que Deos eſtá preſente em ſeu coraçaõ, naõ ad-mitte nelle penſamento, que o offenda. Quem co-nhece que Deos eſtá vendo todas as ſuas acçoens naõ eſtende o braço para o offender por obra; por que quem ſe conſidera na preſença de Deos, regul as ſuas obras, e os ſeus penſamentos pela vontade d Deos: *Pone me ut ſignaculum ſuper cor tuum, u ſignaculum ſuper brachium tuum.* Ouvi o com expõem eſte Texto meus Padres S. Gregorio Ma-gno, e Santo Anſelmo, para ultima confirmaçaõ d noſſa intelligencia: *Ut ſignaculum ſuper cor tuum regentem cor tuum, & cogitationes tuas. Ut ſign-culum ſuper brachium tuum; ut rectorem in om-nibus operibus tuis.*

Glof. in cap. 8. Ezech.

D. Greg. D. Anſel.

29 Negaõ os Atheiſtas que haja Deos. Ra Ignorancia: *Dixit inſipiens in corde ſuo, non e Deus!* Outros ha, que o confeſſaõ, e negaõ qu poſſa ver o que no mundo obraõ as creaturas; po que aſſentando que naõ he Immenſo, dizem qu ſó eſtá no Ceo, ſem que poſſa alcançar com a viſ o que lhe encobrem as nuvens; e aſſim uſurpaõ d Sagrado Texto eſtas palavras, profanando-as a ſe perverſo intento: *Quid enim novit Deus? Et qua per caliginem judicat, nubes latibulum ejus, nec n ſtra conſiderat.* Naõ ha mayor cegueira! Hum, outro delirio fingio, e dictou a depravada malici para peccar ſem temor de Deos, e ſem receyo d caſtigo. Nós condemnamos eſtes abſurdos ambos Confeſſamos que ha Deos, e que em todo o lugar

Pſal. 13. 1.

Job. 12. 13. 14.

ſtá, pois he Immenſo; mas ainda aſſim o offende-
mos, como o fizeramos ſe naõ houvera Deos: ainda
aſſim o offendemos, como o fizeramos ſe nos naõ
ra. Agora perguntara eu. Quem procede mais
ga, e irracionalmente: o que pecca, porque naõ
nhece que ha Deos; e o que, a eſta imitaçaõ, ne-
que Deos ſeja Immenſo, e eſteja em todo o lugar;
nós, que confeſſando a neceſſaria exiſtencia de
eos, e a ſua Immenſidade, o offendemos em ſua
eſença, e á ſua viſta? Elles erraõ ſem deſculpa
que dizem: erramos nós indeſculpavelmente no
e obramos. Nós os podemos convencer a elles
m eſta viſivel fabrica do Univerſo; porque toda
a ſe desfaz em linguas, que eſtaõ clamando, e
zendo haver hum Deos Immenſo, Author, e Con-
vador de todo o creado. Mas elles nos pódem
nfundir a nós com o que obramos: porque ſe
emos que ha Deos, e que he Immenſo, ſem du-
la o injuriamos, e affrontamos: ſem duvida lhe
mos a honra, e negamos a reverencia devida a
incomprehenſivel, e ſoberana Mageſtade, quan-
em ſua preſença o offendemos.

30 Toda huma noite atormentaraõ a Chriſto, e o
heraõ de opprobrios os miniſtros mais impios da
mana, ou deshumana crueldade: e dizẽ os Evãge-
as, que para o fazerem, lhe cobriraõ primeiro o
to: *Velaverunt eum.* Foy eſte acordo altiſſima
poſiçaõ de Deos, em reverencia, e honra da di-
a face, ainda que os Judeos, ſempre cegos, naõ
nçavaõ por entaõ eſſe myſterio: *Cooperiunt ex
o Dei conſilio, ut etiam inviti divinam faciem
erentur*, expõem Sylveira. Mas aqui encon-
logo a eſpeculaçaõ bem patente materia para

Luc. 22. 64. Marc. 14. 65.

Sylv. in Evang tom. 5. lib. 8. c. 4. q. 16. n. 132.

duvidar. Os Judeos, ainda que a Christo cobriaõ o rosto, naõ deixavaõ de o escarnecer, e ferir, com os golpes, e bofetadas que lhe davaõ: *Cœperunt quidam conspuere in eum, & velare faciem ejus, & colaphis eum cædere.* Pois qual era a honra, qual a reverencia, que dispunha Deos quando a Christo cobriaõ o rosto, se entaõ era com mais opprobrio offendido? A reposta (naõ menos prompta, que a duvida) se acha na differença de offenderem aquelles ministros a Christo com os olhos cubertos, ou descubertos. Offenderem a Christo com o rosto descuberto era offendê-lo á vista, sem se occultarem a seus divinos olhos: offendê-lo porém com o rosto cuberto, era offendê-lo, entendendo elles que Christo naõ podia ver quem o offendia: por isso lhe instavaõ, que profeticamente dissesse qual delles o esbofeteava: *Cœperunt colaphis eum cædere, & dicere, prophetiza*: por entender cada hum dos ministros, que de Christo naõ era conhecido nem visto. E porque no juizo de Deos a mayor deshonra, que se podia fazer a Christo era offendê-lo em sua mesma presença, e diante de seus divinos olhos; com mayor mysterio do que parece, lhe cobriraõ os olhos, para que em reverencia da Magestade propria naõ fossem tantos opprobrios cõmettidos por ministros, que naõ temessem ser vistos de Christo, quando o offendiaõ. *Velaverunt eum. Ex alto Dei consilio, ut etiam inviti divinam faciem venerentur.*

Marc. 14. 65.

31 Acompanhemos agora a Christo, sahindo da caza do Põtifice athe o Calvario, e ahi da cadeira da sua Cruz, entre as sombras da escuridade mais profunda, nos dará a confirmaçaõ mais clara deste

pensa-

ensamento. Diz S. Paulo que o Eterno Padre,
ttendendo á reverencia, e honra, que se deve a
hristo, lhe despachára certa petiçaõ, por elle
eita com grande clamor, e lagrymas: *Preces su-
licationesque cum clamore valido, & lacrymis
ferens, exauditus est pro suâ reverentiâ.* Peti-
aõ deferida por se attender á honra de Christo:
xauditus est pro suâ reverentiâ! Qual seria ella,
qual o seu despacho? Perguntaõ os Expositores;
responde o Bonherba, que aquellas trevas escu-
ssimas, de que se cobrio o mundo, pendente
hristo na Cruz, foraõ ordenadas, e dispostas
n attençaõ de sua honra, e da reverencia que se
e devia: *Exauditus est pro suâ reverentiâ. Ex
provisò densissimæ ortæ sunt tenebræ, obscuro
groque pallio cooperientes mundum.* Mas aqui
enta a duvida, e entra a difficuldade. Pois em
cobrir de sombras o mundo acóde o Eterno Pa-
e pela honra de seu Filho, e reverencia de Chris-
? Sim, e notay. O que resultou daquella escu-
ade taõ densa, e daquelle eclypse taõ tenebro-
; foy que os Judeos ficaraõ privados da vista de
risto, diz Origenes: *Ut populus privetur lu-
ne tuæ inspectionis*; e como o ponto mais fino,
nais sensivel da deshonra, que a Christo faziaõ
aggressores da mayor maldade, era offender ao
Rey, ao seu Messias, e Redemptor, em sua
sma presença; o retirá los da sua vista era at-
çaõ á honra do mesmo Christo: *Exauditus est
suâ reverentiâ. Ex improviso densissimæ or-
sunt tenebræ. Ut populus privetur lumine tuæ
pectionis.* Os idolatras Israelitas, que sem res-
to á ley, que recebêraõ por maõ de Moysés,

Ad Hebr. c. 7.

Bonh. Serm. de Christ. Crucit. pro 5 die vener. in Mar. n. 5.6.

Orig Homl 35.

ſe contamináraõ com as mayores, e mais deteſta
veis abominaçoens, lá ſe occcultavaõ, e eſcon
diaõ, perſuadindo-ſe primeiro com ſuperſticioſo
e falſo acatamento, que dos divinos olhos naõ po
deriaõ ſer viſtos. *Vides fili hominis, quæ ſeniore
domus Iſrael faciunt in tenebris, unuſquique i
abſcondito cubiculi ſui, dicunt enim, non vide
Dominus.* Os Gentios que adoravaõ ao Sol po
Deos, naõ temiaõ offendê-lo de noite; porque a
ſombras tiravaõ, no conceito delles, a mayo
enormidade da culpa. Vio o Eterno Padre ao ſe
querido Filho, taõ laſtimoſa, e injurioſamen
te crucificado; e como querendo de alguma ſort
diminuir a affronta, que faziaõ áquelle Sol juſtiça
do, acodio com eſcuriſſimas ſombras, que eſcon
dendo, e encobrindo a Chriſto, ao menos deſſen
occaſiaõ aos offenſores de prezumir, que dell
naõ eraõ viſtos; para que ſendo taõ grave o ſe
delicto, foſſe menor a deshonra para Chriſto, quã
do ſe entendeſſe que naõ era commettida á ſu
viſta.

Ezech. 8.12.

32 Quem houve, que conhecendo bem o qu
he o peccado, e a deshonra, que nelle ſe faz a Deo
naõ entendeſſe que o ſer commettido á viſta d
meſmo Deos, era para elle a mayor deshonra? A
innocente, e caſta Suzana, quiz antes morrer, ó
commetter hum peccado no lugar, em que Deo
eſtiveſſe preſente, para a ver. *Melius eſt mihi abſ-
que opere incidere in manus veſtras, quàm pec-
care in conſpectu Domini.* David o que mais afea-
va na ſua culpa, era havê-la commettido diante
de Deos: *Malum coram te feci.* O Prodigo ſó ſe ac-
cuſava, de que com ſeu desbaratado procedimen-

Dan. 13.23.

Pſal. 50.6.

to peccara na presença de seu Pay Celestial: *Peccavi in Cœlum, & coram te.* O mesmo peccado tanto se peja de ser commettido diante de Deos, que, quanto he de sua parte, elle mesmo persuade (naõ sey com que natural instincto) se retirem dos divinos olhos primeiro que o executem.

Luc. 15. 18.

33 Quiz o Prodigo, violando os preceitos, e bons costumes, com que seu pay, o criára, entregar-se aos vicios, e antes de tudo, se retirou para taõ longe, que delle naõ fosse visto. *Abiit in regionem longinquam, & ibi dissipavit substantiam suam, vivendo luxuriosè.* Oh que extravagante moço! Ainda naõ peccou, e já se condemna ao desterro de sua patria, e da casa de seus pays? Quem o sentenciou a essa pena? Pergunta o Estella: *Quis domo ejecit illum?* Os mesmos peccados em que se resolvia a cair. Estes o aconselháraõ, que se retirasse para onde o pay naõ estivesse. Todo o agente racional se move de algũ fim para obrar, e o fim do Prodigo era peccar livremente: *Ut licentiosiùs, ac liberiùs viveret*, expõem literalmente Sylveira. Pois esse mesmo peccado ja concebido, e representado no entendimento, era o fim que o movia a se apartar da vista do pay: *Abiit in regionem longiquam, ut licentiosius, ac liberius viveret.* Entrou o mesmo peccado (naõ por modestia, que a naõ tem; mas por soltura, e para ter mais liberdade) a aconselhar ao Prodigo, que se queria viver estragada, e lascivamente, buscasse algum lugar muy retirado, onde naõ fosse visto de seu pay: *Si peccare vis quære ubi te non videat, & fac ibi quod vis*, disse S. Agostinho. Mas na presença do pay,

Stell. in cap. 15. Luc.

Sylv. in hũc loc.

D. Aug Ser. 46. de Verb. Dom.

pay, de nenhuma ſorte; porque a viſta delle ſeria baſtante para o refrear, como admiravelmente concluhio o meſmo Sylveira: *Nè reverentiâ oculorum patris refrænaretur.*

Sylv. cit.

34 O Prodigo na repreſentaçaõ era qualquer de nós: o Pay era aquelle, que todos temos no Ceo: e ſendo o peccado taõ oppoſto á honra de Deos; eſſe meſmo peccado nos aconſelha, e nos perſuade que vamos para onde naõ eſteja, nem nos veja Deos: *In regionem longinquam*, e que ahi neſſe retiro poderemos entaõ peccar ſem pejo, nem receyo dos ſoberanos olhos: *Et ibi diſſipavit ſubſtantiam ſuam, vivendo luxurioſè.* E ſe quereis a razaõ deſte natural dictame, S. Agoſtinho a deo taõ propria, e taõ douta como ſua. O peccado, ainda depois de propoſto pelo entendimento, naõ póde ſer approvado pela vontade, nem póde ſahir á execuçaõ, faltando-lhe a liberdade, que he a raiz, e o fundamento da culpa: he porêm certo, que nenhum homem terá liberdade para obrar mal, á viſta de Deos taõ Santo, de Senhor taõ Soberano, e de Juiz taõ recto como executivo: *Nobis indita eſt neceſſitas juſtè, rectèque vivendi, qui cuncta facimus ante occulos judicis, cuncta cernentis*; pois para que nos homens haja liberdade de peccar, o meſmo peccado aponta, e aconſelha, que ſe retirem da preſença de Deos: *Si peccare vis quære ubi te non videat, & fac ibi quod vis*

D. Aug. Soliloq. c. 14.

35 Qual ſeria o homem taõ falto de pejo, e taõ ſem honra, que tiveſſe liberdade para fazer hum roubo, hum adulterio, hum ſacrilegio; mas que digo? Para que he excogitar factos taõ

abo-

bominaveis? Qual feria o que fe deliberaffe a di-
er huma mentira conhecida, diante de peffoa gra-
e, e authorizada, que além de a eftranhar, a hou-
effe de caftigar? E que diante de Deos fe hajaõ de
ommetter crimes taõ enormes, e contra o mefmo
Deos, que os ha de eftranhar, e condemnar como
anto, e os ha de caftigar como Jufto! Nefta occa-
aõ, já vos naõ intímo que naõ offendais a Deos: já
os naõ prégo que abraceis a doutrina de Chrifto,
o c minho da virtude. Só vos rogo, que para
eccar tomeis o exemplo do Prodigo, e o confelho
o peccado. Peccay, e peccay quanto quizeres; mas
om effeito tiray primeiro a Immenfidade a Deos:
onde elle naõ eftiver, onde vos naõ vir, peccay
om toda a liberdade: *Si peccare vis, quære ubi
e non videat, & fac ibi quod vis.* Primeiro vos
etiray da prefença de Deos, e lá nefle retiro occul-
o vos fareis mais depravados que o Prodigo: *Abiit
n regionem longinquam, & ibi diffipavit fubftan-
iam fuam, vivendo luxuriosè.* Mas na prefença de
hum Deos de Mageftade, e veneraçaõ tremenda,
offendê-lo! Naõ: pela fumma injuria, e deshonra,
ue fe lhe faz: *Deus inhonoratur.*

§. VII.

36 ESta fumma deshonra deve fer efficaz motivo para folicitamente nos empre-
garmos em lavar, e purificar noffas almas de toda a
culpa; porque tambem, no juizo de Deos, o que faz
mais enorme, e mais aggravante a noffa culpa, he
circunftancia de fer contra a fua honra, e contra a
fumma reverencia, que fe lhe deve. Já diffe com
S. Joaõ Chyfoftomo, e S. Bernardo, que o peccado
por fua natureza fe oppõem á vida do mefmo Deos;
muito

muito mais, porque novamente tornaõ a crucificar ao Filho de Deos os que o offendem: *Rursus crucifigentes sibimetipsis Filium Dei.* E sendo por esta razaõ taõ atroz delicto qualquer peccado; cõ tudo, parecerá ao nosso entender, e á nossa estimaçaõ, que o peccado ainda se faz mais abominavel a Deos, pela injuria, que com elle se faz á sua hõra. Duas petiçoens fez Christo a seu Eterno Padre, huma no Horto, outra na Cruz; mas naõ tiveraõ ambas a mesma sorte. No Horto orou tres vezes, apresentando em todas ellas a mesma petiçaõ com lagrymas de sangue, que derramava naõ só de seus olhos, mas de todos os membros de seu corpo; porque, como diz S. Bernardo, todos elles choravaõ sangue ao tempo em que Christo orava: *Non solùm occulis, sed quasi membris omnibus flevisse videtur.* Na Cruz tambem orou em alta voz, mas só com lagrymas, que derramou de seus olhos: *Preces, supplicationesque, cùm clamore valido & lacrymis offerens*, diz S. Paulo. Sabemos porém que a petiçaõ da Cruz foy despachada, *Exauditus est*, e a do Horto naõ. E porque razaõ naõ defere o Eterno Padre á supplica de seu amado Filho no Horto, como deferio á que lhe fez na Cruz? Porque no Horto pedia Christo ao Eterno Padre a conservaçaõ de sua vida: *Transfer calicem istũ à me*; na Cruz pedia a conservaçaõ de sua honra, e da reverencia, que se lhe devia: *Exauditus est pro suâ reverentiâ*; e o mesmo Padre, que sofreo (quero dizer permittio) que a seu Filho, a quem amava, tirassem taõ preciosa vida, defendeo a sua honra, como se fora mais atroz delicto, tirar-se ao Filho de Deos a honra, que a vida.

D. Bern. Ser. 3. de Dom. in Ramis.

Ad Hebr. 5. 7

Luc. 22. 42.

37 Os homens em mais estimaõ a honra, (se a
em) que a vida; e supposto que de Deos naõ pode-
nos dizer o mesmo, com tudo sabemos que para sa-
isfaçaõ da Justiça Divina offendida pelas culpas dos
omens, permittio o Eterno Padre que se execu-
asse a conspiraçaõ humana, feita contra a vida de seu
Jnigenito Filho, mas naõ a que se pertendia contra
sua honra; antes mostrou a sua Providencia prom-
ta em lha conservar. No Presepio em seu Nascimen-
o o honrou, mandando que os Anjos, Principes Ce-
estiaes, e que os Reys da terra o adorassem. Na mor-
e, o mesmo Pilatos, que o condemnou a ella, tam-
em o honrou, confessando-o por Justo, e declaran-
lo-o por Rey. O mar o honrou, quando obsequio-
amente solido aos pés, e passos de Christo, deo cla-
as mostras de o reverenciar como a seu Creador, e
Deos. A terra com seus tremores extranaturaes;
o Ceo toldado de sombras; o Sol contra a ordem
da natureza ecclypsado; se mostravaõ honrar a
Christo, com os indicios que davaõ de sentimento
quando os homens taõ affrontosamente, o crucifi-
cavaõ. Tudo foy disposiçaõ do Eterno Padre, que
ambem no Jordaõ, e no Thabor honrou a Chris-
o, dando-o a conhecer por seu Filho. O mesmo
Christo se mostrou mais doîdo, e zeloso da hon-
a, que da vida. Quando o quizeraõ apedrejar no
Templo, se occultou, e sahio delle, sem que se
he ouvisse huma palavra de queixa contra a inve-
a, e ingratidaõ humana, que taõ mal lhe corres-
pondia. Nos tormentos de sua Paixaõ, e Morte,
anto admirou nelle Isaias o silencio, como o sof-
frimento: *Oblatus est, quia ipse voluit, & non* Isai. 53. 7.
aperuit os suum; porque sem formar queixa algu-
ma,

ma, padeceo: antes desculpando aos que o crucificavaõ, rogava o perdaõ para todos. Mas lá se queixou algũa vez contra os que lhe tiravaõ a honra, e com aspereza os reprehendeo: *Vos inhonorastis me.*

Joau. 8. 49.

38 Desta honra, que Deos tanto zela, fazemos nós taõ pouca estimaçaõ, e taõ pouco apreço que tantas vezes lha tiramos com ignorancia, quãtas saõ as vezes que o offendemos; porque com desprezo da Piedade, e Clemencia Divina, provocamos a sua Justiça para o nosso castigo, sem attendermos a que para naõ usar comnosco dos rigores della, quiz Deos que seu Unigenito Filho se fizesse Homem, para que nelle se ostentasse a sua Justiça, e em nós a sua Misericordia. Com desprezo daquella Magestade, e Soberania, diante da qual humildes, e reverentes se prostraõ os Anjos: *Sub quo curvantur qui portant orbem*, peccamos nós, sem acordo, nem acatamento de o fazermos na presença daquelle Tremendo, e Veneravel Senhor, que nos está vendo. A consideraçaõ desta ouzadia pessima, e deste sacrilego atrevimento, seja quando menos (como he razaõ) hum incentivo, para o aborrecimento das culpas, com que tirámos a Deos a honra. Seja hum estimulo forte, para restituirmos a Deos a honra, que tantas vezes lhe tirámos. O arrependimento das culpas em nós, he a restituiçaõ da propria honra para Deos: *Tunc honorem Deus accipit à nobis, cùm eum laudamus, & per cordis pœnitentiam ei confitemur*, diz o Interprete que seguimos. Choremos o mal que obrámos, tirando a Deos a honra taõ repetidas vezes, quantas foraõ as que o offendemos; e com essas lagrymas

Job. 9. 13.

Dionis. Carth. in cap. 5. Apocal.

grymas

rymas purificaremos nossas almas, e nossos co-
açoens de hum mar de culpas, e mereceremos
nchentes de sua Graça, e de sua Misericordia, e
or este meyo a sua Gloria: *Lava à malitiâ cor tuum*
Jerusalem, ut salva fias.

SER-

SERMAÕ XI. NA TARDE DA TERCEIRA DOMINGA DA QUARESMA.

Lava à malitiâ cor tuum Jerusalem, ut salva fias. Jerem. 4.

§. I.

1 E as maculas do coraçaõ pódem purificar-se cõ lagrimas, eu naõ vi estimulo mais forte, para com lagrimas purificarmos nossos coraçoens, do que he a perda do tempo, bem advertida do nosso Interprete: *Tempus amittitur*; porque tambem naõ ha perda mais digna das nossas lagrimas. A perda menos remediavel foy sempre a mais deploravel; porque ha dobrado motivo para o sentimento, quando o que se perdeo, nem esperanças deixou de se recuperar. Tal he a perda do tempo, e por isso sem duvida a mayor perda. Os bens todos da natureza,

[graç]a, e da fortuna, depois de perdidos, se pódem [co]m a vida recuperar: mas hum dia, ou huma hora, [qu]e se perdeo, houve por ventura alguem, que a pu[de]sse descobrir, e achar: *Quis diem, vel horam [te]mporis amissam quærens, aliquando invenit?* Po[de]mos todos perguntar com S. Dorotheo.

D. Doroth. sive A. Synopsis de vita, & morte Apostol. &c.

2 Por esta razaõ a jactura do tempo se faz mais [de]ploravel ainda, que a da graça; porque se bem [o t]empo naõ venha a comparar-se com ella: consi[de]rada em si a razaõ de perda, tanto a do tempo he [ma]is digna de sentimento, quanto he mais recupe[ra]vel a da Graça. Aos pés de Christo chorou a Ma[gd]alena, e naõ cessou de chorar em toda a vida. Es[te] he a energia com que só diz o Texto, que a Ma[gd]alena começou a chorar: *Lacrymis cœpit riga[re] pedes ejus*; porque em quanto viveo foy huma [viv]a fonte de lagrymas. E de que chora a Magdale[na], se está restituida á Graça de seu Mestre? Se cho[ra] a Graça, que perdeo, enxugue as lagrymas, por[qu]e a achou. O certo he, que naõ chorava a Graça [pe]rdida; pois naõ podia chorar a perda do que já [tin]ha lucrado. Chorava perda mayor, e que pedia [ma]is lagrymas: chorava só a perda do tempo; por[qu]e como naõ podia recuperar o tempo de amar a [Deos], que esperdiçou sendo peccadora; só essa per[da] podia ser incentivo de tantas lagrimas: *Plorat, [qu]ia tempus subtraxit, quo diligere debebat*, diz [Pi]nciano com agudeza. Perda, que he sem reme[dio], pede lagrymas irremediaveis: por isso as lagry[ma]s de Anna, mãy de Tobias, eraõ irremediaveis: *[Fl]ebat igitur mater ejus irremediabilibus lacry[mi]s*; porque as derramava por hum filho, a quem [su]ppunha morto: e sendo em tal caso irremediavel

Luc. 7. 38.

Villar. Pintia. tom. 4. Taut. 10. Didal. 4.

Tob. 10. 4.

a sua perda, irremediaveis tambem deviaõ ser as sua lagrymas. Taes foraõ as lagrymas da Magdalena chorando o tempo que perdeo, porque o naõ em pregara em amar a Deos. Eraõ lagrymas irremedia veis; e por isso lagrymas que naõ tiveraõ fim: *La crymis cœpit rigare pedes ejus*; porque o motiv dellas era a perda irrecuperavel do tempo: *Plora quia tempus subtraxit, quo diligere debebat.*

3 Oh e quantos annos contamos nós irrecu peravelmente gastados! Em que? Naõ em amar Deos; em offendê-lo, sim. E como pois fora just que, á imitaçaõ da Magdalena, chorassemos esse tem po, em que deixamos de amar a Deos, e purificara mos nossos coraçoens com essas lagrymas: *Lava malitiâ cor tuum Jerusalem, ut salva fias*! Est he o fim, com que o nosso Interprete nos traz hoje memoria taõ largo tempo irremediavelmente per dido: *Tempus amittitur*. Porêm eu, muito ao con trario do que devera esperar-se, hey de empenhar me em descobrir algum meyo de se recuperar tempo huma vez perdido; e nem por isso será esti mulo menos forte, antes muy util para a nossa con versaõ, o conhecimento da mesma perda do tempo que ainda se póde recuperar.

§. II.

4 CAnçaõ-se os Filosofos, taõ curiosa, co mo ociosamente, em examinar, se po derá Deos fazer que o preterito naõ seja preterito e que naõ tenha passado ainda o tempo, que já passou Aristoteles resolve negativamente: e os que susten taõ a opiniaõ contraria (em seus mesmos termo implicatoria) taes fundamentos propõem, que tal vez elles mesmos os naõ percebaõ. Mas deixados esse

Vide Gratianũ Mõfort. in Axiomat. Phil. p. 496. & Caram. in Ration. & Real. Philos. Metap. lib. 8. disp. 5.

es discursos vãos; a meu entender, o tempo que
ma vez já foy, aindaque naõ possa naõ ser preteri-
, sem implicancia póde novamente tornar a ser:
em póde quem esperdiçou o tempo em seguir seus
cios, e vaidades, recuperá-lo depois, fazendo-o
vamente resurgir, para o empregar no serviço de
eos, e cultura de sua alma. Porque vos naõ pare-
nova esta resoluçaõ, e destituida de authoridade,
corramos á de S. Paulo (pois a naõ ha mayor) na
pistola aos de Epheso.

5 *Videte itaque, fratres, quomodo cautè am-
letis, non quasi insipientes, sed ut sapientes, re-
nentes tempus.* Vivey acauteladamente (dizia
Apostolo) e como prudentes remindo o tempo.
que tempo he este, que com prudencia, e cautéla
poderá remir? Santo Anselmo resolve, que he o
npo que passou já: *Tempus anteactæ vitæ.* Diz
m; porque só se póde remir o que se perdeo: e co-
só o passado he o tempo, que se perdeo; esse, e
õ outro, he o tempo, que recõmenda o Apostolo,
nhamos nós todo o cuidado em recuperá-lo, e
ní-lo. Do presente estamos nós em posse: o futu-
chegará sem desvélo nosso. O passado, que naõ
e na providencia da natureza, porque está per-
lo; esse he o que poderemos nós remir, e recupe-
á custa de nossas diligencias. Esta foy a proprie-
de com que o Apostolo disse: *Redimentes tem-
s.* A cousa remida he a mesma que foy perdida:
er pois o Apostolo, que podemos remir o tempo,
persuadir-nos que podemos recuperar aquelle
esmo tempo, que está perdido, com a vida, que já
ssou: *Redimentes tempus anteactæ vitæ.*

Ad Ephes. 5. v. 15. 16.

D. Ans. in hunc locũ.

6 Bem estava atéqui, se alêm do Texto, e au-

thoridade, descobriramos tambem razaõ, com qu
o entendimento se persuadira, que o tempo huma
vez perdido se póde de alguma sorte recuperar
quando já naõ he, nem tem ser. Se o tempo fora per
manente, lá onde estivesse o buscaramos, aind
contra o que entenderaõ aquelles antigos Filosofos
que diziaõ: *Ad præteritum non datur transitus*
Mas se a natureza do tempo consiste no seu transit
deficiente, que por nós passa expirando, porqu
no mesmo instante passa do ser ao naõ ser, e da du
raçaõ ao nada; como desse abysmo do nada iremo
recuperar o tempo, que já por nós passou? Como d
lá o poderemos haver? Digo que por dous modo
Hum em verdade difficultoso de se perceber; ou
tro porêm muy facil de se entender. Vamos com
primeiro, que para o fazer perceptivel, o fundare
em exemplos, e paridades, que de alguma sórt
declarem o que a razaõ naõ póde bem explicar, ne
totalmente chega a comprehender.

7 Se na Eschóla de S. Thomaz (a quem fóra de
la seguem nesta parte Theologos muy insignes)
preterito, que já em si naõ tem ser, ainda he, e aind
está presente na Eternidade, que contradiçaõ ha
verá, em que alguma vez torne a ser tambem pa
ra nós presente esse preterito, e naõ outro, sena
o mesmo que foy? Peccando perdem os justos
merecimento das boas obras, que fizeraõ: mas re
cuperada pela contriçaõ a Graça, assim como a al
ma renasce, tambem revive o proprio merecimen
to, que pela culpa se tinha perdido, e estava se
pultado. E porque naõ discorreremos da mesm
sorte, para a revivencia do tempo? Se na Resur
reyçaõ universal os mesmos corpos, que já foraõ
(e

e talvez nem ja existem as suas cinzas) haõ de tornar a ser, para se restituir a cada hum o seu; na espiritual resurreyçaõ do peccador, que passa á vida da Graça, porque lhe naõ restituirá Deos o tempo que foy, e ja naõ he? Muito mais se com alguns Theologos assentarmos, que o permanente naõ he menos difficultoso de se recuperar que o successivo; se hum e outro acabaraõ totalmente. Admirava-se S. Jeronymo de que seu grande amigo Paulo Concordiense cheyo de annos conservasse o mesmo vigor, e a mesma disposiçaõ, que tinha sendo moço: e tratando este ponto em hũa carta, lhe escreve, e diz assim: *Futuræ nobis resurrectionis virórum in te Deus offendit.* Em vós nos mostra Deos ocularmente o prodigio da futura Resurreyçaõ que esperamos, e aos Filosofos da Gentilidade com nenhum discurso se podia persuadir; porque se a esse tempo os corpos ja desfeitos, e reduzidos a cinza, haõ de tornar a ser; em vós a idade, que já passou, ainda está sendo, e se está conservando, como se naõ houvera passado; porque na velhice ainda em vós se conserva a mesma idade de moço. Nesta permanente mocidade de Paulo via S. Jeronymo huma idéa da Resurreyçaõ futura, cujo mysterio o entendimento naõ póde explicar, porque o naõ chega a comprehender. Nós pelo contrario: com o mysterio da mesma Resurreyçaõ poderemos mais facilmente persuadir-nos, que bem podem os annos ja passados resurgir, e tornar á duraçaõ presente.

Duran. in 4. d. 43. q. 3. parem agnoscit difficultatem in reparandis successivis, ac in suscitandis permanentibus postquam totaliter perierunt.

D. Hieron. Epist. 21. ad Paul. Concord.

8 E digo que mais facilmente; porque naõ será difficultoso descobrir a causa, e o meyo desta Resurreyçaõ, ou recuperaçaõ do tempo, que co-

nhecidamente he a Graça de Deos, e a virtude dos Justos, as quaes ambas obraõ nelles este incomprehensivel prodigio; porque assim como as culpas fazem que a velhice, e a morte se anticipem aos annos: assim a virtude, e a graça fazem que os annos da mocidade resuscitem de novo na velhice. Tudo he discurso de S. Jeronymo continuando a carta ao seu bom amigo: *Vt peccati sciamus esse, quòd cæteri senes adhuc viventes præmoriuntur in carne: justitiæ quòd tu adolescentiam in aliena ætate mentiris.* De Saûl disse a Escriptura, q̃ quando começou a reynar estava na idade de hum anno: *Filius unius anni erat Saul, cùm regnare cœpisset.* Ja se descobre a difficuldade que occorre. Como naõ teria Saul muitos mais annos, se lhe acharaõ capacidade para mandar hum exercito, e para reynar em todo o povo de Deos? O Texto Chaldeo prevenio a reposta, que seguem os Santos Padres, e Expositores na interpretaçaõ do nosso: *Sicut filius unius anni, in quo non sunt culpæ, Saul erat quando regnavit.* Era Saûl justo, naõ tinha culpas quando o escolheraõ para ser o primeiro Rey de Israel. A sua innocencia lhe dava, ou lhe restituia o tempo, que inutilmente lhe passou na infancia, quando lhe faltava a discriçaõ para dispor delle. Oh efficacia da virtude, e Graça, que á mayor idade restitues aquelles annos inuteis, que a infancia nem sabe estimar, nem póde aproveitar! *Virtus exigit, ut sit senectus nostra puerilis*; disse para conclusaõ do nosso ponto Santo Agostinho.

1. Reg. 13. 1.

9 Esta efficacia teve a Divina Graça em Saûl innocente, e justo, e a terá em todos os que o imitarem

rem na innocencia da vida, e pureza da alma. (o que para nós mais he) tambem se achará a esma efficacia na contriçaõ perfeita daquelles, ie esperdiçando, os seus primeiros annos, e esagando a sua melhor idade com vicios a que se éraõ, se resolverem finalmente a aproveitar o resda vida em verdadeiro arrependimento da passda; porque nesse resto, ainda que naõ seja muito, recopilará o mais tempo já perdido, como se da a vida empregáraõ em servir, honrar, e amar Deos.

10 Arrependido o Prodigo de suas culpas, e stituido á graça de seu misericordioso pay, lhe e mandou este dar, para se vestir, a galla mais cussa, que na casa havia, e orná-lo com hum preoso annel: *Citò proferte stolam primam, & indui illum, & date annulum in manum ejus.* Por te bom tratamento se queixa o filho mais velho. e possivel (dizia) que se dê a meu irmaõ, depois tantos annos de escandalo, o que eu naõ meci servindo em toda a vida a meu pay! Huma ra de arrependimento, huma hora de vida meorada, que vem a ser, á vista de tantos annos que te irmaõ empregou em vicios? Oh naõ te cegues, vejoso irmaõ, vendo exaltado este Prodigo. Naõ bes quam poderosa he a contriçaõ de suas culs, em teu irmaõ. Se o souberas, havias enter que elle nem huma hora perdeo de obediena paterna, e sempre observou os preceitos de u pay, e que por essa razaõ se vê taõ ricamente estido, e taõ preciosamente ornado: *Citò prorte stolam primam, &c.* Profunda he neste caso expofiçaõ de Santo Enodio, Bispo Ticinense, e

Luc. 15. 22.

D. Enod. in opusc. insert t. 9. Bibliot. Max. Pat. Edit. Lugd.

Doutissimo Padre do sexto Seculo da Igreja. *A... stolam candidam, ad annulum pretiosum, ad divi... tias illas paternæ possessionis, quasi semper ser... vasset jussa, revocavit.* Notay a força, e a proprie... dade daquelle *semper*. O Prodigo (diz este Padre... foy de seu pay recebido, como se nunca se apar... tara delle, e sempre lhe obedecêra servindo-o... *Quasi semper servasset jussa.* Mas como se tanto... annos passou ausente, vivendo nelles estragada... mente? Oh que todos esses annos perdidos ... recuperaraõ em huma só hora de arrependimento... Esse tempo, que o Prodigo perdeo na vida passa... da, inteiramente o remio: *Redimentes tempu... anteactæ vitæ.* Da Eternidade, onde estava inclu... so, ou recluso, o foy resgatar: e a preço de su... contriçaõ, e lagrymas, o recebeo por junto em... huma so hora: *Quasi semper servasset jussa.* Di... o livro da Sabedoria, que o justo encheo largo... tempos em breve espaço: *In brevi explevit tem... pora multa.* O ponto he conseguir em alguma ho... ra a Graça de Deos, e com ella o arrependiment... das culpas; q̃ logo todo o mais tempo ficará che... yo: *Explevit tempora multa.* Nem huma hora... será vaga para o merecimento; nenhuma se per... derá para o premio, como se vio no Prodigo;... porque huma hora de verdadeira contriçaõ basta... rá para se remir nella todo o tempo que se perdeo... Promptamente, e com muita clareza o meu Santo... Anselmo. *Tempus redimimus, quando anteactam... vitam, quam lasciviendo perdidimus, flendo re... paramus.*

Sap. 4. 13.

D. Ansel. supra cit.

§. III.

§. III.

11 O Segundo, e mais perceptivel modo, com que se póde recuperar o tempo huma vez perdido, he impetrando que Deos nos dilate para o futuro outro tanto tempo, e talvez mais do que deixamos perder na vida passada. E porque meyos? Hum só basta, pelo que tem de efficaz. Huma verdadeira emenda de vida, huma correcçaõ de costumes peccaminosos o póde conseguir sem difficuldade. Lede as Escrituras em q̃ Deos encerrou os segredos de sua Providencia, e as maximas de suas disposiçoens, e achareis que o viver ajustadamente na consciencia he meyo de negociar com Deos mais annos, que nos dilatem a vida. A Salomaõ prometteo Deos, que se observasse os preceitos de sua Ley, lhe multiplicaria os annos da vida: *Si ambulaveris in viis meis, & custodieris præcepta mea ... longos faciam dies tuos.* E taõ certo esteve o Rey Sabio nesta industria de adquirir mais vida, que repetidas vezes a aconselhava, desejando persuadî-la a todos. *Præcepta mea cor tuum custodiat, longitudinem enim dierum, & annos vitæ, & pacem apponent tibi*; disse, e tornou a dizer: *Per me multiplicabuntur dies tui, & addentur tibi anni vitæ*: e ainda o persuadio terceira vez: *Timor Domini apponit dies.* Lá cahio o S. Rey Ezechias em huma enfermidade mortal, recorreo a Deos representando-lhe a pureza de costumes com que vivera, propondo-lhe a exacçaõ com que observara os seus preceitos; e logo impetrou mais quinze annos de vida: *Memento quæso quomodo ambulaverim coram te in veritate, & corde perfecto... Ego adjiciam super dies*

3.Reg.3.14.

Prov.3.1.2.

Cap.9.11.

Cap.10.27.

Isai.38.3.15

Ezech. 33. 15. *dies tuos quindecim annos.* Do mesmo Deos ouvio, e aprendeo o Propheta Ezechiel esta doutrina: *Si autem dixero impio, morte morieris, & egerit pœnitentiam a peccato suo, feceritque judicium, & justitiam, & pignus restituerit, ille impius, rapinamque reddiderit, in mandatis vitæ ambulaverit, nec fecerit quidquam injustum, vita vivet, & non morietur.* Instruido com estas doutrinas dizia S. Agostinho que quem quizesse multiplicar o numero de seus annos, empregasse estes em viver bem: *Vitam vitæ meritis acquiramus.* D. Aug. Ser. 24. com.

12 Dizia David que os dias de sua vida ainda haviaõ de ser medidos, e determinados por Deos: *Mensurabiles posuisti dies meos*; sendo que Job nos ensina, que Deos põem aos dias da vida humana hum termo taõ prefixo, e invariavel, que de nenhuma sorte se poderá transgredir: *Constituisti terminos ejus, qui præteriri non poterunt.* Naõ he necessaria grande Fé, para abraçarmos a doutrina de Job nesta parte, nem muita Theologia, para estranharmos a do Real Profeta; porque todos alcançamos, que assim como a vontade de Deos he eterna, assim saõ tambem eternos os seus decretos, e livres disposiçoens. Como pois julgava David, que o espaço da sua vida estava por se medir, e determinar por Deos: *Mensurabiles posuisti dies meos*; se na presciencia, e vontade eterna de Deos, ja tinhaõ em toda a Eternidade a sua determinaçaõ, e medida: *Constituisti terminos ejus, qui præteriri non poterunt?* Porque a extensaõ da nossa vida, ainda que invariavelmente prefixa, supõem em Deos hum decreto (quando menos para nós) condicional, segundo o proprio

Psal. 38. 6.

Job. 14. 5.

prio merecimento de cada hum: *Si ambulaveris in viis meis*; e regulada pelo merecimento de nossas obras, se faz absolutamente irrevogavel a determinaçaõ da nossa idade: *Constituisti terminos ejus, qui præteriri non poterunt.*

13 Bem entendeis, e percebeis agora, que ha facil meyo para se recobrar o tempo já perdido; posto que na opiniaõ commum se repute naõ só difficultosa empreza, mas impossivel. Quereis recuperar tanto tempo de vida, que atéqui prodigamente perdestes, e esperdiçastes? Pois emenday a vida, e costumes della, e podereis assim ou recuperar o mesmo tempo já passado, e perdido: *Redimentes tempus anteactæ vitæ*; ou merecer, e impetrar outro tanto tempo, e mais ainda do que passou por vós: *Vitam vitæ meritis acquiramus.*

14 Tanto vem a ser que para nós resuscitem os annos, que já perdemos, como que por Divina piedade se nos concedaõ outros tantos, aindaque sejaõ outros, e naõ os mesmos. Sentio Eva a morte de seu filho Abel, quanto pedia a ternura, e amor de mãy; e da mesma sorte se encheo de sentimento a viuva de Naim na perda do filho unico. Consolou Deos igualmente a afflicçaõ de ambas, se bem que por diverso modo; porque á viuva resuscitou Christo o mesmo filho morto: a Eva naõ resuscitou Deos Abel, mas em lugar deste lhe deo outro filho: *Peperit filium, vocavitque nomen ejus Seth, dicens: posuit mihi Deus semen aliud pro Abel.* E tanto se satisfez Eva tendo outro filho, em lugar do que perdeo, como a viuva de Naim, sendo lhe restituido o mesmo filho, que vira morto. Aquella mulher Evangelica, de quem falla Christo em huma de suas parabolas, se alegrou

Genes. 4. 25.

Luc. 15.

alegrou achando huma moeda que perdeo: e naõ ſe alegraria menos,ſe naõ podendo deſcobrí-la, em lugar della achaſſe outra de igual preço. Tambem para nós tanto faz que recuperemos aquelle tempo, que já perdemos, como ſe recebermos naõ eſſe perdido já, mas outro tanto, com que ſe nos dilate a vida. O certo he, que com o arrependimento de noſſas culpas, e com a emenda da vida, podemos recuperar o meſmo tempo, que deixámos paſſar, e perder: *Redimentes tempus anteactæ vitæ*; ou impetrar de Deos outro tanto, e ainda mais do que perdemos: *Vitam vitæ meritis acquiramus.*

15 Quando porêm chegará para cada hum a hora, em que ſe haõ de recuperar tantos annos já perdidos? Qual ſerá a hora, que cada hum tem eſcolhido, e deſtinado para melhorar a vida preſente, e reſgatar o tempo da paſſada, ou impetrar de novo outro tanto? Aqui eſtá todo o ponto, niſto ſe volve toda a difficuldade, ou para melhor dizer, impoſſibilidade, que parece haver em ſe reparar a perda do tempo. Neſta queſtaõ, e neſta difficuldade, quem me dera ouvir a repoſta de cada hum dos que me ouvem. Mas he bem eſcuſado me reſpondaõ o que eu, e todos muy bem ſabemos. Nenhuma hora ſe diſpõem para taõ importante fim; porque os moços querem recuperar o tempo, que perderaõ, e vaõ perdendo, e querem tratar unicamente da ſalvaçaõ, quando forem velhos: e os que chegáraõ já aos annos da velhice, ſe aguardaõ lá para a hora da morte, que nunca a ſuppõem taõ proxima, como talvez eſtá. Naõ he eſta a verdade? Sem a menor duvida; e ſe naõ reflecti em quantas peſſoas conheceſtes, e ſaõ hoje fallecidas, e dizey-me, em qual dellas

dellas vistes antes da morte, alguns annos de vida ajustada, fóra do enredado, e confuso trato do mundo, com frequente uso dos Sacramentos, sem amor proprio, com exercicios de piedade, e indicios de verdadeira penitencia? Eu vos confesso, que de quantos posso testimunhar, só colhi a mudança da vida para a morte; porêm mudança de vida para a vida, isto he, de vida froxa, e mundana, para vida espiritual, e ajustada, naõ sey se vi: cuido que naõ Nem he facil que haja tal mudança; nos moços, porque a estaõ demorando para a velhice; nos velhos, porque a estaõ reservando para a morte. Ora mostremos aos velhos nesta parte o seu engano, e depois iremos ao desengano dos moços.

§. IV.

16 VAõ enganados os velhos, que cuidaõ poderáõ resgatar na hora da morte os annos, que esperdiçaraõ d'antes. Mais certo será perderem tambem os annos da feliz Eternidade, que esperaõ, do que resgatar os da vida temporal, que perderaõ. Nas visinhanças da morte, aindaque naõ seja repentina, ou apressada, sobrevem hum lethargo, huma destituiçaõ de sentidos, ou outro similhante accidente, e já se naõ póde o enfermo dispor para a Graça, nem para os Sacramentos. E quando nada disto acontece, a enfermidade o inquieta por huma parte, por outra o afflige o apartamento do mundo, e da familia, e o perturbaõ tantas esperanças cortadas de hum golpe naquella terrivel hora. E mais que tudo o perturba, o afflige, e o inquieta a lembrança das culpas commettidas, e suas consequencias, o temor da conta, a presença do Juiz que está a chegar, a incerteza da sentença,

tença, e o merecimento da pena; ſem que do perdaõ deſta poſſa haver a minima certeza, como nem do verdadeiro arrependimento, e contriçaõ das culpas. E com eſtas perturbaçoens poderá o enfermo diſpor-ſe por meyo de huma contriçaõ perfeita, com verdadeiro amor de Deos, com intimo deſejo da Eternidade, e deſapego do temporal? Poderá; porque a Graça de Deos he muy poderoſa. Mas ſem hum auxilio muy eſpecial, muy forte, e efficaz, naõ ſe haõ de vencer tantos contrarios, que juntos obſtaõ, e conſpiraõ para a perdiçaõ da alma. E eſtará prompto eſſe auxilio, para a occaſiaõ da morte? Duvido, e duvidaremos todos; porque naõ ha preſumpçaõ, ou indicio algum, para ſe entender que eſteja prompto, e certo na morte, o que tantas vezes ſe deſprezou em vida. Os remedios applicados tarde já naõ ſaõ uteis, aindaque applicados antes ſeriaõ efficazes. Aſſim ſaõ muitos auxilios da Divina Graça, deſprezados em vida, e deſejados na morte. Em vida ſeriaõ efficazes, na morte duvidamos que o ſejaõ, pela razaõ de ſe buſcarem já tarde.

17 Quando mais ſocegado eſtava Nabuco, Rey Chaldeo, e no mayor deſcanço da noite, vio em ſonhos huma arvore taõ alta, que chegava a tocar no Ceo, e taõ extenſamente copada, que com a ſombra cobria toda a terra. Ouvio logo huma voz forte, e imperioſa, proferida lá do Ceo, que a mandava cortar, ſem que a algum dos ſeus ramos perdoaſſe o golpe do ferro: *Succidite arborem, & præcidite ramos ejus.* Perturbado, e atemoriſado o Rey com o que vio, e muito mais com o que ouvio, chama a Daniel para que lhe interprete o ſo-

Danie.4.11.

o sonho, e este o expôs, dizendo: Tu Rey, es a formosa, e grande arvore, que te foy representada. A voz, que ouvistes, he a da sentença do Altissimo, cujo golpe te ameaça já. Neste caso abraça o meu conselho, que he este: *Peccata tua eleemosynis redime, & iniquitates tuas misericordiis pauperum; forsitan ignoscet Deus* Com esmólas trata de remir a pena, que merecem as tuas culpas; porque talvez se mova a Misericordia Divina a te perdoar. Talvez: *Forsitan*! O Ecclesiastico diz, q assim como a agoa apaga o mais ardente fogo, assim a esmóla resiste ao castigo das culpas: *Ignem ardentem extinguit aqua, & eleemosyna resistit peccatis.* A agoa sem duvida apaga o fogo, lançada nelle; pois como duvîda o Profeta, que as esmólas de Nabuco resistaõ á pena de suas culpas? Como duvîda, que se incline Deos a lhe perdoar: *Forsitan ignoscet delictis tuis?* Porque buscava Nabuco o remedio á sua affliçaõ, quando já o ameaçava o golpe da morte: *Succidite arborem, & præcidite ramos ejus*: e em tal extremo, duvîda com razaõ o Profeta que seja util ao Rey o que deixou, e desprezou em vida, quando lhe podia ser efficaz remedio: *Forsitan ignoscet.*

Ibid. 24.

Eccles. 3. 33

18 Oh se bem attenderamos para a doutrina que nos dá a Sagrada Historia neste conceito de Daniel! Quereis, Fieis, hum auxilio efficaz, para vos arrependeres, e escapar da condemnaçaõ eterna? Sim. Mas naõ os quereis em vida, porque naõ abraçais os que Deos continuamente vos offerece. Para a hora da morte o desejais com instancia; e com razaõ se duvída que o tenhais nessa occasiaõ. Talvez o tereis: *Forsitan*; porêm he muito para se temer que entaõ vos falte; porque a mesma resistencia, que puzestes

zeftes aos auxilios, com que Deos vos chamou em vida, vos faz indignos de que os tenhais na morte. Esta he a commum doutrina dos Santos Padres, a quem seguem os Theologos Escholasticos, e Mysticos, com a Veneravel Abbadessa de Agreda, ensinada, e instruida pela Mãy de Deos nestes pontos da mais profunda, e incomprehensivel Theologia. Bem he verdade, que a Graça de Deos he taõ poderosa, como superior ás dependencias do tempo.

Myst. Ciud. de Dios p.3. lib.7.c.6. n. 95.

------ *Hominem cum gratia salvat,*
Ipsa suum consumat opus, cui tempus agendi
Semper adest, quæ gesta velit. -------

D. Prosp. lib. de Ingrat. c. 15.

Mas aquella ordem da Providencia com que Deos dispõem, e rege a nossa vontade, assim como para que esta abrace os auxilios da Divina Graça, attende para a opportunidade do tempo, e occasiaõ em que os dá; (segundo ensinaõ graves Theologos, e melhor que elles S. Joaõ Chrysostomo) assim di-rey, que muitas vezes tambem observa a occasiaõ, e o tempo, em que lhos pedimos, para nos dar, ou negar o auxilio, que desejamos; porque se nos apressamos a desejar, e pedir o auxilio de Deos para a salvaçaõ, achamos a Deos propicio para o conceder; se nos demoramos em lho pedir, e rogar, querendo-o lá para o fim da vida, será justo o achemos renitente em castigo de nosso descuido, e obstinaçaõ.

D. Chrysost. Hom. 45. in Matth. ex cap. 19. ubi post mediũ exponit, cur non eadem hora operarii vocantur ad vineam: curque Paulus, & Latro diversis vitæ temporibus sũt vocati.

19 Diz o Profeta Ozeas, que aquelles dous antigos Patriarcas Judas, e Ephraim, ou as Tribus, que delles descenderaõ, conhecendo a oppressaõ em que os punhaõ as suas culpas, solicitaraõ por todos os caminhos o remedio da afflicçaõ em que se viaõ; mas que Deos os naõ pudera (isto he, os naõ quizera) ja em taes termos soccorrer, e salvar: *Et ipse*

non

on poterit sanare vos, nec solvere poterit à vobis vinculum. Entra S. Jeronymo a ponderar, de huma arte a afflicçaõ com que a Deos clamavaõ aquel-es povos; de outra a Justiça, com que Deos offendi-o lhes negava a sua Misericordia; e pergunta assim: laõ podia Deos conferir-lhes hum auxilio, com que s fizesse dignos de sua Piedade? Sim. Pois Deos, q̃ e de tanta Misericordia para todos os que o invo-aõ, como lhes negava o auxilio, que elles depreca-aõ? Naõ só douta, mas admiravel he a reposta do Maximo Doutor: *Quod sanare non possit Deus, ne-uaquam suâ imbecillitate, sed eorum merito, qui erò auxilium postulaverunt.* Podia Deos, se qui-era, assistir áquelles povos com o auxillo, que lhe ogavaõ, mas usando de justiça, perseverou em ne-á-lo; porque o pediaõ ja tarde. Se mais cedo o so-citaraõ, achariaõ o auxilio de Deos para o seu re-edio: buscando-o taõ tarde, naõ; porque o buscar o auxilio de Deos em tempo antecipado, he con-içaõ muitas vezes para se conferir esse auxilio; que utras vezes se nega, porque se pede já tarde: *Serò uxilium postulaverunt. Non poterit sanare vos, ec solvere poterit à vobis vinculum.*

Ose. 5. 13.

D. Hier. in hunc loc.

20 Deos tambem allega contra os peccadores direito da prescripçaõ. Deixaõ estes passar os an-os de huma larga vida, chegaõ á hora da morte, onsideraõ o tempo que tem esperdiçado, e entaõ o uerem recuperar, para o que rogaõ a Deos com af-icçaõ, e angustia, e naõ menos com instancia o au-ilio de sua Graça. E naõ será muy justo que lho ne-ue Deos, em pena de serem passados tantos annos, em que o solicitassem, podendo? Os Amonîtas re-equereraõ a Jepte, lhes mãdasse restituir as terras,

que os Israelitas injustamente lhes estavaõ occupando, de Arnon até o Jordaõ. E que lhes responderia Jepte? *Quare tanto tempore, nihil super hac repetitione tentastis?* E como em tantos annos naõ cuidastes em recuperar estas terras? O mesmo succederá aos que na hora da morte pertenderem recuperar, e remir o tempo já perdido na vida; porque quando para isso rogarem o auxilio da Divina Graça, lhes responderá Deos justamente: E como em tantos annos de vida naõ cuidastes nesta recuperaçaõ: *Quare tanto tempore, nihil super hac repetitione tentastis?* Agora, que vos atemoriza a morte, implorais o meu auxilio para esse fim? Pois tambem agora naõ; porque para mim, que sou justo, já he tarde: *Ipse non poterit sanare vos, &c. Eorum merito, qui serò auxilium postulaverunt.*

Judic. 11. 26

21 Ora aguarday-vos lá para a hora da morte, pondo em taõ grave perigo huma causa taõ importante, como he a da salvaçaõ, ou condemnaçaõ eterna, que decisivamente pende de hum auxilio, alêm de contingente, muy difficultoso em tal hora. Santo Agostinho desconfiava da salvaçaõ daquelles, que vivendo descuidados della, na hora da morte davaõ signaes de seu arrependimento: *Non præsumimus, quod bene hinc exiit*, dizia o Santo: de cuja doutrina se valeraõ, para a seguir, o grande Mestre das Sentenças, e Graciano no seu Decreto. E estaremos sem duvida pelo sentir do mayor Theologo da Igreja, se attendermos para a grave razaõ, em que se elle funda. Vem a ser esta: O verdadeiro arrependimento ha de ser voluntario, e livre, naõ por necessidade; na morte porêm, o arrependimento que parece haver, he por necessidade; porque se deixaõ

D. Aug. Hom. 41. de verè pœnitentibus. Mag. in 4. Dist. 20. Gratian. 2. p. caus. 33 q. 3. d. 7. c. 2. Siquis.

os

s peccados já entaõ, quando mais se naõ pódem ōmetter. Deixaõ-se depois que elles tem deixado os que d'antes os naõ quizeraõ deixar: *Pœniten- ia enim* (dizia o Santo) *arbitrii quærit liberta- em, non necessitatem, ut dolere possit commissa. Qui utem prius à peccatis relinquitur, quàm relin- uat peccata, ea non liberè, sed necessitate quasi ndemnat.* S. Cypriano Martyr, Arcebispo Cartha- inez, e Primaz que tambem foy de toda a Africa, gualmente Santo, e Douto, prohibia o Sacramento a Penitencia, naõ permittindo se desse absolviçaõ os que só na morte se arrependiaõ, excepto algum aso de contriçaõ extraordinaria; porque em tal ora, o pedir confissaõ, o protestar emenda das cul- as em que se passou a mais vida, he temor, e urgen- a da morte (dizia o Santo Prelado,) e naõ he ef- ito de verdadeiro arrependimento: *Quia rogare los non delicti pœnitentia, sed mortis urgentis ad- onitio compellit.*

D. Cypr. Epist. 12. ad Anton.

22 Naõ vos pareça dura esta doutrina; porque juizo mais prudente, e assentado entre os Santos adres, só alcança que o estado final de cada hum regula, naõ pelas apparentes circunstancias da orte, sim pelas operaçoens da vida. Viver como araó, e acabar como Moysés: viver como Saûl, e abar como David: viver como Jesabel, e acabar omo Suzana: viver como Herodias, e acabar como Magdalena: ter vida de Saulo, e morte de Paulo: da dissoluta, e morte penitente; aindaque naõ he npossivel, acontece muy raras vezes: *Vix, vel ra- ò est tam justa conversio:* diz, e resolve por ulti- a concluisaõ o Mestre das Sentenças. Naõ vos en- nem os arrependimentos, e protestos expressa-

Mag. citat.

dos do intimo do coraçaõ na extremidade da vida antes porque vos desenganeis de taes contriçoens que geralmente parecem haver nessa hora, recorramos ao Juizo de Deos, que para nossa doutrina est bem expressado nas Escrituras.

23 Hum dos mais poderosos, e mais fortes perseguidores, que teve o povo de Deos, foy Antiocho Illustre, oitavo Rey de Syria, e Asia, depois d Alexandre. Insaciavel de hostilidades, e insolencias marchava com hum formidavel exercito sobre Jerusalem, e com resoluçaõ de assollar esta Cidade santa, e seu Templo, e de acabar todos os moradore della. Eis-que lhe sobrevem insperadamente hum enfermidade mortal, com que Deos o quiz humilhar, e reduzir ao conhecimento do mal, que taõ in justa, como sacrilegamente obrava, e emprendia Allumiado assim o Rey, e cheyo de arrependimento pede publicamente perdaõ a Deos de seus crimes faz solemnes protestos de pôr livre a Cidade, e venerar o seu santo Templo, restituindo-lhe em dobr os sagrados vasos, de que o despojara em outra occasiaõ: alêm da muita riqueza, que lhe promettia e dadivas preciosas, que lhe offerecia. Sobre tudo usando Deos com elle a Misericordia de lhe prorogar a vida, se obrigava (postoque era Gentio) naõ só a estimar, e honrar a naçaõ Judaica; mas tambem (o que he mais) a professar o seu Rito, e Religiaõ fazendo-se Judeo, e hum Apostolo, ou pregoeiro perpetuo do verdadeiro Deos, a quem já conhecia e de sua santa Ley dada a Moysés, e observada pelo povo Judaico. Desenganado porêm finalmente o Rey Antiocho de que a Justiça Divina persistia em sua indignaçaõ contra elle; nem por isso variava

os

os seus bons propositos, ou desistia de seu arrependimento, antes muy constante escreve aos Judeos de Jerusalem huma carta, solicitando nella a sua graça, e recõmendando-lhes hum filho, que deixava para herdeiro da Monarchia; sem que no meyo destas disposiçoens faltasse á mais principal de recorrer instante, e humildemente a Deos, implorando a sua Misericordia.

24 Parece que se naõ podia esperar mais de Antiocho, para se entender que acabava bem. Se elle dá taõ evidentes signaes de seu arrependimento; se faz propositos taõ firmes de sua futura emenda; se com toda a humildade solicita o perdaõ de suas culpas; naõ diremos todos que está perfeitamente contrito, e arrependido? Parece que sim; ouvi porêm o que delle diz neste caso o Sagrado Texto: *Orabit autem hic scelestus Dominum, à quo non esset misericordiam consecuturus.* Este malvado homem (diz o Texto) debalde rogava a Deos; porque delle naõ conseguiria misericordia. Estranha sentença, além de horrenda! He malvado hum homem, que dá tantos signaes de contriçaõ? Sim. Está penitente, e naõ fará Deos com elle de Misericordia? Naõ. Porque em verdade naõ estava contrito, nem penitenae, como parecia. Attendey para a sua vida taõ perversa, e vereis que mal lhe podia conresponder taõ boa morte. Os arrependimẽtos, que fazia de suas culpas, os protestos de emendar a vida, sim eraõ verdadeiros; mas naõ originados da contriçaõ verdadeira. Eraõ actos naõ livres, mas sim coactos, e necessitados; ja do grave remorso, que lhe fazia a consciencia; ja das insoffriveis dores, que lhe causava a enfermidade; ja do temor com que esperava a morte:

2. Machab. 9. 13.

Alap. in hũc loc.

Hæc ejus confessio, pœnitentia, & oratio, fuit tormentis coacta, diz o Alapide. Vio-se em Antiocho o que S. Cypriano dizia: *Non delicti pœnitentia, sed mortis urgentis admonitio.* Verificou-se o que ensinava Santo Agostinho: *Non liberè, sed necessitate.* E se ha de verificar, e ver isto mesmo em todos os que passaõ a vida sem cuidar na morte, muy confiados, e muy certos de que ao tempo della acharáõ prompto hum auxilio da Divina Graça, com o qual nessa hora possaõ remir os annos, que perderaõ d'antes, ou merecer os da Eternidade Celestial.

§. V.

25 A' Vista de naõ poderem na morte recuperar o tempo perdido, se desenganem os velhos, que para lá se aguardaõ: e nem os moços, por terem menos annos, se enganem esperando para a velhice. A conta que os moços lançaõ á sua vida, e a distribuiçaõ que fazem do tempo della, como bem se pondera, e se reprehende no Livro da Sabedoria, he esta: *Fruamur bonis quæ sunt, & utamur creatura, tanquam in juventute celeriter. Vino pretioso, & unguentis nos repleamus, & non pertranseat nos flos temporis.* Estamos na flor do tempo, dizem os moços, porque estamos na flor da idade: demos ao tempo o que he seu, e á idade o que está pedindo. Em divertimentos, e em todo o genero de gostos empreguemos a mocidade; que na velhice entraremos em contas com a vida, fazendo preparaçoens para a morte; porque Deos taõ Misericordioso será entaõ como agora he. Se agora ha de usar com nosco de sua piedade, tambem usará entaõ. Oh que disposiçaõ taõ errada, taõ enganosa, e taõ falsamente fundada! E se a morte se anticipar á

Sapient. 2. 6. 7.

velhi-

elhice? Tendes por ventura alguma certeza de que
aſſareis com vida os annos da mocidade? Certo he
ue Deos em todo o tempo he Miſericordioſo; por-
ue a ſua Miſericordia he eterna: *Quoniam in æter-
um miſericordia ejus*; mas aindaque nos promet-
e hoje a ſua Miſericordia, naõ nos aſſegura o dia de
manhãa: *Deus pœnitentiæ tuæ indulgentiam pro-
iſit, ſed dilatationi tuæ diem craſtinum non pro-
iſit*: diz ſentencioſamente Santo Agoſtinho. *Qui
œnitenti veniam ſpopondit, diem craſtinum non
romiſit*; clama com a ſua coſtumada, e grave dou-
rina S. Gregorio Papa.

Pſal. 135.

D. Auguſt. in Pſal. 114.

D. Greg. M. Hom. 12. in Evang.

26 Se algum de nós tivera certo vencer os an-
os da mocidade, e entrar pelos da velhice, errara
mpre em reſervar para lá o arrependimento das
ılpas, e a melhora da vida; porêm naõ fora o ſeu
rro fundado em outro erro. Mas ſe nem o dia de
nanhãa nos podemos prometter: *Diem craſtinum
n promiſit*; como para viver bem diſpomos dos
nos da velhice, a que ſaõ taõ poucos os que che-
õ? *Quæ tam ſtulta mortalitatis oblivio, in ſexa-
ſimum annum differre ſana conſilia, & inde velle
itam inchoare, quò pauci perduxerunt*! diz o
eneca; e confirmey eſta doutrina com a ſentença
elle, porque baſta o dictame de hum Eſtoico, e o
ſcurſo de hum Gentio, para arguir, e convencer
rro, com que tanta multidaõ de Catholicos dei-
paſſar os annos da mocidade, confiando-ſe na en-
noſa eſperança dos annos da velhice. He poſſivel,
ie eſperem os Chriſtaos principiar a vida ajuſtada
razaõ, e preceitos de Chriſto, lá para os ſeſſenta,
mais annos, naõ ſendo muitos os que chegaõ a eſſa
ade eſperada? E ſerá bem, que anticipando-ſe a

Sene. de Brevit. vit. c. 4.

 morte,

morte, os ache enganados com as falsas promessas da mocidade? O Estoico falto de Fé da Eternidade, a que, com tanto risco de gloria, ou de pena, havemos nós de entrar para sempre, reprehendia o erro, ou engano dos moços com esta famosa, e muy heroica doutrina: *Non te pudet reliquias vitæ reservare, & id solum tempus bonæ menti destinare, quod in nullam rem conferri possit?* Naõ te confundes, (dizia) naõ te pejas de reservar, para bem viver, aquellas desprezíveis reliquias da idade, aquellas inuteis extremidades da vida, que talvez naõ servem, nem para viver mal? Oh que reprehensaõ, oh que censura taõ digna de ser attendida dos que se prezaõ de racionaes, e muito mais de Catholicos! Se estimulo taõ heroyco nos naõ confunde como racionaes; atemorize-nos ao menos como Catholicos o risco da Eternidade, a que se expõem, quem para a velhice que espera está demorando a emenda dos vicios, em que passa os annos da mocidade.

Ibid.

27 Porêm os moços, mettendo á magnanimidade huma materia de tanto porte, e de tanto risco, dizem: Pois logo se ha de anticipar a morte à velhice? Logo se ha de abbreviar tanto a vida? Naõ vemos o mundo cheyo de idades provectas, e annos adiantados? Respondo, que sim; mas tambem vemos por quotidianas experiencias, que saõ innumeraveis os que entraraõ na sepultura, sem que entrassem aos annos da velhice: e acabaraõ os annos da vida antes que acabassem os da mocidade. Ninguem ignora, que o prazo da vida he para nós incerto; porque ninguem póde saber se acabará neste dia, ou se chegará ao de amanhãa: e muito menos, se completará os annos da mocidade, e passará aos da velhice.

Pois

Pois nesta contingencia, e nesta incerteza, como se passaõ em vicios os annos da mocidade? Como se faz confidencia nos da velhice, para o arrependimento? Se a temeraria esperança da velhice basta para a soltura da mocidade; como naõ basta o risco de se naõ chegar a essa idade, para se empregar bem esta, que vay passando.

28 Reconhecendo se contingencia em negocios graves, escolhe-se o meyo mais seguro, reprova-se o que parece perigoso. E que negocio mais grave, que o da salvaçaõ? Que meyo mais seguro para se conseguir esta, do que empregar a mocidade em solicitá-la? Que meyo mais perigoso do que demorar esta diligencia para a velhice, de todos esperada, e conseguida de poucos? Prégava Jonas em Ninive, e era esta a sua prégaçaõ por toda aquella grande Cidade: *Adhuc quadraginta dies, & Ninive subvertetur.* Passados quarenta dias será Ninive subvertida. Ouvido este fatal pregaõ, o Rey, a Nobreza, e o povo todo mudaõ de vida no mesmo ponto, e entraõ a fazer taõ aspera, e taõ exacta penitencia, que até aos brutos cobriraõ de cilicios, e puzeraõ em abstinencia. E quem certificava aos Ninivitas o que a Jonas ouviaõ? Naõ podia ser affectada, ou encarecida a prégaçaõ de Jonas? Dado porêm, que fora muy verdadeira, e sincéra: Deos, que he de Misericordia infinita, naõ usaria de piedade com as suas creaturas? Logo havia perder de huma vez tanta multidaõ de homens, que fez á sua imagem, e similhança, e por sua Providencia dispôs habitassem naquella grandiosa Cidade, na qual sem duvida seria muy crescido o numero dos innocentes? Socegue-se a Corte, e o povo, naõ seja taõ facil em acreditar

Jon. 3. 4.

ditar o que ouve, nem fie taõ pouco na Misericordia Divina; que ainda supposta a verdade do que se lhe préga, e ella teme, poderá Deos suspender a execuçaõ do seu decreto. Sim podia; mas era muy contingente o que obraria Deos em tal caso: nem havia certeza alguma de se deliberar nesta contingencia mais para a Misericordia, que para a Justiça. A isto attendiaõ os Ninivitas: *Quis scit, si convertatur, & ignoscat Deus, & revertatur à furore iræ suæ?* E nesta duvida, e neste risco, só deviaõ escolher o que era meyo mais seguro de se evitar o castigo, que se receava. Antes essa mesma contingencia foy, e devia ser o estimulo mais efficaz para a emenda dos Ninivitas. Ouvi a S. Jeronymo: *Ideo ambiguum ponitur, ut dum homines sunt dubii de salute, fortiter pœnitentiam agant.* A certeza do castigo obstinaria aos Ninivitas na impenitẽcia: a certeza do perdaõ os faria remissos em solicitar a Misericordia. Só a contingencia, e o risco entre o perdaõ, e castigo, entre a Piedade, a Justiça, os podia excitar para a mudança da vida: *Quis scit, si convertatur & ignoscat Deus, & revertatur à furore ire suæ?*

Ibid. 9.

D. Hier. in hunc loc.

29 O discurso dos moços, para ser prudente, devera imitar o dos Ninivitas. Da incerteza devera tirar estimulos para eleger o seguro. Chegar aos annos da velhice he contingente: o demorar para là a emenda he perigozo; pois aproveitem os annos da mocidade certa, e segura os que estaõ nella, e naõ se enganem com os da velhice taõ incerta, como enganoza. Para os Ninivitas o castigo, e o perdaõ estavaõ em igual contingencia; porque se as suas culpas pediaõ o castigo, para com Deos instava a innáta, e propria Misericordia pelo perdaõ.

Neste

Neste equilibrio de incerteza, abraçaraõ a penitencia por assegurar a Misericordia: *De incerto pœnitentiam egerunt, & certam misericordiam meruérunt*; diz S. Agostinho. Nos moços porêm, ainda ha mais urgente necessidade de se naõ dilatar a emenda para o futuro; porque na incerteza de se conseguirem, ou naõ os annos da velhice, naõ ha equilibrio na contingencia. O mais certo he, que antes da velhice concluiráõ a vida; pois he sabido, que além dos muitos contrarios a que está exposta a nossa vida, tambem as culpas a diminuem, e lhe cortaõ insensivelmente o fio. Viver mal, e viver muito, he implicatorio conhecidamente; porque assim como a vida se dilata à huns, em premio do viver bem, assim a outros se abbrevîa em pena do viver mal. He sentença bem expressa do Espirito Santo: *Timor Domini apponet dies, & anni impiorum breviabuntur.* David deo por certo, que Deos anticipa a morte aos que vivem mal: *Minorasti dies temporis ejus.* Os da Jerusalem antiga com a enormidade de suas culpas abbreviaraõ os seus dias, como testificou o Profeta Ezequiel: *Appropinquare fecisti dies tuos, & adduxisti tempus annorum tuorum.* Finalmente todo o Mundo assim o experimentou, para confusaõ sua, e nosso dezengano, quando no diluvio universal foy submergido; porque sendo esta pena comminada por Deos, para se executar, naõ logo, mas depois que fossem passados cento e vinte annos: *Eruntque dies illius centum viginti annorum*; antes de se completar este praso, sobreveyo antecipadamente o diluvio, intimado aos quinhentos annos da vida de Noé, e executado aos seiscentos, como bem observaraõ S. Joaõ Chry-

D. Aug. in Psal. 50.

Prov. 10. 27.

Psal. 88. 46.

Ezech. 22. 4.

Genes. 6. 3.

Chryſoſtomo, S. Jeronymo, e Theodoreto. Deſorte que a vida, ſegundo o ſoffrimento Divino, promettida aos homens para cento e vinte annos, em prazo de ſeu arrependimento, chegando a cem, naõ paſſou a mais; porque as culpas em que elles foraõ perſiſtindo, lhes diminuiraõ vinte, aos quaes ſe anticipou o diluvio: *Tempus certa quadam menſura præfinitum, ſecundum divinam longanimitatem, iniquitas amplior effecta contrahit*, diſſe com outros Theodoreto.

Theodor. in Zachar. 5.

30 Entre a mocidade, e a velhice achaõ todos eſta differença, que a mocidade he enganada, e a velhice deſenganada; mas eu em verdade me perſuado, que ſe a mocidade tem muito de enganada, muito mais tem a velhice de enganoſa. Todos ſe enganaõ com ella; porque enganada, e cegamente eſperaõ a velhice, em cuja confidencia vaõ peccando, ao meſmo paſſo, que com eſſas culpas eſtaõ encurtando a vida, e impoſſibilitando-a para chegar á velhice. Naõ vos pareça que canonizo toda a idade, que chegou a ſer provecta; pois ſey, e convence a experiencia, que muitos depois de huma mocidade eſtragada, contaraõ muitos annos de velhice. Só diſcorro, ſegundo a doutrina das Eſcrituras, e fique para Deos a comprehenſaõ dos ſeus juizos. O que poſſo alcançar he, que naõ viver bem, e viver muito, he para ſe temer tambem muito; porque quando as culpas naõ abbreviaõ a vida, a dilataõ para mayor caſtigo.

31 Ao Santo Job, e a muitos dos Profetas ſervio de admiraçaõ a tolerancia, que Deos uſa com os peccadores, ſoffrendo que ſe dilate a vida a quem o offende: *Quare impii vivunt*! Mas tambem entenderaõ

Job. 21. 7. Jerem. 12. Habac. 1.

tendérão ser muy formidavel a vida, que se dilata entre culpas; porque quanto se retarda o castigo dellas, tanto se vay reforçando para sobrevir com mayor estrago: *In puncto ad inferna descendunt: Superveniet eis innundatio, et dolores dividet furoris sui.* E contra esta doutrina authentica presumem os moços que gastando em vicios a sua melhor idade, haõde ter longa vida, para na velhice tratarem da sua emenda! Naõ será possivel, ordinariamente; porque ou as culpas lhes haõ de abbreviar a vida, para que naõ cheguem á velhice: ou chegarâõ a ella, naõ para emenda dos vicios, sim para mayor castigo delles.

Job. 21. 13. 17.

§. VI.

32 Se pois nem os velhos, nem os moços podem prometter-se para o futuro, q́ viviráõ melhor; porq́ nem pódem certificar-se de q̃ haõ de viver: como pódem resgatar o tempo, que perdérão, e estaõ perdendo? Ou como haõ de impetrar de Deos outro tanto tempo, que conresponda ao perdido, ou mais ainda? Quando? por algum destes modos o haõ de recuperar, se em nenhuma idade se póde remir o tempo? Como asseguro eu, ou assegura S. Paulo, que se póde resgatar, ou recobrar o tempo huma vez perdido: *Redimentes tempus anteactæ vitæ*? Porque ainda ha tempo, sem ser o futuro, para se recuperar o passado. Tal he o tempo presente: e só deste devemos dispor, para se restaurar o perdido: ou seja attendendo para a natureza do tempo, ou para o fim, e motivo, com que nos devemos empenhar em recuperá-lo. Digo que attendendo á natureza do tempo; porque como só o presente temos certo, só deste devemos fazer cō-

ta

ta para reſtauraçaõ do paſſado. O erro mais commum, e o mayor engano dos homens he (diz S. Jeronymo) eſtarem diſpondo do tempo largamente, naõ advertindo que ignoraõ a quanto ſe lhes eſtenda o eſpaço delle na preſente vida : *Nihil ita decipit humanum genus, quàm quòd dum ignorant ſpatia vitæ ſuæ, longiorem ſibi ſæculi hujus poſſeſſionem repromittunt.* Seneca julgou que era locura talhar a vida para futuros empregos, quando nem temos certo o dia de amanhaã : *Quàm ſtultum eſt ætatem diſponere! Nec craſtino quidem dominamur.* Do preſente, pois o temos, e naõ do futuro, pois he incerto, diſponhamos, e nos aproveytemos, para recuperar o paſſado: *Ergo tene certum, & dimitte incertum*, diz S. Agoſtinho. Deſtinar para iſſo o futuro taõ contingente, he erro, he engano, como diz o Doutor Maximo. Perder tambem o preſente, com os olhos ſó no futuro, para recobrar o paſſado, he mais que erro, he locura, como julgou o Eſtoico.

D. Hieron. Epiſt ad Cyprian.

Senec. ſupra rel.

D. Aug. Hom. 14. de vere pænit. à Mag. in 4. d. 20.

33 Se attendermos ao motivo de empregar toda a noſſa diligencia em remir o tempo já perdido, ainda com mais urgencia nos obrigará a razaõ à deſtinar para eſſe fim o tempo preſente; porque a perda do paſſado conſiſtio totalmente na perdiçaõ da alma, que por eſſe tempo ſe entregou aos vicios: *Contingit quandoque, quòd aliquis per magnum tempus vitæ vivit in peccato, & hoc eſt tempus perditum*, diz S. Thomaz. Daqui ſe ve, que a traça de remir o tempo he, pondo a alma em eſtado da ſalvaçaõ, tirá-la da perdiçaõ eterna para onde caminhava: e negocio taõ importante naõ ſe dilata para o futuro, nem ſe deixa para á manhãa.

D. Thom. in cap. 5. Epiſt. ad Epheſ. lection. 6

Applica-

Applica-se hoje, e se executa nesta mesma hora presente: e se o pudéramos antecipar a esta em que estamos, o deveramos antecipar.

34 Sahio Christo de Judea para Galiléa, e como do mesmo Texto de S. Joaõ se colhe (segundo bem notáraõ Euthymio, e Theophilacto) taõ apressadamente caminhava, que em meya jornada, passando por Samarîa, se achou fatigado, e para descansar se assentou junto a hũa fonte, q̃ havia perto da Cidade de Sichar, ou Sichem: *Jesus ergo fatigatus ex itinere, sedebat sic suprà fontem.* E para que assim se apressa Christo nesta ornada? Se o tempo lhe permittia a demora que teve em descansar, como se antecipa tanto em chegar? Demais. Christo naõ se apressou no resto do caminho de Samarîa até Galiléa: como pois se fatiga apressado de Judéa até Samarîa? Porque em Samarîa pertendia reduzir á salvaçaõ huma mulher, por quem sequioso, mais que por descansar, se pôs a esperar na fonte. Este empenho o fez apressar-se, por naõ perder a occasiaõ opportuna de salvar huma alma, como dizem os Padres, e Expositores com S. Ambrosio, e Cassiano. Assim foy; porque esse era o cuydado, e o mysterio com que Christo, levando o caminho de Galiléa, foy dar aquella volta por Samarîa.

Joan. 4. 6.

D Ambr. lib 2. de Spirit. S. c. 20. Simon Cassia. lib. 11. c. 1.

35 Naõ se livra porêm esta exposiçaõ, taõ literal, e taõ propria, de huma grave instancia. Christo sabia muy bem a hora, em que a mulher Samaritana havia chegar á fonte; pois como se adianta, como se apressa a esperá-la? Como se fatiga para chegar antes? Para Christo converter a agoa em vinho, faltando este, naõ se antecipou, ainda q̃

roga-

rogado por sua Mãy Santissima: deo tempo a que chegasse a hora destinada para se fazer o milagre: *Nondum venit hora mea.* Para sarar a Lazaro seu amigo, naõ se apressou, antes se demorou dous dias, depois que recebeo a noticia de sua enfermidade: *Ut audivit quia infirmabatur, tunc quidem mansit in eodem loco duobus diebus*; e deixou passar quatro dias, para taõ tarde o resuscitar: *Jam fœtet quatriduanus est enim.* Pois da mesma sorte no empenho de converter a Samaritana, ou esteja enferma, ou se considere já morta, e sepultada na culpa, venha com mais descanço, aindaque chegue mais tarde, pois para a sua Misericordia, e Omnipotencia sempre chegará a bom tempo. De nenhuma sorte; porque a hora da conversaõ de huma alma, para ser tirada do caminho da perdiçaõ, e restituida ao estado da salvaçaõ, se deve prevenir, e buscar antecipadamente, aindaque custe fadigas, e trabalhos: *Fatigatus ex itinere sedebat sic suprà fontem.*

Joan. 2. 4.

Joan. 11. 6.

Ibid. 39.

36 Se Christo taõ antecipadamente quiz prevenir a hora de melhorar huma vida, e tirar huma alma do caminho da perdiçaõ; como desprezamos nós tanto tempo, que se nos vay perdendo, sem cuidarmos na emenda, e melhora de nossa vida, para entrarmos ao caminho da salvaçaõ? Sabeis por ventura se esta pende de se aproveitar a hora em que nos achamos? Supposta a razaõ, que ouvistes, de se apressar Christo, porque se dirigiaõ seus passos a lucrar huma alma na conversaõ da Samaritana: ainda se podia investigar a razaõ de tanto se antecipar Christo para esse fim, quando parece que a todo o tempo a converteria. Mas quem nos diz que a salvaçaõ della naõ estaria pendẽte de se abraçarem até aquel-

a hora os auxilios, que Deos lhe desse para se converter? Quem nos diz que passada tambem, ou perdida aquella hora, ainda lhe restaria prazo para se arrepender?

37 Naõ se póde absolutamente negar, que todo o tempo da vida he tempo de arrependimento; porque em todo elle póde haver alguma hora de contriçaõ perfeita: *Nemo est desperandus dum in corpore constitutus est*, diz S. Leaõ Papa. Bem se vio no Santo Ladraõ, que acabando a vida, teve a sua conversaõ; aindaque se naõ ache outro exemplo nas Escrituras, como notou S. Bernardo. Com tudo, fallando respectivamente, nem todos os peccadores se poderaõ arrepender, e cõverter em qualquer tempo da vida; porque para cada hum tem Deos taxado, e determinado prazo, em que ha de esperar o arrependimento de suas culpas. Assim o entenderaõ Santo Ambrosio, S. Gregorio Magno, Santo Isidoro, S. Bernardo, e outros muitos Padres, e Doutores. Confessamos todos, que a Misericordia de Deos he sem limite; mas como he regulada tão diversamente pelos decretos da Divina vontade, naõ devemos duvidar que a huns queira Deos esperar pelo arrependimento até a morte, e naõ a outros; concedendo para emenda mais tempo a huns, e a outros menos: porque naõ he contra a sua bondade esta diversa medida em sua justiça: *Bonitate generali, sed multimodo opere, diversaque mensura*, diz S. Prospero.

D. Leo de Pœnit. d. 7 in princip.

D. Bern. Ser. 38. ex parvis

D. Ambr. D. Greg. & alii Patres apud Aguir. in Theol. tom. 3. disp. 125. sect. 1.

D. Prosp. lib. 2. de vocat. Gent.

38 O Profeta Isaias ainda hoje nos está prégando, e ensinando assim: *Quærite Dominum, dum inveniri potest.* A Glossa ordinaria expõem: *Convertimini dum tempus habetis.* A Interlineal segue

Isai. 55. 6.

Glos. ibid.

o mesmo. Convertey-vos a Deos, e emenday a vida (diz o Profeta) em quanto para isso tendes tempo E por ventura ha tempo, em que o peccador naõ possa converter a vida? Ainda cresce, ou se declara mais a duvida, com a reposta, que lhe dá S. Bernardo: *Attendite tres esse causas, quæ quærentes frustrari solent: cùm aut, videlicet, non in tempore quærunt*, &c. Huma das cousas, porque os homẽs fazendo diligencia por se converterem a Deos, e impetrar a sua Misericordia, o naõ conseguem (diz o Santo Doutor) he porque o solicitaõ já fóra de tempo. Entra agora com razaõ mais evidente o meu reparo. Se elles buscaõ a Deos: *Quærite Deum*; se procuraõ converter-se: *Convertimini*; sem duvida estaõ no tempo da vida, que ainda lhes vay correndo Pois naõ poderá em toda ella converter-se o peccador a Deos, e merecer a sua Graça? Pode-se dizer que já fóra de tempo se quer converter, quem antes da morte solicita emendar a vida? Em verdade, naõ sey responder a esta duvida. Resolverey que sim, e que naõ: e tudo póde ser respectivamente. Assim como em toda a vida se póde desmerecer, assim se póde merecer em todo o tempo; mas naõ se segue, que assim como Deos quer esperar a conversaõ de huns por toda a vida, queira por toda a vida esperar a outros, que se convertaõ; porque o prazo do arrependimento naõ consta que seja para todos igual: *Multimodo opere, diversaque mensura.*

D.Bern.Ser. 75. in Cant.

39 S. Beda (que sempre conservará a memoria de Veneravel) refere muito ao nosso intento dous casos, em seu tempo acontecidos em Inglaterra, quãdo nella florecia a Religiaõ Catholica: o primeiro a hum Militar, muy estimado do Rey; o segundo a hum

D. Bed. in Histor. Angl. c. 14. 15.

um Religioso; ambos na vida taõ descuidados da
lvaçaõ, como desejosos de se arrepender, quan-
o a enfermidade os fez lembrados da morte. Ao
rimeiro exhortava o Rey, com o segundo instavaõ
s seus Religiosos, que se valessem dos Sacramentos,
ara por meyo delles conseguirem a Graça de Deos,
o perdaõ das culpas: e qualquer delles respondia,
ue ja naõ era tempo; porque tanto ao primeiro, co-
no ao segundo, mandára Deos antecipadamente
ntimar o processo de suas culpas, e a sentença de
ua condemnaçaõ. Parece que naõ só com a doutri-
a, mas exemplos, e factos, quer Deos persuadir-
os, que nem todos poderaõ arrepender-se em to-
o o tempo, que lhes durar a vida: e que nos deve-
nos antecipar desvelados, porque naõ passe a ulti-
na hora destinada para o nosso arrependimento,
ermanecendo nós como d'antes na impenitencia:
*Quærite Dominum: Convertimini dum tempus ha-
etis.*

40 A mesma apprehensaõ de ignorarmos a
uanto se extenda o prazo consignado para nossa
menda, deve ser o despertador, para a naõ retar-
armos hum só instante: porque talvez se naõ perca
elle, o podermo-nos arrepender depois. *Non de-
frauderis à die bono, & particula boni doni non te
prætereat.* Outros vertéraõ: *Particula boni diei.*
Naõ vos defraudeis no dia bom, nem percais a mi-
ima parte delle: clama o Ecclesiastico. O dia bom,
iz o Carthusiano nosso Interprete, he todo o tem-
o da presente vida, que nos está destinado para
nelle merecermos o bem eterno: e para que naõ per-
amos este, he preciso que se naõ perca hum instã-
e de toda a vida: *Et particula boni diei non te præ-
tereat;*

Eccli. 14. 14] Gloss. Interl. & alii in Bibl. Max.

tereat; porque talvez pertencerá este ao prazo des
tinado para se ganhar a coroa da Eternidade: e pas
sado elle, por mais que os auxilios de Deos no
naõ faltem, já nem esses nos haõ de aproveitar; por
que passado este tempo, já nos naõ aproveitaremo
nós delles.

41 S. Paulo nos exhorta, e anima a que con
grande confiança recorramos a Christo para alcan
çarmos a Divina Graça, por meyo de hum auxilio
a q̃ elle chama competente, e proporcionado: *Adea
mus ergo cum fiducia ad thronum gratiæ, ut mise
ricordiam consequamur, & gratiam inveniamu
in auxilio opportuno.* Nenhum auxilio haverá, qu
naõ seja proporcionado, e competente á nossa fra
gilidade, pois lhe basta ser da Divina Graça, par
que possa supprir todo o nosso defeito, e espiritua
necessidade. Que auxilio pois será este, a que
Apostolo chama competente, e nós tanto devemo
solicitar: *In axilio opportuno*? He (responde
Author Lapide) o que se nos offerece em tempo cõ
veniente: *Scilicet opportuno tempore.* De sorte que
todo o auxilio da Divina Graça he de sua parte pro-
porcionado, e sufficiente; porque, quanto em si he
nos póde ajudar a sahir da culpa, em que estiver-
mos; mas em effeito nem todo o auxilio vem a ser
proporcionado á nossa disposiçaõ, pelos obstacu-
culos, que lhes põem a nossa resistencia, se he fó-
ra daquelle tempo, que Deos destinou para a con-
versaõ de cada hum de nós. Sendo a tempo, a nos-
sa emenda faz que os auxilios de Deos sejaõ com-
petentes. A nossa obstinaçaõ, deixando passar o
tempo do arrependimento, faz que nem esses au-
xilios lhe sejaõ proporcionados. E he justo juizo
de

Ap Hebr. 4. 16.

A Lap. hic.

e Deos, que mais tarde naõ se aproveitem dos seus
uxilios os que em tempo conveniente naõ quize-
aõ abraçá-los. Naõ esperemos pois (senhores) pa-
a mais tarde; porque talvez será tarde. Se por meyo
o arrependimento, e emenda de vida, queremos
emir, e recuperar o tempo que já perdemos; naõ
ercamos ainda mais este em que estamos: naõ es-
erdicemos tambem o dia presente, nem ainda hum
nstante, ou minima parte delle: *Non defrauderis
die bono, & particula boni diei non te prætereat.*
Abracemos os auxilios, que para isso nos offerece
Christo, que por ventura saõ ainda em tempo cõ-
eniente, e depois talvez que o naõ sejaõ: *Ut mise-
icordiam consequamur, & gratiam inveniamus
n auxilio opportuno.*

§. VII.

42 TEmos descuberto que bem se póde remir, e recuperar o tempo já passado,
perdido. Sabemos os meyos, e o quando se pode-
á conseguir este naõ difficultozo empenho, posto
se reputasse por impossivel. Os meyos saõ, o arre-
endimento das culpas, e os auxilios da Graça abra-
ados em tempo conveniente. O como, direy ago-
a; porque tambem desta circunstancia depende
effeito, que se intenta. Naõ vos pareça, que
asta emendar a vida, e detestar as culpas, para se
emir o tempo, que se esperdiçou, em quanto se
mpregou em vicios. Com essa emenda, com esse
rrependimento, quando muito, se aproveitará o
empo da vida, que restar ainda, e se empregará
omo pede a razaõ, e a obrigaçaõ. Os mesmos, que
unca perderaõ huma só hora do tempo, nem do
assado tem que remir, estaõ obrigados a empregar

 bem,

bem, e cada vez melhor, todo o tempo da vida, que lhes resta. Os que esperdiçaraõ o tempo, e o querem recuperar, estaõ obrigados á fazer mais, assim como intentaõ conseguir mais. Se solicitaõ haver no presente, o tempo que lhes passou já, devem juntamente obrar o bem, a que de presente os obriga o seu estado, e o bem que deixaraõ culpavelmente de obrar nesse tempo que perdêraõ. He advertencia de S. Anselmo: *Damnum temporis redimimus si vitam ita commendamus, ut ea bona, quæ olim facere neglexímus, & ea, quæ nunc facere debemus faciamus.* Esta doutrina taõ acertada pareceo ao Doutor Angelico, que seguio, e dictou a mesma resoluçaõ: *Dicendum est, quòd homo tantò magis debet vacare operibus bonis, quantò prius institit malis.* Os que pois tanto tempo deixáraõ perder, se o querem recuperar, tomem a resoluçaõ de obrar daqui em diante quantos bens omittiraõ, e quantas boas obras deixáraõ de fazer em todo o tempo passado.

D. Ansl. sup. citat. in Epist ad Eph. 5.

D. Thom. sup. citat.

43 Aquelles operarios que o Pay de familias conduzio a trabalhar na sua vinha já na ultima hora, depois que ao ocio déraõ todo o mais tempo do dia, tanto jornal receberaõ, trabalhando em taõ pouco tempo, como os que no trabalho empregáraõ o dia inteiro. Para estes servio de queixa a igualdade no premio; porque lhes pareceo desigualdade na justiça, satisfazer o Pay de familias sem differença aos que trabalharaõ hum dia inteiro, e aos que naõ trabalharaõ mais de huma hora: *Hi novissimi unâ horâ fecerunt, & pares illos nobis fecisti, qui portavimus pondus diei, & æstus.* He possivel (diziaõ os queixosos) que tanto lucrassemos

Matt. 20. 12.

nós,

nós, dando á cultura doze horas, como estes ultimos que nella gastaraõ huma só hora! Nós, que naõ perdemos o tempo, e elles, que o perderaõ quasi todo, havemos ser igualados no premio; como se nem trabalharamos nós mais, nem elles menos? Sim; porque em huma só hora trabalharaõ os ultimos operarios com tal excesso, e empenho, que igualaraõ o trabalho, e venceraõ a tarefa do dia inteiro: e talvez nessa hora fizeraõ mais, do que no dia inteiro fizeraõ os primeiros operarios: *Præponi eos, qui parvo tempore, sed fervidè laborarunt, iis qui longo, sed tepidè*; diz A Lapide: e assim deve obrar quẽ ha de recuperar, e remir o tempo, que perdeo.

Alap. hic.

44 Para S. Pedro recuperar o espaço de tres horas, que perdeo, persistindo em negar a Christo, empregou quasi trinta e seis annos, que foy todo o resto de sua vida; no qual em ouvindo o canto do gallo na hora conrespondente á em que o despertou da culpa, diz seu Discipulo, e Coadjutor S. Leaõ Papa, que se lançava de joelhos a chorar, derramando taõ ardentes, e copiosas lagrimas, que lhe fizeraõ regos nas faces, deixando-lhe tambem nos olhos gottas de sangue, as quaes nunca se dissolviaõ. S. Paulo, alêm de ser oito vezes açoutado, e apedrejado huma; alêm dos naufragios, carceres, perseguiçoens, e perigos; nudez, fomes, sedes, e mais trabalhos, que padeceo por Christo, e pela Igreja, como elle relata em duas cartas aos de Corintho, andava em continuas penitencias, querendo estampar, e retratar em si a Vida, e Paixaõ de Christo: *Castigo corpus meum, & in servitutem redigo. Semper mortificationem Jesu in corpore nostro circunferentes, ut & vita Jesu manifestetur in corporibus nostris.*

D. Clem. & Nicephor. lib. 2. c. 37.

1. ad Corint. 4. item 2. c. 11.

1. ad Corint. c. 9. 27. & 2. ad Corinth. c. 4. 11.

 Assim

Assim gastou o Apostolo quasi trinta e quatro annos, para remir o tempo de hum, ou pouco mais, que perdeo, perseguindo a Christo, e a sua Igreja.

Surius ad diem 22. Julii. Alapid. in cap. 7. Luc.

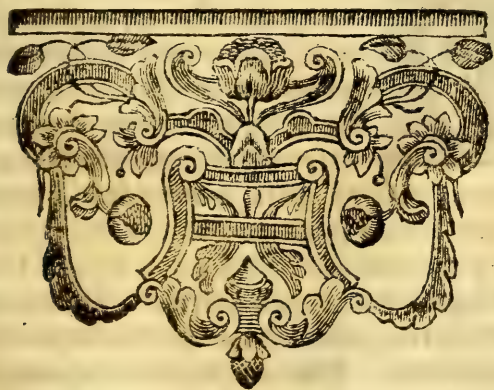
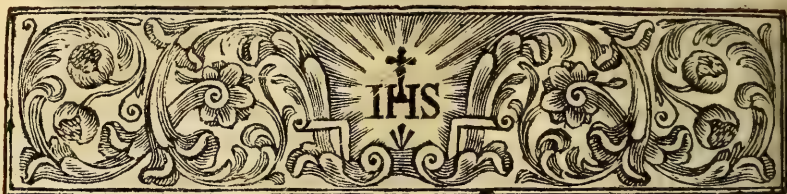
45 A Magdalena, para resgatar huns poucos annos, que deo prodigamente ao mundo, naõ satisfeita com derramar tantas lagrimas, e acompanhar a Christo em todos os seus trabalhos, e perseguiçoens, exposta sempre a morrer por elle; depois que o vio resuscitado subir aos Ceos, se retirou a hũ deserto, em que levou trinta annos de penitencias, que passavaõ de asperas a horrorosas. Que direy daquella feliz peccadora, e penitente muy gloriosa, Santa Maria Egypciaca? Para recobrar dezasette annos, que empregou mal (aindaque destes devemos diminuir os da puericia) passou quarenta e sette em hum deserto, onde naõ vio mais que féras: sopportando sem abrigo as inclemencias do mais rigoroso inverno, e da canicula mais ardente: huma total desnudez, e abstinencia, ou milagrosa, ou incrivel; porque quasi meyo seculo se alimẽtou só com tres paens, de que sobradamente se prevenio, para conservaçaõ de todo o resto de sua vida, quando se retirou ao deserto.

Vorag. leg. Sanct. in vita S. Mar. Ægyptiac.

§. VIII.

46 DEste modo recuperáraõ o tempo, que perderaõ, os que efficazmente se empenharaõ em remí-lo: e nós tambem os devemos imitar, se o quizermos aproveitar. Os meyos naõ faltaõ pela Misericordia de Deos, se em tempo convenienete os abraçarmos. Que resta pois? A nossa resoluçaõ sómente; porque só resta, que naõ percamos mais tempo. Neste em que estamos (que talvez seja o ultimo, em que Deos queira esperar a alguns, ou a muitos dos que me ouvem) abracemos os auxilios

com

com que nos chama. Já que tanto tempo nos levou o mundo, o demonio, e a vontade propria; neste, em que o podemos remir, appliquemos quanto está de nossa parte, para o empregarmos naquellas boas, e meritorias obras, que deixámos de fazer, em todo o tempo, que perdemos. Naõ nos engane a esperança taõ fallivel, e taõ incerta de huma dilatada vida, nem a confiança no arrependimento taõ arriscado na morte. Abramos alguma vez os olhos para o conhecimento da verdade, e esta nos descobrirá o engano, em que vivem quantos deixaõ perder o tempo, que só deviaõ empregar em servir a Deos, e merecer a Gloria. E se esta perda (como quer o nosso Interprete) for estimulo para huma contriçaõ perfeita, nella se purificaraõ as nossas almas, para merecerem alcançar, naõ só o tempo, que já perderaõ, mas tambem a Eternidade, que na Bemaventurança esperaõ: *Lava à malitiâ cor tuum Jerusalem, ut salva fias.*

SER-

SERMAÕ XII.
NA TARDE DA QUARTA DOMINGA DA QUARESMA.

Lava à malitiâ cor tuum Jerusalem, ut salva fias. Jerem. 4.

§. I.

1 ESTA vez tentaremos o motivo mais efficaz, e o meyo mais util, para nos deliberarmos a purificar nossos coraçoens. Tal he a consideraçõ das penas do inferno, cuja memoria horrenda, e formidavel bastará para suspender a resoluçaõ mais precipitada a peccar. *Non sinet in gehennam incidere, gehennæ meminisse*, diz S.Joaõ Chrysostomo; e seguindo a exposiçaõ do nosso Interprete, esta he a materia, que se nos propõem hoje: *Æterna pœna acquiritur.* Mas que entendimento poderá comprehender, e que lingua chegará a dizer a horrivel

D.Chrysost. Hom.31.ad Roman.

rivel pena, e os tormentos insopportaveis, que no inferno padecem os condemnados? *Non possunt linguâ dici dolores illic jacentium, & clausarum animarum*; disse com espanto o grande Patriarcha de Alexandria S. Cyrillo.

D. Cyril. Alex. tom. 2. orat. de exitu anim.

2 Alguns entenderaõ, que só prégaria bem do inferno quem de lá viesse; porque só informaria cabalmente de suas penas quem as visse, e melhor ainda quem as experimentasse. E eu dissera, que nem esse as poderia bem explicar; porque para se dar a conhecer o que se naõ póde mostrar, he preciso buscar algumas similhanças, que o declarem; para que pelas especies do que já se vio, colha o entendimẽto a informaçaõ mais propria do que se naõ vê: *Ut ex his quæ animus novit, surgat ad incognita quæ non novit*; disse com sua rara authoridade S. Gregorio Papa. Mas onde se achará no mundo similhança, com que se explique a pena da Eternidade, a que saõ os reprobos condenados? S. Agostinho, por mais que a buscou, a naõ pode descobrir: *Re vera fratres non sum inventurus temporales similitudines, quas æternitati possim comparare.* O nosso Carthusiano traz o caso de hum que resuscitou pelas oraçoens de S. Jeronymo, o qual querendo dar noticia das penas, que vio se padeciaõ no Purgatorio, e no Inferno, assim como naõ achou termos para o dizer, tambem naõ teve comparaçoens, que o ajudassem a se explicar. Quando muito disse, que todas as penas padecidas no mundo desde seu principio, tomadas por junto, com as mais, que nelle se haõ de padecer até o dia do Juizo Universal, naõ tem comparaçaõ com hum só dia da menor pena que se padece no Inferno. Explicou-se quanto podia

D. Greg. M. Hom. 11. in Evang.

D. Aug. Serm. 38. de ver. Dom.

podia ser; aindaque bem examinada esta insinuaçaõ, della só consta, que nem dissera o que vio, nem achára termos para o dizer melhor.

3 Para tratar de taõ importante, como inexplicavel materia, tomara eu mais Fé em meus ouvintes; porque havendo esta, naõ se requer Prégador, que venha do outro mundo; nem saõ necessarias comparaçoens muy adequadas: basta a verdade puramente achada nas Escrituras. O que nella se diz da pena dos condenados, resumio Christo ao breve periodo, mas formidavel, daquella sentença horrivel, que no Juizo final ha de proferir cõtra os reprobos: *Discedite à me maledicti in ignem æternum.* Apartai-vos de mim malditos, ide-vos para o fogo eterno. Que homem ha, se tem Fé, q naõ tema, e naõ desmaye, com a noticia deste pregaõ? Quanto mais sendo proferido pelo mesmo Christo, com huma voz taõ forte, que chegará aos ouvidos de Adam, e de todos os seus descendentes! Com huma voz taõ imperiosa, que, abrindo a terra, levará de hum impeto precipitados os reprobos até o centro della. Neste ponto nenhum dos Padres, e Doutores fallou mais profundamente, que o mesmo, a quem seguimos na doutrina destas tardes; mas propondo-nos hoje a consideraçaõ do Inferno, só nos diz que pelo peccado se merece pena eterna, sem declarar a substancia della: *Æterna pœna acquiritur.* Sendo pois taõ diminuta a exposiçaõ, recorreremos ao Texto, que lhe servirá de Glossa.

Matth. 25. 41

4 Esta sentença, que Christo ha de proferir contra os reprobos, contêm duas penas, a que os ha de condenar por toda a Eternidade. A primeira he a do apartamento, e privaçaõ da vista, e gloriosa com-

companhia de Deos: *Discedite à me.* A segunda, he a do fogo, em que os condenados arderâõ no Inferno: *In ignem.* Até aqui bem claro está o que do Inferno, e suas penas nos dizem as Escrituras; e com tudo, quem poderá explicar quam insoffrivel pena será para huma creatura racional, ver-se privada para sempre de gozar de Deos, seu ultimo fim, seu summo bem, e infinito bem? Que intolleravel tormento será para huma alma, e depois tambem para hum corpo, arder por toda a Eternidade no violentissimo fogo do Inferno!

5 Dous tormentos quiz mostrar Christo, que por sua natureza eraõ insoffriveis, e insopportaveis, a saber: a sede, que padeceo na Cruz, e o desamparo, em que Deos o pôs, vendo-o padecer pelos homens crucificado. Os mais tormentos da Paixaõ de Christo foraõ taõ violentos, e intolleraveis, que qualquer delles excedia muito a quanto padeceraõ todos os Martyres; porque a ordem da Providencia Divina, e outras circunstancias notadas, e advertidas pelos Theologos, com Santo Thomaz, ou dispunhaõ, ou concorriaõ, para que em Christo obrassem com atrocidade incomparavelmente mayor, do que nos mais homens poderiaõ executar os instrumentos de summa violencia, e tyrannia. E com tudo, sem dar expressoens de sua grande pena, e sentimento, padeceo Christo todos os mais tormentos, que contra a sua innocencia, e por mais apurar o seu soffrimento, inventou o odio dos Judeos, e a sua impia crueldade: *Sicut ovis ad occisionem ducetur, & quasi agnus coram tondente se obmutescet, & non aperiet os suum.* Porêm na Cruz encareceo Christo o tormento, que lhe causava a sede em que entaõ ardia:

D. Thom. 3. p. q. 46. a. 6. & 7. Valẽt. 3. p. d. 3. q. 3. p. 1. Suar. tom. 2. in 3. p. d. 33. s. 2. & Theol. comm.

Isa. 53. 7.

Joan. 19. 28.

ardia: *Sitio.* Tambem lamentando-se, e cheyo de sentimento, disse que Deos no meyo de tantas penas o desamparara, e o deixara: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* Desejára eu descobrir agora a razaõ de se mostrar Christo taõ soffrido nos mais tormentos, e só nestes taõ queixoso, quando he certo que em todos elles conservou igual soffrimento, e conformidade; igual fortaleza, e constancia?

Matth. 27. 46.

6 Se quereis ouvir a razaõ, e entender o mysterio, deveis primeyramente advertir que, como ensinaõ alguns Theologos com Bellarmino, em sua Payxaõ padeceo Christo certas penas conrespondentes ás que se padecem no Inferno. Colhe-se do Texto de David: *Dolores Inferni circumdederunt me*: e de outro naõ menos expresso dos Actos dos Apostolos: *Quem Deus suscitavit, solutis Inferni doloribus.* E a razaõ, além dos Textos, he; porque Christo padecia para satisfazer pelos homens, naõ só quanto á culpa, mas tambem quãto á pena: e attendendo a esta segunda parte da satisfaçaõ, diz a Escritura que Christo na Cruz recebeo, e sopportou os nossos peccados em seu corpo: *Peccata nostra ipse pertulit in corpore suo super lignum.* Porque se bem he certo que Christo naõ podia receber em si os nossos peccados, quanto á culpa; quiz recebê-los quanto á pena, para a satisfazer por nós, livrando-nos por virtude das suas penas, das que se padecem no Inferno. E para que a satisfaçaõ fosse em todo o modo exacta, dispôs que em suas penas houvesse alguma conrespondencia ás dos condenados: *Dolores Inferni circumdederunt me: Quem Deus suscitavit, solutis Inferni doloribus.*

Psal. 17. 6.

Act. 2. 24.

1. Petr. 2. 24.

7 Que

7 Que tormentos pois seriaõ esses, que Chris-
o padeceo, conrespondentes de alguma sorte aos
lo Inferno? Foraõ os mesmos que de sua natureza
pareciaõ ser insoffriveis, e eraõ dous, a saber, o
desamparo, e a sede. O desamparo de Deos (por-
que o Padre negava a Christo toda a consolaçaõ, e
alivio) conrespondia á privaçaõ da vista de Deos,
e á perda da essencial Bemaventurança; porque
de todo o gozo se privaõ os condenados. A sede
ardentissima, que tem a qualidade do fogo, porque
com agoa se extingue o seu calor, conrespondia
ao intenso fogo do Inferno. Tormentos pois, que
já tinhaõ alguma similhança com os do Inferno,
a mesma fortaleza, e summa paciencia de Christo,
formando lastimosas queixas, quiz dar mostras de
que eraõ insopportaveis, para que nos seus tormen-
tos tenhamos nós hum claro desengano de serem
insoffriveis, e insopportaveis as penas do Inferno,
que estaõ comminadas aos reprobos, e expressa-
das na sentença de sua eterna condenaçaõ: *Dis-
cedite à me maledicti in ignem æternum.* Esta foy
a razaõ de tanto encarecer Christo aquellas penas:
e eu verey se de alguma sorte posso persuadir o
mesmo, ponderando nesta hora a atrocidade de
huma, e outra pena dos reprobos.

§. II.

8 A Primeira parte da pena, a que os repro-
bos se condenaõ, he o apartamento de
Deos, e perpetuo desterro de sua vista, e compa-
nhia: *Discedite à me.* Oh pena, igualmente insof-
frivel, e incomprehensivel! Oh castigo, taõ intol-
eravel, como inexplicavel! Dez mil Infernos jun-
tos, com todos os seus tormentos, naõ igualaõ á
precisa

precisa pena deste apartamento, e privaçaõ da vista de Deos: *Si decem mille gehennas ponas, nihil tale est, quàm ab illa beata vita excidere*, diz S. Joaõ Chrysostomo, e com razaõ; porque juntas todas as mais penas do Inferno, menos atormentaõ aos condenados, do que esta só pena de serem apartados, e desterrados da vista, e companhia de Deos para sempre. *Væ eis cùm recessero ab eis*, disse Deos pelo Profeta Oseas. Ay dos peccadores, naquella hora, em que eu por toda a Eternidade me apartarey delles! Expressamente fallou (diz a Glossa Interlineal) allegando a condenaçaõ eterna, cuja sentença ha de proferir Christo contra os reprobos, apartando-se delles, para que nũca mais o vejaõ, nem possaõ ver a Divina face. E sendo certo que entaõ juntamente os precipirará ao Inferno, onde padeceráõ tormentos horrendos, e intolleraveis, nenhum delles quiz o Profeta expressar neste seu Texto, porque nem todos juntos avultaõ, ou se pódem comparar com a interior pena, que aos condenados afflige, por serem privavados de ver a Deos. *Alienari à vita Dei, carére tam magna multitudine dulcedinis Dei, tam grandis est pœna, ut ei nulla possint tormenta comparari*; disse primeiro Tertulliano, e depois S. Agostinho.

D.Chrysost. Hom. 23. in Matth.

Ose. 9. 12.

Tertul. advers. Hermog. 4. D. Aug. in Enchir. c. 212.

9 Pelo deserto acompanhava, e guiava Deos ao seu povo; aggravado porêm, e offendido de suas ingratidoens, se resolveo a deixá-lo, e apartar-se delle, deputando-lhe hum Anjo, que o conduzisse, e defendesse na jornada. Esta resoluçaõ em Deos, sem controversia alguma, era paternal amor, e piedade; porque de seu mimoso povo se retirava,

só

ó por se naõ ver precizado ao extinguir, e acabar
om castigos, quando elle com suas repetidas cul-
as o provocasse a ira: *Non enim ascendam tecum,*
uia populus duræ cervicis es, nè fortè disperdam
e in via. Nocitiado o povo desta deliberaçaõ Divi-
a, se mostrou taõ sentido como chorosó, reputãdo,
ue nenhuma outra pena se lhe poderia commi-
ar, que taõ insopportavel fosse para elle: *Audiens*
opulus sermonem hunc pessimum, luxit. Dissera eu,
ue muito se devia consolar o povo, e agradecer a
eos o beneficio, que ausentando-se lhe fazia; por-
ue retirar-se delle, substituindo-lhe para o acom-
anhar hum Anjo, taõ sufficiente para o defender,
ra propensaõ de o conservar, e de o naõ destruir;
ra indicio de que o queria soffrer, e o naõ queria
erder: *Nè fortè disperdam te in via.* Mas tanto
elo contrario discorria o povo, que só se consolou,
romettendo lhe Deos que o acompanharia, com
condiçaõ, e certeza de o castigar, e extinguir to-
almente da primeira vez que peccasse: *Semel as-*
endam tecum, & delebo te. Pois sente aquelle po-
o mais a sua conservaçaõ, que a sua perda? Naõ:
as com acerto julga, seria para elle muito mayor
astigo ver-se apartado de Deos, que quantas ou-
as penas lhe podiaõ vir. Julga por menos mal, ver-
destruido, e acabando á força de castigos, que
pportar o apartamento da vista, e companhia de
eos: *Non ascendam tecum, nè fortè disperdam te*
via. Audiens populus sermonem hunc pessimum,
xit. Semel ascendam tecum, & delebo te.

Exod. 33. 3.

Vers. 4.

Vers. 5.

10 Esse povo, taõ favorecido, como ingrato,
unca chegou a lograr a vista clara de Deos, e
or isso a naõ podia perder nessa occasiaõ. Logra-

va ſim o mimo de ſua companhia, naõ vendo mais que a columna, que o guiava, na qual reconhecia a eſpecial aſſiſtencia, e protecçaõ Divina. Com tudo eſſa tal auſencia, e retiro, com que Deos o pertendia caſtigar, era para elle de todas as penas a mayor. Inferi agora, que pena ſerá para os reprobos, e que deſeſperaçaõ para os condemnados, ſerem privados, e deſterrados para ſempre da preſença de Deos, claramente viſto, e manifeſto! Só os condemnados ſabem avaliar eſta pena, pois a experimentaõ. Todos os mais fallaõ della ſuperficialmente, ſó pelo que diſcorrem até onde mais pódem chegar, e alcançar, que he muy pouco: e dos que me ouvem naõ ſeraõ muitos os que lhe daõ apreço; porque naõ ſente o que perde quem o naõ ſabe eſtimar. Entendem vulgarmente, que o ver a Deos naõ paſſa de ſer huma viſta, aindaque alegriſſima, e ſoberana; e mal poderaõ entender a pena, que haverá em huma alma pela perda deſſa viſta. Ora para que tenhais alguma intelligencia do infinito bem, que ſe encerra na clara viſta de Deos, e da pena, que haverá nos que ſe privaõ della; farey por vos dar alguma luz tirada das Eſcrituras, e achada na doutrina dos Santos Padres.

11 Aſſentay, e tende por certo, que naõ poderá huma alma ver, e conhecer a Deos claramente, ſem que o tenha em ſi, por meyo de huma impreſſaõ, ou uniaõ puriſſima, perfeitiſſima, e inexplicavel. Deſorte que, ao meſmo paſſo eſtá Deos poſſuindo, e enchendo toda eſſa alma, como a luz enche, e poſſue o Sol: e a alma toda cheya da Divindade, tambem a eſtá poſſuindo, qual outro Sol poſſuindo a luz, que em ſi tem. Porque ſe bem a Divindade ſó ſe une, e recebe no entendimento, que a eſtá vendo;

como

como seja hum bem immenso, igualmente enche a vontade, e a alma toda de quem a vê. Tendes exemplo na luz, que ardendo só na tocha, em que se accendeo, enche a sala toda em que está. O mesmo se vê nos rayos do Sol, que imprimindo-se na vidraça enchem de luz toda a casa. Tambem assim: basta que a Divindade encha o entendimento, que a vê, para que a vontade, e toda a alma do Bemaventurado fiquem cheas, e possuidas da Divindade; muito mais, se he certo que o entendimento se naõ distingue da alma, nem da vontade, como ensinaõ tantos Filosofos com Santo Isidoro, e S. Bernardo.

D. Isid. lib. 11. Etymol. D. Bern. in Cant. Ser. 11 Scot. in 2. dist. 16. q. unic. & alii.

12 E que tal estará hũa alma penetrada, e chea da Divindade, por modo sobrenatural, e beatifico, sempre ineffavel, e inculpavel! Ninguem o chegou a dizer, e a explicar atégora; porque naõ haverá quem perfeitamente o chegue a perceber nesta vida: *Quandiu sumus in hoc mundo imperfectè cognoscimus felicitatis objectum, hujusque magnitudinem ignoramus*, diz S. Joaõ Chrysostomo. Direy com tudo o que cabe nos termos da intelligencia mortal, valendo-me da similhança mais propria, para dar huma sombra daquelle estado beatifico, que Deos preparou para os que o amaõ, e servem nesta vida. O ferro, que alguma hora esteve na fragoa do ardente fogo, sahe delle transformado em fogo: ardendo em si como fogo; despedindo de si faiscas como fogo; e abrazando fóra de si como fogo; porque, sendo ferro, teve capacidade para participar das qualidades do fogo. Tambem as nossas almas sobrenaturalmente elevadas, e dispostas pela Divina Graça, se fazem participantes da natureza Divina: e porque vendo a Deos, estaõ possuidas, e submergi-

D. Chrysost. Hom. 49. in Matth.

das dentro do immenſo abyſmo da Divindade, preciſamente ſe haõ de transformar em Deos, ſem que o ſejaõ: aſſim como o ferro, ſem ſer fogo, ſe transforma em fogo; por onde diz S. Joaõ: *Cum apparuerit, ſimiles ei erimus, quoniam videbimus eum, ſicuti eſt*: e Lyra o expõem aſſim: *In ipſum quantum poſſibile eſt transformati.*

1. Joan. 3. 2.

Lyra hic.

13 O entendimento, cheyo de Deos, começa a ver aquella formoſura infinita, aquella claridade immenſa, em que eſtaõ patentes, e manifeſtas quãtas perfeiçoens ha em Deos, e incluidas quantas creaturas póde produzir a Omnipotencia. A vontade chea de Deos, e do ſeu amor, ſe arrebata em amálo, com ſuavidade, e doçura taõ ineffavel, que eternamente o eſtará amando, e ſempre deſejanjando amar. A alma toda chea de Deos, e da ſua gloria, entra a lograr das meſmas infinitas delicias, e dos meſmos infinitos goſtos, que Deos por toda a Eternidade eſtá gozando. Aſſim o declarou Chriſto dizendo: *Intra in gaudium Domini tui*: Entra, oh alma juſta, e ditoza, a participar das meſmas delicias, em que teu Deos, e Senhor tem o ſeu gozo, e a ſua Bemaventurança. Entra a ſer ſubmergida em goſtos, e delicias: *Intra in gaudium*. Cá no mundo entra o goſto nas creaturas, porque cabe nellas: no Ceo entraõ as almas dentro do goſto; porque como he infinito, e incomprehenſivel goſto, naõ póde caber nas almas: *Tam magnum eſt gaudium cœleſtis patriæ de Deo, ut non poſſit includi in homine, & ideo homo intrat in gaudium illud incomprehenſibile*, dizem os Expoſitores cõ S. Lourenço Juſtiniano. He aſſim, nem ha duvida que ſe lhe opponha; porque as delicias em que

Matth. 25. 21. & 23.

D. Laur. Juſt. Caietan. & alii in Matth. c. 25.

ſe

se banhaõ os Bemaventurados no Ceo, saõ as mesmas em que Deos se está deliciando, e gozando: *Intra in gaudium Domini tui: idest* (commentaõ os Expositores) *perfruere eodem gaudio, quo Dominus tuus gaudet*; e assim como as delicias, e gozos de Deos saõ infinitos, e incomprehensiveis, assim o haõ de ser tambem aquelles celestiaes gozos, e delicias, em que entraõ as almas conseguindo a eterna Bemaventurança. A razaõ, que ultimamente conclue taõ immensa grandeza de delicias, e gozos, he; porque a Gloria essencial de Deos consiste em se gozar, e ver a si mesmo; e a Gloria essencial dos Bemaventurados tambem consiste em ver a Deos, e gozar delle. Isto he a Gloria, ou hum rasgo della, segundo o que se póde conceituar nesta vida, sendo em si muito mais ainda do que se chega a dizer; porque nem os olhos viraõ, nem os ouvidos ouviraõ, nem veyo alguma vez ao pensamento humano qual, e quanta seja a grandeza daquella Gloria, e gozo, que Deos preparou, e tem guardado no Ceo para os Bemaventurados: *Oculus non vidit, nec auris audivit, neque in cor hominis ascendit, quæ præparavit Deus diligentibus se*; disse S. Paulo, depois de ser arrebatado ao Ceo, e ter visto a Gloria dos Justos.

Anton. de Molin. 2. p. tract. 1. Sylv in Evãg. tom 4. lib. 6. c. 52. Expo 1.

1 Ad Corint. 2. 9.

14 Esta posse da Divindade, e suas delicias, que estaõ gozando os Bemaventurados, conhecem muy bem os reprobos, e muito melhor do que nesta vida o podemos nós alcançar: porque a mesma atrocidade de seus tormentos lhes persuade a grandeza da Gloria, q conseguiraõ os Justos por seus merecimentos, e elles perderaõ por suas culpas. E he doutrina de Grandes Theologos, que algumas ve-

Ex Mag. in 4 dist. 50. D. Thom. in suppl. 3. p. q. 98. Dom So. to in cit. loc. Mag. q. unic. art. 6.

zes por diſpoſiçaõ divina (ainda que involuntariamente, e coactos) chegaõ os condenados a ver lá do Inferno aos Bemaventurados cheyos de Gloria, para com eſta viſta ſe lhes augmentar mais a pena; porque á medida de ſua perda, ha de ſer o ſentimento, que lhes reſulta della. Perdêraõ pois a preſença, e clara viſta de Deos, que he hum bem infinito; perdêraõ o participar quanto pudeſſem, e quizeſſem de hum gozo, que em ſi he immenſo, e incomprehenſivel: e ſe enchem de huma pena, e triſteza, que, como diſcorre S. Thomaz, tambem he infinita, e incomprehenſivel, como privaçaõ que he de tanto bem.

Ex D. Thom 1.2.q87,a.4.

§. III.

15 ESte he o diſcurſo, com que neſta vida ſe expõem, e ſe dá a conhecer a terrivel, e nunca bem entendida pena do apartamento de Deos, e perpetuo deſterro de ſua viſta. Porêm eu acho que os meſmos condenados ainda fazem eſta pena mais terrivel, do que em ſi lhes foy dada por Chriſto; porque a ſentença deſte Juiz tremendo ſó os condena a que naõ vejaõ a Deos: *Diſcedite à me*; elles porém, levados de hum furor horrivel, nem querem ver a Deos, nem o pódem ver, pelo ſummo odio que lhe tem. Ouçamos ao Grande Meſtre das Sentenças, a quem ſegue o Meſtre Angelico: *Secunda, nihilo minor, animarum pœna, eſt perpetuum eorum odium, quo in divinam bonitatem continenter exurgunt: nam ſuperbia eorum qui te oderunt [ait Pſalmiſta] aſcendit ſemper*. Se fora poſſivel que Deos ſe quizera manifeſtar aos condenados por algumas horas, para que o viſſem, elles com tudo ſe privariaõ deſ-

Mag. in 4. diſt. 50. D. Thom. citat q. 98. a. 5.

ſe

se incomparavel bem; porque o grande odio, que tem a Deos, naõ lhes permitte que o possaõ ver. No Ceo, vendo os Bemaventurados a Deos, o estaõ mais, e mais desejando ver; porque o intenso amor que lhe tem, os faz como insaciaveis de sua vista: *In quem desiderant Angeli prospicere.* No Inferno os condenados nem vem a Deos, nem o querem ver pelo summo odio que lhe tem. Ha no Inferno hum reciproco odio em competencia perpetua, entre os condenados, e Deos; porque o odio, que Deos tem aos condenados, naõ permitte que se lhes dê a ver, e assim o pede a Justiça. O odio que os miseraveis condenados tem a Deos, faz que obstinadamente o naõ queiraõ ver, nem o possaõ ver: *Odibiles odientes invicem.* Parece chiméra a sorte dos condenados. S. Dionyzio Areopagita lhe chamou estado de loucura, e com razaõ; porque a pena que os atormenta mais he a de naõ verem a Deos, a quem comtudo de nenhuma sorte querem ver: e quanto he da parte de sua má vontade, bem quizeraõ, ou dar lhe a morte, se fora mortal; ou tragá-lo vivo, jà que he immortal.

1. Petr. 1. 12.

Ad Tit. 3. 3.

16 David em muitos lugares tratou das iras, em que o odio dos condenados rompe contra Deos, e huma vez se explicou assim: *Sepulchrum patens est guttur eorum, linguis suis dolosè agebant, venenum aspidum sub labiis eorum, quorum os maledictione, et amaritudine plenum est.* As gargantas dos condenados (diz o Psalmista) saõ humas sepulturas abertas: suas bocas, e linguas estaõ cheas de trayçoens, veneno, e maldiçoens. Que os condenados enchaõ as bocas de maldiçoens, he sem duvida, pelas blasfemias que proferem contra Deos,

Psal. 13. 3.

Glos. in cap. 2. Nahum.

que taõ justamente os castiga: *Murmurantes, et indignantes contra Deum, pro pœnis quas patiuntur*, diz a Glossa; mas que estas maldiçoens, e blasfemias levem comsigo trayçoens, e vaõ cheas de veneno! Para matar a quem? Que as suas gargantas sejaõ sepulturas! Igual duvida. Para sepultar a quem? Para matar, e sepultar ao mesmo Deos, contra o qual se enfurecem, e proferem as blasfemias; porque, quanto he da sua pessima vontade, bem desejaõ os condenados encher as suas palavras de hum veneno taõ refinado, e taõ activo, que penetrando suas maldiçoens o Ceo, e chegando aos ouvidos do mesmo Deos, lhe tirem a vida, e o ser: *Quia Deum odiunt, itaut velint Deum non esse*, diz entre os Theologos o Mestre. Quanto he da parte, e intensaõ de seu odio, o quizera cada hum dos condemnados engolir, e sepultar vivo dentro em si mesmo, para que em todos elles estivesse Deos ardendo nas mesmas chammas, em que qualquer delles por toda a Eternidade se abrazará: *Sepulchrum patens est guttur eorum, linguis suis dolosè agebant, venenum aspidum sub labiis eorum. Quia Deum odiunt, itaut velint Deum non esse.*

Mag. citat. in 4. dist. 50.

17 Agora para melhor, ou para total conhecimento do muito, que aos condemnados atormenta esse odio, que tem a Deos, comparay entre si estas duas penas gravissimas, com que interiormente se affligem as almas dos condemnados. De huma parte consideray nelles o mal de serem privados de ver a Deos; e de outra parte o mal de o naõ quererem ver. De huma parte, o naõ poderem ver a Deos, em castigo de suas culpas; de outra, naõ o quererem ver, por obstinaçaõ em seu abominavel odio,

e jul-

e julgay qual será mais horrivel pena para hũa creatura racional? Naõ vos canceis em examinar a questaõ; porque o Mestre, que a excitou primeiro, tambem a decidio: *Peius enim est, Dei bonitatem odisse, quam lucem non cernere.* Vem a dizer, que para os condemnados, muito mayor mal sem comparaçaõ he ter odio a Deos, que carecer de sua vista. Santo Anselmo resolvia em similhante questaõ, que antes no inferno em graça de Deos, que no Ceo em peccado: *Mallem à peccato innocens in gehennam intrare, quam peccati sorde pollutus Cœlorum regna tenere.* Nem he necessario ser taõ douto, ou taõ Santo como elle, para se alcançar a verdade desta cõclusaõ; mas notay no como discorria o Santo Doutor subtil, e profundamente. O peccado he aversaõ a Deos, a graça he amor de Deos; e se no inferno tivessem as almas amor de Deos, ou no Ceo lhe tivessem aversaõ, mais insopportavel seria o inferno, que o Ceo; porque neste, e naõ naquelle, se padeceria o mayor tormento dos condemnados: qual he o odio, e aversaõ, em que contra Deos ardem, muito mais que em fogo.

Mag. citat.

D. Ans. sive Author. libri de similitud cap. 190.

18 Hum furioso indignado, em quanto naõ executa os impetos de sua ira, se está atormentando a si mesmo; porque só nelle arde o fogo, com que a outros quizera reduzir a cinzas. Naõ de outra sórte nos condemnados. O odio, e ira, em que contra Deos estaõ ardendo, os faz romper em blasfemias, e injurias contra seu nome santissimo: e naõ applacados com este desaffogo horrivel, se arrebataõ fóra de si a conspirar contra elle. Conhecendo porèm, que naõ pódem executar em Deos o furor de seu odio, e os impetos de sua ira, se incendem em

huma

huma co'era taõ ignea, e taõ ardente, que os abraza interiormente como fogo. Naõ ferá bem que deixemos de ouvir a Soto neste ponto, pois a materia delle naõ he mais propria dos Prégadores, que dos Theologos: *Rabidâ iracundiâ, quâ in Deum exardent; vellent eum, si possent, de Cœlo deturbare, quod quia impossibile vident, dirè torquentur.* Desorte que ainda faltando no inferno fogo para os condemnados, arderiaõ elles; porque o odio, que tem a Deos, he fogo interno, em que se estaõ abrazando.

Domin. Soto in 4. dist. 50.q.unic. a 4.conc.5.

19 Põem Isaias a consideraçaõ no fogo, em que exteriormente ardem os condemnados, e pasma de tormẽto taõ intolleravel: *Quis poterit habitare de vobis cum igne devorante? Quis habitabit ex vobis cum ardoribus sempiternis?* Levantando logo o pẽsamento ao Ceo, se lhe representa que está Deos como fechando os olhos, por naõ ver as penas dos cõdenados, pois dellas se naõ ha de compadecer: *Claudit oculos suos, nè videat malum:* e como tapando os ouvidos juntamente, por naõ ouvir as conspiraçoens, e consultas, que contra elle fazem, desejando dar-lhe infinitas vezes a morte: *Obturat aures suas, ne audiat sanguinem. Id est* (commenta o A Lapide) *impios de cæde patranda loquentes, et consulentes.* E logo fallando o Profeta aos mesmos condenados, lhes diz assim: *Concipietis ardorem, parietis stipulam, spiritus vester ut ignis vorabit vos.* Concebereis (oh malditos) em vossos pensamentos huma ardente conspiraçaõ, hum incendio, e quantos damnos contra Deos póde suggerir o vosso odio: *Concipere ardorem, est machinari strages, incendia, & omne quod hostile est.*

Isai.33.14.

V. 15.

A Lap. hic.

V. 11.

Idem A Lap

est. Será porêm a vossa indignaçaõ huma palha, que o vento leva com desprezo, e sem effeito: *In ventum abibunt vestri spiritus, tam minaces, & ardentes.* Assim o interpretou o mesmo Expositor. Mas neste caso (vay dizendo, e proseguindo o Profeta) o vosso espirito vos abrasará como fogo: *Spiritus vester ut ignis vorabit vos.* Pois se taõ facilmente, e por si mesmo se apaga, e desvanece o incendio, com que os condemnados desejaõ reduzir a cinzas o mesmo Deos: *Concipietis ardorem, parietis stipulam*; como pódem ficar elles ardendo nesse mesmo fogo de seu odio, e de seu espirito: *Spiritus vester ut ignis vorabit vos?* Por isso mesmo; porque experimentando os condenados ser inutil a conspiraçaõ, que o seu odio intenta contra Deos, se abrazaõ em ira, e ardem dentro em si mesmos como fogo: *Concipietis ardorem, parietis stipulam, spiritus vester ut ignis vorabit vos* Os mesmos, que se naõ abrazaõ em sentimento por naõ ver a Deos, ardem como em fogo no odio com que o naõ querem ver. Das penas exteriores dos condenados, a mayor, e que os atormenta mais he o fogo. Das interiores, a mayor naõ he a de naõ verem a Deos: he a que lhes resulta do odio com que o naõ pódem, nem querem ver; porque esse odio tambem he fogo, que internamente os abraza. *Spiritus vester ut ignis vorabit vos. Rabidâ iracundiâ quâ in Deum exardent.*

20 Ainda que este odio dos condenados contra Deos os naõ atormētára tanto, nē fóra para elles taõ grave pena, bastára ser taõ desordenado, e taõ abominavel, para ser a mayor desgraça, e a pena mais sensivel, qua se póde excogitar para huma creatura racio-

racional. Que mais horrivel desgraça haverá, do que chegar huma creatura a conceber, e conservar eterno odio a seu Creador, sendo o que de nada lhe deo o ser, á sua imagem, e similhança, para com esta lhe imprimir huma obrigaçaõ perpetua, e hum estimulo eterno de o estar sempre amando! Que pena póde haver para os homens, comparavel á miseria de conspirarem expressa, e notoriamente cõtra Deos, que se fez homem, e padeceo morte temporal taõ affrontoza, para lhes merecer gloriosa, e eterna vida? Que mais podia obrar por elles hum Deos infinitamente amoroso, infinitamente benigno, infinitamente bom? E que se exponhaõ as creaturas a merecer hum estado, em que precisa, e necessariamente haõ de ter odio, e aborrecimento a este Deos, por tantas razoens infinitamente amavel!

21 Ponderay bem esta desgraça, e temey-a mais que o mesmo Inferno; porque quem he Catholico, com Fé de que he remido com o Sangue, e Morte do Filho de Deos, espiritualmente nutrido, e alimentado com os Sacramentos da sua Igreja, he justo que mais se atemorize, e mais se afflija havendo de perder o amor de Deos para sempre, e ter-lhe para sempre odio, do que havendo de ser por toda a Eternidade condenado ao Inferno. Qualquer de nós, se attende para as culpas, que commetteo, vendo que por ellas mereceo o Inferno, recorre aos merecimentos da Payxaõ, e Morte de Christo, e pondo nelles huma firme Esperança, para naõ desconfiar de que será perdoado, diz logo com S. Anselmo: *Merui damnationem, Domine, sed mortem Domini nostri JESU Christi pono inter te, & mala merita mea.* Debaixo disto lá faz hum acto heroico de

D. Ansel. in admonit. ad m. orient.

con-

conformidade com Deos, para que a sua vontade se execute, no tempo, e na Eternidade: ou seja por meyo da retribuiçaõ da Gloria, ou da pena: da condenaçaõ, ou do premio; e diz (como o Sacerdote Heli, neste, ou em similhante caso) *Dominus est, quod bonum est in oculis suis faciat.* Mas se ao mesmo tempo occorre, que nessa condenaçaõ, e nessa pena teraõ os condenados odio perpetuo a Deos: que coraçaõ haverá que se naõ perturbe, e se naõ ache descahido daquella cõformidade heroica? De sorte que se olhamos para as penas do Inferno, ainda que seja reffleḯtindo para a privaçaõ da vista de Deos, naõ falta quem se conforme com a vontade Divina, por mais que seja no decreto de sua condenaçaõ. Mas advertindo no odio, que contra Deos teraõ os condenados, postos nesse estado da summa infelicidade; naõ me persuado que algum Catholico acabará comsigo fazer hum acto de perfeita cõformidade com o Divino decreto, que o cõdenar a hum estado taõ infeliz, e taõ abominavel, em que ha de ter odio ao seu mesmo Deos, e Creador. Daqui se infere com evidencia, e se conclue totalmẽte ser esta pena mayor, e mais insopportavel, que a da privaçaõ da vista de Deos, e perpetuo desterro de sua gloriosa companhia: porque se bem esta será huma pena de alguma sorte infinita; com tudo póde a sua grandeza caber nos limites de huma conformidade heroica. Porêm a pena de naõ querer ver a Deos, nem o poder ver odiosamente, naõ caberá expressamente em resignaçaõ alguma: e sempre fará mais tremenda, e mais formidavel aquella parte da final sentença de Christo, que ha de condenar os reprobos para sempre, ao desterro

1.Reg.3.18.

ro da ſua companhia, e privaçaõ eterna da clara viſta de Deos: *Diſcedite à me.*

§. IV.

22 A Segunda parte da pena dos condenados he o fogo, em que ſem refrigerio haõ de arder para ſempre: *In ignem æternum.* A crueldade de Nero mandava metter os homens em ſaccos de rezina, pez, e outras materias oleoſas, e pondo-lhes de noite fogo, fazia delles faxos, que ardendo allumiavaõ as ruas. Naõ por huma noite, que acaba, mas por huma noite eterna, ſerâõ os cõdemnados faxos, e fogueiras, que ardaõ eternamente no meyo daquella regiaõ de ſombras, onde naõ entra, nem póde entrar a luz. Como o peccado attrahio aos reprobos com o ſenſivel, pede a rectidaõ, e juſtiça, que tambem haja pena ſenſivel, com que ſejaõ punidos: e ao meſmo paſſo atemorizados outros com eſta pena, concebaõ mais horror ao inferno, e ſe naõ condemnem. Se os homens ſouberaõ avaliar neſta vida o ſentimento, que no Inferno teraõ, por haverem perdido o Summo Bem, que he Deos; o conhecimento deſſa perda, e deſſa pena baſtaria para os conter, e cohibir de toda a culpa; mas já que os naõ atemoriza o inviſivel, ſirva-lhes de horror o ſenſivel do fogo, e deixem de peccar neſta vida tam breve, ao menos porque deixem de eternamente arder: *Si nondum deſiderant Dei faciem, timeant vel ignem*, diſſe Santo Agoſtinho.

D. Aug. in Pſal. 45.

23 Naõ ſó com o fogo ſeraõ os máos atormentados no Inferno, onde os tormentos ſaõ taõ diverſos, como ſem numero: qual pois ſerá a razaõ de ſe intimar aos condemnados unicamente a pena do fogo, como ſe para elles, e para os ſeus ſentidos, naõ houvera

véra no Inferno outro tormento mais que o fogo: *Discedite in ignem*? Nesta duvida tem sua origem a celebre questaõ: se alêm do fogo haverá para os condemnados outra pena, que lhes atormente os sẽtidos? Aindaque a doutrina commum, e verdadeira, com Santo Thomaz, e S. Boaventura, resolve affirmativamente; naõ faltaõ razoens, em que a contraria opiniaõ se funde: porêm eu, sem que por isso me aparte da primeira resoluçaõ, concordando ambas as sentenças dissera, que sendo os tormentos do Inferno tantos, e taõ diversos (pois todas as creaturas serviràõ de castigo, e pena aos condemnados: *Armabit creaturam ad ultionem inimicorum*:) naõ haverá tormento, que para elles naõ seja fogo; porque aindaque diversos, todos atormentaõ abrazando, e queimando como fogo. Lemos no Sagrado Texto, que para castigo dos Israelitas sahiraõ do deserto humas serpentes de fogo, que por Divina disposiçaõ os mordiaõ mortalmente: *Misit Dominus in populum ignitos serpentes.* Pois sendo viventes, e mordendo, podiaõ ser de fogo? Naõ; mas as suas mordeduras abrazavaõ, e queimavaõ como fogo. Em natureza naõ eraõ, nem podiaõ ser de fogo; mas em seu effeito eraõ de fogo. Assim no Inferno. No effeito tudo será fogo, aindaque nem tudo em natureza seja fogo. Ha no Inferno vistas horrendas, mas essas vistas saõ ardentes aos olhos dos condemnados, como chammas. Ha gemidos, ha vozes desesperadas, ha blasfemias: e até essas blasfemias, essas vozes, esses gemidos, saõ brazas aos seus ouvidos. Ha serpentes, ha cadêas, ha açoutes, e tudo obra queimando como fogo. Até o frio abraza como fogo, e arde a neve para castigo dos reprobos.

D. Thom. in sup. q. 97. a. 1. D. Bonav. in 4. dist. 50 q 1. & com DD.

Sap 6 8.

Numer. 21 6

24 A razaõ ſerá talvez, porque nenhum inſtrumento obra com tanta violencia como o fogo, e para que no Inferno todo o inſtrumento da pena ſeja violentiſſimo para os condemnados, em todos ſe acha a natureza do fogo, para que os atormentem com mais atrocidade, como pedem as ſuas culpas: *Gelu orietur ab igne, & ignis ardor invenietur in grandine, ut patiantur peccatores dira ex pœnis cruciamina ob dira crimina*: diſſe Pinciano. Eſta pois como univoca propriedade do fogo, achada em tormentos de qualidades, e naturezas taõ diverſas, faz que os condemnados a padecer no inferno tātas penas, ſejaõ ſó ao fogo ſentenciados: *In ignem.* E a que fogo? Iſto he o mais. A hum fogo taõ voraz, e taõ ardente, que em ſua comparaçaõ, o deſte mūdo ſerá como o pintado, propoſto com o natural. Aſſim o entenderaõ alguns Doutores com S. Boaventura: *Dicitur ignis ille ad ignem noſtrum, tanti eſſe caloris, quanti noſtri ignis ad pictum.* Com eſtas, e outras expreſſoens, que ſem encarecimento fazem os Santos Padres, quando muito nos perſuadem, que a vehemencia, e atrocidade do fogo infernal nem ſe comprehende com o entendimento, nem com palavras ſe explica; e com tudo naõ duvidarey eu dar-vos a conhecer cabalmente, quam intenſo he eſſe fogo, e quam grave tormento ſerá para os condemnados arder em ſuas chammas por toda a Eternidade.

Villar. Pint. tom. 3. Taut 4. Did. 4.

D. Bonav. tom. 7. opuſ. Faſcic. c. 3. D. Polycar. Presbyter. in vit. S. Sebaſtiani. Alapid. in cap. 19. Geneſ.

25 Entre os Filoſofos he ſabido, que pelo effeito ſe conhece a cauſa: e por ſe explicarem com algum exemplo, dizem mais vulgarmente que pelo fumo ſe conhece o fogo. Seguindo eſte dictame taõ certo, como natural, vireis a conhecer quam intenſo

so, e voraz seja o fogo do Inferno, se perceberes quam horrivel, e activo seja o seu fumo. Isto porêm vos darey eu a saber, naõ por discurso, que o naõ alcança; mas por noticia de algum facto, e he este: Em certo lugar (que o naõ declara a historia referida por Mendoça) appareceo hum condemnado, e teve pratica com hum Religioso, que seria de muy boa vida, pois teve fortaleza, e animo para fallar a hum condemnado: ao qual por fim disse o Religioso, queria lhe desse a conhecer o minimo tormento, que se padece no inferno. Veyo nisso o condemnado, e logo abrindo o peito, exhalou de si hum fumo infernal; que só fumo podia ser o minimo tormento, onde he fogo tudo o que atormenta. Foy porêm aquelle fumo, e o seu vapor taõ insoffrivel, e taõ pestilencialmente activo, que o Religioso no mesmo instante ficou sem vida, e da mesma causa morreraõ juntamente quantas pessoas nesse lugar habitavaõ. Até as aves, passando-lhe depois pelo ar eminente cahiaõ mortas. Ignorava-se a causa, até que por Divina revelaçaõ foy sabida. Este, e similhantes casos saõ assombrosos; mas algumas vezes acontecidos por Divina disposiçaõ, para que se desperte o descuido humano, e no fumo, ou em similhante indicio, conheçamos qual seja a voracidade do fogo, em que saõ as almas atormentadas no inferno.

26 Vio S. Joaõ no Apocalypse, que se abria hum Templo, e a sette Anjos se deraõ logo sette vasos cheyos da ira de Deos; e o Templo, se encheo de tal fumo, que naõ houve quem nelle se atrevesse a entrar: *Dedit septem Angelis septem phialas aureas, plenas iracundiæ Dei viventis in sæcula sæculorum, & impletum est templum fumo...* Apoc. 15. 7, 8.

& nemo poterat introire in templum. Estes vasos da ira de Deos, segundo a frasi da Escritura, eraõ as penas que padecem os condenados. O fumo as encobria, naõ dando ingresso no Templo a quem as houvesse de examinar; porque as taes penas saõ nesta vida totalmente escondidas, e incomprehensiveis aos mortaes, como expõem Primazio, Ansberto, Richardo, e outros. Pois que revelaçaõ taõ extravagante he esta? Quer Deos mostrar-nos a atrocidade das penas do Inferno, significadas naquelles sette vasos de sua ira: *Septem phialas aureas, plenas iracundiæ Dei*; e as encobre com o fumo, para que se naõ possaõ ver: *Et templum impletum est fumo: & nemo poterat introire in templum?* Sim; porque para se entender o que será esse ardentissimo fogo dos tormentos do Inferno, bastará que vejamos qual seja a insoffrivel actividade do fumo delle. Discorrey agora, e inferi tambem. Se o fumo, que sahio do peito de hum condenado, bastou para matar quãtos viventes comprehendeo: se o fumo, que com os tormentos do Inferno se representava naquelle Templo, bastou para que nelle ninguem pudesse entrar: *Et nemo poterat introire in templum*; que será o fogo, em que esses miseraveis saõ atormentados no inferno! Como será intenso, e ardente! Como será voraz, e activo! Ora com S. Boaventura concluamos, e assentemos já, que o fogo deste mũdo, comparado ao do Inferno, parecerá pintado: *Dicitur ignis ille ad ignem nostrum, tanti esse caloris, quanti nostri ignis ad pinctum.*

§. V.

§. V.

27 PArece que sufficientemente damos a entender, quam atroz, e grave tormen-
o seja para os condenados o fogo, em que estaõ ar-
lendo; pois bem o póde conjecturar a razaõ, tendo
ponderado, que Deos se quiz servir do instrumento
de mayor violencia para atormentar os reprobos:
que o fumo delle basta para tirar a vida a quantos
comprehender, sendo mortaes: e ultimamente, que
o fogo elementar deste mundo, em sua comparaçaõ,
he como pintado. Crede-me porém, que ainda es-
á por se dizer o que faz este fogo mais horrivel. O
que está dito he o menos: o mais he, que se melhor
eflectirmos neste ponto, viremos á entender, que
o fogo do Inferno naõ parece violento, nem activo;
lle he o que parece pintado em comparaçaõ do nos-
o fogo. Sim he intenso, he ardente, pois he verda-
eiro fogo; mas naõ voraz, nem consumidor do que
brasa; e por isso nesta parte he como se fóra pinta-
o, ou como se naõ fóra fogo. Já houve quem lhe
hamou, *Ignis, non ignis*: fogo, que naõ he fogo;
orque tem natureza de fogo, sem propriedade a
nais necessaria do fogo. Hum fogo taõ ardente, e
em voracidade, para reduzir a cinzas o em que se
têa! Hum fogo taõ intenso, e sem actividade, pa-
a consumir o que abraza! Isto digo eu ser o mais
esse tormento insoffrivel; porque para os condena-
os (fallando da pena dos sentidos) naõ póde haver
o Inferno mayor horror, que o serem atormenta-
os com hum fogo, em que a ordem da natureza as-
m se acha variada, e assim está pervertida na suspẽ-
aõ de seu effeito.

Villar, cit.

28 Disse Job, que naõ ha ordem no Inferno, mas

Ff ii sim

Job. 10. 22.

ſim hum horror eterno, e para ſempre: *Ubi nullus ordo, ſed ſempiternus horror.* Os Santos Padres, com S. Agoſtinho, e S. Gregorio Magno, admiraõ a ordem que ha no Inferno, digna de que por ella ſe oſtente admiravel, naõ ſó a Juſtiça, mas a Omnipotencia Divina; porque ſendo o Inferno lugar deſtinado para tormentos, de que he executor o fogo, eſte ſem ter differença no incendio obſerva as differenças das culpas, para atormentar mais, ou menos aos delinquentes, ſegundo pede a ordem da Juſtiça punitiva, e o merecimento de ſuas culpas: *Quantum glorificavit ſe, & in deliciis fuit, tantum date illi tormentum.* Como ſe tivera diſcriçaõ para examinar delictos, e os proporcionar á pena, menos abraza a Caîm, que ſó matou ao innocente Abel; e abraza muito mais a Herodes, que tirou a vida a tantos mil innocentes, ſolicitando que hum delles foſſe Chriſto. Menos a cobiça de Jezabel, que fez apedrejar a Naboth; e mais a de Judas, que o fez vender, e entregar a Chriſto. Menos a Trajano Gentio, e mais a Juliano, que ſe fez Apoſtata, ambos perſeguidores da Igreja. A meſma ordem, naõ alterãdo as chammas vay obſervando com todos os reos, ſem faltar, ou exceder na pena, porque a diſtribue igualando-a ao merecimento das culpas de cada hum. E que ſendo no Inferno taõ admiravelmente ordenada a rectidaõ da Juſtiça, diga Job q̃ no Inferno naõ ha ordem, *Ubi nullus ordo!* Sim; porque naõ obſtante ſerem os caſtigos com taõ juſta ordem executados, no meſmo inſtrumento delles eſtá a natureza totalmente variada, e a principal propriedade della inteiramẽte deſordenada. *Ordo in criminum punitione, ſed non in rerum proprietate,* dizem os Expoſitores ſeguin-

Apoc. 18. 7.

Villar. citatus cum D. Thom. in 2. ſent. diſt. 6.

seguindo a S. Thomaz. Os tormentos do Inferno se
comprehendem todos no fogo, como dissemos; por-
que todos obraõ queymando, e abrazando como
fogo: porêm neste se vé pervertida a ordem da na-
tureza, por lhe faltar a qualidade, e propriedade do
fogo. Tudo consome o fogo, e tudo reduz a cinzas;
mas o do Inferno abraza os condenados, sem os con-
sumir. Ardem em fogo, sem que este os possa redu-
zir a cinzas. E taõ variada ordem da natureza no fo-
go, he o tormento de mais horror que póde haver
no Inferno. Assim o entendeo Strabo Benedicti-
no na Glossa ao nosso Texto de Job. *Ordo non erit,
quia in suppliciis qualitas rerum non servatur, un-
de addit: Sempiternus horror.*

Gloss Ordin in Job. 10.

29 O Texto aponta a razaõ de ser esta desor-
dem taõ horrivel, e he; porque della resulta serem
as penas do Inferno eternas, e para sempre: *Nul-
lus ordo, sed sempiternus horror.* Se o fogo infer-
nal tivera actividade para consumir, e desfazer em
cinzas aos miseraveis, que se abrazaõ nelle, naõ
durára o seu tormento hum minuto; porque os con-
sumira em menos tempo: mas como lhe falta essa
natural propriedade, estaráõ para sempre ardendo,
e por toda a Eternidade se estaraõ abrazando em
suas chammas. Ateado huma vez o fogo, naõ acaba
de arder, em quanto acha materia, que o alimente;
e como as almas haõ de durar no Inferno para sem-
pre, e por toda a Eternidade haõ de conservar irre-
missivelmente as culpas com que nelle entráraõ;
preciso he que para sempre as abraze o fogo, que
se ateou nellas. *Merito ultio sempiterna desæviet,
quod nunquam possit culpa deleri*: diz profunda-
mente S. Bernardo. E poderá no Inferno (dizey-

D. Bern. de Conversi. ad Cler. c. 5.

me) haver coufa mais horrivel para os condenados, que a Eternidade de fuas penas? Concluiremos todos, que naõ. Arder no fogo do Inferno! Grande horror. Mas arder em tal fogo para fempre: fem efperança de confumir! Sem fim, e fem efperança de o ter! Mayor, e incomparavel horror. Por iffo Job medio o horror do Inferno pela Eternidade; porque o fogo delle, e qualquer tormento dos condenados, por fer eterno, fe faz infinitamente mais horrivel doque em fi he: *Sempiternus horror.*

30 Horror, he huma perturbaçaõ, e afflicçaõ de animo, com temor interno, e tremor externo, por occafiaõ de algum objecto horrivel, ou cafo formidavel. E poderá haver coufa mais formidavel, e mais horrivel, ou que mais faça temer, e tremer, doque effa Eternidade de penas? Naõ houvera no Inferno Eternidade; e naõ feriaõ taõ horriveis os feus tormentos. David, aquelle Principe taõ animozo, e esforçado, muitas vezes confiderava no fogo, e nas penas, com que os peccadores faõ atormentados no Inferno: *Pluet fuper peccatores laqueos, ignis, fulphur, & fpiritus procellarum, pars calicis eorum*; mas naõ perdia a conftancia de feu efpirito, para louvar a Deos, e glorificar a fua Juftiça: *Quoniam juftus Dominus, & juftitias dilexit.* Occafiaõ houve, em que as dores do Inferno o cercáraõ por toda a parte: *Dolores Inferni circumdederunt me:* e nefte aperto, que faria aquelle intrepido coraçaõ? Recorreo a Deos, clamou a elle, e fe achou livre do horror, e aperto, que o affligia: *Invocavi Dominum, & exaudivit de templo fancto fuo vocem meam.* Em huma noite porêm, fe pôs a meditar fobre o Inferno, e dividio a fua meditaçaõ

Pfal. 10. v. 7. 8.

Pfal. 17. 6.

ditaçaõ em dous pontos. No primeiro, considerou na Eternidade de suas penas: no segundo, se a ellas o condenaria Deos para sempre; porque os Santos saõ os que mais temem os juizos de Deos, o descahir da sua graça, e desmerecer ultimamẽte a sua Gloria: *Anticipaverunt vigilias oculi mei. Cogitavi dies antiquos, & annos æternos in mente habui: & meditatus sum nocte cum corde meo. Nunquid in æternum projiciet Deus?* Nesta meditaçaõ, ou nestes dous pontos della, se achava David taõ perturbado, taõ cheyo de afflicçaõ, e angustia, que nem huma só palavra podia proferir: *Turbatus sum, & non sum locutus*, diz o mesmo Psalmista: e Euthymio expõem: *Afflictionibus, & angustiis confusus sum.* Pois David, que attendendo para os tormentos do Inferno, e para o fogo, em que se abrazaõ os condenados, compunha Psalmos para cantar louvores á Divina Justiça: David, que considerando-se no meyo das penas do Inferno, recorria a Deos sem se perturbar, e clamava a elle; agora que medita na Eternidade das mesmas penas, e dos mesmos tormentos, tanto se perturba, e tanto se afflige, que nem lhe occorre dar vozes, e clamar a Deos, que o ouvirá nesta occasiaõ, como nas outras o ouvio? Sim; que tanta he a disparidade, e a differença que ha nos tormentos do inferno, se os considerarmos como eternos, ou se nelles considerarmos sem reflexaõ para a sua eterna duraçaõ. Na precisa razaõ de tormentos, com que a Justiça Divina castiga as culpas dos reprobos, assim como Deos eternamẽte se está gloriando nelles, assim David tinha materia, e acordo, para o louvar. Mas em se reflectindo, que esses tormentos, aindaque justos, seraõ eternos; até hum

Psal. 76. v. 6. 7. 8.

Ibid. v. 5.

Euthy. hic.

coraçaõ como o deDavid ſe vê anguſtiado,e afflicto, e ſe perturba deſórte, que lhe falta o acordo para recorrer, e clamar a Deos: *Annos æternos in mente habui. Nunquid in æternum projiciet Deus? Turbatus ſum, & non ſum locutus.*

31 Eſte he o ſummo horror daquelle fogo, que atormenta aos condemnados no inferno. Fogo que abraza ſem conſumir; antes parece que com as ſuas chammas conſerva a materia, em que eſtá ardendo. Agora vejo, que naõ ſem myſterio nos admoeſta, e adverte Chriſto, que os máos feraõ condemnados ao fogo eterno, fazendo tanta expreſſaõ daquella Eternidade: *In ignem æternum*; para que o horror della nos faça temer o fogo. Diſſera eu, e talvez diſſeramos todos, que o fogo he o que nos deve excitar ao temor da Eternidade; porque do fogo temos claro conhecimento, e experiencia: da Eternidade naõ. Vemos a violencia, e voracidade do fogo: ſabemos, que atormenta inſoffrivelmente; porque naõ ha quem poſſa por breve tempo ſopportar, e ſoffrer o fogo de huma véla, ou de huma braza. Da Eternidade naõ temos experiencia, nem conhecimento. S. Gregorio Magno diz, que nós fallamos da Eternidade, como o cego do que naõ vê: *Cùm homo de æternitate diſſerit cæcus de luce loquitur*; e he aſſim, porque a noticia, que temos da eternidade das penas, he unicamente por Fé. Mas o que eſta nos enſina, e nós confeſſamos da Eternidade, he o que baſta para nos fazer ſummamente horrivel o fogo, em que ardem eternamente os condemnados. Eſtaõ-ſe abrazando, naõ por hum dia, ou por hum anno: naõ por hum ſeculo, ou por muitos ſeculos. Arderáõ para ſempre. Em quanto Deos for Deos, eſtaráõ ardendo;

D.Greg. Mag.

ardendo; porque nesse fogo arderão sem fim. Depois de se abrazarem por muitos seculos, se acharão como no principio, começando a arder: porque tãtos seculos de incendio nem hum só instante diminuirão na Eternidade, e elles saõ condemnados a arder em fogo por huma Eternidade inteira: *In ignem æternum.*

§. VI.

32 E Para que (Senhor) ou para quem, castigo taõ exquisito, e pena taõ violenta? Para punir, e atormentar aos homens, creaturas taõ fracas, he necessario que se empenhe a força de vossa Omnipotencia, variando a natureza, ou a propriedade da causa, que escolhestes para instrumento da pena, e do castigo: *Contra folium quod vento rapitur ostendis potentiam tuam?* Naõ: mas quer Deos, que só com fogo sejaõ punidas as culpas dos condemnados, para que nesse tormento, e nesse fogo, até elles vejaõ o merecimento de suas culpas, e a summa Bondade de Deos, ainda quando os castiga. Obrando qualquer instrumento, a principal acçaõ hé do agente, que o move, só no fogo naõ assim, postoque seja instrumento da Divina Justiça, para punir os reprobos: porque o fogo por si mesmo queima, por si mesmo abraza, e em quanto acha materia, vay lavrado, sem acçaõ de exterior movente. Quem lhe applica a materia, atêa o fogo, e faz o incendio. Escolheo pois a Divina Disposiçaõ, e Clemencia unicamente o fogo para castigo dos reprobos; porque elles vejaõ, que se bem será Christo o que os julgue, e profira a pena de que se fizeraõ dignos, com tudo, elles mesmos saõ os executores de seu castigo, desde que em suas culpas offereceraõ inextinguivel

Job. 13. 25.

vel

vel materia, para se atear o fogo, em que escolheraõ eternamente arder, tantoque peccaraõ.

33 Por Isaias fallava Deos aos condemnados, e lhes dizia: *Ambulate in lumine ignis vestri, & in flammis quas succendistis*. Revolvey-vos no meyo desse fogo, já que vós mesmos accendestes as chammas em que ardeis. Tambem o confessaõ ja assim, mas sem remedio, os condemnados, quando naõ podem negar no inferno, o que em vida naõ quizeraõ conhecer: *In malignitate nostra* (dizem elles, segundo nos referem as Divinas letras) *consumpti sumus*. Estamos ardendo em nossas mesmas culpas, e nellas nos estamos consumindo. Com razaõ o dizem; porque levando-as comsigo deste mundo, se ateou nellas o fogo, em que no outro se abrazaõ. Em huns se atêa o fogo do inferno na soberba, em outros na avareza, em outros na incontinencia, em outros na ira, e em cada hum na materia de suas culpas. Santo Agostinho depois de hum apurado exame concluio, que naõ podem os homens nesta vida conhecer a natureza, e qualidades do fogo, em que na outra ardem os condemnados. S. Joaõ Damasceno diz, que este conhecimento reservou Deos para si. As razoens, em que se fundaõ, saõ patentes; porque se o fogo he corporeo, como póde atormentar, e offender as almas, que saõ espiritos? Demais: o fogo só se conserva tendo materia em que se alimente: acabando de consumir a em que arde, acaba tambem o fogo. E que materia póde ser esta, que eternamente ha de durar, sem que ateando se nella fogo taõ voraz, em que os espiritos tambem ardem, se acabe de consumir? Só pódem ser os peccados; porque naõ sendo perdoados antes da morte, saõ

Isai. 50. 11.

Sapient. 5. 13.

D. Aug. de Civit. lib. 20 cap. 16.

D. Damasc. lib. 4. c. ult.

saõ irremissiveis por toda a Eternidade: e só de tal materia sahiria o fogo, em que os espiritos podem arder. *Ipsa peccata sunt ignis materia, quia animam cremabilem faciunt*, diz Hugo Cardeal. E porque os condemnados, para o seu incendio, levaraõ nas suas culpas huma materia, que nunca se ha de consumir, e huma materia, que eternamente ha de durar; elles mesmos, e naõ Deos, accenderaõ para si o fogo, em que por toda a Eternidade haõ de arder.

Hug. in Ezechi. 39. 9.

34 Deos, ainda quando castiga, he pio; porque na sua Ira, nunca excede a sua Misericordia: *Non enim oblivifscetur misereri Deus, aut continebit in ira misericordias suas.* Até no Inferno com os reprobos, ostenta no castigo a sua Piedade, como dizem os Theologos com o meu Grande Cassiodoro: *Et in punitione malorum, non est justitia sine misericordia.* Quanto mais a ostentará para com os que no mundo se achaõ ainda em estado de salvaçaõ? Piedade foy instituir hum Inferno de tanta atrocidade para os condenados; porque com esta pena intentava que os homens se abstivessem de a merecer, e naõ houvesse quem a ella se condenasse. Piedade foy servir-se do fogo, mais que de outro algum instrumento, para castigo dos máos; porque, como se lhe faltará a deliberaçaõ contra elles, commetteo ao fogo a execuçaõ da pena dos reprobos, e a estes constituio arbitros do castigo proprio. Elles mesmos regulaõ para si a pena de que saõ dignos; porque tantas saõ as culpas, que commetteraõ, quantas saõ as chãmas, que ajuntáraõ, para por toda a Eternidade fazerem mayor, ou menor o seu incendio: *Ambulate in lumine ignis vestri, & in*

Psal. 76. 10. ut legũt citandi Doctores.

Cassiod. in Psalm. 50. Theolog. cũ Mag. in 4. d. 45. & cũ D. Thom. in suppl. ad 3. p. q. 99. a. 2. ad 1.

in flammis quas fuccendiftis: In malignitate noftra confumpti fumus.

35 E que fendo o Juiz taõ pio, e taõ compadecido, fejaõ os reos contra fi mefmos taõ máos, e taõ obftinados! Deos taõ folicito em que os homens fe naõ condenem á pena eterna daquelle fogo atroz, fó preparado para caftigo do Demonio, e feus Anjos: *Qui paratus eft Diabolo, & Angelis ejus*; e os homens a peccar fem receyo de tormento taõ infopportavel, e de caftigo taõ horrivel! Se naõ he falta de Fé, naõ deixa de fer locura. *Qui te cogitat, nec pœnitet, aut certè fidem non habet, aut cor non habet*; concluio S. Agoftinho. Duvidar da pena, fora faltar a Fé: acreditá-la, e por hum breve gofto da vida expor-fe a ella, quem negará que he locura? Que peque o Gẽtio, poderá fer defculpavel de alguma forte; porque ou nega a immortalidade da alma, ou ignora, e naõ crê que para as culpas haja caftigo na outra vida. Mas que peque o Catholico confeffando, e credo q̃ para as fuas culpas haverá o caftigo do fogo eterno! Como ferá defculpavel a naõ fer louco? Dos que tem Fé muitos peccaõ, e naõ faõ loucos: fe o foraõ naõ commetteraõ culpa. O certo he, que fe arrojaõ a peccar, e fe expõem ao caftigo do eterno fogo do Inferno; porque chegada a occafiaõ de peccar, perdem a advertencia, e reflexaõ da pena que merecem, pela culpa que pertendem commetter: e logo depois engolfados em vicios, e habituados a elles, ou quando menos enlevados fó nas coufas vifiveis; fe entregaõ a hum total efquecimento de pena taõ horrivel como he a eterna. Lẽbrem-fe pois os que faõ Catholicos, e naõ faõ loucos; que no Inferno ha para caftigo das culpas hum fogo,

Matth. 25. 41.

D. Aug. in foliloq.

go, que alêm de ſer ardentiſſimo, ſerá eterno: e continuamente empreguem o entendimento, e a memoria neſta pena, para que o horror della lhes ſirva tambem de horror á culpa.

36 *Deſcendant in Infernum viventes*, dizia David. Deſçaõ os homens ao Inferno em quanto vivem. E como? Haõ-ſe de condemnar em vida? Naõ; antes para q́ ſe naõ condemnẽ depois da morte, deſçaõ ao Inferno vivendo, diz S. Bernardo: *Deſcẽdant in Infernum viventes, ut non deſcendant morientes*; com a memoria, e com o entendimento deſçaõ ao Inferno em vida; e naõ commetteráõ culpas, que na morte os façaõ deſcer a elle em alma, e depois em corpo, e alma. Deſcer ao Inferno em vida com a memoria, he conſervar nella huma preſença daquelle fogo, em que os condemnados haõ de arder por toda a Eternidade. Deſcer ao Inferno com o entendimento, he examinar qual ſeja a intenſaõ, e voracidade do incomparavel fogo do Inferno: he conſiderar o horror de ſua Eternidade. Deyxará pois de ſe expor á condemnaçaõ do eterno fogo, quẽ conſervar continuamente a memoria delle: *Deſcendant in Infernum viventes, ut non deſcendant morientes.* S. Jeronymo dizia, que em ſeus ouvidos ſempre lhe eſtava ſoando a voz daquella trombeta, que por todo o mundo ſe ouvirá chamar os mortos a juizo: e alembrança deſte univerſal juizo teve por effeito a vida taõ penitente, e admiravel de hum S. Jeronymo. Sôe tambem em noſſos ouvidos perennemente a ſentença, que neſſe Juizo ha de proferir Chriſto contra os reprobos, quando os condemnar; porque ſe abſterá da culpa quem na memoria conſervar ſempre a pena do

Pſal. 54.

D. Bern. de vit. ſolit.

do eterno fogo, a que será por ella condenado: *Discedite à me maledicti in ignem æternum.*

§. VII.

37 OUvistes huma leve sombra, e mal animada representaçaõ da pena dos reprobos: fazendo agora reflexaõ nas palavras com que nos foy proposta, e advertida pelo nosso Interprete, notay que diz sentenciosamente assim: *Æterna pœna acquiritur.* Pelo peccado se adquire, e se lucra huma pena eterna. Oh ganancia, oh commutaçaõ verdadeiramente indigna de quem he racional! Por hum peccado, por hum interesse, por huma payxaõ, por hum gosto, por hum appetite, vil, temporal, transitorio, e breve, adquirir hũa pena eterna, e tal pena, que só considerada faz horror ao entendimento! Achaõ os Theologos, que o mesmo entendimento sente horror em considerar, quam grave tormento seja para huma creatura racional perder a vista, e companhia de Deos para sempre. Cauza-lhe horror o meditar, quanta desgraça, e infelicidade seja incorrer no odio de Deos por toda a Eternidade, e ter a Deos eterno odio, sem esperança alguma de jamais tornar á sua graça: *Animus contemplari exhorret, quid sit Deo carére, ab ipsoque odio haberi, eumque vicissim odisse, idque in perpetuum, absque ulla spe in ejus gratiam redeundi.* E naõ causa horror aos homens commetter huma culpa, quando por ella perdem a Deos, Summo, e Infinito Bem, incorrem em seu odio, e se expõem a ter-lhe odio eternamente!

Domin. Soto in 4. sent. d. 50. q. un. a. 4.

38 Será para o entendimento horrivel aprehensaõ, meditar naquelle fogo taõ voraz, em que os condenados haõ de arder para sempre, sem esperança de que alguma vez terá fim a sua pena. E por ven-

ventura naõ será muito mais horrivel á razaõ, que por huma paixaõ temporal, por huma conveniencia transitoria, por hum gosto breve desta vida, queiraõ os homens sujeitar-se a taõ horriveis penas da outra vida? Fieis, antes que commettais o peccado, consideray primeiro, que por elle vos obrigais á pena do fogo ardentissimo, e eterno: e consideray muito mais, se podereis sopportar por toda a Eternidade essa pena taõ horrivel: *Quis poterit habitare de vobis cum igne devorante? Quis habitabit ex vobis, cum ardoribus sempiternis?* Quem poderá morar para sempre nas ardentes chammas do eterno fogo? Pergunta o Sagrado Texto. Levay na memoria esta questaõ, por ser a mais perceptivel, e a mais facil da presente materia, e em quanto lhe naõ achares soluçaõ, naõ cesseis de considerar nella. Em quanto lhe naõ deres reposta, naõ vos resolvais a peccar, porque naõ será bem que sem muita consideraçaõ vos entregueis á pena do fogo eterno, que pelo peccado se adquire: *Æterna pœna acquiritur.*

Isai. 33. 14.

39 Contra a violencia, e voracidade do fogo, dous remedios ensinou a natureza, e aprendeo a experiencia: a saber, ou fugir delle, ou apagá-lo. Se quereis fugir do fogo eterno, em toda a vida conservay a memoria delle, diz S. Joaõ Chrysostomo: *Ne fugiamus supplicii memoriam, ne supplicio puniamur.* Se o quereis apagar, tambem o podeis fazer com lagrimas, chorando as culpas, com que haveis lucrado, e merecido o fogo eterno. Se para o Inferno correra todo o mar, naõ diminuiria o gráo minimo de seu calor, como bem alcança qualquer discurso, e advertio S. Boaventura: *Tanta est vis illius ignis, quod si totum mare in ipsum flueret,* *nec*

D. Chrysost. Hom. in Epist. ad Thim. c. 1.

D. Bonav. Ser 1. de S. Laurent.

nec ipſum ad modicum temperaret : baſta porêm huma lagrima de contriçaõ perfeita, para extinguir o incendio de todo o inferno: *Lacrymarum tanta eſt vis, ut etiam valeat gehennam extinguere*; diſſe o Veneravel Pedro Collenſe: e a razaõ he; porque como as lagrimas apagaõ as culpas, que ſervem de materia a tal fogo, já eſte naõ póde atear-ſe na alma. Quem pois deſeja, e ſolicita naõ applicar materia, para arder no eterno fogo, com lagrimas ſe purifique; lave com lagrimas aquellas culpas, com que tantas vezes tem merecido a condemnaçaõ ao eterno fogo: *Lava à malitia cor tuum Jeruſalem, ut ſalva fias.*

Pet. Collẽſ. lib. de Panib. c. 15.

SER-

SERMAÕ XIII.
NA TARDE DA QUINTA DOMINGA DA QUARESMA.

Lava à malitiâ cor tuum Jeruſalem, ut ſalva ſias. Jerem. 4.

§. I.

1 AS enfermidades agudas, e mortaes, os remedios mais exquiſitos ſaõ os mais approvados: *Extremis morbis extrema exquiſita remedia optima ſunt*, enſina Hippocrates; e ſendo todo o peccado grave, mortal enfermidade para a alma, neſta occaſiaõ, mais que nas precedentes, me he preciſo excogitar algum remedio exquiſito para o curar; porque depois de quatro remedios, que lhe applicámos, ainda naõ vimos alguma melhora de vida, nem emenda alguma nas culpas. Para a expurgaçaõ dos vicios propôs o noſſo Interprete cinco motivos,

Hipp. lib. 1. Aphor. 6.

tivos, ou cinco remedios, dos quaes era o primeiro, a fealdade, que com a culpa se imprime na alma: *Anima deturpatur*; o segundo, a injuria, que contra Deos se commette: *Deus inhonoratur*; o terceiro, a perda sempre lamentavel do tempo: *Tempus amittitur*; o quarto, a pena, que se merece para sempre: *Æterna pœna acquiritur*. Resta-nos o quinto, que he o prazer, e contentamento do demonio, vendo que Deos com tanta ingratidaõ, e injuria he dos homens offendido: *Diabolus exhilaratur*. Este, como exquisito remedio, se reservou naõ indiscretamente para desempenho dos mais. Depois das medicinas, e depois do ferro, o ultimo remedio das chagas he o fogo; e a que o fogo naõ sára he incuravel: *Quæ ignis non sanat immedicabilia sunt*, disse tambem Hippocrates. Já se applicou o remedio do fogo na precedente Dominga, na qual vos propuz o fogo do Inferno, em que por toda a eternidade arderá o condemnado: e como ainda naõ vimos inclinaçaõ de melhora, direy, muito a meu pezar, que as vossas chagas saõ incuraveis: *Immedicabilia sunt*. Mas porque naõ desprezemos este quinto remedio taõ exquisito; satisfarey o que está da minha parte, applicando-o: queira Deos façais vós quanto he da vossa, acceitando-o com a sua Graça.

Lib. 2. Aphor. 21.

2 Se desejais, e solicitais a salvaçaõ propria, purificay-vos de todo o vicio, attendendo ao grande prazer, com que peccando lisongeais ao demonio; pois naõ haverá para elle cousa mais agradavel que o peccado, por ser injuria, e offensa de Deos. Assim exclamaõ as palavras do nosso Texto, e do seu Interprete: *Lava à malitia cor tuum Jerusalem, ut*

ſalva fias. Diabolus exhilaratur. Pelo arrependimento de hum peccador, ſe alegraõ os Anjos de Deos no Ceo: *Gaudium erit coram Angelis Dei ſuper uno peccatore pœnitentiam agente.* Pois como ſe naõ alegraraõ no Inferno os Anjos de Satanaz, commettendo-ſe algum peccado! No Ceo ſe alegraõ os Anjos, quando hum peccador ſe arrepende, porque ſe lucra para Deos huma alma, que eternamente o ha de louvar, depois de o haver glorificado na terra por meyo da contriçaõ doloroſa. No Inferno ſe alegraõ os demonios com tantas culpas, que commettem os homens, porque feſtejaõ a condemnaçaõ delles ao Inferno, onde por toda a eternidade haõ de blasfemar de Deos, depois de o haverem affrontado, e injuriado na terra. Propriamente naõ póde haver alegria no demonio, porque he immudavel a ſua pena, e a ſua triſteza ſerá eterna: mas pódem nelle haver moſtras de goſto, e indicios de prazer: e naõ quiz o noſſo Interprete ſignificar mais, quando diſſe: *Diabolus exhilaratur.* O Doutor Angelico nos deo luz para entendermos ao Carthuſiano: *Hilaritas eſt gaudii, vel exultationis in facie demonſtratio.* Porêm deſtas moſtras, que o demonio dá de ſeu prazer, taõ injurioſas para Deos, devemos nós tirar os mais fortes eſtimulos de purificar noſſos coraçoens: *Lava à malitia cor tuum Jeruſalem, ut ſalva fias. Diabolus exhilaratur.* Deos queira que os ſaiba eu deſcobrir, e perſuadir com efficacia, e os chegueis vós a perceber ſem obſtinaçaõ.

Luc. 15. 10.

§. II.

3 PEccaõ os homens, e o Demonio dá moſtras de que ſe alegra; porque quando os vê peccar, entra com dezaffogo a blasfemar de Deos, enchendo-ſe de ſatisfaçaõ propria, nas injurias que profere contra a Juſtiça, e Miſericordia Divina. Notay o como. Faz o Demonio comparaçaõ da Divina Juſtiça, e da paciencia Divina: vé que commettendo elle hum ſó peccado de penſamento, tanto ſe deo a Juſtiça Divina por offendida, para o caſtigar: e vê tambem, que ſendo em nós ſem numero os peccados de obra, tanto ſe apura a Divina Paciencia para nos ſoffrer. Vê que ſendo elle obrigado á Deos ſó pelo beneficio da creaçaõ, huma culpa com que o offendeo baſtou para o condemnar: e vê que ſendo nós obrigados a Deos, naõ ſó pela creaçaõ, mas tambem (e muito mais) pela redempçaõ, repetimos ingratamente tantas culpas, ſoffridas por Deos, ſem caſtigo noſſo. Vê finalmente, que ſendo elle condemnado por máo, ſomos nós ſoffridos, ſendo peyores que elle. Dá entaõ moſtras de alegria, quando nos vê peccar, porque deſaffoga a ſua ira, e ſolta a ſua deſeſperaçaõ, proferindo blasfemias contra Deos: calumniando-lhe a Juſtiça, que elle uzou, e exprobrando-lhe a Miſericordia, que comnoſco uza.

4 Tenho por certo, que lá de ſuas infernaes cavernas clamaõ os Demonios contra Deos, dizendo: Vê, ó Altiſſimo, qual he a tua Juſtiça, e qual a tua Miſericordia: e acharás, que ſendo, além de iguaes, indiſtinctas, naõ podiaõ proceder com deſigualdade mayor, nem fazer mais eſcandaloſa diſtincçaõ de ſujeitos. Tanta Juſtiça para com huns eſpiritos nobiliſſimos,

lissimos; e tanta Misericordia para com a vileza dos homens? Tanta ira contra os Anjos, por hum peccado; e tanta paciencia com os homens, cujas culpas excedem todo o numero? Como te faltou a Misericordia, quando vistes a perdiçaõ de tantos espiritos? Como te falta a Justiça, para castigar aquelles ingratos, a quem remistes, entregando teu proprio Filho á morte, para lhes merecer a vida. Nem huma creatura sem teu auxilio se póde restituir á sua graça, nem dispor-se para a conseguir, depois de commettida a culpa, em que a perdeo; pois onde esteve a tua Justiça, quando com os homens, caidos na culpa, sem merecimentos seus, uzastes de taõ indiscreta Misericordia? Onde esteve a tua Piedade, quando com os Anjos uzastes de taõ horrenda Justiça? Na má conrespondencia dos homens, e nas culpas com que te aggravaõ, experimentarás agora a indiscriçaõ de tua Misericordia para com huns animos taõ ingratos. No meyo destas blasfemias, com que o Demonio exprobra a Justiça, e a Misericordia Divina, que mostras naõ dará de que se alegra!

5 David se pôs em certa occasiaõ a louvar a Deos, pelo muito que exaltou o throno, e cetro de Israel: *Primogenitum ponam illum, excelsum præ Regibus terræ: & thronus ejus sicut Sol in conspectu meo, & sicut Luna perfecta in æternum.* Naõ menos o louvou entaõ, pelo muito que honrou, e sublimou o seu povo entre todas as naçoens do mũdo; porque de todas as gentes foy temido o seu valor, e respeitado o seu nome: *Concidam à facie ipsius inimicos ejus, & odientes eum in fugam convertam.* Passando logo a ponderar quam ingrato foy

Psal. 88. v. 28. & 38.

V. 24.

efte povo, e os feus Reys a tantos beneficios; entra muy condoido a reprefentar a Deos os caftigos, com que fe viaõ pela Divina Justiça humilhados, e diz affim. Efte povo Senhor, que em outro tempo foy o terror de todas as gentes, já agora teme as poucas forças de qualquer dellas: *Pofuifti firmamentum ejus formidinem:* serve de opprobrio ás naçoens vizinhas: porque qualquer potencia bafta para o vencer, e para o levar cativo: *Diripuerunt eum omnes tranfeuntes viam, factus eft opprobrium vicinis fuis.* Vós ajudais aos que o opprimem, e fobretudo alegrais aos feus inimigos: *Exaltafti dexteram deprimentium eum, lætificafti omnes inimicos ejus.* Ifto mefmo tinha o Real Profeta lamentado já d'antes, ifto mefmo tinha reprefentado a Deos: *Facti fumus opprobrium vicinis noftris, fubfanatio, & illufio his, qui in circuitu noftro funt.*

V. 41. V. 42. V. 43. Pfalm. 78. 4.

6 Naõ me ferve de admiraçaõ, que David fe condôa da oppreffaõ do feu povo, e affolaçaõ do Reyno de Ifrael; porque em feu animo devia fer natural efte compaffivo affecto. Porêm reparo em q̃ quando rogava a Deos, inclinaffe a fua Piedade para aquelle povo taõ afflicto, lhe allegaffe huma, e outra vez a alegria, que pelo caftigo delle havia em feus inimigos: *Lætificafti omnes inimicos ejus: fubfanatio, et illufio his, qui in circuitu noftro funt.* Mas fem duvida, com razaõ muy digna de fer por Deos attendida. Euthymio a defcobrio, e he; porque as naçoens barbaras alegrando-fe com o caftigo daquelle povo, moftravaõ o feu prazer nas injurias, e blasfemias, que contra Deos proferiaõ: *Exprobrabant autem Judæis vicini tantam defolationem, fubfanabantque, quafi infipienter Deo credi-*

Euthym. in Pfal. 78.

credidissent; diridebant eos. Diziaõ ao povo de Israel as naçoens idolatras: este que te desemparou, este que te naõ defende agora do poder de teus inimigos, antes para teu castigo te ha posto debaixo da oppressaõ, e cativeiro delles, naõ he aquelle Deos, a quem adoras, em quem punhas tua esperança, e a quem attribuias o teu esforço? Conhece pois, como foy errada tua adoraçaõ, quam mal empregados os sacrificios, q̃ lhe offereceste, e quam mal conrespondido o culto lhe davas. As irrisoens que os Barbaros faziaõ de Israel, constavaõ de opprobrios, q̃ proferiaõ contra Deos. Nas blasfemias, que diziaõ contra Deos, mostravaõ o prazer de verem opprimido, e castigado Israel: por isso David, zelando a honra de Deos, tanto se affligia de que se alegrassem os Barbaros com as oppressoens de Israel: *Lætificasti omnes inimicos ejus. Subsanatio, & illusio his, qui in circuitu nostro sunt.*

7 Muday agora de pensamento, e entendey que vos está dizendo David o mesmo que a Deos dizia. *Lætificasti omnes inimicos ejus.* Alegrastes ao demonio em cada huma culpa, que commettestes contra Deos: destes hum prazer grande aos seus infernaes inimigos; porque lhes destes occasiaõ de se rirem, e blasfemarem da Misericordia, que usou, e está usando com os homens, e da Justiça, que usou com os Anjos no seu castigo. Destes-lhes occasiaõ, para que irrisoriamente digaõ a Deos: Vê agora quam mal se empregou a tua Misericordia com os homens, que ingratos a teus beneficios, assim te offendem. Vê quam mal se empregou a tua Justiça com os Anjos, que te seriaõ agradecidos, se com elles obraras o que usastes com os homens. He sem

duvida, que peccando os homens, se fazem muito peyores, que o demonio, como bem discorreo S. Joaõ Chrysostomo: *Per peccatum homo deterior redditur diabolo*; porque o demonio peccou huma só vez contra Deos seu Creador: os homens vezes sem numero peccaõ contra Deos seu Creador, e seu Redemptor. Pois como se naõ alegrará o demonio, vendo que Deos he taõ mal conrespondido daquelles com quem usou de tanta Misericordia? Como naõ blasfemará desta, e da Justiça, que executou nelle! Com tudo: para confusaõ do demonio, nessas blasfemias, e prazer com que as profere, temos tres incentivos de fugir, e abominar as culpas, que ao demonio excîtaõ a blasfemar da Justiça, e Misericordia Divina, quando nos vê peccar. He o primeiro, por ser temeridade multiplicar offênsas contra Deos, que usando de sua Justiça, por huma só culpa condemnou tanta multidaõ de Anjos. He o segundo, por ser ingratidaõ offender a quem com tanto amor nos remio, e com tanta Misericordia nos está soffrendo a nós, e naõ aos Anjos. He finalmente o terceiro, por naõ darmos occasiaõ ao demonio de blasfemar contra Deos.

D. Chrysost. Hom. 30. ad pop.

§. III.

8 A Primeira razaõ de mostrar o demonio em suas blasfemias, que se alegra, quando nos vê peccar, he; porque sendo elle castigado por huma só culpa, estamos nós temerariamente multiplicando tantas culpas, por naõ sermos, como elle foy, castigados. Ri-se o demonio de Deos, como exprobrando-lhe a Justiça: porque a falta desta para nós, he a primeira occasiaõ de multiplicarmos tantas culpas contra elle: e parece que tem a seu favor

vor o Sagrado Texto: *Quia non profertur cito contra malos sententia, absque timore ullo filii hominum perpetrant mala.* Neste sentido disse o grande Tertulliano, sentenciosa, e encarecidamente, que em Deos desfaz muito a sua paciencia: *Ita patiens est Deus, ut sibi sua patientia detrahat.* Parece que com razaõ (se naõ fora querer Deos para sua gloria, dar exercicio á sua infinita paciencia, e longanimidade) porque se quando eu, e vós commettemos a primeira culpa, foramos castigados por elle, como os Anjos foraõ pela sua, nem eu, nem vós cahiramos em segunda, como nem elles cahiraõ. Mas o certo he, que se naõ fora tanta a nossa temeridade, naõ era necessario que cahindo nós no delicto a primeira vez, experimentassemos o castigo prompto, para naõ reiterarmos a culpa; porque para este fim nos basta a certeza, e a Fé do como por hum só peccado foraõ castigados os Anjos.

Eccles. 8. 11.

Tertul. de Patiēt. c. 2.

9 Apresentaraõ os Fariseos a Christo huma mulher adultera, para contra ella proferir a sentença, e determinar a pena merecida por seu delicto. E que faria a summa clemencia de Christo, á vista de crime taõ grave, e taõ provado? Pôs-se a escrever na terra: *Jesus autem inclinans se deorsum, digito scribebat in terra.* O que escrevia eraõ huns taes caracteres, que vendo-os qualquer dos accusadores, lia nelles distinctamente quantas culpas havia commettido em sua vida, e a sentença de sua eterna condenaçaõ. Assim dizem com a melhor opiniaõ S. Jeronymo, Santo Antonio, e Santo Alberto Magno. Por isso escrevia Christo na terra; porque nella se escrevem os nomes dos reprobos: *Recedentes à te in terra scribentur.* Em contraposiçaõ dos Justos, cujos

Joan. 8. 6.

Jerem. 7. 13.

Luc. 10. 20.

cujos nomes eſtaõ eſcritos no Ceo: *Nomina veſtra ſcripta ſunt in Cælis.* Sahiraõ pois os accuſadores condenados. E a criminoſa como ſahiria? Abſolta de culpa, e pena, ſó com a recommendaçaõ de que naõ tornaſſe mais a peccar: *Nec ego te condemnabo, vade, & jam amplius noli peccare.* Oh que ſentença (exclama neſte caſo Santo Agoſtinho) ao parecer taõ injuſta! Iſto naõ he fazer-ſe Chriſto fautor da culpa: *Domine faves ergo peccatis?* Que ſe póde eſperar de huma adultera ſem caſtigo, principalmente vendo indignada a juſtiça contra os que a accuſavaõ, ſenaõ que continue com mais reincidencia na culpa? De nenhuma ſorte: *Non ita plane*; reſponde o meſmo Santo Doutor. Só ſe deve eſperar, que nem por penſamentos torne a peccar outra vez: *Jam amplius noli peccare.* A razaõ he; porque Chriſto moſtrou á adultera, que os ſeus accuſadores eſtavaõ já condemnados, pelas culpas que haviaõ cõmetido; e eſte exemplo baſtava, para que nella naõ houveſſe a temeridade de cahir em algum peccado, pelo qual foſſe como elles condẽnada, ainda que por aquella vez ficaſſe perdoada: *Nec ego te condemnabo: vade, & jam amplius noli peccare.*

Joan. 8. 11.

D. Aug. tract. 33. in Joan.

10 Para o noſſo caſo, e a noſſo intento. Que exemplo mais forte, e mais efficaz, para atemorizar os homens de ſorte, que ſe naõ atrevaõ a repetir culpas, do que a condemnaçaõ de Lucifer, e ſeus Anjos? Em numero excedem toda a multidaõ. Ao menos he certo, que ſe bem lhe naõ ſabemos a conta, he para a noſſa comprehenſaõ innumeravel. Na excellencia, e perfeiçaõ natural, excede cada hum a formoſura, e nobreza de quanto ſe comprehende em todo o mundo viſivel: e comtudo, por hum ſó

peccado

peccado condemnou Deos taõ estimavel, e excellente multidaõ de Anjos. E á vista de tal exemplo, haverá ainda homens taõ temerarios, que se arrojem a offender a Deos naõ huma só vez, como os Anjos, mas muitas, e quasi infinitas vezes? Sim ha; porque tanta he a temeridade dos homens. Porêm o que se devia esperar, e suppor delles, he: que por naõ experimentarem a mesma condemnaçaõ dos Anjos, nem por pensamentos tornassem a offender a Deos, depois de perdoados a primeira vez: *Nec ego te condemnabo: vade, & jam amplius noli peccare.*

11 Acode nestes termos a malicia humana a defender-se, e vay logo refugiar-se na fragilidade propria, dizendo: que como os Anjos, creaturas taõ sublimes, só por malicia peccáraõ, justo era faltasse para elles a piedade; mas naõ para nós, pois conhece Deos que a nossa natureza, por fragil, na vileza propria tem hum despertador da compaixaõ Divina, para soffrer, e nos perdoar taõ repetidas culpas: *Ipse cognovit figmentum nostrum, recordatus est quoniam pulvis sumus.* Mas he sem controversia, que nem os Anjos, por serem creaturas taõ nobres, podiaõ mais que nós, para naõ peccar: nem nós, por sermos de natureza fragil, podemos menos que os Anjos para resistir; porque nem aos Anjos, nem aos homens permitte Deos sejaõ tentados sobre as forças, com que os fortalece a Graça: *Fidelis Deus est, qui non patietur vos tentari supra id quod potestis.*

Psal. 102. 14

1. ad Corint. 10. 13.

12 Dado porêm, que naõ fora proporcionado o exemplo dos Anjos, para que a temeridade humana se atemorizasse com o castigo delles: ao menos na ira, com que Deos tantas vezes tem castigado as culpas

pas dos homẽs, aprendamos nós á naõ repetir offensas contra elle, por naõ provocarmos o rigor de sua ira contra nós. Naõ sabeis, que por peccados dos homens foy o mundo todo submergido nas agoas do universal diluvio? Naõ he certo, que em chammas se abrazou a regiaõ de Sodoma, e suas Cidades, pelas culpas de seus habitadores? Se vos parece que taõ tremendos castigos só vieraõ á terra, por culpas horrendas, e escandalosas; olhay para tantos outros exemplos de estrago similhante, por culpas muito menores. Quatorze mil Israelitas engolio de huma vez a terra por huma só boca, que abrio para os tragar, alêm de outros muitos, que na mesma occasiaõ abrazou o fogo, por se haverem rebellado contra Moysés. Cincoenta mil e settenta Bethsamitas cahiraõ mortos ao mesmo tempo: e porque? Por haverem olhado sem cautéla para a Arca do Senhor, quando passava pelas suas terras. Ananias, e sua mulher Saphira repentinamente morreraõ, ao mesmo ponto, em que faltaraõ á verdade do que lhes perguntava o Apostolo S. Pedro. E naõ ha para que se accumulem exemplos nesta materia, pois saõ tantos, e taõ sabidos, que se faz impossivel a narraçaõ de todos, e escusada a repetiçaõ de mais.

Genei 7. Genes. 19. Num. 16. 1. Reg. 6. Actor. 5.

13 Confesso q naõ saõ menos os exemplos da Misericordia Divina em nos perdoar; porêm os effeitos della naõ pódem servir de confidencia á nossa malicia, para que obre, como se tivera a certeza do perdaõ. Seria temeridade offender a Deos, tomando occasiaõ dos exemplos de sua Misericordia; porque naõ he razaõ sejamos nós máos, fiados em que Deos he Bom. *Nemo idcirco deterior sit, quia Deus melior est*; disse Tertulliano. Attendamos para os casti-

Tertul. lib. de Pœnit. c. 7

castigos que tantas vezes tem fulminado; porque para exemplo nosso, cada castigo he huma estatua, que nos desperta a memoria da Justiça Divina, contra a temeraria confidencia em sua Misericordia para o offendermos.

14 Olhando a mulher de Lot para ver o incendio, de q́ a livrára Deos por maons dos Anjos, foy convertida em estatua de sal: *Respiciensque uxor ejus post se, conversa est in statuam salis.* Porém reparo, em que a esse tempo, e com mais curiosidade, sahindo Abraham de sua caza, e buscando accõmodado sitio, delle se pôs a ver, e observar as chammas desse fatal incendio, em que Sodoma ardia: *Abraham autem consurgens manè, ubi steterat prius cum Domino, intuitus est Sodomam, & Gomorrham*; e nem por isso foy castigado Abrahaõ. Prégando depois Christo aos Farizeos, lhes disse que tomassem exemplo no castigo da mulher de Lot: *Memores estote uxoris Lot.* Mas se no mesmo cazo em que para ella houve castigo, o naõ houve para Abrahaõ, como propõem Christo, para exemplo nosso, a mulher de Lot castigada, e naõ propõem a Abrahaõ favorecido? Porque se veja, que obrando Deos como Misericordioso, naõ faz exemplo, para o offendermos confiados em sua Misericordia: quando porêm castiga, levanta estatuas á sua Justiça, á vista das quaes temamos a sua ira. *Conversa est in statuam salis. Memores estote uxoris Lot.*

Genes. 19. 26.

V. 27. 28.

Luc. 17. 32.

15 As culpas, quanto he de si, necessariamente se ordenaõ para o castigo: o serem perdoadas, he fóra da expectaçaõ, e merecimento dellas. Em meu juizo, commetter o delicto, esperando que Deos por sua Misericordia o perdoe, naõ he teme-

ridade

ridade menor, que excitar o incendio, para que Deos por ſua bondade o apague: ou tomar o veneno, eſperando que Deos por ſua benignidade lhe impedirá o effeito. Direis que a differença neſtas comparaçoens he grande; porque as cauſas naturaes ſó ſe impedem com milagres, para as quaes eſtá deſobrigado o concurſo do Author da natureza. Bem: e por ventura, eſtá Deos de alguma ſorte obrigado a impedir a ſua Juſtiça, para que deixe de caſtigar a huns, depois de caſtigar a outros taõ ſeveramente? Por ventura, quando Deos detém a ſua Juſtiça, e uza de ſua Miſericordia, naõ obra notoriamente hum milagre? Que mayor milagre obrará Deos, ſendo Juſtiſſimo, do que naõ caſtigar, ou perdoar huma culpa, precedendo tantos exemplos de culpas, que caſtigou?

16 Contra Moyſés ſe rebellaraõ Coré, Dathan, Abiron e Hon; zelozo porêm Deos da honra do ſeu Miniſtro, e do reſpeito, que ſe lhe devia, fez q́ a terra ſe abriſſe, e tragaſſe vivos a Dathan, Abiron, e Hon, com ſuas familias inteiras, ſem ſer de todas ellas exceptuada peſſoa alguma. Até os bens, e alfayas, que lhes pertenciaõ, tragou, e devorou a terra: *Dirupta eſt terra ſub pedibus eorum, & aperiens os ſuum devoravit illos cum tabernaculis ſuis, & univerſa ſubſtantia eorum.* Coré tambem pereceo, porque tambem foy ſubvertido com os mais; porém ſeus filhos milagroſamente foraõ exceptuados da pena. Uſou Deos com elles de Miſericordia, iſentando-os do caſtigo que executou no pay: *Factum eſt grande miraculum* (diz o Texto) *ut Coré pereunte, filii ejus non perirent.* Notavel cazo, e ſempre incomprehenſivel a todos os Interpretes

Num. 16. v. 31. 32.

Cap. 26. v. 10. 11.

pretes da Sagrada Historia! He muy verosimil que nas familias taõ numerosas de Dathan, Abiron, e Hon, se achariaõ pessoas, que com elles naõ concorressem para a rebelliaõ, nem tivessem parte nella. Ao menos parece indubitavel, que a idade mostrasse, e defendesse a innocencia de algumas; porque ainda estariaõ na infancia, ou naõ chegariaõ aos annos da discriçaõ. Mas a gravidade da culpa (he o mais que dizem os Expositores) fez que para exemplo, até os innocentes fossem comprehendidos na pena.

17 Boa razaõ; mas tem contra si, que tambem na familia de Coré, sendo o capataz, e principal motor da rebelliaõ, naõ podiaõ faltar alguns, que a seguissem; porque sempre aos filhos parecem justificadas as paixoens, e inclinaçoens de seus pays: e com tudo foraõ perdoados todos os filhos de Coré, sendo punidos todos os de Hon, Abiron, e Dathan. Além do que: Moysés por disposiçaõ Divina mandou lançar hum prégaõ, no qual admoestava, que todos se retirassem da companhia daquelles motores da sediçaõ, se queriaõ naõ incorrer na pena, que os ameaçava, e sobrevinha já: *Recedite à tabernaculis hominum impiorum, & nolite tangere quæ ad eos pertinent, ne involvamini peccatis eorum.* E porque as familias de Datnan, Abiron, e Hon, se naõ apartaraõ delles, justamente (dizem os Padres) com elles padeceraõ, e acabaraõ. Mas se os filhos de Core até o ponto do castigo permaneceraõ temerariamente na companhia do pay, como foraõ exceptuados na execuçaõ da pena?

Cap. 16. 26.

18 Deyxemos para Deos a razaõ desta justissima disparidade, pois só elle comprehende a recti-

daõ

daõ de seus incomprehensiveis juizos: e para o nosso ponto, entremos a reparar, e reflectir sómente no que acerca deste successo taõ raro diz Moysés, quãdo o refere: *Factum est grande miraculum, ut Coré pereunte, filii ejus non perirent.* Aconteceo (diz) nesta occasiaõ hum grande milagre, porque entre os milagres da Omnipotencia se reputará em toda a memoria por grandioso milagre, que tragando a terra a Coré, naõ offendesse a seus filhos. Podia haver milagre, que servisse de admiraçaõ a Moysés? Ao Deos de Faraó, que o venceo com prodigios, e que a todo o Egypto assombrou com tantos milagres, e taõ grandes, que nelle obrou, ha milagre que possa admirar por grande: *Factum est grande miraculum*? Naõ foy Moysés o que no Egypto fez, que debaixo de hum só Emisferio, e do mesmo Meridiano estivessem os Israelitas cercados de claridade, e luz, e os Egypcios cubertos ao mesmo tempo de sombras? Naõ foy Moysés o que fez que o mar Vermelho no meyo de suas ondas abrisse estrada para os Israelitas, que servio de sepultura para os Egypcios? Assim consta. Pois como se admira, e tem por grande milagre, que abrindo-se a terra tragasse a Coré, sem subverter a seus filhos? Porque nos milagres, que fez, via Moysés impedidos huns effeitos de causas naturaes, e limitadas: no perdaõ de huns peccadores, castigados outros taõ severamente, vio comodetida, e suspensa a execuçaõ da infinita Justiça de Deos; e isto era mayor milagre: *Factum est grande miraculum.*

19 No Egypto consistia o milagre, em que a luz chegando ao lugar onde habitavaõ os Israelitas, naõ passasse ao em que viviaõ os Egypcios. No mar o milagre

lagre era que as agoas estivessem divididas, e a estrada pelo meyo dellas aberta, em quanto o povo de Deos atravessava de huma parte até a outra. Em ambos os casos obedeciaõ as creaturas ao imperio do Creador, o qual punha termo á luz, para que a sua claridade naõ chegasse á habitaçaõ dos Egypcios; e ás agoas limitava o tempo de se conservarem preternaturalmente divididas. Porêm quando o castigo naõ comprehendia aos filhos de Coré, considerava Moyses que a Misericordia Divina limitava os effeitos da Justiça Divina, para que a sua execuçaõ chegasse aos quatro authores da sediçaõ, e extendẽdo-se a tres das suas familias, naõ comprehendesse a quarta; e sempre isto era mayor milagre; e tanto, que a Moysés pôs em admiraçaõ: *Factum est grande miraculum, ut Coré pereunte, filii ejus non perirent.*

20 Naõ havemos esperar milagres, para escaparmos ao castigo de nossas culpas; nem de tal sórte confiar na Misericordia Divina, que naõ temamos a Divina Justiça igualmente. Deos he infinitamente zeloso de sua Justiça, e quer que este attributo se reconheça resplendecer nelle, ainda quando mais nos está mostrando a sua Misericordia. Naõ ha distincçaõ em Deos entre a Misericordia, e a Justiça: saõ ambas huma só cousa; e assim como na execuçaõ mais ardente de sua Justiça dá mostras de sua Misericordia: *Cùm iratus fueris, misericordiæ recordaberis*; assim nas operaçoens de sua Misericordia dá a ver a cooperaçaõ de sua Justiça. Dando o seu Unigenito Filho á morte, para redempçaõ do mundo, mostrou Deos o mayor excesso de sua Misericordia; mas em nenhum outro effeito se verá taõ ob-

Habac. 3. 2.

servado o rigor de sua Justiça, como admirou S. Paulo. *Quem posuit Deus propitiationem per fidem in sanguine ejus, ad ostensionem suæ justitiæ.* Pela culpa estava o homem incurso na pena da condemnaçaõ eterna; e naõ tendo preço, nem meyos, para se remir della, entrou Deos cheyo de Misericordia a compadecer-se do delinquente, dandolhe seu proprio Filho, como se lhe dissera: Aqui tens o preço da tua redempçaõ: em meu Unigenito Filho te dou o que me has de offerecer por ti; porque nenhum outro será justo preço de tua redempçaõ. E que acto poderá haver em que Deos ostente mais excessiva Misericordia: *Quid misericordius intelligi valet* (diz S. Agostinho) *quàm cum peccatori damnato æternis tormentis, & unde se redimit non habenti, Deus Pater dixit, accipe Unigenitum meum. & dà pro te?* Mas no meyo de tanta Misericordia, vede a exacçaõ da Justiça.

Ad Rom. 3. 25.

D. Ansel. lib cur Deus Homo. cap. 9.

21 He sem duvida, que bem podia salvar Deos o mundo, e remir o homem, sem ser por meyo da Payxaõ, e Morte de seu Unigenito Filho; mas escolheo este, porq em outro ostentaria sim o seu poder, e a sua Misericordia, e por este solicitava satisfazer exactamẽte a sua Justiça: *Non per solam potentiã, sed Deitatis, etiam per justitiam,* diz S. Agostinho. Este era o fim de ordenar a Providencia eterna padecesse Christo taõ insopportaveis tormentos, como foraõ os de sua Payxaõ; porque se bem para a culpa ser inteiramente remida, e satisfeita, era sufficientissimo qualquer merecimento de Christo, cuja Divindade communicava infinito valor, e preço ao mais leve de seus tormentos; comtudo, o rigor da Justiça ainda requeria mais, que cada tormento em

D. Aug. lib. 13. de Trinit. c. 13. 14. & 15.

Chris-

Christo fosse taõ atroz, que bastasse para exactamẽte satisfazer a culpa, segundo a humana possibilidade, Ouçamos a S. Thomaz. *Christus voluit genus humanum à peccatis liberare, non solum potestate, sed etiam justitia: & ideo* (notay bem) *non solùm attendit quantam virtutem dolor ejus haberet ex Divinitate, sed etiam quantùm dolor ejus sufficeret secundùm humanam naturam ad tantam satisfactionem.* Que temeridade pois naõ será provocar com culpas, e offensas a hum Deos, taõ zelozo da reputaçaõ, e honra da Justiça! A veneraçaõ, e temor della nos suspẽda a deliberaçaõ de o offendermos, e naõ terá o demonio occasiaõ de se alegrar, e blasfemar contra aquella Justiça, que o condenou: *Diabolus exhilaratur.*

D. Thom. 3. p. q. 46. a. 6. ad 6.

§. IV.

22 PAssando agora á materia do segundo motivo, que o Demonio tem para se mostrar alegre, quando nos vê peccar; que, como disse, he porque em nossas culpas acha estimulos para exprobrar a Deos aquelle infinito Amor, e aquella infinita Misericordia, com que nos remio, e está soffrendo: dissera eu, que a mesma irrizaõ, que o demonio faz da Misericordia, e Amor Divino para com os homens, descobre para nossa doutrina a censura mais intolleravel (posto que bem merecida) contra a ingratidaõ humana. He possivel que hajaõ os homens de offender a hum Deos taõ Misericordioso para com elles, que os remio á custa da sua vida, e os está soffrendo, depois de se mostrar taõ punitivo para com os Anjos! Se Deos, porque nos ama, se fez Homem para nos remir: *Propter nimiam charitatem suam, qua dilexit nos, cùm essemus in*

Ad Ephes. 2. v. 4. 5.

 pecca-

peccatis vivificavit nos in Christo; naõ deixaremos nós de o offender, pelo motivo só de que sendo Deos quiz ser nosso Redemptor? Que razaõ mais forte se poderá descobrir, para convencer a nossa malicia, e a nossa ingratidaõ?

23 No Apocalypse ouvio o Evangelista aos quatro celebres animaes, e aos vinte e quatro anciaons, cantando em honra do Cordeiro Divino este novo, e admiravel cantico. *Occisus es, & redemisti nos Deo in sanguine tuo.* Senhor (diziaõ) por nosso amor fostes sacrificado, e morto, e a preço de vosso Sangue nos remistes para Deos. Logo todas as creaturas a huma voz diziaõ: O Cordeiro, que foy morto para nos remir, he digno de receber Virtude, Divindade, Sabedoria, Fortaleza, Honra, e Gloria: *Dignus est agnus, qui occisus est, accipere virtutem, & Divinitatem, & sapientiam, & fortitudinem, & honorem, & gloriam.* O Cordeiro era Christo, verdadeiro Filho de Deos, que do Padre recebe a Divindade, e com ella toda a Honra, Gloria, Sabedoria, e todos os mais attributos; mas assim como peccando as creaturas negaõ a Deos a gloria, e honra, que lhe he devida, e de sua parte bem quizeraõ tirar-lhe a Divindade, e os seus attributos; assim lhe daõ honra, gloria, e Divindade, quando detestando as culpas, o amaõ, servem, e adoraõ. Este he o sentir dos Padres com Dionysio Carthusiano, e dos Interpretes com A Lapide. Mas he sem duvida, que para as creaturas abominarem a culpa, servirem, e adorarem a Christo, Divino Cordeiro, basta a urgente razaõ de ser elle o verdadeiro Deos, de quem recebem todas o ser: pois se a materia, e letra daquelle cantico celestial, era cõposta para mais in-

Apoc. 5. 9.

V. 12.

induzir as creaturas ao amor, e obsequio de Christo, como as naõ excitavaõ com a memoria de ser elle o seu Creador, e seu Deos; mas sim com o reconhecimento de que as remio, á custa de seu Sangue, e de sua vida: *Redemisti nos Deo in Sanguine tuo. Agnus, qui occisus est.*

24 A razaõ bem patente, e perceptivel he; porque supposto Deos pela preciza razaõ de sua Divindade, deva ser de todas as creaturas adorado, amado, e servido, sem que absolutamente haja, ou possa haver motivo, que o faça mais digno de nosso amor, adoraçaõ, e obsequio; ainda se podem discobrir razoens, que mais nos convençaõ á conresponder com o que lhe deve a nossa gratificaçaõ. A principal entre todas he deduzida da Redempçaõ; porque se Deos, só porque he Deos, deve ser amado, servido, e adorado de todas as creaturas; quanto mais será digno de que os homens lhe rendaõ todo este obsequio, crendo, e confessando, que para os remir, e salvar quiz por elles padecer, e morrer? *Dignus est agnus qui occisus est, accipere virtutem, & Divinitatem &c.* Humas razoens convencem mais que outras; porque a efficacia dellas, ou se persuade mais, ou se percebe melhor: e a razaõ de que Deos por nós se fez Homem, padeceo, e morreo, he a que unicamente nos propõem com toda a evidencia os motivos que nos obrigaõ a servî-lo, amá-lo, e adorá-lo, com todas as forças, e potencias de nossa alma.

25 Deos, em quanto vivemos, naõ póde ser de nós conhecido como em si he. Olhamos para a grandeza, e formosura deste Universo, e em cada huma das creaturas ouvimos huma voz, que mudamente

eſtá perſuadindo, e encarecendo a bondade, ſabedoria, poder, e excellencia daquelle ſer, e primeira cauſa, que com huma palavra as creou de nada. Porêm vozes de creaturas, que naõ comprehendem o que Deos em ſi he, naõ podem ter efficacia para perſuadir a adoraçaõ de que elle he digno. Em Chriſto Filho de Deos, falla a voz do Eterno Padre: *Locutus eſt nobis in Filio.* Aſſim como ſó o Filho he a palavra que bem explica o que o Padre he: *Eructavit cor meum Verbum bonum*; aſſim a voz do Padre he a que ſó diz adequadamente o que he o Filho: *Nemo ſcit quis ſit Filius niſi Pater.* Em Chriſto pois nos eſtá o Eterno Padre dizendo, que eſſe, e naõ outro, he o ſeu Filho, a quem ama infinitamente: *Hic eſt Filius meus dilectus*; e como ſe o amára menos que aos homens, o entregou á morte, para que os homens viveſſem eternamente. Diz que eſſe he o Redemptor do mundo; porque ſó huma peſſoa Divina podia ſatisfazer pela offenſa, que ſe commetteo contra Deos. Diz finalmente que em Chriſto Cordeiro Divino ſacrificado, e morto pelo homens, quiz ſe manifeſtaſſe a ſua Juſtiça, taõ rigoroſamente executada em ſeu proprio Filho, para ſe conhecer melhor a ſua Miſericordia com os homens.

Ad Hebr. 1. 2.

Pſal. 44. 1.

Luc. 10. 22.

Luc. 9. 35.

26 A' viſta pois de taõ incomprenſivel Miſericordia, que Deos uzou com os homens, dando-lhes por Redemptor o ſeu meſmo Filho, pedia a razaõ, que todos conreſpondeſſem agradecidos com aquella honra, amor, e adoraçaõ que merece aos homens, quem deo por elles a vida: *Dignus eſt agnus, qui occiſus eſt, accipere virtutem, & Divinitatem &c*; porque tanto exceſſo de Miſericordia devera

vera obrigar aos homens taõ extremosamente, que nem liberdade tivessem para offender ao seu Redemptor. Dizia S. Paulo, que o amor com que Christo morreo pelos homens, nos põem a todos em tal aperto, e urgencia, que naõ vivamos já para nós, mas para elle somente: *Charitas Christi urget nos,. . ut, & qui vivunt jam non sibi vivant, sed ei qui pro ipsis mortuus est.* Vivermos para Christo, e para nós naõ, he vivermos como se por seu amor naõ houvera em nós vontade propria: ou como se naõ houvera em nós mais vontade que a de Christo, dizem os Commentadores com S. Anselmo: *Non suæ gloriæ, voluptati, aut voluntati vivant, sed Christi.* Com razaõ, porque os servos assim como carecem de liberdade, tambem carecem de vontade propria; e remindo Christo aos homens da escrividaõ do demonio, os fez servos seus por titulo de redempçaõ. Pois como lhes ficaria uzo de vontade propria, ou liberdade, para seguirem mais vontade que a de Christo? Mas se Deos a todos os homens dotou de arbitrio livre, para que possa cada hum seguir o que a vontade escolher; que urgencia lhes ha de fazer o amor de Christo, para que da vontade delle se naõ apartem? Grande, e a unica com que se poderá violentar suavemente, ou necessitar a liberdade humana. Notay. A vontade, ainda que livre, naõ tem escolha contra o imperio da razaõ propria; porque como cega, em tudo necessita de ser guiada pelo entendimento: e em quanto este reconhecer, que Christo morreo para nos remir, naõ poderá ter ditame, com que Deos se offenda; porque todas as suas persuasoens á vontade, precisamente se haõ de dirigir em obsequio, e honra daquelle Deos, que

2. Ad Corint 5. v. 14. 15.

D. Ans. A Lap. in hunc locũ

para nos dar á vida se entregou á morte: *Charitas Christi urget nos, ut et qui vivunt, jam non sibi vivant, sed ei qui pro ipsis mortuus est.*

27 As causas inferiores, assim como saõ subordinadas ás superiores, assim saõ por ellas movidas. A vontade, como inferior, he regida pelo entendimento: e naõ sey com que delirio persuade este á vontade huma offensa contra quem nos remio á custa da propria vida. Aquelles Anjos que executaraõ o incendio de Sodoma, avizáraõ a Lot que se tirasse até onde o naõ offendessem as chammas. Porém Lot naõ acabava de se pôr em salvo. Segunda vez o advertiraõ, e instaraõ com elle os Anjos, para que sahisse da Cidade; e porque Lot se naõ resolvia a fazê-lo, á força pegaraõ delle, e o puzeraõ onde naõ chegaria o incendio: *Dissimulante illo, apprehenderunt manum ejus .... eduxeruntque eum, & posuerunt extra civitatem.* Parece que indiscretamente se empenhavaõ os Anjos em salvar a Lot; porque ou Lot os acreditava, ou naõ? Se os acreditava, e naõ fugia ao incendio, morresse nelle, por temerario. Se os acreditava, acabasse no mesmo incendio, como obstinado. Ora o certo he que, ainda suppostas estas razoens, attenderaõ os Anjos ao que naõ podiaõ faltar. Advertiraõ que na precedente noite se expoz Lot a perder a vida para os defender da violencia, que lhes fazia o povo de Sodoma; e como se lhes faltara a liberdade para obrar, naõ se podiaõ os Anjos resolver, nem tinhaõ acçaõ contra quem expôs a propria vida para os livrar do tumulto, e violencia do povo. Da mesma sorte, naõ haveria em nós liberdade, e deliberaçaõ para offendermos a Deos, se bem quizeramos reflectir, em

Genes. 19. 16. 17.

que

que Christo, para nos remir, e salvar, deo a propria vida, e se entregou á morte. Eu me declaro mais, para que me percebais melhor.

28 He certo que os Bemaventurados, por condição, e propriedade de seu glorioso estado, saõ impeccaveis; porque para peccar lhes falta a liberdade, e por isso a tem mais perfeita, quando só para peccar a naõ tem. Mas qual seja o immediato principio dessa impeccabilidade, he toda a duvida, e grave questaõ entre os Theologos. O mais provavel he, que da clara vista de Deos nasce nos Bemaventurados o seu beatifico amor, e deste a impeccabilidade; porque assim como naõ podem deixar de amar a Deos, assim o naõ pódem offender, nem peccar. O mesmo amor, que lhes tira a liberdade, para querer o que se oppõem á vontade, e amor de Deos, lhes tira a liberdade para peccar. Esta felicidade naõ he para a vida mortal; porque o descanço da paz naõ se logra entre os perigos da guerra. Com tudo, S. Paulo diz, que nenhum trabalho, nenhum perigo, nenhuma tentaçaõ, nenhuma astucia fará descahir da graça de Deos aos que o amaõ perfeitamente em Christo: *Certus sum enim, quia neque mors, neque vita, neque Angeli, neque principatus, neque virtutes, neque instantia, neque futura, neque fortitudo, neque altitudo, neque profundum, neque creatura alia poterit nos separare à charitate Dei, quæ est in Christo Jesu.* Difficultoso Texto; porque a experiencia parece que o está impugnando. Com tudo, S. Lourenço Justiniano o explicou muy ajustadamente ás regras da Theologia Mystica, e Escolastica; porque diz, que quando huma alma perfeitamente ama a Deos, he delle attrahida, e arrebatada

Ad Rom. 8. v. 38. 39.

rebatada para naõ amar coufa alguma fóra do mefmo Deos, pois elle só he tudo quanto effa alma quer, e ama: *Amantem rapit in amabilem, quia ipſe in ſeipſo eſt quidquid in eo amabile eſt.* Daqui infere o Santo Doutor, que eſtando huma alma em gráo de amor taõ perfeito, já ſe póde julgar em eſtado igual ao dos Bemaventurados, ſó com a differença de vida mortal, ou immortal: *Quod cùm in eo fuerit perfectum, jam ſolo mortalitatis velo differt, ac dividitur à Sanctis Sanctorum, à ſumma illa beatitudine ſupercœleſtium.* Diſcorre bem; porque ſe para os que perfeitamente amaõ a Deos, naõ ha couſa agradavel, nem amavel, mais que Deos, nenhuma couſa os poderá apartar do amor de Deos, como nem aos Bemaventurados ha couſa que fóra de Deos ſeja amavel, e por iſſo do amor de Deos naõ ha couſa que os aparte: *Amantem rapit in amabilem, quia ipſe in ſe ipſo eſt, quidquid in eo amabile eſt: Neque mors, neque vita, neque Angeli, neque creatura alia poterit nos ſeparare à charitate Dei, quæ eſt in Chriſto Jeſu.*

D. Laur. Juſt in ligno vit. tract. de orat. c. 10.

29 E deſcobriremos nós algum meyo de chegar a eſſe gráo perfeitiſſimo de amar a Deos neſta vida? Sim; porque ſe com viva Fé nos entregarmos á memoria de que Chriſto nos amou taõ extremoſamente, que ſendo Deos, quiz por nós padecer, e morrer; tanto nos cativaremos de ſeu amor, que nem liberdade nos ficará para o offendermos. He ſentença de S. Gregorio Nyſſeno. *Quomodo enim te non diligam, qui me ſic dilexiſti, ut animam tuam poſueris pro ovibus, quas tu paſcis?* Como ſerá poſſivel, Senhor, q́ vos eu naõ ame (perguntava o Santo) amando-me vós tanto a mim, que por me remir chegaſtes

D. Nyſſæn. Hom. 2.

gaſtes

gastes a dar a vida? Desorte que, no entender deste Grande Padre da Igreja, se representava como imperceptivel, ou impossivel, haver quem naõ amasse a Deos, se o confessava seu Redemptor, á custa da propria vida. Melhor ainda nos ensinará esta doutrina aquella alma dos Canticos de Salomaõ, taõ pratica em amar perfeitamente a Deos, como acertada nos meyos, e regras mais infalliveis de o naõ offender.

30 *Indica mihi quem diligit anima mea, ubi pascas, ubi cubes in meridie, ne vagari incipiam post greges sodalium tuorum.* Oh amado meu (dizia a Espoſa Santa) day-me a saber, e a entender bem o mysterio daquelle ardente meyo dia de vosso amor, em que descançais, dando pasto delicioso ás almas pias, e devotas, para que jámais me naõ aparte de vós. Este meyo dia do amor de Christo, diz Philo Carpacio, e com elle outros, era a Cruz, em que Christo á hora do meyo dia, e na mais ardente fadiga de seus tormentos, descançou de todos os seus trabalhos, entregue ao somno da morte: *Petit quomodo Christus in meridie, id est, in ferventissimo dolorum, & tormentorum æstu, ad horam nempe sextam, in duro Crucis lectulo cubuerit.* E bem entendia a discreta, e Santa Espoſa, que para se naõ apartar do amor, e graça de seu Espoſo: *Ne vagari incipiam*; bastaria trazer no pensamento, e conservar em sua memoria a Christo crucificado: *Indica mihi ubi pascas, ubi cubes in meridie*; porque naõ haverá quem, lembrando-se do excessivo amor, com que Christo se entregou á morte para nos salvar, falte em conresponder-lhe com amor taõ intenso, e taõ perfeito, que imitando ao dos Bemaventurados, se impos-

Cant. 1.6.

Philo Carp. Alap. in hũc loc.

impossibilite a offendê-lo: *Quomodo enim te non diligam, qui me sic dilexisti, ut animam tuam posueris pro ovibus quas tu pascis?*

31 Quando eu bem reparo, em que tenhamos liberdade, e deliberaçaõ para offender a hum Deos, que se fez Homem, padeceo, e morreo para nos remir, sem que taõ extremosas finezas prendaõ a nossa liberdade, e cativem o nosso amor, entro a duvidar, se he isto em nós falta de Fé. Eu naõ sey como póde offender, e injuriar ao Redemptor quem crê nos mysterios da Redempçaõ. O Lutherano, e o Calvinista fazem sem temor hum desacato á Hostia, que nós adoramos consagrada, porque naõ crem que nella esteja realmente Christo, postoque o confessáraõ, quando lhes pareceo honesto, e conveniente naõ contradizer o que naõ podiaõ negar. O Judeo se affronta de adorar a Cruz, porque nega, que o Crucificado nella era Filho de Deos. O Catholico, pelo contrario, offende com desprezo a Christo, e como diz S. Paulo, torna a crucificar o Filho de Deos quando pecca: *Rursum crucifigentes sibimetipsis Filium Dei:* e diz que tem Fé, e crê que Christo he seu Deos, e verdadeiro Redemptor! Isto pode ser? Póde, porque a Fé só se perde pela culpa da infidelidade. Mas que tal será a Fé, que tem nos mysterios da Redempçaõ quem offende ao Redemptor? He huma Fé, da qual com razaõ se póde rir o Gentio, e escandalizar o Judeo: *Prædicamus Christum Crucifixum, Judæis quidem scandalum, gentibus autem stultitiam.* O Judeo se póde escandalizar, vendo que offendemos a Christo, a quem confessamos por nosso Redemptor. O Gentio se póde rir, ouvindo-nos prégar, que Deos se fez Homem, e mor-

V.Becan. de Sacram. in spec. c. 18. q. 2.

Ad Hebr. 6. 6.

1. Ad Corint 1. 28.

e morreo para nos salvar, vendo, ao mesmo tempo, que ainda assim o offendemos. Finalmente, comparando a nossa Fé com as nossas obras, se póde tambem rir, e alegrar o demonio: *Diabolus exhilaratur*; por ver taõ mal servido, e taõ ingratamente cõrespondido quem nos remio a nós, e naõ a elle.

§. V.

32 ULtimamente: se o demonio mostra alegria quando nos vê peccar, porque tem occasiaõ de blasfemar contra Deos, contra a sua Justiça, e contra a sua Misericordia; por isso mesmo devemos nós abominar toda a culpa, por ser materia de irrizoens, e occasiaõ de taõ horrendas insultaçoens a huma Magestade suprema, a quem devemos servir, louvar, e adorar. Se em nós houvera perfeito zelo da honra de Deos, este motivo (como taõ heroico) bastára para nos contêr de o offendermos, e para evitarmos occasioens, em que o seu veneravel nome seja com tanto opprobrio, e irrizaõ blasfemado pelo demonio. David acceitou o desafio do Gigante, e naõ temeo entrar com elle á peleja, em que o risco de sua vida era taõ evidente; só por naõ ouvir os opprobrios que aquella boca infernal, chêa de jactancia proferia contra Deos: *Venio ad te in nomine Domini exercituum, Dei agminum Israel, quibus exprobrasti hodie.* Saul vendo-se mal ferido, mandou que lhe tirassem a vida, receando acabá-la em maons de Filisteos, que se haviaõ de comprazer, affrontando á hum Rey de Israel, e nelle a Deos, que o elegeo para o throno: *Percute me, nè fortè veniant incircumcisi isti, & interficiant me, illudentes mihi.* Este fim temporal teve Saul; e se bem naõ ha certeza da sorte que acharia na Eternidade, saõ

1. Reg. 17. 45.

1 Reg. 13. 4.

muitos

muitos os Doutores, que pelas circumstancias da morte, inferem que a teve boa. Tomar a morte por suas maons ninguẽ o approvará, sendo por cõmodo particular, ou respeito humano; mas entregar a vida como Saul, com estimulo superior, para que na pessoa do Rey de Israel naõ pudessem os Idolatras executar opprobrios, e insultaçoens contra o verdadeiro Deos; era fim taõ heroico, e taõ louvavel, que podia ser digno de eterna gloria. Por esta razaõ louva o Sagrado Texto o brio, e valor, com que Razias, para si mesmo impio, se matou, antes que fosse occasiaõ de ser nelle insultado, e injuriado aquelle unico Deos, cuja ley inviolavelmente guardava: *Eligens nobiliter mori potius, quàm subditus fieri peccatoribus, & contra natales suos indignis injuriis agi.* Nós porêm, que em nada estimamos a honra de Deos, nenhum apreço fazemos de o offender lisongeando ao demonio, a quem, em cada vez que peccamos, offerecemos materia, para renovar insultaçoens, opprobrios, e irrisoens contra Deos.

Lyra cũm DD. Hebr. in hunc locũ, & in 1. Paralip. c. 10

2. Machab. 14. 42.

33 Dissera eu (acertadamente se bem discorro) que peccando, conspiramos com o demonio, e com elle fazemos concordia contra Deos, para igualmẽte o affrontarmos: hum com a obra, outro com a palavra; hum com a maõ, outro com a lingua; porque ao mesmo tempo que o peccador commette a culpa, ao demonio move a lingua, e faz blasfemar contra Deos. Quando David peccou no adulterio com Bethzabee, e no homicidio de Vrias, Nathan o reprehendeo, dizendo-lhe que fizera aos inimigos de Deos blasfemar contra elle: *Blasphemare fecisti inimicos Domini.* Pois he de crer, que David fizesse blasfemar alguem contra Deos, sendo taõ zeloso

2. Reg. 12. 14.

loso da sua honra? Responde o Texto que sim; pela occasiaõ que lhes deo para que o fizessem. E se estivermos pelo que David nos dá a entender, e à sentir acerca das irrisoens, e blasfemias proferidas contra Deos pelo Demonio; vendo a qualquer homem peccar, poderemos affirmar com verdade, que o homem he o que diz as blasfemias, e irrisoens contra Deos, ainda que pelo demonio sejaõ proferidas.

34 Este Profeta, e penitente Rey pondera com muita individuaçaõ, e com muita miudeza expõem as circunstancias todas, e abominaçoens, em que precisamente incorrem os homens peccando, e conclue assim: *Posuerunt in cœlum os suum, & lingua eorum transivit in terra.* Puseraõ a boca no Ceo, e passaraõ a lingua para a terra. O pôr a boca no Ceo, segundo expõem S. Jeronymo, he proferir calumnias, e irrisoens contra Deos: *Irriserunt, & locuti sunt in malitia, calumniam in cœlo loquentes.* E haverá homem taõ sem temor de Deos, que além de o offender, se atreva a proferir calumnias contra elle, e a tratá-lo com irrisoens? Naõ. O demonio he o que faz essas irrisoens, he o que profere essas blasfemias contra Deos; mas nem o demonio teria para isso boca, se lhe naõ deraõ os homens occasiaõ com as suas culpas. Esta he a propriedade com que disse o Profeta, que a lingua dos peccadores passou para a terra: *Lingua eorum transivit in terra.* Passou para as bocas infernaes, que no centro da terra estavaõ sem lingua para fallar contra Deos: e nellas põem as suas linguas os que peccaõ, porque as movem a proferir tantos opprobrios contra Deos, e a fazer delle tantas irrisoens, como se foraõ pelas mes-

Psal. 72. 9.

D. Hieron.

mesmas linguas dos homens proferidas. As nuvens diz Moyses que discorrem sobre a magnificencia de Deos: *Magnificentiâ ejus discurrunt nubes*; porque a vaõ prégando por todo o mundo: *Prædicando per mundum*, expõem a Interlineal. Tambem os Ceos, como diz David, incessavelmente estaõ relatando, e publicando a gloria de Deos: *Cæli enarrant gloriam Dei.* Naõ porque em taõ alto assumpto possaõ os Ceos, ou as nuvens, ter vozes e palavras com que se expliquem; sim porque nos offerecem inexhaurivel materia, para louvarmos, e admirarmos a gloria, e magnificencia do seu Author. Assim tambem. Os homens saõ os que por boca do demonio blasfemaõ contra Deos, e o vituperaõ com irrisoens, todas as vezes que o offendem; porque peccando offerecem ao demonio occasiaõ, e materia para o q́ proferem, como se lhes fora suggerido, e inspirado pela boca, e lingua dos homens: *Posuerunt in cœlum os suum, & lingua eorum transivit in terra.*

Deutheron. 33. 26.

Interlin. ibid.

Psal. 18. 1.

35 Agora para total comprehensaõ, e abominaçaõ da injuria, e affronta, que a Deos fazem os homens, quando por occasiaõ de suas culpas insultaõ a Deos com irrisoens, ou ao demonio incitaõ para que o faça; quizera eu pôr na balança da razaõ mais ajustada, e nella examinar, e pezar, qual para Deos será mais sensivel, e mais grave offensa: a culpa cõmettida pelos homens contra elle, ou a insultaçaõ, e irrisaõ, que com esse motivo faz o demonio, exprobrando, e vituperando a Deos as operaçoens de sua Justiça, e de sua Misericordia? Naõ he difficil a decisaõ; porque sem controversia he bem patente, que mais sensivel, e mais aggravante para Deos, he ser

ſer com irriſoens inſultado pelo demonio, quando o offendemos, que a meſma culpa, e offenſa por nós commettida contra elle. Vamos ao que aconteceo na peregrinaçaõ do deſerto, e ſe refere nos livros do Exodo, e Deutheronomio, onde acharemos approvada, e confirmada a noſſa reſoluçaõ.

36 Na auſencia, que por quarenta dias fez Moyſés, em quanto particularmente tratava com Deos no monte Sinai, para delle receber a Ley, e ouvir os preceitos, e ceremonias do antigo Teſtamento; o povo, ſempre inclinado a idolatrar, formou em Horeb os bezerros de ouro, e os adorou, e lhes offereceo ſacrificios. Indignado Deos por taõ grave culpa, e irado contra os idolatras, communicou a Moyſés a reſoluçaõ, que tomava de deſtruir, e acabar de todo aquelle povo taõ rebelde, e taõ ingrato: *Dimitte me, ut iraſcatur furor meus contra eos, & deleam eos.* Que diria, e que obraria neſte caſo Moyſés, que era taõ zeloſo da honra de Deos? Ouvireis agora. Que he, Senhor, o que intentais obrar? Quereis acabar, e deſtruir eſte povo? Rogo-vos, que o naõ façais; porque ſe encheráõ de goſto os Egypcios, achando larga materia para blasfemar de vós, e inſultar voſſo ſanto Nome, dizendo que com prodigios, e portentos, caviloſamente conduziſtes a eſte deſerto os Iſraelitas, para lhes tirares a vida, e lhes negares a ſepultura: *Nè quæſo dicant Ægyptii, callidè eduxit eos, ut interficeret in montibus, & deleret de terra*; e foy de tanto pezo para Deos eſta razaõ, e ponderaçaõ de Moyſés, que com ella ſe applacou, e ſuſpendeo o caſtigo, com que na ſua mayor indignaçaõ intentava punir o delicto mais atroz daquelle povo: *Placatus que eſt Dominus, ne face-*

Exod. 32. 10

V. 12.

V. 14.

ret malum, quod locutus fuerat adverſus populum ſuum.

37 Naõ póde paſſar o caſo ſem grave admiraçaõ noſſa. O peccado com que o povo Iſraelitico tanto irritou a Deos, naõ podia ſer mayor; porque era de idolatria: *Peccavit populus iſte peccatum maximum, feceruntque ſibi Deos aureos.* Naõ havia circunſtancia que o deſculpaſſe; porque concorriaõ todas as que o podiaõ fazer mais aggravante. E ſuſpende Deos hum caſtigo taõ merecido, com o qual oſtentaria a ſua Juſtiça, e poria fim ao execrando vicio da idolatria? Sim, pela reſultancia, que ſe previa já. Caſtigando Deos aquelle povo, como o ſeu delicto pedia; que naõ diriaõ os Egypcios contra o Deos de Iſrael? Que irriſoens naõ fariaõ contra o ſeu veneravel, e ſanto Nome? Pois para que Deos naõ ſeja, por eſte modo, mais ſenſivel, e mais gravemente affrontado; ſuſpenda-ſe o caſtigo da idolatria, applaque-ſe a ira Divina, e naõ ſe exponha á injuria (ainda mais aggravante, e intolleravel) de ſer a irrizaõ, e opprobrio de ſeus inimigos: *Nè quæſo dicant Ægyptii, callidè eduxit eos, ut interficeret in montibus, & deléret de terra. Placatusque eſt Dominus, nè faceret malum.*

Ibid. 31.

38 Moyſés corroborava a ſua deprecaçaõ a favor do povo, com eſte empenho, ou com eſte raro encarecimento: *Aut dimitte eis hanc noxam, aut ſi non facis, dele me de libro tuo.* Peço-vos, Senhor, [dizia] que ou perdoeis a eſte povo a culpa, que commetteo, ou ſe aſſim o naõ haveis por bem, me riſqueis do voſſo livro, em que eſtaõ eſcritos os nomes dos voſſos eſcolhidos. Rara difficuldade para os Expoſitores do Texto! Vendo Moyſés huma publica

V. 31, & 32.

blica idolatria, taõ affrontosa para Deos, póde ficar com vida; e escolhe ser antes riscado do livro da vida, que ver esses idolatras castigados? Parece que sim, attendido o Texto: naõ porque preferisse o bem das creaturas á honra do Creador; mas porque receava, e previa o gosto, e prazer, com que os Egypcios haviaõ de blasfemar contra Deos: e no conceito de Moysés era menos sensivel a gravissima culpa da idolatria, que os vituperios, e irrisoens com que affrontariaõ a Deos seus inimigos: *Nè quæso dicant Ægyptii, callidè induxit eos, ut interficeret in montibus, & deléret de terra.*

39 Daqui parece aprendeo David o modo de obrigar a Deos, quando o queria propicio para o perdaõ, porque tambem lhe rogava assim: *Exurge Domine adjuva nos, & libera nos propter nomen tuum.* Senhor, ajuday-nos, e livray-nos, naõ por nós, mas por vós, e pela reputaçaõ do vosso nome: *Ut venerationi sit nomen tuum, & ne ab idolatris blasphemetur*, expõem Euthymio. A vossa honra, e o vosso nome he o que unicamente vos póde obrigar a vós; attendey pois ao que de vós diraõ os que vos naõ adoraõ, e porque delles naõ sejais vituperado, e blasfemado, uzay de piedade, e naõ de justiça com os que vos temos offendido: pois menos aggravantes vos seraõ as nossas culpas, do que as irrisoens, e blasfemias, que contra vós se preparaõ pelo justo, e merecido castigo de nossas culpas: *Exurge Domine adjuva nos, & libera nos propter nomen tuum: Ut venerationi sit nomen tuum, & nè ab idolatris blasphemetur.*

Psal. 43. 26.

Euthym. hic

40 E se quereis a razaõ de ser para Deos menos aggravante a culpa, que a irrisaõ com que o demo-

nio o insulta, quando o vê offendido, he; porque dos homens se o offendem, bem póde Deos exactamente reivindicar a sua honra, ou castigando, ou perdoando. Se os castiga, mostra que he Deos de Justiça para punir o delinquente: se perdoa, mostra que he Deos de Misericordia, para se compadecer da fragilidade contrita, e humilhada. Por hum, ou por outro modo, já aquella honra, que o peccador tirou a Deos offendendo-o, lhe fica restituida, ou pela contriçaõ, ou pelo castigo da culpa. Mas para as irrisoens, e opprobrios, com que o demonio applaude as offensas, que contra Deos se commettem, nem póde haver castigo, nem Misericordia. Castigo naõ, porque naõ está já o demonio em estado de merecer nova pena. Misericordia muito menos, porque para esta naõ ha lugar depois da condẽnaçaõ eterna. Pois se para Deos he mais aggravante, e sensivel a irrisaõ feita pelo demonio, que a mesma culpa commettida pelo homem, nos abstenhamos nós de mais peccar; porque em nossas culpas naõ tenha o demonio occasiaõ de mostrar, em suas irrisoens contra Deos, que se alegra vendo que o offendemos: *Diabolus exhilaratur*.

DD. cum Magis. in 4. dist. 50. in initio.

§. VI.

41 ESTES saõ os estimulos, que devemos tirar das irrisoẽs, em que o demonio mostra o seu prazer, quando nos vê peccar, para com estes incentivos nos abstermos de toda a culpa: e esta he a ultima ponderaçaõ, que offerece o Carthusiano, Doutor Extatico, aos que solicitando a salvaçaõ eterna desejaõ purificar-se das culpas, com q̃ tantas vezes tem merecido a eterna condemnaçaõ: *Lava à malitia cor tuum Jerusalem, ut salva fias.*

Qual-

Qualquer dos motivos ponderados neſtas cinco tardes póde ſer efficaz para eſte fim, ſe os noſſos coraçoẽs, deſpidos de obſtinaçaõ, abraçarem as inſpiraçoens com que Deos os chama na doutrina do ſeu Profeta, que ainda hoje a nós eſtá clamando, como antigamente a Jeruſalem. Ainda hoje nos eſtá prégando a fealdade horrenda de huma alma, que pela culpa, além de perder a incomparavel formoſura da Graça, tambem perdeo aquella natural formoſura, tao imitadora da Divina, a cuja ſimilhança foy creada, para ſer huma perfeita imagem de Deos. Ainda hoje nos eſtá propondo a graviſſima injuria, que faz a Deos quem o offende, ſem acatamento, e ſem reſpeito á ſua Immenſa, e Infinita Mageſtade, como ſe naõ fora Deos, como ſe naõ fora Omnipotente, nem Immenſo, nem Juſto; para em toda a parte ſer adorado, reverenciado, e temido. Ainda hoje nos eſtá perſuadindo quam grave ſeja a perda do tempo, que ſe naõ empregou em ſervir a Deos, para que ſe appliquem os meyos, com que ſe póde recuperar. Ainda hoje nos eſtá deſpertando com a certeza de que ſeraõ eternas as penas, com que no Inferno haõ de ſer punidas as culpas, os deleites, as utilidades injuſtas, que neſta vida foraõ temporaes, e de quaſi inſtantanea duraçaõ. Finalmente: ainda hoje nos eſtá exhortando, que commettendo nós qualquer peccado, ha no demonio claras moſtras de prazer, porque lhe offerecemos larga materia para irriſoens, que faz, e blasfemias que diz contra Deos, contra a ſua Juſtiça, e contra a ſua Miſericordia: *Anima deturpatur, Deus inhonoratur, tempus amittitur, æterna pœna acquiritur, Diabolus exhilaratur.* Penetre cada huma deſtas ponderaçoens

 a obſti-

a obſtinaçaõ de noſſas almas, para que conhecendo o proprio damno, e perdiçaõ, e mais que tudo a offenſa, que pela culpa ſe faz a Deos, nos reſolvamos já de huma vez a purificar noſſos coraçoens para merecermos, e conſeguirmos a ſalvaçaõ eterna: *Lava à malitia cor tuum Jeruſalem, ut ſalva fias.*

FINIS.

INDICE

INDICE

DOS LUGARES DA SAGRADA ESCRITURA.

Com os primeiros numeros se apontaõ os Sermoens: com os segundos os paragrafos de cada Sermaõ.

Ex Libro Genesis.

Ex Libro Exodi.

no super utrumque humerum. Ibid.
20. Inclusi auro erunt per ordines suos. Ibid.
29. Portabit Aaron nomina filiorum Israel in rationali judicii super pectus suum. Ibid.
35. Et vestietur eâ Aaron in officio ministerii, ut audiatur sonitus, quando ingreditur, & egreditur Sanctuarium. Ibid 43.
30 18. Facies & labrum æneum cum basi sua ad lavandũ. IX. 38.
19. Lavabunt in ea Aaron, & filii ejus manus suas, & pedes. Ibid.
32. 10. Dimitte me, ut irascatur furor meus contra eos. XIII. 16.
12 Ne quæso dicant Ægyptii, callidè induxit eos, ut interficeret in montibus, & deleret è terra. Ibid.
14 Placatusque est Dominus nè faceret malum, quod locutus fuerat adversus populum suum. Ibid.
31. Peccavit populus iste peccatum maximũ, fecerũtque sibi deos aureos. Aut dimitte eis hãc noxã, Ibid. 37. 38
32. Aut si hoc non facis, dele me de libro tuo. Ibid. 38.
33. 3. Non enim ascendã tecum, quia populus duræ cervicis es, nè fortè disperdam te in via. XII. 9.
4. Audiens populus sermonem hunc pessimũ luxit. Ibid.
5. Semel ascendam tecum, & delebo te. Ibid.
18. Ostende mihi gloriam tuam. IV. 30.
20. Non poteris videre faciem meam, non enim videbit me homo, & vivet. Ibid.
23. Faciem meam videre non poteris. Ibid.
38. 8. Fecit, & labrum æneum cum basi sua de speculis mulierum. IX. 38.

Ex Libro Numeri.

14. 14. Nubes tua protegat illos, & in columna nubis præcedas eos. III. 15. 33.
16. 31. Dirupta est terra sub pedibus eorum. XIII. 16.
32 Et aperiens os suum devoravit illos, cum tabernaculis suis, & universâ substantiâ eorum Ibid.
20. 25. Tolle Aaron, & filium ejus cum eo, & duces eos in montem Hor. II. 42.
26 Cũque nudaveris patrem veste suâ, indues eã Eleazarũ filium ejus: Aaron colligetur, & morietur. Ibid.
28. Cumque Aaron spoliasset vestibus suis. Ibid. 45.

21. 6.

Ex

Ex Libro secundo Regum.

33. 31. PLangite ante exequias Abner. II. 4.
32. Cumque sepelissent Abner in Hebron, levavit Rex David vocem suam, & flevit super tumulum Abner, flevit autem & omnis populus. Ibid.
12. 13. Dominus quoque transtulit peccatum tuum. IX. 8.
14. Blasphemare fecisti inimicos Domini. XIII. 33.
18. 18. Erexit sibi titulum. III. 22.

Ex Libro tertio Regum.

2. 8. JUravi ei per Dominum dicens, non te interficiam gladio. II. 33.
3. 14. Si autem ambulaveris in viis meis, & custodieris præcepta mea, sicut ambulavit pater tuus, lõgos faciam dies tuos. XI. 11.

Ex Libro quarto Regum.

2. 8. TUlitque Elias palliũ suum, & involvit illud, & percussit aquas, quæ divisæ sunt inter utrãque partem, & transierunt ambo per siccum. IV. 26.
9. Obsecro ut fiat in me duplex spiritus tuus. Ibid.
10. Si videris me quãdo tollar à te, erit tibi quod petisti. Ibid.
14. Percussit aquas, & divisæ sunt huc atque illuc, & transivit Eliseus. Ibid.
15. Videntes autem filii Prophetarum, qui erant in Jericho è contra, dixerunt: requievit spiritus Eliæ super Eliseum. Ibid.

Ex Libro Tobiæ.

5. 26. NOli flere; salvus perveniet filius noster, & salvus revertetur ad nos, & oculi tui videbunt illum. V. 30.
28. Ad hanc vocem cessavit mater ejus flere, & tacuit. Ibid.
10. 3. Cœperunt ambo flere, eoquod die statuto minime reverteretur filius eorum ad eos. Ibid.
4. Flebat igitur mater ejus irremediabilibus lacrymis. Ib. 43. XI. 2
12. 13. Et quia acceptus eras Deo, necesse fuit ut tentatio probaret te. VI. 28.

Ex Li-

Ex Libro Job.

Ex Libro Pſalmorum.

ad

eum

Ex Libro Ecclesiastes.

Ex Libro Canticorum.

Ex Libro Sapientiæ.

Ex Prophetia Jeremiæ.

Ex Threnis Jeremiæ.

Ex Prophetia Baruch.

Ex Prophetia Ezechielis.

& justitiam, Ibid. 11.

15. Et pignus restituerit ille impius, rapinamque reddiderit, in mandatis vitæ ambulaverit, nec fecerit quidquam injustum, vita vivet, & nõ morietur. Ibid.

Ex Prophetia Danielis.

4. 11. SUccidite arborem, & præcidite ramos ejus. XI. 17.

24. Peccata tua eleemosinis redime, & iniquitates tuas misericordiis pauperum; forsitan ignoscet delictis tuis. Ibid.

13. 23. Melius est mihi absque opere incidere in manus vestras, quam peccare in conspectu Domini. X. 32.

Ex Prophetia Osee.

2. 14. DUcam eam in solitudinem, & loquar ad cor ejus. V. 23.

5. 13. Et ipse non poterit sanare vos, nec solvere poterit à vobis vinculum. XI. 19.

6. 10. In domo Israel vidi horrendum. IX. 20.

9. 12. Væ eis, cum recessero ab eis. XII. 8.

Ex Prophetia Joel.

2. 3. ANte faciem ejus ignis vorans. IX. 39.

Ex Prophetia Jonæ.

3. 4. ADhuc quadraginta dies, & Ninive subvertetur. XI. 28.

9. Quis scit si convertatur, & ignoscat Deus, & revertatur à furore iræ suæ? Ibid.

Ex Prophetia Habacuc.

3. 2. CUm iratus fueris misericordiæ recordaberis. XIII. 20.

10. Viderunt te & doluerunt montes. VII. 39.

Ex Prophetia Zachariæ.

9. 17. QUid enim bonum ejus est, & quid pulchrum ejus, nisi frumentum electorum, & vinum germinans virgines? VII. 4.

Ex Libro secundo Machabæorum.

9. 13. ORabat autem hic scelestus Dominum, à quo nõ esset misericordiam consequuturus. XI. 24.

14. 42. Eligens nobiliter mori potius, quàm subditus fieri peccatoribus, & contra natales suos indignis injuriis agi. XIII. 32.

Ex D. Matthæo.

Ex D. Marco.

10.

Ex

Ex Libro Apocalypsis.

INDICE

Das cousas mais dignas de serem notadas.

A letra S. indica o Sermaõ: o seguinte num. aponta o paragrafo.

A

perdeo o mundo a formosura em que foy creado: e os astros perderaõ a mayor parte da luz que tinhaõ, n. 25. & seq. Tantoque peccou se escondia de Deos; e bem quizera que Deos naõ fora immenso; ou que pudesse de alguma sorte faltar-lhe com o castigo, S. X. n. 7. & seq.

Admiraçaõ.

A grandeza do Sacramento Eucharistico só se explica com admiraçoens, S. VII. n. 5. O que por sua grandeza se naõ póde comprehender, bem se explica com huma admiraçaõ, Ibid. Hum O he o termo com que a natureza, ainda entre barbaros, exprime a sua admiraçaõ, Ibid. A figura desta letra representa huma infinidade, porque huma grandeza, aindaque infinita, cabe em huma admiraçaõ, Ibid.

Alma racional.

Fealdade de huma alma, que está em peccado, S. IX. n. 17. & seq. o que observou Santa Thereza, vendo huma alma em peccado, n. 24. Quanto mais se conhece a formosura de huma alma, tanto mais sensivel se faz a enormidade, em que a pôs o peccado, n. 28. Quanta, e quam admiravel seja a formosura natural de huma alma, n. 29. & seq. Naõ ha comparaçoens, que o possaõ bem declarar, ou dar a conhecer, Ibid. Quem visse tanta formosura, entenderia que nem Deos a excede na formosura, n. 31. 32. E se á natural formosura de huma alma ajuntarmos a sobrenatural, que lhe provêm da graça, e mais habitos sobrenaturaes, só comparando-a com a formosura Divina, a explicaremos bem, n. 33. & seq. A fealdade a que huma alma se redúz pelo peccado, tanto se deve sentir, e chorar, quanto se devia estimar a formosura de sua natural substancia, e da graça, que a santificava, n. 36. Pede a razaõ, que com lagrimas lavemos, e purifiquemos as manchas, e enormidades do peccado em nossas almas, n. 37. & seq. Purificando-se huma alma com lagrimas de contriçaõ, se restitue á formosura, que tinha antes de commetter a culpa, e perder a graça, n. 39.

Amor.

De dous amantes fingiraõ os humanistas, que derretidos na forja de Vulcano, sahiraõ naõ mais de hum, sem distinçaõ, S. VII. n. 25. Ferida do amor naõ mata, a quem ama; antes lhe augmenta a vida, S. IV. n. 23. Quem muito ama, naõ se esquece; porque o amor lhe arrebata a vontade, para a empregar no amado: e a vontade lhe move a memoria, para se lembrar, S. V. n. 21. & seq. Jacob, porque muito amava a Raquel, naõ se podia della esquecer, n. 22. Assim como a me-

memoria fempre defperta o coraçaõ, para fe empregar no que ama; tambem o coraçaõ excita na memoria efpecies, para fe naõ efquecer de quem ama, n. 23. Quando huma alma já em eftado muy perfeito ama a Deos, he delle attrahida, e arrebatada para naõ amar outra alguma coufa fóra de Deos, S. XIII. n. 28. Eftando huma alma nefte gráo taõ alto de amor perfeitiffimo, já fe póde julgar em eftado de alguma fórte igual ao dos Bemaventurados, Ibid.

Anjos.

Pelo arrependimento de hum peccador fe alegraõ no Ceo os Anjos de Deos; vendo que fe lucra huma alma, que eternamente o ha de louvar na Gloria, S. XIII.n.2.

Santo Anfelmo.

Dizia efte Santo Doutor, que antes em graça de Deos no Inferno, do que em peccado no Ceo, S. XII.n. 17.

Arreppendimento.

Santo Agoftinho defconfiava da contriçaõ, e falvaçaõ dos que vivendo defcuidados della, fó na hora da morte davaõ finaes de arrependimento, S. XI. n. 21. e S. Cypriano lhes prohibia o Sacramento da Penitencia: excepto cafo de extraordinario arrependimento, Ibid. Antiocho parecia dar grandes finaes de arrependimento na morte, e com tudo naõ confeguio de Deos mifericordia, e perdaõ de feus crimes, n. 23. 24. Porque ignoramos a quanto tempo, ou até quando fe eftende o prazo, que Deos confignou a cada hum de nós, para fe arrepender, e melhorar a vida, devemos naõ dilatar o noffo arrependimento hum fó inftante, n. 40.; principalmente porque paffado effe prazo, aindaque os auxilios de Deos nos naõ faltem, faltaremos nós em os aproveitar, e abraçar, n.40.& 41. Vid. *Anjos.*

Aftros.

Perderaõ grande parte da luz com que foraõ formados, tantoque Adaõ peccou, S. IX. n.25. & feq. No fim do mundo haverá hum geral incendio, com o qual fe haõ de purificar os Ceos, e os Aftros das impuridades, e manchas, com que as noffas culpas os contaminaraõ, n. 39. Purificados affim os Aftros, fe haõ de tornar, e reftituir á primeva luz, e formofura de fua creaçaõ, Ibid.

Auxilios.

A refiftencia, que em vida pomos aos auxilios, com que Deos nos chama, nos faz indignos de que os tenhamos na morte, S. XI. n.18. Affim como Deos attende á opportunidade do tempo, para que a noffa liberdade abrace os auxilios de fua graça: affim obferva o tempo

B

Bemaventurança. Bemaventurados.

S. Bento.

derramou no Horto, e em toda a Paixaõ buscava a terra, e para ella corria, como preço applicado por Adam, e toda a mais natureza humana, n. 10. Nas Chagas de Christo se representaõ as culpas dos homens, n. 12. Foraõ humas Chagas mais crueis, e mais penetrantes que outras, porque humas culpas seriaõ mais enormes, e mais aggravantes que outras, Ibid. O Corpo de Christo he o Templo, que S. Joaõ vio se abria no Ceo, n. 14. A Chaga do lado era a porta desse Templo, ibid. Os merecimentos de Christo saõ de infinito valor, S.I. n. 19. Ainda os que Christo especialmente applicava por alguns particularmente determinados, eraõ para todos os homens meritorios, n. 19. & 20. A lança que lhe abrio o lado, tambem lhe traspassou o coraçaõ de parte a parte, n. 4. & 21. Offereceo Christo o Sangue do coraçaõ, para remedio, e preservaçaõ de sua Mãy Santissima, para inteiramente conresponder ao intenso amor, com que a Senhora para elle deo o Sangue do coraçaõ, n. 21. & seq. Aindaque a Paixaõ de Christo para Deos foy de infinito agrado, e honra, a acçaõ dos executores della era ao mesmo Deos odiosa, pois era peccaminosa, e sacrilega, n. 35. Christo offereceo tambem por sua Mãy Santissima o Sangue do Sacramento com especialidade, para a preservar da culpa, para que o preço da Redempçaõ della fosse em todo o sentido gratissimo a Deos, sem que entrasse a cooperar a culpa, n. 34. & seq. No Horto quiz Christo dar, a impulsos de seu amor, o Sangue, que o odio lhe havia de tirar nos tormentos da Paixaõ, n. 37. Offerecendo Christo por sua Mãy Santissima o Sangue do coraçaõ, mostrou a excellēcia da preservaçaõ della, n. 38. & seq. Dizendo o Texto Sagrado que Christo no Ceo está á maõ direita do Eterno Padre, denota o excellente lugar, que tem na Gloria, n. 39. Offerecendo Christo particularmente por sua Mãy Santissima o Sangue do coraçaõ, mostrou que a preservava, e remia com o dispendio mais precioso, n. 40.; e que por sua Mãy Santissima principiava, e acabava a Redempçaõ do mundo, Ibid. Quiz tambem mostrar, que toda a sua vida, do primeiro alento até o ultimo, se empregava na preservaçaõ, e Redempçaõ de sua Mãy Santissima, Ibid. Christo no Horto temeo a morte, S.IV. n. 10. No Calvario, a morte temeo a Christo, e para lhe tirar a vida foy preciso que Christo a chamasse com a inclinaçaõ da cabeça, n. 17. Temeraõ os executores que Christo expirasse antes de ser crucificado; e Pilatos ouvindo que Christo expirou depois de estar tres horas na Cruz, se admirou de que taõ brevemente morresse, n. 19. Razaõ destes encontrados juizos, Ibid. Só depois de morto foy Christo ferido,

D

David.

EM sua vida naõ castigou a Semei, nem a Joab : e estando para morrer, ordenou a Salomaõ seu successor, que os matasse, S. II. 33.

Demonio.

Peccando algum homem, mostra o Demonio muito prazer, pela perdiçaõ de huma alma, que eternamente ha de blasfemar de Deos no Inferno, S. XIII. n. 2. Insultaçoens com que o demonio injuría a Deos, e blasfema de sua Justiça, e de sua Misericordia, quando vê aos homens peccar, n. 3. 4. V. *Homem.*

Deos

Naõ póde deixar de ver, e conhecer o que está vendo ; porque a sua propria natureza he a especie que lho representa, e he entendimento, que conhece, S. V. n. 26. Tudo creou Deos para gloria sua, S. VII. n. 7. Se creara infinitos mundos, naõ resultaria de todos elles para Deos tanta gloria, quanta se lhe deve, e a de que elle he digno. n. 8. 9. Por isso decretou que incarnasse o seu Unigenito Filho ; porque só huma Pessoa Divina lhe poderia dar toda a honra, que se deve a Deos, Ibid. Ainda supposta a Incarnaçaõ do Divino Verbo, se Christo naõ instituira o Sacrificio do Altar, naõ receberia Deos toda a honra, e toda a gloria, que lhe he devida, n. 11. A acçaõ mais principal, com que os homens em todas as idades do mundo honraraõ a Deos, he a offerta dos Sacrificios, Ibid. V. *Sacrificio do Altar.* O fim da Incarnaçaõ, e do Sacrificio do Altar he a gloria, que resulta a Deos de hum, e outro mysterio, S. VII. n. 14. & seq. V. *Creatura.* Sendo em Deos o attributo da Justiça indistincto da sua natureza ; o acto desta Justiça, quando castiga, parece violento, e naõ natural ao mesmo Deos, S. X. n. 19. Para Deos nos perdoar, e usar comnosco de Misericordia, a sua propria natureza, e bondade o move ; para nos castigar, naõ se move de si, sem ser movido, e provocado por nós, n. 17. Deos he taõ inclinado á Misericordia, que para castigar, parece que primeiro entra a lutar comsigo mesmo, até vencer em si a propria resistencia que tem, para executar o castigo, n. 19. & seq. Pareceo, que Deos estimou em mais a honra de seu Filho, que a vida delle, n. 36. 37. e os homens além de lhe tirarem a vida, lhe tiraõ a honra, em qualquer vez que peccaõ, Ibid. Deos, ainda quando castiga he pio, e até com os condemnados, que estaõ no Inferno, osten-

minima intenſaõ de ſeu fogo; e huma lagrima baſta para apagar o fogo todo do Inferno, n.39. V. *Inferno.* V. *Condemnados*,

S. Fulgencio.

V. *Expectaçaõ do Parto da Mãy de Deos.*

Fumo.

O fumo, que hum condemnado exhalou de ſi, baſtou para matar quantos viventes ſe achavaõ em certo lugar, S.XII. n.25.

G

Santa Gertrudes.

CHriſto ſe lhe repreſentou na forma em que por noſſo amor foy açoutado, S. X.n.27. Diz a meſma Santa Gertrudes, que tambem no roſto, e nos olhos, lhe vira feridas, e ſinaes de açoutes; e porque myſterio, e razaõ. Ibid.

Graça.

Cada hum dos Sacramentos produz diſtincta, e diverſa graça; e todos elles incluem alguma eſpecialidade particular, ſobre a graça ſantificante, naõ Sacramental, S. VIII. n. 22. A graça he huma participaçaõ da natureza divina: e porque, n. 26. Em Maria Santiſſima houve graça, cujo effeito foy corporal, n. 23. & ſeq. V. *Maria Mãy de Deos.*

H

Homem.

BAſta a fabrica do compoſto humano, para que ſe admire a ſciencia do ſeu divino Author, S. IX. n. 1. o Homem he huma imagem, e ſimilhança de Deos: e porque, n. 18. Pelo peccado ſe faz imagem do demonio: e fica ſendo hum horrendo monſtro com tres formas; e quaes ſaõ, n. 19. & ſeq. Os Homens cheyos de peccados, vivem muy deſcançados, porque naõ olhaõ para a enormidade delles, n. 15. & 16. Se algum Homem chegára a ver hum peccado, morrera logo aſſombrado, n. 9. Peccando ſe faz o Homem peyor que o demonio: e porque, S. XIII. n. 4. Dá occaſiaõ ao Demonio para ſe alegrar, e blasfemar de Deos, n. 7. As blasfemias, que o Demonio profere contra Deos, peccando o Homem, a eſte tambem ſe devem attribuir, como author dellas, n. 33. 34. O Homem peccando faz liga com o demonio, para affrontarem ambos a Deos, n. 33. Naõ permitte Deos que os Homens ſejaõ tentados ſobre as forças, que cada hum tem para reſiſtir, n. 11.

A in-

L

M

Magos.

exerce a Mãy de Deos esta potestade na distribuiçaõ da Graça de seu Filho, a qual a ninguem se communica sem ser por meyo desta Senhora, n. 34. Christo a fez deposito de todas as suas graças, para as dispender, n. 35. A Senhora deo mostras de que estimava em mais a graça para nós em seu parto, que para si na Incarnaçaõ; e em que sentido, n. 36. Dando-nos a Mãy de Deos no parto o Author da Graça, o fazia mais para si, n. 38. Os sette OO. de Maria Santissima, que a Igreja celebra nos sette dias antecedentes ao do seu parto, eraõ os intimos desejos de nos dar já o Filho, que trazia em seu purissimo ventre, n. 38. O ventre de Maria Santissima era hum Ceo fechado com sette circulos: e sette OO, ou sette aspiraçoens o abriraõ, sem o violar, para que o Filho nascesse, n. 39. Para conceber o Filho de Deos, se ouviraõ a Maria Santissima difficuldades, antes que desse o consentimento; e para o dar ao mundo no parto, tudo nella eraõ desejos de o ver nascido: e porque, n. 39. Foy a Mãy de Deos ornada, e enriquecida com a Graça por tres differentes modos: e quaes elles foraõ, n. 40. V. *Conceiçaõ.* V. *Christo.* V. *Lagrimas*, V. *Rosario.* V. *Expectaçaõ do Parto.*

S. Maria Magdalena, e Egypciaca.

A Magdalena, ainda depois de restituida á Graça de Christo, chorava o tempo que perdeo, quando o naõ amou, S. XI. n. 2. Fez asperissimas penitencias, para com ellas recuperar esse tempo, que esperdiçou, e deo ao mundo, n. 45. S. Maria Egypciaca fez asperas, e horrendas penitencias, para com ellas recuperar o tempo perdido na vida que gastou em vicios, n. 45.

Merecimentos.

Os de Christo foraõ de infinito valor, S. I. n. 19. Ainda os que especialmente se applicavaõ por alguns particularmente determinados, eraõ meritorios para todos os homens, S. I. n. 19. 20.

Misericordia.

Posto que saõ muitos os exemplos da misericordia Divina em perdoar nossas culpas, naõ nos devem servir de confidencia para peccar, S. XIII. n. 13. Quando Deos detem a sua justiça, e usa de misericordia com os peccadores, obra hum milagre notoriamente grande, n. 15. & seq. Deos castigando mostra a sua misericordia; e quando desta usa, tambem dá mostras da sua justiça, n. 20. V. *Redemptor.*

Morte.

Christo temeo a morte, e S. Bento a esperou sem temor, S. IV. n. 10. Razaõ desta differença, Ibid. e foy maravilha grande, que ex-

cede

Hum

O

HUm O, he termo com qne a natureza, ainda entre Barbaros, exprime suas admiraçoens, S. VII. n. 5. A figura desta letra representa huma infinidade; porque huma grandeza, ainda que infinita, cabe em huma admiraçaõ, Ibid. Hum O, he huma aspiraçaõ, que se desfaz quando se forma, S. VIII. n. 39. Os sette OO de Maria Santissima, que a Igreja celebra nos sette dias immediate antecedentes ao seu parto, eraõ os ardentes desejos, que a Senhora tinha de dar aos homens o Filho, que trazia em seu ventre purissimo, n. 38. A virtude de sette OO, ou sete aspiraçoens de ardentissimos desejos, fizeraõ que do ventre de sua Mây Santissima sahisse o Filho de Deos, a nascer temporalmente, n. 39.

Officio Divino.

A sua reza he a que nos Coros da Militante Igreja, faz consonancia com o louvor, que no Ceo perpetuamente se canta a Deos, S. VI. n. 4.

P

Padre Eterno.

NAõ podendo, por impassivel, sentir a morte de seu Unigenito Filho, por elle supprio Maria Santissima com o seu sentimento, S. V. n. 9. Carlos II. Rey de Hespanha supplicou á Sé Apostolica decreto; para nos seus Reynos se festejar com Officio, e Missa o Padre Eterno. Foy escuzada a supplica; e porque, S. VI. n. 7. He virtude particular, e nocional do Eterno Padre, gerar sendo Virgem huma Pessoa Divina, S. VIII. n. 12. & seq. Qual foy a virtude do Eterno Padre, que veyo sobre Maria Santissima no dia da Incarnaçaõ do Verbo, Ibid. Em Christo depositou o Eterno Padre todas as suas graças, para nos serem por elle communicadas, n. 35. V. *Rosario.*

Pays.

A gloria dos Pays he honra para os filhos, e a honra destes he gloria para seus Pays, S. VI. n. 22. V. *Pobres.* Naõ padecem os filhos, sem que se compadeçaõ os Pays. S. II. n. 19. & seq.

S. Paulo.

Confessa que naõ sabia, se na occasiaõ do seu rapto tinha a alma em seu corpo, ou se fóra delle, S. IV. n. 38. Os muitos, e gravissimos trabalhos, que padeceo por Christo, e pela Igreja, em satisfaçaõ de haver perseguido a Igreja, e a Christo, S. XI. n. 34.

Peccado. Peccador.

Ainda com a certeza, se a poderá haver, de que o peccado ha de ser perdoado, basta a enormidade delle, para que ninguem o commetta, S. IX. n. 5. Nem Deos poderá fazer que haja cousa mais fea, e mais horrenda, que o peccado, Ibid. Tanta he a fealdade da culpa, quanta he a fermosura Divina. Ib. Sendo o Inferno a cousa mais horrivel, que concebe a nossa imaginaçaõ, o peccado ainda he mais horrendo, e mais abominavel, n. 6. Quem chegasse a ver o horrendo aspecto de hum peccado, segundo em si he; morreria de assombramento, n. 9. No Horto suou Christo sangue, e agonizou, vendo a enormidade de nossas culpas, n. 10. O sangue lhe sahio pelos poros a esconder-se na terra, fugindo do horrendo aspecto dos peccados, que estavaõ representados na fantasia, e entendimento de Christo, n. 12. 13. Vivem os homens muy descansados, quando cheyos de peccados; porque naõ olhaõ para a enormidade delles, n. 15. Fealdade de huma alma, q̃ está em peccado, quam grande seja, n. 17. & seq. Aspecto horrivel de hum Soldado, que estava em peccado, n. 22. Vio S. Thereza huma alma em peccado, e o que nella mais admiraçaõ lhe causou, n. 24. Todo o mundo perdeo a formosura em que foy creado, e os astros a mayor parte da sua luz, tanto que peccaraõ os primeiros Pays, n. 25. & seq. O peccado destes foy commettido no oitavo dia da creaçaõ do mundo, n. 27. V. *Adam*. V. *Alma racional*. V. *Astros*. V. *Creatura*. V. *Deos*. Todos os que peccaõ commutaõ a honra de filhos, e servos de Deos, pela deshonra, e vileza de serem escravos, e filhos do Demonio, S. X. n. 2. Com qualquer peccado mortal provocamos a justiça Divina a que por elle nos condene, logo que peccamos, n. 6. Quem pecca, quanto he da sua parte, quizera que Deos naõ visse o seu peccado, e para isso naõ fora immenso: e que naõ fora justo, para que pudesse de alguma sorte faltar lhe com o castigo, n. 6. 7. & seq. Finalmente quizera que Deos naõ fora Deos, Ibid. O peccador, quanto he da sua parte, e da sua vontade, tira a Deos a vida, quando pecca, n. 10. & seq. Escusa frivola dos peccadores, quando assim saõ arguidos, n. 13. & seq. Quam temeraria, e injusta he a confidencia, que fazem os peccadores na Misericordia Divina, quando se deliberaõ a peccar, n. 13. & 14. Quam grave injuria, e deshonra commette o peccador contra Deos peccando, pois provoca a Justiça Divina para que o castigue, n. 17. e muito mais, porque naõ respeyta a pre-

sença

todo

Efte

obrar

FINIS.